

A Afranio Peixoto,

Sabio mestre e preclaro amigo,  
Homenagem de alta estima e sincera admiração

Basilio.

Rio, 20 - VII - 1935.

**Expansão Geographica  
do Brasil Colonial**


# BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SERIE V

BRASILIAN.

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

Volumes publicados:

- 
- I — Baptista Pereira: FIGURAS DO IMPERIO e OUTROS ENSAIOS (2.<sup>a</sup> edição).  
II — Pandá Calogeras: O MARQUEZ DE BARBACENA (na prelo a 2.<sup>a</sup> edição).  
III — Alcides Gentil: AS IDEAS DE ALBERTO TORRES (synthese com indice remissivo).  
IV — Oliveira Vianna: RAÇA E ASSIMILAÇÃO (3.<sup>a</sup> edição augmentada).  
V — Augusto de Saint-Hilaire: SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A MINAS GERAES E A S. PAULO (1822) — Traducção e prefacio de Afonso de E. Taunay.  
VI — Baptista Pereira: VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.  
VII — Baptista Pereira: DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (Segundo textos escolhidos).  
VIII — Oliveira Vianna: POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL (3.<sup>a</sup> edição).  
IX — Nina Rodrigues: OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Homero Pires). — Proussamente illustrado.  
X — Oliveira Vianna: EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.<sup>a</sup> edição illustrada).  
XI — Luis da Camara Cascudo: O CONDE D'EU (vol. illustrado).  
XII — Wanderley Pinho: CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (vol. illustrado).  
XIII — Vicente Licinio Cardoso: A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.  
XIV — Pedro Calmon: HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.  
XV — Pandá Calogeras: DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.<sup>o</sup> volume da serie: Relações Exteriores do Brasil).  
XVI — Alberto Torres: O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.  
XVII — Alberto Torres: A ORGANIZAÇÃO NACIONAL.  
XVIII — Visconde de Taunay: PEDRO II.  
XIX — Afonso de E. Taunay: VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — (Seculo XVI-XVIII).  
XX — Alberto de Faria: MAUA' (com tres illustrações fóra do texto).  
XXI — Baptista Pereira: PELO BRASIL MAIOR.  
XXII — E. Roquette-Pinto: ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASILIANA.  
XXIII — Evaristo de Moraes: A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.  
XXIV — Pandá Calogeras: PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.  
XXV — Marjo Marroquim: A LINGUA DO NORDESTE.  
XXVI — Alberto Kangel: RUMOS E PERSPECTIVAS.  
XXVII — Alfredo Ellis Junior: POPULAÇÕES PAULISTAS.  
XXVIII — General Couto Magalhães: VIAGEM AO ARAGUAYA (3.<sup>a</sup> ed.)  
XXIX — Josue de Castro: O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL — Prefacio do prof. Pedro Escudero.  
XXX — Cap. Frederico A. Rondon: PELO BRASIL CENTRAL.  
XXXI — Azevedo Amaral: O BRASIL NA CRISE ACTUAL.  
XXXII — C. Mello Leitão: VISITANTES DO PRIMEIRO IMPERIO (Edição illustrada com 19 figuras).  
XXXIII — J. de Sampaio Ferraz: METEOROLOGIA BRASILEIRA.  
XXXIV — Anygone Costa: INTRODUÇÃO A' ARCHEOLOGIA BRASILEIRA (Edição illustrada).  
XXXV — A. J. de Sampaio: PHYTOGEOGRAPHIA DO BRASIL (Edição illustrada).  
XXXVI — Alfredo Ellis Jr.: O BANDEIRISMO PAULISTA E O RECUEO DO MERICIANO (2.<sup>a</sup> edição).  
XXXVII — J. F. de Almeida Prado: PRIMEIROS POVOADORES DO BRASIL (edição, illustrada).  
XXXVIII — Ruy Barbosa: MOCIDADE E EXILIO (Cartas ineditas) Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe (Edição illustrada).  
XXXIX — E. Roquette Pinto: RONDONIA (3.<sup>a</sup> edição augmentada e illustrada).  
XL — Pedro Calmon: ESPIRITO DA SOCIEDADE COLONIAL (Edição illustrada com 18 figuras).  
XLI — Jose Maria Bello: A INTELLIGENCIA DO BRASIL.  
XLII — Pandá Calogeras: FORMAÇÃO HISTORICA DO BRASIL.  
XLIII — A. Saboia Lima — ALBERTO TORRES E SUA OBRA.  
XLIV — Estevão Pinto — OS INDIGENAS DO NORDESTE (Edição illustrada).

BASILIO DE MAGALHÃES

# Expansão Geographica do Brasil Colonial

(Memoria apresentada ao 1.º Congresso de  
Historia Nacional e premiada pelo Instituto  
Historico e Geographico Brasileiro)

---

2.ª EDIÇÃO AUGMENTADA

---



1935  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
RUA DOS GUSMÕES, 24-A—30 SÃO PAULO

*Obras do mesmo autor editadas pela*  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

HISTORIA DO COMMERCIO, INDUSTRIA  
E AGRICULTURA

Vol. V — da Bibliotheca de Estudos Commerciaes e  
Economicos.

51-1510

no. anal. 200147

Cent. de Econ. 356911-50

## PREFACIO

*Inserta no vol. II dos "Annaes do Primeiro Congresso de Historia Nacional", sob o titulo de "Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII", esta monographia saiu em separata no mesmo anno (Imprensa Nacional, 1915, in-4.º de 147 pags.) e em 1917 foi premiada pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro.*

*Apparece agora consideravelmente augmentada, pois traz em accrescimo o capitulo denominado "A expansão geographica do Brasil no seculo XVIII" e quatro appendices inteiramente novos: — "O bandeirismo no Brasil", "Domingos Jorge Velho e a conquista do nordeste", "Garcia Rodrigues Paes e o caminho novo" e "Ajuricaba".*

*Para justificar a reedição deste trabalho, — que a Companhia Editora Nacional julgou digno de figurar em sua "Brasiliana", — ficam registados abaixo os benevolos juizos que sobre elle formularam o Instituto Historico e Geographico Brasileiro e os srs. Affonso Taunay, João Ribeiro, Conde d'Eu, Rodolfo Schuller, padre Heliodoro Pires, Vicente Licinio Cardoso e Paulo Setubal.*

*Premio concedido pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Como se vê de sua "Revista", tomo 82, pags. 743-768, por proposta do sr. Max Fleiuss, digno secretario perpetuo, feita em 14 de julho de 1917, e que teve parecer favoravel, em 27 de agosto do mesmo anno, da commissão composta dos srs. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Manuel Cicero Peregrino da Silva e Clovis Bevilacqua, foi premiada pelo*

*benemerito gremio com a medalha de ouro, denominada "D. Pedro II", a memoria que Basilio de Magalhães apresentou ao 1.º Congresso de Historia Nacional (e por este approvada em 1914), "Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII", porquanto os factores da nossa historia gradual, conforme a conclusão do sobredito parecer, são na mesma "trata-dos em admiravel resumo, com vasta erudição e grande senso critico", constituindo, por isso, a referida monographia, "a todos os respeitoos, notavel e copioso manancial de ensinamentos".*

1) AFFONSO DE E. TAUNAY, "Historia geral das bandeiras paulistas", pags. 11-12 — "O livro que verdadeiramente veio synthetizar uma multidão de estudos esparsos, foi a monographia de Basilio de Magalhães, apresentada ao Primeiro Congresso de Historia Nacional, realizado em 1914 no Rio de Janeiro, a monumental Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII, fructo de labor tão exhaustivo, que, como a meditação acerca de tal esforço, nos causa a impressão de que nos vae trazer real cansaço cerebral. Formidavel massa de leitura exigiu, trabalho insano realizou para a confecção daquelle mosaico, composto de milhares de peças. São 150 paginas in-octavo, que resumem bibliothecas, fazem o extracto de longas controversias, examinam numerosos problemas obscuros, aventam soluções, oppoem contestações a affirmativas dubias, constituem, enfim, um repositório de jamais assás louvado merito. Apegado ao estudo do bandeirismo, prosequiu Basilio de Magalhães nas suas pesquisas, collectando documentos ineditos e commentando-os. Mananciaes immensos e quasi virgens existem no paiz: os do Archivo Nacional e da Bibliotheca Nacional. Do primeiro obteve volumosos tomos de papeis ineditos e importantes, de que já uma parte foi impressa no tomo XVIII da Revista do Instituto Historico de São Paulo, conser-vando-se ainda dactylographadas, infelizmente, centenas de copias de outros papeis. Do acervo da Bibliotheca Nacional nada ainda veio á luz. Os verbetes do catalogo de manus-

*criptos mostram, contudo, quanto é importante o material que alli se acha* (\*).

2) JOÃO RIBEIRO, artigo intitulado "O culto da historia" e inserto em "O Imparcial" de 18 de fevereiro de 1918 — *"Outro pesquisador da nossa historia é o sr. Basilio de Magalhães. O seu trabalho, de poucos annos para cá, representa um enorme esforço. As suas contribuições e monographias, aqui e alli publicadas, são valiosas e dizem muito da sua vocação manifestada pelos estudos historicos. Neste momento, acabamos de ler a sua conferencia sobre os "Jornalistas da independencia", que é um ensaio de vulgarização de propaganda de imprensa de Hippolyto da Costa, do conego Januario Barbosa e de Gonçalves Ledo... A Basilio de Magalhães devemos ainda duas acuradas e escrupulosas reimpressões de valor desigual, mas curiosas: a da "Circular" de Theophilo Ottoni (que o editor exaggeradamente, desta vez com pouco senso critico, compara a José Bonifacio ou a Feijó) e a "Historia da independencia" de Varnhagen, restituída segundo os originaes e as notas de Rio-Branco. A "Historia da independencia" não passa de um esboço informe, não tendo realmente mais que dois ou tres capitulos de interesse geral. Convinha, entretanto, publical-a, e a Basilio de Magalhães se deve o insano e ingrato labor de coordenar os manuscriptos e tornal-os adequados á leitura, ainda assim difficil, do canhamação. Ainda de Basilio de Magalhães são outras monographias, lidas no Instituto His-*

---

(\*) No governo do sr. Washington Luís, que já havia prestado a São-Paulo egual serviço, foi iniciada aqui a publicação, que já anda por mais de vinte volumes, de «Documentos historicos», extrahidos do Archivo Nacional e da Bibliotheca Nacional. Quanto ao que me toca, é certo que ficaram por muito tempo inéditos os documentos que, no desempenho de longa e honrosa commissão, colligi aqui, nos archivros federaes, anotei e remetti ao governo paulista. Mas, na presidencia do sr. Julio Prestes, foi iniciada a publicação da «Collecção Basilio de Magalhães» (assim denominada pelo sr. Djalma Forjaz, então director do Archivo Publico de São-Paulo), a qual ficou terminada em 1932 e se compõe de oito volumes, os de ns. XLVII a LIV dos «Documentos interessantes para a historia e costumes de São-Paulo».

torico, e, entre ellas, a que estuda a curiosa individualidade de Porto-alegre. Mas de todos os seus trabalhos o que revela maior amplitude de vistas é a "Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII": não é já uma contribuição, mas um livro de historia, e exactamente daquelle aspecto que é o mais profundo e o mais importante da formação do Brasil. Não é de mais repetir que pouco bem e talvez muito maior mal se deve ás chamadas grandes personalidades da nossa historia antiga: o Brasil é quasi um producto de auto-formação, levada a cabo pelos seus pioneiros e bandeirantes. A administração era apenas uma policia maritima e uma estação fiscal, como ainda hoje invariavelmente sempre mediocres, excepto na arte da immoralidade politica. Deverá um dia o nosso autor (si tiver a feliz inspiração) completar aquelle ensaio, de si mesmo unico na especie, como obra de conjuncto, dando-lhe o desenvolvimento que requerem os grandiosos feitos que illustram o povoamento e o conhecimento das nossas terras. Acredito esse serviço muito mais precioso que o de biographias e de contribuições falsamente molleculares. O que realmente está organizado no Brasil é uma associação do emprego publico. A expansão geographica, havendo attingido aos seus ultimos confins, offerece-nos agora os problemas concentricos: — povoar, civilizar, valorizar todas as virtualidades da terra. E' quasi ainda o mesmo problema dos bandeirantes, e não girou, nem se voltou ainda, a pagina começada no seculo XVII. Possam os nossos estadistas entendel-o. A "Expansão geographica" é a planta do edificio a ser erguido pelo pesquisador, que tem todos os elementos para o compor com os melhores materiaes de construcção" (\*\*).

---

(\*\*) Do longo e benevolo artigo de João Ribeiro tomei a liberdade de supprimir alguns periodos. Como se vê da parte acima transcripta, o erudito mestre foi o primeiro a suggerir completasse eu a monographia publicada em 1915. Não creio, apesar dos esforços agora empregados, haver bem attendido ao patriotico desejo do egregio conhecedor da nossa terra e da nossa gente. Em todo caso, é mais uma pedra que ponho no alicerce do futuro monumento, que fica reservado aos meliores potentés.



3) CONDE D'EU, carta de 12 de setembro de 1917, dirigida ao sr. Max Fleiuss e em parte publicada no "Jornal do Commercio" de 29 de outubro do mesmo anno — "Rogo-lhe dizer ao sr. Basilio de Magalhães que apreciei immensamente a sua memoria sobre a "Expansão geographica do Brasil" nos dois primeiros seculos, completada pela enumeração de documentos relativos ao mesmo assumpto no seculo seguinte. Admirei a erudição escrupulosa com que fez reviver minuciosamente tantos emprehendimentos audazes, que muito contribuíram para progressivamente levar a civilização ao interior do Brasil, e cujos pormenores ficaram ignorados, até ser consignados nesse excellente trabalho. A recordação de que, em São-João-del-Rey, tivemos occasião de ver, ainda criança, tão distincto escriptor, avivou-me as saudades, aliás constantes, das apraziveis excursões pelo pittoresco e sempre amado torrão mineiro" (\*\*\*)).

4) RODOLFO SCHULLER, "The Geographical Review", vol. II, n. 1, pag. 85 — "The well-known Brazilian writer, dr. Basilio de Magalhães, presented under the abovequoted title a large and able written memoir to the First Congress of National History, held at Rio de Janeiro in 1914 under the auspices of the Geographical and Historical Institute of Brazil. It reviews the progress of geography made in Brazil since its discovery up to the close of the seventeenth century, with many interesting and usefull details and critical notes concerning this important theme", (Segue-se uma extensa descripção do trabalho).

5) VICENTE LICINIO CARDOSO, "A' margem da historia do Brasil", pags. 55-56 — E' lamentavel, em verdade, que tenhamos de confessar que a historia completa das bandeiras paulistas só agora tenha vindo a lume, graças aos trabalhos notaveis de Affonso Escragnonle Taunay, figura mestra actual, sem ne-

---

(\*\*\*) Tinha eu 10 annos de idade, quando o Conde d'Eu e d. Isabel, então herdeira presumptiva da corôa paterna, visitaram São-João-del-Rey. Havendo eu recitado, perante ambos, na escola «João dos Santos», umas quadrinhas do folklore mineiro, valeu-me isso as boas graças do preclaro casal, de quem recebi, pouco depois, uma collecção de livros didacticos, que ainda hoje conservo com sincero reconhecimento.

*nhum favor, entre os que seguem a róta inicial fixada por Azevedo Marques, Antonio de T. Piza, Eduardo Prado, Derby, Theodoro Sampaio, estudos estes que prepararam em grande parte os compendiamentos de Rocha Pombo ("Historia do Brasil"); de Calogeras (1905, "As minas do Brasil"); de Diogo de Vasconcellos (1904, "Historia antiga de Minas Geraes" e "Historia média", 1918); de Capistrano de Abreu (1907, "Capitulos de historia colonial"); e de Basilio de Magalhães (1914, "Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII"), até hoje o melhor relato, pela generalidade do conjuncto abarcado, sobre o assumpto".*

6) PADRE HELIODORO PIRES, "Padre-mestre Ignacio Rolim", nota á pag. 16 — "Depois do trabalho consciencioso, meticoloso e magnifico, que o professor Basilio de Magalhães apresentou ao 1.º Congresso de Historia Nacional, já não se pôde pôr em duvida que Domingos Jorge Velho esteve no Piauihy... O trabalho que o sabio historiographo apresentou ao 1.º Congresso de Historia Nacional é admiravel e chega a ser assombroso pela cópia de autores consultados, pela erudição, pela seriedade, pela elevação e pela abundancia de informações. A memoria do emerito escriptor tem mais de 180 notas; mostra que o autor teve de consultar mais de 200 livros; e cita mais de 80 historiadores nacionaes e estrangeiros, todos por elle examinados".

7) PAULO SETUBAL, "El-Dorado", pags. 7-8 — "El-Dorado", saibam-n-o todos, não passa de sossegada chronica. Chronica que traz á baila, reavivado apenas, um velho lance da historia brasileira: a descoberta do ouro nas Geraes. Reavivado apenas, sim. Pois o que está escripto nestas paginas, leitores amigos, anda esparso em muito autor antigo. E tambem em alguns autores modernos. Entre os modernos, á frente dos quaes avulta o eminentissimo Calogeras, cuja obra, — "As minas do Brasil e sua legislação", — seria triste logar-commum estar a gente aqui a encarecer, eu folgo neste passo em destacar um nome: Basilio de Magalhães. A obra desse bandeirographo notavel, — "Expansão geographica do Brasil até fins do seculo

XVII", — é uma escassa monographia de 100 paginas. Mas que cem paginas! Ha nesse magro opusculo, fortemente condensada, mais erudição historica do que em muitissimo livro grosso: é, simplesmente, uma pequenina obra magistral".

Corre-me ainda a obrigação de consignar aqui que, desde alguns annos atrás, distinctos collegas meus de magisterio e bondosos amigos, os srs. Delgado de Carvalho, Jayme Coelho, Antonio Figueira de Almeida e Francisco Venancio Filho, por vezes insistiram commigo porque desse eu a lume uma segunda edição da minha monographia apresentada ao 1.º Congresso de Historia Nacional.

Incentivado por juizos tão encomiasticos e annuindo a desejos tão captivantes, — entrego agora aos estudiosos e curiosos das nossas tradições, ou, melhor, a todos os que amam sinceramente a grandeza e a gloria do Brasil, o meu despretençioso trabalho, cuidadosamente revisto e consideravelmente augmentado, pois que abrange a expansão geographica da nossa patria até aos fins do periodo colonial.

Rio, 31-I-1935.



**Expansão Geographica**  
do  
**Brasil Colonial**



## CAUSAS GERAES DA EXPANSÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL E RAZÃO-DE-ORDEM DO PRESENTE ESTUDO

Descoberta a America, em 1492, por Christovam Colombo, a serviço de Isabel de Castella, a corôa lusitana (apoiada em investiduras do poder pontificio, o qual, pela inexistencia de um codigo das gentes, só mais tarde surto graças á obra monumental de Grotius, era o arbitro supremo das questões internacionaes) julgou-se com direito a um quinhão das terras do Novo-Mundo, e tão justa era a sua pretensão, que, interferindo Alexandre VI no litigio, celebraram emfim Portugal e Espanha, a 7 de junho de 1494, o "concerto" de Tordesillas, approvedo pela bulla de 24 de janeiro de 1506, de Julio II.

Por este pacto, conquista admiravel da diplomacia lusa, toda a extensa faixa xerographica da nossa terra, então sem nome, limitada entre o Atlantico e uma recta traçada de polo a polo a 370 leguas do archipelago de Cabo-Verde (isto é, pouco mais ou menos desde Belém-do-Pará, ao norte, até Laguna, ao sul), ficara integrada na soberania da casa de Aviz (1).

---

(1) Rangel Moreira, em seu bem feito opusculo «Esboço historico das nossas questões de fronteira» (São-Paulo, 1913), referindo-se á «pouca precisão do tratado de Tordesillas», dá-a como «fruto da esper-teza de Fernando de Castella» (pags. 14-15). Parece-nos, porém, que, si a projecção do meridiano demarcador de nossa terra não ficou scien-tificamente determinada ao tempo em que foi elle creado juridicamente, so se deve quer ao desconhecimento da região que cortava, quer á petanea imperfeição dos mappas e instrumentos geographicos. Quanto a aspecto politico, basta lêr o que escreve Porto-Seguro («Historia geral Brasil», I, 32) sobre o ponto de partida da linha divisoria, na contro-

A' fascinação da Índia longinqua é que se deve a forte expedição de Cabral, que, no derradeiro anno do seculo XV, aportando intencionalmente (como se infere das mais recentes pesquisas sobre esse episodio) ás praias do continente revelado pelo audacioso genovez, bem andou em tomar solenne posse da zona cis-atlantica, que o tratado de 1494 assegurara ao dominio de Portugal.

Preoccupado com a miragem do oriente, d. Manuel I (o *Venturoso*) limitou-se a mandar reconhecer, em 1501, o relevo da costa da sua possessão occidental, por uma armada de tres navios, que percorreu 2.500 milhas, dando nomes a cabos, rios e bahias, desde São-Roque até Cananéa; depois, arrendou a terra por um triennio, e, nesse periodo, isto é, em 1503, aqui veiu ter uma segunda frota de seis embarcações, de cuja exploração pouco se sabe; em 1506, foi feita nova locação por tres annos, desta vez a Fernão de Noronha; mais tarde, ficou livre de onus o territorio, onde quem quizesse podia fazer commercio, sujeito apenas ao quinto dos generos exportados, e a esse regimen pertence a vinda da nau "Bretôa", em 1511; dois annos depois, uma frota de dois navios, devassando cerca de 700 leguas de terras novas, chegou provavelmente ao rio da Prata, nome esse que "ainda hoje proclama a primazia dos portuguezes ao sul, como o das Amazonas perpetua a passagem dos espanhóes ao norte" (2).

---

versia agitada logo em começo do seculo XVI, por causa da posse das Molucas: — «... os Castelhanos, com a idéa de favorecer a causa das Molucas, pretendiam que fosse o extremo da ilha mais occidental ou de Santo-Antão; e os Portuguezes, esquecendo-se de quanto esta versão, *que era a unica logica*, os favorecia com terras no Brasil, afim de que as ilhas Molucas, por essa pequena differença de longitude, não se lhes escapassem, *repelliram-na com tanta energia, como nos seculos seguintes a sustentaram*».

(2) A phrase é de Capistrano de Abreu, de cujo excellente trabalho «Noções de Historia do Brasil até 1800» («O Brasil», publicação do Centro Industrial do Brasil, I, 1907) fizemos este resumo, e n's aproveitaremos tambem em muitos outros pontos deste nosso escripto. Preferimos esta obra do conspicuo mestre á sua these de 1883, por encerrar a producção mais recente o fructo de novas leituras e investigações.



A d. João III cabe o ter prestado mais acurada attenção á colonia americana, onde o nome do symbolo sagrado do catholicismo (si a Cabral se deve a designação "Terra de Vera-Cruz" ou "ilha de Vera-Cruz", não passou elle de mero imitador de Colombo) desde o fim do primeiro decennio da posse fôra substituido, não obstante o tremendo anathema de João de Barros (3), pela appellação commum do lenho commercial, já conhecido e usado antes dos descobrimentos lusitanos, do *brasil*, tão util naquelle tempo á tinturaria e que navios francezes entrelopos, tanto que os portuguezes aportaram á America do Sul, daqui começavam tambem a conduzir para as grandes feiras da Europa.

Tornou-se imprescindivel defender a região contra os intrusos que, levantando reductos em varios pontos, para o mesmo fim mercantil das raras feitorias lusas, pretendiam assenhorear-se della, como de uma *res nullius*, que, por força do principio do direito romano, nisso ainda então vigorante, devesse ceder ao primeiro occupador: dahi, os conflictos, as reclamações internacionaes em pura perda, e, por fim, as expedições guarda-costas. A este processo, iniciado em 1526 ou 1527, pertencem as armadas de Christovam Jacques, Antonio Ribeiro e Martim Affonso de Sousa. Os resultados das duas primeiras foram pouco satisfactorios ou nenhuns. Não assim os da ultima. Esta, aqui chegada em 1530, não só explorou toda a ourela do dominio luso (a partir da foz do Gurupy, que foi então denominada "abra de Diogo Leite"), como tambem, transpondo o extremo sul do meridiano de Tordesillas, subiu o rio da Prata, ficando-lhe marcos possessorios á margem esquerda, qual se vê do "Diario da navegação" de Pero Lopes de Sousa (pags. 46-47 da ed. de 1839). A' expedição de Martim Affonso devem-se igualmente duas entradas no sertão, que serão expostas mais adeante, e, além da regularização do arraial já formado por João Ramalho e seus mamelucos, a fundação, tambem em 1532, do primeiro nucleo prestadio de colonização portugueza assentado em nossa terra, São-Vicente,

---

(3) «Decadas da Asia», I, 391-392.

que, conforme M. T. Alves Nogueira (4), "até ao anno de 1710, foi a verdadeira capital de todo o Brasil meridional".

Mas o erario luso, dessangrado pelas Indias, que attrahiam e exgottavam todas as forças da pequenina e audaz Phenicia européa dos tempos modernos, não supportava o custeio desse systema de povoamento, que consistia em occupar a costa do Brasil por postos agricolo-militares. E d. João III, afim de que a sua conquista ultramarina do occidente não ficasse em abandono, não caisse em commisso, chegou a cercear a propria autoridade da corôa, para aqui pôr em pratica um regimen de emphyteuse, o das *capitanias hereditarias*, revivescencia de uma tradição feudal, que, emtanto, não se radicara no reino de Affonso Henriques, porém vingara fructuosa nas largas ilhas fertes da Africa portugueza.

Dos quinze quinhões, distribuidos, dentro da linha de Tordesillas, a treze fidalgos lusitanos, poucos lucraram efficazmente com a fórmula a que foram então vinculados. Cabos famosos na tomada das praças fortes da Africa e da Asia vieram perder os haveres e a vida nos latifundios das suas donatarias americanas. Alguns as deixaram em olvido. Outros tentaram occupal-as, e soffreram o mais completo mallogro. Como quer que seja, nos tres lustros da primeira e luctuosa phase desse regimen (1534-1549), começou, comtudo, a repontar a base geral da nacionalidade futura, isto é, a actividade agraria, em vez da dissoluta e desordenada exploração dos burgos mineiros da America espanhola. Pernambuco e São-Paulo têm os seus fundamentos mais remotos nesse periodo de colonato desaggregado, que, por peor e anachronico que fosse, contribuiu indiscutivelmente a salvar o Brasil de males maiores e irremediaveis.

A descoordenação e a anarchia dessas cellulas iniciaes do organismo politico da nossa terra impuzeram ao monarcha a providencia salutar de um governo geral, aqui estabelecido em 1549, depois que d. João III, por uma previdente medida, res-

---

(4) «Compendio de geographia e chorographia do Brasil», 42.

gatara a Bahia, com a qual começa a organização das “capitanias da corôa”, depois em grande numero. Ahi principia a segunda phase do colonato, que se estende até ao reinado de d. José, ou, melhor, do marquez de Pombal, que foi quando, após a fixação juridica das fronteiras do Brasil, quasi eguaes ás de hoje, — levada a effeito pelo tratado de Madrid de 1750, — não só as donatarias particulares se reintegraram totalmente na corôa portugueza, como tambem em seguida se unificaram os dois distinctos governos da colonia (*Estado do Brasil* e *Estado do Maranhão*, este creado em 1621), possibilitando-nos assim, em vez de varios reinicolos desunidos e fracos, o imperio uno, a patria grande e preparada a melhores destinos, que os nossos antepassados, ao influxo dos antecedentes historicos, nos herdaram em 1822.

Si é certo que, da enorme porção do mundo que “as armas e os barões assignalados” conquistaram, dilatando “a fé e o imperio”, tudo perderam mais tarde, não lhes restando no oriente mais que alguns palmos de terra onde chantar o glorioso estandarte das Quinas (5), — o Brasil, não obstante os erros graves da politica de sua metropole, ha de servir, pelos seculos em fóra, para attestar a energia pristina dos lusos, sobrepujada logo pela dos seus descendentes, filhos destas ridentissimas plagas do Novo-Mundo, que devassaram o coração e os confins do colosso sul-americano, e o ergueram, depois, á face do orbe, como o florão mais bello e imperecivel da audacia antiga dos maiores pioneiros da séde immensa, e por tanto tempo desconhecida, do planeta humano.

Para que bem se comprehenda e methodize o assumpto complexo da nossa these, vamos desenvolvê-lo em seis capitulos: — no primeiro, estudaremos o “cyclo das entradas”, isto é, o cyclo official da expansão geographica operada quasi toda dentro da linha de Tordesillas, nas tentativas de descobrimento

---

(5) Latino Coelho, no «Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva», diz (pag. 43): — «De infindos territorios, que a nosso poderio avassallámos, resta-nos apenas no oriente quanto de terra era sobejo para cravar, como heroica tradição, a bandeira nacional».

de riquezas mineraes e de conquista da terra aos selvagens, seus donos primévos e legitimos, cyclo esse que teve por theatro a zona litoranea e por época a que se estende de 1504 a 1696; no segundo, examinaremos o "cyclo das bandeiras", isto é, o cyclo espontaneo da expansão geographica, realizada quasi toda além da linha de Tordesillas, o qual teve por origem e scenario o interior, desbravando-o, revelando-lhe as portentosas opulencias, e, finalmente, occupando-o, no espaço de tempo que vem de meados do seculo XVI até ao anno final do XVII; no terceiro, apreciaremos a avançada feita do litoral para o interior pelos criadores de gado, notadamente no centennio comprehendido entre 1590 e 1690, ajudados em grande parte pelos bandeirantes paulistas; no quarto, summariaremos os serviços dos missionarios catholicos, aos quaes principalmente se deveu, no seculo XVIII, o povoamento do valle do Amazonas; no quinto, explanaremos a expansão operada desde antes do seculo XVIII até começos do XIX; e no sexto, para concluir, daremos a synopse da colonização e das directrizes do movimento geral, focalizando a synthese do importante phenomno.

Apenas muito de relance lhe analysaremos as causas e a formação dos principaes agentes.

# CYCLO DAS ENTRADAS OU CYCLO OFFICIAL DA EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL — 1504 A 1696

(PEQUENA EXPANSÃO, ORIUNDA DO LITORAL, E REALIZADA QUASI TODA DENTRO DA LINHA DE TORDESILLAS)

Os impulsos da expansão, neste periodo, representam-se, quer pela procura das pedras e metaes preciosos, quer pela montaria aos selvicolas, ou porque defendessem estes o seu *habitat* ou porque os preiassem para escravos os invasores europeus, quer, enfim, pela asseguração da terra extensa e desguarnecida, cobiçada sem cessar pelos inimigos da nação portugueza ou pelos que lhe não reconheciam a legitimidade da soberania sobre a colonia americana.

Era natural a avida busca dos minerios raros. Preoccupação geral da época, intensificada pelo achamento das riquezas que uma longa legião de rájahs accumulara em suas capitaes levantinas, explicava-a, no occidente, a apparição dos thesouros metallicos que os espanhóes haviam encontrado nos vetustos reinos dos aztecas e dos incas. *Perú* e *Potosi* eram nomes que andavam na bocca de todos os aventureiros europeus, escandecendo-lhes a mente. Sabia-se que, aprofundando-se as terras interiores do Brasil, havia de dar-se com as minas opulentas da corôa de Castella. Porque não existirem taes divicias na possessão lusitana, que estava no mesmo continente, que era prolongamento apenas do mesmo territorio? Anseios e sonhos de riquezas enchem a imaginação ardente dos portuguezes, nos

seus pequenos nucleos litoraneos ou no deserto de que expelliram os indigenas, quando não os compelliram ao amanho da terra, para a rudimentar lavoura da canna-de-assucar. O seculo XVI, que a grande Renascença e o humanismo florejaram prodigiosamente, foi uma quadra de agudo mysticismo, incentivado pela Reforma e pela reacção catholica. E, assim, os portuguezes, — cujo espirito agitado degenerou na mais exagerada credulidade, a exemplo dos seus irmãos ibericos, — povoaram de plantas mirificas, de animaes fabulosos e de gemmas maravilhosas a região bravia que vinham conquistar e civilizar. Tal estado psychico e taes aspirações, já os evidenciam e consubstanciam os dois primeiros lusos que no seculo XVI estudaram a evolução brasileira: — Pedro de Magalhães (de) Gandavo, cuja obra “Historia da prouincia de Sãta Cruz” é de 1576 (6), fala, no cap. XLV (pags. 65-66 da ed. de 1858, Lisbôa), “Das grandes riquezas que se esperam da terra do Sertão”; e o “Tratado descriptivo do Brasil”, que é de 1587, tem os capitulos finaes (CXCVIII-CXCVI) da sua segunda parte (pags. 326-330 da ed. varnhageniana de 1879) consagrados ao ferro, aço (*sic*), cobre, pedras verdes e azues, esmeraldas e saphiras, ouro e prata, existentes no sertão da Bahia. Como si não bastasse aos invasores da America do Sul a criação immediata da lenda da “serra resplandecente”, toda de prata e esmeraldas, quasi que ao mesmo tempo o genio inventivo de sir Walter Raleigh lhes infiltrava na alma a existencia do *El-Dorado*, do qual o audaz aventureiro traçou primorosa descripção (7), reproduzida pelo seu compatriota Southey em não

---

(6) Antes desta, provavelmente em 1570, escreveu o «Tratado da Terra do Brasil», que só foi publicado em 1826, e no qual exara a lenda, já então corrente, da «serra mui formosa e resplandecente» (cap. IX, pag. 214 do tomo IV, n. 1, da «Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas»).

(7) A expedição de Raleigh partiu para a America do Sul a 5 de fevereiro de 1595, e a obra, em que elle, entre notas e observações Londres, após o seu regresso para alli, em 1599, e vem na collecção Hakluyt, vol. IV da ed. de 1811, da pag. 115 á 160. A' pag. 125, começa

menos poetico estilo (8). Localizado entre o Orinoco e o Amazonas, nas cercanias das Guyanas, que foram afinal, e talvez por isso, o ponto de convergencia dos tres assaltadores da colonia portugueza, — francezes, hollandezes e inglezes, — não deixou de exercer influxo na expansão geographica do Brasil. É sabido tambem que as expedições destinadas á capitania do Maranhão, por serem bem aprestadas, até de cavallaria uma dellas, chegaram a alarmar a côrte de Madrid, que temeu visassem a apoderar-se do Perú (9). Veremos mais adeante que a este paíz andino arribaram os primeiros sertanistas partidos de São-Paulo e que, por muito tempo, foi elle o alvo dos bandeirantes.

A caça ao indio explica-se pela legislação portugueza, accorde com as necessidades dos occupadores do Brasil. Si Portugal commettera o infando crime de instituir a escravidão africana, nada admira que considerasse como servos os selvicolas americanos. É certo, comtudo, que a acção dos ignicianos oppoz embargos a essa ignobil deshumanidade, mas nem sempre teve efficiencia a sua altruistica intervenção, depois egoisticamente degenerada. Planta exotica nesta zona quasi toda tropical, precisaram os portuguezes de amparar-se violentamente no braço do selvicola, para, com esse válido sustentaculo, lapidarem a joia bruta que lhes caíra em mãos.

A dupla tentativa dos francezes contra o Brasil, no seculo XVI e no XVII, isto é, a “França Antartica” e a “França Equinocial”, assim como a necessidade imperiosa de defender o rio-mar contra esses e outros invasores, — tudo isso concorreu poderosamente para a expansão geographica do Brasil, no periodo ora em estudo.

---

elle a tratar do *El-Dorado*, denominação que attribue ao espanhol Juan Martínez: á pag. 148, descreve o lago Manôa; e, da pag. 156 á 160, insere documentos coetaneos sobre o *El-Dorado*.

(8) «Historia do Brasil», trad. de Luiz de Castro, II, 33.

(9) Luiz de Mello, segundo Oliveira Martins («O Brasil e as colonias portuguezas», pag. 19), «partira do reino com cinco navios para penetrar pelo Amazonas até ás minas a léste do Perú».

Antes de mais nada, cumpre-nos accentuar que carecem de importancia todas aquellas expedições até hoje desescudadas de documentos authenticos e que não deixaram signaes decisivos de sua passagem, nem pela occupação das terras, nem pelo descobrimento de riquezas do sub-sólo, nem pela abertura de vias de penetração, que viessem a ser depois utilizadas.

Capistrano de Abreu, em sua these de concurso de 1883, "Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no seculo XVI", escreve (pag. 70): — "A primeira entrada de que ha noticia deu-se em 1504, anno em que Vespucci, acompanhado de uns trinta homens, penetrou umas 40 leguas pelo sertão do Cabo-Frio, provavelmente para os lados do rio S. João ou de qualquer dos seus afluentes. Gonçalo Coelho é bem possível que no tempo que demorou no Rio de Janeiro houvesse tentado empresa semelhante; não está, porém, isto provado" (10).

As primeiras expedições lusitanas, baseadas em provas incontrastaveis, na phase inicial de nossa historia, e em demanda do interior, com o fito de descobrimento de minas ou com outro intuito, devem-se á armada de Martim Affonso de Sousa, e foram em numero de tres.

A primeira mandou-a elle, logo depois que, a 30 de abril de 1531, entrou na bahia de Guanabara, onde estanciou durante tres mezes. Compunha-se de quatro portuguezes, que exploraram o sertão da costa do Rio-de-Janeiro, percorrendo 230 leguas no curto espaço de 60 dias, consoante com o que relata o "Diario da navegação" de Pero Lopes de Sousa. Com effeito, assim narra este, a pags. 25-26: — "Daqui mandou o capitam J. quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dois mezes; e andaram pela terra cento e quinze leguas; e as secenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes, e as cincoenta foram por hum campo mui grande; e foram até darem com hum grande rei, senhor de todos aquelles campos, e

---

(10) A entrada de Vespucci é por este narrada em sua carta a Soderini, como se vê da traducção de Varnhagen («Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.», XLI, p. 1.a, 17).



lhes fez muita honra, e veio com elles até os entregar ao capitam J.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no rio de Peraguay havia muito ouro e prata". Pensa Derby ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", V, 241) ser provavel que estes exploradores hajam entrado em Minas; e Calogeras ("As minas do Brasil e sua legislação", I, 17-19), achando possivel tal penetração, chega até a tentar reconstituir-lhe o roteiro. Embora a esta entrada não se deva nem abertura alguma de caminho que se fixasse, nem occupação qualquer do territorio percorrido, é, todavia, interessante, em razão dos elementos, poucos e vagos, mas curiosos, que sobre ella forneceu Pero Lopes de Sousa. Duvidamos muito de que quatro portuguezes, sem guias indigenas (excepto na volta) e sem interprete, se houvessem aventurado a um embrenhamento tão profundo em nosso *hinterland*. Não é brincadeira palmilhar, no curto espaço de 60 dias, 130 leguas sobre serras matagosas e 100 em região campestre, logo após a estação das aguas. Onde e como teriam vadeado o Parahyba, o qual, fosse qual fosse o rumo que tomassem, deveriam fatalmente ter atravessado, e esse facto se não menciona no "Diario da navegação"? Note-se mais que, pela inexistencia de relações entre os tamoyos e os incolas de além-Mantiqueira, não havia veréia antiga entre ella e o Rio-de-Janeiro, por onde a transpuzessem, tanto que, antes do "caminho novo", a penetração em Minas se fazia pelo "caminho dos guayanazes", isto é, por Paraty e Guaratinguetá, para se varar depois a garganta do Embaú, ou dobrando a cordilheira por um outro ponto de facil accesso, como na jornada de Knivet. Ha até quem acredite hajam os quatro lusitanos de 1531 attingido ás proximidades de Ouro-Preto, por causa do "christal" da phrase de Pero Lopes. Mas quem trouxe taes quartzos a Martin Affonso foi o *morubixaba* hospedador dos expedicionarios, o qual podia tel-os antes colhido ao longe, nas incursões de sua tribu... E, finalmente, seria para admirar que os incolas de tão remoto interior pudessem dar ao capitão da esquadra de 1530 novas do Paraguay, muito mais sobre *ouro e prata*, coisas delles mal conhecidas, e para as quaes ainda não tinham nomes em seu pouco opulento vocabulario...

A segunda resultou das informações que ao commandante portuguez deu Francisco de Chaves sobre a existencia de copiosas minas metallicas em ponto não muito distante do litoral, quando Martim Affonso aportou a Cananéa, a 12 de agosto de 1531. Conforme o relato de Pero Lopes, no seu "Diario da navegação", "... o dito Francisco de Chaves se obrigava que em 10 mezes tornara ao dito porto com 400 escravos carregados de prata e ouro..." E tanto credito lhe deu Martim Affonso, que lhe confiou, sob a chefia de Pero Lobo, uma força de 80 homens de guerra da sua frota, dalli partindo a expedição, assim rapidamente organizada, a 1.º de setembro do mesmo anno. Não dez mezes, mas apenas mez e meio esperou alli Martim Affonso o regresso dos expedicionarios, que, emtanto, não mais haviam de retornar do sertão. Divergindo da opinião, commumente adoptada, de terem os exploradores sido mortos pelos carijós, senhores da região ao sul de Cananéa, por não achar curial o mallogro em ponto tão proximo, E. G. Young (11) julga mais verosimil que aquelle pugillo de aventureiros houvesse seguido a rota de Aleixo Garcia, mui razoavelmente relacionando tal episodio com a narração feita pelo espanhol Rui Díaz de Guzmán, no tocante ao destroço de Aleixo e ao da gente de Sedeño. Com effeito, não fosse a indicação do *Añembí*, não fosse o nome do chefe, *capitán José Sedeño*, — a exposição do que se deu com a leva deste, qual vem em Rui Díaz de Guzmán ("Argentina — Historia del descubrimiento, conquista y población del Rio de la Plata, escrita el año 1612", ed. de 1882, Buenos-Aires), approximar-se-ia sobremaneira do que se conta da entrada de Pero Lobo. Basta confrontar o que summariámos desta com o que diz aquelle escriptor espanhol no liv. I, cap. V, pags. 40-41 da citada edição, e que é, em resumo, o seguinte: — A relação, feita no Brasil, pelos dois companheiros de Aleixo Garcia, por este despachados para cá, provocou a sortida do capitão José Sedeño, com 60 soldados, a

---

(11) «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo» (VIII, 230-231) e «Subsidios para a historia de Iguape» («O Estado de São-Paulo», n.º de 22 de julho de 1902).

qual partiu de São-Vicente, levando também indios amigos; descendo em canoas pelo Anhemby, saíram no Paraná e por este chegaram ao Salto, donde rumaram para o Paraguay; lá os indios, que haviam assassinado a Aleixo Garcia, pelejaram em campo aberto com os novos invasores e mataram a Sedeño, debandando-se a tropa deste, que acabou sendo trucidada traiçoeiramente pelos selvagens das margens do Paraná; e, assim, desta expedição não escapou ninguém. Atribuindo-se a 1562 a bandeira de Aleixo Garcia, tudo faz crer que a tradição desta e a adulterada de Pero Lobo tenham sido desse modo ligadas por aquelle registador de taes factos no começo do seculo XVII.

A terceira, finalmente, foi a exploração do rio da Prata, ponto a que, segundo parece, vinha essencialmente destinada a expedição de Martim Affonso de Sousa. Havia sido divulgada na península ibérica a noticia de que Solís, portuguez a serviço da Espanha, encontrara o metal branco, em 1515, no estuario a que ligou então o seu nome. E' provavel, pois, que a corôa portugueza em tempo cogitasse de verificar si não pertenciam a seus dominios americanos as terras onde se annunciavam taes opulencias. Como quer que seja, o commandante da frota de 1530 ordenou ao irmão que, com uma esquadilha para a navegação fluvial, explorasse aquelle grande curso de agua, o que Pero Lopes levou a effeito em fins de 1531, tendo devassado o rio da Prata até ao esteiro dos indios carandins. Averiguando, talvez, que aquella zona estava fóra do pacto de Tordesillas, Martim Affonso não a occupou, vindo fundar São-Vicente a 22 de janeiro de 1532. Si, portanto, outra importancia não tivesse, como teve, esta terceira entrada, ao menos denotaria o anseio de Portugal, desde aquelle tempo, por estender a sua colonia americana até ao seu limite natural, que é o rio da Prata.

Foi muito lenta a marcha da conquista e do povoamento do litoral brasileiro.

Nesse sentido, teve pouco exito o regimen das capitánias hereditarias, na sua primeira phase.

No sul, além de São-Vicente e de Santo-André da Borda-do-Campo, onde se havia localizado João Ramalho com os seus

muitos descendentes *mamelucos* (12), repontara apenas Santos, fundada por Braz Cubas, em 1536, e que já era legalmente villa em 1546, havendo-se fixado alguns colonos espanhóes, tambem pelo segundo quartel do seculo XVI, nas terras em que depois surgiram Iguape e Cananéa (esta, conforme uma provisão de Roque Barreto, de 13 de julho de 1600, teria sido então elevada a villa). A Villa-da-Rainha, estabelecida á margem do Itaba-poana por Pero de Góes, em 1539, assim como outra povoação alli fundada por elle mais tarde, do mesmo modo que a villa de Santa-Catharina-de-Mós, criada por Gil de Góes no Baixo-de-Pargos, á margem do rio Itapemerim, não vingaram (13);

---

(12) Quanto ao etymo desta palavra, divergimos quer de Baptista Caetano de Almeida Nogueira, que a faz provir de *memyrucá* («Annaes da Bibl. Nac.», IV, fasc. 1.º, pag. XII), quer de Theodoro Sampaio («O tupy na geographia nacional», pags. 67-68), que a deriva de *mamã-ruca*. isto é, tirado da mistura. Não convencido pela argumentação deste, pensamos que o vocabulo questionado é de procedencia arabe, originando-se de *mamluk*, supino ou participio de *málaka*. A isto nos impelle a significação de *mamluk*, que quer dizer o governado, o possuido, equipolente ao *servus* do latim, como o facto de existir tal appellativo em nossa lingua, muito antes que os portuguezes tivessem ouvido qualquer phonema do *abanheen*. A prosodia *mamaluco* explica-se facilmente pelo phenomeno de alliteração, corollario da chamada «lei do menor esforço», commum na linguagem popular. A forma italiana é *mammaluco*. Beaurepaire-Rohan, em seu «Diccionario de vocabulos brasileiros» (*in verbo* «Mameluco», á pag. 85), perfilha tambem o etymo arabe.

(13) Pero de Góes, depois que abandonou a sua donataria, exerceu o cargo de capitão-mór da armada ou da costa, no governo de Thomé de Sousa. Não se sabe ao certo si, depois de 1553, foi morrer em Portugal, ou si falleceu em São-Paulo, como presume Taques. Seu filho e successor, Gil de Góes da Silveira, renunciou em favor da corôa os direitos á capitania, por escriptura de 22 de março de 1619. A Parahyba-do-Sul ficou por algum tempo esquecida, até que os sete capitães, Miguel Ayres Maldonado, Gonçalo Corrêia, Duarte Corrêia, Antonio Pinto, João de Castilho, Manuel Corrêia e Miguel Riscado, que por cerca de 30 annos haviam prestado notaveis serviços á metropole, combatendo os francezes intrusos e os selvagens bravios, obtiveram de Martim de Sá (então governador do Rio-de-Janeiro), em 19 ou 20 de agosto de 1627, sesmarias nas terras abandonadas, comprehendidas entre o rio Macahé e o cabo de São-Thomé. Exploraram longamente os seus quinhões, desde 1632 até 1634, e dividiram-n-os amigavelmente, fazendo

e no quinhão septentrional de Martim Affonso de Sousa, incorporado á corôa logo após a fundação da cidade do Rio-de-Janeiro, haviam apenas progredido Paraty, Angra-dos-Reis (já feita villa em 1608) e Cabo-Frio, esta devida principalmente aos entrelopos francezes, e que Constantino de Menelau erigiu regularmente em villa a 13 de novembro de 1615. Na donataria do infeliz Vasco Fernandes Coutinho, o nucleo montado no continente em 1535, com o nome de arraial do Espirito-Santo, foi abandonado pelo que logo depois surgiu na ilha fronteira, em 1540, com o nome de Victoria; São-Matheus e Reritiba repontam nos fins do seculo XVI, graças á catechese de Anchieta; e Guarapary é erguida no ultimo quartel da centuria seguinte, por Francisco Gil de Araujo. Pero do Campo Tourinho collocou a sua colonia na bahia Cabralia, em 1536, quando tambem o representante de Jorge de Figueiredo Corrêia lançou os alicerces de São-Jorge-dos-Ilhéos; mas tanto esta capitania como a de Porto-Seguro, a principio com symptomas de florescimento, decaíram prestesmente, ante a irrupção dos terri-veis aymorés. Na Bahia, o desventurado Francisco Pereira Coutinho arranchou-se, em 1538, com os seus colonos, na mesma localidade em que encontrara o Caramurú com a sua prole

---

disso extenso relatorio, firmado por Miguel Ayres Maldonado, em data de 21 de fevereiro de 1661. Este documento foi integralmente publicado na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LVI, p. 1.<sup>a</sup>, 345-400. Ora, o erudito e incansavel investigador dr. Vieira Fazenda demonstrou («Rev.» cit., LXXI, p. 1.<sup>a</sup>, 5-21) que Maldonado falleceu em 1650. Esta e outras inverosimilhanças desvaliam grandemente o chamado «roteiro dos sete capitães». E' sabido, porém, que as terras da antiga donataria de Pero de Góes, por meados do seculo XVII, foram divididas entre os citados capitães ou seus herdeiros, Salvador Corrêia de Sá e Benevides, Pedro de Sousa Pereira, os loyolistas e os frades de S. Bento. Desde 1652, que foi quando os jesuitas e o general Salvador Corrêia começaram a povoar as suas sesmarias, levantando as primeiras capellas, repon-taram tentativas de se erigir em villa o povoado sito á margem do Parahyba. Mas só a 29 de maio e 18 de junho de 1677 (A Lamego, «A terra goytacá», I, 138) é que foram, respectivamente, erguidos os pelourinhos das villas de São-Salvador dos Campos-dos-Goytacazes (hoje cidade de Campos) e de São-João-da-Praia (hoje São-João-da-Barra).

mameluca, arraial que tomou o nome de Villa-Velha, quando Thomé de Sousa fundou a cidade do Salvador. No longo trecho dahi para o norte, appareceram apenas a villa da Conceição, em Itamaracá, donataria de Pero Lopes de Sousa, e Olinda, criada em 1535 por Duarte Coelho, e que foi uma das mais prosperas povoações do Brasil septentrional.

Aos jesuitas deve-se a fundação de São-Paulo em 1554, e ao influxo da invasão franceza de Villegagnon foram lançados, em 1565, os primeiros alicerces do Rio-de-Janeiro por Estacio de Sá, destinadas as duas cidades a uma excepcional preponderancia na expansão portugueza pela America do Sul.

Esse era, ao tempo do dominio espanhol, que se iniciou em 1580, o estado da colonização do Brasil no cairel do Atlantico.

Pouco havia contribuido para a exploração do paiz, e quasi nada para a occupação definitiva das terras interiores, a lucta contra os indigenas, afim de batel-os ou captival-os.

Affirmam alguns historiadores que Martim Affonso de Sousa, antes de retirar-se para Portugal em 1533, deixara a Pero de Góes e Ruy Pinto encarregados de uma expedição contra os indios do litoral do sul, os ousados carijós, que haviam destroçado a leva de Pero Lobo e Francisco de Chaves. Pouco se sabe do que hajam feito em tal sentido aquelles nobres portuguezes.

Pelos meiodos do seculo XVI, o desbravamento das vias de penetração de uma extensa zona do sul, isto é, do caminho dos carijós, é feito pelos ignacianos Leonardo Nunes, o *Abaré-bebê*, e Pedro Corrêia, victima daquelles indios.

A este periodo inicial é que se liga o episodio de Hans Staden, allemão que viera pela primeira vez ao Brasil em 1548 e pela segunda vez em 1549, na expedição de Senabria. Assoldadando-se como artilheiro em Santo-Amaro (ilha), caiu prisioneiro dos tamoyos, em cujo poder andou até 1554, escapando, porém, com vida, das mãos desses barbaros e relatando depois as suas aventuras em livro que Tristão de Alencar Araripe e A. Löfgren traduziram para a nossa lingua desde alguns annos

(14). E' obra não despicienda para a investigação dos costumes daquelles extinctos selvicolas, encerrando tambem alguns apreciaveis dados historicos e geographicos.

Instigaram os francezes de Villegagnon a "Confederação dos tamoyos", que chegou a pôr em serio perigo a dominação portugueza no sul e que foi apaziguada mais pelos esforços de Nobrega e Anchieta do que pelas armas lusitanas.

Mem de Sá ordenou varias expedições contra os indios de Itaparica, do rio Paraguaçu e do Espirito-Santo, e quasi poz termo ao formidavel espantallo dos aymorés.

Antonio Salema, que, em 1573, viera governar o Rio-de-Janeiro, encarregou a Christovam de Barros uma leva contra os tamoyos, a qual aquelle filho do donatario do Ceará realizou em 1574-1575, numa entrada que foi verdadeira *razzia*, pois expelliu tambem desta região meridional os tupinambás, cujos restos foram deter-se no Amazonas. A expedição compunha-se de 400 homens brancos e 700 indios, tendo reduzido a captiveiro "oito ou dez mil almas", consoante com as informações do autor do "Tratado descriptivo do Brasil em 1587" (pags. 80-81).

Braz da Costa Rubim, em suas "Memorias historicas e documentadas da provincia do Espirito-Santo" ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XXIV, p. 1.<sup>a</sup>, 171), refere-se a uma leva, chefiada pelo capitão-mór Miguel de Azeredo, auxiliado por Antonio Jorge e João Soares, contra os goytacazes, sem, todavia, precisar-lhe os feitos.

Luiz de Brito e Almeida, que governava o Brasil septentrional desde 1572, deante do insuccesso da missão do padre Gaspar

---

(14) *Hans Staden* — «Descripção verdadeira de um paiz de selvagens nús, ferozes e cannibaes, situado no novo-mundo America» (tradução portugueza de A. Löfgren, editada pelo Instituto Historico e Geographico de São-Paulo, 1900). Já antes, em 1893, apparecera, no tomo LV, p. 1.<sup>a</sup>, da «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», a «Relação veridica e succinta dos usos e costumes dos Tupinambás», nome da traducção, feita pelo dr. Tristão de Alencar Araripe, da obra de Hans Staden. A primeira dessas traducções, valorizada pelas notas de Theodoro Sampaio, serviu de base ás edições mais recentes, uma devida a Monteiro Lobato (São-Paulo, 1926) e a outra á Academia Brasileira de Letras (Rio, 1930).

Lourenço, em 1575, junto aos índios de Sergipe, mandou Garcia d'Avila (15) fundar Santa-Luzia e dirigiu em pessoa a conquista daquelle territorio até ao rio Real (Itanhy). A sua tentativa identica, aprestada contra o gentio da Parahyba, não chegou a realizar-se, por ter sido dispersada pelos temporaes a frota para tal fim aparelhada.

Das entradas "de resgate", postas em execução nesse tempo, dá-nos conta frei Vicente do Salvador, em sua "Historia do Brasil" (caps. XX e XXV do liv. III). De Ilhéos partiu a de Luiz Alvares Espinha (ou *de Espenha*), o qual se embrenhou além de 30 leguas, e desceu "infinito gentio". De Pernambuco saiu a expedição commandada por Francisco de Caldas e Gaspar Dias de Taide, a qual entrou muitas leguas pelo sertão do rio São-Francisco, mallogrando-se depois totalmente, em consequencia da traição feita ao seu auxiliar indigena, o "Braço-de-Peixe". Ainda de Pernambuco, em 1578, rumou para o São-Francisco a leva chefiada por Francisco Barbosa da Silva, um contingente da qual, composto de 70 homens, obedecia ao mando de Diogo de Castro, lingua e sertanista experimentado; chegou destroçada ao Cotinguiba, depois de enveredar pela margem direita do São-Francisco.

A occupação do resto da ourela atlantica septentrional, até ao ponto do extremo norte do meridiano de Tordesillas, opera-se na vigencia do dominio espanhol, e a da zona contigua do interior, isto é, da zona da pecuaria, na segunda metade do seculo XVII.

Após o mallogro das primeiras tentativas (de Diogo Dias e Fernão da Silva) de conquista da Parahyba, Fructuoso Barbosa, com o auxilio da esquadra de Flores Valdez, effectua-a em

---

(15) Deste Garcia d'Avila occupa-se, em mais de um passo do seu «Tratado descriptivo do Brasil em 1587» (pags. 35, 37 e 40), o autor deste curioso escripto. Foi aquelle um feliz protegido de Thomé de Sousa, logrando, quer por isso, quer por serviços que prestára, a posse do maior latifundio que se concedeu a particulares no interior do Brasil.



1584, mas não definitivamente. Só a deserção (16) de Piragibe, que se allia aos portuguezes, assegura a estes a posse decisiva da região, em 1585.

O temor de uma possível invasão de indigenas e a necessidade de uma via terrestre de comunicação entre a Bahia e Pernambuco determinaram a conquista definitiva da orla maritima de Sergipe, missão de que galhardamente se desempenhou Christovam de Barros (cujo pae, em companhia do bispo Sardinha, fôra victima dos selvagens daquela região), o qual, entre 1587 e 1590, bateu as hostes barbaras de Baepeba, levantando o forte e arraial de São-Christovam, junto á foz do Cotinguiba. Uma das columnas da expedição, composta de 150 soldados e 1.000 indios auxiliares, e da qual eram capitães Rodrigo Martins e Alvaro Rodrigues, seguira pelo interior, onde teria sido desbaratada pelos incolas, si a tempo não a soccorresse Christovam de Barros. Foram mortos 1.600 indios e captivados 4.000, graças ao trabalho dos quaes se estabeleceram alli, com estancias de gado, muitos dos expedicionarios, a começar pelo commandante em chefe, que montou para si uma grande fazenda. Sergipe-del-Rey passou a ser, logo depois, uma capitania da corôa, entravada, porém, no seu progresso, pelas invasões neerlandezas, que sobretudo obstaram por muito tempo o avanço dos pernambucanos em demanda do *hinterland* do valle do São-Francisco.

A colonização das Alagôas, iniciada em 1591 e algo incrementada com as invasões flamengas, só se possibilita de vez com a destruição da "Troia-Negra", levada a effeito por Bernardo Vieira de Mello, Sebastião Dias e Domingos Jorge Velho, em 1695-1697.

---

(16) *Deserção* é um modo de dizer. Os indios, creanças grandes, tanto se alliançavam com os francezes como com os portuguezes, ao bel-prazer do seu alvedrio. Tem-se encomiado, com exaggero, a fidelidade dos nossos fetichistas, como se lhes tem increpado, qual a Tibireçá e Piragibe, o fazerem causa commum com os inimigos dos seus, — quando o certo é que a sua civilização rudimentar não lhes permittia distinguir bem taes actos de fina politica, e nas invasões neerlandezas, por exemplo, tanto havia indios ao lado dos portuguezes, quanto nas fileiras dos bátavos.

A occupação do Rio-Grande-do-Norte effectua-se em fins do seculo XVI, com a expedição chefiada por Manuel Mascarenhas Homem, capitão-mór de Pernambuco, e da qual fizeram parte Feliciano Coelho, capitão-mór da Parahyba, e Jeronymo de Albuquerque. Auxiliado por estes, aquelle, a 6 de janeiro de 1596, lançou os fundamentos do forte dos "Santos-Reis-Magos"; e Jeronymo de Albuquerque, em 25 de dezembro do mesmo anno, demarcou, junto á fortaleza dos Reis, da qual ficara como commandante, o local onde surgiu a cidade de Natal. A conquista daquelle trato de terras foi devida ao temor de incursões francezas, e o seu desenvolvimento posterior está ligado tambem á segunda grande invasão bátava. Quando se deu esta, já havia no Rio-Grande-do-Norte as povoações de Ferreiro-Torto e Cunhaú, surtas na alvorada do seculo XVIII.

Principiou-se a exploração do Ceará em 1603, com Pero Coelho de Sousa, que alli realizou duas investidas trabalhosas, mas infructiferas, seguidas, em 1607, da missão dos jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira, ás quaes consagraremos adiante algumas linhas. As incursões dos francezes no Maranhão compelliram o governador do Norte, Diogo de Menezes, a mandar sair do forte dos "Santos-Reis-Magos" (A. Tavares de Lyra, "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXXVII, p. 1.<sup>a</sup>, 23) uma expedição que guarnecesse um dos portos daquella zona, cabendo tal incumbencia a Martim Soares Moreno, que tinha sido companheiro de Pero Coelho em 1603 e que em 1609 ergueu um reducto, sob a invocação de Nossa-Senhora-do-Amparo, junto á ponta do Mucuripe, dando origem á actual cidade de Fortaleza. O Ceará, que deve, assim, a sua primeira occupação regular á influencia dos invasores estrangeiros, tambem soffreu os effeitos dos assaltos dos hollandezes, e, como o Rio-Grande-do-Norte e o Piahy, só viu o seu interior explorado e começado a povoar, a partir da segunda metade do seculo XVII, graças aos jesuitas, e, mais ainda, graças ao auxilio que as bandeiras paulistas prestaram á não menos admiravel expansão feita alli pelos criadores de gado, como veremos mais adiante.

O mallogro das duas expedições, uma em 1535-1536 (de Ayres da Cunha e dois filhos de João de Barros) e outra entre 1554 e 1557 (de Luiz de Mello), destinadas á conquista e colonização das capitánias do extremo norte, — pois o naufrágio, que sofferam ambas, as privou de levar avante o intento, — deixara desoccupadas de portuguezes as terras do seu dominio brasileiro na linha equatorial. Aventureiros francezes, nos fins do seculo XVI, penetraram em terras do Maranhão, para onde velejou, em 1612, a frota de La-Ravardière, auxiliada pela rainha-regente Maria de Medicis. Foi essa a tentativa da *França Equinocial*. Além do forte erigido por Martin Soares Moreno junto ao Mucuripe, Jeronymo de Albuquerque, o heróe da nova campanha, levantou, em 1613, o do Camocim. A batalha de Guaxenduba (a 19 de novembro de 1614), brilhantemente ganha por Albuquerque, e a vinda de um grande socorro da metropole no anno seguinte, sob Alexandre de Moura, deram em resultado a expulsão dos intrusos da ilha de São-Luiz (assim chamada do arraial alli fortalezado e a que os francezes deram o nome do seu soberano infante), a 4 de novembro de 1615. Consequencia immediata dessa victoria foi a fundação de Belém-do-Pará, em 1616, pela esquadilha de Francisco Caldeira Castello-Branco, para isso mandado do Maranhão, a 25 de dezembro do anno anterior, por Alexandre de Moura (17).

Attingia assim o Brasil á extrema septentrional da linha de Tordesillas, defendia a entrada do seu rio-mar contra a cobiça dos inimigos de Portugal e aparelhava, emfim, o ponto de partida para a occupação da immensa bacia amazonica.

A metropole, presumivelmente guiada por esses intuitos, criou, em 1621, o *Estado do Maranhão*, comprehendendo os territorios do Ceará, Piahy, Maranhão e Pará, subordinado directamente ao governo de Lisbôa, ao passo que as demais ca-

---

(17) Vêde «Documentos para a historia da conquista e colonização da costa léste-oéste do Brasil», publicação da Bibliotheca Nacional, e «Memorias para a historia do extinto Estado do Maranhão», de Candido Mendes de Almeida (tomo II).

pitánias formavam o *Estado do Brasil*, divisão essa que durou até 1760. As invasões feitas pela Companhia das Índias Occidentaes obstaram a acção lusitana de exercer-se desde logo mais efficazmente na recém-criada circumscripção administrativa.

O Amazonas, — mais comparavel a um braço do oceano que varasse a cabeça da America do Sul do que propriamente um rio, — attraheu as vistas dos colonizadores portuguezes, tanto mais quando pelas suas margens e estuario se andavam fortificando outros europeus. O mais notavel heróe dessa expansão alli é Bento Maciel Parente (18). Este, que já fizera diversas entradas aos rios Mearim e Pindaré, renovou-as depois em 1619, com 80 soldados e 400 indios flecheiros, desde Tapui-tapéra até dentro do colosso de aguas, fazendo-lhe nos indios das duas ribas uma das *rassie* mais devastadoras que regista a nossa historia, levantando, porém, fortalezas, que asseguraram a posse da disputada região. Francisco de Azevedo foi o primeiro que explorou os sertões de Tury e Gurupy. Luiz Aranha de Vasconcellos, em 1622-1624, penetrou na Guyana brasileira, como se vê da sua propria informação official (19). Pedro da Costa Favella, Feliciano Coelho e Jacome Raymundo de Noronha, companheiros do fundador de Belém-do-Pará, tomaram, em ininterruptas arrancadas, as posições em que holandezes e inglezes se haviam assentado no mediterraneo sul-americano, explorando a zona e preiando os indigenas (20). Pedro Teixeira, que em taes álgaras servira com denodo, repetiu, por 1637-1639, de ordem da metropole, mas em sentido inverso, a proesa de Orellana, realizada quasi um seculo atrás

---

(18) Bento Maciel Parente, conforme documentos publicados pelo erudito e infatigavel Barão de Studart, acompanhou, em 1609-1611, d. Francisco de Sousa ás capitánias do sul, onde foi sargento-mór de cinco villas e descobriu algumas minas de importancia, segundo o seu proprio depoimento.

(19) «Documentos» já citados, pags. 231-234.

(20) Veja-se sobre isto Mello Moraes, «Corographia historica», II, 115-126. Ahi vêm estes factos expostos em ordem chronologica e minudenciosamente.

(21). Partindo do Pará, com 70 soldados e 1.000 índios auxiliares, percorreu o rei dos rios e, alcançando o Payamíno, afluente do Napo, chegou até Quito; dahi regressou, tomando para a corôa portugueza, na barra do Aguarico, posse de todas as terras que se extendiam dalli até á beira do Atlantico.

A acção metropolitana, porém, só se fez sentir proficua-mente, depois da restauração de 1640. Dessa data em deante é que se cogita de povoar a bacia amazonica, nos pontos mais vizinhos do delta, e novas entradas se effectuam contra os selvícolas. Assim, Oliveira Martins (obr. cit., 68) attribue a 1650 a "exploração das suppostas minas do Rio-Dourado" (22), que é de certo a expedição de Bartholomeu Barreiros de Athayde ao rio de Ouro; em 1660, regista-se o levantamento do forte

---

(21) A façanha de Orellana ainda recentemente foi esclarecida, em substancioso e longo escripto, por J. T. Medina, cujo «Descubrimiento del rio de las Amazonas según la relación, hasta ahora inédita, de fr. Gaspar de Carvajal, con otros documentos referentes a Francisco de Orellana y sus compañeros» appareceu em 1894, em Sevilha (ed. limitada a 200 exs.).

(22) O Barão de Sant'Anna-Nery, em sua obra, «Le pays des Amazonas», refere-se (pag. 14) ao descobrimento de pepitas de ouro no Madeira. E' a unica menção que conhecemos sobre a existencia real do precioso minerio naquella região. No antigo Estado do Maranhão, não consta ter-se encontrado nenhum *placer* ou corrido aurifero, fóra umas celebres e mal exploradas minas de São-José-dos-Carirys, no Ceará. das quaes tratou, em interessante opusculo, o Barão de Studart. Que houve até auxilio dos jesuitas a uma leva famosa, em busca do fulvo metal no sertão amazonico, prova-o o seguinte curioso trecho do maior escriptor da lingua portugueza, depois de Camões («Cartas do Padre Antonio Vieira», I, 68): — «... a missão dos Pacajás, vulgarmente chamada a *Entrada do Ouro*, teve o fim que tão mau nome lhe prognosticava. Gastaram nella dez mezes quarenta portuguezes, que a ella foram com duzentos índios. Destes morreram a maior parte pela fome, e excessivo trabalho; e tambem morreu o padre João de Sottomaior, tendo já reduzido a fé, e á obediencia de Vossa Magestade quinhentos índios, que eram os que naquella paragem havia da nação Pacajá, e muitos outros da nação dos Pirapes, que tambem estavam abalados para descerem com elle. Estas, Senhor, são as minas certas deste Estado, que a fama das de oiro e prata sempre foi pretexto, com que daqui se iam buscar as outras minas, que se acham nas veias dos índios, e nunca as houve nas da terra».

de Araguay, reedificado em 1685, porque a pororóca o solapára; e é de 1669 a fortificação da barra do rio Negro, junto á qual repontou a actual cidade de Manáos (23). Quanto a levas contra as densas tribus que se apinhavam nas matas do Amazonas e de seus tributarios. — ha noticias da de que foi cabo Bento Rodrigues de Oliveira, em 1647, contra os tupi-nambás; da de João Bittencourt Muniz, contra os anibás do Jary; da de Antonio Arnau Villela, em 1663, no rio Urubú, e da immediata de Pedro da Costa Favella, o qual, em 1664, se alliou aos tapajós contra os guanevenes e cabouquenes e, em 1666, venceu os tapuyas do Xingú, incendiando-lhes 300 aldéias e matando-lhes 700 homens, fóra 400 reduzidos a captiveiro, conforme o relato de Berredo (“Annaes historicos do Estado do Maranhão”, 536-537). Depois de Maciel Parente, foi Pedro da Costa Favella quem mais se notabilizou na destruição dos nossos fetichistas das selvas. Proveitosa, foi, sem duvida a entrada de Gonçalo Pires e Manuel Brandão, que, em 1669, descobriram, ás margens do Tocantins, cravo, canella e a arvore depois denominada *bertholletia excelsa* (de Humboldt), cujos fructos são chamados “castanhas do Pará”.

Quando, porém, as duas nações conquistadoras da America do Sul formavam uma e unica soberania, Philippe IV de Espanha e III de Portugal, visando talvez a premiar os serviços de Bento Maciel Parente, criou, a 14 de junho de 1637, com a parte meridional da Guyana comprehendida entre o Oyapock e o Amazonas, o rio Parú e o Atlantico, a “Capitania do Cabo-

---

(23) O nome primitivo da localidade foi «Destacamento-do-Resgate», oriundo do contingente de soldados posto alli para assegurar a caçada de gentios. e o de «Villa da Barra-do-Rio-Negro» surgiu com a fortificação que alli fez erguer, em 1671, o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1667-1671). A designação actual da cidade provém da tribu mais poderosa daquelle affluente do Amazonas, a dos indios *manáos*, cujo nome bem se assemelha ao da fabulosa capital do fabuloso El-Dorado. *Manôa*. Em Southey (ob. cit., VI, 332-334) lê-se o episodio do tuxáua Ajuricaba, vencido pelos portuguezes em 1725. e que, depois de afogado no rio, ainda era esperado pelos seus subditos, como um novo rei Arthur, um novo Frederico Barbaruiva ou um novo d. Sebastião...

do-Norte”, doando-a, na fôrma da legislação que regia esses vinculos, áquelle terrível matador de indios. O donatario, que, a 27 de junho de 1636, fôra nomeado governador do Maranhão, mandou construir, em 1638, o forte do Desterro, na foz do Uacapary. Quando Portugal sacudiu, em 1640, o jugo castelhano, a corôa espanhola não reclamou aquella região, que, mais tarde, por força do tratado de 1750, ficou de vez integrada na posse e dominio lusitanos (24).

Prolongava-se, assim, a nossa patria, na ourela maritima septentrional, um pouco acima do limite de Tordesillas, e penetrara tambem algum tanto no interior, além da linha pactuada em 1494. O restante da irradiação alli ficava reservado aos missionarios catholicos e aos criadores de gado, a que os mamelucos meridionaes iriam prestar auxilio efficaz.

Para o sul, onde o bandeirismo paulista, numa avançada continua e triumphal, desbravara as terras immanes do sertão e conquistara todo o Paraná e Santa-Catharina e parte do Rio-Grande de São-Pedro, a acção da metropole com elle cooperou, habil e previdentemente, em começo, pela fundação da Colonia-do-Sacramento, realizada em 1680 e ajudada pelos naturaes de

---

(24) Com esta «Capitania do Cabo-do-Norte», em que, pela invasão dos francezes desde meciados do seculo XVII, se agitou longo litigio entre Portugal e França e depois a nossa demorada questão do Amapá, sabiamente dirimida pelo laudo arbitral do presidente da Confederação Helvetica em 1.º de dezembro de 1900, — houve, quando o imperio criou as duas circumscripções politicas (Amazonas e Paraná) que juntou ás recebidas em 1822, a tentativa de constituir-se a provincia «Oyapockia», alargando-a um pouco mais para oeste, conforme o seguinte projecto de lei, que transcrevemos do interessante opusculo «Pinsonia» (pag. IX), de Candido Mendes de Almeida, autor delle e daquella idéa: «Art. 1.º Fica elevado á categoria de provincia, com a denominação de Oyapockia, o territorio comprehendido entre os rios Nhamundá, Amazonas, oceano Atlantico e os limites septentrionaes do imperio. O governo designará, no acto da criação, quaes as ilhas adjacentes dos rios Amazonas e Nhamundá, que ficarão pertencendo á nova provincia. Art. 2.º A capital da nova provincia será a villa de Macapá, emquanto a assembléa provincial respectiva não resolver a mudança. Paço da Camara dos Deputados, 1.º de julho de 1853» Foi pena que esse projecto não se houvesse convertido em realidade.

São-Paulo. O imperialismo luso collimava o estuario do Prata para sua fronteira austral, e, apesar da guerra quasi incessante, motivada por aquella occupação, assegurou, depois, a posse litoranea do Rio-Grande-do-Sul, pela fortificação da flecha do penilago dos Patos, effectuada em 1737; mas ineptamente deixou que os espanhões platinos se estabelecessem em Montevideó, o que, pondo uma solução de continuidade entre a Colonia-do-Sacramento e o Rio-Grande, possibilitou, mais tarde, a formação da Banda-Oriental.

Reservámos intencionalmente para agora, em obediencia ao methodo que nos pretraçámos, a série das expedições, mediata ou immediatamente oriundas do impulso official, que, destinadas á procura de riquezas mineraes, não as revelaram, — pois estavam estas aguardadas para a audacia insobrepujavel dos paulistas, — mas devassaram uma certa porção da zona costeira, dentro da linha de Tordesillas, no periodo que vem desde o governo de Thomé de Sousa até á fundação da Colonia-do-Sacramento.

Estas entradas poderiam perfeitamente aggrupar-se em quatro cyclos regionaes: bahiano, sergipano, cearense e espirito-santense.

*Cyclo bahiano* — Vimos já que foram de resultados funestos ou negativos as entradas de 1531, feitas por gente da frota de Martim Affonso de Sousa no interior do Rio-de-Janeiro e no sul de São-Paulo, com o fito de descobrir pedras ou metaes preciosos, anelo dos novos phenicios da Iberia.

Na primeira phase das capitánias, sabe-se, pelo testemunho de Philippe de Guilhem, que em Porto-Seguro, desde 1538, "entravam pela terra a dentro e andavam lá cinco e seis mezes", á cata de esmeraldas; e que Duarte Coelho, animado por noticias de jazidas metallicas opulentas na região interior de sua donataria, desejou ardentemente descobri-las, conforme escreveu a d. João III, em 1542, mas não pôde pôr por obra o seu proposito, acalentado até 1546. Os loyolistas, vindos com Thomé de Sousa em 1549, deram novo calor ás esperanças que ouviram dos colonos portuguezes, quanto aos thesouros occultos no sub-solo do Brasil. Apressou-se o primeiro governador-



geral a satisfazer-lhes as aspirações. Dahi as entradas de Miguel Henriques e Francisco Bruza de Espinosa, preparadas por sua ordem e com o seu auxilio. Mas aquella, mais de prompto apparelhada e constante de uma galé, tendo saído da Bahia a 5 de novembro de 1550, em vão tentou galgar o rio São-Francisco pela foz a dentro: naufragou, e não se reconstituiu, para reencetar a empreza, que tanto mais aprazia a Thomé de Sousa, quanto é certo que este dizia ao soberano que "esta terra e o perum (Perú) he toda huma". A outra, cujo commando Philippe de Guilhem recusara, por ser velho e achacado, foi confiada ao castelhano Espinosa, egresso do Perú e que residia então em Porto-Seguro; e, como o governador-geral houvesse pedido ao padre Manuel da Nobrega um capellão, que acompanhasse os expedicionarios, a escolha recaiu no padre João de Azpilcueta (navarro). Custou muito a aprestar-se esta leva, composta apenas de 13 brancos e varios indios auxiliares, e, quando ella partiu para o sertão, em março de 1554, já Thomé de Sousa estava substituido por Duarte da Costa. Nulla quanto ao objecto principal do seu escopo, percorreu ella, entretanto, 350 leguas. Aos estudos de Capistrano de Abreu (25) e Orville Derby (26) sobre esta jornada, preferimos o de Calogeras (27), segundo o qual foi o seguinte, em resumo, o itinerario da expedição (28): — Entrou pelo rio das Caravellas, margeou

---

(25) «Os primeiros descobridores de Minas» («Rev. do Arch. Publ. Min.», VI, 365-377) e «Documentos historicos» (ib., 1159-1173).

(26) «O itinerario da expedição Espinhosa (sic) em 1553» («Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.», LXXII, p. 2.<sup>a</sup>, 23-36) e «Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas-Geraes» («Rev. do Inst. e Hist. e Geogr. de São-Paulo», V, 240-278).

(27) Ob. cit., I, 372-377.

(28) Em seu «Descobrimento e devassamento do territorio de Minas-Geraes» («Rev. do Arch. Publ. Min.», VII, 549), e, depois, no interessante opusculo «O itinerario da expedição Espinhosa em 1554 — Contestação ao Dr. Orville Derby» (1911), opina o dr. F. L. Leite Pereira pelo roteiro seguinte: — Porto-Seguro, rio Jequitinhonha, rio Pardo, serra Branca e rio São-Francisco. São dignos de mais attento e particularizado estudo, impossivel com os estreitos ambitos desta nossa these, os argumentos do erudito investigador mineiro.

além o Jequitinhonha, e, das cercanias da Diamantina, a que attingira, chegou provavelmente ao São-Francisco, seguindo um dos seus afluentes da margem direita, quiçá o Jequitahy, alcançando uma aldêia indigena junto ao Mangahy, e pelo rio Pardo, explorado desde as suas nascentes por essa entrada, foi presumivelmente feito o retorno della, em 1555.

Em 1561, Vasco Rodrigues Caldas, que fôra vereador na Bahia, offereceu-se a Mem de Sá para penetrar os sertões em busca de minas, com 100 companheiros, á custa propria, e tão sómente a troco das mesmas mercês, concedidas a Espinosa por Thomé de Sousa e confirmadas por Duarte da Costa. Obtida a necessaria provisão, galgou o valle do Paraguaçu, consoante com as investigações de Capistrano de Abreu, até umas 70 ou 80 leguas do litoral; mas, desbaratado pelos tupinaés, teve de retroceder para a capital. Foi, assim, nullo tambem o resultado desta jornada (descripta pelo padre Leonardo do Valle), que, todavia, chegou até á Chapada-Diamantina.

Da entrada de Martim Carvalho, realizada em 1567 (ou 1568, segundo Calogeras, ob. cit., I, 379), com 50 ou 60 companheiros e alguns indios auxiliares, durante oito mezes, em que percorreram 220 leguas, dá conta Pero de Magalhães (de) Gandavo, em seu "Tratado da Terra do Brasil" (cap. IX, 214-215). O seu percurso, já melhor orientado "no rumo do local onde as pedras verdes foram mais tarde encontradas", reconstituiu-o assim o erudito autor das "Minas do Brasil e sua legislação" (I, 379-380): — "De Porto-Seguro procuraram o curso do Jequitinhonha, subiram por este até ás zonas das seras de cristal muito fino, talvez dos lados da serra de Itacambira; descobriram as arêias auríferas de Minas-Novas; vaguearam pela região serrana, onde se ligam as bacias dos afluentes do Jequitinhonha e dos rios Doce, Mucury e S.-Matheus, e, finalmente, após mil fadigas, luctas com o gentio e privações de todo genero, desceram por este ultimo, um de cujos ramos originarios até hoje tem o nome de Cricaré. Esta longa viagem teria uns 1.100 a 1.200 kilometros, pouco mais ou menos as 220 leguas de que fala o roteiro".

Poucos annos depois, em 1572 ou 1573, realizava-se a famosa entrada de Sebastião Fernandes Tourinho, parente do donatario da capitania de Porto-Seguro, com 400 companheiros. Deve-se-lhe o roteiro ao autor do "Tratado descriptivo do Brasil em 1587" (pags. 50 e 59-60). Estudaram-na detentamente Capistrano de Abreu, Derby e Calogeras, opinando o primeiro pela existencia de duas levas sob a chefia de Tourinho e demonstrando o ultimo ter havido uma só expedição (ob. cit., I, 380-388). Do que lográmos apurar da leitura desses competentes, concluimos que Tourinho, vindo de Porto-Seguro em barcas, entrou pelo São-Matheus, e, subindo um affluente meridional deste, varou depois por terra até á lagôa de Juparanã; margeando o rio Doce, inclinou-se então para nordeste, para os lados de Itambé ou de Diamantina, voltando em seguida para léste, até encontrar de novo o Saçuhy, e, seguindo rumo do norte, chegou talvez até ao Itamarandiba, onde, buscando o Jequitinhonha, por este desceu em canôas até ao oceano. Dera a expedição com as pedras coradas, existentes nas serras interiores, e o seu exito, já algo satisfactorio a esse aspecto, determinou o governador Luiz de Brito e Almeida a promover a entrada verificadora seguinte, confiada a Antonio Dias Adorno.

Este era filho de Paulo Adorno e de Philippa Dias (29), néto, pois, do Caramurú. A leva, que se compunha de 150 portuguezes e 400 indios (conforme o "Tratado descriptivo do Brasil em 1587", pags. 56 e 60), acompanhada a demais por dois padres jesuitas, começou a sua viagem em fevereiro de 1574. Eis o trajecto della, que resumimos de Calogeras (ob.

---

(29) O italiano Paolo Adorno casou na Bahia, em 1534, com a filha de Diogo Alvares e da india Paraguaçu, Philippa Dias (ou Alvares); e seu irmão Giuseppe Adorno, vindo de além-mar pela mesma época, estabeleceu-se em São-Vicente com engenho de assucar. Sabe-se que esses Adornos, de origem fidalga, pois eram aparentados com a casa do Duque de Genova, apeiados do poder por André Doria em 1528, não tardaram a emigrar de sua patria para o Brasil, em cujos centros principaes, Bahia e São-Vicente, figuram como dignos povoadores, não sendo estranhos á primeira fundação do Rio-de-Janeiro em 1565. Vieram quatro irmãos, segundo Simão de Vasconcellos.

cit., I, 389-390): — Entrou pelo rio de Caravellas, e, ganhando o valle do Mucury, foi buscar as vertentes do Araçuahy, onde achou os signaes deixados por Tourinho, assim como amostras de mineraes preciosos; das cabeceiras do ultimo rio citado, alguns membros da expedição retrocederam, vindo sair no Atlantico, pela foz do Jequitinhonha, cujo leito desceram em canôas; Adorno, porém, com o resto do seu bando, transmudou a sua missão exploradora em caçadora de indios, tomando para esse fim o rumo do norte, donde regressou para o litoral com 7.000 selvagens reduzidos a captivo, fazendo com esse numeroso comboio um percurso de 200 leguas. Calogeras rectifica a narração de frei Vicente do Salvador, preferindo o relato constante da carta do padre Ignacio de Tolosa, escripta da Bahia em 7 de setembro de 1575.

O autor do "Tratado descriptivo do Brasil em 1587" dá noticia (á pag. 31) de duas outras entradas, que parecem ter simultaneamente formado systema com a de Adorno: — a de Bastião Alvares (por certo o mesmo "Sebastião Alvares", a que se refere frei Vicente do Salvador, no cap. XX do liv. III de sua "Historia do Brasil"), que de Porto-Seguro foi mandado a explorar o rio São-Francisco, nisso consumindo "quatro annos e um bom pedaço da fazenda d'El-Rei"; e a de João Coelho de Sousa, que penetrou mais de 100 leguas além de um sumidouro, "que provavelmente é a cachoeira de Paulo-Affonso", diz Capistrano ("Descobrimto do Brasil e seu desenvolvimento no sculo XVI", 73-74), o qual accrescenta:—"Das palavras do chronista, parece deduzir-se que, ao contrario de Bastião Alvares, que subiu contra a corrente, João Coelho de Sousa desceu a favor della, provavelmente por ter chegado ao rio São-Francisco pelo Paraguaçu..."

Ha quem creia ter sido a narração de Adorno, feita a seus hospedeiros no engenho de Jequiriçá, o movel da arremettida de João Coelho de Sousa, já affeito a captivar indios no interior, para os recessos que aquelle devassara. Corre, todavia, como certo que João Coelho de Sousa, salteado pela morte, depois de tres annos de continuas e inuteis porfias, mal regressara do sertão, sem ter podido reiterar o feito em entrada mais

proveitosa, legou a indicação de suas pesquisas a Gabriel Soares de Sousa, seu irmão ("sobrinho", diz Diogo de Vasconcellos, em sua "Historia antiga das Minas-Geraes", 15), a quem recommendou impetrasse auxilio do soberano, pois as opulencias por elle vistas no *hinterland* brasileiro bastariam a tornar a corôa ibérica a mais rica do mundo.

Como quer que seja, Gabriel Soares de Sousa, que estava em nossas plagas desde 1567, partiu para a Europa, em agosto de 1584, afim de entregar a Christovam de Moura o relatorio (30) que traçara sobre as possibilidades economicas do Brasil e conseguir os meios de que necessitava para a faina ingente, que planejara, de descobrir os annunciados thesouros. Obtidos, após grandes delongas, a patente regia de capitão-mór e governador da conquista e descobrimento do rio São-Francisco, alvarás de honras e mercês, assim como a ajuda material e ordens de outros supprimentos (31), embarcou-se Soares para o Brasil, em 7 de abril de 1590, trazendo umas 364 pessoas, inclusive quatro frades carmelitas, na urca flamenga *Grifo-Dourado*, que dois mezes depois naufragava na enseada do Vasabarris. Perdeu-se toda a fazenda da nau, isto é, *deu tudo em vasabarris* (affirma Diogo de Vasconcellos, que dahi nasceu o expressivo proloquio); mas a gente, toda salva, marchou por terra para a Bahia, onde d. Francisco de Sousa, cumprindo os

---

(30) A. Zeferino Candido («Brasil», 307-320) contesta, com argumentos ponderosos, seja Gabriel Soares de Sousa o autor do «Roteiro geral» ou «Tratado descriptivo do Brasil em 1587». Com o erudito cultor da historia patria, qual é Theodoro Sampaio, cuja opinião colhemos de viva voz, propendemos a crer seja esta obra uma especie de relatorio geral da colonia luso-americana, mandado fazer pelo governo de Philippe II, logo após a junção dos dois paizes ibericos sob o mesmo sceptro dos habsburgos. Nada obsta a que Gabriel Soares tenha sido um dos autores, talvez o relator, de tal trabalho, o que explicaria a entrega official do mesmo por elle feita em Madrid a Christovam de Moura, em 1.º de março de 1587.

(31) Nada menos que dez alvarás e duas cartas régias, referentes a estas materias da expedição de Gabriel Soares, constam de fls. 77 a 180 do tomo I dos «Registos do Conselho Ultramarino», códice apógrapho, pertencente ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

mandados regios vindos então da côrte, reforçou a leva com 200 índios, enquanto Soares refazia os provimentos para a sustentação do seu numeroso sequito na aventureira jornada. Em maio de 1592, partiram da Bahia os exploradores. Chegando á serra do Garirú (Quarerú), levantaram um forte, pois que a provisão real determinara tal medida, de 50 em 50 leguas pelo menos; attingindo a essa distancia pela segunda vez, já nas cabeceiras do Paraguaçu, nas proximidades do ponto a que poucos annos atrás havia chegado João Coelho de Sousa, nova fortaleza foi erguida. Ahi morreu Gabriel Soares (32), a quem o impaludismo alquebrara as forças, seguido na sepultura pelo indio Aracy, guia do bando. Informado dessas perdas, d. Francisco de Sousa, em lugar de attender ao pedido de reforços, feito por Julião da Costa, que assumira o commando da leva e queria proseguir as diligencias, ordenou-lhe que retrocedesse para a Bahia, com toda a comitiva sobrevivente, apoderando-se dos roteiros o ambicioso governador, que depois requereu e obteve para si "os mesmos privilegios e concessões outorgados a Soares, e ainda outros mais", afim de exploral-os como particular, "apenas largasse o governo", conforme assegura o fidedigno Varnhagen (33).

*Cyclo sergipano* — Das expedições anteriores, em que a mira predominante era, mais que a do ouro, a das pedras coradas, e, já no fim, a do metal branco, passa-se, sem esforço, para as arrancadas ao sertão, em busca de prata, cujo fóco de irradiação foi o territorio sergipano, onde se creou uma das lendas mais curiosas da historia do Brasil. Era um consectorio natural da tradição corrente da *serra resplandecente* e do *El-Do-*

---

(32) Uns dois meses após a partida, porque o seu testamento foi aberto a 10 de julho de 1592 («Tratado descriptivo do Brasil em 1587», ed. varnhageniana de 1879, pag. XXV).

(33) «Tratado descriptivo do Brasil em 1587», ed. de 1879, pag. XXIII. D. Francisco de Sousa, no começo do seculo XVII, em São-Paulo, continuava preocupado com as minas de metal branco. Investigou-o pessoalmente em Biracoyaba, e, em 1601, fez partir em busca de prata a bandeira de André de Leão.

*rado*, que tanto deviam intensificar os sonhos de riqueza dos lusitanos e dos mamelucos (34).

Essas expedições sergipanas estiveram por muito tempo envoltas em densa sombra de mysterio, que o eminente Capistrano de Abreu em bôa hora espancou com o descobrimento e publicação da carta de Pedro Barbosa Leal ao conde de Sabugosa, escripta em 22 de novembro de 1725 ("Roberio Dias e as minas de prata, segundo novos documentos", "Rev. da Secç. da Soc. de Geogr. de Lisbôa no Brasil", ns. de setembro e outubro de 1885). As "Relaçoes feitas pelo Coronel Pedro Barbosa Leal do Certão, e Minas desta Capitania em que aponta varios Roteyros, e outras noticias, e tambem o que observou e achou estando na Jacobina e Rio das Contas", — de que se serviu o doutissimo Capistrano, — acham-se, de fls. 138 a 149, no "Index de varias noticias pertencentes ao estado do Brasil, e do que nelle obrou o Conde de Sabugoza no tempo do seu governo", manuscripto pertencente ao archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, onde tem o n. 346.

Reproduziu parcialmente a extensa carta, em sua "Historia de Sergipe" (pags. 49-65). Felisbello Freire, que, entretanto, não a cotejou com os demais documentos que a esclarecem ou rectificam. Sobre o interessante assumpto ha tambem referencias nos escriptores antigos, como Barloeus, Rocha Pitta, Jaboatão, Severim de Faria, e nos modernos, como Accioli, Silva Acauã, Vieira de Aguiar, Silva Lobo; e Calogeras, no seu excellente trabalho (II, 438-451), occupa-se, com detença, do que elle tão acertadamente denominou "a chimera de Belchior Dias".

Vejamos o que nos foi licito colhêr de positivo quanto ás entradas sergipanas.

---

(34) Sobre a lenda da *serra resplandecente*, isto é, da *Sabará-buçú* e das *Esmeraldas*, — chimera de tanta influencia na expansão geographica do Brasil, — merecem lidas as opiniões de Theodoro Sampaio («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», V, 93-94) e de Orville Derby (ob. cit. 279-288), este notadamente quanto á identificação de *Sabará-buçú*.

Belchior Dias Moreya, neto do celebrado Caramurú e primo (segundo o autor do "Novo orbe serafico brasilico", pag. 54) de Gabriel Soares de Sousa, tomara parte na expedição de Christovam de Barros, realizada entre 1587 e 1590, para a conquista de Sergipe, e estabelecera-se alli, á margem do rio Real, com fazendas de criação. Instigado pelos companheiros sobrevividos de Gabriel Soares, que o toram convidar no seu remanso bucolico para proseguir as pesquisas que a morte daquelle interrompera, Belchior, dois annos apos o trespasse de Soares, apresentou a nova entrada, que longamente percorreu o sertão durante oito annos, ao ponto de suppor a familia do cabo destemeroso e pertinaz que este houvesse perecido nos recessos do *hinterland* cobigado. Como é licito acreditar, por informação de documento authentico, que a volta da leva de Belchior se deu em 1604, deve ella ter partido em 1595 ou 1596. Eis, contorme a reconstituição feita pelo erudito Calogeras e resumida por nos, o itinerario da jornada do neto do Caramurú: — Saiu a leva das margens do rio Real e buscou a directriz do Itapecurú, desviando-se dahi para pesquisar o sertão do Massacara, passando pela serra do "Bendutayú" (inassimilavel a qualquer das de nome moderno) e examinando em seguida a do Piquaraça ou Monte-Santo; dahi rumou para a Itiuba e para a serra da Jacobina; embrenhando-se mais para o oeste, subiu pela margem do rio do Salitre até á serra Branca e a de Açuruá, correndo depois as cabeceiras dos valles dos rios Verde-de-baixo e Pará-mirim, galgando este até á aldêia de "Tubajaras", que é talvez a Macaubas de agora; suppõe-se que percorreu tambem o bordo oriental da Chapada-Diamantina; procurando voltar ao valle do São-Francisco, foi ter ao Curuçá e á serra do "Oroquery", onde descobriu amethystas e salitre; e, finalmente, continuando para léste a marcha de retorno, chegou a Itabaiana, donde se recolheu ao ponto de partida.

Foi Belchior a Madrid, afim de obter do soberano o premio do seu titanico esforço; mas, após quatro annos de instancias infructiferas, regressou desanimado para a patria. Pela carta de Belchior ao Duque de Lerma, datada de 9 de julho de 1614, póde-se precisar a época em que elle esteve na côrte iberi-



ca, pois assim diz: — “Achando-me nessa Côrte a seis annos em que nella gastei quatro”, — donde se conclue que elle esteve em Madrid de 1608 a 1612. Assegura Barbosa Leal que Belchior voltou segunda vez á côrte espanhola, onde passou dois annos, sem nada conseguir do que queria. Não consta isso dos documentos, mas sabe-se, por uma das cartas do sertanista, que este ainda mais tarde mandou a Madrid o seu sobrinho Domingos de Araujo, a renovar o pedido e as promessas anteriores, nada logrando da metropole.

Merece considerado á parte um episodio das façanhas de Belchior Dias.

Relata o seguinte a citada carta de Pedro Barbosa Leal (conservamos a graphia do original, pois copiámos fielmente o trecho):

“Achauaçe a este tempo gouernando Pernambuco Dom Luiz de Souza, avo ou bisavo do S<sup>r</sup> Marques de Minas, e tendo noticias dos grandes descobrimentos q. havia feito Melchior Diaz, e da sua descomsollação, lhe escreueo que se guardace nas merçes que pertendia de S. Mag<sup>de</sup> que elle queria ser seu procurador p<sup>a</sup>. alcançar na Côrte aquellas que pudece conseguir; sugeitouçe o velho Melchior Dias a aquelle Messenas cançado já dos seus trabalhos, da sua velhiçe, e de tantos baldados Requerimentoz.

“Protegeo Dom Luiz de Souza o Requerim<sup>to</sup>. de Melchior Dias na Côrte offereçendoçe para com elle examinar e certificar humas e outras Minas alcanssando em primeyro Lugar a promessa do titollo de Marques das Minas para sy que então teue principio este titollo tendo a sua confirmação depoiz da aclamação do Rey Dom João o 4.<sup>o</sup> e p<sup>a</sup>. Melchior Dias algumas merçes que se lhe destinauão. Conseguido este despacho escreueu Dom Luiz de Souza de Pernambuco a Melchior Dias que S. Mag<sup>de</sup>. lhe tinha deferido as merçes cujo Rescrito ficaua em sua mão para lho entregar quando se ajuntaçem para aquella dilligencia, e que em tal tempo o foçe esperar ao ryo de São Francisco para ahi se emcorporarem e darem principio ao descobrimentos, cuja carta firmada pelo dito Gouernador Dom Luiz de Souza se acha em meu poder. Resolueusse depoiz vir a B<sup>a</sup>.

emcorporarse com o governador della o Sr. Dom Francisco de Souza, seu primo para ambos fazerem entrada ao reconhecimento das minas. Deseo Melchior Dias a Bahia para guiar, e acompanhar os governadores como fez.

“Parece que Melchior Dias Moreya com o uzo das vezes que foi aquellas côrtes se fez pulitico e soube seguir algumas massimas que nellas se praticão porque contão os seus descendentes que tendo peitado e obrigado a hum paje particullar de hum dos governadores este sendo imcomfidente a seu amo reuelara ao dito Melchior Dias que converssando ambos os governadores sobre as merçez que El Rey lhe fazia dissera hum para o outro mostre elle as minas q. o Caboucollo para que quer merçez de que proçedeo entrar em descomfiança de q. rezultou o seguinte.

“Partirão da B<sup>a</sup>. os dous governadores com Melchior Dias que os leuou direitos a serra da Itabayana e que chegando a ella dissera aos governadores que Suas Senhorias estauão com os pez sobre as Minas mas que lhas não mostraua sem que lhe entregaçem primeyro a carta de merçez que Sua Mag<sup>de</sup> lhe fazia. Ao que lhe responderão que mostraçe as minas que as Mercês estauão sertas e se lhe entregaria o Aluara de S. Mag<sup>de</sup> depoiz que as mostraçe; pairesse que ao mesmo tempo que cresseo a duuida em os governadores, cressia mais a primeyra descomfiança de Melchior Dias que se resolveo a não patentiar os descobrimentos pello que se precizarão os governadores a prendello querendo por este meyo obrigarlo a mostrar o que sabya, e vendosse prezo os leuou a hum Serrote que chamão das Minas em meyo dos campos da Itabayana em o qual fazendoçe exame se achou humas pedras çraudas de marquezita branca que não derão de sy prata algua, a vista do que voltarão os governadores p<sup>a</sup>. a praça da B<sup>a</sup>. e Melchior Dias prezo na Cadeya della o obrigarão a pagar nove mil cruzados que se tinha feito de despeza na jornada.

“Vendoçe Melchior Dias com dous annos de prizão e por não pagar os nove mil cruzados se resolveo em dezcobrir e mostrar tudo o que sabia ao que acodio P<sup>o</sup>. garcia o Velho e outros parentes escandallizados do mau tratant<sup>o</sup>. que lhe havião feito

os governadores, dizendolhe que não descobrisse nem mostraçe nada, e pagace os nove mil cruzados que elles supriião com elles, e com efeito pagou os nove mil cruzados foi solto p<sup>a</sup>. o ryo Real aonde passados dous annos falleceo deixando todas as noticias daquelles descobrim<sup>tos</sup> sepultadas com a sua morte que succedeu em o anno 1619, tendoçe passado maiz de hum secullo sem que se tenha com certeza averiguado os Lugares daquellas Minas”.

Ha ahi alguns enganos, que têm gerado erronias deploraveis por parte dos historiadores modernos.

Ao tempo em que esteve d. Luiz de Sousa em Pernambuco, isto é, entre 1612 e 1616, não só Belchior Dias estava ainda cuidando directamente de obter da metropole as desejadas mercês (do que é prova a carta de 9 de julho de 1614, depois da qual, parece, foi que mandou á côrte seu sobrinho Domingos de Araujo), como tambem não era governador da Bahia nenhum d. Francisco de Sousa, pois este, nomeado a 15 de junho de 1608 administrador geral da Repartição do Sul, fallecera em São-Paulo a 10 de junho de 1611. Quem, ao tempo das negociações entre d. Luiz de Sousa e Belchior, podia estar no governo da Bahia, era Gaspar de Sousa, que, segundo a “Historia militar do Brasil” (35), de d. José de Mirales, exerceu aquellas funcções desde 1614 até 1.º de janeiro de 1617. Mas, quando se deu a entrada do neto de Caramurú a Itabaiana, já era governador da Bahia o proprio d. Luiz de Sousa, que, succedendo a Gaspar de Sousa, tomou posse do seu cargo em 1617 e nelle permaneceu até 12 de outubro de 1621 (Mirales, ob. cit., pag. 131).

Não foi, pois, nenhum d. Francisco de Sousa, nem mesmo Gaspar de Sousa, quem o acompanhou ao sertão sergipense. Foi, de facto, um collega de governo daquelles dois proconsules lusitanos, isto é, o representante da metropole na Repartição do Sul.

---

(35) Este excellente trabalho, escripto por 1762, foi dado integralmente á estampa nos «Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro», vol. XXII, e tirado em *separata* (Rio, Leuzinger, 1900). Mirales nasceu na Espanha em 1686; naturalizou-se portuguez e chegou ao posto de coronel no exercito lusitano; falleceu na Bahia, aos 84 annos, em 1770.

A prova disto é fornecida por uma testemunha presencial do acontecimento, Salvador Correia de Sá e Benevides, que, a 3 de maio de 1677, dando o seu parecer, como membro do Conselho Ultramarino, sobre requerimentos de Jorge Soares de Macedo em relação ás minas de Itabaiana, assim se exprimiu, num clarissimo trecho decisivo (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.”, LXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 9-10); — “Que na era de 618, indo seu pae Marthy de Sá deste reino a governar o Rio de Janeiro segunda vez, e elle conselheiro voltando em sua companhia, tomando a Bahia acharam governando a D. Luiz de Souza, que depois foi Conde do Prado, e lhes pedira fossem com elle ás minas de Itabaiana, donde as pedras tinham tanta maracacheta que todos se persuadiram (e o mesmo mineiro) a que tinham achado muita prata; fizeram-se ensaios por fogo, e azougue, por este nada, e por aquelle fumo”.

O mineiro, a que se refere Salvador Benevides, é de certo Belchior Dias Moreya.

Pela carta do coronel Barbosa Leal, acreditava-se que o famoso sertanista houvesse fallecido em 1619. Mas Felisbello Freire (ob. cit., 34) affirma que, pelo testamento, que possuia, de Belchior Dias, este ainda era vivo em 1622, anno presumivel da sua morte. E, assim, os factos narrados se conciliam com as datas mais verosimeis: — a entrada foi em 1618, Belchior esteve preso na Bahia até 1620, e, posto nesse anno em liberdade, foi morrer em 1622 na sua fazenda do rio Real.

O não ter querido o neto do Caramurú revelar as riquezas do sertão sanfranciscano, riquezas de ouro e de prata, sobretudo desta ultima, que elle dissera haver tanta “como ferro em Bilbão”, foi o que deu origem á lenda celebre das *minas de prata*, que atravessou todo o resto da nossa evolução colonial.

De Robelio ou Roberio Dias, filho natural e herdeiro unico de Belchior, a quem se attribuiram, até poucos annos atrás, as façanhas deste, não existe prova alguma de que houvesse penetrado os sertões, em busca das opulencias mineraes descobertas pelo genitor. Foi Rocha Pitta, em sua “Historia da America Portuguesa” (pags. 98-99 e 197 da ed. de 1880), e a poder das bellas tintas do seu estilo gongorico, quem, erroneamente,

deu ao filho de Belchior Dias a autoria das proesas que o pai fôra o unico a realizar. Quando se esclareceu o interessante episodio, já este, com as falsas côres primitivas, andava disseminado pelos livros de historia, vulgarizado pelos compendios didacticos, e abrira margem a um dos mais empolgantes romances saídos da penna de José de Alencar.

A expedição de Belchior Dias Moreya, entretanto, foi a geratriz de varias outras, que, por todo o seculo XVII e começos do XVIII, andaram baldadamente batendo o sertão.

Na carta do coronel Pedro Barbosa Leal assevera-se a existencia de uma entrada, dirigida por Francisco Dias d'Avila (36), sobrinho de Belchior Dias Moreya, a mandado do governador-geral do Estado do Brasil, Diogo Luiz de Oliveira, "depois do anno de 1628".

Ha sobre essa leva uma peça historica interessantissima, baseada em informações de Domingos Fernandes Calabar, testemunha presencial, e que é o relatorio de Walbeeck á Companhia seada em informações de Domingos Fernandes Calabar, testetuto Hist. e Geogr. Bras., na collecção denominada "Documentos para a Historia do Brasil, colligidos na Hollanda pelo Encarregado de Negocios Joaquim Caetano da Silva". Eis o trecho pertinente, constante do tomo I ("Documentos em hollandez, de 1628 a 1634, com traducção franceza", "códice n.

---

(36) Mirales (ob. cit., 130), ao tratar do capitão-mór Balthazar de Aragão, que interinamente governou a Bahia entre d. Diogo de Menezes e Gaspar de Sousa, affirma ter elle, em 7 de setembro de 1613, passado a Francisco Dias d'Avila uma patente, na qual o constituiu capitão da gente do districto do rio de Jacuhype, até ao rio Real. Seria este o mesmo Francisco Dias d'Avila que realizou a entrada de 1628, ordenada por Diogo Luiz de Oliveira? Seria o mesmo Francisco Dias d'Avila que, segundo F. A. Pereira da Costa («Noticias sobre as comarcas da provincia do Piauhys», pags. 110), foi um dos companheiros de Domingos Affonso Mafrense, na conquista do Piauhys, onde fundou Jeromenha? — De um passo da carta de Pedro Barbosa Leal, em que se refere a *Francisco Dias o velho*, é licito concluir que a actividade deste se estendeu até meados do seculo XVII, devendo attribuir-se a um seu filho homonymo as façanhas do descobrimento e povoamento do sertão piauhysense.

308, fls. 236 v.º a 237”), sob a epigraphe “Rapport de Conseil Politique que en Brésil Jean de Walbeeck fait aux Directeurs de la Compagnie des Indes Occidentales le 2 Juillet 1633, lu par les États Généraux le 11 juillet 1633”:

— “Vos Honorables Noblesses ont souvent demandé dans leurs lettres d’avoir quelques éclaircissements à l’égard des mines découvertes près de Rio S. Francisco; en parlant ici de la situation intérieure du Brésil, je peux en même temps faire mention de ce qui est venu à ma connaissance à ce sujet. *Après que les Portugais avaient reconquis la Bahia*, Francisco Dias d’Avila, ayant appris quelques particularités à l’égard de la richesse des mines de Cormoru (*Caramuru*, denominação que os holandezes deram ás minas de Itabaiana, por causa da ascendencia de Belchior Dias) par les informations à lui delaissées par son père, a entrepris une expédition vers ces lieux, accompagné de trente personnes. Ils sont partis de la demeure du dit Francisco (située 12 lieues au nord de la Bahia), cheminant pendant six semaines, toujours dans la direction vers le nord, jusqu’à ce qu’ils sont arrivés aux mines susdites; étant là, ils ont trouvé d’être sous le même degré que la ville d’Olinda et ils apprirent par les Tapuyes qui habitent cette montagne qu’en traversant en ligne transversale le pays, on peut y arriver en quinze jours. Ces mines sont si riches en argent, d’après le rapport de Sir Domingo Fernandes (une personne dont nous sommes beaucoup servis en Brésil, et d’après le rapport duquel, comme il a été avec dans cette expédition, je raconte ceci), qu’elles égalent celles comme il y en a découvertes quelques-unes au Pérou ou à Nueva-Hispania; et le salpêtre y est également en grande abondance; mais la découverte et exploitation ultérieures de ces mines n’a pas été effectuée à cause des disputes qui se sont élevées à ce sujet entre le gouverneur de la Bahia *don Louis de Souza* et le dit Francisco Dias. *et peu après la perte de Pernambuco a eu lieu*; mais comme j’apprends que Guillaume Jaosten Glimmer, le commandant de Vos Honorables Noblesses à Isla Fernando, a été un de ceux qui ont accompagné le dit Francisco, j’ai lieu à croire que Vos Honorables Noblesses en

ont eu déjà des informations plus amples et plus claires que moi je en saurais en donner”.

Embora Walbeek não haja precisado a data da expedição, as expressões que acima deixámos gryphadas, “*après que les Portugais avaient reconquis la Bahia*” e “*peu après la perte de Pernambuco a eu lieu*”, evidenciam que a jornada se realizou depois de 1625 e pouco antes de 1630 (37).

O erudito Capistrano de Abreu, confundindo a leva de Francisco Dias d’Avila com a de Belchior Dias Moreya, quando este acompanhou os governadores d. Luiz de Sousa e Martim de Sá a Itabaiana, assim se exprime no seu interessante escripto “Memorias de um frade” (“Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pernambuco”, XII, 54, nota):

— “A mais antiga noticia que encontrámos do porto-calvense (*Calabar*) refere-se a uma entrada á serra de Itabayana, em Sergipe. Nessa expedição tomaram parte d. Luiz de Sousa, governador-geral do Brasil; Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro, e seu filho Salvador Correia de Sá e Benevides; e Willem Joost ten Glimmer, mais tarde commandante da ilha de Fernão de Noronha. Iam examinar as famosas minas de prata de Melchior Dias, que tambem os acompanhou (o qual Rocha Pitta, escrevendo de outiva, chrisinou de Roberio Dias). A data, segundo Salvador Corrêa, foi 1620”.

Ora, de accôrdo com os melhores elementos probantes, é licito crer que a expedição de Dias d’Avila (da qual fizeram parte Calabar e Glimmer, segundo Walbeek) se realizou em

---

(37) Orville Derby, em sua monographia intitulada «Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S.-Paulo», IV, 329-350), inseriu uma pessima traducção do relatório de Walbeek, feita pelo sr. E. Hollender, que, por exemplo, verteu «j’apprends» por «tenho razões para acreditar», quando o certo é «eu sei» ou «eu conheço». Improcede, pois, a duvida de Derby, — baseada no vago da expressão mal traduzida, — quanto á comparticipação de Glimmer na entrada de Francisco Dias d’Avila. Nem houve, como pretende aquelle sabio, confusão alguma por parte de Walbeek, entre a leva de 1628 ou 1629 e a jornada de 1601; e, si Varnhagen não destrinchou bem esses episodios, foi por não ter examinado convenientemente os documentos que lhes diziam respeito.

1628 ou 1629, ao passo que a de Belchior, acima referida, foi em 1618 (não "1620", como diz Capistrano), conforme o depoimento de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que tomou parte nella e cujas palavras a esse proposito deixámos transcriptas atrás.

Mas não pararam ahi as entradas em busca dos thesouros do sertão sergipense.

Como uma cópia do primitivo roteiro de Belchior Dias Moreya passasse ás mãos do padre Antonio Pereira, parente de Francisco Dias d'Avila, aquelle sacerdote, em 1655, encarregou os irmãos Calhelhas, residentes nas vizinhanças de Itabaiana, e que se chamavam João Lourenço e Manuel, de proceder a novas investigações, de accôrdo com os dados do precioso papel. Mas parece que os informes eram demasiado vagos e as serras eram muitas, o que impossibilitou o exito de mais esta tentativa, cujos pormenores são ignorados.

Outra, incumbida pelo governador Affonso Furtado (1671-1675) a um bisneto de Belchior Dias Moreya, o coronel Belchior da Fonseca Saraiva Dias Moreya, por alcunha o "Moribéca", deu em consummada burla. Dirigiu-se este ás cabeceiras do rio Real e ás do Jabibiry, e de uma serra do Caniny tirou algumas amostras de mispickel, que entremeiou de minerios de prata, pertencentes ao espolio de seu bisavô, entregando tudo isso ao preposto regio, como novo e valioso achado, que o proconstul lusitano logo remetteu para Lisbôa, por intermedio de seu proprio filho João Furtado. Naufragou em Peniche a embarcação que o levava, perdendo-se assim os indicios da simulada riqueza.

Como, no entanto, as informações de Affonso Furtado, — de cuja boa-fé abusara o "Moribéca", — foram acreditadas pelo soberano, Calogeras presume, razoavelmente, que a tal facto se liga a missão de d. Rodrigo de Castello-Branco, enviado de Portugal, em 1673, como *administrador das minas de prata de Itabaiana*. O fidalgo castelhano, logo depois que aportou á Bahia, fez uma rapida excursão a Itabaiana, onde não achou mineraes que valessem a pena de abrir-se lavra. Não obstante isso, encarregou de novas pesquisas ao seu cunhado Jorge Soa-



res de Macedo e a João Peixoto Viegas (a quem se devem taes noticias), os quaes não foram mais felizes do que o seu chefe.

D. Rodrigo, em 1677, foi mandado seguir para o sul, para as minas de Paranaguá e de Sabarabuçu, região onde o iremos reencontrar, quando estudarmos o movimento bandeiristico que teve por fóco São-Paulo.

Mas "a illusão da existencia, no Brasil, de novos Potosis (observa Calogeras, II, 463) durou cerca de seculo e meio, de meados do XVI até fins de XVII. Cessou, então, quasi por completo". Com effeito, ainda em 1694 e 1696 se realizavam mais duas expedições ligadas á "chimera de Belchior Dias", e ambas ordenadas por d. João de Lancastro (succedeu a Camara Coutinho em 22 de maio de 1694 e deixou o cargo a 3 de julho de 1702), a impulsos do governo da metropole. A primeira foi outra vez chefiada pelo "Moribéca", o qual subiu pelo rio Real, chegou a Monte-Santo, e voltou pelo Coraçá e pelo São-Francisco, recolhendo-se á sua fazenda, sem dar satisfações ao governador. A segunda foi commandada pelo coronel Pedro Barbosa Leal. Este, instruindo-se pelos documentos do neto do Caramurú, encontrados em poder dos parentes, e tendo ainda recorrido ao "Moribéca", internou-se pelo sertão do Piquaraçá, foi á Jacobina, passou pelos campos do Coraçá, pela serra do Orocory, onde achou amethystas, e, descendo o São-Francisco, foi parar em Itabaiana, onde se lhe deparou ouro, de que remetteu as amostras ao governador do Estado.

Segundo o relato de Barbosa Leal, d. João de Lancastro, em 1697, mandou o capitão-mór Damião Cosme de Faria e o sargento-mór Manuel do Rego Pereira ás serras de Sapucaia, afim de reconhecer-se a legitima serra da Jacobina, o que elles fizeram, identificando com esta a serra chamada pelos indios "Itacupeburá", isto é, serra da Pedra-Furada. Seguindo as indicações do velho João Calhelha, aquelles mesmos expedicionarios, aos quaes se juntou João Pereira Pimentel, voltaram no começo do seculo XVIII (1701 ou 1702) á região da Jacobina, descobrindo minas de ouro em Pindobuçu. Mas, por ordem vinda da metropole, d. Rodrigo da Costa (succedeu no governo

geral do Estado a d. João de Lancastro em 3 de julho de 1702 e exerceu o cargo até 8 de setembro de 1705) mandou suspender taes explorações. Só mais tarde, em 1721, foi que se proseguiram as diligencias alli em tal sentido, tendo ainda o coronel Barbosa Leal investigado o sertão, na vertente oriental da serra da Jacobina.

Que a crença de existir prata na propria grande região do ouro ainda subsistia activamente em fins do seculo XVII e começos do XVIII, — provam-n-o as patentes de 15 de outubro de 1698, dadas a Manuel de Borba Gato, de “tenente-general na jornada do descobrimento da prata de Sabarabussú”, e a de Garcia Rodrigues o moço, em 3 de janeiro de 1702 (documentos existentes no Archivo Nacional), ambas firmadas por Arthur de Sá e Menezes (governador da Repartição do Sul, de 1697 a 1702), sendo que pela segunda Manuel de Borba Gato foi tambem mandado acompanhar ao mineiro Antonio Borges de Faria em busca de minas de prata pelo sertão.

*Cyclo cearense* — As pesquisas de archivos e demais trabalhos da brilhante pleiade que, no Ceará, sob a provecta direcção do nosso benemerito compatriota Barão de Studart, desde muito se vem votando ás investigações do passado nacional, permitem-nos abrir capitulo para as entradas que se effectuaram naquelles recessos septentrionaes, ao alvorecer do seculo XVII.

Sucedendo a d. Francisco de Sousa no governo geral do Brasil, Diogo Botelho (1.º de abril de 1602 a 7 de janeiro de 1608, conforme as averiguações do dr. Vieira Fazenda), cogitando da dilatação da fé e da defesa territorial contra os estrangeiros, assim como das riquezas metallicas da orla litoranea do norte, qual se vê das instrucções que deu a Pero Coelho de Sousa em 26 de janeiro de 1603 (“... procurará por todos os modos licitos descobrir todas as minas, assim de *ouro* como de *prata* ou *pedras*...”, “Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.”, LXXIII, p. 1.ª, 41), encarregou áquelle cunhado de Fructuoso Barbosa, tão infeliz como este na conquista da Parahyba, a chefia de uma leva, composta de 65 soldados e 200 indios auxiliares, ajudada por alguns barcos de mantimentos e munições, para o referido escopo.

Partindo em julho de 1603, a expedição seguiu a orla atlântica, indo parar, um mez depois, á foz do Jaguaribe, onde construiu um fortim ou abrigo, a que foi posto o nome de São-Lourenço; captada a confiança dos selvicolas da região, proseguiu a avançada, acampando junto á enseada do Muricupe, e, logo após, á barra do rio Ceará; dahi, rumando sempre para o norte, sem se afastar da orla marítima, estanciou em Jericoacoara e nas matas do Iburá-quatiára (como diz frei Vicente do Salvador), chegando ao Camocim. Deste ponto, a 19 de janeiro de 1604, foi que fez a escalada de Ibiapaba, após tremenda refrega contra os tabajaras, que defenderam valentemente os seus dominios naturaes. Conquistada a serra, assim como a alliança dos seus bravos incolas, continuou a expedição no rumo do norte, alcançando as ribas do Parnahyba ou Punaré. Quiz Pero Coelho ir mais longe; mas os seus commandados, vencidos pelas fadigas, recusaram-se a obedecer-lhe. Imposta, assim, a necessidade do regresso, foi este realizado em meio de enormes difficuldades. Attingindo, em 25 de julho de 1604, á foz do rio Ceará, o capitão ahi fundou uma colonia, ou, melhor, um posto fortificado, "São-Tiago", como base de "Nova-Lishôa", denominação da cidade que alli esperava ver surgir mais tarde.

Mandara pedir soccorros a Diogo Botelho; mas, desesperançado de que lhos enviasse o governador, Pero Coelho marchou para o Rio-Grande-do-Norte, donde, depois de haver descansado no abrigo de São-Lourenço (hoje Aracaty), seguiu para a Parahyba, transportando-se, finalmente, dalli para Pernambuco.

O governador-geral, entretanto, despachara-lhe um reforço de gente e viveres, sob o commando de João Soromenho. É certo, porém, que este, a exemplo de Pero Coelho, se limitou a prear os indigenas da região, escravizando tanto os alliados como os inimigos.

Segunda vez, Pero Coelho, animado pela prêza abundante que fizera na primeira entrada, montou nova sortida ao sertão, levando comsigo a esposa e os filhos. Parece que esta expedição não teve o apoio official. Penetrando no Ceará,

viu-se tão falho de recursos, e em tão serias collisões ante a resistencia dos elementos e dos indios, que teve de bater em retirada, rumo do Rio-Grande-do-Norte, assistindo, nessa lóbrega jornada, á morte de alguns dos fructos de seu sangue. Abandonados dos companheiros, Pero Coelho e sua mulher, d. Thomasia, mal puderam chegar, em começos de 1606, ao estuario do Potengy, onde já se haviam erguido os primeiros fundamentos da hoje cidade do Natal (38).

Embora se mallograsse, a todos os respeitos, a tentativa de Diogo Botelho, este, já não cogitando mais das opulencias metallicas, mas da redução dos potyguaras e tabajaras ao estado de paz com os portuguezes, deputou-lhes a missão religiosa confiada aos jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira.

Partiram estes de Pernambuco a 20 de janeiro de 1607, numa embarcação que levava tambem 60 indios auxiliares.

Desembarcados na foz do Jaguaribe, seguiram, talvez até á enseada de Paracurú, o roteiro de Pero Coelho; mas, daquelle ponto em deante, transpuzeram os rios Aracaty-açú e Acaraú e galgaram a serra de Uruburetama, em demanda da de Ibiapaba. Alli, os tacarijús trucidaram o padre Pinto, a 11 de junho de 1608, escapando Luiz Figueira, pela fuga, á sanha dos selvagens (39).

A exploração de riquezas metallicas só mais tarde é feita no sertão cearense, em São-José-dos-Cariry e outros pontos, como se póde ver dos escriptos do Barão de Studart e do "Diccionario das minas do Brasil", de Francisco Ignacio Ferreira, mas tudo sem resultados apreciaveis, quer quanto aos lucros materiaes, quer quanto á expansão geographica.

Aos cyclos sergipano e cearense vinculam-se muito estrei-

---

(38) Sobre as expedições de Pero Coelho de Sousa dá interessantes e veridicos pormenores frei Vicente do Salvador, ob. cit., livro IV, caps. XXX e XLIII.

(39) Sobre este episodio, e, mais particularmente, sobre os serviços prestados pelo padre Luiz Figueira, veja-se a «Relação do Maranhão», dirigida por aquelle jesuita, em 26 de maio de 1608, ao geral da Sociedade de Jesús, Claudio Aquaviva, assim como os «Documentos para a Historia do Brasil e especialmente a do Ceará», III, 97-121, — publicação devida ao illustre Barão de Studart.

tamente as interpezas de equal escopo, devidas aos invasores neerlandezes. Adstringimo-nos a copiar o que sobre ellas escreveu, em summula sufficiente ao nosso proposito, o douto João Ribeiro, em sua "Historia do Brasil" (curso superior, 3.<sup>a</sup> ed.), pag. 290: — "Os hollandezes do Brasil tambem tinham noticia official de *quatro minas de prata* na região conquistada; em 1641, Nassau fez partir do Recife uma expedição de 173 pessoas á cata de minas de ouro; della era chefe um espirito de eleição, Elias Herckmans, guerreiro, historiador e poeta, que narrou as peripecias da inutil jornada através das florestas ou do deserto sertão até ao morro mysterioso da Capoaíba (aliás *Copaóiba*). Outras empresas succederam, como a de Niemeyer, á busca das minas de Itabaiana, seguindo as pegadas de Melchior Dias, e repetidas outras no Cunhaú, Rio-Grande. Quasi ao findar o dominio hollandez, uma grande expedição, dirigida por Mathias Beck, que della escreveu um interessante *Diario*, velejou para o Ceará, onde se fizeram explorações regulares no Itarema e Maranguape, achando-se prata, mas em quantidade insignificante; a reconquista portugueza em 1654, quando chegou a noticia da capitulação do Taborda, dispersou os expedicionarios".

Até hoje não houve quem colligisse, em trabalho especial, todas essas jornadas dos bätavos em busca das opulencias mineiras do *hinterland* brasileiro, sobre as quaes ha referencias abundantes nas chronicas e documentos hollandezes.

João de Lyra Tavares, nos seus "Pontos de Historia do Brasil", á pag. 76, menciona tambem, como tendo attingido ao sertão da Parahyba, as entradas do governador Feliciano Coelho e de Duarte Gomes da Silveira (40), anteriores ás expedições flamengas, das quaes, além da de Herckmans, cita a de

---

(40) «Deveu-se-lhe muito na conquista da Parahyba e capitancias do Sul», eis o que de Duarte Gomes da Silveira affirma Loreto Couto («Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco», sep. dos «Annaes da Bibl. Nac.», pag. 431), que accrescenta haver elle sido «Marquez da Copaóiba» por Philippe IV, com a condição de fundar uma villa no dito lugar, o que não realizou, ficando assim sem effeito a mercê.

Rudolf Barau, esta para os lados da Princeza, onde constava existirem “verdadeiros thesouros”.

Notaremos, finalmente, que o “Diario da expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649” foi traduzido por Alfredo de Carvalho, prestante e culto servidor das nossas letras historicas, e publicado no “Livro do Tricentenário do Ceará” (1903); e subscrevemos a asserção de Calogeras (II, 448), quanto a taes tentativas dos neerlandezes, de que — “as explorações modernas nada confirmaram dessas jazidas de metal branco”.

*Cyclo espirito-santense* — Vistas, assim, muito perfunctivamente, as penetrações da faixa litoranea septentrional, — passemos a summariar o cyclo analogo que teve por scenario o Espirito-Santo, e ao qual ligaremos a segunda phase do bandeirismo espontaneo, que teve em São-Paulo o centro de irradiação.

Estas novas entradas, conforme bem pondera Calogeras (I, 392), orientam-se pelas derrotas de Tourinho e Adorno, preferindo, modificadamente, a daquelle, porque ainda perdurava nas capitánias de Ilhéos e Porto-Seguro o espantallo dos aymorés, cuja pacificação estava ainda por ultimar no fim do seculo XVI.

A 1596 attribue F. L. Leite Pereira (“Rev. do Arch. Publ. Min.”, II, 525) a viagem de Diogo Martins Cão, por ordem de d. Francisco de Sousa, á serra das Esmeraldas. Antes de iniciar a jornada, Martins Cão, de alcunha o “matante-negro” (assim, na “Historia da capitania de São-Vicente”, diz Taques, que, na “Nobiliarchia”, muda aquelle agnome para “magnata”) ou o “matador-de-negros” (segundo Silva Lisbôa, “Annaes”, II, 190), pediu o auxilio dos paulistas, obtendo-o de Antonio de Proença, que lhe forneceu um contingente de escravos armados, sob o commando de seu filho Francisco de Proença. Não tendo os expedicionarios descoberto riqueza alguma das procuradas, em 1598, foram ter á Bahia, donde Proença retrocedeu para São-Paulo, vindo em sua companhia, a mandado de d. Francisco de Sousa, Diogo Gonçalves Laço, o velho, com

o fim de investigar os descobrimentos de minas de ouro, effectuados por Affonso Sardinha e Clemente Alvares.

Refere Taques ("Informação sobre as minas de São-Paulo", na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras", LXIV, p. 1.<sup>a</sup>, 7) que d. Francisco de Sousa esteve em 1598 no Espirito-Santo, donde mandou 200 indios com destino a auxiliarem o lavor das minas de São-Paulo.

De novas penetrações na antiga donataria de Vasco Fernandes Coutinho, sabe-se que, após o mallogro da jornada de Cão e Proença, mais tarde se realizou alli a de Marcos de Azeredo, ou só, ou, mais provavelmente, acompanhado de seus filhos de igual cognome. Do parecer do Conselho Ultramarino, datado de 11 de novembro de 1644 (em "Annaes do Rio de Janeiro", de B. da Silva Lisboa, II, 197-200), vê-se que, mais de 30 annos antes de 1644, um Azeredo entrara no paiz das esmeraldas. Esse asserto vem em apoio do documento citado por F. L. Leite Pereira e do publicado pelo Barão de Studart (Calogeras, I, 394), dos quaes se infere que a viagem de Azeredo aos sertões do Espirito-Santo deve ter occorrido cerca de 1612. Diz o proficiente autor das "Minas do Brasil e sua legislação" que a róta de Azeredo pouco se afastou da de Tourinho, desde o rio Doce até ao Saçuhy; passando-se depois para o actual Araunã, chegou por terra a expedição á lagôa da Agua-Preta, e, afinal, á serra das Esmeraldas, soldando-se ahí o novo caminho ao da entrada de Adorno.

Levou Marcos ao soberano as pedras descobertas (Diogo de Vasconcellos, confiando de mais nos chronistas, chega a affirmar, em sua já citada obra, pag. 22, que entre ellas estava o "principal diamante que o Brasil exhibiu"), reconhecidas pelos lapidarios do reino como esmeraldas (41); mas, não lhe tendo sido pago o premio pecuniario promettido, deixou de

---

(41) Eis o que a esse proposito diz Orville Derby («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S.-Paulo», V, 259): — «A affirmação em memorial dos filhos de Azeredo, em 1643, de que este tinha descoberto diamantes, não merece grande credito. Para os exploradores daquella época (e por muito tempo depois), todas as pedras verdes eram esmeraldas e todas as azues, saphiras; mas nem todos chamaram *diamantes* a qualquer pe-

reencetar as pesquisas, como combinara na cõrte, e morreu sem transmittir a ninguem indicações precisas sobre a jazida que se lhe deparara na feliz jornada ao interior. Não faltaram, por isso, lendas que o equiparassem a Belchior Dias Moreyra, dando-o como fallecido no carcere e oppondo á ingratição do monarcha o silencio tumular sobre as opulencias que desvendara.

Depois de longo hiato temporal, resurgem as interpezas deste cyclo em 1634, com a tentativa dos jesuitas, sob a direcção do padre Ignacio de Siqueira, para attingirem ás jazidas das pedras verdes. Conhece-se esta missão exploradora pelas referencias que lhe faz o documento acima citado, de 11 de novembro de 1644. Os loyolistas, para se livrarem de uma divida de 150.000 cruzados, que onerava a sua provincia da Bahia, requereram licença ao então governador Diogo Luiz de Oliveira, afim de proseguirem os descobrimentos que Azeredo iniciara no sertão da capitania do Espirito-Santo. Obtida a permissão, vararam terra a dentro; mas os expedicionarios, apavorados pelo rasto de muito gentio, impuzeram ao chefe que regressassem ao ponto de partida, mallogrando-se desse modo a empreza.

Cogitando, porém, a corõa portugueza de pôr de manifesto essas opulencias escondidas, — foi Salvador Corrêia de Sá e Benevides nomcado, a 1.º de junho de 1644, governador e administrador-geral das minas da Repartição do Sul, expedindo-se-lhe o regimento de 7 de junho do mesmo anno. O parecer do Conselho Ultramarino, de 11 de novembro de 1644, approvedo dias depois pelo soberano, concluia se aproveitassem as aptidões de um filho de Azeredo, bem como dos jesuitas, sob a direcção do novo preposto regio. Dispondo-se os filhos de Marcos de Azeredo (Antonio e Domingos) a continuar á propria custa os descobrimentos das esmeraldas, iniciados pelo pae, partiram de Victoria a 16 de maio de 1646 ou 1647, com 37 homens brancos e 150 indios, em 25 canõas. Foi outro esfor-

---

dra branca lustrosa, porque a idéa de diamantes não tinha sido ainda suggestionada. Depois, e ainda até hoje, este ultimo erro tornou-se bastante commum.



ço perdido, como asseguram os historiographos, mais este tentamen, qual tambem se verifica, — dil-o acertadamente Calogeras, — “pela insistencia das pesquisas ulteriores”.

Fazendo uma embrulhada narração dos successos, Silva Lisbôa (II, 199 e 200) fala ainda em tres entradas no sertão do Espirito-Santo, levadas a effeito por Diogo de Azeredo Sampaio, *sobrinho* de Marcos de Azeredo, bem que do exposto antes pareça *neto*. Foram todas ellas infructuosas, attribuindo-se a segunda a 1649 e a terceira e ultima a 1653.

Ao periodo em que Salvador Corrêia de Sá e Benevides governou pela terceira vez (42) a Repartição do Sul (nomeado a 17 de setembro de 1658, assumiu o posto a 18 de abril de 1659 e deixou-o a 29 de abril de 1662) é que se inculca a renovação das explorações do sertão espirito-santense. Calogeras (I, 398), embora lhe dê como ignorados os fructos, admite a existencia de uma leva com aquelle fim, realizada em 1660 por Salvador Corrêia, que, em 1659, seguira para Victoria e dalli despachara a tropa, commandada por seu filho João Corrêia de Sá e auxiliada por um sertanista pratico, enviado de São-Paulo pelo capitão-mór, Antonio Ribeiro de Moraes. Orville Derby, porém, contesta que se haja effectuado tal expedição. Parece-nos que o acerto é deste, que não do erudito autor das “Minas do Brasil e sua legislação”. Com effeito, Salvador Corrêia de Sá e Benevides, tendo relacionado todos os serviços que prestára no Brasil, não incluiu no rol o devassamento do sertão do Espirito-Santo. No documento atrás citado (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.”, LXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 11), apenas diz elle o seguinte sobre os feitos da sua ultima gestão: — “Que a volta fôra ir a restaurar Angola e voltar a exercitar o posto de general das frotas, fabricar galeões, governar a repartição do Sul, ir a Pernaguá com cinco mineiros e muitos petrexos, azougues, ferramentas e mais ingredientes, tudo á sua custa, sem receber um tostão da fazenda real, nem

(42) A segunda nomeação de Salvador Corrêia de Sá e Benevides, para governador do Rio-de-Janeiro, — como consta da carta-patente exarada a fls. 84 v.º do tomo IV dos «Registos do Conselho Ultramarino», atrás citados, — é de 18 de fevereiro de 1647.

oitava de ouro para amostra; e no cabo apaziguar tres motins que duraram todo o tempo de sua auzencia no Rio de Janeiro, e trazer as seis amostras das fundições que se fizeram em sua prezença em Pernaguá; donde entende não ha minas de prata, porque em tres mezes, que ali assistiu, nem dez Affonsos Furtados haviam de trabalhar tanto, nem gastar mais fazenda propria, nem soffrer mais incommodidades de que elle conselheiro soube soffrer, e teve ainda animo para soffrelas no serviço de Vossa Alteza e bem da christandade". Como se vê, não ha ahi a menor referencia á expedição de 1659-1660, no Espirito-Santo (43).

---

(43) Alberto Lamego, em seu optimo escripto «A terra goytacá á luz de documentos inéditos» (I, 64-67), em vez de uma, admite até a existencia de duas entradas no sertão do Espirito-Santo, ao tempo do segundo governo de Salvador Corrêia de Sá e Benevides. — uma pessoalmente dirigida por este e outra por seu filho João Corrêia de Sá. — ambas em procura das pedras coradas. Na primeira, o governador «preparou quatro caravellas com mais de 100 homens e sahio em busca da mysteriosa serra. Por muito tempo esquadrinhou o interior das florestas, e o encantado thesouro não appareceu». E' muita caravela para tão pouca gente e, demais, para excursão em terra firme... Achamos inexplicavel que Salvador, — cuja posse foi a 18 de abril de 1659 e que a 4 de outubro desse anno já lavrava, na Bahia, a patente de mestre-de-campo a seu filho João Corrêia de Sá para a segunda expedição, — não podendo, pois, ter cogitado de outra coisa que não do descobrimento das esmeraldas no sertão espirito-santense, deixasse de mencionar, no citado parecer do Conselho Ultramarino, a jornada sob a sua chefia e á mesma não se referisse na patente de 4 de outubro de 1659, passada ao filho. Este caso da patente, estreitamente vinculado á entrada em que «partiu o capitão João Corrêia de Sá, com grande concurso de gente, em busca das encantadas minas, e a serra das Esmeraldas, ainda uma vez, não foi encontrada», offerece-nos tambem duvidas serias. Diz A. Lamego que o governador pediu ao soberano a approvação do acto de 4 de outubro de 1659; que o Conselho Ultramarino, em 1 de maio de 1660, se pronunciou desfavoravelmente; que o governador expoz novamente as vantagens da nomeação do filho; que o Conselho, ouvido ainda a 14 de abril, não alterou o seu modo de pensar; e, em nota, informa o autor da «Terra goytacá» que as cartas régias, homologadoras dos pareceres do Conselho, têm as datas de 6 de Março de 1660 e 16 de abril do mesmo anno (a 2.ª). Ora, isto não pôde ser assim. Si o Conselho foi ouvido, a primeira vez, em 1 de maio de 1660, a segunda data, 14 de abril, só pôde ser de 1661. Quanto ás datas das cartas régias, cum-

É, entretanto, cousa liquida e certa que a metropole não ficara desacoroçoada com os reiterados mallogros na busca das pedras preciosas. Apesar de Agostinho Barbalho Bezerra ter sido sediciosamente aclamado capitão-mór do Rio-de-Janeiro em 1661 (um dos tres motins a que acima se reporta Salvador Corrêia), — uma provisão régia de 7 de dezembro de 1663 escolheu-o para administrador das minas de Paranaguá e da serra das Esmeraldas. Em carta de 21 de maio de 1664 (Arquivo Nacional, documento avulso), dirigida a d. Pedro de Mello (1662-1666), a este recommendava o rei que dêsse toda a ajuda e favor, para os novos descobrimentos, a Barbalho Bezerra, cuja patente e soldo vêm alli mencionados. Affonso VI escreveu tambem aos officiaes da camara e potentados de São-Paulo, em 27 de setembro do mesmo anno, pedindo-lhes auxiliassem a empreza de Barbalho. Este, depois de haver mandado primeiro uma tropa explorar os caminhos para as jazidas, despachou um proprio a São-Paulo, com carta sua a Fernão Paes de Barros, solicitando soccorros de mantimentos, que de

---

pre-nos observar que o espaço de tempo comprehendido entre 6 de março e 16 de abril de 1660 mal dava, então, e muito estrictamente, para que a resolução do monarcha viesse ter ás mãos de Salvador Corrêia. Imagine-se, agora, si este pediu, de facto, reconsideração do despacho real, quantos dias, ou, melhor, quantos mezes, não se fariam necessarios, para que chegasse a Portugal o novo requerimento, fosse outra vez ouvido o Conselho Ultramarino e subisse, afinal, á deliberação do soberano. Ha, portanto, em tudo isso enganos graves, que é mistér dilucidar. Que houve, realmente, tentativas de penetração nas terras do Espirito-Santo em 1659 e 1660, á busca das esmeraldas, — são os documentos accordes em affirmal-o. A's mesmas allude Taques, em sua «Informação sobre as minas de São-Paulo» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIV, p. 1.ª, 20), citando peças officiaes, existentes nos registos paulistanos; mas, logo adiante (pag. 27), assegura, sem se apoiar em prova alguma, que na diligencia do descobrimento das apetecidas esmeraldas «tinha perecido o marechal-de-campo João Corrêia de Sá, com a mayor parte dos seus soldados exploradores, no anno de 1660». Entretanto, documentos insertos na substanciosa obra de Alberto Lamego, — quaes os de pags. 118-119 e 129-130, — evidenciam que João Corrêia de Sá, que daqui partira para a India, obteve licença régia afim de voltar para o Brasil em 1669 e ainda vivia em 1676, não havendo duvida alguma de que esse era o filho de Salvador Corrêia de Sá e Benevides.

todo escasseavam no Espirito-Santo, e, recebidos elles (mil varas de pannos de algodão, armas, sessenta arrobas de carne de porco e outros viveres), metteu-se terra a dentro, em procura da serra das Esmeraldas; mas “faleceo antes de acabar de concluir com o dito descobrimento” (carta-régia de 16 de dezenbro de 1667, documento avulso do Archivo Nacional), em meio do sertão, com muitos da sua comitiva, cujos sobreviventes chegaram ao litoral em fins de 1667 (ou 1668, segundo Calogeras, I, 401; mas o documento acima citado faz crer antes na primeira data).

Com o desbarato de mais esta porfia, encerra-se o cyclo official das explorações do interior, em procura dos seixos verdes.

Da celebre bandeira de Fernão Dias Paes trataremos no capitulo seguinte, assim como do episodio de d. Rodrigo de Castello-Branco, cuja vinda para o sul foi já uma consequencia do cyclo espontaneo dos paulistas.

A missão do fidalgo castelhano em São-Paulo coincide tambem (1680) com a fundação da Colonia-do-Sacramento, o ponto extremo da expansão geographica do Brasil para o sul, no sentido da linha da costa.

Tanto a jornada inutil daquelle nobre espanhol, inutil em Itabaiana, inutil em Paranaguá e desastrosa no caminho de Sabarabuçú, como a tentativa commettida a d. Manuel Lobo de plantar uma cidade fortificada no estuario do Prata, e de que só resultaram luctas sangrentas e dissabores sem conta á metropole, — tiveram o auxilio dos paulistas, já então adeantados na sua conquista do interior das terras brasileiras.

Dos lusos, que colonizaram a nossa Patria, disse, com razão, frei Vicente do Salvador (liv. I, cap. III): — “Da largura que a terra do Brasil tem para o Certão não trato, porque athé agora não houve quem a andasse por negligencia dos Portuguezes, que sendo grandes conquistadores de terras não se aproveitão dellas, mas contentão-se de as andar arranhando ao longo do mar, como caranguejos”.

E, no citado parecer de 11 de novembro de 1644, tambem falava o Conselho Ultramarino em — “outras muitas riquezas

que nas terras daquelle Sertão he certo estão escondidas, e por negligencia dos Portuguezes se não logrão”.

Si a dilatação das fronteiras do Brasil houvesse ficado apenas confiada aos esforços da metropole, — pouco, muito pouco, teria ella transposto a linha de Tordesillas.

Mas a nossa terra privilegiada, que avara e ciosamente occultou as opulencias dos seus seios virgens aos cupidos lusitanos, — alguns dos quaes passaram junto dellas, ou por sobre ellas, sem as ver, — ia logo patentear os seus mirificos thesouros ao abraço viril dos proprios filhos, os paulistas destemerosos e infatigaveis. Sem a audaciosa iniciativa delles, não teria ella extendido o seu dominio para o sul, para o centro, para o sudoeste e para o oeste, até aos contrafortes da cordilheira andina, e foi ainda graças ao arrojo dos intrepididos bandeirantes que ella tambem se distendeu pelo nordeste e pelo norte.

A essa epopéa portentosa, sem rival em nossa historia, é que vamos assistir nos capitulos seguintes, infelizmente em linguagem inexpressiva e pobre de mais para assumpto de tanta magnitude.

## CYCLO DAS BANDEIRAS OU CYCLO ESPONTANEO DA EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL — 1526 A 1700

Nas condições mesologicas, ethnicas e sociaes, é que se encontra a facil explicação do porque a São-Paulo coube o papel proeminente de triplicar a área da colonia americana adjudicada a Portugal pelo concerto de 7 de junho de 1494.

— “Perante a função historica dos conquistadores do Novo-Mundo, — diz Theodoro Sampaio (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo”, V, 86-87), — a região do norte do Brasil é um theatro dos mais ingratos que, si não fôra o Amazonas, a expansão brasileira, por esse lado, teria parado no valle do São-Francisco. A região do sul, ao contrario, reunia as condições geographicas capazes de um dia assegurar, na partilha da America, para o dominio lusitano, quasi metade do continente austral.

“No norte do Brasil, vêm os rios ao mar em amplissimos estuarios, que dão acesso por 20 e 50 leguas longe da costa, até ás primeiras cataractas. Desse ponto em deante, as successivas quédas tornam quasi impossivel penetrar nos sertões, galgando ou vencendo as correntes fluviaes. Por essa razão é que o movimento colonizador ha de ahí preferir o caminho do litoral á vereda do sertão, através de cursos de agua cuja violencia é preciso vencer, ou através das caatingas estereis, atormentadas pela secca e que só o gado pôde devassar.

“No sul, o homem do litoral como que domina, do alto das suas montanhas, o intimo dos sertões, a que o conduzem os rios caudaes, descendo para o interior. Aqui, ainda que através de cataractas e de saltos, o conquistador desce sem esforço;

as aguas o levam de feição; o seu trabalho é moderar a descida, impedir que a marcha se precipite. Depois, a região é favorecida pela benignidade do clima. Não ha seccas, nem jamais o deserto se petrifica sob a inclemencia do céu.

“O destino de cada uma das duas metades da colonia, deante do problema da conquista, estava pois perfeitamente assinalado na constituição geographica dos respectivos territorios. O paulista, pelo seu *habitat*, tinha de ser o *bandeirante* por excellencia. A conquista dos sertões estava no seu destino historico”.

Mostra o douto escriptor bahiano que o Tietê, o unico rio consideravel cujas nascentes mais se avizinham do Atlantico, e só equiparavel, quanto ao propiciamento da expansão, ao Amazonas e ao Prata, foi a estrada natural e admiravel, ligada a um amplo systema fluvial, por onde os paulistas chegaram ao mais remoto interior (44).

Ao mesmo tempo que o movimento de irradiação platina, dentro do meridiano de Tordesillas, buscava a zona do centro-norte, estacando no Xarães, e a zona de léste, detendo-se no Guayrá, donde os espanhóes haviam de ser logo expulsos, — os filhos da terra paulista devastavam as aldéias do Tietê e do Parahyba e aprestavam-se para incursões mais longinquas e mais decisivas, que se iam dar no seculo XVII.

Note-se mais que o primeiro nucleo de população européa, que se fundou no interior do Brasil, longe-perto do mar, foi São-Paulo. A esse facto, “na apparencia simples”, é que o esclarecido professor Joaquim da Silveira Santos (“A igreja catholica e a escravidão”, publ. n. 342 do Apostolado Positivista do Brasil, 1913, pag. 17) attribue o surto do bandeirantismo, pois assim opina: — “Em contacto directo com a mata bravia, que o cercava por todos os lados; obrigado a atravessar as abruptas, intrataveis florestas da serra do Mar, para se

---

(44) Sobre o papel dos nossos rios, especialmente o Tietê e o São-Francisco, na expansão geographica do Brasil, merecem lidas as observações de Capistrano, ás pags. 78-82 da sua these de concurso, já citada.

communicar com o litoral, o povo paulista habituou-se desde cedo á vida aventureira dos bosques, que tinha para elle todos os perigos e toda a fascinação do desconhecido. E só o paulista se achou nestas condições: os outros centros de colonização foram plantados no litoral, ao longo das praias”.

As circumstancias ethnicas e sociaes tambem foram coefficients poderosos do phenomeno que estudamos.

Disse, com acerto, João Ribeiro (ob. cit., 227) que “só a formação de uma raça inteiramente acclimada ao solo e ao céu do Brasil, como era a dos paulistas, poderia preparar tamanhos resultados”, quaes os do devassamento e conquista de uma grande superficie do territorio nacional.

Cumprê recordar que a geração *mameluca* surgiu primeiro em São-Paulo e na Bahia. Lá, ao norte, a maior façanha de penetração do interior foi devida a um neto do Caramurú, Belchior Dias Moreya, como já vimos. Aqui, no sul, á prole de João Ramalho, — nascida antes da chegada de Martim Affonso e localizada em Santo-André, onde se criou á lei da natureza, sem siquer o doutrinação dos jesuitas, aos quaes era hostile, — juntaram-se desde logo os outros productos do cruzamento entre a raça indigena e os primitivos povoadores de São-Vicente, Santos, São-Paulo, Itanhaem, Iguape e Cananéa, accrescidos mais tarde da massa numericamente pequena dos mestiços, que iam repontando nas povoações dispostas ás margens do Parahyba, assim como em Itú, Parnahyba e Sorocaba, focos de novos esgalhos da occupação definitiva da terra paulista e depois focos de irradiação para a conquista do *far-west* brasileiro.

Não faltou quem, como Machado de Oliveira (em seu “Quadro historico”, pag. 87), pretendesse distinguir do nome de paulistas o “nome odioso” dos *mamelucos*, tendo-os na conta de “mescla hybrida e impura”, apenas capaz de “feitos abominaveis”, á semelhança do que tambem havia de escrever sobre os productos miscigenes da America o ethnologo germa-



nico Hellwald (45). Aquelle illustre escriptor não queria se confundissem os paulistas com os seus descendentes de sangue caboclo, como si houvesse algum desdouro em aquelle povo originar-se do connubio de aventureiros e criminosos de toda especie com as mulheres indigenas (46). De procedencia assim amalgamada não se pejou o fóco de uma das mais notaveis das civilizações antigas, a *princeps urbium*, Roma.

O culto Arthur Orlando, em "Bandeirantes" (memoria de 10 interessantes paginas, 1910), equipara os heróes paulistas aos bandidos gregos, explicando até as causas por que os nossos audazes compatricios não tiveram, como os hellenos, uma epopéa condigna dos seus feitos assombrosos, e assim obtempera: — "Bastou uma geração de *mamelucos*, para que homens de todas as condições, moços e velhos, brancos e mestiços, casados e solteiros, acaudilhados por personagens distinctos por seu saber, coragem, fortuna, maneiras e palavras, organisassem essas expedições, que investiram contra os sertões, affrontando o que se pôde imaginar de obstaculos e provações".

Todos os nossos historiadores e chronistas, aos quaes se juntaram as vozes autorizadas de alguns escriptores alienigenas, que se occuparam da nossa evolução, encomiam os serviços inestimaveis, prestados ao Brasil pelo povo paulista, desde que se formou a primeira geração de *mamelucos*, isto é, desde o meiado do seculo XVI.

---

(45) Este sociologo ou coisa que o valha (veja-se João Ribeiro, ob. cit., 395) diz que os mestiços são «die Pestbeule der amerikanischen Kultur, ausgestatte und mit allen Lastern keinen der Vorzuege ihrer Eltern», isto é, «o virus pestilente da cultura americana, dotados de todos os vicios e de nenhuns dos predicados dos seus ancestraes».

(46) Machado de Oliveira parece esposar a opinião de Charlevoix, o qual, em sua «Histoire du Paraguay» (I. 308), diz: — «... de ce mélange il sortit une génération perverse, dont les desordres en tout sens furent poussés si loin, que l'on donna à ces métis le nom de *Mamelucs*, à cause de leur ressemblance avec ces anciens esclaves des Soudans d'Égypte». Como se vê, o illustre ignaciano francez não é também favoravel á origem tipica do vocabulo *mameluco*.

A accusação unica, que se lhe argúe, é a da barbara montaria aos selvicolas, qual effectivamente foi a sua principal preocupação até fins do seculo XVII.

Sem que pretendamos totalmente exculpar os nossos compatriotas daquella época, diremos, todavia, como explicação necessaria, que elles obedeceram simplesmente ás injunções do momento historico em que desenvolveram a sua actividade pujante.

Além de viverem semi-independentes no seu planalto, como o testificam tantos episodios constantes dos nossos fastos (aclamação de Amador Bueno e expulsão dos jesuitas, em 1640-1641, afóra outros factos), — o que mais corroborado vimos pelas cartas de Luiz Cesar de Menezes ao rei, de 30 de maio de 1691 (coll. "Governadores do Rio de Janeiro", liv. III, fls. 42 e 43 v.), por nós ha pouco examinadas no Archivo Nacional, — os paulistas nada mais fizeram do que imitar os europeus de cultura tradicional, como os portuguezes, espanhões e inglezes, que não só commettiam, naquelle tempo, o hediondo crime de captivamento dos africanos, mas tambem, aqui na America, consideravam *alieni juris* os seus miseros naturaes.

Demais, o amanho das terras litoraneas começára com a cultura da canna-de-assucar, do tabaco e do algodão, bem como dos fructos da zona temperada que se acclimaram em São-Paulo, — e para isso não bastavam os poucos negros, tão difficilmente importados da costa da Africa.

Dahi a caçada aos selvicolas, — a qual levava no bojo, simultaneamente, a conquista do territorio e a esperança, depois realizada, do descobrimento das riquezas mineraes.

Assim, do crime dos nossos intrepididos antepassados podemos repetir o que dos conquistadores espanhões disse um poeta hispano-americano:

*"Crimen fué del tiempo..."*

Summariados, desse modo, muito a traços largos, os factores estaticos e dynamicos da expansão paulista (vê-se que puzemos á margem tudo quanto se refere mais especialmente á

organização e costumes das bandeiras) (47), — vamos dividir a matéria deste capítulo em três partes, ponderando que o que distingue capitalmente o movimento ora em estudo é a sua *espontaneidade de acção*, embora uma ou outra das investidas ao interior tenha sido ordenada pelos prepostos da metrópole ou influenciada pelas cartas dos soberanos lusos: a) *o cyclo do ouro de lavagem*, que se opera no litoral ou numa estreita faixa da orelha atlântica, tendo o seu climax no território do actual Estado do Paraná, na segunda metade do século XVII; b) *o cyclo da caça ao índio*, que principia com o assalto ás tribus do Parahyba em 1562, tem o seu apogeu no período de 1628 a 1680 e termina quasi de todo em 1695; c) *o grande cyclo do ouro*, isto é, do ouro de beta, do ouro de fundição, que reponta em 1693 e que será, agora, estudado sómente até 1700, pois havemos de ver-lhe a continuação, quando tratarmos, adiante, do século XVIII.

Observaremos que esta divisão não tem pretensões a ser julgada definitiva, pois com ella visamos simplesmente a methodizar o assumpto do nosso ponto, demais vasto e complexo. As denominações de cada cyclo não são exclusivas, mas as características dominantes, tanto que no primeiro trataremos também de expedições destinadas a minas de prata ou a jazidas de pedras preciosas, tendo sido a jornada de Fernão Dias Paes, á

---

(47) Sobre a maneira de se vestirem os bandeirantes com camisas ou casacos de couro, guarnecidos de algodão, — admiravel invento contra as certas flechas dos índios, — deparou-se-nos no Archivo Nacional a carta-régia de 4 de fevereiro de 1684 (documento avulso), dirigida a Duarte Teixeira Chaves, capitão-general (1682-1686) do Rio-de-Janeiro, a quem o soberano recommendava enviasse ao governador de Angola até 60 dos taes gibões, feitos na forma de que uzão os Certanejos de São Paulo». Vê-se, por esse documento, que a invenção dos paulistas foi logo aproveitada pela metrópole lusitana, a qual cogitou de fazel-a usar pelas tropas que operavam na Africa. Segundo refere Montoya («Conquista espiritual», 92), os paulistas, que atacaram as reduções jesuíticas espanholas ás margens do Uruguay, andavam «todos muy bien armados con escopetas, vestidos de escupiles, que son al modo de dalmáticas, estofadas de algodón, con que, vestido el soldado de piés á cabeza, pelea con seguridad de las saetas...»

cata de esmeraldas, a iniciadora do terceiro cyclo. Por outro lado, o primeiro cyclo, bem que orientado pela feição geral da espontaneidade do movimento, é o que mais recebe o influxo dos representantes da corôa portugueza no Brasil, em cumprimento de ordens emanadas da metropole.

### a) Cyclo do ouro de lavagem

Embora partidas do litoral ou nelle terminadas, as duas primeiras incursões de aventureiros, que vamos mencionar, pertencem a esta phase, porque se ligam aos nucleos da colonização inicial do territorio paulista.

Aleixo Garcia, segundo o relato de Rui Diaz de Guzmán (48), saindo de São-Vicente, em 1526, com tres outros portuguezes e um exercito de indios, atravessou o rio Paraná, alliou-se aos selvicolas do Paraguay, invadiu com elles o Perú, conquistou por lá cidades e riquezas, e, quando já de retorno, foi assassinado pelos guaranys, tendo antes mandado a São-Paulo, por dois dos seus companheiros, a noticia dos seus feitos, e deixando naquellas paragens remotas um filho homonymo, que ainda vivia em Asunción por 1612, data em que foi escripta a obra de Guzmán (49). Sobre esta aventura, talvez real em grande parte, mas lardeada de excessiva romançaria, ha algumas notas curiosas, da lavra de E. G. Young, dadas á estampa no "Estado de S. Paulo" (n. de 22 de julho de 1902) e na sua "Historia de Iguape" ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", VIII). Nesta (pags. 230-233), o paciente e

---

(48) «Argentina — Historia del descubrimiento y población del Rio de La Plata, escrita al año 1612» (Buenos-Aires, 1882), pags. 38-41.

(49) Alvar Núñez Cabeza de Vaca tambem se occupou de Garcia em seus «Commentarios» («Biblioteca de Autores Españoles», tomo I da coll. «Historiadores primitivos de Indias», Madrid, 1852), caps. 50, 55, 56 e 57. Discorda Guzmán quanto ao numero de companheiros de Aleixo, pois diz, á pag. 576: — «Garcia el portugués... no traía mas de cinco cristianos...».

douto investigador, confrontando textos dos tratadistas, chega á presumpção de que Aleixo Garcia era espanhol e de que a partida foi de Iguape e não de São-Vicente.

A outra é a viagem de Ulrico Schmidel, o qual, tendo ido ao Paraguay em 1534, partiu de Asunción a 26 de dezembro de 1552 e veiu chegar a São-Vicente em 13 de junho do anno seguinte, fazendo a pé todo esse longo percurso e deixando escripta a narração de tal proesa (50). Este episodio, de quasi nulla relação com o cyclo de que estamos tratando, é em tudo equiparavel á travessia terrestre de d. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, em 1541-1542, pelo sul do Brasil de agora, mas ao tempo em região toda do dominio espanhol, e com destino ás margens do Paraguay (51). No que concerne á façanha do teuto, subscrevemos o que a proposito della e dos commentos de Southey disse Oliveira Lima, em sua conferencia sobre "O Brasil e os estrangeiros" ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S.-Paulo", XVII, 36-37). O historiador inglez apagou-se ante o poeta de arroubada inspiração, que sobretudo era, e, em sua "Historia do Brasil", emprestou á expedição de Schmidel uma "to-

---

(50) A primeira edição saiu de Frankfúrt-am-Mein, em 1567, com o titulo «Historia verdadeira de uma viagem curiosa, feita por Ulrich Schmidel de Straubing, na America ou Novo-Mundo, pelo Brasil e Rio da Prata, desde o anno de 1534». Da edição de Nürnberg em 1599 é a traducção franceza que se acha no vol. V da coll. Ternaux-Compans (Paris, 1837-1841).

(51) Alvar Núñez relata, nos seus citados «Commentarios», a expedição que realizou; e della tambem trata detidamente Antonio de Herrera, em sua «Historia general de las Indias Occidentales», tomo IV, década VIII, livs. II e IV, pags. 30-34 e 67-68. Conforme o exposto por ambos, Cabeza de Vaca entrou pelo litoral fronteiro á ilha de Santa-Catharina, tomou posse das terras que denominou «Provincia de Vera», passou e repassou o Yguaçú, alcançou o Pepiry, desceu o Paraná, e, finalmente, costeando o rio Manday, foi sair em Assunción a 11 de março de 1542. As façanhas de Schmidel e Cabeza de Vaca tiveram como importancia mais assignalada a demonstração de poder a capital paraguaya communicar-se facilmente por terra com o litoral, deixando o primeiro a indicação do itinerario até São-Vicente e abrindo o segundo o roteiro até á costa fronteira á ilha de Santa-Catharina.

nalidade de acção dramática”, entresachada de impressões do romanceiro peninsular e do maravilhoso das novellas de cavallaria.

Vejamos, agora, como se iniciou em São-Paulo o cyclo do ouro de lavagem.

Sabe-se que os primitivos colonos da capitania de Martim Affonso de Sousa, logo após a fundação de São-Vicente, Piratininga e Santos, começaram a investigar a existencia de riquezas mineraes na baixada da segunda daquellas povoações e nos cursos de agua que descem da serra do Cubatão, pois que a noticia de haver-se achado ouro em grande cópia no sul foi mandada a d. João III pelo primeiro bispo do Brasil, d. Pero Fernandes Sardinha, em carta de 12 de julho de 1552, e confirmada por José de Anchieta (ainda simples irmão da Sociedade de Jesús), na sua quadrimensal de maio a setembro de 1554 (“Annaes da Bibl. Nac.”, I, fasc. 1.º, 75) (52).

Por ordem de Mem de Sá, certamente a isso impellido pela metropole, Braz Cubas, o fundador de Santos e que então era provedor da capitania de São-Vicente, e o mineiro pratico Luiz Martins, nomeado por alvará de 7 de setembro de 1559 para examinar os metaes existentes no Brasil, foram encarregados de verificar aquelles descobrimentos anonymos. Da inscripção tumular de Cubas, assim como da carta de 25 de abril de 1562, que elle endereçou ao rei (“Rev. do Arch. Publ. Min.”, VII, 593-594), é facil concluir que foram feitas duas viagens ao interior: a primeira, dirigida pessoalmente por Braz Cubas, acompanhado de Martins, em 1560, levando aquelle á sua custa toda a gente da expedição e calculando em 300 leguas o percurso da jornada, da qual tornou em começo da estação chuvosa de 1561, enviando ao rei e ao governador as amostras dos metaes que se lhe depararam; e a segunda, em razão de ter Cubas voltado “muito doente do campo”, foi chefiada por Luiz Mar-

---

(52) «... agora, finalmente, descobriu-se uma grande cópia de ouro, prata, ferro e outros metaes, até aqui inteiramente desconhecidos (como affirmam todos)...» A referida carta quadrimensal é assim datada: — «Piratininga, na Casa de S. Paulo, 1554».

tins, o qual, a 30 leguas de Santos, achou ouro "tão bom como ho da mina (*Mina*, da costa da Africa) e dos mesmos quilates", realizando-se provavelmente esta curta exploração de fins de 1561 a principios de 1562, pois o mineiro fez o manifesto do metal precioso a 11 de maio de 1562. Na referida carta de Cubas, conta este que achara nas suas terras "huas pedras verdes que parecem esmeraldas muyto fermosas", das quaes tambem mandava amostras. Pretende o dr. F. L. Leite Pereira (no seu excellento estudo, já citado, sobre o "Descobrimto e devassamento do territorio de Minas-Geraes") que a entrada de Cubas, formando systema com a de Vasco Rodrigues Caldas, levasse por objectivo a exploração do São-Francisco, tendo chegado "até á barra do Pará-mirim ou algum tanto adeante". Calogeras (I, 21-22), porém, demonstra que o fundador de Santos não attingiu sequer á metade do curso do rio das Velhas, e argumenta ainda com a direcção que tomou a leva de Luiz Martins, o qual, em rumo opposto ao São-Francisco, foi dar na Cahatiba (53), onde se lhe revelou o ouro. Suppõe tambem o douto autor das "Minas do Brasil e sua legislação" ter sido no districto de Apiahy que Braz Cubas encontrára as jazidas, de que mandou amostras ao soberano. E' certo que naquella povoação paulista, fundada por Francisco Xavier da Rocha, e cujo primeiro sitio se chamou "Santo-Antonio-das-Minas", foi encontrado e explorado por muito tempo o ouro de lavagem.

---

(53) Esta presumpção de Calogeras encontra apoio na carta que a camara de São-Paulo endereçou ao donatario da capitania, em 13 de janeiro de 1606 («Apontamentos» de Azevedo Marques, II, 225-226), e na qual assim se lê: «... mas, ha na serra de Byraçoiaba 25 leguas daqui para o sertão em terra mais larga e abastada, e perto dalli como tres leguas está a Cahatyba *donde se tirou o primeiro ouro...*» As distancias indicadas e esta asserção final, feita em época pouco afastada das expedições de Cubas e Martins, parecem excluir, em confronto com o que fica exposto no texto, qualquer duvida sobre o razoavel parecer de Calogeras.

Não consta que a corôa ou os seus representantes aqui tomassem qualquer providencia no tocante aos descobrimentos de Cubas e Martins.

Entretanto, novos achados de minerios iam sendo feitos na faixa litoranea meridional das capitánias de Pero Lopes e Martim Affonso de Sousa.

Em obediencia á ordem chronologica, que vamos guardando quanto possivel, entra aqui a revelação dos corridos auriferos da costa meridional de São-Paulo, assim como a dos do actual Estado do Paraná.

Parece hoje sufficientemente averiguado ter sido entre 1570 e 1584 (cf. "Heliodoro Eobanos", opusculo de Ermelino A. de Leão) que se realizou tal descobrimento, devido a uma leva commandada por Heliodoro Eobanos, e da qual faziam parte seu filho Gibaldo, Sebastião Teixeira e outros (54).

---

(54) Taques («Historia da capitania de São Vicente», «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», IX, 2.<sup>a</sup> ed., 326-327) attribue tal facto a meados do seculo XVII (1648) e assim grapha os nomes dos expeditionarios: — *Leodoro Ebano Pereira, Tibaldo Pereira, Sebastião de Azeredo*. Dos varios escriptores que estudaram a curiosa personalidade daquelle bandeirante (especialmente os drs. Ermelino A. de Leão, Vieira Fazenda e Rocha Pombo, entre os modernos), as respigas que fizemos levam-nos ao seguinte resultado: — Heliodoro Eobanus, filho do poeta allemão Helius Eobanus Hesus (1483-1540), tendo vindo para São-Vicente, onde em 1552 já o encontrara Hans Staden, empregou-se alli como feitor do engenho de assucar de José Adorno. Como, segundo o testemunho de Simão de Vasconcellos («Chronica da Companhia de Jesús do Estado do Brasil, e do que obraram seus filhos nesta parte do Novo-Mundo», 2.<sup>a</sup> ed., pag. 207), o nobre genovez tomou parte na fundação da Cidade-Velha, porquanto, a 6 de março de 1565, elle e Pedro Martins Namorado se encarregaram de abrir um poço, no isthmo entre o morro «Cara de Cão» e o continente, para abastecer de agua potavel os lusitanos alli estabelecidos, — é de crer que Heliodoro Eobanus tenha acompanhado o seu patrão. Sabe-se que, pouco depois, Heliodoro, capitaneando canoas de guerra, aprestadas em São-Vicente para soccorro á expedição de Estacio de Sá, não só se bateu contra os invasores da bahia de Guanahara em 1567, como tambem, no anno seguinte, ajudou a Salvador Corrêa e a Ararigboia na apprehensão de um navio francez em Cabo-Frio, feito no qual foi tido por morto. Casou elle, aqui, com d. Maria de Sousa, filha de João Pereira de Sousa o «Botafogo» (este,



A esta bandeira, organizada aqui no Rio-de-Janeiro, pouco depois da fundação definitiva da cidade, e quiçá principalmente destinada a jugular o gentio carijó, marchando a atacal-o no seu centro de irradiação contra os estabelecimentos portugueses, é que se attribue o descobrimento do ouro de lavagem de Iguape, Paranaguá e Curitiba.

Bem que Iguape, como outros pontos do sul de São-Paulo, tivesse sido a principio occupada por espanhóes e outros aventureiros, está dentro das mais legitimas presumpções o ter sido a expedição de Heliodoro Eobanos que haja alli achado e explorado as riquezas mineraes. É, todavia, imprecisa a data de tal acontecimento, assim como da erecção daquelle povoado á categoria de villa. Conforme as pesquisas de E. G. Young ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", VIII, 237), Iguape já

---

um sesmeiro de cuja alcunha houveram nome a praia e o bairro de Botafogo), provindo de tal consorcio os Eobanos Pereiras; consoante com as investigações do erudito dr. Vieira Fazenda, foi vereador da edilidade carioca em 1569 e em 1585 exerceu de novo o cargo de official de referida camara. Perfilhando o parecer do competente historiador que acabamos de citar, tambem nutrimos sérias duvidas de que tenha sido o mesmo Heliodoro Eobanos quem, em 1614, pediu concessão de terras para cultivar, por não ser curial semelhante carencia em pessoa que fizera parte da governança da cidade, e, demais, por andar já em avançada ancianidade, beirando provavelmente os 90 annos. Suppomos que tal peticionario, como o vereador Eobanos, signatario do auto de correição feito pelo ouvidor-geral Diogo de Sá Rocha em 1638 (documento tambem descoberto pelo dr. Vieira Fazenda) e bem assim o «capitão Liador Eobanos», a quem foram doados sobejos de terras no Campo-Grande a 30 de dezembro de 1647 (qual se vê da «Relação das sesmarias da capitania do Rio de Janeiro», feita por monsenhor Pizarro, «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 122), tenha sido algum filho homonymo do capitão das canoas de guerra de 1567. Mencionam os autores diversos Eobanos (com as variantes *Eoban*, *Ebano*, *Ebanos* e *Evanos*) Pereiras: — Heliodoro (de que ha as graphias *Heliodoro*, *Eliodoro*, *Elesdoro*, *Liador* e *Leodoro*), Gibaldo e Tibaldo, Theodoro e Theotonio. Affirmam alguns historiadores que Heliodoro Eobanos e Theodoro Eobanos Pereira foram administradores das minas de ouro de Paranaguá; mas em nossas pesquisas no Archivo Nacional não lográmos até agora descobrir documento que corrobore semelhante aserto.

era villa em 1635; mas Vieira dos Santos, em suas "Memorias historicas de Paranaguá" (pag. 21), attribue esse facto a 1654. Segundo este ultimo historiador, Itanhaem foi villa em 1561 e Cananéa em 1587.

Como Pizarro, em suas "Memorias historicas do Rio de Janeiro", assevera que já antes de 1578 se exploravam as jazidas auríferas de Paranaguá, e Vieira dos Santos assegura, em sua obra acima citada, que já em 1578 ou 1580 era enviado ao rei de Portugal o producto daquellas lavras, — isso nos induz a crer que semelhante descobrimento tenha sido feito pela jornada de Heliodoro Eobanos, o qual penetrasse alli seguindo em parte o "caminho de São-Thomé" (*Peabirú* ou *Piabiýú* dos carijós), já percorrido antes pelo padre Leonardo Nunes (*Abaré-bebê*, o "padre-voador") e pelo martyr Pedro Corrêia, victimado por aquelles selvicolas em 1554. Suppõe-se que Salvador Corrêia, tendo passado o governo do Rio-de-Janeiro, em principios de 1572, a Christovam de Barros, seu successor (por patente de 31 de outubro de 1571), haja visitado então as minas de Paranaguá. Mas o povoamento regular de Paranaguá é attribuido ao paulista Gabriel de Lara, em 1640.

Assim, o aventureiro germanico teria precedido as incurções paulistas na zona litoranea do actual Estado do Paraná. Pouco depois, porém, Jeronymo Leitão, que, por mais de uma vez, entre 1579 e 1592 (vêde a relação, lavra de frei Gaspar da Madre-de-Deus, dada á estampa na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", V, 162), exerceu o cargo de capitão-mór de São-Vicente, tambem penetrou aquelles sertões, na guerra que moyeu aos carijós. E' incontestavel que este bandeirante, na leva para aquelle fim aparelhada a 1.º de setembro de 1585, chegou até Paranaguá. Azevedo Marques (II, 91-92) e Romario Martins ("Paranaguá", pag. 8), quasi accordemente, affirmam que foram individuos da mencionada bandeira de Jeronymo Leitão, os primeiros que alli obtiveram sesmarias, a partir de 1609 ou 1610. De facto, constam de documentos as concedidas a moradores de São-Paulo, João de Abreu e Diogo de Unhate (ou Diogo Inhatte), sendo datada de 1.º de junho de 1614 a que este obteve. Segundo Francisco Negrão ("Me-

mória histórica paranaense", 45-46), Paranaguá logrou o predicamento de villa pela carta-régia de 29 de julho de 1648.

Acredita-se, ainda, que Heliodoro Eobanos, tendo galgado a serra de Paranaipicaba, haja fundado um novo arraial, Nossa-Senhora-da-Luz dos Pinhaes, ás margens do Atuba, nos campos de Curitiba. Sabe-se que foi o capitão Gabriel de Lara, filho de moradores de Parnahyba, e que, acompanhado de outros paulistas, seguira a estabelecer-se em Paranaguá, quem, como loco-tenente do Marquez de Cascaes, levantou o pelourinho em Curitiba, a 4 de novembro de 1668, conforme consta de documento authenticico, publicado por Francisco Negrão ("Memoria histórica paranaense", 61-62). Como se infere da "Genealogia paranaense" (I, 65-67) deste probo historiador, os principaes fundadores de Curitiba foram Matheus Martins Leme e Balthazar Carrasco dos Reis (55).

Vejamos agora a influencia que exerceu, na metropole e alhures, a noticia das riquezas mineraes achadas na ourela das terras meridionaes do Brasil.

Em carta dirigida a amigos de Londres, datada de 26 de junho de 1576 (publicada mais tarde por Hakluyt), o inglez John Whithall, — de alcunha "John Leitão", porque casára na capitania de São-Vicente com uma filha de Jeronymo Leitão, — communicava-lhes os descobrimentos de ouro e prata, não só realizados pelo provedor (Braz Cubas), como tambem por seu precitado sogro (vêde "Rev. do Arch. Publ. Min.", VII, 580-581).

(55) As povoações do Paraná, primitivamente surtas com os nomes de *Atuba*, *Nossa-Senhora-da-Luz dos Pinhaes* (actual Curitiba), *Bom-Jesus dos Pinhaes*, *São-José dos Pinhaes* e outras, devem sua origem aos bandeirantes paulistas. Além de Antonio Luiz Tigre (o fundador de *Tamanduá*), de Salvador Jorge Velho e de outros, cujos nomes se nos depararão mais adeante, allí estiveram tambem, em fins do seculo XVII e começos do XVIII, alguns dos mais celebres devassadores dos sertões brasileiros, como Miguel Sutil (fundador de *Santa-Cruz do Sutil*, no Paraná), Paschoal Moreira Cabral Leme, que, em 1718-1719, havia de revelar os opulentos *placers* de Matto-Grosso, e Francisco Martins Lustosa, o descobridor da Pedra-Branca. Por todo o seculo XVIII continuou a actividade dos paulistas no Paraná, onde Guaratuba foi elevada á categoria de villa em 1771 e Antonina em 1797.

A' participação de Whithall attribue frei Vicente do Salvador (liv. IV, cap. I) as arremettidas dos piratas e corsarios inglezes contra as villas do litoral paulista. Estas, de facto, foram atacadas em 1583 por Edward Fenton, e, em 1588, 1591 e 1592, por Thomas Cavendish. No assalto que o ultimo dirigiu contra São-Vicente, ao findar o anno de 1591, levou, além do producto do saque, de accôrdo com a narrativa de Antonio Knivet, testemunha presencial do feito ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XVI, p. 1.<sup>a</sup>, 192), boa quantidade de ouro, já explorado pelos portuguezes, e que os indios extrahiram da *Muttinga* (ribeirão de *Amaitinga*, segundo F. L. Leite Pereira; garganta de *Itutinga*, conforme O. Derby; ou *Piratininga*, consoante com J. H. Duarte Pereira).

No periodo de 1590, segundo Taques (cf. "Nobiliarchia", na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XXXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 93, e "Informação sobre as minas de São-Paulo", na dita "Rev.", XLIV, p. 1.<sup>a</sup>, 5-6) (56), Affonso Sardinha o velho e seu filho homonymo, dos quaes foi auxiliar Clemente Alvares (57), além de prata, ferro e aço (*sic*), "foram os que tiveram a gloria de descobrir ouro de lavagem nas Serras Jaguamimbaba, e de Jaraguá (em São-Paulo), na de Ivuturuna (em Parnahyba)..." Todos esses corridos, assim como os de Biraçoyaba (em Sorocaba) e os depois chamados "Lagôas Velhas do Geraldo" (no districto de Conceição-dos-Guarulhos), foram dados a manifesto e explorados, tendo Affonso Sardinha o velho, que fez

---

(56) Daqui em deante, quando citarmos estas obras de Taques, o que teremos de fazer com frequencia, excluirẽmos a indicação «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», com o fito de ganhar espaço. A «Bibliographia», que damos no fim deste nosso escripto, é sufficientemente esclarecedora, e para ella invocamos a attenção do leitor.

(57) Este Clemente Alvares, conforme L. G. da Silva Leme, erudito revisor dos linhagistas antigos (vêde sua «Genealogia Paulistana», IV, 429), «gastou 14 annos no exame de minas de ouro, prata e outros metaes, que conseguiu descobrir», tendo fallecido em 1641. Em 1619, obtve elle uma sesmaria de duas leguas, junto ás minas de Bituruna, «aguas vertentes para o rio Anhemby» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», VI, 189).

testamento em 1592, fallecido no seu estabelecimento de mineração de Jaraguá, não distante do de Santa-Fé, que também montára; e Affonso Sardinha o moço, ao dictar ao padre João Alvares, no sertão, as suas ultimas vontades, em 1604 (Azevedo Marques, II, 225), “declarou possuir 80.000 cruzados de ouro em pó, que o tinha enterrado em botelhas de barro”. Capistrano de Abreu (“Noções de Historia do Brasil até 1800”, 137-138), achando, com razão, muito elevada essa quantia, diz: — “Ha de entrar exaggero nesta conta, ou pelo menos muito ogó (58) haveria no monte. Si tanto abundasse o metal, a população teria affluído aos bandos, e os paulistas não levariam tanto tempo vida de bandeirantes”.

A nova destes descobrimentos compelliu a metropole a ordenar a d. Francisco de Sousa, que desde 9 de junho de 1591 era governador-geral do Brasil, viesse pessoalmente examinar o que havia de certo em taes achados, cuja noticia fôra levada á côrte.

Já vimos, no capitulo anterior, a acção desse preposto da corôa no que concerne ás expedições realizadas no Espirito-Santo, á cata de esmeraldas. Vejamos, agora, o que fez elle em São-Paulo.

Partindo para o sul em 1598, e depois de parar em Victoria e no Rio-de-Janeiro, aportou a São-Vicente no começo de 1599, trazendo em sua comitiva, além de outras pessoas e do seu secretario Pedro Taques, o mineiro Jacques Oalte (Walter?) e os engenheiros Geraldo Beting e Bacio di Filicaia.

O proconsul luso estanciou algum tempo na terra paulista, onde só investigou pessoalmente as jazidas de Biraçoyaba, em 1599 e 1601, regressando para Portugal em 1605, como se vê da carta-régia de 19 de março desse anno, dirigida a Diogo Botelho (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.,” LXXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 6).

---

(58) Como não registaram os nossos lexicos este termo, tão bem empregado ahi pelo douto Capistrano, cumpre-nos explicar que é, conforme Burton («The highlands of the Brazil», I, 316), «a base yellow metal found in sand, and used to falsify gold». Em Minas, proximo de Mariana, ha um «Corrego de Ogó».

Antes, porém, de retirar-se do berço dos bandeirantes, d. Francisco de Sousa, — conta-o o autor da “Informação” (pag. 8), — “não perdendo tempo para as diligencias de novos descobrimentos, fez entrar ao certão a Tropa de André de Leão a solicitar Minas de prata (e) para seo governo lhe deo Instrução de Regimento, datado em S. Paulo em 19 de Julho do mesmo anno de 1601”.

Orville Derby, que no vol. IV da “Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo” (pags. 329-350) estampára interessante escripto com o titulo “O roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas”, mais tarde, á vista de documentos authenticos descobertos por Washington Luís (bella vocação de historiadore, que a serêia irresistivel da politica desviou para outros serviços á terra natal), rectificou em parte o fundamento historico do seu trabalho, elaborando com os novos dados o que vem no v. VIII da dita publicação (pags. 399-423). Da attenta leitura do “regimento do capitão Diogo Gonçalves Laço” (que do outro de igual nome é o neto a que Taques se refere, dando-o como provido no cargo de “capitam de S. Paulo e suas Minas” por d. Francisco de Sousa), que se acha nessa segunda produção do sabio americano, não se deduz, como opina elle, que a volta de André de Leão “estava sendo esperada a 19 de julho de 1601”, o que faria suppor ter a expedição partido bem antes dessa data. A phrase que levou Derby a tal presumpção é a seguinte: — “Sendo caso com o favor de Deus e da virgem N. S. do Monserrate venha recado de serem achadas as minas de prata que André de Lião com mais companhia foi buscar logo ordenareis de me avisardes...” Ora, tudo nos leva a crer na asserção de Taques, não admirando que no mesmo dia expedisse d. Francisco o regimento dado a Diogo Laço, fazendo referencias quer a André de Leão, quer aos dois Sardinhas, pae e filho, como lá consta.

Da leva commandada por André de Leão, — cuja importancia nunca é de mais encarecer, porque, como bem observa Calogeras (I, 30), foi “a primeira entrada feita de São-Paulo, rumo do norte, em demanda das riquezas metallicas de Minas-

Geraes”, — fez parte um flamengo. Wilhelm Joost ten Glimmer (59), que forneceu o roteiro della, por intermedio de João de Laet, a Piso e Marcgraff (seu compatriota o primeiro e allemão o segundo), que o inseriram em sua “Historia Naturalis Brasiliae”.

A restituição desse itinerario, — um dos melhores serviços prestados por Derby ás nossas letras historicas, — merece ser lida na integra. Ao nosso intuito, porém, basta que a resumamos, como segue. Tendo partido de São-Paulo, acompanhando o curso do Tietê, passou a bandeira para um affluente do Parahyba, navegou este rio até á sua secção encachoeirada, galgou a Mantiqueira, atravessou diversos rios pertencentes ao systema platino (valle do alto rio Grande) e foi ter ás cabeceiras do São-Francisco, identificando com o Sabarabuçu uma serra que é provavelmente a de Pitanguy. Esta identificação de certo resultou da ordem expressa que a leva recebeu do governador-geral, pois este, tendo-lhe manifestado um brasileiro (é Glimmer quem isto affirma) um certo metal de que se extrahira

---

(59) Na sua «Historia antiga das Minas-Geraes» (pag. 21), Diogo de Vasconcellos, com o excesso de phantasia que o caracteriza, affirma que d. Francisco de Sousa «passou por Jaguamimbaba e dahi desceu á região do Sapucahy, acompanhado do naturalista allemão Glimmer, que foi o primeiro homem de sciencia que entrou em nosso territorio». Ahi está um conjunto de inverdades. Sabe-se que Glimmer (vêde o relatório de Walbeeck e o trabalho de Derby, atrás citados), depois da entrada de André de Leão, forneceu a João de Laet, secretario da Companhia das Indias Occidentaes e collaborador da «Historia Naturalis Brasiliae», informações sobre São-Paulo, entre as quaes o celebre roteiro. Acredita Derby que o famoso aventureiro esteve entre 1630 e 1633 na Hollanda, sua patria. O que é certo, porém, pois consta do relatório de Walbeeck, é que Glimmer em 1633 estava a serviço da Companhia das Indias Occidentaes, porquanto a soldo desta exercia o posto de commandante da ilha de Fernando-de-Noronha. Não percebemos como é que do relatório de Walbeeck se possa deduzir a fidalguia de Glimmer, qual pretende Derby. Que Glimmer era hollandez e simples soldado de fortuna, — não ha hoje quem seriamente o conteste.

abundante prata pura (60), tirado dos montes *Sabaroason*, fascinado pela amostra, deliberou, logo que chegára a São-Paulo, mandar descobrir os taes montes e explorar as taes minas, — e dahi a entrada de André de Leão, com 70 ou 80 homens. Como acertadamente pondera Calogeras (I, 31-32), o rumo desta bandeira contrariava por tal modo a direcção natural das investidas dos paulistas para o sertão, “que só uma ordem imperiosa, como a do governador, a poderia explicar”.

Era a lenda da “serra resplandecente”, da maravilhosa *Sabarabuçu*, que já exercia ao sul o seu influxo salutar para a expansão geographica do Brasil.

A viagem durou ao todo nove mezes, consoante com o relato de Glimmer, donde se infere que em fins de abril de 1602 estava de retorno a São-Paulo, ahi, portanto, ainda alcançando o governador que a despachára. E, embora fossem nullos os resultados dessa entrada de 1601, quanto ás riquezas metallicas a que visava, — é o caminho por ella trilhado que vae, 73 annos mais tarde, perlustrar Fernão Dias, em busca da mesma miragem. Derby, no referido seu primeiro escripto, accentúa bem que, até entrar na bacia do rio São-Francisco, os roteiros de Glimmer e do “caçador de esmeraldas” se correspondem *muito proxima, sinão exactamente*.

A’ outra influencia especial, oriunda do mallogro da leva de 1601, attenderemos mais adeante, guiado pelo douto Calogeras.

E’ provavel que na primeira decada do seculo XVII, ao impulso dado pelo governador-geral, continuassem os paulistas as suas pesquisas de opulencias do sub-sólo, na “zona pouco mineralizada do planalto de São-Paulo e altos valles do Parahyba e do Tietê” (Calogeras, I, 34).

---

(60) «... quod (*metallum*) cum a minerariis esset probatum, in quintali triginta marcas puri argenti continere deprehensum fuit» (Piso e Marcgraff, ob. cit., liv. VIII, cap. II, pag. 263). Capistrano trasladou para a sua these de 1883 esse roteiro, que, infelizmente, saiu inçado de erros typographicos,



D. Francisco de Sousa, regressando ao reino, animára, sem duvida, o soberano. Expedido o primeiro regimento das terras mineraes, de 15 de agosto de 1603, para o Estado do Brasil, foi nomeado o ex-governador, a 15 de junho de 1608, para administrador-geral da Repartição do Sul, constituída, a instigações do Conselho da India, pelas capitánias do Rio-de-Janeiro, São-Paulo e Espirito-Santo. Este acto equivalia á separação administrativa, imposta pela expansão das minas, de toda a importante região meridional, pois que o encarregado de superintendê-la gosava de jurisdição independente da do governador-geral do Estado do Brasil e só respondia perante o rei.

A partir de 1601, governára o Rio-de-Janeiro, cuja alçada jurisdiccional abrangia as capitánias de São-Paulo, Martim de Sá, que se retirou do cargo em julho de 1608.

Consoante com Taques ("Informação", 10-12), em novembro de 1609 já estava d. Francisco de Sousa em São-Paulo, onde "fez laborar as Minas todas de ouro de lavagem", assim como a fundição de ferro de Biraçoyaba (61), industria esta a que se associou, por si e depois por um de seus filhos (62). Não consta, porém, que, no curto prazo desta sua segunda administração, tenha havido qualquer novo descobrimento de jazidas auríferas, qualquer nova leva exploradora dos sertões.

Fallecendo d. Francisco de Sousa em São-Paulo, a 10 de junho de 1611 (Azevedo Marques, II, 226), dois dias depois tomou posse do cargo interinamente, por virtude das vias de

(61) Sobre as tentativas de exploração de minas de prata e fundição de ferro em Biraçoyaba, depararam-se-nos no Archivo Nacional, não codificadas, as cartas-régias de 8 de fevereiro de 1687 e 23 de outubro de 1692 (esta acompanhada de interessantes documentos), ambas referentes a frei Pedro de Sousa e Luiz Lopes de Carvalho, cujas expedições, desde 1682, constam dos chronistas, os assertos dos quaes as mencionadas peças historicas esclarecem ou rectificam.

(62) Tendo em vista a escriptura de 26 de fevereiro de 1609, para a fundação de uma fabrica de ferro, da qual um dos socios era d. Francisco de Sousa, opina Calogeras («O ferro», «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», IX, 33) que o dito governador chegou a São-Paulo em principios daquelle anno.

sucessão, seu filho d. Luiz de Sousa, por estar ausente na Europa seu irmão d. Antonio de Sousa.

Da sua gestão, que durou pouco mais de dois annos, sabe-se apenas que mandou á sua custa uma expedição a Guayrá, em fins de 1611, a preiar indios para a lavra das minas de Biraçoyaba, tentativa que se mallogrou ante a energica repulsa do general d. Antonio Anasco; e, em agosto de 1612, o governador de Ciudad-Real oppoz resistencia, bem succedida em parte, a uma nova arrancada dos paulistas com aquelle mesmo escopo.

A metropole, entretanto, nomeou a Salvador Corrêia de Sá (o velho), em 4 de novembro de 1613, para exercer os mesmos poderes de d. Francisco de Sousa na Repartição do Sul.

Do pae de Martim de Sá e avô de Salvador Corrêia de Sá e Benevides, pouco dizem os chronistas quanto á actividade desta sua terceira gestão governativa no Brasil (a primeira foi de 1568 a 1572 e a segunda de 1577 a 1599, ambas no Rio-de-Janeiro), a qual deve ter-se extendido até 1618. Referem apenas os historiographos, baralhando datas, que elle proveu successivamente, na administração geral das minas de São-Paulo, a seus dois filhos Martim e Gonçalo Corrêia de Sá, bem como a Manuel João Branco.

Temos, porém, sobre tal periodo, o depoimento de Salvador Corrêia de Sá e Benevides, prestado em 3 de maio de 1677, quando este, — que tambem aqui estivera menino, acompanhando o pae e o avô, — era membro do Conselho Ultramarino (doc. cit., "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 9).

Disse elle o seguinte:

"Que no anno de 606, tornou D. Francisco de Sousa a renovar as noticias das minas de S. Paulo, e morreu neste serviço, havendo fabricado um engenho de ferro (de que ha muito e bom). Morreu tambem um mineiro allemão que levara consigo que ouviu dizer a muitos moradores de S. Paulo que o dito mineiro dissera a D. Francisco que do ouro se atrevia a fazer-lhe fundição tamanha como a cabeça de um cavallo; morrera um e outro.

"Que el-rei de Castella com estas noticias mandara a seu avô Salvador Corrêa de Sáa, no anno de 614, succeder ao mes-

mo D. Francisco, com as mesmas jurisdicções, e mercês (que eram grandes), e em sua companhia um frade trinitario, que tinha fama de grande mineiro, pelo haver sido no Potossy, em sua companhia.

“Que sendo elle conselheiro de 12 para 13 annos, passara ao Brasil, aonde (particularmente em S. Paulo) estiveram perto de cinco annos, fazendo differentes fundições, e em todas ellas achando metaes não conhecidos, porque parecia ferro ou cobre, e nem um destes dois generos era. Vendo-se seu avô atalhado, avisara ao Marquez de Alenquer (que governava este reino) por vezes, pedindo-lhe mineiros, beneficiadores, ensaiadores, e a ultima vez dando noticias de uma serra chamada Sabarabus-sú, donde uns moradores que a ella foram (e entre elles um ourives de prata) trouxeram uma tomboladeira, dizendo que era de prata que daquella serra tiraram, que elle conselheiro viu, e tem de peso o mesmo que um prato pequeno, e si era do prato ou da serra elles o sabiam, porque elle o não vira tirar.

• “Que o que se affirma é que ha muito ferro e cobre no rio que vai a metter-se no da Prata, que fica nas costas do Paranaguá para Oeste, muito ouro de lavagem, que naquelle tempo se tirava em quantidade, por haver muitos indios, e elle trouxera um grão de quarenta e oito oitavas ao Marquez V.-rei; vendo seu avô que lhe não deferiam com mineiros, se viera a represental-o, e dar noticias do que tinha obrado, com o que ficou em calma por aquella parte”.

A expressão “perto de cinco annos ” indica bem claramente que o periodo de governo de Salvador Corrêia de Sá (o velho) se prolongou até 1618.

Neste anno e não a 11 de junho de 1623, como pretende Porto-Seguro (“Historia geral do Brasil”, II, 1208) é que foi nomeado governador da Repartição do Sul Martim Corrêia de Sá, cuja administração se estendeu até 1632.

A corôa fez expedir, a 18 de agosto de 1618, um regimento (Silva Lisbôa, II, 355-356), mandando largar aos seus descobridores as terras mineraes das capitánias de São-Paulo e São-Vicente, mediante apenas o pagamento do quinto. Começa esse documento fazendo referencia ás missões especiaes

de d. Francisco de Sousa e Salvador Corrêia, missões inúteis, "por se não poder por ellas averiguar a certeza das ditas minas, e não se ter tirado dellas proveito algum para a minha Fazenda". Usa Taques ("Informação", 13) de expressão perfeita, quando diz que "tornou o mesmo Senhor a repetir esta graça", porquanto o acto de 30 de janeiro de 1619 (Silva Lisboa, II, 306-338) é a simples reedição do regimento de 15 de agosto de 1603, analogo, nos seus effeitos, ao de 18 de agosto de 1618.

Não se verificou augmento algum na expansão descobridora com a mira de riquezas do sub-sólo, ao tempo da administração de Salvador Corrêia ou de seus prepostos em São-Paulo. Restam apenas os informes de Taques ("Nobiliarchia", XXXII, p. 2.<sup>a</sup>, 331-332) quanto á expedição de Antonio Pedroso de Alvarenga, o qual, "formando uma grande tropa á sua custa, com ella penetrou distante de S. Paulo mais de 300 leguas, e se achou em 1616 postado no centro do sertão do grande rio Paraupava ao norte da capitania, que hoje é de Goyazes, e encaminhá o curso de suas aguas a sepultal-las no caudaloso rio do Maranhão". Assevera o illustre linhagista que esta leva foi animada por d. Luiz de Sousa, com o intuito da revelação de minas de ouro ou prata. Si ella, porém, deve o favoneio ao filho de d. Francisco de Sousa, então partiu de São-Paulo em 1613, pelo menos.

Dessa época é tambem a longinqua jornada de Antonio Castanho da Silva (Azevedo Marques, I, 21). Numa das bandeiras que chefiou de 1618 a 1620, presumivelmente em busca de riquezas mineraes, internou-se aquelle paulista nos sertões de Cuyabá e foi sair no Perú, onde falleceu a 9 de fevereiro de 1622, "nas minas de Tataci, provincia dos Chichas", segundo Taques ("Nobiliarchia", XXXIII, p. 2.<sup>a</sup>, 214).

Todas estas expedições foram infructiferas, quanto ao seu objectivo principal.

A Manuel João Branco succedera, na direcção das minas de São-Paulo, Antão Lopes da Horta, provido pelo conde da Torre a 14 de setembro de 1639. Nisto, sobrevem a restauração de Portugal. A d. João IV deputou a camara de São-Paulo

Luiz da Costa Cabral e Belchior de Borba Gato, os quaes, além das felicitações devidas ao soberano, a este declararam também (Taqes, "Informação", 14) "que os certoens da Capitania de S. Paulo eram ricos de haveres encobertos e ficavão dispostos os Vassallos Paulistas a penetrarem-os para os descobrimentos de ouro e prata, porque esperavão, que S. Magestade tivesse nesta America outro Potocci, como a Corôa de Castella".

Ora, a esse tempo, a extracção do ouro de lavagem alongava-se para a costa meridional de São-Paulo, onde, em 1637, já se exploravam os ribeirões de Cananéa (vêde "O ouro em São-Paulo" do dr. Paula Oliveira, 8), assim como os de Iguape, Paranaguá e Curitiba, consoante com o que já vimos linhas atrás.

O primeiro Bragança, portanto, nomeou a Salvador Corrêa de Sá e Benevides administrador-geral das minas da Repartição do Sul, dando-lhe por auxiliar e successor a Duarte Corrêa Vasqueannes, aos quaes expediu o regimento de 7 de junho de 1644 (Silva Lisbôa, ob. cit., II, 182-189, dizendo Taques "1 de junho" e Pizarro "6 de julho"), assim como o alvará para concessão de mercês, de 8 do mesmo mez e anno (Silva Lisbôa, log. cit., 189-190).

Já vimos a acção do novo governador, quanto ás explorações de esmeraldas no Espirito-Santo. Agora trataremos da região paranaense, então paulista.

Por 1650, Theotonio Ebano (*sic*, conforme Taques, "Informação", 16) manifestava a Antonio Galvão, governador da capitania do Rio-de-Janeiro, amostras de pedras das minas que elle "teve noticia haver junto a Villa de Paranaguá". Levada esta nova ao rei, escreveu este a carta de 28 de novembro de 1651, dirigida a Pedro de Sousa Pereira (63), então admi-

---

(63) Este Pedro de Sousa Pereira (que, pelo cognome, parece ser da familia de João de Sousa Pereira o «Botafogo») era provedor da Fazenda, quando foi nomeado para substituir a Bartholomeu Fernandes de Faria no posto de administrador das minas de São-Paulo, em que este se empossara a 18 de abril de 1648 e no qual fallecera. Daquelle conta o dr. Ermelino Leão (ob. cit., 37) que «foi inculpado, pelos mo-

nistrador das minas de São-Paulo, determinando-lhe investigações. Pereira, afim de dar cumprimento a tal ordem, seguindo para Paranaguá, deteve-se primeiro em Iguape, donde, a 30 de abril de 1653, officiou á Camara de São-Paulo que fizesse descer os indigenas das aldêias de São-Miguel, Baruary e Pinheiros, no intuito de serem localizados á beira-mar. Os edis paulistanos representaram, quer ao administrador, quer a d. João IV, contra semelhante deliberação, que felizmente não foi executada (64), a beneficio do bandeirismo, o qual sempre se utilizou dos indios aldeados para realizar a sua formidavel expansão territorial.

A isto se limita o que se sabe das pesquisas de Pereira (cuja gestão se prolongou até 1658) no sul de São-Paulo.

A 18 de abril de 1659, Salvador Corrêia de Sá e Benevides, — que em sua missão anterior pouco fizera aqui, pois a 12 de maio de 1648 partira desta capital a retomar Angola do poder dos neerlandezes, — reassumia o seu posto de governador da Repartição do Sul.

Como já summariámos, no capitulo anterior, a acção deste preposto regio, quanto a uma pretendida expedição realizada no sertão do Espirito-Santo e quanto ao que fez elle em Paranaguá, notaremos apenas que a provisão ou patente de 19 de maio de 1664 encarregava a Agostinho Barbalho Bezerra, além do descobrimento da serra das Esmeraldas, a administra-

---

radores do Rio-de-Janeiro, pela morte do mineiro Jayme Commere, e esteve preso por faltas commettidas no cargo de provedor das minas de Paranaguá". E logo adiante: — «... é um typo curioso: teve contra si a revolta de duas populações, Rio de Janeiro e Paranaguá». Como se verá do que expomos, mereceu elle tambem a opposição da edilidade paulistana. Isso, entretanto, não impediu que volvesse elle mais tarde ao cargo de provedor da Fazenda, por acto de 16 de julho de 1688.

(64) Pela carta-régia de 7 de novembro de 1691 (documento avulso que se nos deparou no Archivo Nacional), vê-se que mais tarde se renovou este projecto de mudança de indios das aldêias do padroado para o litoral. O soberano, attendendo a mais uma representação dos paulistas, mandou escrever aos officiaes da Camara de São-Paulo, recomendando-lhes obtivessem gente que formasse duas aldêias junto ás minas de Iguape e Paranaguá, afim de ajudarem o beneficiamento de taes lavras.

ção das minas de Paranaguá. Para a leva de Barbalho, — que, entretanto, nada fez no territorio sul-paulista, — obteve este o auxilio dos potentados de São-Paulo, invocado pelo monarcha então reinante e especialmente reclamado pelo expedicionario em apuros.

Merece realmente louvores, pelos resultados que produziu, a carta-circular dirigida aos paulistas por Affonso VI, em 27 de setembro de 1664. Aguilhoando ainda mais a indomavel energia dos bandeirantes, foi ella que os propelliu ás varias expedições famosas, realizadas entre 1672 e 1675, não mais somente para a montaria aos selvicolas, mas, particularmente, com o fito de descobrir riquezas mineraes, consoante com o expresso desejo do soberano.

Vamos resumil-as, de accordo com o que pudemos colhêr de mais positivo e demonstrado nos autores fidedignos e nos archivos.

A primeira, saindo de São-Paulo, varou os sertões do São-Francisco e do Piauihy, indo parar nas cabeceiras do Tocantins e do Grão-Pará. Constando na metropole que os intrepidos bandeirantes haviam alli descoberto minas copiosas, dirigiu d. Pedro (então regente do reino) ao “Cabo da Tropa da gente de S. Paulo, que vos achaes nas cabeceiras do Rio de Tocantins e Grão Pará” a carta de 26 de abril de 1674, estampada na integra por Taques (“Informação”, 29), animando-o na empreza e pedindo-lhe novas mais seguras sobre as jazidas. Do caudilho da leva opinam quasi todos os historiographos e chronistas que se chamava Paschoal Paes de Araujo, affirmando uns que fundara estancias de gado no sertão de Pernambuco e outros que fallecera naquelle remoto interior, levando para o tumulo os segredos das opulencias metallicas que lá se lhe haviam deparado. Taques, porém, assevera (log. cit.) que o commandante da leva foi o capitão Sebastião Paes de Barros, irmão inteiro de Fernão Paes de Barros. Tivemos a felicidade de descobrir um documento que põe termo á duvida, dando razão ao erudito nobiliarchista. Achámol-o no archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, no volume manuscripto sob n. 203, intitulado “Conselho Ultramarino — Consultas sobre

o Grão-Pará e Maranhão, 1676-1808". Como se trata de uma rectificação importante, e, demais, constam delle pormenores curiosos sobre a actividade dos paulistas nas regiões septentrionaes do Brasil, eil-o integralmente: "Sobre o que pede o Padre Antonio Rapozo captivo em Argel e conta que dá da viagem a que foi por ordem de Vossa Alteza ao Estado do Maranhão. O Padre Antonio Rapozo que Vossa Alteza foi servido mandar deste Reyno no anno de 1674 ao Estado do Maranhão com as cartas ao Governador delle Pedro Cezar de Menezes para enviar ao Cabo da tropa da gente de São Paulo que se dizia assistir na cabeceira do rio dos Tocantins e Grão Pará, com noticia de que a persistencia desta gente naquelle districto era com fundamento de haver achado algum Mineral como a Vossa Alteza se fez presente o que houue por bem mandar ao Padre Antonio Rapozo; e por carta que se recebeu sua neste Conselho de 18 de Fevereiro deste anno da (dá) conta a Vossa Alteza que embarcando-se em um Patacho nouo que se fizera no Maranhão persuadindo-se que chegaria com mais brevidade a real prezença de Vossa Alteza que embarcando-se digo, no fim de quatro mezes de viagem com ventos contrarios, achando-se na altura do Porto faltos d'agua e de mantimentos, encontrarão-se com duas Náos de Turcos que o captiuarão e levarão a Argel onde estaua em aspero captiueiro que se o não tomarão, e a mais gente e Patacho, é certo que pela falta d'agua e mantimentos perecerião todos. Dá conta a Vossa Alteza pela mesma carta executára pontualmente o regimento que Vossa Alteza lhe mandou dar, para o descobrimento da Ilha de São Paulo, partindo do Pará em 16 de Dezembro de 1674 com trinta e cinco homens brancos e passante de trezentos indios que o Governador daquelle estado com o zello do seruiço de Vossa Alteza lhe mandou aprestar em quatorze canoas e o mais necessario para esta jornada, e subindo pelo rio acima dos Tocantins somara onze grãos em que gastou de hida e volta, cinco mezes e quatro dias athe 20 de Maio de 1675 que chegou outra vez ao Pará e que pasando no sitio onde se tinha alojado o cabo da tropa de São Paulo, achou noticia que por seu descuido ou ambição de captivar gentio o tinha este morto e aos mais da



tropa e erão duas nações a dos Aroaquins de lingoa geral e melhor genio e a dos Bilreiros cruel e belicosa hauendo mais de um anno ter-se feito por estes gentios aquelles insultos aos de São Paulo, por cuja causa se retirára e não tem noticia de Minas algumas que lhe desse o dito gentio, e naquelle citio mandara por (*pôr*) um padrão com as armas reaes, e dentro nelle inserira uma carta sua para quando alguma tropa de São Paulo fosse ao mesmo citio a visse, com a copia do regimento que Vossa Alteza lhe mandou dar e lhe declarava como as cartas de Vossa Alteza que levava para o Cabo ficavão na mão do Reytor do Colegio da Cidade do Grão Pará, e por não achar guias que dali a diante tiuesse passado, se tornou a esta Cidade trazendo perto de mil almas do gentio Aroaquin que a sua persuasão baixára ao Pará, e ficarão aldeados os indios nas aldeias de Vossa Alteza para se liurarem do captiveiro assim dos de São Paulo como dos Bilreiros com quem tinham guerra. E depois de vista neste Conselho a carta do Padre Antonio Rapozo, se recebeo a segunda via de papeis que elle trazia que vierão no navio do capitão João Pereira Seixas que do Pará chegou ás rias de Galiza no mez passado, e assim por carta do Governador Pedro Cezar de 13 de Agosto do anno passado em que dá conta a Vossa Alteza do mesmo que a carta do Padre Antonio Rapozo relata, e que aprestando-se para aquella dilatada e perigoza viagem, a prosequira em 16 de Dezembro de 1674; e chegando athe dez grãos e meio da banda do Sul onde pelas informações que achou no mesmo rio dos Tocantins, estiverão situados os moradores de São Paulo mais annos do que os que se sabião, porem, os não achou ja nelle nem noticias que estivessem trabalhando em Minas: vio os signaes de sua habitação, e as estradas que havião aberto para São Paulo, e certificadas as novas que elle Governador tinha procurado a Vossa Alteza de que uma sua bandeira (como elles lhe chamavão), hauia sido desbaratada pelos indios, e nella morto *Sebastião Paes de Barros*, principal cabo de todos, e chegara da dita viagem em 17 de Maio de 1676, e se embarcava para este Reyno pela embarcação como Vossa Alteza lhe ordenára, e por elle ser o portador deixára de fazer mais particular relação. O Padre An-

tonio Rapozo representa na sua carta a Vossa Alteza o aspero captiveiro em que está padecendo por hir servir a Vossa Alteza como lhe ordenou, e pede a Vossa Alteza prostrado a seus reaes pes o mande resgatar por via do enviado ao consul inglez ou francez que tem em Argel os seus correspondentes para que vindo a este Reyno possa dar a Vossa Alteza todas as noticias do que obrou mais meudamente, pela instrucção que Vossa Alteza lhe mandou dar. Ao conselho parece fazer tudo presente a Vossa Alteza, e que visto o que representa o Padre Antonio Rapozo — ser captivo em serviço de Vossa Alteza e este sacerdote ser pobre — (*dever*) se resgatar pela via que mais promptamente parecer. Lisboa 15 de Abril de 1676. — *O Conde — Sá — Malheiros — Telles — Dourado.* — A' meza da consciencia e ordens se ordena dê para ajuda do resgate do supplicante duzentos mil réis e por elle ser captivo vindo do Maranhão de particulares que se lhe encarregarão, tocantes aquelle estado, o Conselho dará do dinheiro das conquistas que está a seu cargo, o resto que faltar para este resgate, o qual mando se faça por via de mercadores. Lisboa, 23 de Junho de 1676. — *Principe*".

Por esta peça historica, de authenticidade incontestavel, ficamos tambem sabendo da entrada dirigida pelo padre Antonio Raposo ao "descobrimento da ilha de S.-Paulo". E' provavel que este facto e a paridade de nome com o heróe de Guayrá tenham levado os historiadores a dar aquelle emissario tonsurado como filho da terra dos bandeirantes. Assim, Silva Lisboa (II, 219) diz que elle era "natural de S. Paulo", referencia que, aliás, não se acha em Taques. A pequena parte tomada por aquelle sacerdote num dos episodios do bandeirismo contribuiu, indubitavelmente, para augmentar a confusão, até ha pouco existente, entre Antonio Raposo Tavares, o destruidor das reduções jesuiticas meridionaes em 1628, Antonio Raposo, o capitaneador de auxilios contra os invasores bátavos em 1639, e o padre Antonio Raposo, cujo papel acabamos de ver, pelo documento acima transcripto.

O trecho final de Taques, na parte respeitante á leva de Sebastião Paes de Barros, é demasiado obscuro. Cotejando-o,

porém, com o identico passo de Silva Lisbôa, parece deduzir-se que o soberano escreveu ao governador do Estado do Maranhão, a 23 de abril de 1674, recommendando-lhe que mandasse, além do padre Antonio Raposo, o paulista (idem, na "Informação", log. cit.) João Teixeira Dormundo, "afim de se encontrarem com o cabo da tropa que alli fôra ter, para fazerem descobrimentos naquelle sertão". Taques conta, ainda, que o principe se dignou de honrar a João Teixeira Dormundo com uma carta autographa, datada de 22 de dezembro de 1674.

Queremos crer que Paschoal Paes de Araujo, a quem geralmente se attribue a chefia da expedição ora estudada, tenha sido o immediato de Sebastião Paes de Barros, e, sobrevivendo a este, haja então commandado os restos da bandeira destrocada pelos indios, ligando desse modo o nome á famosa leva, que, como se viu, não teve nenhum resultado pratico quanto ao seu principal objectivo.

Passemos, agora, a apreciar os feitos das outras bandeiras, tambem saidas de São-Paulo, naquelle periodo de memoravel actividade.

Lourenço Castanho Taques (indubitavelmente o velho), com a patente de governador da tropa que abandonou (e não "patente de governador do districto de Cataguás", como diz Aristides Maia, em sua "Historia da provincia de Minas-Geraes", "Rev. do Arch. Publ. Min.", VII, 34), encaminhou-se para o sertão dos Cataguazes. Sobre esta expedição não fornecem informes os chronistas antigos. Pensa Diogo de Vasconcellos (ob. cit., 60) que Lourenço Castanho Taques, effectuando a sua jornada em 1675, dobrou a Mantiqueira, bateu aquelles selvicolas no sitio por isso chamado "Conquista", perseguindo-os até ao Araxá, e chegou até á serra que ainda hoje conserva o nome de "Serra do Castanho", além do Paracatú, á margem do qual iniciou o arraial, depois transmudado na cidade dessa denominação. Presume o citado autor da "Historia antiga das Minas-Geraes" que estes acontecimentos duraram dois annos, pois que o audaz sertanista falleceu em São-Paulo

“a 7 de março de 1677” (aliás, a 5, qual se lê em Taques, “Nobiliarchia”, XXXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 13) (65).

A 8 de agosto de 1672, os officiaes da edilidade paulistana encarregaram a Fernando de Camargo de penetrar o interior com a sua tropa, afim de descobrir minas de ouro, prata e pedras preciosas, e o filho do “Tigre”, que era “grande explorador dos sertões, onde adquiriu numerosa cohorte de indios” (Azevedo Marques, I, 146), acceitou promptamente a incumbencia, — conta-o Taques (“Informação”, 30), que não lhe pormenoriza os successos, de certo por frustraneos.

A 1.<sup>o</sup> de outubro de 1672, deferia a Camara de São-Paulo o requerimento que a 3 de setembro do mesmo anno lhe fizera Manuel Paes de Linhares (é este o nome que lhe dá Taques, chamando-lhe os outros chronistas *Manuel Pires de Linhares*), o qual, não obstante a idade crescida e os achaques, queria, além de homiziados para o acompanharem aos sertões, que de 40 leguas em quadra do districto, onde descobrisse prata ou ouro, não se tirasse gentio algum, por ser necessario ao serviço das mesmas minas, sendo que as taes 40 leguas não se comprehenderiam no districto do serro de Sabarabuçú. Taques nada mais adeanta com relação a este bandeirante, naturalmente porque mangrou a sua tentativa. Entretanto, o autor da “Historia da provincia de Minas-Geraes” (log. cit., 34) assevera que “Ma-

(65) Diogo de Vasconcellos considera, com razão, errada a data da carta-régia de 23 de março de 1664, a qual, segundo Azevedo Marques, repetido por J. P. Xavier da Veiga nas «Ephemérides Mineiras», louvava a Lourenço Castanho Taques «como um dos descobridores do sertão dos Cataguás e Caeté», e diz (ob. cit., 61) que sobre descobrimentos do sertão dos *Cataguá* e *Caheté*, houve uma Carta Régia, sim, mas dirigida a Lourenço Castanho Taques, o Moço... Carta que trouxe a data de 20 de outubro de 1698... Ora, este documento vem integralmente na «Informação» de Taques (pag. 67), e nelle não se fala nem em *Cataguazes* nem em *Cahetés*... Cumpre notar que Lourenço Castanho Taques, o moço, foi quem hospedou faustosamente em São-Paulo a Arthur de Sá e Menezes (Taques, «Nobiliarchia», XXXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 15). Derby, acceitando como verdadeira a carta de 23 de março de 1664, em que se fala «no sertão de Caeté», tenta explicar o facto pela recrudescencia das caçadas de indios naquella região («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», V, 264). A este proposito, veja-se ainda Calogeras, I, 44.

nuel Pires Linhares e Lourenço Castanho foram os primeiros que descobriram minas no districto das que depois se chamaram dos *Cataguás*..." Onde teria elle colhido semelhante tradição? Aquelles dois paulistas tambem attribue Silvio Romero ("Novos estudos de literatura contemporanea", 286) a penetração do *hinterland* mineiro, recuando a data de tal feito para 1668-1670, notando-se que o Barão do Rio-Branco, em seu aliás excellente resumo historico escripto para *Le Brésil* de Levasseur, vae mais longe, fazendo a bandeira de Fernão Dias remontar a 1660-1662 e a de Castanho a 1663 ("Historia do Brasil", traducção de J. V. de Almeida, pag. 76), accordando-se, quanto a esta, com o parecer de Azevedo Marques (II, 55).

A leva commandada por Manuel Pereira Sardinha rumou para os sertões de Paranaguá e da Ribeira-de-Iguape, parece que em 1675, pois é desse anno o registo que a ella se refere no livro da Camara de São-Paulo (Taqes, "Informação", 31). Tambem silenciam os chronistas quanto aos pormenores desta expedição, a qual coincidiu com os descobrimentos das mais importantes minas de ouro de lavagem do actual territorio do Estado do Paraná, feitos pelos paulistas, e um dos quaes é attribuido a Manuel Pereira Sardinha.

Destas diversas bandeiras, conglomeradas e resumidas pela "Informação" de Taques, deixamos intencionalmente para o fim a mais celebre, a de Fernão Dias Paes (66), o qual, apesar de velho, avezado aos sertões, tomando para seu immediato a Mathias Cardoso de Almeida e levando em sua companhia, além de outros paulistas e grande numero de indios, a seu genro Manuel de Borba Gato, ao filho legitimo Garcia Rodrigues Paes e ao bastardo José Paes, partiu de São-Paulo para o interior, á caça de esmeraldas, em 21 de julho de 1674. Não nos deteremos em esmiuçar os successos desta tragica porfia, que du-

---

(66) Como se pôde ver em Taques («Nobiliarchia», XXXV, p. 1.<sup>a</sup>, 102-130, com muitos e interessantes documentos), Fernão Dias Paes não usou nunca o cognome de Leme, oriundo de sua avó Lucrecia Leme. Em um dos documentos do Arquivo Nacional, dos muitos que compulsei e colligí, tive ensejo de ler-lhe a assignatura autographa: *Fernão Dias Paes*.

rou não menos de sete anos (67) e inspirou a epopéa, quasi de todo desconhecida, de um luso chamado Diogo Tinoco, o poemeto lapidar do nosso príncipe do Verso, Olavo Bilac, e o bello trabalho theatral, "O Governador das Esmeraldas", de Carlos Góes. Até ás cabeceiras do rio das Velhas, seguiu a leva o caminho trilhado em 1601 por André de Leão, differençando-se, comtudo, da entrada deste num ponto capital, que foi o plantio de roças nos seus forçados e longos pousos (*Vituruña, Paraopeba, Sumidouro do Rio-das-Velhas, Roça-Grande, Tucambira, Itamerendiba, Esmeraldas, Matto-das-Pedrarías e Serra-Fria*, consoante com um escripto de um neto de Fernão Dias, reproduzido por Southey) (68), fixando assim definitivamente as escalas da róta, beneficiando-a para as bandeiras posteriores e, afinal, iniciando o povoamento da região devassada. Saindo das nascentes do rio das Velhas, a leva rumou para o norte, como o indicam os nomes dos derradeiros pousos, buscando successivamente a serra de Itacambira e as cabeceiras do Itamarandiba, atravessando o valle do Jequitinhonha e subindo o affluente do Araçuahy, attingindo desse modo, em arremetida extrema, á lagôa de Vupabuçú e ao Serro-Frio. A volta foi rapida, porque o chefe e grande parte da sua gente estavam atacados de maleitas, vindo Fernão Dias Paes a morrer no Sumidouro, á margem do rio das Velhas, em 1681, trazendo as pedras verdes, que colhera tão longe e suppunha fossem esmeraldas verdadeiras.

A importancia desta expedição, nulla embora quanto ás riquezas que procurava, é assombrosa quanto a outros aspectos. Além do beneficiamento, já apontado, da via de penetração, que F. L. Leite Pereira ("Rev. do Arch. Publ. Min.", VII, 577) considera, com acerto, "a mais importante do Brasil, sinão da America do Sul"; além de ter explorado uma zona mais ampla do coração da nossa patria, onde estavam escondidos thesouros incalculaveis, logo depois revelados por outros paulistas,

(67) Oliveira Lima («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», XVII, 15) eleva a dez esse numero de annos.

(68) E' a *memoria* de Pedro Dias Paes Leme, da qual se serviu, citando-a devidamente, o historiador inglez (V, 60).

— distingue-se a bandeira de Fernão Dias por circumstancias de vulto, que Calogeras (I, 45) assim admiravelmente resumiu: — “Tres sertanistas, que a acompanharam, entretanto, estabelecem o contacto com o periodo das pesquisas do ouro: Mathias Cardoso, pelo estabelecimento franco da estrada que ligou as minas aos curraes de gado do S. Francisco, na Bahia; Borba Gato, cujo nome está indissolivelmente unido ao devassamento da zona do rio das Velhas; e Garcia Rodrigues Paes, a quem se deve a abertura da via de comunicação mais rapida das minas com o Rio de Janeiro”.

Pois bem: todas as expedições acima referidas, algumas longas, fatigantes e dispendiosissimas, foram aprestadas á custa propria pelos paulistas, que, além do mais, conforme pondera Silva Lisbôa (II, 222), as “fizerão com sacrificio das suas vidas, e privações das cousas que gozavão no seio das suas familias, para satisfazerem os desejos Reaes...”

Já vimos, no capitulo anterior, que d. Rodrigo de Castello-Branco (segundo Taques, “Informação”, pag. 31, “hú castelhanao que passando a Portugal se inculcou grande Mineiro de ouro, e prata, com a experiencia, que adquirira no Reino do Perú, Minas de Potoci, e mereceu que S. Alteza o tomasse por Fidalgo de sua Caza”) fôra nomeado, a 2 de junho de 1673, administrador-geral das minas de Itabaiana, onde, acompanhado do mineiro João Alvares Coutinho, esteve em investigações que não sortiram resultado algum.

As novas referentes a descobrimentos de ouro em Paranaguá e ás esmeraldas de Sabarabuçu, e, mais do que tudo isso, as diversas bandeiras paulistas realizadas de 1672 a 1675, compelliram o soberano a transferir do norte para equal posto na Repartição do Sul ao fidalgo espanhol, que, com o seu immediato e cunhado Jorge Soares de Macedo, com o mineiro Coutinho e mais pessoal da administração, chegou ao Rio-de-Janeiro em novembro de 1678.

Aqui, mandou a João de Campos e Mattos (que mais tarde, em 1709, foi capitão-mór de São-Vicente e São-Paulo) a fazer descobrimentos no sertão, “onde o dito Mattos dizia haver seras com pedrarias; porém não se conseguiu desta entrada e

despezas della o menor effeito de utilidade" (Taques, "Nobiliar-chia", XXXIII, p. 2.<sup>a</sup>, 151).

Pouco depois, em fins do mesmo mez e anno, aportava a Santos o administrador-geral.

Do que occorreu durante a estada de d. Rodrigo aqui no sul, dão conta documentada Taques e Silva Lisboa. este, em geral, simples repetidor daquelle. Resumindo o que de ambos consta, resulta o que se segue.

Afóra o bando de 17 de fevereiro de 1679, publicado em Santos, o fidalgo castelhano expediu, a 23 de março do mesmo anno, regimento para os provedores das minas de Iguape e Cananéa, assim como o regimento e instrucções de 13 de agosto de 1679 e o regimento de 27 de abril de 1680, para vigorarem nas minas de Iguape, Cananéa, São-Paulo, Paranaguá e Curitiba.

De abril a maio de 1679, organizou d. Rodrigo uma expedição, sob o commando de Antonio de Lemos Conde, de quem era immediato Francisco Jacome Bajarte, para explorar os campos geraes até ás missões do Uruguay, em busca de minas de prata.

Afim de que se proseguissem os descobrimentos de ribeiros de ouro de lavagem no sertão de Curitiba, a 13 de agosto de 1679 despachou duas tropas de paulistas: da primeira fizeram parte Luiz de Góes, Antonio Luiz Tigre, Guilherme Dias, Antonio Dias, Manuel de Góes e capitão Agostinho de Figueiredo; da segunda, o padre Antonio de Alvarenga, Luiz da Costa e Leão de Arrayolos.

Por portaria de 28 de agosto do mesmo anno, mandou que o mineiro João Alvares Coutinho, Manuel de Lemos Conde, Roque Dias Pereira e Manuel Velloso da Costa (estes, respectivamente, provedor, thesoureiro e escrivão dos quintos) fossem, com o padre frei João Graniça, examinar os serros onde se dizia haver prata. E, a 10 do mez seguinte, partiu em pessoa para o serro em que constava a existencia do metal branco.

Todas estas diligencias foram infructuosas.

Antes disso, conforme os relatos de Taques e Silva Lisboa, muitas minas de ouro do actual Paraná já estavam descobertas



peloş bandeirantes de S. Paulo: as de Paranaguá, pelos "trabalhos do paulista Manuel Pereira Sardinha" ("Annaes", II, 227); e, corrigindo em parte a sua "Informação", diz o autor da "Nobiliarchia" (XXXIII, p. 2.<sup>a</sup> 157) que as outras minas do sertão de Paranaguá, descobertas pelos paulistas, foram: — "em Peruna pelo capitão-mór Gabriel de Lara, e no Itaembé por João de Araujo, e as ditas minas foram repartidas em julho de 1679, e tão ricas que só uma data para el-rei foi rematada por João Rodrigues em 155\$000. As minas de N. S. da Conceição, tambem descobertas no anno de 1679; e depois destas as minas descobertas por Salvador Jorge Velho, tambem paulista. E todos estes descobrimentos sem despeza da real fazenda a mais minima".

Tendo o paulista Diogo Pereira Lima dado a manifesto, por essa época, um ribeiro de ouro de lavagem em Paranaguá, d. Rodrigo, por acto de 3 de outubro de 1679, prohibiu a ida de qualquer pessoa ao dito correjo, enviando o descobridor a outras explorações. E, a 13 de novembro do mesmo anno, ordenou ao capitão-mór Diogo Domingues de Faria, capitão Garcia Rodrigues, capitão João Antonio e Salvador Jorge Velho averiguassem minas de fundição entre Itaembé e as Furnas, conjecturando Taques que esta jornada não chegou a realizar-se.

A isto se limitou, na zona meridional de São-Paulo, a acção de d. Rodrigo, que se retirou dalli, como pondera o autor da "Nobiliarchia" (log. cit., 157), "sem conseguir o mais minimo descobrimento em o sertão de Paranaguá".

A 20 de maio de 1680, aportava outra vez o fidalgo a Santos, e a 2 de julho chegava á villa de São-Paulo, donde, a 7 de setembro, mandou 17 indios ao descobrimento de uma jazida de ouro no Jaraguá, que não foi então encontrada, mas depois se revelou aos escravos mineiros de José da Silva Ferrão, deparando-se tambem perto dalli, no morro de Carapicú, veieiros de ouro e ouro de guapiara (69) a Antonio Vaz de

(69) *Guapiara* (de que existem as variantes *gupiara*, *copiara* e *gru-piara*) era o cascalho aurifero superficial. Delle dá A. de Saint-Hilaire («Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas-Geraes», I, 247) a definição seguinte: — «On designe ce cascalho par le mot de

Oliveira, tudo isso independentemente de impulso official. Ainda o administrador-geral, a 13 de janeiro de 1681, encarregou o padre frei João ("Julião", segundo Silva Lisbôa) Rangel do descobrimento de umas minas de prata, que lhe constára haver em Itú, promettendo ao revelador de taes riquezas, além de mercês honorificas, o alto premio de 2.000 cruzados, que o fidalgo daria do seu proprio bolso. Si esta expedição se realizou, foi egualmente inutil.

Estas diligencias de certo concorreram para que d. Rodrigo se demorasse tanto na villa de São-Paulo, não obstante já estar toda aparelhada a tropa dos paulistas que o deviam levar no encalço de Fernão Dias Paes e que só partiu a 19 de março de 1681.

Seguindo a trilha do "caçador das esmeraldas", o fidalgo encontrou-se, no arraial do Paraopeba, com Garcia Rodrigues Paes, que trazia para a terra natal os ossos do pae e as pedras verdes e que, a 26 de junho daquelle anno, fez entrega ao superintendente régio, não só das roças que a expedição de 1674-1681 plantára sertão em fóra, como tambem dos seixos reputados preciosos, que o administrador enviou immediatamente ao soberano.

Proseguindo em sua derrota, provavelmente para attingir ao deposito das esmeraldas, d. Rodrigo de Castello-Branco não foi além do Sumidouro, onde, conforme Taques ("Informações", 64), *falleceu*, no anno de 1682. Sabe-se, porém, que a morte do fidalgo espanhol occorreu em fins de 1681 e foi devida a um acto de violencia praticado por Manuel de Borba Gato, — facto que se attribue tambem a um dos pagens (ou escravos) deste famigerado paulista. O proprio Taques, em sua "Nobiliarchia", refere por menor esse delicto.

Ignoram-se até ao presente os motivos reaes que produziram essa nova tragedia do Sumidouro, já purpureado pelo sangue do filho natural de Fernão Dias, posto alli em supplicio por este fero Junio Bruto dos sertões mineiros. Como quer que

---

*grupiara*, à cause de la ressemblance qu'offrent la forme et la position de sa couche avec les véritables *gupiaras*, petits toits triangulaires qui s'avancent au dessus du pignon des maisons.

seja; — assim como a nossa terra se obstinava em esconder os seus thesouros opimos á avidez da metropole, parece que tambem os nossos antepassados porfiavam em que fossem só elles, que não os alienigenas, os reveladores das maravilhas em latencia no coração da patria. Fechavam-se ao olhar cupido e profanador de estranhos os seios virgens e tumidos do Brasil, que, entretanto, iam logo abrir-se, iam logo desentranhar-se em novas Ophirs e novas Golcondas, ao anseio febril e fecundo dos seus proprios filhos audaciosos.

Manuel de Borba Gato e Garcia Rodrigues Paes foram, nas duas decadas finaes do seculo XVII, assim como no primeiro quartel do seculo XVIII, involidaveis epigonos do grande cyclo de revelação das riquezas auríferas do *hinterland* mineiro.

A esse aspecto, a bandeira de Fernão Dias Paes, cujo objectivo principal, — as valiosas pedras coradas, — não foi effectivamente alcançado, tem capital importancia na historia da conquista dos sertões brasileiros, em que, ao esvaecimento de uma ephemera miragem, succedeu a mais deslumbradora realidade.

### b) Cyclo da caça ao indio

Cumprê assignalar, antes de mais nada, um evento singular da nossa historia: — tendo os jesuitas fundado, a 25 de janeiro de 1554, a “India do Planalto” (para onde transferiram o seu “Collegio de S. Vicente”, que passou a chamar-se “Collegio de S. Paulo”), que elles sagazmente destinavam a capital das missões do Brasil austral, onde contavam por seguro formar um imperio indigena não inferior ao guaranytico do Paraguay, com o qual, logo depois de constituido este, presto se puzeram em communicação, — o seu plano audaz foi desfeito e a sua obra grandiosa esbarrondada pela inquebrantavel energia dos bandeirantes.

A invasão dos francezes na bahia de Guanabara, em 1555-1567, foi, talvez, outro não menor tropeço inesperadamente opposto á adeantada interpreza dos ignacianos. De facto, bem

que estes coadjuvassem poderosamente, com os seus catechumenos de São-Vicente e do Espirito-Santo, a expulsão dos alienigenas da "França Antarctica", — a confederação dos tamoyos, estalada em 1562, e que foi promovida pelos calvinistas francezes, habituou os mamelucos de São-Paulo á guerra contra os indios, e a fundação do Rio-de-Janeiro, por sua vez, salvou o Brasil meridional de cair, ao mesmo tempo, em poder dos estrangeiros e em poder dos filhos de Loyola.

Dahi em deante, a influencia dos padres marchou de declinio em declinio, e, quando mesmo dispunham de prestigio junto aos dynastas da metropole, viram, com assombro, que tanto a sua propria corôa, como a dos reis senhores da maior porção do mundo, como até a sacra thiara dos papas, não mereciam obediencia por parte dos indomitos sertanistas moradores nos altiplanos de Piratininga.

A' vontade inamolgavel destes indefessos conquistadores de tribus e de terras cederam os jesuitas por mais de uma vez, transigindo tristemente com os direitos de liberdade dos indios, de que se haviam arvorado em patronos, e acurvaram-se tambem os detentores da publica autoridade. O auge da audacia dos bandeirantes é assignalado pela expulsão dos loyolistas e pela simultanea tentativa da formação de um reino independente em São-Paulo, quasi em meiodos do seculo XVII.

Tudo concorreu a propellir e justificar a expansão paulista.

Os selvícolas do Parahyba, do Anhemby (Tieté) e do Jeticahy (rio Grande), mostravam-se rebeldes á catechese e á paz, e "dos sertões do sudoeste (conta Theodoro Sampaio, "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", IV, 277), para além das montanhas, que descambam para o lado do mar, surgiam arrogantes os carijós, envoltos em suas pelles mosqueadas de jaguar, e derramavam-se pelas planicies, levando a destruição e a morte até á aldeia de Pinheiros, cuja capella incendiaram em 1590". Segundo affirma Machado de Oliveira, em sua "Noticia racionada sobre as aldéias de indios da provincia de S.-Paulo" ("Rev. da Soc. de Ethnogr. e Civil. dos Indios", I, 49), os carijós extendiam-se, no litoral, entre Itanhaem e o rio Biguaçu, o qual

então se chamava "rio dos Patos", por dahi começar o dominio dos selvagens desse nome.

Contra aquelles barbaros apparelhou-se a população de São Paulo, que fez a edilidade erguer o reducto de "Emboaçava".

Diz o Barão do Rio-Branco (ob. cit., 59) que "os paulistas, que foram os operarios diligentes da civilização do Brasil, no centro e ao sul... , atacados pelos selvagens, a principio limitaram-se á defensiva, depois tomaram a resolução de se desembaraçar dos seus inimigos".

Tal foi a origem das primeiras acommettidas deste cyclo.

A mais antiga bandeira conhecida, das deste genero, foi a em que tomou parte Anchieta, como interprete, contra os selvicolos do Anhemby, em 1561, seguindo-se-lhe a chefiada por João Ramalho, em 1562, contra os indios do Parahyba.

Depois destas, sabe-se que, no governo de Jeronymo Leitão (70), o qual, como vimos no capitulo anterior, exerceu o capitánato-mór de São-Vicente e São-Paulo por 17 annos, de 1579 a 1592, lhe requereram os officiaes da camara, em nome do povo, fizesse a guerra aos carijós, tupinaés e tupiniquins, tendo-a elle emprehendido pessoalmente, depois de algumas hesitações, dissipadas ante protestos energicos e sérias ameaças (vêde Azevedo Marques, II, 220-221). O capitão-mór, commandando um pequeno exercito de mamelucos (pois os incolos eram batidos e caçados por seus proprios descendentes), assolou durante seis annos as aldêias do Anhemby, que eram, conforme os jesuitas espanhóes, em numero de 300, contando cerca de 30.000 habitantes. Os vencidos, que foram em grande cópia, vieram arrastados para a rude faina dos engenhos e lavouras do litoral. Vimos, por linhas atrás, que Jeronymo Leitão, em 1585,

---

(70) Jeronymo Leitão, em 1574-1575, auxiliara a jugulação dos tamoyos, determinada pelo governador Antonio Salema, qual se vê da «Enformação do Brazil e de suas Capitánias» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», VI, 415), escripta em 1584, e onde se lê: — «...cõ favor da capitania de São Vicente da qual veo o capitão Jm.º Leitão, cõ a maior parte dos Portugueses e Indios xpaos (*christãos*) e gentios, e cõ esta ajuda cometeu a empreza e acabou de destruir toda a nação dos Tamoyos...»

organizára também contra os carijós uma bandeira, por elle commandada, e com a qual penetrou até Paranaguá.

A 1592 remonta a leva de Sebastião Marinho, que, saindo a prear gentio, se presume ter chegado até Goyaz, correndo a fama de ter alli descoberto riquezas mincraes.

Em 1594, Jorge Corrêia ("Nobiliarchia", XXXIII, p. 2.<sup>a</sup>, 82) marchou a guerrear os carijós.

E, desde aquelle anno até ao de 1599, consta dos chronistas que Affonso Sardinha, com o filho de igual nome e João do Prado (o qual, segundo Silva Leme, III, 144, falleceu no sertão em 1616), andaram em álgaras contra os indios do Jeti-cahy, apresando-os ou exterminando-os.

Os jesuitas, que já antes, principalmente em 1593, em vão tentaram obstar essas bandciras, obtiveram em 1595 uma lei da metropole, pela qual se vedava em todo e qualquer caso o captivamento dos indios. Esse mandamento legal, porém, não foi cumprido.

Embora não tenha sido de origem paulista, entra aqui, pelo seu escopo e pela sua data, a entrada que, em 1597, governando o Rio-de-Janeiro pela segunda vez (71) Salvador Corrêia de Sá o velho (1577-1598), commandou o filho deste, Martim Corrêia de Sá, em demanda do *hinterland* brasileiro. Essa expedição, cuja mira de "auxiliar os guayanazes contra os tamoyos" a relaciona com a formidavel arrancada de 1572, effectuada por Salema, partiu do Rio-de-Janeiro a 15 de outubro de 1597, levando 700 portuguezes e 2.000 indios, consoante com a narrativa do inglez Knivet (este e o seu compatriota Henrique Barraway fizeram parte da leva), inserta na "Rev. do Inst. Hist. Bras.", XLI, p. 1.<sup>a</sup>; 183-272. Servindo-se desse relato, quiçá phantasiioso na sua maior extensão, do subdito britannico, desgarrado da frota corsaria de Cavendish, e de um capitulo relativo aos indios, constante do original e não integrado naquella publicação, Orville Derby, acceitando a reconstituição do ro-

---

(71) Acha-se a fls. 53 do t. II dos «Registos do Conselho Ultramarino», já citados, a provisão de 12 de setembro de 1577, que deu a Salvador Corrêia de Sá a governança do Rio-de-Janeiro por tres annos e 100\$ de vencimentos annuaes.

teiro, devida a José Hygino Duarte Pereira, que a fez com a tradução acima referida, desenvolveu-a interessantemente quanto á segunda porção do itinerario. Conforme o sabio americano, cujo trabalho aqui resumimos, a tropa, entrando pelo caminho dos guayanazes, isto é, por Paraty, galgou a serra do Mar, atravessou os campos de Cunha, transpoz o Parahybuna, alcançando as margens do Parahyba entre São-José-dos-Campos e Pindamonhangaba; dahi, dobrando a Mantiqueira, chegou até ao rio Sapucahy ou ao rio Verde; desse ponto, o grosso da expedição retornou ao Rio-de-Janeiro, tendo gasto cerca de um anno na viagem total; Knivet, porém, e mais 12 portuguezes, fabricando uma canôa, desceram o ultimo rio attingido, e, embrenhando-se depois para sudoeste, foram dar numa aldêia de indios, os quaes mataram a todos os companheiros de Knivet, mas acompanharam a este rumo do mar, vindo, pelo territorio do Paraná, presumivelmente, sair, pelo rio dos Patos, nas costas de Santa-Catharina (72).

A' leva de André de Leão (ou "de Glimmer", pois este fornecedor das informações do roteiro ganhou mais celebridade que o acaudilhador da expedição), atrás estudada, cabe, segundo Calogeras (I, 21-32), influxo poderoso na orientação das explorações posteriores. Pensa o douto escriptor que o insuccesso daquella investida serviu de "exemplo para afastar os sertanistas do rumo de Minas-Geraes".

Entretanto, é certo que, logo após o mallogro daquella jornada, de origem official, outra, de organização espontanea, se realizou ainda na mesma direcção, não com o fito de descobrir riquezas mineraes, mas com o de conquistar gentio.

Os documentos revelados por Washington Luís, publicados e estudados por Orville Derby na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr.

---

(72) A segunda parte da narração da viagem (de Knivet e 12 portuguezes e de Knivet e indios), está, a nosso ver, repleta de ficções. Basta dizer que ahi (pags. 238-248 da «Rev.» acima citada) fala o inglez em ter avistado a «montanha reluzente», de brilho offuscante, e em ter achado pedras preciosas de varias côres e feitios, assim como pepitas de ouro do tamanho de uma avelã, afóra o mais que lardeia a phantastica pabulagem.

de São-Paulo" (VIII, 399-423), e a carta que, a 13 de janeiro de 1606 ("1608", segundo Derby, talvez por erro typographico, embora repetido), dirigiu a camara paulistana ao donatario da capitania (Azevedo Marques, II, 225-226), jorram luz sufficiente sobre essa nova penetração do *hinterland* brasileiro, em montaria aos selvagens.

Roque Barreto, que exerceu por tres vezes o capitánato-mór de São-Vicente, em 1598, 1600 e 1603 (conforme o catalogo de Marcellino Ferreira Cleto, "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", V, 163-164), foi quem, entregando-a ao commando de seu irmão Nicolau Barreto, ordenou a leva, composta de 300 homens brancos e de muitos auxiliares indios ou mestiços, a qual partiu de São-Paulo, "a descer gentio", em dias pouco posteriores a 8 de setembro de 1602, e "gastou dois annos na viagem, com muitos gastos e mortes", sendo, aliás, "contra uma lei de El-Rei que os padres da companhia trouxeram". Tomaram parte na expedição muitos paulistas, cujos nomes depois mais se afamaram nas incursões contra os dominios espanhóes, occupados pelas aldêias jesuíticas. Reconstituindo-lhe o roteiro, de accôrdo com as peças historicas recentemente encontradas, presume Derby que a bandeira de Nicolau Barreto, cinco mezes após a partida, tenha alcançado as margens do rio das Velhas, e, decorridos outros cinco mezes, chegasse ao sertão do Paracatú, provavelmente ao norte desse rio. Calcula o sobre-dito escriptor em cerca de 3.000 o numero dos indios apresados, que parecem ter sido da tribu dos *temininos* (*sic*; mas um dos documentos fala em *temininos* e outro em *tapias*, talvez *tapuyas*). Convem notar que em uma das peças historicas o intuito da leva é mascarado com a designação do "descobrimiento de minas de ouro e prata".

A supramencionada carta de 13 de janeiro de 1606 encerra dados curiosos sobre os incolas e os seus escravizadores. Depois de referir-se ao gentio carijó, "que está 80 leguas daqui por mar e por terra e se affirma que podem ser 200.000 homens de arco", ponderavam os officiaes da camara que as cinco villas, então existentes na capitania, podiam "pôr em campo para os Carijós mais de 300 homens portuguezes, fóra os seus



índios escravos, que serão mais de 1500, gente usada ao trabalho do sertão, que com bom caudilho passam ao Perú e isto não é fabula" (73).

A 1607-1608 attribue-se a bandeira de Belchior Dias Carneiro, que penetrou largamente o sertão, onde morreu o cabo, passando a tropa a ser commandada por Antonio Raposo o Velho. Ignora-se, porém, o seu itinerario.

Mas foi ao sul da linha de Tordesillas, e principalmente além do seu limite occidental, que se encontrou a expansão brasileira, dirigida pelos paulistas, com a expansão espanhola, capitaneada pelos jesuitas. De ambas, os índios foram ao mesmo tempo os auxiliares e a preza collimada.

Além dos nossos chronistas e linhagistas, — entre os quaes é de rigorosa justiça destaquemos o erudito Pedro Taques, — que se occuparam com esse magno episodio do bandeirismo, sempre ha alguma coisa a respigar nos historiographos alienigenas, — jesuitas em sua maior parte, — como sejam Antonio Ruiz de Montoya (74), Francisco Jarque (75), Nicolau del Techo

(73) Taques, em sua «Nobiliarchia» (XXXIII, p. 2.<sup>a</sup>, 214), corrobora essa tradição: — «...os antigos paulistas, penetrando o sertão do Paraguay, sem dependencia de buscarem o passo da cordilheira por Mendonça (*Mendoza*), e por innumeraveis nações de gentios barbaros, chegavam ao Perú, donde traziam a prata, de que foi muito abundante a cidade de São Paulo, e nella houveram casas com copa importante no peso mais de 40 arrobas».

(74) A sua «Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesús, en las Provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay, y Tape &c» foi editada em Madrid em 1639 e della ha uma versão guarany, que foi trasladada a vernaculo por Baptista Caetano de Almeida Nogueira e publicada no vol. VI dos «Annaes da Bibl. Nac.».

(75) Da preciosa livraria deixada por Eduardo Prado adquiriu a nossa Bibliotheca Nacional a celebre e rarissima obra de Francisco Jarque, «Insignes misioneros de la Compañia de Jesús en la provincia del Paraguay», sobre a qual, assim como sobre outras que elle produziu, tambem relacionadas com a nossa historia, incidiu de rijo a critica de Pedro Taques, em differentes passos da «Nobiliarchia». Delle igualmente possui a Bibliotheca Nacional a intitulada «Ruiz Montoya en Indias», edição madrilhenha de 1900, tirada da saragoçana de 1662, que foi a primeira. Dos quatro volumes de que consta, só o III e o IV é

(76), Charlevoix (77), conego João Gay, que foi vigário de Alegrete e São-Borja (78), e Pastells (79), — fontes insuspeitas quanto á materialidade da proeza dos bandeirantes.

Sabe-se que selvícolas do dominio espanhol eram doutrina-dos em Piratininga e que escravos indigenas da colonia luso-americana eram empregados em trabalhos agricolas no Paraguay, no ultimo quartel do seculo XVI.

Sabe-se mais que foi Anchieta, então provincial da Sociedade de Jesús no Brasil, quem, ainda nos fins do seculo XVI,

que se occupam dos *raids* formidaveis dos bandeirantes sobre as provincias hispano-jesuíticas. Aproveitar-nos-emos de um ou outro informe dessa collectanea, que nos parece ter sido trabalho de encomenda da Sociedade *ad majorem Dei gloriam*, tal a abundancia de milagres ahí relatados. De mais, a censura da edição *princeps* foi feita pelo proprio irmão do autor, o jesuita Juan Antonio Jarque, porventura collaborador dos inventos thaumaturgicos que a repletam. Consignaremos que o dr. Francisco Jarque dá apenas os nomes de tres dos cabos paulistas assaltadores do Guayrá: — no vol. III, cap. 2.º, pag. 26, cita Antonio Raposo e Simão Alvarez; e no cap. 4, pag. 42, menciona Manuel Moura, talvez adulteração de Morato.

(76) *Nicolau del Techo* (padre) — «*Historia Provinciae Paraguariae Societatis Jesu*» (Leodii, 1673). Esta obra é dividida em 14 livros, num só volume: — no III, descreve a provincia de Guayrá; no IX, a primeira invasão dos paulistas; no X, a fundação das aldeias de indios itatines e os ataques dos mamelucos contra ellas; no XI e no XII, as incursões dos bandeirantes contra a «*Provincia de Tape*».

(77) *Pierre François-Xavier de Charlevoix* (de la Compagnie de Jesús) — «*Histoire du Paraguay*» (Paris, 1761). Esta obra em tres vols. foi composta em grande parte com os materiaes das de Montoya, Techo, Jarque e Rui Diaz de Guzmán. O vol. I comprehende nove livros, dos quaes os seis ultimos tratam da fundação das provincias jesuíticas e sua destruição pelos paulistas.

(78) *João Pedro Gay* (conego) — «*Historia da Republica Jesuitica do Paraguay*» (Rio, 1863). Este excellente trabalho appareceu primeiramente no tomo XXVI da «*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*»; a separata, feita em 1863 por deliberação do Instituto, num vol. de 484-65-VI pags. e 4 qs. ds., acha-se hoje completamente exgottada.

(79) *Pablo Pastells* (padre) — «*Historia de la Compañia de Jesús en la provincia del Paraguay*» (Madrid, 1912). Esta obra, em tres vols., menciona varios documentos interessantes para a historia do bandeirismo paulista, além de ser, das saídas de penna estrangeira, a mais fundamentada (pois o autor pesquisou os archivos de Sevilha e de Simancas) e a mais desenvolvida sobre o assumpto.

enviou varios ignacianos destinados á catechese dos incolas do Paraguay.

No começo do seculo XVII, provavelmente pelo caminho chamado de São-Thomé, estabeleceram-se relações frequentes entre São-Paulo e Asunción, — do que dão testemunho as actas da edilidade paulistana.

Segundo as documentadas informações do padre Pastells (ob. cit., 144), d. Fernando Arias de Saavedra, governador do vice-reino do Prata, não só suggeriu á corôa a fundação de povoações entre a provincia de Vera e Santa-Catharina, como tambem, para impedir que os portuguezes continuassem a escravizar os indios daquella região, lembrou a conveniencia de despovoar-se Cananéa, que ele acreditava pertencer a Castella.

Ao tempo em que d. Francisco de Sousa administrou a Repartição do Sul, não consta a existencia de bandeiras de resgate, o que se explica por ser a ellas contrario aquelle governador. Mas, na interinidade de seu filho d. Luiz de Sousa, este mandou á sua custa diversos tuxáuas de Guayrá, então em São-Paulo, a buscar os parentes que tivessem por lá, afim de lhe virem lavrar as minas de Araçoyaba, que elle herdara do pae. Combinando-se os relatos de Gay (ob. cit., 14-15, das notas) e de Pastells (ob. cit., 195 e 222), verifica-se que a expedição, da qual era Fernão Paes de Barros um dos cabos, attingiu ao Paranapanema em fins de outubro de 1611, saqueando o povo do morubixaba Taubiú, e delle e de outra maloca arrebanhando mais de 80 individuos ou 800 familias); mas, perseguida a tropa pelo governador de Guayrá, que alli acabava de chegar, o general d. Antonio Anasco, foi quasi completamente destrôçada. Isso não impediu que Sebastião Preto, em agosto de 1612, andando a prear escravos indigenas naquella zona, reunisse cerca de 900 delles, com os quaes marchava para São-Paulo, quando o governador de Ciudad-Real saiu com forças superiores no ençalço do paulista, conseguindo retomar-lhe mais de 500 guaranys apreçados, dos quaes, todavia, a metade ainda fugiu, para de novo juntar-se ao comboio do bandeirante.

Deviam ser constantes as arremettidas dos caçadores de escravos no rumo do sul, por toda a segunda decada do seculo

XVII, — porquanto a 5 de junho de 1619 (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo”, V, 185) era expedido um alvará régio mandando tirar devassa “aos culpados em fazer entradas ao sertão de Patos a resgatar gentios”.

Um dos mais destemidos e perseverantes pioneiros dos sertões meridionaes foi Manuel Preto. Este bandeirante realizou contra as reduções hispano-jesuíticas diversas investidas, que lhe valeram, talvez ainda na tradição popular do seu tempo, a denominação de “heróe da Guayra”. Combinando-se as informações dos nossos chronistas com as do padre Pastells, conclue-se que Manuel Preto em 1619 tirou grandes contingentes de indios das aldêias de Jesús-Maria e Santo-Ignacio; que, pelos annos de 1623 e 1624, aprezou na mesma região mais de 1.000 indios com os quaes lavrava as suas terras da Expectação (hoje Nossa-Senhora do O’), nos suburbios de São-Paulo, onde desde 1580 montara fazendas de canna e criação. O Barão do Rio-Branco (ob. cit., 61-62) assegura que — “em 1627, os paulistas foram atacados pelo cacique Tayaobá, alliado dos espanhóes. No anno seguinte, para se vingarem dessa aggressão, os paulistas assolaram as fronteiras da provincia de Guayrá”. O padre Pastells confirma essa versão, mencionando, entre os ataques então dirigidos contra as reduções jesuíticas, o de 1629, sob o commando de Antonio Raposo e Manuel Preto, que provavelmente pereceu nessa interpreza, pois o padre Maseta, em carta de 22 de julho de 1630, diz que “Manuel Preto, autor de todas essas entradas, morreu no sertão com as muito boas flechadas que lhe deram os indios contra quem ia”.

Na larga zona, legitimamente castelhana (menos a faixa litoranea que findava em Laguna), comprehendida entre o Paranapanema, ao norte, e o Ybicuhy, ao sul, os espanhóes, que no remoto interior se haviam limitado ao estabelecimento de Asunción, levantaram, na segunda metade do seculo XVI (em 1557 e 1576, conforme Gay, ob. cit., pag. 5 das notas finaes), dois burgos, talvez reclamados pelos padres de Loyola para postos de defeza, ou sentinellas avançadas, do seu novo imperio guaranytico: Ciudad-Real, perto da foz do Piquiry no Paraná, e Villa-Rica, á margem esquerda do Yvahy, junto á barra

do rio depois chamado Mourão. Com os colonos dessas povoações, diz Capistrano de Abreu ("Noções de Historia do Brasil até 1800", 102), "a gente de S. Paulo cultivou a principio boas relações; nas caçadas humanas foram ás vezes socios e alliados".

Em 1610, iniciaram os missionarios castelhanos da Sociedade de Jesús a sementeira das suas reduções, fundando Santo-Ignacio e Loreto á margem esquerda do Paranapanema; e, de 1623 a 1630, fizeram surdir naquella zona mais 11 aldéias (San-Xavier, San-José, Encarnación, São-Miguel, San-Pedro, San-Pablo, Angeles, Santo-Thomé, Concepción, Santo-Antonio e Jesús-María), que todas formavam a "Provincia de Guayrá", limitada pelos rios Paranapanema, Itararé, Yguaçu e margem esquerda do Paraná.

A "Provincia do Paraná", já organizada em 1626, compunha-se de sete reduções: Santa-Maria-la-Mayor, Natividad-de-Acaraig, Santo-Ignacio-Guazú, Itapuã, Corpus, Yapeyú (ou Nuestra-Señora-de-los-Reyes) e Curuzú (ou Asunción).

Desde antes de 1620 tinham os ignacianos começado a povoar, com aldéias missioneiras, o territorio do actual Estado do Rio-Grande-do-Sul, onde constituíram duas administrações: — a "Provincia do Uruguay", que contava 10 reduções, fundadas entre 1617 e 1634 (Candelaria-de-Caazapámini, San-Nicolás, Mártires-de-Caaró, San-Carlos-de-Caápi, Apóstoles-de-Caazapáguazú, San-Miguel, Santo-Thomé, San-José-de-Itaquatiá e San-Cosme-y-San-Damián); e a "Provincia de Tape", a léste da anterior, a qual era constituída por seis povos, ahí estabelecidos de 1632 a 1634 (Natividad-de-Araricá, Santa-Teresa-de-Ibituruna, Santa-Ana, San-Joaquín, Jesús-María-de-Yequí e San-Cristóbal).

Escreve Capistrano (ob. cit., 102-103), a cujo excellente resumo sobre a fundação das reduções jesuíticas preferimos, todavia, outros trabalhos de maior desenvolvimento: — "Não se imagina presa mais tentadora para caçadores de escravos. Porque aventurar-se a terras desvairadas, entre gente boçal e rara, falando linguas travadas e incompreensíveis, si perto demoravam aldeamentos numerosos, iniciados na arte da paz,

affeitos ao jugo da autoridade, doutrinados no *abá-nheen?* Houve alguns salteios contra as reduções desde o seu começo, mas a energia e o sangue-frio dos jesuitas contiveram os arreganhos dos mamelucos, que se retiraram proferindo ameaças. Para pol-as em pratica, precisavam, porém, da connivencia da gente de Asunción. Isto conseguiram em fins de 1628, e muito concorreu para assegurar a Luis Céspedes Xeria, governador do Paraguay, casado em familia fluminense, senhor de engenho no Rio. Fez por terra a viagem para seu governo; esteve em Loreto do Pirapó e Santo-Ignacio de Ypã-umbuçú, admirou as egrejas, *hermosissimas iglesias, que no las he visto mejores en las Indias que he corrido del Perú y Chile*, — e fez signal aos bandeirantes para avançarem”.

De Luiz Céspedes occupa-se amplamente o jesuita Charlevoix (ob. cit., I, 372), que allega ter o governador infringido uma ordenação real, que vedava taes viagens pelo interior aos representantes da metropole. Céspedes era casado com d. Victoria de Sá, filha de Gonçalo de Sá e sobrinha de Martim de Sá, então governador do Rio-de-Janeiro (80). O engenho, a que se refere Capistrano, era sito em Jacarepaguá. Graças aos documentos recentemente aproveitados pelo padre Pastells, sabe-se que Céspedes, depois de ter estado cerca de um mez em São-Paulo, embarcou-se no Tieté a 16 de julho de 1628, indo, pelo alveo do Paraná, até á provincia de Guayrá, donde se passou para Asunción. É curioso que o governador, antes deprehender a sua derrota, se munisse de attestados das autoridades paulistas, — provisões do capitão-mór e officiaes da camara de São-Vicente, do capitão-mór e ouvidor de São-Paulo (81), e até certificados dos jesuitas das aldeias indigenas da

---

(80) Pastells, por equivoco, dá-a como irmã de Martim Corrêa de Sá. As informações, que acima deixámos exaradas, foram-nos fornecidas, quanto aos Assecas e ao sitio do engenho, pelo erudito e fidedigno Vieira Fazenda.

(81) Um documento dado á estampa por Washington Luis («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», IX, 528) evidencia que os edis paulistas estranharam não haver Céspedes preferido o interior á via maritimo-fluvial, commummente seguida para Asunción. Do archivo da

terra dos bandeirantes, — de que não levava em sua companhia nem paulistas, nem contrabandos. Eguaes precauções tomou elle em Mbaracayú. Ora, tudo isso faz crer que elle estivesse, de facto, conluiado com os caçadores de escravos. O certo é que elle foi submettido a processo, por ter contribuido para a perda das reduções jesuiticas meridionaes. Da ligação de Céspedes com os paulistas é prova o ter sua esposa seguido mais tarde para a capital do Paraguay em companhia de André Fernandes (82), um dos maiores aprezadores de indios das aldêias do sul. Os ignacianos increparam a Céspedes o ter mandado aos bandeirantes, por Francisco Benítez, o aviso para que avançassem contra as missões de Guayrá, e affirmaram mais que André Fernandes confiou seu filho Francisco áquelle governador, afim de ordenar-se no Paraguay, como realmente aconteceu, vindo mais tarde o padre Francisco Fernandes de Oliveira a ser vigario da villa de Parnahyba, fundada por seu pae (83).

camara de São-Paulo, livro XIII, consta uma acta com os trechos seguintes: — «Aos oito de julho de mil e seiscentos e vinte e oito annos... os officiaes della... puzeram em pratica as causas do bem commum 'e pelo procurador foi dito que requeria aos officiaes... soubessem como o governador do Paraguay que nesta villa está para passar mandassem saber se tinha ordem para passar por este caminho por ser prohibido e os ditos officiaes mandaram se soubesse a ordem que tinha de sua magestade para passar por aqui...»

(82) Entre os paulistas que, no primeiro quartel do seculo XVII, mais se notabilizaram pela sua fecunda actividade, trazendo indios dos sertões longinquos e com elles semeando povoações na terra dos bandeirantes, contam-se tres irmãos, a que bem se applicou o agnome de «povoadores»: — André, Balthazar e Domingos Fernandes. Ao primeiro deve-se a fundação de Parnahyba, elevada a villa em 1625; lançou o segundo, em 1645, os alicerces da capella de Nossa-Senhora da Ponte-de-Sorocaba, em torno da qual repontou o arraial de Sorocaba, que foi feito villa em 1661; e o terceiro, finalmente, com seu genro Christovam Dinís, deu origem á igreja de Nossa-Senhora-da-Candelaria de Utúguassú, junto á qual surgiu o nucleo de população que em 1657 se erigiu á categoria de villa, com o nome de Itú (Ytú).

(83) Já em 1926, conforme consta da acta de 18 de abril desse anno da Camara de São-Paulo, Gaspar de Brito, natural da dita villa, fôra «ordenar-se de missa» na capital do Paraguay, por não haver bispo nestas partes do sul do Brasil, consoante com as suas allegações.

Seja como fôr, a invasão operou-se rapidamente, renovando-se por sortidas systematicas.

Sobre o heróe principal dessa façanha memoravel pairavam duvidas, que os nossos compatriotas trataram não ha muito de dissipar. Além de Antonio de Toledo Piza ("Documentos interessantes para a historia e costumes de São-Paulo", IX, 87-98), de L. G. da Silva Leme (III, 9 e 523) e do Barão do Rio-Branco (ob. cit., 63-64), publicou Washington Luís ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", IX, 485-533) uma criteriosa e documentada monographia, demonstrando cabalmente que foi Antonio Raposo Tavares o autor do extraordinario feito.

Partindo de São-Paulo em 18 de outubro de 1628, descendo pela costa e subindo a Ribeira-de-Iguape, a formidavel bandeira, que se compunha, segundo alguns escriptores, de 900 mamelucos e 2.000 indios auxiliares, dirigidos por 69 paulistas qualificados (84), como loco-tenentes de Antonio Raposo Tavares, arrojou-se, em começo de 1629, contra a provincia de Guayrá, acommettida pela parte de suléste. Alli, bradando aos jesuitas, consoante relata Montoya. — "que iam expulsal-os de toda aquella região, porque era dos portuguezes e não do

---

(84) Eis os nomes dos paulistas da bandeira de 1628, conforme o padre Pastells: — cabo da tropa, Antonio Raposo Tavares; seu irmão Paschoal e seu sogro Manuel Pires, este com dois ou tres filhos; Antonio Pedroso, Manuel Morato, Simão Alvares e quatro filhos; Fernando de Mello e seu genro Manuel de Mello Coutinho; Pedro Moraes, Balthazar Moraes e dois genros; Diogo Domingos Salamanca, Francisco de Lemos, Pedro Coutinho, Simão Jorge e dois filhos; Onofre Jorge e um filho; Antonio Bicudo o Velho, Francisco Proença e dois filhos; Matheus Netto e dois filhos; Gaspar da Costa, Ascenço Ribeiro, Manuel Macedo, André Furtado Peixoto, Salvador de Lima, Gonçalo Pires, Antonio Lopes, Antonio Bassão, Silva Sirgero, Amaro Bueno (filho de Amador Bueno, então ouvidor em São-Paulo) e um genro; Francisco Roldão (Rendon) e seus irmãos Jeronymo e Francisco Bueno; Calixto da Motta e seu irmão Simão da Motta; Sebastião Preto (*Fretes é como grapha Pastells*); Antonio Luiz da Grã com um filho e genro; Estevam Sanches, Bernardo de Sousa e seu cunhado Ascenço de Quadros; Antonio Raposo o Velho, com seus filhos João, Estevam e Antonio; Pedro Madeira e um filho; Gaspar Vaz e um seu genro; Balthazar Lopes Frago e um cunhado; e Manuel Alvares Pimentel.



rei de Espanha" (85) — assenhorea-se, *manu militari*, das reduções de San-Miguel, Santo-Antonio, Jesús-Maria, Encarnación, San-Xavier e San-José.

Os filhos de Loyola, reunindo em Santo-Ignacio e Loreto os indios escapos dessa tremenda *razzia*, resolveram abandonar a provincia de Guayrá, para se irem estabelecer entre o Paraná e o Uruguay, onde possuíam outras aldêias missioneiras.

Mal se retiraram os padres com os restos do seu rebanho, — os bandeirantes, em 1631, apoderam-se dos burgos de Villa-Rica e Ciudad-Real, destruindo-os completamente, mas permittindo, pela interferencia do bispo de Asunción, então de visita pastoral em Villa-Rica, que os habitantes desta saíssem incolumes e fossem fundar nova povoação, com equal nome, ás margens do Jejuy, no Paraguay.

Em 1632, os paulistas, transpondo o alto Paraná, não só tomaram Santiago-de-Xérez, estabelecimento espanhol, sito perto das nascentes do Aquidauana, como tambem destruíram as tres reduções de San-José, Ángeles e San-Pedro-y-San-Pablo, que os jesuitas tinham acabado de formar, com indios itatines, a oeste do rio Pardo, no actual Estado de Mato-Grosso. Alguns castelhanos, moradores em Xérez, e que estavam de boa avença com os bandeirantes, passaram-se nessa occasião para São-Paulo (86).

Os paulistas destruíram successivamente as reduções de San-Pablo, Concepción de los Gualaxos, Santo-Ignacio e Loreto, e, em 1633, evacuarão os ignacianos as aldêias de Santa-Maria-la-Mayor e Natividad-de-Acaraig.

---

(85) «Venimos a echaros de toda esta región, porque esta tierra es nuestra y no del Rey de España» (Montoya, «Conquista espiritual», 35).

(86) Conforme Taques («Nobiliarquia», XXXIII, p. 2.<sup>a</sup>, 61), castelhanos notaveis de Villa-Rica e de Santiago-de-Xérez passaram-se para São-Paulo, entre 1630 e 1634. Entre elles, contavam-se: Bartholomeu de Torales, que casou com d. Maria de Góes, filha de Antonio Raposo e de Isabel de Góes; Gabriel Ponce de León, que casou com uma filha de Barthazar Fernandes, o «povoador» de Sorocaba; e Bernabé de Contreras y León, cuja filha, Violante de Guzmán (irmã de Gabriel Ponce de León), desposou Domingos do Prado.

A nova arrancada dos caçadores de escravos indigenas, contra os estabelecimentos jesuiticos, foi em direcção ás circumscripções missioneiras do Rio-Grande-do-Sul. A leva partiu de São-Paulo em 1636, sob o commando de Antonio Raposo Tavares, de quem era immediato Diogo Coutinho de Mello (87). De fins desse anno a fins de 1637 conquistaram os invasores toda a "Provincia de Tape", pois as reduções de Jesús-Maria-de-Yequí e Santa-Teresa-de-Ibituruna foram por elles occupadas, e os jesuitas abandonaram as restantes (San-Cristóbal, San-Joaquín, Santa-Ana e Natividad-de-Araricá), mas já ahí foi preciso que os bandeirantes repellissem um ataque de índios, commandados pelo padre Romero.

Em 1638, assenhorearam-se os paulistas da "Provincia do Uruguay". Vencedores em Caaró, em Caazapáguazú, em Caazapánini e em San-Nicolás, expulsaram da região aos jesuitas, os quaes, com os restos dos indigenas não aprisionados e com as reliquias das demais aldeias evacuadas, foram ou incorporar-se ás reduções já existentes entre o Uruguay e o Paraná, ou formar novas missões nesse territorio mesopotamico, donde

---

(87) Dois inventarios, descobertos por Washington Luís e insertos por este na sua memoria sobre «Antonio Raposo», demonstram que em dezembro de 1636 Antonio Raposo Tavares, capitão-mór da tropa, estava em Jesús-Maria-de-Ibiticaraiba, aldeia da «Provincia de Tape», e que em outubro do dito anno Diogo Coutinho de Mello, capitão da mesma bandeira, fôra assaltar o sertão dos carijós, chamados *arachãs*, naquella região. Pelo inventario de Paschoal Netto, vê-se que, além deste e do commandante em chefe, havia mais na tropa os seguintes paulistas: — Silvestre Ferreira, Pedro Leme, Gaspar Maciel Aranha, Estevam Fernandes, Estevam Fernandes o Moço, Alberto de Oliveira, Domingos Borges Cerqueira, Raphael de Oliveira o Moço, Gaspar Vaz Madeira, Luís Feyo, João Maciel Bassão, Antonio Rodrigues, Matheus Netto, João Machado, João Nunes, Paschoal Leite, Balthazar Gonçalves Vidal, João Rodrigues Bezarano, Paulo Pereira e Antonio Pedroso de Freitas. Pelo inventario de Braz Gonçalves, verifica-se que, além deste, havia mais com o capitão Diogo Coutinho de Mello os seguintes paulistas: — João de Godoy, José de Camargo, Antonio de Faria Albernaz, Fernando de Godoy, Balthazar de Godoy, Simão da Costa, Miguel Nunes, Jeronymo Rodrigues, Balthazar Gonçalves Vidal, Duarte Borges e Francisco de Chaves. Ahí figuram nomes de varios sertanistas dos que tomaram parte na primeira arremettida contra Guayrá.

mais tarde, de 1687 a 1707, — quando os bandeirantes trocaram a caçada humana pela caçada do ouro, — voltaram a fundar os *Sete-Povos*, famosos pelas luctas a que deram ensejo no meiado do seculo XVIII e só definitivamente integrados na soberania portugueza em 1801, graças ao esforço sobrehumano de dois caudilhos destemerosos, descendentes dos bandeirantes paulistas.

Mesmo lá, na faixa entreriana em que se collocaram os padres, contando não fossem mais inquietados, — não tardaram a acommettel-os os mamelucos pervicazes, em 1641. Mas os guaranys, capitaneados pelos pagés de roupeta, lograram bater os atacantes junto ao Mbororé, á margem esquerda do Uruguay. É que a metropole, attendendo ás instantes solicitações dos missionarios, lhes havia finalmente concedido permissão, em 1639, para armar os indios aldeiados, afim de que estes e aquelles seus catechizadores se pudessem defender das aggressões dos seus inexoraveis inimigos (88).

É digna de registo a informação, dada pelo padre Pastells (ob. cit. 472), de que o vice-rei do Perú (1629-1639), o celebre conde de Chinchón, em carta ao seu soberano, suggeriu a idéa de comprar a Espanha a capitania de São-Paulo aos seus donatarios e pôr alli pessoa de confiança, ou, então, caso não conviesse tal negocio, mandar que se arrasassem todas as povoações da terra bandeirante.

Sobre o numero dos indigenas aprisionados pelos paulistas nessas incursões contra os estabelecimentos hispano-jesuíticos do sul, variam muito os calculos, em geral exaggeratedos. Assim, Charlevoix (I, 433-434) insere a carta de 11 de outubro de 1637, escripta ao rei pelo governador do Rio da Prata, d. Pedro Estévan d'Ávila, e entregue aos padres Montoya e Taño, quando estes partiram de Buenos-Airés para a Espanha e Santa-Sé, na qual carta diz o governador, segundo a tra-

(88) Sobre os aprestos militares das reduções jesuíticas desse tempo e lugar, vejam-se os informes contidos na obra de Gay (pags. 227-232), tambem aproveitados pelo marechal J. S. Torres Homem, em seu recente livro «Annaes das guerras do Brasil com os Estados do Prata e Paraguay» (pag. 12).

ducção do ignaciano francez: — “J’ai ensuite vérifié que depuis 1628 jusqu’à en 1630, les mêmes Habitans de Saint-Paul avoient enlevé plus de soixante mille Ames des Reductions, tant de cette Province, que de celle du Paraguay” (89).

Como quer que seja, as deshumanas invasões dos intrepidos mamelucos deram em resultado a posse de todo o immenso trato de terras, sitas á margem esquerda do Paraná e a léste do rio Uruguay, as quaes, si não fôra a audacia delles, — coroada mais tarde pela acção diplomatica de um santista, Alexandre de Gusmão, e pela capacidade politica de Pombal, — não pertenceriam hoje ao Brasil, e, sim, a qualquer dos Estados que vieram a constituir-se pelo desmembramento do antigo vice-reino do Prata.

A segunda metade do seculo XVII assignala a irradiação das bandeiras paulistas para o *far-west* e para os sertões septentrionaes do Brasil, bem como a occupação definitiva de Santa-Catharina, — expansão toda começada ainda na época da conquista das provincias hispano-jesuiticas. Tambem ahi a attracção inicial foi antes a caçada dos selvicolas do que a das riquezas mineraes, que foi tão somente uma aleatoria consequencia daquella. E, si opposição encontraram as levas mamelucas, na sua marcha para oéste, foi por parte das tribus matogrossenses, — as que mais perseverantemente e feramente defenderam as terras de que eram posseiras naturaes, — que não por parte dos espanhóes. Estes, febrilmente conglomerados na exploração dos thesouros do Perú, não dobraram o viso dos Andes para o lado de cá, e deixaram assim em quasi completo abandono a hyléa amazonica e sobretudo as florestas e campos de Mato-Grosso e Gojaz, amplo theatro reservado á continuação da epopéa bandeiristica de São-Paulo, no seculo XVIII.

As chronicas e livros de linhagens são geralmente omissos quanto aos roteiros dessas interpezas audaciosas. Todavia,

---

(89) Jarque (III, 333) diz de modo vago, ferinamente: — «los irreparables daños que las fieras tropas Mamelucas, compuestas todas de hombres facinerosos, impíos y tolerados ladrones, habian hecho en aquella florida cristiandad...»

sempre desse periodo conservaram o sufficiente para dar idéa dos eventos capitaes.

Entre os grandes caçadores de indigenas, conta-se a celebre familia dos Buenos, cuja maior actividade se manifestou na primeira metade do seculo XVII. Amador Bueno e seu filho de igual nome fizeram varias entradas á conquista de indios, dos quaes, conforme Taques, possuíam "muitos centos". Antonio Bueno, filho do aclamado de 1641, tambem dirigiu bandeiras para o sertão em 1637. E, pela mesma data, capitaneou Francisco Bueno uma leva, com grande numero de outros paulistas, tendo o cabo fallecido em 1638. De Jeronymo Bueno, genro de Manuel Preto, refere o autor da "Nobiliarchia" que "penetrou o sertão do rio Paraguay, acompanhado de numerosa bandeira, com intenção de conquistar diversas tribus de indios barbaros, saindo de S. Paulo por commandante da expedição, e com toda ella pereceu em 1644, ás mãos dos ditos barbaros".

João Pedroso de Moraes (pae de Francisco Pedroso Xavier, heróe que adeante mencionaremos), que Azevedo Marques (II, 228) dá como um dos companheiros de Antonio Raposo na destruição da provincia de Guayrá, ganhou de seus conterraneos a alcunha de "Terror-dos-Indios", e é tradição que fez muitas investidas nas longinquas matas interiores, presumindo-se que haja fallecido antes do filho mais velho, João Pedroso, que morreu no sertão em 1651.

Jeronymo da Veiga, que se extinguiu em São-Paulo, sua terra natal, em 1660, fez, com o seu numeroso corpo de indios domesticados, "diversas entradas no sertão, conquistou varias tribus, que todas trouxe a povoado e estabeleceu fazendas de cultura em grande escala" (Azevedo Marques, II, 9). Pela sua enorme fortuna, adquirida á custa de tanta actividade, foi um dos homens de mais prestigio do seu tempo.

Tambem por meados do seculo XVII (em 1647, asseveram alguns historiadores), Manuel Corrêia, que penetrara além do ultimo ponto a que chegara a bandeira de Nicolau Barreto, — a qual, em 1602-1604, tanto se avizinhou do sertão goiano, — embrenhou-se mais longe nessa zona occidental, donde, re-

gressando pelo Araguaya, achara, num pequeno rio occupado pelos *araés*, algumas oitavas de ouro, trazidas por elle a povoado (90). Talvez pelo seu roteiro, porém á procura de indios, diversos bandeirantes paulistas rumaram para o *far-west*, por 1665. Azevedo Marques (I, 48) menciona os nomes desses exploradores, que foram: o capitão Francisco Ribeiro de Moraes (fallecido na viagem, em 1665), o capitão-mór Francisco Lopes Buenavides, Jeronymo Bueno (filho natural do sertanista atrás referido como morto em 1644), João Martins Heredia, Antonio Ribeiro Roxo, Antonio Fernandes Barros, Francisco Sutil Cid e João de Lara.

Ainda a meados do seculo XVII são attribuidas duas jornadas audaciosas, intimamente ligadas entre si.

A primeira é imputada ao destruidor da "Provincia de Guayrá". Assim a relata Antonio de Toledo Piza ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", IV, 8): — "Partiu Antonio Raposo de São-Paulo em 1648, por caminho que os chronicistas não mencionam; em 1649, estava elle em territorio de Mato-Grosso, onde encontrou varias aldêias de indios catechizados pelos jesuitas espanhões, vindos do Paraguay. Estas aldêias estavam algumas no planalto da serra de Maracajú, entre as cabeceiras dos rios Nhanduhy e Pardo, affluente do Paraná, e do Cahy, affluente do Mbotetey; outras estavam no valle do Mbotetey e outras ainda no valle do rio Paraguay, pouco abaixo da barra do Mbotetey; foram todas, *Cruz de Botanos* (aliás, *Bolaños*), *Xeres*, *Itutin*, *Nossa Senhora da Fé* e outras, destruidas pelo dito Antonio Raposo, que depois seguiu dalli para a Bolivia e Perú, onde deu combate aos espanhões; atravessando os Andes e lavando as mãos nas aguas do Pacifico, voltou

---

(90) Luís d'Alincourt, em sua obra «Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas da provincia de Mato-Grosso» («Annaes da Bibl. Nac.», VIII, 89), dá o paulista Manuel Corrêia como descobridor da parte septentrional de Mato-Grosso, além do Araguaya, «annos depois» de haver passado o Paraguay Aleixo Garcia, que elle reputa tambem paulista, e a quem attribue o descobrimento do sul de Mato-Grosso.

pelo Amazonas e chegou a São-Paulo tão desfigurado, que a sua propria familia o desconheceu" (91).

(91) Machado de Oliveira («Quadro historico da provincia de S. Paulo», 109) conta que Raposo, «levando 60 homens e alguns indios, atravessou o Brasil de sudoeste a noroeste; escalando os Andes, chega ao Perú, penetra este paiz, entra nas aguas do Pacifico com a espada levantada, dizendo que *avassalava terra e mar pelo seu rei*, é por vezes compellido a recontros e combates com os espanhòes, levando-os sempre de vencida. Deixa o antigo imperio dos Incas, e, dirigindo-se para o Amazonas, navega este rio em jangadas, abandonando-se á sua correnteza, desembarca em Gurupá e alli foi generosamente acolhido pelo povo, que se assombrara de tamanha audacia do paulista». A narração devida ao inolvidavel Antonio Piza, e que é, pouco mais ou menos, a dos tradicionalistas, relembra, em sua primeira parte, a destruição das missões de *itatines* e da povoação de Xérez, de que tratámos atrás, e é provavel não passe de uma recdição do *raid* de 1632. A nosso ver, aquella atrevida façanha resente-se de exaggeros, de excessiva phantasia, que lhe deturpou os factos essenciaes. Houve, além disso, e por muito tempo, sérias duvidas sobre si o autor da longa e portentosa expedição teria sido o destruidor da «Provincia de Guayrá». Washington Luís, porém, tendo estudado, mercê dos valiosos documentos que se lhe depararam, a personalidade de Antonio Raposo Tavares («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo», IX, 485-533), não só demonstrou que foi este o commandante do auxilio levado ao norte, em 1639, contra os invasores neerlandezes, como ainda que o heróe da conquista das reduções hispano-jesuíticas meridionaes foi quem realizou a pasmosa jornada de varar o Brasil de léste a oeste, indo sair quasi na fóz do nosso rio-mar. Washington Luís chega a reconstituir o roteiro da derradeira expedição do intrepido sertanista, o qual, segundo o sobredito escriptor, saindo de São-Paulo, passou por Sorocaba, pela fazenda de Botucatú, que foi dos padres da Companhia, dirigiu-se a São-Miguel, junto ao Paranapanema, tocou em Encarnación, San-Xavier e Santo-Ignacio, entrou no Paraná, subiu o Ivinheima até quasi ás suas nascentes, e, pela Vaccaria, alcançou as cabeceiras do Aguaray ou Correntes, attingindo ao Paraguay; «seguido, provavelmente, esse itinerario, a bandeira famosa, tendo na Vaccaria seus encontros com os indios cavalleiros ou guaycurús, continuou pelo Paraguay acima e, depois, ganhando o Guaporé, o Mamoré e o Madeira, entregou-se á corrente do Amazonas, que a levou a Gurupá». O erudito autor da substanciosa monographia sobre «Antonio Raposo», ao passar em revista os varios historiadores que trataram de tal evento, não deixa tambem de assignalar as erronias de datas e as demasias de imaginação que, entre outros, pullulam em Azevedo Marques e Machado de Oliveira. Dispa-se o facto das lendas que o envolvem, e, ainda assim, elle nada perde da sua grandiosidade.

De accôrdo com a opinião do illustre Antonio Piza (log. cit., 9), a expedição seguinte foi influenciada "pelo exemplo de Antonio Raposo e devia ter seguido o mesmo caminho". Acaudilhou-a Luiz Pedroso de Barros, paulista de fidalga estirpe, que, famoso já por varias entradas contra o gentio, de que possuia grande numero, marchou para Pernambuco, capitaneando um contingente de infantaria, mandado de São-Paulo em soccorro do norte contra os flamengos. Casou na familia Araujo Góes da Bahia, e, de retorno á villa natal, dalli partiu de novo, em 1660, com direcção ao Perú, tendo lá perecido ás mãos dos *serranos*, em 1662.

A 1661 attribue Taques ("Nobiliarchia", XXXV, p. 1.<sup>a</sup>, 106-109) a bandeira de Fernão Dias Paes, mais tarde "caçador de esmeraldas" e então caçador de indios. Conta o illustre linhagista, accetando por certo muita ficção tradicional que abunda nos seus pormenores, ter aquelle celebre paulista varado o sertão do sul até ao centro da serra de Apucarana, onde, com palavras de paz, logrou attrahir tres nações gentilicas, obediêntes aos reis Tombú, Sondá e Gravitay, conduzindo-as, num total de 5.000 almas, para São-Paulo, onde as estabeleceu ás margens do Tieté, abaixo da villa de Sant'Anna-do-Parnahyba.

De Bartholomeu Bueno de Siqueira (que adeante tornaremos a encontrar no grande cyclo do ouro) tambem consta (João Ribeiro, ob. cit., 296) que, em 1670, havia penetrado, numa bandeira de resgate, até ao intimo sertão de Goiaz.

De 1671 é a bandeira de Luiz Castanho de Almeida, o qual, segundo Taques ("Nobiliarchia", XXXIII, p. 2.<sup>a</sup>, 48-50), chegou até ao ribeirão dos Guanicuns (*Anicuns*), no Mato-Grosso dos Goiazes, onde foi victima dos seus proprios indios auxiliares; e lá, com os filhos do sertanista assassinado, foi encontrar-se a tropa do capitão-mór Antonio Soares Paes, que os ajudou a bater e exterminar os rebeldes.

Agora, vêm a ponto tres famosas expedições simultaneas, duas no rumo do *far-west* e uma inclinada para o sudoeste, e aquellas caracterizadas por uma circumstancia commum: — a repetição da façanha pelos filhos, companheiros dos cabos dessas accommettidas.



As de Manuel de Campos Bicudo (com seu filho Antonio Pires de Campos) e Bartholomeu Bueno da Silva o "Anhanguera" (com seu filho homonymo e herdeiro do "appellido heroico"), — fixou-as Washington Luis ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", VIII, 98) entre 1670 e 1673, graças aos dados colhidos nos "Annaes da provincia de Goyaz" de Alencastre, nas informações de Antonio Pires de Campos e Antonio do Prado de Siqueira ("Rev. do Inst. Hist. Bras.", VI e XXV), e nos "Documentos interessantes para a historia e costumes de São-Paulo", XXIV; e a de Manuel Dias da Silva o "Bixira" (com os filhos), Calogeras (I, 80) dá-a como occorrida entre 1673, por deducções que tirou da "Nobiliarchia".

Resumiremos desses autores o que dellas interessa á nossa these.

Manuel Diás da Silva, marchando por terra, chegou até Santa-Fé, que então pertencia ás missões paraguayas e hoje é cidade da Republica Argentina ("da Bolivia", diz, por equivo-co, Silva Leme, II, 159). Deste não foi o filho, mas o neto de igual nome, quem, na primeira metade do seculo XVIII, dirigiu-se em leva aos campos da Vaccaria, não distantes dos que o avô perlustrara, e alli ergueu um padrão do dominio portuguez.

Manuel de Campos Bicudo fizera 24 entradas no sertão, devassando a vasta zona que se estende desde o planalto dos Parecís até á parte meridional do Paraguay. Na que realizou em 1673, com a mira de conquistar os indios *serranos*, levou apenas 60 homens, além do filho, Antonio Pires de Campos, com 14 annos. Após muitos mezes de viagem, chegaram além da linha divisoria entre as aguas do Amazonas e do Prata. Ahi se lhes deparou uma serra, a que, por desenhos naturaes observados nos penhascos e semelhantes aos symbolos da paixão de Christo, deram o nome de *Martyrios*, — outra celebre lenda da nossa historia, analoga á das *minas de prata*, até hoje sem descobridor. Marchando para o norte, alcançaram o São-Manuel, affluente do Tapajoz, do qual se passaram para outro rio, talvez o Paraupava, no qual encontraram granitos de ouro.

Lá, no recesso do sertão goiano, com elles foi dar a bandeira do "Ananguéra". Por 1716, ou pouco antes, segundo Washington Luís, de cujo escripto resumimos o itinerario acima, Antonio Pires retornava a essa região, agora presumivelmente por via fluvial, em busca da serra dos Martyrios.

A leva do "Ananguéra" senior, da qual fazia parte o filho, então com 12 ou 14 annos, tambem partida em 1673, attingiu, por via terrestre, ás margens do rio Vermelho, indo encontrar mais além o bando de Bicudo. Entre as tribus goianas, afóra os muitos escravos que aprezoou e que dariam (segundo Machado de Oliveira, ob. cit., 145) para "povoar uma cidade", deparou-se egualmente ouro ao sertanista audaz, a quem os indios o revelaram, amedrontados pela ameaça de serem queimados os seus rios, como o paulista fizera á aguardente, que ante elles fizera arder numa escudella (92). Pouco caso se fez então das amostras auríferas trazidas por Bueno, quasi olvidadas durante o grande cyclo dos descobrimentos de Minas-Geraes, até que, em 1722, o "Ananguéra" junior, volvendo aos sertões em que estivera menino, patenteou, após tres annos de titanicos esforços, as riquezas de Goiaz, de cujas primeiras povoações foi o fundador (93).

Uma das mais arrojadas e felizes incursões dos paulistas foi a que dirigiu Francisco Pedroso Xavier. Sobre ella conseguimos obter esclarecimentos seguros, com assento nas provas officiaes, existentes (em avulso) no Archivo Nacional: — é a carta régia de 23 de março de 1679, á qual estão annexas a queixa do representante da Espanha em 1.º de janeiro do mes-

---

(92) A primazia no emprego deste ardil cabe, segundo o relato de Taques («Nobiliarchia», XXXV, p. 1.º, 213), a Francisco Pires Ribeiro, para reduzir á servidão uma tribu sertaneja, o que logrou com o embuste. Este paulista, que, conforme as investigações de Silva Leme (II, 129), acompanhou a seu tio Fernão Dias Paes, pelo *hinterland* mineiro, até 1679, era filho do capitão-mór Bento Pires Ribeiro, que morreu no interior em 1669, capitaneando uma bandeira de resgate.

(93) Azevedo Marques (I, 167) menciona, sem pormenor algum interessante, que o notavel paulista Gaspar de Godoy Moreira organizou, á sua custa, uma forte expedição, em 1696, e com ella se internou pelo sertão de Mato-Grosso.

mo anno, endereçada ao monarcha portuguez (d. Pedro, então regente), a representação do vice-rei do Prata ao seu soberano, feita em 1677 (94), e a informação (sem data e sem assignatura) prestada sobre o facto ao governador do Rio-de-Janeiro.

Desses robustos elementos probatorios, vê-se que o filho do "Terror-dos-Indios", tendo saído de São-Paulo, com a sua tropa de mamelucos, em 1675, a 14 de fevereiro do anno seguinte caía inopinadamente sobre a segunda Villa-Rica, chamada Villa-Rica-del-Espíritu-Santo, fundada, a 60 leguas de Asunción, sobre o Jejuy (que Azevedo Marques, II, 190-194, confunde com a Villa-Rica-de-Guayrá, cujas ruínas foram descobertas, a 12 de março de 1771, pelo paulista Francisco Lopes da Silva), e não só a tomou e saqueou, como tambem aprezou todos os indios de quatro reduções jesuiticas circumvizinhas, tendo assaltado mais duas outras, cujos habitantes fugiram a tempo, abandonando-as. Ao encontro de Xavier marchou a toda a pressa de Asunción, com um exercito superior a 1.000 homens (400 cavallarianos espanhóes e mais de 600 indios), d. Juan Díaz de Andino, que fôra governador da provincia do Paraguay. Esperou-o a pé firme o paulista destemeroso, no alto da serra de Maracajú, onde as forças castelhanas, tendo perdido cerca de 300 cavallos (informação portugueza acima citada), bateu em retirada, volvendo os bandeirantes para São-Paulo com um comboio de 4.000 indigenas reduzidos a captivoiro, cavalgaduras e bens das egrejas saqueadas, acompanhados de dois ou tres castelhanos, que se lhes aggregaram.

Os documentos espanhóes referem-se ainda, vagamente embora, a incursões dos mamelucos até Santa-Cruz-de-la-Sierra e até ao rio Amazonas, "extendiéndose por más de 800 legoas"; e é curioso notar que a informação portugueza daquelles successos diz que os paulistas de Francisco Pedroso Xavier não aprezaram os indios, e, sim, que estes lhes pediram "os quizessem trazer em sua companhia..."

Passadas, assim, em rapida revista, as invasões dos filhos

---

(94) Esta peça acha-se tambem em Azevedo Marques (I, 162-163), mas toda inçada de erros, que os documentos agora por mim descobertos rectificam cabalmente.

de São-Paulo contra os dominios castelhanos do sertão occidental, — resta-nos ainda ver o descobrimento e povoamento, quer da faixa litoranea do actual Estado de Santa-Catharina (em sua maior parte encravada nos lindes do pacto de Tordesillas), quer na projecção desse movimento sobre o Rio-Grande-do-Sul, zona toda espanhola, consoante com a letra do convenio de 7 de junho de 1494, e, finalmente, a conquista da região austral de Mato-Grosso.

Nas costas de Santa-Catharina, como na ilha desse nome, nenhuma povoação estavel surgira até meados do seculo XVII. Por alli appareceram apenas flibusteiros e naufragos; e, si houve tentativas por parte dos portuguezes, com apoio official, para a occupação das terras, quaes a da jornada de Martim de Sá (cf. Azevedo Marques, I, 204) em 1620 e a missão dos jesuitas em 1624 (95), taes esforços mangraram de todo.

O primeiro ponto que os paulistas occuparam, naquella donataria de Pero Lopes de Sousa, foi São-Francisco-do-Sul, que o conego Gay (ob. cit., 32) chama de "S. Francisco de Cananéa" e diz ter sido fundada por "Hernando de Treixo e outros companheiros", todos da expedição de Salazar. De certo estes espanhóes mais tarde abandonaram a localidade (96), porque em 1642 Antonio Fernandes lograva concessão das autoridades paulistas para fundar a villa de São-Francisco-do-Sul, e permissão identica foi dada, além de outros, ao capitão Manuel Lourenço de Andrade (Azevedo Marques, II, 149), obtendo todos elles sesmarias naquellas paragens. Este Andrade, portuguez casado em São-Paulo, dizia-se no seu testamento, feito em 1663, o *principal fundador* da villa de São-Francisco-do-Sul,

(95) Sobre esta missão jesuitica, vide «Annuæ ou Annaes da Provincia do Brasil dos dous annos de 1624, e 1625», do padre Antonio Vieira («Annaes da Bibl. Nac.», XIX, 205-207).

(96) José Boiteux, diligente investigador do passado de sua terra natal, affirma («Archivo Catharinense», I, 8-9) que a fundação de São-Francisco, por Hernando Trejo e seus companheiros, occorreu em 1553, tendo sido abandonada a povoação, mal entrara no terceiro anno de existencia, e que foi alli que nasceu d. Fernando Trejo y Sanabria (filho de Hernando), depois bispo de Tucumán e fundador da universidade de Córdoba (Argentina).

da qual era capitão-mór. A referida povoação, que pertenceu por muito tempo a São-Paulo, deu origem a varios litigios jurisdiccionaes, constantes de documentos existentes no Archivo Nacional, os quaes tivemos ensejo de examinar.

Quanto á occupação paulista da ilha de Santa-Catharina, — aceitamos o relato de Taques (do qual Azvedo Marques diverge apenas em recuar a bandeira descobridora para 18 de abril de 1662), que se apoiou nas peças authenticas, constantes do livro de registo da Fazenda Real de São-Paulo, de 1686. Francisco Dias, paulista potentado em arcos, fizera entradas no sertão dos indios Patos, fallecendo em 1645, durante uma dessas incursões. O filho, Francisco Dias Velho, que o acompanhara em taes bandeiras, herdou-lhe a audacia e resolveu povoar aquella região inculta. Para isso, mandou primeiro a um de seus filhos, José Pires Monteiro, com cento e tantos homens, a penetrar aquellas paragens meridionaes, não tendo a leva achado melhor lugar do que a ilha de Santa-Catharina para a occupação inicial. Dias Velho, dirigindo-se para lá em 1675, regressou a Santos em 1679, data em que requereu ao governador da capitania a concessão de varias terras no sul, sendo duas leguas e meia em quadra na ilha referida, onde levantara a igreja de Nossa-Senhora-do-Desterro e montara fazenda de cultura, duas leguas na terra firme, onde tambem estabelecera elle uma feitoria, partindo a legua de testada das cabeceiras chamadas "Cabeça-de-Bugio", e outras duas leguas em quadra começando do rio Araçatyva, — sesmarias essas que lhe foram todas concedidas. Em 1687, entrou na ilha um patacho inglez sob o commando do pirata Thomas Frins: tomou Dias Velho essa embarcação, com toda a maruja e bens della, tudo entregando ás autoridades de Santos. Em 1692, porém, alli deram de novo outros flibusteiros, os quaes, com grande força de gente, destroçaram a do paulista, que foi morto dentro do proprio templo. Os sobrevividos da familia retiraram-se para a terra natal e o florescente nucleo ficou quasi deserto, até que no seculo XVIII se reconstituiu, sob o nome antigo de Nossa-

Senhora-do-Desterro (hoje Florianópolis) (97), creada villa em 26 de março de 1726 (98).

Quanto ao descobrimento e povoamento da Laguna, deixamos de perfilhar as informações dos chronistas e linhagistas, porque no Archivo Nacional se nos depararam dois documentos fidedignos, alli existentes em avulso: — a carta-régia de 15 de março de 1689, dirigida ao governador do Rio-de-Janeiro, e a petição de Francisco de Brito Peixoto, annexa, em cópia, á provisão-régia de 6 de fevereiro de 1714. Do requerimento deduz-se que Domingos de Brito Peixoto, natural de São-Vicente e morador em Santos, tendo préviamente explorado os sitios então chamados da "Lagôa-dos-Patos", apparelhou os meios necessarios para povoar aquellas terras incultas, e, em 1676 (não em 1684, como affirmam os chronistas), para alli marchou, por via terrestre, acompanhado de dois filhos, Francisco de Brito Peixoto e Sebastião de Brito Guerra, levando mais 10 homens brancos e 50 escravos, ao mesmo tempo que para a mesma paragem fazia velejar de Santos uma embarcação propria, conduzindo mantimentos e ferramentas. A leva gastou quatro mezes pelo interior, até chegar ao ponto de destino, onde já estava o navio. Fundado o nucleo, com a indispensavel capella, deram-lhe o nome de "Santo-Antonio-dos-Anjos da Laguna", participando o chefe da expedição o feliz successo a d. Pedro, então regente do reino, que lho mandou agradecer por carta. Alli falleceu Domingos de Brito Pei-

(97) M. J. de Almeida Coelho, em sua «Memoria historica da provincia de Santa-Catharina» (pag. 9), assevera que o capitão Antonio Bicudo Camacho concorreu, em 1698, a augmentar a povoação de Santa-Catharina. onde obteve sesmarias, tanto na ilha, como na terra firme. Ainda em 1717, conforme a provisão de 11 de março desse anno (doc. avulso do Arch. Nac.), Sebastião da Veiga Cabral pedia a d. João V o senhorio da ilha de Santa-Catharina, allegando achar-se ella deserta e inhabitada.

(98) Paulo José Miguel de Brito, em sua «Memoria politica sobre a capitania de Santa-Catharina» (Rio, 1829), nota á pag. 18, diz constar-lhe, por documentos antigos, que Domingos de Brito Peixoto, tendo ido para Santa-Catharina ao mesmo tempo que Francisco Dias Velho, alli occupou a enseada de terra firme, «que ainda hoje se chama do Brito», mas, por não lhe agradar o local, foi estabelecer-se em Laguna.

xoto, depois do filho, o tenente Sebastião de Brito Guerra, que andava a expurgar da região circunvizinha os índios bravos, morrendo então muitos escravos que o acompanhavam nessa faina. Da carta-régia de 15 de março de 1689, cuja redacção não é, todavia, bem clara, infere-se que a primeira embarcação, ao serviço daquelle empreendimento, se perdera, e que Domingos de Brito Peixoto, tendo retornado a Santos, fabricara outra e pedira auxilio ao soberano, em carta de 10 de fevereiro de 1688, para conquistar a Laguna e "fazer diligencias por prata" (99), ordenando o monarcha ao governador do Rio lhe dêsse a ajuda necessaria.

Sabe-se que Francisco de Brito Peixoto (que succedera ao pae) e seu genro João de Magalhães sustentaram viva luta contra os *tapes* e os *minuanos*, com os quaes os espanhóes estavam ligados nas terras do Rio-Grande de S.-Pedro. No começo do seculo XVIII (1715), não só Francisco de Brito Peixoto mandou uma tropa, á sua custa e commandada pelo genro, a explorar as cochilhas do sul, a qual chegou á Colonia-do-Sacramento, a Maldonado e a Montevidéo, como tambem ainda depois ordenou, nas mesmas condições, uma segunda leva, "a principiar a fundação do Rio-Grande".

Por todos estes serviços, attestados e reconhecidos officialmente, foi que requereu, como se vê do documento por nós encontrado, lhe concedesse o governo, além do habito de Christo e uma tença, uma donataria de 50 leguas de costa ("desde *Hygarapuha* da banda do Norte até o Rio chamado *Tarimandy*") por 30 de sertão. D. João V de certo julgou excessivo tal pedido, tanto que, em 1721, se limitou a conceder-lhe o posto de "capitão-mór das terras da Laguna e seu districto, com a

---

(99) Que destas «diligencias por prata» fez elle pelo menos uma, — prova-o a informação de Manuel Gonçalves de Aguiar, dada ao governador do Rio-de-Janeiro, Antonio de Brito e Menezes, em 1721 («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 301), — pela qual se vê que os dois Peixotos, pae e filho, com boa tropa, saíram de Laguna e, após 15 dias de viagem, chegaram á serra de Botucarayba, onde lhes constava haver «minas de prata»; mas, encontrando estabelecidos alli os jesuitas castelhanos, regressaram á dita povoação catharinense.

ilha de Santa-Catharina sua annexa, e do Rio-Grande de S. Pedro”, por tempo de tres annos.

De entradas feitas no sertão pelos fundadores da Laguna, ordenadas por Arthur de Sá e Menezes em 1699, dá conta este preposto da metropole, numa sua notavel carta, de 13 de junho daquelle anno, dirigida ao governador da Colonia-do-Sacramento, Sebastião da Veiga Cabral (Archivo Nacional, coll. “Governadores do Rio de Janeiro”, IX, 20 v.), na qual diz: — “... e inda da Laguna, terra mais vezinha a Vmce. e pouoação nossa, tenho mandado penetrar a campanha por essa parte pelos Brittos assistentes da mesma terra p<sup>a</sup>. certa deligencia do serm<sup>o</sup> de sua Mag<sup>de</sup> que Deus g<sup>da</sup>...”

Para ultimar tudo quanto diz respeito á acção dos bandeirantes na conquista do sul do Brasil, no seculo XVII, vamos estudar tambem, a traços muito largos, a occupação do sul de Mato-Grosso, isto é, o “cyclo da Vaccaria”.

Da zona assim chamada, diz Taques (“Nobiliarchia”, XXXV, p. 1<sup>a</sup>., 35): — “Este sertão discorre acima do nosso sitio de Camapuã...” E Antonio de Toledo Piza, em nota ás “Chronicas de Cuyabá”, de José Barbosa de Sá e Joaquim da Costa Siqueira (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo”, IV, 183), della dá ainda mais vaga definição. Ora, como ha em nosso mappa dois territorios com aquelle nome, isto é, com o nome de “Campo-Grande-da-Vaccaria”, — um em Mato-Grosso e outro no Rio-Grande-do-Sul, — bom é que se saiba ter sido contra o primeiro que se dirigiram as levas paulistas, e que dos documentos relativos a essas incursões é licito inferir fosse ao tempo comprehendida sob aquella designação toda a vasta zona meridional limitada pelo rio Paraná, serras de Maracajú e Amambahy e cabeceiras do rio Pardo.

Contra essa Vaccaria austro-occidental foi que arremette-ram os aguerridos e infatigaveis bandeirantes.

Da longa e dilucidativa carta (Azevedo Marques, I, 185-191) que o capitão-general de São-Paulo, d. Luiz Antonio de Sousa Botelho e Mourão (o mesmo que na alludida região mato-grossense fez levantar, em 1767, o forte de Yguatemy, provocando novas luctas com os espanhóes), dirigiu, a 17 de



julho de 1771, ao governador do Paraguay, d. Carlos Morphy, — colhem-se alguns dados sobre as mais notaveis investidas dos paulistas contra aquellas terras do dominio castelhana, por elles integradas na soberania portugueza.

Uns cinco annos após a bandeira de Francisco Pedro Xavier, realizou-se a de Francisco Dias Mainardi (100), que “conquistou os gentios espanhões, habitadores dos rios Jaguary ou Avinheima, Amambay, e os povos chamados *Gualachos*”.

Á éra de 1680 attribuem-se ainda duas novas incursões dos incansaveis mamelucos na mesma direccão. A primeira foi capitaneada pelo “Monjolo”, de São-Paulo, o qual, “com a sua bandeira entrou pelo rio Jaguary ou Avinheima, e correndo as campanhas que rega o rio Cahy, e correndo todas as terras até ao Amambay e Yguatemy, dalli, por varios casos que lhe aconteceram, se passou refugiado ao Paraguay, onde viveu muitos annos”. A segunda, commandada pelo sorocabano Jeronymo Ferraz de Araujo e pelo portuguez André de Frias Taveira, penetrando até o rio Jejuy, lá teve com os contrarios uma refrega, em que muitos dos seus homens foram mortos, tendo caido prisioneiro Gabriel Antunes, que muitos annos viveu na cidade de Asunción, donde passou a Lima, e dalli, embarcando-se para a Espanha, arribou á Bahia, donde regressou a São-Paulo (101).

(100) *Mainard* é como vem na citada carta, e *Mainardos* é como grapha Washington Luís (log. cit. 31); *Mainardi* escreveu acertadamente Taques («Nobiliarchia», XXXIV, p. 1.<sup>a</sup> 84), bem como Silva Leme (II. 439), os quaes, entretanto, nada dizem desta façanha e apenas informam que era filho do italiano Thomé Dias Mainardi e de Maria Leme, casados em 1635. Diogo de Vasconcellos (ob. cit., 128) attribue aos *Mainardis*, estabelecidos em São-Paulo e Minas, origem escosseza e fidalga, dando-os como descendentes dos condes de Maynard.

(101) A esta segunda bandeira tambem se refere Taques («Nobiliarchia», XXXIV, p. 1.<sup>a</sup> 188-189 e 235-236). Cotejando-se esses dois passos, vê-se que o douto linhagista attribue o commando da expedição a Manuel de Campos Bicudo e á data de 1653, que, todavia, declara duvidosa. Esta entrada de Bicudo teria sido pelo sertão da Vaccaria, em Caazapáguazú, acima de Asunción, a prear indios. Alli, saiu-lhe ao encontro um exercito de mais de 2.000 destes, com armas de fogo, arcos e flechas, capitaneado pelo padre superior da dita reduccão. A uma

Em 1682 (como se vê da patente de Antão Leme da Silva, publicada por Azevedo Marques, I, 16), outra leva, — sob a chefia de Braz Mendes Paes (cunhado do futuro descobridor de Cuiabá, Paschoal Moreira Cabral Leme), de quem era immediato seu irmão Pedro Domingos Paes, naturaes de São-Paulo e moradores em Sorocaba (conforme Silva Leme, II, 241, e VIII, 104), e da qual fazia parte Pedro Leme da Silva, o "Torto", — foi parar nas mesmas campanhas da Vaccaria, á caça de gentios. Sairam-lhes, porém, ao encontro os castelhanos do Paraguay, e, sem travar combate, logrou astutamente o cabo espanhol que o capitão-mór da bandeira e cinco officiaes assignassem um termo reconhecendo aquella região como pertencente ao dominio da Espanha. Chegada a vez de Pedro Leme da Silva, este engatilhou o arcabuz, protestando que elle e os demais não poriam suas firmas em tal papel, pois que aquellas terras eram do rei de Portugal. A isto, os outros bandeirantes tomaram tambem as armas, e os castelhanos, que eram em numero de 300 cavalleiros, bateram em retirada. A proeza do "Torto" chegou, segundo Taques, ao conhecimento de d. Pedro II, que encarregou Arthur de Sá e Menezes de agradecer ao seu intrepido vassallo a heroica dedicação e lealdade. Deste Pedro Leme da Silva, que era coxo e caolho, geraram-se os dois infelizes irmãos Lemes, cuja tragica historia vem meticulosa e documentadamente referida por Was-

---

affronta do tonsurado, respondeu Bicudo matando-o com um tiro de sua escopeta. Travou-se peleja, que terminou indecisa, retirando-se das posições as duas forças. Mas nessa refrega caíram prisioneiros nove paulistas, entre os quaes Gabriel Antunes de Campos (á pag. 235, o cognome é mudado para *Antunes Maciel*), que cortiram o rigor dos ferros nove annos na cadeia de Asunción. Este Gabriel Antunes veiu a fallecer em São-Paulo, a 27 de março de 1731.

Vejam-se sobre isto a carta do morgado de Matheus (de 17 de julho de 1771) a d. Carlos Morphy (publicada por Azevedo Marques, I, 188) e o commentario de A. Taunay («Historia geral das bandeiras paulistas», VI, 33-35). Este ultimo historiador pensa (ob. cit., VI, 39) que Jeronymo Ferraz de Araujo e André de Frias Taveira não capitanearam nenhuma expedição, mas apenas tomaram parte na bandeira de Manuel de Campos Bicudo, que levou como auxiliar ou immediato a seu sobrinho Gabriel Antunes Maciel.

hington Luís, num seu excellente trabalho, já por nós varias vezes citado (102).

Das duas ultimas expedições á Vaccaria, organizadas por Arthur de Sá e Menezes, colligimos, no Archivo Nacional, todos os documentos que ás mesmas concernem. Podemos assim expol-as, baseado em informes authenticos. A primeira, cujos resultados não constam das peças officiaes, teve como chefe Amaro Fernandes Gauto, morador em Itú, a quem aquelle preposto régio, a 6 de julho de 1697, conferiu a patente de "capitão-mór do lugar da Vaccaria e seu districto até aos serros de Serranay" (coll. "Governadores do Rio de Janeiro, IV, 181 v.<sup>o</sup>), para o descobrimento de minas. Por aviso de 1 de outubro do mesmo anno (log. cit., VI, 84), mandou fornecer a quantia de 310\$755 ao capitão Diogo de Almeida e Lara para os aprestos da leva, alli relacionados; e, pela patente de sargento-mór, dada por d. Pedro II a José Tavares de Siqueira (log. cit., V, 201 v.<sup>o</sup>), sabe-se que este auxiliou a dita entrada. A segunda bandeira, que está intimamente vinculada á sangrenta lucta dos Pires e Camargos, então recrudescida em São-Paulo, foi chefiada por Gaspar de Godoy Collaço, a quem Arthur de Sá e Menezes deu para esse fim, em 3 de março de 1698, a patente de "tenente-general da jornada da Vaccaria". (log. cit., VII, 18 v.<sup>o</sup>), tambem com o fito de descobrir minas de prata. Pela carta dirigida por aquelle governador ao rei, em 26 de maio de 1696 (log. cit., VI, 118 v.<sup>o</sup>), vê-se que Collaço se creara nos sertões a que era então officialmente mandado, "e teve varias occasiões com os mesmos Castelhanos"; a expedição partiu a 1.<sup>o</sup> de junho de 1698, levando dois praticos da arte de minerar, um tal Manuel Pereira, vindo de Buenos-Aires, que informara a Arthur de Sá ter ouvido do corregedor de Potosí a noticia de haver minas "nas serras de Iguassaba", e um cas-

---

(102) Paschoal Moreira Cabral Leme (nascido em 1655 e fallecido em 1724), o futuro descobridor de Cuiabá, acompanhado de André Zuñiga, seu contra-parente, tambem rumou para a Vaccaria austro-occidental, onde se entrincheirou ás margens do Mboteteú (hoje Miranda), tendo permanecido por alli de 1682 até 1696, pelo menos (veja-se A. Taunay, ob. cit., VI, 47-52).

telhano foragido do Paraguay e assistente em Itú, onde casara. Na mencionada carta de d. Luiz Antonio de Sousa a d. Carlos Morphy, relata-se que Gaspar de Godoy Collaço partiu "com o destino de varias emprezas e diligencias para as campanhas da Vaccaria, cordilheira de Maracajú e margens de Guatemy, as quaes cumpriu exactamente como lhe foi mandado" (103).

Referiremos tambem que o habil e sagaz Arthur de Sá e Menezes mandou egualmente uma sumaca, a 22 de dezembro de 1698, sob o commando de Antonio Moreira da Cruz (Arquivo Nacional, coll. "Governadores do Rio de Janeiro", VI, 204 vº.), sobcolor de fazer caçada de gados, a sondar todos os portos, desde os de São-Francisco-do-Sul e Laguna para baixo até á Colonia-do-Sacramento. A chegada da embarcação a Castilhos provocou uma reclamação do governador da Colonia, a quem o da Repartição do Sul respondeu com a carta energica e curiosa de 13 de junho de 1699 (log. cit., IX, 20 vº.). A questão chegou ao conhecimento de d. Pedro II que, pelas duas cartas de 16 de outubro de 1699 ("Registro de cartas régias", LXIII-1.º, 134 vº.), ambas dirigidas a Arthur de Sá e Menezes, a este ordenou suspendesse tanto a diligencia maritima, como as terrestres (Arthur de Sá tinha então mandado invadir os sertões meridionaes por Gaspar de Godoy Collaço e até pelos Britos da Laguna, qual já ficou referido), em busca de jazidas mineraes. A segunda das mencionadas cartas-régias confessa que taes explorações eram feitas em zona litigiosa, pois diz: — "... como se entenda q. estas Minas estão nas terras da Contenda, q. temos com a Corôa de Castella, tão fóra está de ser interesse nosso, q. sobre as consequencias q. podem resultar se nos empenharmos nesta averiguação e exame será descobrirmos as conveniencias p<sup>a</sup> outrem".

A esta timida fraqueza de d. Pedro II correspondeu a ineptia de seu filho e successor, d. João V, que consentiu fundassem os espanhóes platinos a actual Montevidéo (em 1726,

---

(103) A. Taunay (op. cit., VI, 54) presume que Amaro Fernandes Gauto seja o «castelhano foragido do Paraguay e assistente em Itú» e, por isso, reduz as duas expedições a uma só, a qual foi a acaudilhada por Gaspar de Godoy Collaço.

com o nome de "San-Felippe-y-Santiago"), impossibilitando ao Brasil o chegar até ao seu limite natural, o rio da Prata.

Integraram-se apenas em nossa patria, — graças á ousadia dos bandeirantes paulistas e á acção diplomatica de Alexandre de Gusmão, — Santa-Catharina e o Rio-Grande-do-Sul. Si estas duas circumscripções do imperio brasileiro, como pondera Alcides Lima ("Historia popular do Rio-Grande", 4-5), "foram salvas da acção jesuitica pela audacia e valentia dos aventureiros paulistas, que eram nessa época o terror vivo de todas as missões e de todos os aldeamentos indigenas", tambem o foram do dominio espanhol, pela mentalidade esclarecida e pujante do secretario de d. João V, filho da mesma localidade onde teve o berço o Patriarcha da nossa independencia.

Bosquejada, assim, a irradiação paulista para o sul e para o *far-west*, até fins do seculo XVII, — passemos, agora, a apreciar, tambem succintamente, a sua marcha para o norte.

Os primordios desta elam-se ás invasões neerlandezas. A bravura indomita e a infatigabilidade inexcedivel dos bandeirantes não podiam passar despercebidas, nem ser ignoradas dos mais graduados representantes da metropole no Brasil. Um destes, Antonio Telles da Silva, invocou o auxilio dos paulistas contra os flamengos, como se vê de cartas suas aos officiaes da Camara de São-Paulo (datadas de 8 e 21 de novembro de 1646 e 11 de março de 1647), as quaes Taques estampou integralmente na "Nobiliarchia" (XXXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 221-229). Relembra-lhes o governador-geral as suas habituaes sortidas contra o gentio, e alliciava-os com a possibilidade de fazerem, quando regressassem, preza abundante de indios no sertão do São-Francisco, por onde, a principio, lhes determinou a róta, afim de por allí chegarem a Pernambuco. Esse soccorro, de 200 mamelucos e 2.000 indios flecheiros (tirados da administração particular e não das aldêias do padroado), seguiu sob o commando de Antonio Pereira de Azevedo, em 1.<sup>o</sup> de julho de 1647 (não "1649", como escreve Calogeras, I, 38). Não sabe Taques quaes os serviços prestados por essa expedição; é certo, comtudo, que não foram de todo despiciendos, pois o cabo-

mór da leva por elles mereceu vir a ser professo da ordem de Christo.

De anteriores contingentes para o mesmo fim foram chefes Antonio Raposo Tavares e Luiz Pedroso de Barros, dos quaes já demos ligeira noticia, colhida nos que versaram esta materia.

Muito mais importantes, ao aspecto da expansão geographica, foram as bandeiras destinadas ao expurgo de selvícolas, duas idas por mar e as demais por via terrestre.

Escreve Capistrano de Abreu ("Noções de Historia do Brasil até 1800", 105-106): — "Melhores serviços prestaram os paulistas na Bahia e ao norte do rio S. Francisco. Em torno do Paraguaçu reuniram-se tribus ousadas e valentes, aparentadas aos aymorés convertidos no principio do seculo, que invadiram o districto de Capanema, trucidaram os moradores e vaqueiros do Aporá e avançaram até Itaporocas. Pouco fizeram as expedições bahianas mandadas contra elles, e houve a idéia de chamar gente de S. Paulo. Acudindo ao convite, Domingos Barbosa Calheiros embarcou em Santos; na Bahia se dirigiu para Jacobinas, mas deixou-se illudir por payayás domesticados, e nada fez de util. Acompanhando-o na jornada mais de duzentos homens brancos, raros tornaram do sertão. Com este mallogro não admira se repetissem as incursões dos tapuyas, a ponto de, a 4 de março de 1669, ser-lhes declarada guerra, e outra vez convidados paulistas para fazel-a. Em agosto de 1671 chegou a gente embarcada, com cuja conducção a camara do Salvador despendeu mais de dez contos de réis. Eram dois os chefes principaes, Braz Rodrigues de Arzão e Estevam Ribeiro Bayão Parente. Fizeram de Cachoeira base das operações, que duraram annos. Braz Rodrigues retirou-se, depois de tomar, na margem esquerda do Paraguaçu, a aldêia do Camisão. Estevam Ribeiro guerreou sobretudo na margem direita, onde conquistou a aldêia de Massacará. Em paga dos serviços, foi-lhe dado o senhorio de uma villa, chamada de João Amaro, nome de seu filho. A villa, depois de vendida com as suas terras a um ricaço na Bahia, extinguiu-se; o eponymo ainda é lembrado nos catingaes bahianos".

Pouco temos a acrescentar a esse claríssimo resumo. A leva de Calheiros, que tinha por immediatos os capitães Fernando de Camargo e Bernardino Sanches de Aguiar, provocada por um convite de Francisco Barreto, governador-geral do Estado do Brasil, saiu de São-Paulo no anno de 1658, consoante com o asserto de Taques ("Nobiliarchia", XXXIII, p. 2.<sup>a</sup>, 165); e, conforme as pesquisas de Silva Leme (VIII, 103), della foram também comparsas os paulistas João Leite e Francisco Jorge Leite, fallecidos nos sertões bahianos, João da Costa Leal, Manuel Garcia Bernardes, capitão Diogo Domingues de Faria e padre Matheus Nunes de Siqueira, todos constantes de um testamento feito em 1659 na aldeia de Tapuricé. Da jornada de Estevam Ribeiro Bayão Parente e Braz Rodrigues de Arzão, da qual fez parte, como capitão de uma companhia, Manuel Vieira Sarmento, sobrinho de Jacques Felix, o fundador de Taubaté, sabe-se, pelos informes de Taques ("Nobiliarchia", XXXV, p. 1.<sup>a</sup>, 55), que partiu de Santos em junho de 1671 e que a campanha se estendeu até 1674. Dos dados deste linhagista e dos de Azevedo Marques (II, 105) colhe-se que Alexandre de Sousa Freire, governador da Bahia, desde 1663 pedira tal auxilio a Pedro Vaz de Barros, filho do capitão-mór de igual nome. Segundo o autor da "Nobiliarchia", Estevam Ribeiro, "conquistador dos gentios bravos do sertão da Bahia, Pernambuco e Ceará", falleceu na cidade do Salvador, continuando nesse real serviço seu filho João Amaro Maciel Parente, a quem Taques (XXXIII, p. 2.<sup>a</sup>, 34), repetido pelo escriptor dos "Apontamentos" (II, 102), dá como irmão "Bento Maciel Parente, que foi governador do Estado do Maranhão". Ha nisso evidente engano, porque o caudilho da expedição de 1671 apenas teve um casal de filhos, conforme Silva Leme (VIII, 258), que os menciona: Maria Ribeiro Antunes e o sobredito João Amaro, donatario da villa bahiense que lhe tomou o nome. Além disso, tendo Estevam Ribeiro fallecido em 1677, logo depois daquella guerra no sertão do norte, com que idade teria gerado ao matador de indios do Anazonas, que em 1609-1611 acompanhara d. Francisco de Sousa a São-Paulo, onde a esse tempo foi sargento-mór de cinco villas?

Braz Rodrigues de Arzão, retornado da Bahia, tomou parte, em 1679, na leva que, sob o commando de Jorge Soares de Macedo, foi auxiliar a fundação da Colonia-do-Sacramento, e que, pelo naufragio occorrido na altura do cabo de Santa-Maria, teve que marchar por terra até ao ponto de destino.

Diz ainda Capistrano (log. cit., 106): — ‘ A estas expedições maritimas succederam outras por via terrestre. Talvez a mais antiga fosse a de Domingos de Freitas de Azevedo, de quem apenas consta haver sido derrotado no rio S. Francisco. Facilitaram estas entradas a abundancia de matas no trecho superior do rio, as suas condições de navegabilidade dentro do planalto, o emprego de canôas. Paulistas houve que fizeram canôas e desceram para vendel-as proximo do trecho encachoeirado, onde a esesceiz da vegetação tornava preciosa a mercadoria. Das expedições feitas pelo interior, conhecemos as de Domingos Jorge Velho, Mathias Cardoso de Almeida, Moraes Navarro, todos empregados em combater os piacús, janduis, icós, nas ribanceiras do Açú e do Jaguaribe. Domingos Jorge auxiliou a debellação dos Palmares, mocambo de negros localizado nos sertões de Pernambuco e Alagôas, que já existia antes da invasão flamenga e zombara de numerosas e repetidas tropas contra elle mandadas. Ficou assim livre todo o territorio entre as matas do cabo de Santo-Agostinho e Porto-Calvo. Muitos dos paulistas empregados nas guerras do norte não tornaram mais a S. Paulo, e preferiram a vida de grandes proprietarios, nas terras adquiridas por suas armas: de bandeirantes, isto é, despovoadores, passaram a conquistadores, formando estabelecimentos fixos. Ainda antes do descobrimento das minas, sabemos que nas ribeiras do rio das Velhas e do S. Francisco havia mais de cem famílias paulistas, entregues á criação de gado”.

Visando apenas a esclarecer o assumpto, algo accederemos a essa exposição do profundo mestre de historia patria.

Da leva de Sebastião Paes de Barros, em 1674, pouco posterior á de Estevam Ribeiro Bayão Parente, e á qual o douto Capistrano não se referiu, ao arrolar as jornadas paulistas feitas



pelo interior no rumo do norte, já tratámos na primeira parte deste capitulo.

Domingos Jorge Velho (filho de Francisco Jorge Velho e de Francisca Gonçalves e irmão de Antonio Cubas, Francisco Jorge, Sebastião Rodrigues, Simão Jorge e Agostinha Rodrigues) (104) teve acção notavel no desbravamento das regiões do norte do Brasil. Inscreveu em nossos annaes dois feitos memoraveis. O primeiro foi a occupação do interior do Piauhy (cuja fórma geographica, de extenso fundo e exigua orla oceânica, exprime bem a evolução da sua conquista e povoamento), onde aquelle paulista, de 1671 a 1674, em combinação com Domingos Affonso (105), criador e dono de fazendas pastaes á margem pernambucana do São-Francisco, montou cerca de 30 estancias, legadas depois, com todos os gados e escravos, á Sociedade de Jesús, de quem as confiscou a corôa. A esses dois sertanistas, portanto, é que se attribue a colonização do Piauhy (106), por elles expurgado de indios, o que possibilitou a moradores de Pernambuco o irem logo estabelecer-se alli. A segunda proeza é a extincção dos quilombos chamados dos Palmares. Desta confederação de mocambos disse Oliveira Martins (ob. cit., 64): — “E’ uma Troya negra, e sua historia uma Iliada”. A proposito deste facto, preferimos á versão muito vaga dos chronistas o substancioso e amplo estudo (inserto depois na

---

(104) Veja-se, além da «Genealogia paulistana» (VIII, 362) de Silva Leme, o vol. IV, 348-351, da «Historia geral das bandeiras paulistas» de A. Taunay.

(105) Dos nossos historiadores, uns chamam-lhe tambem «Mafra», ou «o Mafrense», e outros dão-lhe o agnome de «Sertão». Machado de Oliveira (ob. cit., 112), repetindo o autor da «Historia da America Portugueza», refere que os dois Domingos a principio se guerrearam e só mais tarde se uniram para o fito commum. Da combinação entre elles para a conquista do Piauhy, fala claramente Rocha Pitta (ob. cit., 194), que escrevia apenas meio seculo depois.

(106) A antiga freguezia do Paulista, sita perto da serra dos Dois-Irmãos e das nascentes do Canindé, na estrada que vai ter ao São-Francisco (F. A. Pereira da Costa, ob. cit., 109), provavelmente tomou aquelle nome gentilico do sertanista famoso, chefiador dos mamelucos meridionaes.

“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.”, LXXV, p. 1.<sup>a</sup>, 231-258) que Nina Rodrigues, culta cerebração, tão cedo apagada pela morte, deu á estampa no *Jornal do Commercio* desta capital, a 9 de agosto de 1905, sob a epigraphe “A Troya Negra”. A “Republica dos Palmares” (assim chamada por alguns chronicistas e historiographos, quando em verdade foi um reino), que durou tanto quanto o imperio brasileiro, isto é, 67 annos, resistindo a innumeradas acommettidas de holandezes e de portuguezes, contou talvez mais de 20.000 habitantes e chegou a estender-se “por mais de 60 leguas, em vasta zona de palmeiras, que, cortada de outras matas, corre, ao longo da serra das Barrigas, da parte superior do rio de S. Francisco, quasi de norte a sul, até ao sertão do cabo de Santo-Agostinho”. Domingos Jorge Velho, affeito com o seu bando de mamelucos ás refregas contra os indios dos sertões septentrionaes, propoz-se, em 1687, a João da Cunha Souto-Maior, governador de Pernambuco, para dar cabo da confederação de pretos, firmando-se contracto regular (107). Mas só no governo de Caetano de Mello e Castro foi que a expedição do paulista buscou desempenhar-se da ardua incumbencia. Domingos Jorge teve que se retirar com a sua gente, ante o mallogro da primeira investida, na qual morreram 800 homens das duas partes belligerantes. Formado, em seguida, um exercito de 6.000 combatentes, — pernambucanos sob o commando de Bernardo Vicira de Mello, alagoanos tendo á sua frente Sebastião Dias, e paulistas dirigidos por Domingos Jorge Velho, — caiu a famosa “Troya negra” a 14 de maio de 1695, prolongando-se até 1697 a tomada dos ultimos reductos em que se acoutavam os pretos. Bem é de comprehender quanto esta victoria contribuiu para o povoamento da vasta zona interior de Pernambuco e Alagôas, difficultado até fins do seculo XVII pelos terriveis quilombólas, cuja revolta contra a

---

(107) Como se póde ler na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXVII, p. 1.<sup>a</sup>, 19-24, — o contracto, celebrado entre João da Cunha Souto-Maior e Domingos Jorge Velho, a 3 de março de 1687, e ratificado pelo marquez de Montebello a 3 de dezembro de 1691, só foi confirmado por alvará-régio a 7 de abril de 1693.

escravidão mereceu de Castro Alves, o grande poeta da abolição, os inspirados versos da "Saudação a Palmares" (108).

E' bem extenso o capitulo que Taques ("Nobiliarchia", XXXIII, p. 2.<sup>a</sup>, 146-170) consagra a Mathias Cardoso de Almeida, referindo-se tambem a Domingos Barbosa Calheiros, Estevam Ribeiro Bayão Parente, Antonio Gonçalves Figueira, Manuel Alvares de Moraes Navarro e Francisco Dias de Siqueira. Do illustre escriptor e de outros tratadistas respigaremos o que mais convem á materia da nossa these.

Mathias Cardoso acompanhara o "caçador de esmeraldas" em 1674, mas regressara a São-Paulo, donde, como tenente-general da leva de d. Rodrigo de Castello-Branco, retornou ao *hinterland* mineiro. Assassinado o fidalgo, retrocedeu elle pres-tesmente para o torrão natal. Reclamado, mais uma vez, pelo governador-geral do Estado do Brasil, o auxilio dos paulistas, para jugular o gentio bravo do Rio-Grande-do-Norte e do

---

(108) Sobre a conquista do Piauhy e o exterminio da «Troya negra», não são despidencias as noticias que vêm na obra de d. Domingos do Loreto Couto, «Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco» (*separata* dos «Annaes da Bibl. Nac.», pags. 168 e 539-546). José Martins Pereira d'Alencastre, em sua «Memoria chronologica, historica e chorographica da provincia do Piauhy» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XX. 5), contesta que Domingos Jorge Velho tenha tomado parte no descobrimento do Piauhy, facto que attribue aos irmãos Domingos Affonso Mafrense e Julião Affonso Serra, ajudados por outros dois irmãos, Francisco Dias d'Avila e Bernardo Pereira Gago, em 1674. Aos dois primeiros, diz elle, deve o nome a *serra dos Dois-Irmãos*. Graças a Mirales, sabe-se que o «Mafrense» ou «Sertão», assim tambem vulgarmente conhecido, ainda era vivo e prestimoso em fins do seculo XVII ou começos do XVIII. O autor da «Historia militar do Brasil» (pag. 158), referindo-se a uma diligencia para descobrimento de minas de salitre, chefiada por d. João de Lancastro nos sertões da Bahia, diz que ella se compunha do dito governador, do desembargador Belchior da Cunha Brochado, do capitão-engenheiro Francisco Pinheiro, do coronel Pedro Barbosa Leal, de Antonio de Brito de Castro de S. Payo, do medico Miguel Soares Henrique e de *Domingos Affonso Sertão*, «que ia por guia e apontador», — leva que entrou pela villa da Cachoeira e andou investigando o interior, regressando á capital, após ter verificado que o rendimento das minas encontradas não correspondia á despeza necessaria á extracção do salitre. D. João de Lancastro exerceu o governo do Estado do Brasil de 1694 a 1702.

Ceará, Mathias Cardoso enfileirou o seu terço, e em 1689 seguiu para o norte. "Ignora-se, diz Calogeras (I, 52), si esse reforço foi varando o sertão de Minas, si por mar; esta ultima hypothese é a mais provavel, entretanto". Taques, porém, não deixa duvida a esse proposito pois affirma (log. cit., 166) que elle "se poz em marcha com mais de 500 leguas de sertão até o rio S. Francisco". Desempenhou-se galhardamente da sua incumbencia, batendo os selvagens desde 1689 até 1694, data em que veio fundar fazendas de criação nas ribas do São-Francisco, finando-se por lá. A actual Conceição-de-Morrinhos, junto a Januararia, foi o "Arraial de Mathias Cardoso" (109), cujo filho e alguns parentes e companheiros plantaram nas mesmas paragens outros núcleos de povoação (110), hoje localidades grandes e prosperas da terra do Tiradentes. Da expedição official de Mathias Cardoso de Almeida fez parte, como sargento-mór, Manuel Alvares de Moraes Navarro, que depois lhe succedeu, como mestre-de-campo, em eguaes funcções.

Entre os officiaes da bandeira de Mathias Cardoso, foi, como alferes, Antonio Gonçalves Figueira (Calogeras opina que é "Filgueira", por assim se appellidarem os descendentes da-

(109) Burton (II, 271-272) refere-se á fundação de Morrinhos, em cuja igreja-matriz (mandada edificar por Mathias Cardoso de Almeida e sua irmã Catharina do Prado) «*delubrum mirae magnitudinis*», viu, junto ao altar-mór, o tumulo de Januarario Cardoso de Almeida, nome constante de um epitaphio sem data. Januarario era o unico filho sobrevivente do celebre sertanista, porquanto o outro fôra morto pelos indigenas, na expedição do pae ao Ceará. Derby, em sua excellente monographia inserta na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo» (V, 292), escreve systematicamente «arraia de Matheus Cardoso», não sabemos baseado em que, pois por alli só andaram Mathias e Januarario.

(110) O autor do «Esboço historico do municipio da Januararia» («Rev. do Arch Publ. Min.», XI, 373-397), depois de mencionar as *razzie* feitas no alto São-Francisco, em fins do seculo XVII, pelo celebre aventureiro lusitano Manuel Pires Maciel, fundador de São-Romão e do Brejo-do-Salgado (Nossa-Senhora-do-Amparo e hoje Januararia, antiga aldeia indigena de Itabiraçaba), recenseia varios povoados da mesma região. como «Arraial do Meio, Japoré, Retiro, S. João das Missões, Morrinhos ou Mathias Cardoso, Pedras de Baixo ou do Padre (Pedras de Maria da Cruz), Capão do Cleto e outros, fundados por Januarario Cardoso e parentes seus».

quelle sertanista, ainda hoje existentes em Montes-Claros), cujo papel, talvez secundario, na *razzia* feita aos selvicolas, se tornou primacial na conquista das terras e na abertura de estradas de intercommunicação da Bahia e Minas-Geraes. Terminada a obra de expurgo no extremo-norte, eis o que fez o companheiro de Mathias Cardoso, segundo Calogeras, baseado em Taques: — “Figueira então trabalhou por conta propria, conquistou tribus indigenas no valle do rio Pardo, descobriu o sertão deste rio e o do rio Verde, foi o primeiro a levantar engenho no Brejo-Grande, foi senhor das fazendas de Jahyba, Olhos-de-Agua e Montes-Claros, e abriu o caminho de S. Francisco á ribeira do Jequitahy, provavelmente afim de facilitar o estabelecimento das fazendas de criação; dalli, ao começar a fama das Minas-Geraes, prolongou a estrada da ribeira do Jequitahy até ao rio das Velhas por mais de 40 leguas. Esta foi presumivelmente a obra de consolidação do roteiro seguido por Sebastião Paes de Barros (111) alguns decennios antes”.

Das forças que commandou Mathias Cardoso e da consideração que lhe valeram os serviços prestados na região septentrional do Brasil, dá-nos conta a carta que o senado da camara de Natal dirigiu ao rei, em 28 de agosto de 1692, e na qual vem o seguinte (“Capitães-móres e governadores do Rio-Grande-do-Norte”, de Vicente de Lemos, I, 60): — “Que o Governador Geral do Brasil havia mandado assistir na Capitania o Mestre de Campo dos Paulistas, Mathias Cardoso, com *oitocentos* ho mens, mas destes só restavam *duzentos*, porque não cumpriam a promessa de se lhes pagar. Pela grande extensão dos sertões considerava conveniente que Sua Magestade mandasse fundar quatro arrayaes nos logares Jaguaribe, Assú, Acauan e Curimataú, sendo mantidos e sustentados pela gente do Arco-Verde e do Camarão, que existia de Pernambuco ao Ceará, ficando á *direcção do referido Mestre de Campo...*” O soberano mandou que se pagassem os soldos da tropa de Mathias Cardoso,

---

(111) Como se vê, o proficiente autor das «Minas do Brasil e sua legislação» adopta com acerto, contra a corrente geral, quanto a este bandeirante, o parecer de Taques, já por nós referido e documentado linhas atrás.

o qual, em fins de 1694, já se não achava mais no Rio-Grande-do-Norte, pois se retirara dali para os sertões do alto São-Francisco. A excellente lembrança da edilidade não foi atendida pelo monarcha, tanto que só a 6 de fevereiro de 1696 foi que Bernardo Vieira de Mello assentou espontaneamente os primeiros alicerces do arraial do Açú.

Não menciona Taques a época exacta em que partiu para o norte Manuel Alvares de Moraes Navarro, de quem pouco diz aquelle linhagista. Sabe-se, porém, que de São-Paulo saiu o notavel *condottiere* sertanejo antes de 1689, porquanto em tal anno, consoante com as informações de Sebastião de Vasconcellos Galvão (“Diccionario chorographico, historico e estatistico de Pernambuco”, II, 14 e 25), adquiriu de d. Maria Cesar, viuva do famoso João Fernandes Vieira, o engenho de Paratibede-Baixo, o qual passou a chamar-se “Engenho-do-Paulista”, vinculando-se este gentílico á povoação alli surta (pertencente ao municipio de Olinda) e na qual se suicidou, a 21 de maio de 1817, o padre João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro, cabeça da memoravel revolução republicana que, na segunda década do seculo XIX, elevou tantos martyres aos altares da nossa historia. Segundo o relato de Vicente de Lemos (I, 75-79), Moraes Navarro, “nomeado governador da campanha contra os indios do S. Francisco até o Ceará”, — o que faz certo que elle succedeu neste mistér a Mathias Cardoso (112), — chegou ao Rio-Grande-do-Norte em 18 de novembro de 1698. Tendo conquistado a amizade dos janduids, foi com estes bater os payacús das ribeiras do Açú e Apody, captivando a muitos; mas depois tratou de destruir aquelles gentios seus alliados. Contra o bandeirante foi feita uma representação á camara de Natal. Esta providenciou promptamente, havendo tambem intervindo o bispo no caso, de modo que d. Pedro II ordenou não só fossem postos em liberdade os selvicolas reduzidos por Moraes Navarro, como tambem que se prendesse este e se devassasse do seu procedimento. Defendeu-se o paulista, allegando que as accusa-

---

(112) Como este, ao que parece, substituiu a Domingos Jorge Velho, occupado então a jugular os quilombos dos Palmares,

ções provinham da perseguição que lhe movia Bernardo Vieira de Mello. Tudo nos leva a acreditar que tal processo deu em agua de barréla, pois de Taques se infere que Moraes Navarro ainda exercia em 1701 o seu posto nos sertões do norte, tendo estado por 1711 em Minas-Geraes, no Serro-Frio (do qual foi feito governador, conforme documento publicado pela "Rev. do Arch. Publ. Mineiro", II, 782), donde, pouco depois, regressou á região septentrional. Foi casado tres vezes: a primeira em São-Paulo, com d. Maria de Oliveira (filha de Manuel de Anorim Falcão e Luiza de Oliveira), de quem não consta haver tido filhos; a segunda em Pernambuco, com Ignez Barbalho Lins (filha de Antonio Borges Uchôa e Anna Maria de Mello), de quem houve só um filho, Manuel Alvares de Moraes Navarro Lins; e a terceira tambem em Pernambuco, com Theresa de Jesús Lins (filha de Christovam Lins e Adriana Wanderley), de quem houve tres filhas, Anna Francisca Xavier, Isabel Theresa de Moraes Lins e Maria de Moraes Lins, a primeira casada com o medico João Luiz da Serra Cavalcanti, a segunda com o bacharel Manuel de Araujo Cavalcanti e a terceira com o proprietario de engenho Antonio de Araujo Vasconcellos. Eis o que da primeira das citadas filhas de Moraes Navarro escreveu em 1757 d. Domingos do Loreto Couto (ob. cit., 522): — "D. Anna Francisca Xavier Lins, filha do Mestre de Campo Manoel Alvares de Moraes Navarro, e de sua mulher d. Thereza Lins, ambos de qualificada nobreza; e a mulher do doutor João Lins da Serra, falla com toda a elegancia os idiomas Latino, e Castelhana, tem grande lição da Historia e he celebre na promptidão, com que discorre sobre qualquer materia. Tem composto muitos elogios latinos a diversos assumptos, dignos certamente da luz publica". Moraes Navarro morreu bastante velho, pois ainda exerceu o mandato de vereador da camara de Olinda em 1745 (113).

Do que lêmos na "Nobiliarchia" de Taques e alhures, chegámos á illação de que João Amaro Maciel Parente secundou a

---

(113) Sobre Moraes Navarro, veja-se o substancioso e documentado trabalho do erudito e operoso Barão de Studart, na «Rev. Trim. do Inst. do Ceará», XXX, 350-364, e XXXI, 161-223.

Mathias Cardoso, na batida aos índios do *far-north*, de 1689 a 1694. E é provável que da leva do filho de Estevam Bayão fizesse parte Francisco Dias de Siqueira, o "Apuçá" (melhor fôra *Apyçá*, vocabulo tupico que significa "surdo"), que tambem desempenhou, nas regiões septentrionaes do Brasil, uma incumbencia official, e cujos feitos Taques relata ("Nobiliarchia", XXXIV, p. 1.<sup>a</sup>, 12-13). A' frente de uma tropa, Siqueira, pelos annos de 1692 e 1693, varou os sertões, indo até á cidade de São-Luiz, e nas aldêias de índios reduzidos do Estado do Maranhão andou commettendo extorsões, que o governador não se animou a castigar, dando, porém, conta do facto a d. Pedro II, o qual, por carta de 2 de novembro de 1693, ordenou aos officiaes da camara de São-Paulo reprehendessem severamente áquelle sertanista seu conterraneo (114). O "Apuçá", entretanto, não chegou a receber a punição determinada pelo soberano luso, porque, de volta da guerra ao gentio do Ceará e Rio-Grande-do-Norte, falleceu na Bahia, deixando enormes cabedaes.

No Archivo Nacional, depararam-se-nos alguns documentos, relativos ás bandeiras caçadoras de escravos do ultimo quartel do seculo XVII. Existem alli dois bandos de Duarte Teixeira Chaves, um de 7 de abril e outro de 25 de outubro de 1684 (coll. "Governadores do Rio de Janeiro", I, 161 v. e 176 v.), sobre índios comprados "aos Paulistas que agora vieram do Rio das Caravellas" e comminando penas a quem quer que os adquirisse. Duas outras peças officiaes reportam-se tambem ao mesmo assumpto: — a carta-régia de 20 de março de 1690 (em avulso), na qual d. Pedro II ordenava ao governador do Rio-de-Janeiro que atalhasse as "molestias e vexações" feitas aos missionarios e aos gentios pelos "moradores da terra de S. Paulo", e a resposta de Luiz Cesar de Menezes (coll. cit., II, 43 v.) de que era "muy dificultozo obrar com elles couza alguma

(114) Conforme o Barão de Studart («Rev. Trim. do Inst. do Ceará», 354), «Francisco Dias de Siqueira tinha a seu cargo, de ordem do governador-geral do Brasil, a extincção dos tapuias de corso e o descobrimento do caminho entre os Estados do Maranhão e Brasil, e andava então nas vizinhanças da capitania do Pará».



tocante ao p<sup>ar</sup> de Indios e gentio”, porque os governadores da praça do Rio não tinham jurisdição naquelas capitánias (115).

Ao anno de 1692 é attribuida (“Rev. do Arch. Publ. Mineiro”, IV, 215) a bandeira escravista de Antonio Delgado da Veiga (com seu filho João da Veiga) e Miguel Garcia, os quaes, saindo de Taubaté, galgaram a Mantiqueira través a garganta do Embaú, deram nome ao Pouso-Alto e alcançaram um affluente do rio Verde, a que chamaram Baependy, appellação que se presume oriunda da pergunta feita por um dos linguas da expedição aos indios allí encontrados (116). E que naquella região, em anno anterior a 1694, andou outra bandeira descobridora, esta mais inclinada a riquezas mineraes, testifica-o um roteiro, a que adiante nos referiremos mais extensamente, dado á estampa na “Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo” (V, 269), onde se lê: — “... e em um destes montes que se chama o Baependi se suspeita haver metal pela informação que deixou o defunto Bartholomeu da Cunha...”

Que o captivamento de indios em nosso *hinterland* recrudescceu por esse tempo, alimentado seguramente pelas expedições atrás passadas em revista, — prova-o que farte, além de um officio do governador da Bahia, de 1693 (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo”, V, 264), reclamando contra essas montarias dos paulistas, que, “com pretextos de andarem aos Tapuyas de corso, captivam os da lingua geral”, o facto irrecusavel de terem sido em seu inicio caçadoras de indios, nos

---

(115) Só em 1698, por aviso de 22 de novembro (Arch. Nac. coll. cit., III, 58 v.º) foi que o rei resolveu sujeitar São-Paulo á jurisdição do Rio-de-Janeiro, excepto no judicial, porquanto os recursos continuariam a ser julgados na Bahia, onde havia Tribunal de Relação. Este acto, cremos, foi já consequencia do descobrimento do ouro. E' excusado dizer que já antes se havia incorporado São-Paulo á administração do Rio-de-Janeiro, quando, por virtude da revelação de minas auríferas, fôra creada a Repartição do Sul.

(116) Diz o chronista que *bae-pendy* equivale a «que nação de gente é a tua?» Mas Theodoro Sampaio («O tupy na geographia nacional», 114), desconvindo dessa interpretação e baseado na graphia dos roteiros antigos, dá *Baependy* como corruptela de *mbaê-pindí*, isto é, «a clareira».

sertões do rio Doce, as bandeiras taubateanas de Antonio Rodrigues de Arzão, em 1693, e de Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, em 1694-1695, ambas dos primórdios do grande cyclo espontaneo do ouro.

Este, entretanto, ia transformar completamente os audazes e indefessos bandeirantes paulistas de despovoadores em povoadores, trocando pela caça do fulvo metal a caça do indio, de então em diante o seu melhor auxiliar para a cata continua das riquezas, que, á flor da terra, brotavam do alveo dos correios ou do flanco das penedias, conto aos acenos de uma fada bemfazeja.

### c) O grande cyclo do ouro

Escasseiam os elementos probantes officiaes, concernentes aos primeiros factos deste periodo da actividade conquistadora dos paulistas.

Si se confrontarem, porém, dois documentos existentes (em avulso) no Archivo Nacional, será possivel chegar-se á illação de que o primeiro revelador do ouro do *hinterland* mineiro, nesta phase, foi o filho de Fernão Dias Paes. Com effeito, por acto régio de 23 de dezembro de 1683, Garcia Rodrigues Paes foi provido em "capitão-mór da entrada e descobrimento, e administrador das minas de esmeraldas que descobrio", e na carta régia de 19 de novembro de 1697 não só se patenteia o zelo com que se houve em tal diligencia, como tambem se lhe regista a insinuação de ter sido "o primeiro que descobrio o ouro de lavagens dos Ribeiros q. correm para a Serra de Serababasú" (*sic*). D. Pedro II mandava, por isso, ao governador do Rio provel-o na administração das minas descobertas. Ora, como Garcia Rodrigues volveu logo ás explorações em que andava com o pae, nada impede a inferencia de que o seu insinuado descobrimento precedesse o das expedições começadas em 1693.

Na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo" (V, 268-269), estampou Orville Derby o roteiro (de que existem na

Bibliotheca Nacional duas copias, não de todo congruentes) da jornada que o padre João de Faria, seu cunhado Antonio Gonçalves Vianna, o capitão Manuel de Borba e Pedro de Avos fizeram além da Mantiqueira, achando, nos taboleiros dos rios Grande, das Mortes e Sapucahy, corridos auríferos, dos quaes foram exhibidas amostras, conforme a carta de Bento Corrêa de Sousa Coutinho, de 29 de julho de 1694.

Este descobrimento, que não pôde ter occorrido depois de 1693 (117), vem, pela collaboração do assassino de d. Rodrigo de Castello-Branco (pois o "capitão Manuel de Borba", de quem se trata alli, deve ser Manuel de Borba Gato) e pela revelação egual, feita no Sabarabuçú por Garcia Rodrigues, vincular o cyclo do ouro em Minas-Geraes, ainda mais estreitamente, á bandeira de Fernão Dias Paes.

O relato de Antonil (ob. cit., 143), attribuindo o primeiro descobrimento do ouro em Minas-Geraes a um mulato, no governo de Arthur de Sá e Menezes, faria remontar esse evento a 1697, pois só a 2 de abril desse anno foi que aquelle preposto régio tomou posse do seu cargo. E, assim, as deducções de Diogo de Vasconcellos (ob. cit., 90-92) ficam sem base, além de que, como elle mesmo o declara, a tentativa de José Gomes de Oliveira e Vicente Lopes, em 1691, não deu o menor resultado (118).

Derby (log. cit., 264-266) põe em duvida a existencia da jornada de Antonio Rodrigues de Arzão, de quem se relata que, saindo de Taubaté, em 1693, á frente de 50 homens, para captivar indios, foi parar no sertão do rio da Casca, onde achou cascalhos auríferos; assaltado pelos selvicolas da região e consumidas as munições de guerra e de bocca, rumou elle para o Espirito-Santo, onde o acolheu o capitão-mór de Victo-

---

(117) Em artigo que estampou na «Rev. do Arch. Publ. Min.» (VI, 983), Lafayette de Toledo, tratando do padre Faria, fala «na expedição de 1693 ou 1694, ás regiões do alto Sapucahy e rio Grande».

(118) O dr. Aristides Maia, entretanto, em sua «Historia da provincia de Minas-Geraes» («Rev.» acima cit., VII, 34), affirma que «José Gomes de Oliveira descobriu as minas de Itaverava, sendo Vicente Lopes o portador dessa noticia para S. Paulo».

ria (119), o qual das tres oitavas de ouro, apuradas dentre as amostras trazidas pelo sertanista, mandou fazer duas memorias, guardando uma para si e dando a outra ao descobridor. O paulista, ante os obstaculos que alli surdiram para uma nova entrada ás jazidas, regressou a Taubaté, ahi fallecendo pouco depois, mas tendo antes legado a Bartholomeu Bueno de Siqueira, seu concunhado (120), o roteiro e as indicações convinhaveis ao bom exito de uma segunda expedição. Inclina-mos a acceitar como veridica essa tradição, em prol da qual per-filhamos os solidos argumentos de Calogeras (I, 62-64). Quiçá o "mulato" da narração do jesuita Andreoni (posto á margem o anachronismo quanto a Arthur de Sá), talvez o mesmo *Duarte Lopes* das informações de José Rebello Perdigão, fossem uma e unica pessoa e não passasse esta de um companheiro da bandeira de Antonio Rodrigues de Arzão, o qual, segundo a "Noticia compilada pelo coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça e resumida por M. J. P. da Silva Pontes" ("Rev.

---

(119) Era João de Velasco Molina, que tinha o governo da capitania, cujo donatario, Manuel Garcia de Pimentel, que desde 1685 succedera a seu pae Francisco Gil de Araujo, não quizera sair da Bahia, onde era opulento proprietario, para vir ao Espirito-Santo («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXIV, p. 1.<sup>a</sup>, 231).

(120) Os chronistas, em geral, dizem «cunhado»; mas da excellente revisão dos linhagistas antigos, feita por Silva Leme (I, 911, e VII. 318), vê-se que Arzão casou com d. Mariana de Camargo e Bartholomeu com d. Maria de Camargo, ambas filhas de Fernando de Camargo Ortiz, um dos capitães da bandeira de Calheiros em 1658 e fallecido em 1690. Aproveitando o ensejo, rectificaremos a asserção erronea de Diogo de Vasconcellos (ob cit., 93), segundo o qual Antonio Rodrigues de Aragão «era neto de Braz Rodrigues Arzão, oriundo este da Bahia». Antonio Rodrigues de Arzão, como se lê em Silva Leme (VII, 315-318), era filho de Manuel Rodrigues de Arzão, o velho, e, portanto, sobrinho de Braz Rodrigues de Arzão, todos paulistas natos. Em seu poema «Villa Rica» (Ouro-Preto, 1897), escripto em 1773, Claudio Manuel da Costa, que colheu de Bento Fernandes Furtado de Mendonça as informações historicas de que se utilizou, assim diz (pag. 46) de Antonio Rodrigues de Arzão:

«Arzão é este, é este o temerario,

Que da Casca os sertões entrou primeiro».

do Arch. Publ. Min”, IV, 83-98), “conhecia os cascalhos auríferos de Coritiba e Paranaguá”.

Até então, o fulvo metal não fôra exhibido nos termos regimentaes, ou, por ser “de lavagem”, não estimulara o *rush* para os sertões. A isto ligam Derby e Calogeras o descaso dos aventureiros e o das autoridades supremas da colonia. Notaremos, todavia, que ainda estamos na ignorancia de uma grande parte da correspondencia trocada entre os governadores-geraes e a côrte. É tanto é certo que a metropole não se desinteressou das boas novas que lá foram ter, que, a *14 de janeiro de 1693* (121), era nomeado governador do Rio de Janeiro Antonio Paes de Sande, com “amplissima jurisdicção” em tudo que tocasse ás “minas de ouro e prata de Paranaguá, Itabaiana e serra de Sabarabussú”; e, a *16 de janeiro de 1693*, autorizava-o o soberano a conceder honras e mercês aos “moradores de São-Paulo e mais Capitancias”, que descobrissem “mina de beta de ouro, ou prata”. Sande pouco ou nada fez, no concernente á sua missão especial, porque menos de anno e meio depois da sua posse ficou inutilizado por um insulto apoplectico. Veiu substituil-o interinamente, a 7 de outubro de 1694, André Cussaco, provido por d. João de Lancastro, em deferimento ao pedido do senado da camara fluminense, de 3 de agosto daquelle anno (Arch. Nac., “Registro antigo” da coll. “Governadores do Rio de Janeiro”, XXVI, 36 vº.). Mas, não convindo com esse acto, o rei, em 2 de janeiro de 1695 (coll. “Governadores do Rio de Janeiro”, V, 54 vº.), nomeou para aquella gestão provisoria a Sebastião de Castro Caldas, que se empossou della a 19 de abril do mesmo anno (log. cit., 55), sendo já fallecido Antonio Paes de Sande, que expirou aqui

---

(121) Os docs. aqui citados existem, em avulso, no Archivo Nacional, onde os copiámos, rectificando o primeiro a data da nomeação de Sande, que vem em Derby (log. cit., 266). Notaremos que o predito governador só em março tomou posse do seu cargo, pois é de 18 desse mez o seu primeiro acto, como se vé das «Publicações do Arch. Nac.», XI, 49.

a 22 de fevereiro de 1695 (122). Arthur de Sá e Menezes, successor effectivo de Sande e cuja posse se deu a 2 de abril de 1697, não só recebeu do monarcha os mesmos poderes dados áquelle, como tambem foi o primeiro que teve, além do de "governador", o titulo de "capitão-general" da Repartição do Sul.

A tradição, em parte amparada por provas officiaes, evidencia que Bartholomeu Bueno de Siqueira, acompanhado, entre outros, por seu cunhado Manuel de Camargo, por seu sobrinho João Lopes de Camargo, por Miguel de Almeida e Antonio de Almeida, seus immediatos auxiliares na bandeira, retomou, em meados de 1694, a trilha que lhe indigitara o concunhado, encontrando indicios de ouro na Itaverava e depois chegando até á margem do rio das Velhas, donde retornou á serra aurifera. Pela mesma época, ainda partira de Taubaté, com o capitão Manuel Garcia Velho e outros sertanistas, o coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, que tambem se dirigiu para as bandas do rio Doce, para a chamada "casa da Casca", sendo esta leva mais destinada á procura de indios do que de metaes.

Na Itaverava, após o regresso de Bueno do rio das Velhas, encontraram-se fortuitamente as duas bandeiras. Fizeram-se barganhas. As oitavas de ouro apuradas foram trazidas a Taubaté.

Carlos Pedroso da Silveira, — quer tivesse sido um dos cabos da jornada de Bueno, como querem alguns chronistas e consta de documentos, quer, conforme a opinião de Calogeras (I, 61), não passasse de "finorio auxiliar da expedição descobridora", á qual fornecera os recursos materiaes, — foi indubitavelmente quem trouxe a Sebastião de Castro Caldas aquel-

---

(122) As datas da posse de Cussaco e do trespasse de Sande acham-se tambem em Pizarro («Memorias historicas do Rio de Janeiro», IV, 62, e VIII, p. 2.<sup>a</sup>, 7). O culto e venerando investigador, que foi Vieira Fazenda, — dictionario vivo da historia da terra carioca, — encontrou um documento comprovador da ultima data, do qual deu noticia em folha desta capital, a proposito de uma conferencia nossa, realizada no Instituto Historico em 18 de maio de 1915.

las amostras, para o manifesto legal. Ha noticia de que, nesse sentido, dirigiram cartas ao soberano, ao mesmo tempo, isto é, a 16 de junho de 1695, o governador e o taubateano, e a patente dada a Pedroso por Arthur de Sá, em 23 de maio de 1699 (coll. cit., IV, 312), vem em apoio desse facto (123).

Sebastião de Castro Caldas galardoou com os officios das novas minas, "chamadas de Cataguazes", a Carlos Pedroso da Silveira (este como provedor da casa dos quintos, mandada installar em Taubaté, donde partiam e onde desembocavam os descobridores), a Bartholomeu Bueno de Siqueira e a José de Camargo Pimentel (este como guarda-mór). Na referida carta de 16 de junho de 1695, o governador, além das cinco oitavas de amostras que enviou ao rei, enviou-lhe tambem "as noticias de que ainda se haviam descobrido mais ribeiros". Pensa Derby que só então o preposto da metropole ligou importancia ás descobertas do padre Faria, conecidas desde o anno ante-

---

(123) Carlos Pedroso da Silveira é tido na conta de descobridor, não só pela representação ao rei, feita pela camara da Taubaté, em 3 de novembro de 1763 (Azevedo Marques, II, 187), como pela carta-régia de 16 de dezembro de 1695, estampada por Pedro Taques («Nobiliarquia», XXXIV, p. 2.<sup>a</sup>, 16-17), que a dá como dirigida a Arthur de Sá e Menezes, opinião de que dissentimos, porquanto este não estava ainda nomeado successor effectivo de Sande e porque nella, em vez do nome do destinatario, vem apenas «governador da capitania do Rio de Janeiro», quando, si fosse para aquelle, deveria tambem inscrever-se o titulo de «capitão-general». Diogo de Vasconcellos (ob. cit., 109), inserindo este precioso documento com alterações e omissões graves (pois substitue aquelle endereço pelo nome «Arthur de Sá e Menezes» e supprime a expressão «em suas petições os descobridores», antes dos nomes «Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno da Siqueira»), affirma que «o original... se acha no Archivo Nacional do Rio de Janeiro, datado de 96...». Ora, por mais esforços que tenhamos empregado em nossas pacientes pesquisas naquelle estabelecimento federal, onde por mais de dois annos estivemos a desempenhar-nos de ardua commissão, com que nos honrou o governo do Estado de São-Paulo, não conseguimos descobrir a valiosa peça historica que, entretanto, deve ter sido vista e examinada alli pelo erudito escriptor da «Historia antiga das Minas-Geraes». Este, entretanto, não podia ignorar que Arthur de Sá e Menezes só a 2 de abril de 1697 foi que entrou no serviço de seu alto cargo de governador e capitão-general da Repartição do Sul.

*rior*. Como quer que seja, ou porque estes achados fossem então computados no calculo, o que é perfeitamente possível, ou porque em 1695-1697 se fizessem novas revelações de corridos, sem attribuição pessoal, o que é também perfeitamente possível, — certo é que, a 1.º de março de 1697, Caldas communicava ao monarcha a existencia das “novas minas q. se havião descuberto no Citio de Taubate que athe o presente erão dezoitto, ou uinte Ribeyros, cujo ouro, e seu rendimento era o melhor que tem hauido” (resposta de d. Pedro II, em carta de 2 de setembro de 1697, doc. avulso do Arch. Nac.).

Que em 1694 e 1695 houve jornadas em busca do precioso metal, ás quaes os chronistas não deram registo, — prova-o a patente de João Martins Claro, firmada por Arthur de Sá e Menezes em 7 de fevereiro de 1698, encontrada por nós no Arch. Nac. (coll. cit., VII, 12). Nella se lê que o dito Martins Claro, “no anno de noventa e quatro, e noventa e sinco, consta por hua sertidão dos officiaes da Camera, tirou do seu serviço dos negros, mandandoos em comp<sup>a</sup>. de M<sup>el</sup> de aguiar e Mendonça mandando ao dito, e seus negros, a explorar os Morros de Barthé (*Taubaté?*) p<sup>a</sup> effeito de saberçe, se havia ouro de Betta...”

E, comparando a “Noticia” de Bento Fernandes Furtado de Mendonça (log. cit., 85) com as informações de José Rebello Perdigão (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.”, LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 274-281), vê-se que Miguel Garcia, o immediato de Bartholomeu Bueno de Siqueira em 1694, descobriu o ribeiro aurifero, que, primeiro chamado de “Miguel-Garcia”, depois se designou por “Gualaxo-do-Sul”, no Itatiaya; e que Manuel Garcia o Velho (companheiro da leva de Salvador Fernandes Furtado de Mendonça), capitaneando bandeira á parte, entrou no Tripuhy (124), acontecimentos estes que se devem ter dado em 1695 e 1696.

---

(124) Diogo de Vasconcellos (ob. cit., 91) faz este locativo provir de *tipi-i-i*, que quer dizer, segundo elle, «agua de fundo sujo» (?), registando em nota como possível o etymo *tarapuhy*, isto é, «rio da trahira» (?). O erudito Theodoro Sampaio (ob. cit., 154) fal-o vir de *ityra-poi*, «morro delgado ou esguio», ou de uma corruptela de *tiripui*, «secco e delgado, o que secca adelgado». Entretanto, Taques («Nobi-



A' mesma época attribue Diogo de Vasconcellos (ob. cit., 100-101) a revelação de outros mananciaes defluentes do Itacolomy, delles assenhoreando-se Belchior da Cunha Barregão e Bento Leite da Silva, cujos nomes se prenderam ao ribeiro do "Belchior" e á serra de "Bento-Leite"; e em 16 de julho de 1696 fixa aquelle escriptor o descobrimento do ribeirão do Carmo, feito pelo coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça.

A 2 de abril de 1697, Arthur de Sá e Menezes tomou conta do seu alto cargo de governador e capitão-general da Repartição do Sul (Rio, Espirito-Santo e São-Paulo). Ao contrario de Sande e de Caldas, que não se atreveram a penetrar o sertão, para cumprirem as ordens do seu real amo e senhor, Arthur de Sá deixou as commodidades desta capital e, a 15 de outubro, rumou para São-Paulo, a pôr allí em pratica uma série extensa de medidas, todas respeitantes ao desempenho de sua missão especial. Por lá se demorou, nessa primeira visita á terra dos bandeirantes, até março de 1698.

Nesse anno, conforme documentos que examinámos no Archivo Nacional, effectuou-se a jornada de Manuel Antunes de Carvalho á Itaverava "a descobrir Minas e ribeiros novos para minerar" (coll. cit., VII, 14), e Bernardo Mendes da Silva foi nomeado superintendente da mina de Vituruna (Ibituruna), onde o beneditino fr. Fructuoso fizera exames e ensaios (coll. cit., VII, 21).

Uma leva taubateana, commandada por Antonio Dias de Oliveira, descobriu o opulento "Ouro-Preto", a 24 de junho de 1698, segundo Diogo de Vasconcellos (ob. cit., 103), pois, conforme os tradicionalistas ("Noticia" de Bento Fernandes, log. cit., 85, e "Publicações do Arch. Nac.", IX, 14), este importante descobrimento se realizou em 1699. O bairro de "Anto-

---

liarchia», XXXIII, p. 2ª, 57) affirma que aquelle toponymio provém do capitão Antonio Rodrigues de Medeiros, cidadão de S. Paulo, que por antonomasia foi chamado o *Trepohy*; esta alcunha deu o nome a um arraial de Minas-Geraes, onde este honrado paulista teve o seu estabelecimento». Silva Leme (VIII, 145) dá diverso cognome ao alcunhado «*Trepuhy*», a quem chama «Antonio Rodrigues de Góes».

nio Dias”, até hoje assim denominado na ex-capital mineira, relembra o feito do bandeirante.

O *rush* de aventureiros, saídos de São-Paulo, de Pernambuco, da Bahia, do Rio e de além-mar, intensificou-se então assombrosamente.

Em carta de 29 de abril de 1698, dirigida ao rei (coll. cit., VI, 109), dizia Arthur de Sá que as “minas de Taubaté são as chamadas dos Cathaguazes, q. distão de Taubaté mais de sem legoas, continuam<sup>te</sup> se vão descobrindo novos ribeiros de grandissimo valim<sup>to</sup>, como ja tenho dado conta a V. Mag<sup>de</sup>. . . ; o ouro he excellentissimo, e dizem os ourives q. he de vinte e tres quilates. . .”

Mas o accumulo de gente no *hinterland* mineiro, febrilmente presa da *auri sacra fames*, e, por isso, esquecida do plantio de mantimentos junto ás lavras metallicas, produziu a primeira grande crise de fome, de 1697-1698, attestada pela carta que Arthur de Sá endereçou ao soberano em 20 de maio de 1698 (coll. cit., VI, 117), e na qual refere elle que nesse anno os mineiros tinham deixado de minerar, “o q. lhes não foi possiuel pella grande fome q. experimentarão q. chegou a necessidade a tal extremo q. se aproueitarão dos mais immundos animais, e faltandolhes estes p<sup>a</sup> poderem alimentar a vida, largarão as minas, e fugirão p<sup>a</sup> os mattos com os seus escrauos a sustentaremçe com as frutas agrestes q. nelles achauão”.

Esta crise de fome e a seguinte, de 1700-1701, não menos aguda, foram fecundas de resultados quanto ao descobrimento de novos corregos e serros auriferos, pela dispersão forçada dos aventureiros, á caça de alimentos nos bosques e campos circumvizinhos das lavras já em exploração. E a isto se devem muitas povoações da terra mineira.

A bandeira mais notavel de 1699 foi a do padre João de Faria (“Fialho”, accrescentam alguns escriptores, e que não era “portuguez”, como affirma Aristides Maia, log. cit., 37, mas natural da ilha de São-Sebastião, no litoral paulista, como asseveram os tradicionalistas mais fidedignos), capellão e guia da tropa em que iam paulistas de renome, quaes Francisco e Antonio da Silva Bueno, Thomaz e João Lopes de Camargo,

além de outros. Esta leva ultimou o descobrimento do Ouro-Preto (125). E João Lopes de Lima, pouco depois, deu a manifesto novas jazidas auríferas ao longo do ribeirão do Carmo.

Arthur de Sá e Menezes, nesta capital, a 15 de outubro de 1698, deu a Manuel de Borba Gato a patente de "tenente-general na jornada do descobrimento da prata de Sabarabuas-sú" (*sic*) (coll. cit., VII, 19 v.º). O responsável pelo homicídio de d. Rodrigo de Castello-Branco, assim occupado pelo governador, partiu logo a desempenhar-se da honrosa incumbencia, equivalente a um tacito indulto do seu crime de lesa-majestade (dizemos "tacito", porque acto escripto de perdão até hoje não foi encontrado). Seguindo para os logares que perlustrara com o sogro á caça de esmeraldas, e onde, depois, andara talvez homiziado, si não achou o metal branco em sua investida de ordem official, pelo menos achou amostras de ouro, as quaes trouxe ao administrador da Repartição do Sul, então em São-Paulo, no começo de 1700 ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", V, 285). Retornando logo ao sertão do rio das Velhas, foi elle o revelador dos ricos *placers* do Sabará, no ultimo anno do seculo XVII (126).

Verificou pessoalmente essas divicias (dellas tirando para si grande proveito ("trinta arrobas de ouro", segundo a tradição) o habil representante da corôa, — quando, em fins de

(125) Conforme se lê no «Compendio dos mineraes do Brasil» (326-327), de Luiz Caetano Ferraz, o toponymo «Ouro-Preto» proveiu de que nas ricas jazidas, alli encontradas pelos paulistas das bandeiras de Antonio Dias de Oliveira e padre João de Faria, o precioso metal sempre se achou ennegrecido pela presença do palladio. O primeiro «ouro palladiado» ou «porpezita», segundo o citado autor, foi trazido de Porpez, em Goiaz, por sertanistas de São-Paulo, entre 1647 e 1682.

(126) Augusto de Lima, em sua interessante monographia historica «Um municipio de ouro» («Rev. do Arch. Publ. Min.», VI, 321-364), diz que «Borba Gato, genro de Fernão Dias, em sua *segunda* viagem ás ricas minas de Sabaráboçú, lançou as suas vistas para outros affluentes do Rio das Velhas...» Si o poeta-historiographo emprega aquelle ordinal em referencia a expedições posteriores á patente de 15 de outubro de 1698, é veridico o seu asserto; do contrario, a proposição não tem apoio nos documentos officiaes.

1700, esteve pela primeira vez no *hinterland* mineiro, ao qual retornou nos últimos dias do anno seguinte, demorando-se então mais tempo e pondo allí em pratica medidas denunciadoras da sua alta capacidade administrativa. Foi Arthur de Sá e Menezes quem iniciou a organização civil da actual Minas-Geraes, que tambem muito deve ao seu successor, d. Alvaro da Silveira, e ainda mais a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o primeiro governador da capitania de "São-Paulo e Minas-d'Ouro", creada por d. João V a 3 de novembro de 1709.

Pelo relato de Perdigão, parece que foi em 1697 a bandeira de Bento Rodrigues, pois diz elle: — "Uma destas (*bandeiras*) descobriu e socavou o ribeiro que chamão Bento Roiz, nome do Cabo, de tanta grandeza, que tirarão nelle algumas bateyadas de duzentas e trezentas oitavas, sendo a pinta geral de duas e tres oitavas; e foi tanta a gente, que concorreo, que no anno de 1697 valeo o alqueire de milho sessenta e quatro oitavas, e o mais á proporção". Mas Diogo de Vasconcellos (ob. cit., 123) assevera que aquelle bandeirante, estabelecido em Guaypacaré (actual Lorena, a qual tambem se chamou por aquelle tempo "Roças de Bento-Rodrigues"), subira com Arthur de Sá para as Minas em 1700.

A 1700 é que D. P. R. de Vasconcellos, em suas "Memorias sobre a capitania de Minas-Geraes" ("Rev. do Arch. Publ. Min.", VI, 781), attribue a leva de João Lopes de Lima, descobridora do ribeirão do Carmo. Confirma-o a narrativa de José Rebello Perdigão, ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 279-280), que assim declara: — "Outra bandeira fez tambem o Capitão João Lopes de Lima, morador no Tibaya de S. Paulo, levando consigo ao P.<sup>e</sup> Manoel Lopes, seu irmão, o Buá de alcunha, e descobrirão o famoso ribeirão do Carmo, que mandou repartir, estando já em S. Paulo, o meu General (127), nomeando para isso por Guarda Mór destas Mi-

---

(127) Perdigão, reinol, foi secretario de Arthur de Sá e Menezes, desde 16 de setembro de 1697 até que assumisse o governo da Repartição do Sul d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, em 12 de julho de 1702. Tendo obtido, graças a Arthur de Sá, uma data de terras auríferas no Ribeirão do Carmo (hoje Mariana), estabeleceu-se allí como

nas ao Sargento Mór Manoel Lopes de Medeiros; o ouro deste ribeirão se avaliou então por melhor, que o do ouro preto, por este ser mais agro, e de fazer-se em pedaços ao pôr-se-lhe o cunho, tanto que se julgou por inutil, chegando-se a vender a oitava por doze e treze vintens na Cidade S. Paulo, motivo por que se abandonou tres vezes aquele descobrimento, como eu presenciei. Este ribeirão do Carmo se repartio coisa de duas legoas em 15 de agosto de 1700, dando o descobridor a esperança de que para baixo se seguíão maiores pintas, e assim se tem experimentado em tantos annos, que se tem lavrado o dito ribeirão. Passados dois annos se descobrio tambem o ribeiro de Antonio Pereira, nome do descobridor a que chamão hoje Gualaxos do Norte; e como este descobrimento foi só nas cabeceiras do dito ribeiro, passou a descobril-o no meio Sebastião Roiz da Gama, porque o seu fim ou barra a descobrio um João Pedrozo, descobridor tambem do Rio Brumado, e do Sumidouro, que não derão menos riqueza. Estes rios desagoão ambos no de Miguel Garcia, ou Gualaxos do Sul, e todos no Ribeirão do Carmo junto ao Forquim. No mesmo Ribeirão do Carmo desagoa o Ribeirão do Bom Successo, que descobrio o Coronel Salvador Fernandes Furtado, deo muita grandeza, e foi o seu descobrimento um anno depois do do Ribeirão, e o mesmo Coronel o repartio por ordem do meu General. Com este exemplo continuarão os mais Mineiros a proseguir os seus descobrimentos, Ribeirão abaixo: e o primeiro que o investigou, foi o Capitão Antonio Rodovalho, distancia de dez legoas pouco mais ou menos, hoje do Ouro Preto, e então seis dias de viagem, e se situou, onde V. Revma. me acha hoje situado. Passou mais abaixo João Lima Bomfante, e se situou, onde hoje é a Freguezia do Bom Jesus do Monte, chamado commumente Forquim, e o que depois foi mais abaixo foi o Pe Alvarenga, que investigou muita parte deste Certão. O ultimo de todos que se situou neste rio foi Francisco Bueno de Camargo, grande

---

mineiro. Ainda vivia em 1733, que foi quando ministrou ao padre Diogo Soares (cartographo em missão official no Brasil) informações seguras sobre os primeiros descobrimentos de ouro na região dos Cata-guazes.

Certanista, e lançou o seu primeiro sitio junto a barra, em que este Ribeirão se incorpora com o rio Guarapiranga, maior que todos os mais, e que desagoa nelle por tres grandes bocas. Todos estes descobrimentos se fizeram do anno de 1770 para diante”.

Cabem agora aqui as seguintes informações, que se encontram na “Historia antiga das Minas-Geraes” (128-129) de Diogo de Vasconcellos: — “Quando em 1696-97 entraram os bandeirantes e se descortinaram as cabeceiras e vertentes do rio de Miguel Garcia, Belchior da Cunha Barregão, concunhado do coronel Salvador Fernandes, e Bento Leite da Silva, sobrinho de Garcia Rodrigues Paes, tomaram posse dos ribeiros que se encontram no caminho do Carmo; e Manuel Pereira Ramos occupou depois o da Bocaina, perto do Rio-Acima. Convém saber que tambem nessa mesma epocha, em que o paiz do norte do Carmo se povoava e se erigiam os opulentos arraiaes primitivos, os dous francezes Claudio Gayon e Bento Fromentère colonizavam o Gualaxo do Norte, e logo mais abaixo delles estabeleciam-se Sebastião Rodrigues da Gama, Antonio Gesteira e Paulo Moreira da Silva. A capella de Nossa Senhora dos Remedios, que este fundou, serviu de berço ao povoado que hoje tem o nome de Alvinopolis, arraial que, em outros tempos, foi util e serviu de fortaleza para conter os selvagens ferozes do rio Doce. Por outro lado, João de Siqueira Affonso descobriu as minas e erigiu o arraial, hoje cidade, do Piranga (1704)”.

Monsenhor Pizarro (VIII, p. 2.<sup>a</sup>, 179-182) e o autor das “Memorias historicas da provincia de Minas-Geraes” (“Rev. do Arch. Publ. Min.”, XIII, 603-605), — este simples repetidor daquelle, — attribuem ao ante-penultimo e penultimo anno do seculo XVII a penetração de bandeiras na zona de nordeste do *hinterland* mineiro. Assim, dão como occorrido em 1698 o descobrimento do sertão do rio Pardo, por “Antonio Luiz do Passo” (128), que foi mais tarde um dos descobridores de Mi-

---

(128) Antonino da Silva Neves, em sua «Chorographia do municipio do Rio Pardo» (Bello-Horizonte, 1908), ás pags. 117-118, dá João (ou Antonio) Luiz dos Passos como procedente da Bahia, sem, entretanto, attribuir data alguma á chegada do mesmo ás margens do antigo rio das Urinas.

nas-Novas. E, segundo aquelles escriptores, o districto de Itacambira (129) foi explorado no mesmo anno por uma bandeira paulista, de que era chefe o capitão Miguel Domingues; mas estes primeiros occupadores da região foram expulsos, após longa lucta, por outros aventureiros de identica procedencia, alcunhados "papudos", que alli foram ter em 1699. As minas de Itacambira, que os citados historiographos affirmam ter sido manifestadas a Luiz Cesar de Menezes em 1707, — desde 1701, conforme vimos em documentos do Archivo Nacional, tiveram autoridades nomeadas por Arthur de Sá e Menezes, pois foram descobertas em 1699 por Miguel Domingues, que partira de Ouro-Preto para alli, com a sua bandeira, em 1698.

Derby ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", V, 290) chega a aventurar a hypothese de "que as minas de Caeté para o norte, na região do assim chamado Serro do Frio, foram primeiramente descobertas do lado da Bahia, e não do de S. Paulo". Não encontrámos documentos comprobativos de tal asserção. Mas é certo que, em 1700, d. João de Lancastro despachava da cidade do Salvador duas levas para o *hinterland* mineiro: — uma, de 30 homens, sob o commando do capitão João de Góes de Araujo, paulista e filho de Pedro Taques de Almeida, para que penetrasse o sertão "pela parte do norte do rio de S. Francisco, das serranias donde teem a nascença os rios Pardo, Doce, das Velhas e Verde; os quaes distam (pelas informações que me deram) vinte e cinco leguas, pouco mais ou menos, das mesmas minas donde os paulistas se acham cavando ouro a presente"; e a outra, de mais de 100 homens, sob a chefia de Pedro Gomes da Franca, pela parte do sul, para fazer a entrada pelo rio Patipe, "devendo os referidos capitães não só in-

---

(129) A. de Saint-Hilaire («Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas-Geraes», II, 354-355) acha que deve ser *Tucambira*, que vem de *tucã-berá*, «tucano brilhante», não significando, pois, «papo de tucano». Sem entrarmos na indagação do etymo do toponymo, notaremos que as fórmulas antigas são, de facto, *Tucambira* e *Tocambira*. Esta ultima foi a que mais frequentemente se nos deparou nos documentos do Archivo Nacional.

vestigar a existencia de mineraes, como tambem descobrir o caminho mais curto possivel entre as Minas e a Cidade da Bahia”.

Mas, logo no anno seguinte (como se vê da carta de 14 de maio de 1701, dirigida por d. João de Lancastro a Arthur de Sá e Menezes), mandava a metropole prohibir toda e qualquer comunicação entre a capital do Estado do Brasil e a região do ouro.

Como quer que seja, o incontestavel é que aos dois governadores acima nomeados se deve o forte impulso que incrementou o grande cyclo dos descobrimentos das nossas opulencias mineraes.

Observa Derby que, — si não fosse o acto do governo portuguez mandando suspender o trafego entre o *hinterland* mineiro e a Bahia, — alli, que não no Rio-de-Janeiro, é que se teria concentrado o movimento commercial das minas, “modificando assim consideravelmente o curso da historia mineira”.

D. João de Lancastro (130) foi substituido a 3 de julho de 1702 por d. Rodrigo da Costa, e Arthur de Sá e Menezes, a 15 do mesmo mez e anno, era substituido na Repartição do Sul por d. Alvaro da Silveira de Albuquerque.

O movimento descobridor propagou-se por todo o seculo XVIII, com bastante intensidade, como veremos adiante.

Froger, o narrador dos feitos de uma expedição franceza, realizada no quinquennio final do seculo XVII e aportada então a Santos, na respectiva obra, intitulada “Relation d’un voyage

---

(130) A d. João de Lancastro, cujo governo se estendeu de 1694 a 1702, é que se deve (segundo Mirales, ob. cit., 158) a criação das villas seguintes, na Bahia e Sergipe: — Nossa-Senhora-do-Rosario da Cachoeira, Nossa-Senhora-da-Ajuda de Jaguaribe, São-Francisco, Santo-Amaro das Brotas, Itabaiana, Lagarto, Santa-Luzia e Villa-Nova-Real de El-Rey. Villa-Viçosa e Alcobaça tinham sido fundadas em 1668 e 1672. Arthur de Sá e Menezes apenas criou uma villa e não no *hinterland* mineiro: a 5 de agosto de 1698, erigiu elle em villa a povoação de Santo-Antonio-de-Cassarebú, mudando-lhe o nome para Santo-Antonio-de-Sá, localidade florescente ao tempo da copiosa extracção do ourc, por se achar numa das variantes do «caminho novo», mas hoje reduzida a ruinas vetustas.



fait en 1695, 1696, & 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brezil, Cayenne, & Isles Antilles, par une Escadre des Vaisseaux du Roy, commandée par Monsieur *de Genne*s", e saida de prelo parisiense em 1699, refere-se á grande quantidade de ouro descoberto pelos paulistas, fazendo destes uma apreciação digna de ser aqui registada na integra. Eil-a, tal qual vem no citado escripto, pags. 80-82: — "Cette Ville (Saint-Paul) qui est à dix lieues dans les terres tire son origine d'un assemblage de brigans de toutes Nations, qui peu à peu y ont formé une grande Ville, & une espèce de Republique, où ils se font une loy de ne point reconnoitre le Gouverneur. Ils y sont enfermez par des hautes montagnes, & on ne peut ni y entrer, ni en sortir que par un défilé, qu'ils gardent de peur d'être surpris par les Indiens, avec qui ils sont presque toujours en guerre, & de peur que ceux qu'ils ont fait esclaves ne s'enfuyent. Ces Paulistes vont jusqu'à 40, ou 50, ensemble, armez de Fleches, & de Boucaniers, dont ils se servent plus adroitement que nation du monde; ils traversent tout le Brezil; vont jusqu'aux Rivières, ou de la Plate ou des Amazones, & s'en reviennent au bout de quatre ou cinq mois, quelque fois avec plus de 300 Esclaves, qu'ils touchent comme des troupeaux de Boeufs; et lorsqu'il les ont un peu assujettis, ils les envoient à la campagne cultiver la terre, ou les employent à pescher de l'or, qu'ils trouvent en si grande quantité, que le Roy de Portugal, à qui ils en envoient soigneusement le cinquième, en tire tous les ans de huit à neuf cens Marcs. Ils lui payent ce droit, non pas par crainte, car ils sont plus puissans que luy; mais par une coutume de leurs pères, qui n'étans pas encore bien établis dans leur retraite, vouloient se tirer de la domination des Gouverneurs, sous prétexte de ménager les intérêts du Roy, dont ils se disent aujourd'hui tributaires, non pas sujets, afin de secouer le joug à la première occasion".

Pouco depois, eis o que dos bandeirantes de São-Paulo dizia d. João de Lancastro ao rei, na carta que a este dirigiu da Bahia, em 7 de janeiro de 1700 ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr.

de São-Paulo”, V, 295): — “... também me parece, é muito conveniente que se levante outro terço de infantaria e um esquadrão de dragões, para se metter na villa de S. Paulo com o pretexto de que é para segurar a mesma villa e della se poder socorrer facilmente a de Santos; sendo o fim particular deste negocio segural-a de seus mesmos moradores, pois estes tem deixado, em varias occasiões, suspeitosa a sua fidelidade, na pouca obediencia com que observam as leis de V. Mg<sup>e</sup>. e ser gente por sua natureza absoluta e varia e a maior parte della criminosa; e sobretudo amantissima da liberdade, em que se conservam ha tantos annos quantos tem de criação a mesma villa; e vendo-se hoje com opulencia e riqueza que a fortuna lhes offereceu no descobrimento das ditas minas, me quero persuadir sem o menor escrupulo, são capazes de appetecer sujeitar-se a qualquer nação estrangeira, que não só os conserve na liberdade e insolencia com que vivem, mas de que supponham podem ter aquellas conveniencias que a ambição costuma facilitar a semelhantes pessoas, sendo a principal e a que elles mais suspiram a da escravidão dos indios”.

Começado, como vimos, o grande cyclo do ouro no ultimo lustro do seculo XVII, póde affirmar-se que dentro da primeira decada seguinte ficou descoberto quasi todo o vasto interior de Minas-Geraes, onde o sangue dos bandeirantes havia então de correr, nas tremendas refregas com os *emboabas*, para que os thesouros do coração do Brasil recebessem esse baptismo cruento.

Nem por isso se entibiou a actividade gigantesca dos paulistas, que foram de seguida, em novas e não menos portentosas arrancadas triumphaes, desvirginar os latibulos de Goiaz e Mato-Grosso, onde até esse momento o fulvo metal, copioso e tentador, se escondera aos seus intrepidados antepassados.

Em 1709, formava a metropole, independente da jurisdicção do Rio-de-Janeiro, a capitania de “São-Paulo e Minas-do-Ouro”, e, em 1720, já se constituia Minas-Geraes em governo á parte, como capitania desmembrada da de São-Paulo. Até meados

do seculo XVIII, Goiaz e Mato-Grosso, por sua vez, se separavam da sua *cellula-mater*, a heroica terra dos bandeirantes, aos quaes deve o Brasil, além de outras conquistas que atrás deixámos pallidamente referidas, a accessão do nosso *far-west*, extenso campo de futuras maravilhas, que não veremos nós, mas hão de certamente ver os nossos pósteros felizes.

## OS CRIADORES DE GADO

(EXPANSÃO ESPONTANEA. DENTRO DA LINHA DE TORDESILLAS, PECULIAR DO NORTE DO PAIZ, E EFFECTUADA PRINCIPALMENTE DE 1590 A 1690, COM O AUXILIO DOS BANDEIRANTES DO SUL, NA SEGUNDA METADE DO SEculo XVII).

Foram os criadores de gado, — auxiliados efficaçmente pelos bandeirantes paulistas, alguns dos quaes se transmudaram tambem em estancieiros, — os factores de uma larga expansão geographica, operada quasi toda no seculo XVII, sem violação das balisas do pacto de Tordesillas.

É movimento peculiar do norte do paiz.

A marcha desse phenomeno desenvolveu-se do sertão bahiano e sergipense em direcção ao ponto onde mais se acurva o curvo São-Francisco, e, dahi, bracejando pela extrema occidental de Pernambuco, derivou pelas cabeceiras do Parnahyba até ás margens deste.

Essa foi a grande irradiação.

A pequena, de effeito secundario na conquista das terras interiores, estende-se, desde o ultimo quartel do seculo XVI, pela faixa campestre do “mimoso”, proximo das povoações de beira-Atlantico, pois então os selvicolas ainda vedavam a penetração dos seus mais remotos dominios aos lusos e aos mamelucos septentrionaes. A occupação definitiva de Sergipe, em 1590, deu impulso á avançada dos criadores bahianos, que ganharam assim área mais ampla até á margem direita do São-Francisco. Ahi, essa expansão deu de encontro com a que vinha de Pernambuco. A incorporação de Sergipe e Alagôas,

feita pelos flamengos, explica-se tanto pelo elasterio a que vivava atancar no Brasil a Companhia das Indias Occidentaes, como por serem então as terras ribeirinhas do alto São-Francisco o abastecedouro animal de todo o norte.

A este impulso, que se prolonga talvez até meiados do seculo XVII, no seu primeiro momento, — proporcionaram as invasões neerlandezas adminiculo consideravel, pois que as marchas e contramarchas dos belligerantes e as retiradas famosas pelo interior, desde o Rio-Grande-do-Norte e o Ceará até ao rio Real, tornaram conhecida e devassada essa comprida zona sertaneja.

Não é possivel traçar linhas rigorosas de separação entre o movimento inicial e o movimento posterior, nem conservaram as chronicas os nomes da maior parte dos eponymos e epigonos obscuros, prestimosissimos, entanto, dessa apropriação territorial.

Não é demais, todavia, computar em um centennio (de 1590 a 1690) a phase mais notavel da irradiação, qual é, de facto, a realizada após a conquista de Sergipe, e que, de origem bahiana, galgou as regiões fronteiriças de oeste de Pernambuco, attingindo ao sul do Ceará e do Maranhão, sem que a sobreexcedesse o affluxo dos colonizadores litoraneos dessas capitancias, menos forte e menos acelerado.

Capistrano, em cujas paginas a esse proposito ("Noções de Historia do Brasil até 1800", 125-135) tanto ha que aprender, expõe o seguinte: — "Na margem pernambucana do rio São-Francisco possuia 250 leguas de testada a casa da Torre, fundada por Garcia d'Avila, protegido de Thomé de Sousa, a qual entre o S. Francisco e o Parnahyba senhorecava mais 70 (131) leguas. Para adquirir estas propriedades immensas, gastou apenas papel e tinta, em requerimentos de sesmarias. Como

---

(131) Antonil (ob. cit., 199) diz precisamente: — «e... indo do dito rio para o norte, chega a oitenta legoas». E' elle tambem quem, á pag. 200, dá o preço do arrendamento dos sitios de criação no começo do seculo XVIII, sendo de crer, porém, que esse systema de locação tenha principiado desde a centuria anterior.

seus gados não davam para encher tamanhas extensões, arrendava sitios, geralmente de uma legua, á razão de 10\$ por anno, no principio do seculo XVIII. Um de taes rendeiros, Domingos Affonso, por alcunha o Sertão, partindo de um dos muitos sobrados existentes no São-Francisco, aos quaes se dá este nome por causa de vagamente semelharem um edificio, fundou numerosas e importantes fazendas nos rios Piauhy e Canindé, legadas por sua morte á Companhia de Jesús, a quem a corôa as confiscou em proveito proprio, por occasião de supprimir a Ordem”.

É provavel que a expulsão, em 1654, dos aguerridos invasores bátavos, ao mesmo tempo que libertou de gananciosa oppressão os senhores de engenho da zona litoranea, incentivasse os criadores de gado a expurgar dos indios bravos os pastos do “agreste”. E, então, fez-se o appello aos paulistas, que correram céleres aos acenos de preza abundante.

Conjugam-se ahi, ao norte da colonia luso-americana, as duas maiores componentes da sua expansão organica.

A bandeira, pouco fructuosa, de Domingos Barbosa Calheiros, realizada em 1658, segue-se a mais feliz e tenaz de Estevam Ribeiro Bayão Parente, que pelejou contra os gentios do sertão bahiano desde 1671 até 1674.

Ora, nessa mesma época (si não mentem os chronistas, amparados pela tradição), já Domingos Affonso tentava povoar de fazendas de rebanhos bovinos a larga área meridional do Piauhy. Empeciam-lhe os passos os terriveis *pimenteiras e acroás*. Encarregou-se de ajudal-o a exterminar esses selvícolas, de outro modo irreductiveis, o paulista Domingos Jorge Velho, o mesmo que, com os seus mamelucos, ia auxiliar, cerca de quatro lustros depois, a destruição da “Troya-Negra”. Só assim foi possivel, além da estancia de “Poções-de-Baixo”, sita ás margens do Canindé, e a primeira que o “Sertão” alli montara, fundar este mais 31.

Essa expansão chegara ao seu ponto mais septentrional, no ultimo quartel do seculo XVII. Mas ainda ahi os aborigenes obstavam a que os agentes della se fixassem, com sossego e proveito, no sólo tomado. Realizou-se, então, mais uma leva

conquistadora dos paulistas naquelle rumo, a de Mathias Cardoso de Almeida, destinada a jugular os barbaros do Ceará e do Rio-Grande-do-Norte. Esta bandeira prestou, de 1689 a 1694, os serviços para que fôra chamada, notando-se que o seu celebre caudilho e um dos seus ajudantes, Antonio Gonçalves Figueira, vieram depois desbravar ainda a estirada zona das terras limitrophes da Bahia e Minas-Geraes, estabelecendo ahi estancias de criação, que mais tarde se transformaram em cidades. A Mathias Cardoso de Almeida succedeu Manuel Alvares de Moraes Navarro, que chegou quasi até meiodos do seculo XVIII como expurgador de indios ao norte do Brasil.

Embora accentue que as expedições oriundas de São-Paulo apenas enfraqueceram a resistencia do gentio, sem extingui-la, porquanto ainda depois dellas se guerreava nas cabeceiras do rio de Contas, Pardo e outros, — Capistrano (ob. cit., 127), completando o relato de Antonil, põe, com justiça e acerto, os nomes de Mathias Cardoso e de Antonio Figueira ao lado dos mais notaveis donos de latifundios de criação na Bahia: Antonio Guedes de Brito, com 150 leguas, contadas do morro do Chapéo até aguas do rio das Velhas, e João Peixoto Viegas, que incorporou as terras do alto Paraguaçu (132).

João Ribeiro (ob. cit., 209) delimita do modo seguinte a marcha temporal e o espaço territorial do movimento: — “Podemos considerar por completamente explorada, e utilizada até os fins do seculo XVII, a zona limitada pelo *Paraguaçu* (Bahia), *S.-Francisco* (Chique-Chique), *serras dos Dois-Irmãos* e *Piauhy*, e o mar Atlantico, desde o *Parnahyba* até a *Bahia de Todos os Santos*. Isto é, a zona da criação do gado”.

---

(132) Cumpre-nos não deixar em olvido o nome de Manuel de Araujo de Carvalho, a quem se deve (cf. Loreto Couto, ob. cit., 28-33) a conquista dos sertões do Piancó, Piranhas e Cariry aos selvícolas, em fins do seculo XVII, quando era d. João de Lancastro o governador-geral do Estado do Brasil. Levantou Manuel de Araujo a igreja do Cariry e foi durante nove annos juiz de paz da parochia que alli surgiu. Sobre esse movimento da região septentrional, é preciso ler os elucidativos documentos que se encontram nos vols. IV-V e VI-VII dos «*Annaes do Archivo Publico e do Museu do Estado da Bahia*» (1919 e 1920).

Tendo, porém, em conta a actividade de Mathias Cardoso e Antonio Figueira no sector austro-occidental desta zona, durante o quinquennio final do seculo XVII, nós baixariamos os lindes meridionaes della até quasi tocar ás cabeceiras da margem esquerda do Belmonte, vindo a balisa de oeste até quasi á foz do Paracatú no alto São-Francisco. Com effeito, como bem pondera Orville Derby ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", V, 292), o alto São-Francisco, em 1700, qual se vê da carta de Pedro Taques de Almeida, de 20 de março desse anno, já era chamado "rio dos corraes", e no mesmo documento se lê que os campos geraes de Minas eram "confinantes com os corraes da Bahia".

Não podendo a decada posterior ter alterado grandemente as condições, o *status* geral do phenomeno de expansão, devido aos criadores de gado até 1700, — vamos recorrer á obra admiravel do jesuita João Antonio Andreoni (a quem Capistrano, que o identificou, chama de "maravilhoso"), dada a prelo pela primeira vez em 1711, com o anagrammatico pseudonymo de André João Antonil e sob o titulo de "Cultura e opulencia do Brasil, por suas drogas e minas" (133).

Do cap. I da IV parte (ed. de 1837, pag. 197-198) extrahimos o que o illustre ignaciano escreveu "da grande extensão de terras para pastos cheios de gado, que ha no Brasil".

Eis a área da zona da criação, descripta por elle (rectificando nós, interparentheticamente, a graphia de alguns toponymos):

— "Estende-se o sertão da Bahia até a barra do Rio de S. Francisco, oitenta legoas por costa; e indo para o rio acima até a barra que chamão de agoa grande, fica distante a bahia (*Bahia*) da dita barra cento e quinze legoas; de Santunse (*Centocé*), cento e trinta legoas; de Rodellas por dentro, oitenta legoas; e do Tucano, cincoenta legoas. E porque as fazendas, e os curraes de gado se situão aonde ha largueza de campo, e

---

(133) A ed. de 1711 foi supprimida por ordem de d. João V, que temeu se divulgassem por meio della as riquezas do Brasil, monopolio da corôa portugueza.



agua sempre manente de rios, ou lagoas: por isso os curraes da parte da Bahia estão postos na borda do Rio de S. Francisco, na do Rio das Velhas, na do Rio das Rãs, na do Rio Verde, na do Rio Peramerim (*Pará-mirim*), na do Rio Jacuibe, na do Rio Itapicurú, na do Rio Real, na do Rio Vaza-Barris, na do Rio de Sergipe; e de outros rios, em os quaes, por informação tomada de varios, que correrão este sertão, estão actual-mente mais de quinhentos curraes; e só na borda d'aquem do Rio de São-Francisco, cento e seis legoas. E na outra borda da parte de Pernambuco, he certo que são muito mais... E posto que sejam muitos os curraes da parte da Bahia, chegão a muito maior numero os de Pernambuco; cujo sertão se estende pela costa desde a Cidade Olinda até o rio de S. Francisco, oitenta legoas; e continuando da barra do rio de S. Francisco até a barra do rio Iguassú, contão-se duzentas legoas. De Olinda para Oeste até o Piagui (*Piauhy*), Freguezia de Nossa Senhora da Victoria, cento e sessenta legoas, e pela parte do Norte estende-se de Olinda até o Ceará Merim, oitenta legoas, e dahi até o Açú, trinta e cinco legoas, e até ao Ceará Grande, oitenta legoas; e por todas vem a estender-se desde Olinda até esta parte quazi duzentas legoas. Os rios de Pernambuco que, por terem junto de si pastos competentes, estão povoados com gados (fóra o Rio Preto, o Rio Guaraira, o Rio Iguassú, o Rio Corrente, o Rio Guarignae, a Lagoa Alegre, e o Rio de S. Francisco, da banda do Norte) são o Rio de Cabaços, o Rio de S. Miguel, as duas Alagôas com o Rio do Porto do Calvo, o da Parahiba, o dos Kariris, o do Açú, o do Podi (*Apody*), o de Jaguaribe, o das Piranhas, o Pajau (*Pajeú*), o Jacaré, o Kaninde (*Canindé*), o de Parnahiba, o das Pedras, o dos Camarões (*Poty*), e o Piagui (*Piauhy*). Os curraes desta parte hão de passar de oitocentas legoas..."

Em dois roteiros insertos no "Index de varias noticias pertencentes ao estado do Brasil e do que n'elle obrou o Conde de Sabugoza, no tempo do seu governo" (Archivo do Instituto Hist. e Geogr. Brasileiro, códice 376), vêm as distancias entre a cidade da Bahia, as minas do rio das Contas, as Minas-Novas, a villa da Jacobina e o arraial de Mathias-Cardoso, bem como

os nomes das muitas fazendas de criação sitas em tal zona e que já prosperavam antes do meiado do seculo XVIII. As de Manuel Nunes Vianna, o celebre caudilho dos *emboabas*, chamavam-se “Pau-a-Pique” e “Palma” e ficavam proximas da villa de João-Amaro (134). Acham-se egualmente mencionadas alli: — a de “Montes-Claros”, de Antonio Gonçalves (Figueira); as dos “Olhos-de-agua” e “Jahyba”, montadas por este e então pertencentes a Estevam Pinheiro, tambem dono das convizinhas de “Boa-Vista” e “Irity”; as dos “Angicos” e do “Joazeiro”, pertencentes aos orfams de Januario Cardoso. Além de muitas outras estancias, que constam daquellas relações officiaes, — como sejam as do capitão-mór Thomaz Corrêa Pimentel, dr. José Corrêa do Amaral, dr. João Calmon, padre Miguel de Lima, Francisco Vieira de Lima, Antonio Velho Maciel, Antonio Teixeira Marinho, sargento-mór José de Magalhães, tenente-coronel Bernal Cardoso, João Velho de Mello, padre Antonio Dourado do Monte, Antonio de Sousa, André Pacheco Pimenta, mestre-de-campo Pedro Leolino Mariz e uma “Dona Joanna”, tambem grande proprietaria em taes paragens, — ainda alli ha referencias ao “Arrayal velho do defuncto Januario Cardoso” e ao “Arrayal novo dos Morrinhos de Domingos do Prado”.

Estas notas servem para corroborar a nossa asserção de que — no sector meridional da zona da pecuaria a occupação definitiva do territorio foi, em sua maior parte, uma simples prolação do movimento do bandeirismo paulista.

Vê-se mais desses importantes documentos que a revelação do ouro e dos diamantes, levada a effeito pelos sertanistas meridionaes nos valles do rio Grande, do alto rio Doce e do alto São-Francisco, assim como nas cabeceiras do rio das Velhas e do Jequitinhonha, — precipitando o encontro da expansão paulista e da expansão bahiana, que as opulencias mineiraes attrahiam para o interior, onde afinal muitos dos noma-

(134) Além dessas, possuia outras, qual a do «Escuro», em Carinhonha, donde partiu para commandar os emboabas, conforme se lê á pag. 96 da 2.<sup>a</sup> ed. de «Os Sertões» de Euclides da Cunha.

des e bravios caçadores das pedras e metaes preciosos se transformaram em sedentarios e pacificos criadores de gado, — foi a principal determinante da acção da metropole e das providencias dos governadores-geraes do Estado do Brasil quanto á intercommunição dos habitantes das capitancias do Espirito-Santo, Bahia e Pernambuco com as Minas-Geraes e no tocante á exploração das estradas e regularização dos povoados.

Confrontando o movimento meridional das bandeiras e o septentrional dessa dupla causa de expansão, affirma Capistrano que, á semelhança do alto Parahyba-do-Sul, tambem “o rio de S. Francisco serviu de condensador da população”.

Entretanto, a inexistencia de minas de metaes preciosos, em toda essa vasta superficie do norte, na qual se operou o cyclo de entradas pouco uteis e depois se desenvolveu a criação de gado, não possibilitou, ahi, no interior, o crescimento das povoações. Assim, Campo-Maior, Parnahyba, Jerumenha, Valença e Marvão, fundadas no Piauhy entre 1718 e 1719, têm tido um progresso muito moroso. O ouro, muito mais que a pecuaria, foi que propiciou o surto de villas e cidades em o nosso *hinterland*. E' isso, que não a differença entre as capitancias de el-rei e as donatarias particulares, o que explica não haverem progredido bastante os lares assentados pelos vaqueiros, na sua ascenção do São-Francisco para o Parnahyba. Os seus pousos iniciaes, Geremoabo, Gerú, Capim-Grosso e Cabrobó (135), *ad instar* dos Pastos-Bons e dos Curraes-Novos, mais além, e cujos nomes ainda hoje reevocam o intuito da sua fundação, não passaram nunca de aldeiolas engoiadas, a que faltou o sangue viril das correntes migratorias, attrahidas do proprio paiz ou de além-oceano pelas opulencias do sub-sólo. O dito de

---

(135) Conforme F. A. Pereira da Costa (ob. cit., 86-87), da fazenda do Cabrobó, montada pelo Mafrense e onde este residiu por muito tempo, foi que resultou a villa de Moxa, depois cidade de Oeiras, suppondo outros escriptores que esta localidade esteja comprehendida na área da sesmaria por alli dada a Julião Affonso Serra (irmão do Mafrense) em 1676. A villa de Moxa, conforme Loreto Couto (ob. cit., 168), foi fundada em 1718, por ordem de d. João V, com o nome de Nossa-Senhora-da-Victoria.

Peschel, — de que foi o ouro, ou a illusão do ouro, que povoou a America, — mais se verifica, quando se cotejam algumas das circumscripções politicas do Brasil. Assim Minas-Geraes, insulada entre montanhas do interior, encheu-se de nucleos formados principalmente pelos caçadores de ouro e de diamantes, e essa gente aventureira, fixando-se depois no me-neio daquellas e de outras industrias, medrou a tal ponto, que ora excede, ella só, a toda a população dos Estados em que outróra existiu o colonial Estado do Maranhão, ou, mais ainda, a população de Minas-Geraes, por si só, excede á população conjuncta dos Estados do Pará, Maranhão, Piahy, Ceará, Rio-Grande-do-Norte e Parahyba (136), todos litoraneos, com abundantes riquezas vegetaes de facil extracção ou facil cultivo, e com armentios numerosos alguns delles, porém que não tiveram ouro e diamantes para chamarizes de grande leveas povoadoras (137).

Outra observação, puramente illustrativa, mas digna de registro, é que a zona da criação, excepto a faixa costeira do seu desenvolvimento primitivo, coincidiu, no interior, com os dominios de tribus não tupicas. Na área immensa, conquistada pelos paulistas ao centro, ao sul e ao oeste, são rarissimas as denominações locativas de origem tapuya. A geographia brasileira é, entretanto, opulenta de termo caribas ou gés, nos recess-

---

(136) Loreto Couto (ob. cit., 37 e 169, fala nas rendosas minas do Paracatú dos Cariris-Novos, do Ceará-Grande, e de outras partes, e, num arroubo de phantasia, proclama que — «parece he Pernambuco um monte de ouro, e productor de metaes, e pedras preciosas...» A realidade, porém, até hoje, infelizmente, não confirmou esses bons sonhos fradescos. E, segundo o mesmo benedictino, o fulvo metal foi descoberto no Ceará em 1751 e 1755.

(137) O nordeste (Piahy, Ceará, Rio-Grande-do-Norte, Parahyba, Pernambuco e Alagôas), isto é, a região comprehendida entre 3.º e 11.º, com mais de 600 000 kms. qs., — zona assolada por seccas periodicas e quasi totalmente despida de matas, substituidas ahi pelas caatingas e carrascaos, — não póde abrigar, excepto na limitada nesga costeira, população densa. Por outro lado, a hyléa amazonica tem até agora, e por varios motivos, offerecido serios obstaculos ao povoamento intenso da bacia do rio-mar.

soz do Piauí, Ceará, Rio-Grande-do-Norte e Pernambuco, assim como nos caatingaes bahianos, "onde outróra se refugiaram os perseguidos destroços dos *orizes, procás e carirys*". Ahi, onde, como um *survival* desses barbaros, imperam os jagunços de agora, tão ao vivo desenhados por Euclides da Cunha, na sua téla primorosa dos "Sertões", — sobreexistem ainda (cf. Theodoro Sampaio, "O tupy na geographia nacional", pag. 16) nomes como *Pambú, Patamoté, Uáúá, Bendegó, Cumbe, Massacará, Cocorobó, Tragagó, Canché, Chorochó, Quincuncá, Cochó, Centocé, Assuruá, Chique-chique, Jequié, Sincorá, Catolé, Mucugê*, alguns dos quaes são modelos da tendencia onomatopoeica dos nossos selvícolas (138).

Para concluir, assignalaremos que o governo da metropole e os seus prepostos aqui, visando mais a impedir se desencaminhassem os quintos do ouro do que a obstar o povoamento dos sertões do norte, vedaram toda e qualquer communicação entre estes e as Minas-Geraes, por via terrestre, no começo do seculo XVIII.

---

(138) João de Lyra Tavares (ob. cit., 76-79) arrola, entre os bandeirantes paulistas que, operando contra os selvagens do norte, percorreram o alto sertão parahybano, os nomes de Manuel Alvares de Moraes Navarro, Manuel de Abreu Soares, Domingos Affonso Sertão ou Mafrense e Domingos Jorge Velho. Refere que Francisco Dias d'Avila, «opulento capitalista, instituidor da casa da Torre, proprietario e morador no rio S. Francisco», se apossara de terras no Piancó e no Ceará (já vimos em F. A. Pereira da Costa, ob. cit., pag. 110, que a Avila tambem se attribue papel igual no Piauí); e que Antonio de Oliveira, em 1670, requeria concessão de terras no ponto em que havia fundado fazendas de criar muitos annos atrás, proximo da actual cidade de Patos. Dá a familia Oliveira Ledo como a principal colonizadora da zona comprehendida entre os Carirys-Velhos e Pombal. E, finalmente, conta que os indios daquella região sertaneja fizeram por lá, na ultima decada do seculo XVII, o mesmo que os do sul na segunda metade do seculo XVI: — a «confederação dos *carirys*» (dantes já unidos aos *tapuyas* contra os brancos), composta de *tupinambás, xacurús, ou sucurús, panatis, icós, icózinhos, coremas* e outros, habitantes quer da Parahyba quer das capitancias vizinhas, e que custou a ser jugulada pelas bandeiras sob a direcção de Theodosio de Oliveira Ledo, Jorge Luiz Soares e Manuel de Araujo, este pernambucano mandado pelo governador-geral. Depois

As primeiras providencias nesse sentido, contidas nas ordens e bando de Arthur de Sá e Menezes, de 23 e 25 de setembro e 20 de dezembro de 1701 (Arch. Nac., coll. "Governadores do Rio de Janeiro", VII, 78 v.º, 131 e 132), corroboradas pela carta-régia de 9 de dezembro do mesmo anno (ib., documento avulso), foram renovadas por d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, em actos de 16 e 25 de setembro de 1702, 10 e 13 de março de 1703 (log. cit., XIII e XIII-A, 27, 47 v.º e 100), sendo, todavia, permittido, desde antes da ultima data, mas com as indispensaveis cautelas, o trafego exclusivo do gado.

Quanta pagina brilhante não se perdeu, na espessura dos sertões do norte, durante essa pujante expansão da nossa pa-

de tres annos de luctas incessantes, ainda não estavam batidos os bravos indigenas, que só depuzeram as armas, quando Manuel de Araujo, «num rasgo de admiravel audacia», foi pessoalmente propor a paz aos chefes da confederação. Note-se que alguns selvícolas já antes haviam feito causa commum com os conquistadores. Entre os incolas do sertão parahybano e terras limitrophes, contavam-se tambem, fóra os acima nomeados, os *bultrins*, *ariús*, *pégas*, *payacús*, *caiacós*, *janduyys*, *caracarás*, *bruxaxás* e *canindés*. Lyra Tavares conclue reconhecendo os serviços dos bandeirantes paulistas no extremo-norte, mas affirmando que a colonização da vasta raia occidental da Parahyba foi devida principalmente aos bahianos e pernambucanos. Esse é tambem o parecer de Loreto Couto (ob. cit., 28-33). A leitura attenta que fizemos de todos esses escriptores, conferida com a das obras de frei Vicente do Salvador e de Antonil, suggeriu-nos a supposição de que este Dias d'Avila tenha sido o capitaneador do largo desenvolvimento e occupação do sector septentrional da zona da pecuaria. Sobre elle, porém, são pouco abundantes os documentos, tambem por demais precarios quanto a Domingos Jorge Velho, a tal aspecto. Mas, sendo certo que o pae teve a participacão de Glimmer na frustranea expedição de 1628 a Itabaiana, quiçá lhe aconselhou este se soccorresse dos paulistas para o expurgo dos indios de seus latifundios. E nada se contrapõe á hypothese de que o filho fizesse appello aos bandeirantes do sul, e, com elles e com a gente do seu rendeiro Domingos Affonso, marchasse para a longa e proveitosa conquista, lembrada ainda agora por tantas povoações que juncam os recessos da Parahyba, do Rio-Grande-do-Norte, do Ceará e sobretudo do Piauhy. Si esta nossa supposição se esteiasse em elementos mais firmes e valiosos, não vacillaríamos em affirmar que o nome de Francisco Dias d'Avila bem merece logar de maior destaque entre os heróes da expansão geographica do Brasil no seculo XVII.

tria, — por não haverem os historiadores de antanho ligado importancia de maior aos audazes vaqueiros, cujo immerecido anonymato provém de não terem sido contribuintes de peso do erario de Portugal!

Vibra apenas a sua memoria na melopéa dos descantes sertanejos septentrionaes, — precioso filão folk-lorico, a que não têm faltado arremedadores, recentemente, nos centros civilizados.

E a isso se reduz o culto que ingratamente lhes preiteamos, a esses nossos predecessores ousados e incansaveis, aos quaes devemos o desbravamento e occupação de uma grande parte desta bem-amada terra brasileira.

## OS MISSIONARIOS CATHOLICOS

(OCCUPAÇÃO DO VALLE DO AMAZONAS,  
REALIZADA QUASI TODA FÓRA DA LINHA  
DE TORDESILLAS, NO SECULO XVII).

Si na asserção, evidentemente exaggerada, de João Mendes de Almeida (“Algumas notas genealogicas”, 52), — “sem diminuir o valor dos grandes serviços das diversas ordens religiosas, é licito affirmar que o Brasil foi obra mais dos jesuitas do que dos donatarios e do governo de Portugal”, — houvesse elle substituído o vocabulo “Brasil” pela expressão “valle do Amazonas”, não hesitariamos em subscrever-lhe o conceito. No livro do “III centenario do veneravel Joseph de Anchieta”, as conferencias de Eduardo Prado e Joaquim Nabuco são lóas altisonantes á acção dos ignacianos em nossa patria (139). Mas já Oliveira Lima (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo”, XVII, 17), applicando melhor o velho principio quiritario do *suum cuique tribuere*, disse, em sua prelecção sobre “A conquista do Brasil”: — “Do sul ao norte do paiz, foi, portanto, o bandeirante o agente por excellencia do seu desenvolvimento economico e o seu traço de união moral. Não deixemos, porém, na penumbra outro factor poderoso da conquista do Brasil: o missionario, o qual era principalmente, para não dizer exclusivamente, o jesuita”.

---

(139) A de Eduardo Prado (pags. 21-57) foi sobre «O catholicismo, a Companhia de Jesús e a colonização do Brasil»; e a de Joaquim Nabuco (pags. 323-340) versou sobre «José de Anchieta, a significação nacional do centenario anchietano».



Podemos assegurar, sem receio de erro, que a obra da Sociedade de Jesús na America do Sul seria hoje colossal, pela paraguayzação da nossa terra, si a famosa Companhia não houvesse encontrado pela frente os indomitos paulistas e o inclito Pombal.

Duas foram, com effeito, as grandes tentativas dos loyolistas no sentido de formarem um imperio indiatico em territorio actualmente nosso: — a primeira, ao sul, desde o Paranapama até ao Ibicuhy, donde os bandeirantes os expelliram na primeira metade do seculo XVII (140); e a outra ao norte, no antigo Estado do Maranhão, abrangendo para o interior as duas margens do Amazonas, na segunda metade do seculo XVII, tendo elles prolongado por lá o seu dominio, até que Pombal os banisse em 1759.

Tambem lá, por conseguinte, falhou o plano dos padres, não obstante ter sido a occupação do Amazonas dirigida pelo excelso Antonio Vieira, "o chefe do jesuitismo portuguez", "o verdadeiro monarcha de Portugal" ao tempo de d. João IV, que era dele uma sombra, conforme Oliveira Martins (ob. cit., 71, e "Historia de Portugal", II, 99).

É innegavel, comtudo, que aos esforços dos soldados de Loyola se devem muitas das povoações do extremo-norte, notadamente as das ribas do nosso rio-mar, onde elles assentaram os seus postos missioneiros, fóra já do meridiano de Tordesillas. Ajudaram-nos no desbravamento da hyléa amazonica algumas entradas, quer espontaneas, quer ordenadas pela metropole; mas estas, á feição das do sul, eram antes destruidoras que povoadoras.

---

(140) Apesar disso, «no primeiro mappa do Paraguay, feito pelos jesuitas e offerecido ao geral da Companhia, Vicente Carrafa (1646-1649), mappa que vem no atlas de Blaeu, a linha de limites entre o então chamado Paraguay e o Brasil cortava o Tieté ou Añembí, mais ou menos na altura do Avandava...», refere Eduardo Prado («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», IV 255), num seu interessantissimo artigo, intitulado «Os espanhões no salto do Avandava no seculo XVII». E' fóra de duvida que, si tivessem sido felizes em seus titanicos esforços os jesuitas castelhanos, o Brasil seria quando muito a metade do que é hoje.

Vimos, no começo deste nosso trabalho, o episodio dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, em 1607-1608, no interior do Ceará. A estes cumpre juntar os nomes dos seus collegas Manuel Gomes e Diogo Nunes, auxiliares da reconquista do Maranhão aos francezes, e os nomes de outros dois levitas da mesma Ordem, Lopo do Couto e Benedicto Amodei, os instigadores de Antonio Muniz Barreiros e Teixeira de Mello para a expulsão dos flamengos.

Estes factos correspondem pouco mais ou menos ao periodo da montaria aos selvicolas em nosso *far-north*. Vieira, escrevendo ao rei em meados do seculo XVII, calculava em 2.000.000 a população indigena do Estado do Maranhão (que comprehendia o Maranhão, o Ceará, o Piauihy, o Pará e o Amacprehendia o Maranhão, o Ceará, o Piauihy, o Pará e o Amazonas actuaes), e assegurava que os portuguezes haviam destruido, nos 40 annos anteriores, 400 aldeias de indios.

É ahi que começa o influxo especial do maior orador da nossa lingua, então transfigurado em incansavel missionario.

Obtida do monarcha a lei de 1652, favoravel á liberdade dos indigenas, saiu de Lisbôa, em fins do mesmo anno, uma leva de 9 jesuitas, dos quacs vinha como superior o de nome Francisco Velloso. Destes, dois estabeleceram-se logo no Pará. E, no começo do anno seguinte, com outros tres collegas, chegava Antonio Vieira a São-Luiz. O interesse ferido dos colonos lograra, entanto, do fraco soberano, em 1654, a revogação do acto anterior, e o primaz da eloquencia lusitana teve de regressar ao reino, para arrancar de d. João IV a lei de 1655, que, vedando o captivamento dos gentios, lhe entregava a direcção suprema das aldeias em que os arrebanhasse.

Satisfeito, retornou Vieira ao Estado do Maranhão, onde até 1661 se desdobrou sua pasmosa actividade. Levou pessoalmente a catechese aos *nheengahybas* de Marajó (141) e, sem esquecer-se do resto do Amazonas, desceu progressivamente pelo

---

(141) Começados a catechizar em 1655 pelos jesuitas João de Souza-Maior e Salvador do Valle, segundo Mello Moraes («Corographia historica», II, 118). E' de 1660 que data a fundação, junto ao lago Sacará, da aldeia indigena de que resultou Silves,

sertão cearense até á serra de Ibiapaba. É obra sua e dos seus companheiros de batina a irradiação das missões dos seus centros principaes, que eram Belém e Gurupá, pelos rios Tocantins, Xingú e Tapajoz acima.

Merece lido o que a proposito dessa campanha apostolica de Vieira escreveu o depois autor da "Cultura e opulencia do Brasil", João Antonio Andreoni, então reitor do collegio da Bahia, em carta de 20 de julho de 1697, participando ao geral da Companhia a morte daquelle ("Annaes da Bibl. Nac.", XIX, 153): — "Vivendo aqui por espaço de nove annos, como se pode ver nos documentos escriptos por elle mesmo, navegando ora para uma parte, ora para outra e para qualquer logar aonde o chamava a necessidade dos indios, percorreu quatorze mil leguas, e muito mais, não contando muitas outras viagens por logares desertos e inacessiveis florestas, feitas sempre a pé, e as vinte e duas vezes que atravessou o mar Atlantico, terrivel por suas frequentes e horriveis tempestades. Esta Missão, dividida em quatorze Residencias, estende-se por seiscentas leguas, e outras tantas na sua excursão andou o P. Vieira, partindo dos montes Japampa, até o rio dos Tapajós, e visitando onze vezes, durante esse tempo, todas as Residencias. Para instruir os barbaros das diversas nações, compoz com trabalho insano, para seu uso, um Catechismo em seis linguas, totalmente dissimilhanes, a saber: a commum, que chamam Geral, dos Indios que habitam perto da praia, a dos Nheengabas (*sic*), a dos Bocas, a dos Jurunas, e as dos Tapajós que usam de dous idiomas".

Eis ahi, traçada pela penna magistral de Antonil, uma ligeira summula da portentosa actividade de Vieira no extremo-norte do Brasil.

Não é proposito nosso nem apreciar as causas e consequencias politicas da acção missionaria do grande jesuita portuguez, no antigo Estado do Maranhão, nem mesmo acompanhar-lhe passo a passo o arrebanhamento dos selvagens nas reduções que espalhou pelo territorio cearense e pelas duas margens do Amazonas. Isto alongaria por demais o nosso trabalho, cujo assumpto vasto e complexo tem de ser tratado sempre resumi-

damente. Diremos, entretanto, que a história da conquista do valle do Amazonas, na phase que precedeu immediatamente á chegada da milicia papalina, dos "Attilas da fé", — consoante com a bella e expressiva hyperbole do nosso condoreiro Castro Alves, — e na phase que pessoalmente dirigiu o mais notavel ignaciano do seculo XVII em nossa patria, escreveu-a elle proprio meticulosamente, com o seu estilo formosissimo, embebido ainda nas tintas do gongorismo portuguez: consta ella das "Cartas do Padre Antonio Vieira" (Lisbôa, ed. de 1854), das quaes as de n. IX a XVII, de pags. 19 a 29 do tomo I, exclusivamente se occupam do papel dos jesuitas no Estado do Maranhão, por esse tempo.

Outra obra, de grande valia pela extensão e fidedignidade das informações que encerra, e especialmente consagrada á acção dos loyolistas na bacia do nosso rio-mar, é a "Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão", de João Philippe Betendorf, um dos mais graduados levitas da celebre Sociedade e que tomou parte activa nos trabalhos apostolicos do Amazonas. Foi provavelmente elaborada em fins do seculo XVII e acha-se integralmente inserta no tomo LXXII, parte 1.<sup>a</sup>, da "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras".

Mas na região septentrional do Brasil ia dar-se o mesmo facto que já occorrera na terra dos bandeirantes: — o choque entre os interesses dos colonos portuguezes, que não podiam deixar de servir-se do braço do indigena para a lavra do sólo, e os interesses dos ignacianos, interesses politico-religiosos, cujo extraordinario alcance não foi ainda bem estudado, nem bem comprehendido.

Não tardou, pois, a explosão, que poz termo ao curto, mas brilhante dominio do grande e infatigavel "Superior das Missões do Estado do Maranhão".

Assim, em 1661, repetem os colonos do extremo-norte a façanha dos paulistas, de 20 annos atrás, no sul: — os jesuitas são tumultuariamente expulsos de lá e, pois que desde 1656 era morto o regio protector, o coroado titere que a seu grado Vieira manejava, foi este até prohibido de pôr outra vez os pés naquella zona septentrional da colonia luso-americana. E'

certo que os padres voltaram dois annos depois, porém voltaram despojados da jurisdicção temporal sobre as aldêias por elles estabelecidas alli, e só em 1680 foi que viram proclamada, vãmente embora, a liberdade dos indios (142).

De outras collegiadas religiosas tinham vindo tambem representantes para a conversão das cabildas amazonicas. Parece que, fóra os regulares de S. Bento, alli foram ter, a serviço da propaganda da fé e tambem de almejados rédditos materiaes, membros de todas as ordens religiosas que se estabeleceram no Brasil pelos seculos XVI e XVII.

No rio Negro, onde mais numerosa era a indiada, escapa á furia devastadora dos chefes das tropas de resgate, foi que se encontraram os conquistadores espirituaes.

Os primeiros que se fixaram alli foram, todavia, os ignacianos Francisco Velloso e Manuel Pires, que, abaixo das ilhas de Anauene, hoje Anavilhanas, installaram, a 22 de julho de 1657, a missão dos *tarumás*. Tão importante foi julgada essa occupação, que, em 1658, o proprio provincial da Companhia, Francisco Gonçalves, tomou conta della, auxiliado pelo padre Pedro Pires, substituidos mais tarde por missionarios residentes, dos quaes o primeiro foi João de Lucca. Conforme assevera Barbosa Rodrigues, em sua "Pacificação dos crichanás" (pag. 109), foi daquella aldêia jesuitica, mudada depois para outro ponto proximo, pouco abaixo da foz do rio Jahú, e denominada "Santo-Elias", que resultou a actual Ayrão (143). Entretanto, segundo affirma Baena ("Ensaio corographico so-

---

(142) E' de justiça salientarmos algumas das missões jesuíticas que mais beneficas foram á expansão geographica da nossa patria, a esse tempo, na depressão amazonica. Eis as mais notaveis dellas: — a dos padres Francisco Velloso e José Soares, dos indios *guajajaras*; a do padre Pedro Pedrosa, no sitio do Maracú, hoje cidade de Vianna; a do padre Manuel Nunes, que mudou as aldêias de São-Pedro e São-João-Baptista para Parajó, onde é hoje a cidade de Cametá; a missão de que resultou a aldêia de Aracará, hoje villa de Portel, á foz do Pacajá; e as reduções que depois se transformaram nas villas de Santarém, Faro e Tefé.

(143) Vide tambem Accioli, «Corographia paraense», pags. 279-280.

bre a provincia do Pará”, pag. 384), o povoamento da Barra, pelos carmelitas, deu-se após o do Jahú, por frei Theodosio da Veiga, da ordem das Mercês, em 1669, e principalmente pelo terrivel sertanista Pedro da Costa Favella, de quem foi auxiliar o mercenario (144). Quando este começou a sua catechese, a tribu dominante daquelle affluente da esquerda do rio-mar era a dos *aruaks*, a qual se extendia por todas as terras e aguas comprehendidas entre o rio Negro e os rios Uatumá e Jatapú; mas a sua principal maloca era no Jauapery, onde então habitavam tambem, dilatando-se até ás cabeceiras do rio Branco, os *tarumás*, *curipanás* e *crichanás*. Nesse vasto reino de selvicolas não tardaram a entrar, por sua vez, os freires do Carmo. O numero de jesuitas, exiguo demais para o pastoreio de tão avultada grei, disseminada em zona tão vasta, facilitou a vinda daquelles seus cooperadores, desde logo transformados em concorrentes á hegemonia. Capuchinhos e mercenarios vieram egualmente tomar parte nesse arduo serviço de propaganda da fé, ou, melhor, na tomada mansa e religiosa do gentio. Como prevenção, que se diz reclamada pelos loyolistas, a carta-régia

---

(144) Esta versão, contra a qual se insurge, com ponderosos argumentos, J. Barbosa Rodrigues, é, entretanto, ainda aceita por Lourenço da Silva Araujo e Amazonas, no seu «Diccionario topographico, historico e descriptivo da comarca do alto Amazonas», onde, á pag. 170, se attribue a fundação de Jahú, em 1669, a Pedro da Costa Favella e frei Theodosio da Veiga, de mãos dadas. O trecho de Baena, acima citado, é o seguinte: — «Este Lugar (a Barra) foi o primeiro engastado no rio Negro pelos Missionarios Carmelitas. Antes d'elle já em 1669 o Capitão Pedro da Costa Favella havia fundado uma Aldeia com Indianos Tarumás na espaçosa enseada, que jaz acima do referido Lugar, sendo ajudado o dito Capitão pelo Padre Mercenario Frei Theodosio, e pelos Aruaquizes missionados pelo mesmo Padre». Si ha controversia quanto ao auxilio prestado pelo terrivel caçador de indios a frei Theodosio da Veiga, não ha duvida alguma sobre o ter sido este o iniciador do povoamento regular do rio Negro. No seculo XVIII, continuou no valle do Amazonas a lucta contra os indios, assim como o povoamento das margens do rio-mar. Em 1716, houve uma expedição de João de Barros da Guerra, capitão-mór do Pará, contra os selvicolas do Madeira; e, em 1728, foi fundada Borba (então assolada pelos muras) á margem direita do Madeira (24 leguas acima da sua embocadura no Amazonas) e elevada á categoria de villa em 1756.

de 21 de dezembro de 1686 ordenou se dividissem as missões entre as diferentes confrarias ecclesiasticas que se haviam estabelecido no valle do Amazonas.

Idêntico ao que occorrera no sul, na primeira metade do mesmo seculo, dá-se na outra extrema do Brasil um phenomeno, que é assim claramente exposto pelo insigne Capistrano ("Noções de Historia do Brasil até 1800", 119-120): — "Entrementes, os jesuitas espanhóes, no seu ardor de catechizar, foram descendo o Solimões, como os do Paraguay procuraram o Paranapanema, Ivahy, Iguacú e Uruguay. Samuel Fritz (145), natural da Bohemia, attraheu ao gremio da igreja diversas tribus de linguas travadas e os *cambebas* ou *omaguas* da lingua geral, missionando até o Juruá, ou talvez mais a éste. Motivos de saúde levaram-n'o ao Pará em setembro de 1689, onde, sob varios pretextos, o detiveram cerca de dois annos. Na volta, apesar de suas excusas, deram-lhe uma escolta para acompanhal-o ás reduções, e, lá chegado, o official commandante protestou pertencerem a Portugal as terras que se extendiam até o Napo. Emquanto o apostolo dos *maynas* (146) se dirigia a Lima, no intuito de avisar da proxima usurpação ao vice-rei do Perú, que não quiz tomar providencias, desde 1695 se discutia no Pará e em Lisbôa a idéa de augmentar o dominio portuguez por aquelles lados. Forneceu ensejo propicio o caso da successão da Espanha. Ignacio Corrêia de Oliveira expulsou os jesuitas castelhanos do Solimões. Assim,

---

(145) Lopes Gonçalves, no seu opusculo «O Amazonas», falando deste Fritz, affirma (pag. 10) que elle «publicou em 1691 os mappas mais completos, até então conhecidos, do rio Amazonas e seus principaes affluentes, desde sua nascente até á foz». A isto se não refere Capistrano; mas ha engano da parte daquelle escriptor, porque, embora os mappas originaes sejam de 1689 e 1691, só foram gravados em Quito e impressos em Londres em 1707 e 1712 (veja-se Rodolfo Garcia, «O Diario do padre Samuel Fritz», «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», 81), pag. 370.

(146) Em vez de «apostolo dos *maynas*», como de Fritz escreve Capistrano, chama-lhe «apostolo do Amazonas» J. Lucio de Azevedo («Os jesuitas no Grão-Pará», 221).

a guerra entre as duas corôas produziu ao norte os mesmos effeitos que de sua união resultaram em Guayrá, Uruguay e Tapes. A estas invasões e ás seguintes uniram-se os frades do Carmo, dignos confrades dos capuchos das bandeiras meridionaes (147). Nestas missões aprenderam os invasores o emprego do cáucho”.

Entre os clérigos que se disputavam o dominio sobre os selvagens da Amazonia, surdiram conflictos por vezes violentos, e nos quaes os indios, fossem embora da mesma tribu, tomavam partido pelos seus novos pagés europeus. Os filhos espirituaes de Loyola e os que envergavam o burel do Carmo, exactamente os mais indefessos no arrebanhamento do gentio para o santo curral da cruz pacifica, foram os que se travaram em mais assignalados litigios, nada compatíveis com o doutrinamento do evangelho.

A principio, algumas das ordens religiosas andavam entre si de boa comparsaria, qual se infere da “memoria” escripta pelo padre Bento da Fonseca e inserta na “Corographia historica” (II, 215) de Mello Moraes. Diz aquelle jesuita: — “Mandou o Sr. rei D. Pedro, que os Padres da Companhia fundassem missões no Cabo do Norte, para attrahirem os indios á devoção dos Portuguezes; hoje corrião com estas missões os religiosos capuchos da provincia de Santo Antonio, aos quaes largamos as missões da ilha de Joannes”. E sobre os estabelecimentos missioneiros do Cabo-do-Norte ainda relata o padre Fonseca: — “No anno de 1687 fundaram os Padres da Companhia duas aldêas nestas paragens, huma na ilha chamada Comunicary, que está nos lagos de Camacary; outra em Tabanipixi; esta fundou o Padre Aloysio Conrad Pheil, e

---

(147) Para que bem se comprehenda esta referencia do mestre, cumpre ler o que elle mesmo transcreveu de Montoya sobre os capellães das levas paulistas: — «lobos vestidos de pieles de ovejas, unos hypocritones. los cuales tienen por officio, mientras los demás andan robando y despojando las iglesias y atando indios, matando y despedazando niños, ellos, mostrando largos rosarios que traen al cuello, lléganse á los padres (*jesuitas espanhóes*), pídenles confesión... y mientras están hablando de estas cosas, van pasando las cuentas del rosario muy aprisa».



áquella derão principio os Padres Antonio Pereira e Bernardo Gomes. Deram-lhe principio a 3 de Junho de 1687, e em Setembro seguinte forão martyrizados pelos tapuyas..”

Parece que as disputas entre os tonsurados, por causa da preza ambicionada, mais se accenderam na ultima decada do seculo XVII, pois foi em 1699 que se tornou effectiva a divisão jurisdiccional cogitada pela carta-régia de 1686. Da “memoria” de Alexandre Rodrigues Ferreira, escripta em 1792 e dada á estampa tambem por Mello Moraes, em sua obra acima citada (II, 120), consta o seguinte: — “1699 — Fez Sua Magestade a separação das missões deste Estado, continuando a encarregar aos Padres capuchos de Santo Antonio das do Cabo do Norte, por se terem escusado dellas os Jesuitas, inculcando em seu lugar os referidos capuchos; donde resultou consignar o mesmo senhor para os Jesuitas as missões do Sul do Rio Amazonas, determinada a linha de demarcação pela margem austral do rio, e sem limitação para o interior dos sertões; e para os Padres de Santo Antonio tudo o que ficava ao norte do mesmo rio, e o sertão chamado do Cabo do Norte; de maneira, que discorrendo pela margem Septentrional do Amazonas, ficassem comprehendidos os rios Jary, Parú, e a Aldêa de Uru-bucoára, que era missão dos Jesuitas, e nella se limitassem, ficando-lhes sem restricção o sertão deste districto”.

Isto, como se vê, foi uma especie de *entente cordiale* entre os ignacianos e os capuchos. Não se fala alli nos carmelitas, mas sabe-se que estes ficaram com a sua antiga missão dos *tarumás* e com as demais que estabelecessem na riba esquerda do Amazonas, comtanto que não ultrapassassem as fronteiras dominiaes dos freires de Santo Antonio (148).

Ao findar o seculo XVII, as aldêias de todos esses ecclesiasticos, tomadas globalmente no Estado do Maranhão, extendiam-se do Ceará ao Oyapock e da ilha de Marajó ás raias do Perú.

Conforme Bernardo Pereira de Berredo, cujos “Annaes

---

(148) Betendorf trata mais largamente desta repartição de missões amazonicas, ob. e log. cit., 542-548.

historicos do Estado do Maranhão” (dados a lume em 1794) vão até 1718, existiam então alli “dezenove Aldeias destes Tapuyas já domesticados, missionadas pelos Religiosos da Companhia de Jesus; pelos do Carmo doze; pelos de Santo Antonio, Conceição, e Piedade quinze; e cinco pelos de Nossa Senhora das Mercês, com mayor numero de vinte mil almas” (pag. 322). Quando, 41 annos depois, a Sociedade de Jesús foi por Pombal exterminada do Brasil, as reduções indigenas dos freires regulares não tinham progredido numericamente, mas as dos padres ignacianos haviam subido a 28.

Não encerraremos este capitulo, sem primeiro ponderar que, além de outras causas, duas houve que concorreram a assegurar essa expansão geographica, levada a effeito pelos missionarios catholicos em o nosso *far-north*: — uma foi a organização das aldeias indigenas sob a fórma simplesmente *tutorial*, diversa do *systema exclusivista* das reduções jesuiticas do sul (149); e outra foi o ter o Estado do Maranhão, — onde ao tempo não appareceram bandeirantes tão porfiosos e anti-clericaes como os paulistas, fazendo estes alli o expurgo do gentio a prol do povoamento, — uma corrente migratoria de Portugal, que ao sul só foi dado receber nos meados do seculo XVIII, quando a colonização ilhóa, madeirense e açoriana, se encaminhou para Santa-Catharina e o Rio-Grande. Ao norte, pelos nomes das povoações surtas a partir da segunda metade do seculo XVII, vê-se, consoante pondera Oliveira Martins (*ob. cit.*, 69), que ao desenvolvimento *natural* ou *espontaneo* do sul, attestado pelos toponymos indigenas, lá se contrapoz um desenvolvimento *colonial*, tendo sido principalmente alemtejanas, conforme presume o referido escriptor, as levas povoadoras (150). Além de outras povoações alli repontadas, cita elle as

---

(149) Sobre o *systema* das aldeias do padroado, estabelecidas no valle do Amazonas desde o seculo XVII, cf. a «Historia do Brasil» de Southey (V, 467-477) e a «Geschichte von Brasilien» de Heinrich Handemann (pags. 273-278); e sobre o regimen adoptado pelos ignacianos nas suas reduções das provincias meridionaes, vêde a «Historia da republica jesuitica do Paraguay» do conego J. P. Gay (pags. 207-232).

(150) O dominio do elemento lusitano no antigo Estado do

seguintes (acham-se corrigidos por mim os erros de datas, todos attingindo a um seculo): no Grão-Pará (Pará e Amazonas), Moura, Thomar, Serpa, Olivença e Ega, villas em 1758 e 1759; no Maranhão, Vinhaes, Vianna, Guimarães e Tutoya, villas em 1757 e 1758; e no Rio-Grande-do-Norte, Extremoz, villa em 1760.

Podemos, enfim, repetir o lemma apposto por João Ribeiro (ob. cit., 194) ao seu capitulo sobre "a formação do Brasil": — "O jesuita, o criador e o paulista bandeirante são os factores da grandeza territorial. Os jesuitas congregam e aldeiam os indios nas margens dos grandes rios do Amazonas e Paraná; os criadores desvendam o sertão do norte; e os paulistas todo o centro e oeste até Goyaz e Mato-Grosso".

Os factores, porém, ahí estão em ordem inversa, relativamente ao *quantum* da sua contribuição positiva para a grandeza territorial da nossa Patria.

A directa foi a que adoptámos: — os paulistas, os criadores de gado e os missionarios catholicos, pois que a acção dos bandeirantes meridionaes, por sua intensão e extensão no tempo e no espaço, foi em muito superior á dos outros coefficientes da constituição geographica do Brasil. Si se tomasse em conta o avanço para além da linha de Tordesillas, devera a actividade dos religiosos ser posta no segundo plano. Mas os bandeirantes, quer septentrionaes, quer seus directos auxiliares meridionaes, que conquistaram e occuparam a zona da criação, deixaram proveito real, até hoje observado, que os sobreleva aos ecclesiasticos povoadores do valle do Amazonas, — hoje um quasi de todo deserto "inferno verde" (na phrase feliz de Alberto Rangel), que sobretudo os cearenses, atrevidos bandeirantes do seculo XIX, tanto ajudaram a explorar e a integrar definitivamente em nossa patria.

---

Maranhão faz-se notar ainda no primeiro quartel do seculo XIX. Ao passo que em Pernambuco e na Bahia, assim como principalmente no sul (S.-Paulo, Minas e Rio-de-Janeiro), é geral o apoio ao movimento de separação politica de 1822, — no extremo-norte, entretanto, opera-se a unica reacção paisana contra a nossa independencia.

## A EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL NO SECULO XVIII

### a) Conquista e povoamento de Mato-Grosso

A expansão geographica do Brasil deveu-se a innumeradas causas. Já em fins do seculo XVII, uma dellas foi a rivalidade que surgiu entre os piratininganos e taubateanos, a qual, sem duvida, teve a extraordinaria vantagem de intensificar o grande cyclo do ouro, porquanto, como ponderou criteriosamente Southey (ob. cit., V, 69), "maior extensão se explorou do paiz e mais veios se descobriram do que succederia, si tivessem todos procedido de accôrdo". Outra causa, muito mais importante ainda, foi a fome, porque paulistas e forasteiros, num verdadeiro delirio da febre do ouro, não cogitavam do plantio sufficiente de mantimentos, e isso no periodo mais agudo do *rush* para a região maravilhosa. Houve no nosso *hinterland* aurifero duas grandes crises de fome, a de 1697-1698 e a de 1700-1701. Da ampla irradiação, oriunda desses factores, foi certamente que resultou applicar-se o nome de "Minas-Geraes" ao territorio, em cuja vastidão as bandeiras, numerosas e dispersas, varejando todos os recantos, rios e campos, montanhas e florestas, encontraram quasi por toda parte o ambicionado metal.

Mas o que propelliu os paulistas para o nosso *far-west* foi a derrota que soffreram na "guerra dos emboabas". Este episodio da nossa historia colonial acha-se ainda envolto em muitas obscuridades. Delle, comtudo, resalta a verdade irretorquível de que os paulistas, — os quaes, com assombroso esforço, haviam descoberto e explorado as riquissimas jazidas de ouro do

Tripuhy e do ribeirão do Carmo, dos valles dos rios das Velhas, Paraopeba e das Mortes, — foram desapossados e expulsos das mesmas pelos reinões, em consequencia do cruel exterminio de que foram victimas (consta terem sido trucidados 300 delles, por ordem do facinoroso Bento do Amaral Gurgel) no Capão-da-Traição, a 15 de fevereiro de 1709 (151). Entretanto, os já solidarizados filhos de Piratininga e Taubaté não eram homens que ficassem aquecendo as mãos ao borralho do lar, onde as proprias esposas, — novas espartanas, que encheram de admiração o seu contemporaneo e gongorico Rocha Pitta (“Historia da America Portugueza”, 2.<sup>a</sup> ed., pags. 275-276), — os instigavam á desforra contra os emboabas. Disto os dissuadiu um arranjo politico, talvez inspirado a d. João V pelo seu habil escrivão da puridade, Alexandre de Gusmão, de quem teve Santos a gloria de ser berço. Com effeito, não só “São-Paulo e as Minas-do-Ouro” se desmembraram da jurisdicção capitania do Rio-de-Janeiro, constituindo um governo á parte, por acto regio de 3 de novembro de 1709, como tambem a sua villa principal, a “India do planalto”, fundada pelos jesuitas em 1554, foi elevada á categoria de cidade, para séde da nova unidade colonial, por alvará de 11 de junho de 1711. Taes as fichas de consolação com que a metropole entendeu de resarcir aos paulistas os incalculaveis prejuizos, resultantes da perda das minas, das quaes os haviam expulsado os emboabas.

Pouco tempo levaram os irrequietos mamelucos a ruminar na escaldada phantasia as incursões dos seus maiores, alguns dos quaes ainda vivos então, nas possessões espanholas centro-meridionaes. Porque não haveriam de aproveitar-lhes os roteiros, si lhes estava interceptado o caminho da região dos Cataguazes?

---

(151) Fixei esta data, graças ao inventario do soldado Bento Pires, morto na «balroada» do Capão-da-Traição, e que se processou na comarca do Rio-das-Mortes, cuja séde era São-João-del-Rey. Tive em mãos e copiei o importante documento (por gentileza do meu conterraneo Antonio Augusto Campos da Cunha, então seu possuidor), que presumo achar-se hoje no Archivo Nacional.

Sabiam que, no seculo precedente, varias bandeiras, com a mira nas riquezas do Perú, — Antonio Castanho da Silva em 1622, Antonio Raposo Tavares em 1648 e Luiz Pedroso de Barros em 1660, — perlustraram a região occidental, onde o segundo atravessara Mato-Grosso e a cordilheira andina, realizando a mais longa e a mais pasmosa jornada de quantas se perpetuariam nas chronicas da epopéa bandeirante. Sabiam que, cerca de 50 annos atrás, os sertões de Mato-Grosso e de Goiaz tinham sido varados por Francisco Ribeiro de Moraes (que alli falleceu em 1665), Francisco Lopes Buenavides, Jeronymo Bueno, João Martins Heredia, Antonio Ribeiro Roxo, Francisco Sutil Cid, João de Lara e Manuel Corrêia. Sabiam dos feitos heroicos das diversas bandeiras do "cyclo da Vaccaria", todo occorrido no seculo XVII. Sabiam da portentosa proesa de Francisco Pedroso Xavier, que ousara invadir as terras do Paraguay em 1676 e bater-se bravamente com as tropas castelhanas daquella região, onde tambem já havia penetrado Manuel Dias da Silva (o "Bixira"). E sabiam tambem que duas bandeiras, ambas saidas de São-Paulo em 1673, — uma dirigida por Manuel de Campos Bicudo, que levara um filho "de escassos 14 annos", Antonio Pires de Campos, e a outra capitaneada por Bartholomeu Bueno da Silva (o "Anhangüera"), o qual se fizera acompanhar do filho homonymo, então com 12 annos, — revelaram não só a existencia de ouro nos chapadões goianos (onde fortuitamente se encontraram), como ainda creou a segunda a lenda dos thesouros dos Martyrios, uma serra resplendente de ouro e crystaes (qual nova Sabarabuçu), a que deram aquella denominação, porque ella "tinha por obra da natureza umas semelhanças da corôa, lança e cravos da paixão de Jesús-Christo".

Merece aqui algumas informações bibliographicas essa lenda, seu tanto parecida com a do *El-Dorado*, que, inventada por sir Walter Raleigh nos fins do seculo XVI, andou localizada em varios pontos do continente americano, desde o Orinoco até á Patagonia e até Quiriza. No t. VI da "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras." (2.<sup>a</sup> ed., pags. 305-325), foi dada

a lume, com a data de 28 de maio de 1844, uma interessante "Memoria sobre os usos, costumes e linguagem dos Appiacás, e descobrimento de novas minas na provincia de Mato Grosso", da lavra do conego cuiabano José da Silva Guimarães. Além da referencia ao alvará de 5 de maio de 1753, pelo qual estimulou a metropole os nossos sertanistas á pesquisa das minas dos Martyrios, ha sobre estas, na dita publicação, os tres seguintes curiosos documentos: — "Roteiro para os Martyrios, indo em canôa pelo ribeirão de Goiaz"; "Noticias de Antonio Pires de Campos, dadas por Antonio do Prado Siqueira no anno de 1769"; e "Noticias das minas dos Martyrios, offerecidas ao governador e capitão-general Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, por João Leme do Prado" (152). Os dois primeiros achavam-se na Superintendencia das Terras e Aguas Minaeraes de Cuiabá, a cujo archivo tinham sido oficialmente entregues por Luiz Pinto de Sousa (depois visconde de Balsemão), então governador de Mato-Grosso, em 17 de outubro de 1769; o terceiro foi extrahido do liv. XI do "Registo da Camara de Cuiabá" (fls. 103), no qual o mandara lançar o governador Cáceres, em 1778. Que esses roteiros, pela imprecisão das suas indicações, de nada valeram aos que por elles se guiaram, prova-o o mallogro de todas as tentativas subseqüentes. Patenteiam, comtudo, quanto aquella deslumbradora miragem estava em pleno galarim durante a segunda metade do seculo XVIII, phenomeno que ia repetir-se na centuria seguinte. Na sua "Primeira viagem ao Araguaya" (2.<sup>a</sup> ed., pags. 134-150), inseriu Couto de Magalhães a "Memoria a respeito do descobrimento dos Martyrios pelo rvdm. padre José Manuel de Siqueira", a qual aquelle benemerito brasileiro encontrara manuscripta em Cuiabá, quando alli presidiu á provincia (1867-1868). Esse trabalho, indatado, traz em appen-

---

(152) Em sua «Memoria sobre o descobrimento, governo, população, e cousas mais notaveis da capitania de Goyaz» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras», XII, 429-510), o padre Luiz A. da Silva e Sousa inseriu o roteiro «feito em Cuyabá pelo capitão-mór Antonio Pires de Campos ao capitão-mór Antonio Rodrigues Villares» (pags. 457-458).

dice os mesmos documentos primeiro e terceiro (dando deste a data de 14 de novembro de 1774), já publicados na "Memoria" do conego José da Silva Guimarães; mas junta-lhes dois outros, que são os seguintes: — "Carta de Ignacio Xavier ao capitão regente de Minas Geraes Luiz de Albuquerque" (datada de "Cuiabá, 15 de novembro de 1780") e "Participação de Bartholomeu Bueno ao capm. general de Goiaz Tristão da Cunha" (datada de "Corumbá, 13 de junho de 1799"). A revelação da cobiçada montanha, que ostentava o brilho do fulvo metal e os symbolos da paixão do Christo, nada adeantou essa nova collectanea de peças historicas, uma das quaes fornecida por um descendente do Anhangüera, creador da lenda. Todavia, o padre José Manuel de Siqueira teve a boa idéa de consignar no seu trabalho algumas notas e factos, que merecem relembrados. Assim é que tratou da origem do toponymo *Cuiabá*, que, segundo elle, se deriva da expressão *Cuuyaaavá*, a qual significa "gente caída"; e, si verdadeiro esse etymo, é tipica a denominação da capital matogrossense, em cuja graphia acertam os que lhe preferem o *y* ao singello *i*. Referiu-se ainda á existencia de tres roteiros, que, naquelle tempo, corriam com o nome do primeiro Anhangüera, para o tão ansiado descobrimento do portentoso thesouro. E, finalmente, contou que elle proprio, o tonsurado autor da "Memoria" tirada do olvido pelo preclaro Couto de Magalhães, tambem tentara infructuosamente, em 1798, achar, — não o martyrio na catechese dos indios dos sertões do nosso *far-west*, mas o ouro e outras riquezas dos Martyrios sonhados pelo "diabo-velho", — numa expedição organizada por Tristão da Cunha Menezes, então governador de Goiaz (1783-1800), tendo, porém, apenas chegado até á Serra-Dourada do interior goiano, em cujas proximidades descobriu "a arvore do papel (cousa rara, por conter o tronco desta arvore como contextura um como quaderno de papel, em vez de epiderme)". Ahi está, em vez do ouro dos phantasticos Martyrios, uma grande fonte de riqueza a explorar, numa terra, qual a nossa, em que é ainda tão caro o papel artificial, si não mentiu o padre-bandeirante do final do



seculo XVIII (153). A' procura das tentadoras minas saiu da capital matogrossense, em 1820, uma bandeira, commandada pelo padre Francisco Lopes de Sá, para tal fim encarregado por Francisco de Paula Magessi Tavares (depois barão de Villa-Bella), que governou aquella provincia de 1818 a 1821. Penetraram os expedicionarios o impervio e vasto sertão septentrional de Mato-Grosso pelo Diamantino e pelas correntes fluviaes do Preto e do Arinos, donde se viram forçados a recuar, de mãos vazias, ante a bellicosidade dos tapanlunas, que infestavam e defenderam a tão cobiçada região. Uma das tentativas mais conhecidas, com relação á Golconda dos Martyrios, coube a Bartholomeu Bossi, que a realizou em 1862 e sobre ella deixou um dos mais interessantes livros, dos devidos a pennas estrangeiras, sobre o nosso *far-west*: "Viaje pintoresco por los ríos Paraná, Paraguay, San-Lorenzo, Cuiabá y el Arino, tributario del grande Amazonas, con la descripción de la provincia de Mato-Grosso, bajo su aspecto físico, geográfico, mineralógico y sus producciones naturales" (Paris, 1863). Houve ainda a expedição de 1897, amparada pelo governo federal, e que se mallogrou, dando, porém, ensejo á abertura de estradas, pela commissão Paula Castro, em 1900 (154). E á lenda dos Martyrios, por fim, é que se liga a aventura de Fawcett, recentissima. Consta-me que os salesianos de Mato-Grosso estão adquirindo, de alguns annos a esta parte, latifundios na vasta zona onde se suppõe existirem as minas dos Martyrios. Querirão achal-as e exploral-as, ou collimam, porventura, catechizar as cabildas indigenas, que povoam aquellas longinquas paragens?

Reato, agora, o fio do que vinha dizendo sobre os bandeirantes paulistas, expulsos das Minas-Geraes pelos emboabas.

---

(153) Sobre o padre José Manuel da Siqueira, publicou o erudito V. Corrêia Filho, no «Jornal do Commercio», de 2 de setembro de 1928, um interessante artigo, sob o titulo «Naturalista cuiabano».

(154) De todas essas expedições tratou, com brilho e competencia, Virgilio Corrêia Filho, em sua monographia «A' cata de ouro e diamantes» (Rio, 1926), bem como em «As raias de Mato-Grosso» (São-Paulo, 1925), vol. II.

Embora Goiaz lhes ficasse mais perto, rumaram primeiramente para Mato-Grosso. E' que para este dispunham os valentes sertanistas de uma propicia rêde fluvial, ligada a São-Paulo: atraíram-n-os as "estradas que andam". Goiaz esperaria até 1722 o Anhangüera Junior, em batida infructuosa, que, reiterada quatro annos depois, lograria feliz resultado.

Antonio Pires de Campos (o "Pay Pirá"), companheiro da ultima bandeira e filho do incansavel preiador de indios que havia feito 24 entradas no sertão, desde o planalto dos Parecís até ao baixo Paraguay, "por 1716 ou pouco antes", conforme Washington Luís ("Capitania de São-Paulo — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes", pags. 42-43), arrojou-se em demanda da sonhada Ophir dos Martyrios, que lhe escaldava a imaginação. Não teve a fortuna de dar com ella; mas delineou, provavelmente, até Cuiabá, o rumo que, com pequenas variantes, haviam de seguir depois d'elle Paschoal Moreira Cabral Leme e os outros povoadores de Mato-Grosso, que inauguraram o "cyclo das monções", no qual coube a preponderancia aos filhos de Sorocaba.

Realmente, logo que as divicias allí achadas provocaram o novo cyclo de descobrimentos, o "cyclo das monções" (de cuja partida nos deixou o fulgurante estro de Vicente de Carvalho a mais empolgante descripção) (155), os destemidos e ambiciosos violadores do sertão occidental embarcavam em Araritaguba (hoje Porto-Feliz), no Tietê, derivavam por este rio até á sua embocadura no Paraná e, descendo esta caudal, tomavam uma das tres seguintes directivas: — 1.<sup>a</sup>) Subiam o Ivinheima e, utilizando-se de um varadouro de cerca de 40 kilo-

---

(155) As bandeiras deste novo cyclo tomaram o nome de «monções», por aproveitarem a quadra mais propicia do anno, a exemplo do que fizeram os lusos no oriente, pois o vocabulo «monção» vem da lingua arabica e relembra a direcção dos ventos do oceano Indico, descoberta por Hypálo, no reinado de Claudio (veja-se minha «Historia do commercio, industria e agricultura», pags. 127-128). A «partida da monção» perpetuou-se em duas admiraveis obras de arte: num poemeto de Vicente de Carvalho, em que ella é descripta lapidaramente, e numa tela do inspirado Almeida Junior, tambem filho da terra dos bandeirantes,

metros, chegavam ao Miranda, que os levava ao Taquary, e, por conseguinte, ao Paraguay, por onde entravam no São-Lourenço, que os encaminhava ao Cuiabá; 2.<sup>a</sup>) remontavam o Pardo até á foz do Anhanduhy-Açú e iam por este até ao varadouro de 50 kilometros, que o separa do Miranda, seguindo no mais o rumo precedente; 3.<sup>a</sup>) galgavam o Pardo até ao porto da Sanguesuga, junto ao qual começava o varadouro de Camapuã, mais curto que os anteriormente citados (cerca de 14 kilometros) e onde depois se plantaram roças, e, transposto o mesmo, singravam o pequeno rio Camapuã, affluente do Coxim, que os depunha no Taquary, ao fim do qual os esperava o largo Paraguay, que os conduzia ao São-Lourenço, como este ao Cuiabá (156).

De 8 de abril de 1719 é o termo com que Paschoal Moreira Cabral Leme (157) visou a assegurar os seus direitos de descobridor e explorador das primeiras grandes jazidas auríferas de Mato-Grosso. Mas o certo é que, desde 1716, penetrara elle aquella região, com 56 homens livres e muitos escravos, afim de conquistar "reinos do gentio para o grenio da egreja e diligenciando descobrir ouro, prata e pedras preciosas" (W. Luís, ob. cit., pag. 44). A derrota que soffreu dos aripoconés, depois de internar-se no sertão além do Coxipó-mirim, causou-lhe a perda e estragos de 19 dos seus abandeirados (5 mortos e 14 feridos); mas, longe de ser-lhe funesta, foi-lhe até providencial, como bem pondera W. Luís (ob. cit., pag. 46): — "Esse desastre assegurou o descobrimento das minas, a posse da terra, e levou Paschoal á historia, como seu descobridor. Vencedora, talvez a bandeira de Paschoal continuasse a sua marcha, ou, carregada de prisioneiros, voltasse ao povoado,

---

(156) Sobre isto veja-se o trabalho de Gentil de Assis Moura, «O primeiro caminho para as minas de Cuyabá» (São-Paulo, 1910).

(157) Dizem-n-o uns paulistano e outros sorocabano. O certo é que os paes moraram e morreram em Sorocaba, onde elle, associado a seu irmão Jacintho, a Manuel Fernandes de Abreu e ao capitão Martim Garcia Lumbria, tentou fabricar ferro em Araçoyaba, mediante a necessaria concessão régia (A. Taunay, «Historia geral das bandeiras paulistas», VI, 47).

anonyma, como tantas outras que percorreram o sertão; vendida, voltou para o arraial, onde foi achado mais ouro. Estava perdido o aripoconé, mas estava achado o ouro nas margens abundantes do Coxipó-mirim”.

Ainda em fins de 1718, quando Paschoal Moreira Cabral, em meio da fascinante riqueza descoberta, via augmentada a perda dos seus auxiliares fôrros e servos e já estava desaparecido de polvora e de chumbo, para resistir aos inevitáveis ataques dos indigenas, recebeu inesperadamente, em tão precaria situação, que talvez o compellisse a abandonar a optima conquista, o soccorro de duas bandeiras, as quaes lhe haviam imitado, como fizera elle a Antonio Pires de Campos, o exemplo audacioso do rumo para Mato-Grosso: foram a dos Antunes Maciéis (João Antunes e Antonio) (158) e a de Fernão Dias Falcão.

Antonio Antunes Maciel, encarregado por Paschoal de fazer a d. Pedro de Almeida, governador da capitania de São-Paulo e Minas-do-Ouro, o manifesto dos novos *placers* matogrossenses, matraqueou, pelos povoados por onde passou, as maravilhas do novo descobrimento. Outro arauto, logo depois, teve a opulenta terra cuiabana no padre André dos Santos Queiroz, cujo brado, conforme José Barbosa de Sá (“*Annaes da Bibliotheca Nacional*”, XXIII, 12), “era uma trombeta que

---

(158) Eram filhos de João Antunes Maciel (baptizado em São-Paulo em 1642) e de Joanna Garcia Carrasco. O coronel João Antunes Maciel, — que foi o primeiro juiz ordinario de São-João-del-Rey e quem, «por sua intervenção, salvou os portuguezes cercados pelos paulistas no fortim do rio das Mortes, por occasião da guerra dos emboabas, em 1710» (Silva Leme, ob. cit., I. 129), — seguiu para Mato-Grosso em 1718, em companhia de seu irmão Antonio; alli, ambos tomaram parte na lucta contra o gentio aripoconé e no descobrimento do ouro do Coxipó-mirim; o coronel João Antunes Maciel foi, logo depois, provedor dos reaes quintos em Cuiabá. O coronel Antonio Antunes Maciel e seu irmão Gabriel Antunes Maciel (que foi capitão-mór de Sorocaba) commandaram corpos de tropas (por ordem do conde de Sarzedas), em 1733-1734, na maior expedição armada feita contra os payaguás. Philippe Antunes Maciel, também irmão dos procedentes, foi para o Cuiabá por volta de 1733.

tudo atroava e soou a fama do Cuiabá té os fins do orbe, passando dos limites do Brasil a Portugal e dahi aos reinos estrangeiros, tanto que chegaram a exagerações fabulosas, dizendo-se que no Cuiabá serviam os granetes (*de ouro*) de chumbo nas espingardas, para matar veados, e que de ouro eram as pedras em que nos fogões se punham as panellas...". Como se vê, fosse ainda vivo sir Walter Raleigh, por certo não trepidaria em mudar a sua phantastica "Manôa" das margens do Orinoco para as do Coxipó-mirim! O *rush* para o *far-west* foi tal, apesar das innumeras difficuldades da viagem e da enorme distancia em que estava o Pactólo occidental, que, em 1721, já havia alli mais de 2.000 paulistas.

E' de presumir-se que a exploração das copiosas minas auríferas de Mato-Grosso e a criação das casas de fundição influissem no acto de 2 de dezembro de 1720, pelo qual o soberano portuguez, separando Minas-Geraes de São-Paulo, deu ao governador desta ultima capitania jurisdicção em parte do territorio da do Rio-de-Janeiro e a incumbencia de preoccupar-se com os recentes apossamentos de terras espanholas, feitos pelos nossos incomparaveis bandeirantes na vastissima região do centro-oeste do continente sul-americano.

Paulistas de valor, quaes José de Sá de Arruda, Jacintho Barbosa Lopes, João e Innocencio Martins de Almeida, João Carvalho da Silva, José Pires de Almeida, João Leite de Barros, Pedro Corrêia de Godoy e os irmãos Lemes da Silva (João e Lourenço), de tão tragico destino (159), até frades (um carmelita e um franciscano) e padres (tres do habito de S. Pedro) e innumeros aventureiros, — alli aportaram em numero consideravel, nos dois primeiros annos que se seguiram á auspiciosa

---

(159) Lourenço Leme da Silva foi o primeiro cobrador do imposto dos quintos do ouro e João Leme da Silva o primeiro guarda-mór das minas de Cuiabá. Mas d. Rodrigo Cesar de Menezes, que os nomeara, mandou prendel-os por uma força armada, tendo sido Lourenço morto a tiro e João algemado e remettido para a Bahia, onde foi enforcado em 1724. Veja-se, sobre esses factos, o dilucidativo escripto de A. de Toledo Piza, em «Documentos interessantes», XII, 123-163.

noticia do descobrimento. E o ouro continuava a apparecer, á flor daquella terra pródiga...

Em 1720, abandonaram os paulistas o primitivo arraial de São-Gonçalo, e, subindo o Coxipó, foram assentar outro em Forquilha, onde levantaram uma capella, a que deram por madrinha Nossa Senhora da Penha-de-França. Mas, em 1722, com o fortuito achamento da Lavra-do-Sutil (devido a um escravo do sorocabano Miguel Sutil), — a maior mancha de ouro que se encontrara até então “em todo o Brasil”, conforme Barbosa de Sá, — para alli accorreu promptamente a população da Forquilha, formando um terceiro arraial, onde logo se erigiu uma igreja, confiada ao patrocínio do Senhor Bom-Jesús do Cuiabá. “A futura cidade de Cuiabá”, observa W. Luís (ob. cit., pag. 58), “tinha ido por tentativas, como si apalpassse o terreno, estabelecendo-se, então, definitivamente”. A 1.º de janeiro de 1727, deu-lhe pessoalmente o predicamento de villa Rodrigo Cesar de Menezes, governador da capitania de São-Paulo, que, tendo partido da séde do seu governo a 6 de julho de 1726, alli chegou a 16 de novembro do mesmo anno.

Em parte alguma dos invios sertões, onde realizaram os seus memoraveis descobrimentos, tiveram os paulistas tanto que luctar com os primeiros e legitimos donos das terras devassadas, quanto no ingente *far-west* brasileiro. Afóra as cachoeiras e itaipavas, as inundações das caudaes na quadra das chuvas, a fome e as febres, as legiões de insectos incommodos ou nocivos, as serpentes e as feras, — foi alli que os indios oppuzeram mais obices aos destemerosos mamelucos. Guardaram em trom de guerra os penetracs de Mato-Grosso, desde as margens do Tietê e do Paraná até ás do medio e alto Paraguay, os cayapós, os terriveis cavalleiros guaycurús e os bravios payaguás, sobretudo estes ultimos, que foram, segundo Southey (ob. cit., V, 334), “de todas as tribus americanas, a que mais pertinazmente e com melhor exito defendeu contra invasores a sua terra natal”.

Da primeira, mal organizada e crescida léva, que partiu de São-Paulo em 1720, logo após a noticia do descobrimento effectuado por Paschoal Moreira Cabral, “a Cuiabá não chegou sinão um pequeno numero desses infelizes, rachiticos, transidos

de miseria e molestias”, conforme relata Machado de Oliveira (ob. cit., 2.<sup>a</sup> ed., pag. 131); e maiores ainda foram os tormentos e as perdas da monção de 1722, segundo W. Luis (ob. cit., pag. 129). Entretanto, continuaram as expedições todos os annos, affrontando a furia marcial dos aborigenes. De uma bandeira de mais de 600 homens, saídos de Araritaguaba em 1725, com destino ao Cuiabá, sob o commando de Diogo de Sousa de Araujo, somente escaparam um branco e um negro, na investida que lhes fizeram os payaguás, junto á laguna Mandioré; tal foi o saque das mercadorias, então feito, que o frasco de sal subiu em Cuiabá a meia libra de ouro. Em 1727, conforme declarou João Antonio Cabral Camello (“Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.”, IV, 496) (160), os terriveis indios assaltaram a expedição dos ytuanos Miguel Antunes Maciel e Antonio Antunes Lobo, que foram mortos, perdendo-se um filho do ultimo e quatro canôas. Mas continuava a correr a voz de que havia tanto ouro em Cuiabá, que delle, em vez de chumbo, se serviam lá os caçadores. E, em consequencia disso, o *rush* avolumava-se cada vez mais, deixando, em busca da fortuna mirifica, um longo rasto de sangue a purpurear a agua rolante e quérula dos rios ou incontaveis cruces toscas no sólo firme dos varadouros...

D. João V, que de tanto dinheiro precisava para as suas enormes despesas voluptuarias, soffreu dois avultados e successivos prejuizos, em 1728 e 1730. O primeiro parece ter sido mais uma gatunagem do celebre chatim Sebastião Fernandes do Rego, tenebroso autor da lobrega tragedia de que foram victimas os irmãos Lemes. Remettidos para Lisbôa quatro cunhetes, — producto dos impostos cobrados em 1727 dos mineradores de Cuiabá, — e mais sete arrobas, pertencentes a particulares, tudo acondicionado em cofres fortes, hermeticamente fechados, ao proceder-se á abertura de tão preciosa carga, com certa solennidade, na capital portugueza, perante o rei, corte-

---

(160) Este João Antonio Cabral Camello, em 1727, partiu de Sorocaba, — que foi o primeiro centro do movimento para Mato-Grosso, — com 23 canôas, das quaes só 14 chegaram a Cuiabá.

zões e ministros estrangeiros, as barras de ouro se haviam transmudado em barras de chumbo! O valido de Rodrigo Cesar de Menezes soffreu confisco em seus bens, avaliados em 800.000 cruzados, e foi mettido na cadêia de Santos e depois na do Limoeiro; mas desta saiu ao fim de poucos annos, julgado innocente, sem dar conta do ouro que subtrahira aos irmãos Lemes e ao seu proprio soberano, e contentou-se, para alliciar a bemaventurança eterna, com erguer, numa das praças de São-Paulo (a hoje denominada "João Mendes de Almeida"), o templo de Nossa Senhora dos Remedios. A outra perda foi ainda maior e devida aos payaguás. Responsavel por sessenta arrobas de ouro, que de Cuiabá se destinavam a São-Paulo, formou para esse fim o dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto, ex-ouvidor de Paranaguá, que acompanhara a Mato-Grosso o governador Menezes, um forte comboio de canôas, em 1730; mas foi acconmettido e destroçado pelos payaguás, perto do Ariacuné ou Rio-Negrinho, perecendo alli o referido magistrado e quasi todos os tripulantes da flotilha, cerca de 400, tendo escapado apenas dois. Consta que os terriveis selvicolas, ignorantes do alto valor que os civilizados davam ao fulvo metal, foram trocal-o na capital paraguaya por quinquilharias de baixo preço, pois, conforme Southey (ob. cit., V, 487), "seis arráteis de ouro" entregou alli um dos indios vencedores "por um prato de estanho".

Foi seguramente em consequencia desse ultimo e alarmante acontecimento, que Antonio da Silva Caldeira Pimentel, pelo bando de 4 de outubro de 1730, organizou contra os payaguás uma aguerrida tropa, cujo commando confiou a Thomé Ferreira de Moraes Sarmento. Não tendo este conseguido exterminal-os, formou-se novo e mais poderoso exercito, ás ordens do brigadeiro Antonio de Almeida Lara (161), que os perse-

---

(161) Antonio de Almeida Lara, que esteve em Minas-Geraes e até na Bahia (pois, segundo Taques, acompanhou ao padraсто, Sebastião Pinheiro Raposo, na bandeira descobridora das minas do rio de Contas), foi, conforme se lê em Azevedo Marques (I, 17), quem plantou a canna-de-assucar em Mato-Grosso, tendo fallecido em Cuiabá em 1750.



guiu até junto ao Fêcho-dos-Morros. No governo do conde de Sarzedas, organizou-se nova expedição, sob a chefia do tenente-general Manuel Rodrigues de Carvalho, para vingar o assalto dos payaguás á monção de José Cardoso Pimentel, em 1733, junto ao Carandá. Carvalho, tendo repartido a tropa em tres corpos, sob as ordens de Gabriel Antunes Maciel, Antonio Antunes Maciel e Antonio Pires de Campos (filho do sertanista homonymo), marchou em 1734 para o centro onde operavam os payaguás e expurgou destes formidaveis adversarios, por algum tempo, aquella immensa região, afastando, assim, os perigos que elles tenazmente offereciam á navegação do rio Paraguay. Não os liquidou de todo, porquanto em 1736 ou 1737 ainda assaltaram os indomitos indios, em Carandá, a monção que demandava as terras auríferas do Cuiabá, sob o commando de Pedro de Moraes Siqueira. Este e o frade franciscano Antonio Nascentes (cuja valentia lhe grangeou a alcunha, nada catholica, de "Tigre") pereceram na balroada; mas aquelles selvicolas, tendo sido então repellidos com avultadas perdas, tornaram-se menos hectis dalli por deante. Em 1740, 1743 e 1744, ainda houve alli novos ataques de indios ás monções; em 1762, 1770, 1771; 1772, 1773 e 1775, cayapós, payaguás e borôros saltaram varias povoações matogrossenses; e, finalmente, a 6 de janeiro de 1791, accometteram os guaycurús, de surpresa, o forte de Coimbra, onde trucidaram 54 soldados da guarnição, que andavam enamorados das indias, e, por isso, relaxados na disciplina militar. Viu-se o governador de Mato-Grosso (João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres), afim de evitar novas *razzie*, na contingencia de celebrar com os indomaveis indios cavalleiros, a 30 de julho do mesmo anno, um tratado de paz, o qual, segundo Joaquim Ferreira Moutinho ("Noticia sobre a provincia de Mato-Grosso", pag. 195), foi fielmente cumprido. Reproduz o dito chronista o curioso teor da carta-patente com que, em virtude daquelle pacto, foram distinguidos com o posto de capitães, pelo referido governador, os caciques guaycurús Emaividi-Chaimé e Queima, que foram então baptizados e passaram a chamar-se, respecti-

vamente, Paulo Joaquim José Ferreira e João Queima de Albuquerque.

Graças á "Relação" de José Barbosa de Sá, o primaz da historia do *far-west* brasileiro, e ao seu continuador Joaquim da Costa Siqueira, assim como ás informações de João Antonio Cabral Camello ("Noticias praticas das minas de Cuyabá e Goiazes", "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", IV, 487-500) e José Gonçalves da Fonseca ("Noticia da situação de Mato Grosso e Cuyabá", *ib.*, XXIX, 352-390), — sabe-se como foi que irradiaram os descobrimentos naquella vasta região.

A falta de agua e de mantimentos e o rigor do fisco em Cuiabá muito contribuíram para essa expansão, realizada pelos audaciosos e irrequietos paulistas. Assim é que Luiz Rodrigues Villar e os irmãos Paes de Barros, Fernando e Arthur, foram fundar, á margem direita do Guaporé, no periodo de 1731 a 1734, os arraiaes de São-Francisco-Xavier (162) e Pouso-Alegre (depois Villa-Bella da Santissima-Trindade e hoje cidade de Mato-Grosso), tendo sido os dois sorocabanos, segundo Gonçalves da Fonseca (*ob. cit.*, 354), que lhes attribue o feito ao anno de 1736, os primeiros que deram áquelle invio aranhol da hyléa occidental a denominação de "Mato-Grosso", a qual se estendeu depois a toda a capitania; em 1734, Antonio Fernandes de Abreu, com o auxilio de Fernando Paes de Barros, descobriu ouro nos ribeirões de Santa-Anna e do Brumado; em 1736, Antonio de Almeida Lara, em companhia de Francisco Xavier Salles, descobriu o caminho, por terra, de Cuiabá ao Paraguay; em 1738, José Paes Falcão fundou o arraial de São-José (a cerca de quatro leguas de Cuiabá); em 1739, Antonio Pinheiro de Faria chefiou uma bandeira que encontrou ouro no Arinos; em 1744 ou 1745, os filhos de Antonio de Almeida Falcão (José de Almeida e Paschoal de Arruda), a mando do pae, chegaram á margem do Arinos, onde tambem encontraram ouro e foi fundado o arraial de Santa-

---

(162) Em torno de São-Francisco-Xavier, que ficava a 12 leguas de Villa-Bella, surgiram depois os arraiaes de Nossa-Senhora-do-Pilar, Santa-Anna, Ouro-Fino, São-Vicente-Ferrer e Santa-Barbara.

Isabel, cuja existência foi ephemera, principalmente pela briga dos seus dois vigários, que se excommungaram mutuamente; e a 1745 attribue Barbosa de Sá o descobrimento das minas do Corumbiara, feito, segundo Gonçalves da Fonseca (ob. cit., 376), pelos paulistas Antonio de Almeida e Moraes e Tristão da Cunha Gago (este ultimo foi um dos companheiros da expedição de Manuel Felix de Lima, em 1742, tendo-o abandonado, como se verá mais adiante, por suggestão de Antonio de Almeida e Moraes).

Dos que abandonaram então Santa-Isabel, Antonio de Pinho de Azevedo (o primeiro que abriu o caminho para Goiaz), em 1747, deu começo ao arraial de Nossa-Senhora-do-Parto, proximo ao qual surgiu a actual cidade de Diamantino (163); Antonio Aranha e Manuel Cardoso, em 1748, descobriram o Rio-Preto, onde acharam ouro e diamantes.

Pelo anno de 1754, bandeirantes a serviço do paulista Amaro Leite Moreira (um dos grandes devassadores do sertão goiano) fundaram, no ribeirão Santo-Antonio, affluente do rio das Mortes, o arraial depois chamado Santo-Antonio-de-Amaraunte, abandonado em 1789 pelos seus habitantes, que se mudaram para Barreiros. Em 1756, foram achadas as lavras do Medico, á margem direita do Aricá-açú; em 1776, as de Vizeu, á margem do Corumbiara; e, em 1777, era repartido o descoberto de Beripoconé, ao qual foi dado o nome de São-Pedro-del-Rei (actual Poconé). Finalmente, até no territorio espanhol, á margem esquerda do Guaporé, foi fundado pelos paulistas de Mato-Grosso o arraial de Santo-Antonio-dos-Guarajús, por volta de 1779 (164); mas, por ordem da metropole,

---

(163) A fundação de Diamantino foi attribuida por Pizarro e Azevedo Marques a Gabriel Antunes Maciel, em 1728; mas o parecer de d. Antonio Rolim de Moura, datado de 22 de março de 1759 (V. Corrêa Filho, «A' cata de ouro e diamantes», 28), não corrobora semelhante versão, pois dá a primazia de tal descobrimento a Antonio de Pinho de Azevedo.

(164) E' o que se deduz do que escreve Philippe José Nogueira Coelho, em suas «Memorias chronologicas da provincia de Mato-Grosso» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XIII, 196).

os seus habitantes tiveram que mudar-se dali, indo estabelecer-se em Santa-Barbara, entre o Aguapehy e o arraial de Lavrinhas.

O descobrimento e o povoamento de Mato-Grosso deveram-se principalmente aos sorocabanos, em sua phase inicial.

Ao apreciar a vultuosidade das riquezas metallicas reveladas "no coração da America do Sul" e a valia inestimavel da integração do immenso territorio centro-occidental, todo elle sito além da linha de Tordesillas, no dominio luso-brasileiro, rendeu Southey (V, 331) merecido preito de justiça aos bandeirantes paulistas.

Descoberto o ouro de Mato-Grosso em 1719, menos de 30 annos depois recebia aquella região o predicamento de capitania, desmembrada da de São-Paulo. Por ahi se vê quão rapido foi o seu povoamento.

### b) Conquista e povoamento de Goiaz

São poucos os documentos e pouquissimas as chronicas que se referem ao descobrimento e povoamento de Goiaz. Dos escriptos mais antigos, o unico que trata especialmente da bandeira do Anhangüera Junior é o devido a um dos companheiros deste em 1722, o alferes portuguez José Peixoto da Silva Braga: acha-se na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras." (LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 219-233) a noticia que, sobre aquelle feito, deu elle ao padremestre Diogo Soares. De um companheiro do Anhangüera Junior, na segunda viagem que este, em 1726, fez a Goiaz, Manuel de Barros, depararam-se-me no Archivo Nacional dois documentos (165), que nenhuma luz infelizmente trouxeram áquella fecunda expedição. Assim, talvez a melhor fonte de informações para este capitulo seja ainda a "Memoria sobre o descobri-

---

(165) Acham-se publicados no vol. L, (202 e 205-207) dos «Documentos interessantes». O padre L. A. da Silva e Sousa (log. cit., 436) tambem se refere a Manuel de Barros, a quem dá o titulo de «engenheiros».

mento, governo, população e cousas mais notaveis da capitania de Goyaz" ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XII, 2.<sup>a</sup> ed., 429-510) do padre mineiro Luiz Antonio da Silva e Sousa. E na mesma "Rev." (tomo 84, pags. 41-294) ainda se encontram, em documentos authenticos, "Subsidios para a historia da capitania de Goiaz".

Foi, sem duvida, o descobrimento das opulentas jazidas de Mato-Grosso que incentivou d. Rodrigo Cesar de Menezes a mandar aos sertões goianos o Anhangüera Junior, pois o velho era já fallecido (presume-se que nos ultimos annos do seculo XVII).

O filho do Anhangüera, logo após o descobrimento das minas de Sabará, isto é, por volta de 1701, tinha ido estabelecer-se lá perto, em São-João-do-Pará; pouco depois, João Leite da Silva Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado, que vieram a tornar-se seus genros, tambem seguiram para as Minas-Geraes, fixando-se o primeiro no Curral-del-Rey (hoje Bello-Horizonte) e o segundo em Pitanguy.

Chamado pelo sobredito governador, de certo em 1721, para chefiar uma bandeira em rumo aos logares onde estivera com o pae aos 12 annos de idade, contou immediatamente com o auxilio pecuniario do genro, João Leite da Silva Ortiz, então bastante rico, assim como do irmão, Simão Bueno, do cunhado, Manuel Pereira Calhamares, e do sobrinho, Antonio Ferraz de Araujo. Partiu de São-Paulo a 3 de julho de 1722, commandando 152 homens, entre os quaes 20 indios, que o governador lhe forneceu para a conducção da carga. Levava ella tres frades (dois beneditinos e um franciscano); entre os brancos, afóra os paulistas, havia muitos reinões e um bahiano. Dias depois, partiu de São-Paulo o resto da bandeira, sob a direcção de João Leite da Silva Ortiz, que foi encontrar-se com a tropa do sogro já na região do rio das Velhas. Dessa expedição fez parte e deu noticia (em 1734) ao padre Diogo Soares ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 219-233) o alferes portuguez José Peixoto da Silva Braga, o qual, segundo a sua propria confissão, abandonou, com alguns outros companheiros, o Anhangüera Junior, e, após longo percurso, foi

sair no Pará (era então governador do Estado do Maranhão João da Maia da Gama, 1722-1728). Suppõe-se que Urbano do Couto, que também fez parte da referida bandeira, seja o autor do roteiro das minas dos Martyrios (no qual ha referencias a esta expedição), que foi inserto por J. M. P. de Alencastre em seus "Annaes da provincia de Goiaz" ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XXVII, p. 2.<sup>a</sup>, 35-37). Depois de explorar em vão aquellas remotas paragens durante tres annos, o Anhangüera Junior retornou a São-Paulo, desanimado e quasi só.

Acoroçado, porém, pelo governador, que lhe fez novas promessas e o munuiu de amplos recursos, organizou o experimentado bandeirante uma segunda leva, á frente da qual partiu de São-Paulo em 1726, levando em sua companhia, além de outros, Manuel de Barros, Manuel Pinto Guedes e o padre Antonio de Oliveira Gago. Foi ella coroada do exito mais feliz, porque, tendo logrado penetrar no seio da tribu dos goiazes, cuja amizade captou, fez-se reconhecer como filho do "Anhangüera" e, graças a tudo isso, foram-lhe mostradas as minas em que havia estado com o pae, mais de 40 annos atrás. Em 1727, provavelmente, fundou elle os arraiaes de Ferreiros, Barra, Ouro-Fino e Santa-Anna, cuja igreja foi erguida no lugar onde hoje avulta a cathedral de Goiaz. E um dos seus companheiros desta segunda expedição, Manuel Rodrigues Thomaz, fundou, no mesmo anno, o arraial de Meia-Ponte (166). Em 1728, voltou elle a São-Paulo, trazendo 8.000 oitavas de ouro, chamariz que immediatamente attrahiu para aquelles invios campos bandos e bandos de cupidos aventureiros. Estes partiram principalmente de Minas-Geraes.

Por actos de d. Rodrigo Cesar de Menezes, Bartholomeu Bueno da Silva foi nomeado capitão-mór do novo districto e

---

(166) O padre L. A. da Silva e Sousa (log. cit., 433) assim explica este toponymio: — «Os paulistas, chegando a este ribeirão em occasião de cheia, para o passarem fabricaram uma especie de ponte de dois páos, dos quaes um foi levado pela corrente; e, por este incidente, deram o nome de *Meia-Ponte* ao ribeirão e, depois, ao arraial».

encarregado da percepção dos reaes quintos, e seu genro, João Leite da Silva Ortiz, foi feito guarda-mór das terras mineraes alli descobertas.

Em 1729, Manuel Pereira Calhamares fundou o arraial da Anta e Manuel Dias da Cruz o arraial de Santa-Cruz. Manuel Rodrigues Thomaz, expulso da Meia-Ponte (como condemnação, lavrada pelo governador, de graves abusos que elle havia perpetrado alli), dirigiu-se para o norte de Goiaz, com crescido numero de companheiros, entre os quaes Antonio de Sousa Bastos e Antonio da Silva Cordovil, e, no espaço comprehendido entre 1732 e 1737, fundou as povoações de Crixá (onde já estivera, a mando do Anhangüera Junior, Domingos Rodrigues do Prado, em 1734), Trahyras, São-José dos Tocantins, Cachoeira, Santa-Rita e Agua-Quente. Já pouco antes, no periodo de 1730 a 1732, Amaro Leite revelara as minas do rio Maranhão; em 1734, Antonio Ferraz de Araujo fundara o arraial de Natividade; e, finalmente, em 1736, Carlos Marinho lançara os alicerces do arraial de São-Felix.

Tão interessado ficou d. João V, ante a noticia desses constantes descobrimentos de ouro no *far-west* brasileiro, que não só cogitou de dar a Goiaz novos administradores, o dr. Sebastião Mendes de Carvalho e o capitão José de Moraes Cabral, como tambem ordenou ao novo governador de São-Paulo, conde de Sarzedas, que fosse pessoalmente cohibir as desordens que lá incessantemente reinavam (167). Apesar de enfermo (parece que era tuberculoso), o conde de Sarzedas partiu de São-Paulo a 3 de outubro de 1736, chegou á Meia-Ponte a 12 de janeiro de 1737 e, rumando dalli para o Tocantins, foi assaltado de febres, que lhe minaram o organismo depau-

---

(167) O padre L. A. da Silva e Sousa (log. cit., 438-439) cita diversos factos, que se tornaram famosos, dessas desordens occorridas em Goiaz; e termina apontando como principaes promotores de tumultos alli diversos clérigos, regulares e seculares, dos quaes foram, de uma só vez, exterminados sete, por ordens do bispo do Rio-de-Janeiro. Refere-se, mais particularmente, ás violentas façanhas dos padres José Caetano Lobo Pereira, Antonio de Oliveira Gago e Pôso de Pilar (este foi até bandeirante, como se verá mais adiante).

perado, obrigando-o a regressar e vindo a morrer perto do arraial de Trahyras, nos primeiros dias de setembro de 1737. Novos tumultos, então occorridos na região goiana, levaram o governador interino de São-Paulo, Gomes Freire de Andrada, a mandar que seguisse para lá o brigadeiro José da Silva Paes, que restabeleceu o regimen da lei e poz em ordem a administração do longinquo districto.

Ao successor de Sarzedas, d. Luiz de Mascarenhas, nomeado governador de São-Paulo em 1739, coube papel importante no resto do desbravamento e povoamento de Goiaz. Foi elle quem, a 25 de julho de 1739, elevou o arraial de Santa-Anna á categoria de Villa-Boa (traducção portugueza de *Buena*, em homenagem ao Anhangüêra Junior), que ficou sendo a capital da comarca creada alli pelo rei em 1736. D. Luiz de Mascarenhas tambem se dirigiu pessoalmente á região goiana, não só para installar a primeira villa, como ainda para animar alli novos descobrimentos, principalmente na Serra-Dourada (influencia, talvez, da lenda dos Martyrios). Para esse fim, organizou as bandeiras descobridoras, confiadas a João da Veiga Bueno, Amaro Leite (168) e Balthasar Gomes Alarcão, tendo as dos dois ultimos explorado as terras marginaes dos confluentes do Araguaya e do Parnahyba; e as de José Velloso Barreto do Rego e Bento Paes de Oliveira, que operaram nos rincões ribeirinhos dos rios do Somno, Uruçuhy, Balsas, Manuel-Alves-Grande e Manuel-Alves-Pequeno. O referido governador, em 1740, assistiu pessoalmente, alli, aos descobrimentos das minas de Arraias, Conceição, Chapada e Cavalcanti, para o que contou com a valiosa cooperação de Domingos Pires, Manuel de Sousa Ferreira, Francisco (ou Juliano) Cavalcanti e outros. Cogitou igualmente d. Luiz de Mas-

---

(168) Amaro Leite chegou até á barra do rio das Mortes, assim denominado por uma expedição anterior, que perdeu alli muita gente, victimada por enfermidades, ou, como affirma Alencastre, em razão do morticínio de indigenas, alli effectuado por Antonio Pires de Campos, o velho, em 1682 ou 1683. O arraial, que elle estabeleceu em tal ponto, tomou a denominação de «Amaro-Leite-dos-Araés». Ahi morreu elle, pobre, em 1768,



carenhas de exterminar os cayapós, contra os quaes tinham sido infructíferas as bandeiras de Antonio Ferraz de Araujo e João Bicudo de Brito; convidou então, para aquelle fim, a Angelo Preto (169), o qual, não podendo acudir ao chamado, indicou o valente sertanista Antonio Pires de Campos, que, vindo de Cuiabá com 500 borôros, tornou mais praticavel o caminho de Goiaz para São-Paulo, pois delle expurgou os terriveis cayapós e á beira delle fundou as aldêias de Rio-de-Pedras, Santa-Anna e Lanhoso, nas quaes collocou os seus auxiliares indigenas. João de Godoy Pinto da Silveira, que succedeu a Antonio Pires de Campos em tal serviço, chegou até ás margens do Araguaya, onde bateu os tapirapés, dos quaes aprisionou uma centena. E, ainda em 1740 ou 1741, o sobredito governador organizou em Trahyras a expedição de Jacintho de Sampaio Soares, para bater os selvicolas que infestavam as ribeiras de Natividade. Antes de retirar-se de Goiaz (em meados de outubro de 1742), onde esteve tres annos, fundou d. Luiz de Mascarenhas as povoações de Pontal, onde Antonio Sanches descobrira ouro em 1738, e de Bomfim, esta no rio Claro, onde, assim como no rio Pilões, foram tambem encontrados diamantes (170).

(169) Segundo Southey (ob. cit., V, 396-397), a primeira estrada entre Cuiabá e Goiaz foi aberta por dois paulistas, Theodosio Nobre e seu genro Angelo Preto, auxiliados pelos indios borôros. Como Angelo Preto ainda vivia em Cuiabá, muito respeitado pelos borôros, a elle recorreu d. Luiz de Mascarenhas para o exterminio dos cayapós.

(170) Sobre esses descobrimentos dos rios Claro e Pilões, cumpre ler os documentos que se encontram nos «Subsidios para a historia da capitania de Goyazz» (log. cit., 195-273). O contracto para a exploração de diamantes alli foi arrematado, em 1748, pelos irmãos Joaquim e Felisberto Caldeira Brant, pois era um annexo do Districto-Diamantino, em Minas-Geraes, e devia durar até 31 de dezembro de 1751; mas resultando da exploração dos rios goianos prejuizo, ao invés de lucro, obtiveram os irmãos Caldeiras, a 21 de março de 1751, um novo ajuste, que os libertou daquella carga. Os 200 homens, retirados dalli, foram trabalhar no Tijuco. Deste episodio tambem trata Rodrigo Octavio, em seu «Felisberto Caldeira — Chronica dos tempos coloniaes», pags. 181 e 190-192. O padre L. A. da Silva e Sousa diz que Joaquim Caldeira, antes de abandonar a terra goiana, ainda minerou ouro alli, na Serra-Dourada.

Talvez por influencia de d. Luiz de Mascarenhas, que, voltando muito rico (171) de Goiaz para São-Paulo, deve ter exposto a d. João V o grande futuro daquella região descoberta pelo Anhangüera Junior, — o soberano portuguez, em 1744, elevou Goiaz á categoria de capitania-geral, separando-a da de São-Paulo. Assim, Goiaz, apesar de mais nova no descobrimento e povoamento, precedeu a Mato-Grosso nos fóros de capitania, pois a região descoberta por Paschoal Moreira Cabral Leme, conforme vimos linhas atrás, só obteve tal predicamento em 1748.

Ao mesmo tempo que tomava essas duas medidas, o rei lusitano, com uma ingratidão inqualificavel, supprimia, por carta-régia de 9 de maio de 1746, o cargo de governador de São-Paulo, annexando esta capitania á do Rio-de-Janeiro, á qual esteve subordinada até 6 de janeiro de 1765. A gloriosa terra dos bandeirantes, cuja população decrescera consideravelmente em consequencia do descobrimento das Minas-Geraes e que tambem se anemiou em favor do devassamento e povoamento do *far-west* brasileiro, perdeu, assim, a propria independencia. Foi por isso que um dos seus governadores a denominou, então, “uma formosa sem dote”.

Creada a capitania, ao primeiro governador della, d. Marcos de Noronha (1744-1755), coube fundar as aldêias do Duro e de Formiga, onde aldeiou os acroás e chicriabás, então submittidos por Wenceslau Gomes da Silva, Gabriel Alvares e Manuel Alvares. Sob o seu governo, foram fundados, em 1746, os arraiaes de Santa-Luzia e do Carmo, aquelle por Antonio Bueno de Azevedo e o outro por Manuel de Sousa Ferrei-

---

(171) Enquanto o filho do Anhangüera morria pobre, a 19 de setembro de 1740, não obstante haver descoberto as opulencias mineraes de Goiaz, — d. Luiz de Mascarenhas, segundo é tradição, accumulou, nos tres annos que passou lá, tanta riqueza, que poude comprar por 200 000 cruzados a fazenda de Bertioiga, em São-Paulo, bem como 100 casas de escravos para a lavra da mesma, e tambem adquiriu o navio em que regressou para Lisbôa, o qual, depois, foi posto por elle no trafego mercantil entre Portugal e o Brasil.

ra; e, em 1749, foram descobertas as ricas minas do Cocal, por Diogo de Gouvêia Osorio e Felix Caetano.

No tempo do conde de São-Miguel, Alvaro Xavier Botelho (1755-1759), revelaram-se as jazidas de Tesouras e de Montes-Claros, estas em 1757.

João Manuel de Mello (1759-1770) expediu duas bandeiras: a do padre Pôsson, que saiu do Pilar em procura das riquezas dos Araés e falleceu perto do Pontal; e a de Victor Antonio, contra os cayapós.

Antonio Carlos Furtado de Mendonça (1770-1772) promoveu a bandeira de Francisco Soares de Bulhões, guiada por Urbano do Couto, a qual, em 1771, chegou até ao Fundão e ás vertentes do rio Claro.

José de Almeida de Vasconcellos de Soveral e Carvalho (1772-1778), além de fazer explorar a navegação do Tocantins, até Belém-do-Pará, por Antonio Luiz Tavares Lisbôa, ordenou varias expedições, quaes as commandadas por Francisco Soares de Bulhões, Thomaz de Sousa, padre José Simões da Matta e capitão Maximiano de tal, ao Fundão, ao rio Rico, á região do Pontal e ao morro do Clemente (districto de Santa-Cruz); fez seguir José Machado e José Pinto da Fonseca (172), este ultimo alferes de dragões, contra os indios do Araguaya, onde submetteu os carajás e javaés; e, finalmente, fez erigir a aldêia de São-José, além da Serra-Dourada, para onde mudou os acroás do Duro, ao mesmo tempo que transferia os chicriahás para a aldêia de Santa-Anna do Rio-das-Velhas.

---

(172) Veja-se-lhe a «Carta que escreveu, em 2 de agosto de 1775, ao general de Goyazes, dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de indios» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», VIII, 376-390). O mesmo documento, embora com outro titulo, acha-se tambem inserto nos «Subsidios para a historia da capitania de Goyaz» («Rev.» citada, tomo 84, pags. 115-125). Corria que o sertão do Araguaya era abundante de ouro e prata, porque já em 1669, Gonçalo Paes e Manuel Brandão haviam chegado á confluencia daquelle rio com o Tocantins, em busca dos ditos metaes preciosos. Em 1720, o governador do Estado do Maranhão, Bernardo Pereira de Barreto, fez explorar o Araguaya por uma expedição, que teve como chefe Diogo Pinto da Gaya.

No governo de Luiz da Cunha Menezes (1778-1783), fez-se uma expedição, commandada por José Luiz, contra os cayapós, que, submettidos, foram localizados na Aldêia-Maria, junto ao rio Fartura.

Tristão da Cunha e Menezes (1783-1800) cogitou principalmente das communicações fluviaes entre Goiaz e o Pará, pois encarregou Thomaz de Sousa Villa-Real de explorar para isso a navegação dos rios Vermelho, Araguaya e Tocantins; o commissionado não só chegou a Belém-do-Pará, navegando pelas ditas caudaes, como deixou um relatorio da sua longa e importante viagem (173). No seu tempo, além do descobrimento das jazidas, que receberam a curiosa denominação de Ouro-Pobre, em razão do quilate inferior do fulvo metal, e da invasão das do rio das Eguas, em 1794, as quaes pertenciam á Bahia, tambem foi feita a reduçção dos indios chavantes, logo enviados para a aldêia de D.-Pedro-III do Carretão. E ainda patrocinou a expedição do padre José Manuel de Siqueira, que chegou até á Serra-Dourada, conforme vimos atrás.

D. João Manuel de Menezès (1800-1804), de certo já por effeito da exploração devida a Thomaz de Sousa Villa-Real, fez a viagem de Belém-do-Pará, pelos rios Tocantins, Araguaya e Vermelho, afim de empossar-se do governo de Goiaz, e della deixou um minucioso "Diario" (174).

No governo do conde da Palma, d. Francisco de Assis Mascarenhas (1804-1809), finalmente, foram descobertas, em 1805 e 1809, as ricas jazidas de ouro de Anicuns (já visitadas, em 1752, pelo capitão-mór Pantaleão Pedroso), por Salvador Mariano e pelo pardo Luciano de tal, donde a fundação, alli, do arraial de São-Francisco-de-Assis, assim chamado em homenagem ao religioso patrono do governador.

Apesar dos abundantes *placers* de ouro e dos diamantes (ainda hoje explorados em alguns dos seus rios) encontrados

---

(173) Veja-se a «Viagem de Thomaz de Sousa Villa Real pelos rios Tocantins, Araguaya e Vermelho» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XI, 2ª ed., 401-444).

(174) Veja-se a «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», tomo 84, pags. 171-194.

em Goiaz, não se intensificou o seu povoamento, assim como se deu em Mato-Grosso, pelas difficuldades de comunicação e grandes distancias do litoral. Em prol do *far-west* brasileiro, a melhor solução será a da mudança da capital do paiz para o planalto da Formosa, como acertadamente se determinou na *magna-charta* de 24 de fevereiro de 1891.

- c) Viagens de Francisco de Mello Palheta (1722-1723) e de Manuel Felix de Lima (1742-1743) pelo rio Madeira

Da exploração do rio Madeira, effectuada pelo sargento-mór Francisco de Mello Palheta (175) em 1722-1723 (176), por ordem do governador do Estado do Maranhão, João da Maia da Gama (1722-1728), havia apenas vagas noticias, além do mais inçadas de equívocos e de erros. Southey (ob. cit., V, 437) até lhe chama Francisco de Mello *Pacheco*; A. L. Monteiro Baena, em seu "Ensaio corografico sobre a provincia do Pará" (Belém, 1839, pag. 517), dá a viagem como realizada em 1723 e assevera que Palheta, ao prestar informações sobre a mesma, nada dissera do rio Guaporé; e, finalmente, J. Severiano da Fonseca, em sua "Viagem ao redor do Brasil — 1875-1878" (II, 274), certamente influenciado pelos enganos de Baena, chega ao ponto de duvidar da realidade da expedição de 1722-1723. Tudo isso patenteia que nenhum delles. leu o estirado relatorio da referida entrada, escripto por um dos subor-

---

(175) Palheta, em 1691, quando ainda soldado raso, foi um dos que reconduziram o padre Samuel Fritz, pelo Amazonas, até ás terras do Peru'.

(176) Quatro annos depois, realizando outra viagem, tambem de cunho official, á Guiana Franceza, trouxe de lá o sargento-mór Palheta as primeiras mudas e sementes do cafeeiro que entraram no Brasil (veja-se, a esse proposito, a nossa monographia, estampada em «O Jornal» de 15 de outubro de 1927, sob o titulo «Quem era Francisco de Mello Palheta, o introductor do cafeeiro no Brasil»).

dinados de Palheta (177) e que preferiu guardar o anonymato. A primeira publicação do dito relatório (encontrado numa collecção de diversos manuscriptos, offerecida pelo fallecido livroeiro João Ribeiro Martins á nossa Bibliotheca Nacional) deveu-se ao inolvidavel Capistrano de Abreu, que o inseriu na "Gazeta Literaria" (excellente revista, de curta duração, aqui dirigida por Teixeira de Mello e Valle Cabral), ns. de 11 de outubro e 24 de novembro de 1884 (pags. 272-276 e 387-391 do vol. I, unico publicado). Eis o titulo do mesmo: — "Narração da viagem e descobrimento que fez o Sargento Mór Francisco de Mello Palheta no Rio da Madeira e suas vertentes, por ordem do Senhor João da Maia da Gama do Conselho de Sua Magestade, que Deus Goarde, seu Governador e Capitam General do Estado do Maranhão, cuja viagem e expedição se fez no anno primeiro do seo governo: e se gastou nella desde 11 de Novembro de mil setcentos e vinte dous the 12 de Setembro de mil setcentos e vinte tres".

A expedição, que levava um capellão e bom numero de soldados, compunha-se de uma galera, "Santa-Euphrosina-e-Santo-Ignacio", que era a capitanea, de tres galeotas, "Santa-Rita-e-Almas", "Menino-Deus" e "Santa-Rosa", e de uma canôa-armazem, "São-José-e-Almas". Até certa distancia, a caudal já era bem conhecida, pois, em 1716, conforme narra Baena (ob. cit.), o capitão-mór do Pará, João de Barros da Guerra, em batida aos indios torás, galgara o Madeira por cerca de 70 leguas, até á "ribanceira vermelha por cima do lago Manicoré". Depois de longo e penoso percurso, em que teve que vencer nada menos de 23 cachoeiras, servindo-se de varadouros na maior parte dellas, chegou Palheta, em 1.º de agosto de 1723, á foz de dois rios, um de agua preta e o outro de agua branca: eram o Itenes (Guaporé) (178) e o Mamoré, isto é, os formadores do

(177) Palheta, em petição indatada (provavelmente de 1733) a d. João V, fez apenas ligeiras referencias á expedição de 1722-1723, como se pôde ver da carta-régia de 16 de fevereiro de 1734, acompanhada do requerimento do benemerito paraense («Annaes da Bibl. e Arch. Publ. do Pará», VI, 228-229).

(178) «Iténez», como se pôde ver do «Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brazil» de Milliet de Saint-Adol-

Madeira. Subindo o Mamoré, alcançou o sargento-mór paraense, guiado por um índio espanhol, a aldeia de Santa-Cruz de Cajuava (179), sita á margem do dito rio. Deteve-se quatro dias alli, onde colheu dos jesuitas castelhanos informações bastante curiosas sobre Santa-Cruz de La-Sierra e os índios daquela região andina. Despedindo-se dos ignacianos a 11 de agosto, Palheta voltou pelo Mamoré ao leito do Madeira e por este regressou ao ponto de partida.

O motivo que levou João da Maia da Gama a armar essa expedição, que, sob pretexto de descobrimento do rio Madeira e de suas nascentes, ia realmente em busca de novos caminhos fluviais que facilitassem as communicações entre o Pará e as possessões espanholas do Perú (ainda não existia a Bolivia, creada em terras do alto-Perú por Bolívar, no século XIX), cujas inexgotáveis minas de prata eram, a esse tempo, causa de não pequena inveja da metropole portugueza, — não o explicou Capistrano de Abreu, nem serei eu quem o revele com irretorquível certeza. Parece-me, comtudo, que a viagem de Palheta deve

---

pho, é o «nome que os castelhanos dão communmente ao rio Guaporé, na provincia de Mato-Grosso». Provém, como verifiquei, dos índios *itenes*, habitantes do territorio sito entre o Guaporé e o Mamoré.

(179) *Cajuavas, cajuavvas, cajuabas, cayoabas* (e até *cayoabás* em J. Severiano da Fonseca, ob. cit., II, 239-240) chamavam-se os índios bolivianos occupantes das terras entre o Yacuma e o Yruyani, afluentes da margem esquerda do Mamoré. As indicações do relatório deixam fóra de duvida que a redução jesuitico-espanhola, a que chegou a expedição de Palheta, devia achar-se á margem occidental do Mamoré, em logar não distante do em que neste desagua o Yacuma, isto é, a actual «Exaltación» dos mais recentes mappas bolivianos. Com effeito, só a tal ponto é que podiam attingir, com um ou dois dias de viagem, os missionarios castelhanos de «Santa-Ana», junto ao Yacuma, e de «San-Pedro de Moxos», nas cabeceiras do Machupo. Por se tratar de territorio estrangeiro, guiei-me, para esta nota, pelo «Mapa general de la República de Bolivia» (7.ª ed., 1908), de Luis Garcia Meza, na falta de mais antiga e precisa carta geographica daquela região. A aldeia, a que chegou Palheta e denominada, no relatório do subordinado deste, «Santa-Cruz de Cajuava», foi chamada depois, pela gente de Manuel Felix de Lima, «Exaltação da Cruz». O toponymo primitivo, entre os jesuitas castelhanos, era «Exaltación de Santa-Cruz», reduzido por fim ao vocabulo inicial, como se vê no mappa de Meza, por effeito da «lei do minimo esforço», tambem chamada «lei da preguiça».

ter sido determinada por duas ordens régias, datadas ambas de 25 de março de 1722 ("Annaes da Bibl. e Arch. Publ. do Pará", I, 196-197) e expedidas por d. João V ao referido governador, que provavelmente as trouxe consigo de Lisbôa, visto como só se empossou do cargo a 19 de julho do dito anno, e envidou logo os melhores esforços para cumpril-as. A primeira referia-se á probabilidade de haver prata em algumas serras do sertão dos dominios portuguezes no Brasil; e a segunda ás vantagens de abrir-se commercio com os castelhanos de Quito, pois por esse meio se poderia tirar "alguma prata", o que redundaria em beneficio do Estado do Maranhão e do proprio reino metropolitano. Pelo contexto dellas, verifica-se que resultaram de representações do proprio João da Maia da Gama, certamente quando este ainda se encontrava em Lisbôa. E' tambem provavel que, resolvendo fazer seguir Francisco de Mello Palheta pela via do Madeira, que não pela bem conhecida do Amazonas, que o referido militar já cursara com a conducção do padre Fritz, cogitasse o governador do Estado do Maranhão de averiguar si por alli poderiam estabelecer-se communicações com as regiões auríferas de Goiaz e Mato-Grosso, cuja fama indubitavelmente já haveria chegado a Belém-do-Pará. Este ultimo caso foi resolvido espontaneamente por um aventureiro, quatro lustros depois.

A' viagem de Manuel Felix de Lima, effectuada em 1742-1743, consagrou Southey (V, 398-440) bom numero de paginas, pois o historiador inglez teve em mãos não só o relatório manuscripto daquelle aventureiro lusitano, como tambem o dos depoimentos prestados perante o ouvidor de Cuiabá pelos que, em meio da jornada, abandonaram a Lima. Contando-se os escravos e indios auxiliares, o bando era de 50 pessoas, sendo reinões o chefe, assim como tres dos seus subordinados, Joaquim Ferreira Chaves, Vicente Pereira de Assumpção e Manuel de Freitas Machado; havia um natural do Rio-de-Janeiro, João dos Santos (é o "João dos Santos Varneque", a quem se refere José Barbosa de Sá), e cinco paulistas, Tristão da Cunha Gago e seu cunhado João Barbosa Gato, Matheus Corrêia Leme, Francisco Leme do Prado e Dionysio Bicudo. Em duas ca-



nôas, desceram elles o Sararé (Lima fôra um dos compaheiros de Antonio Fernandes de Abreu no descobrimento daquella região e alli permanecera até 1742) até á sua junção com o Guaporé, e num porto deste, chamado Pescaria, construíram mais duas canôas e abasteceram-se de viveres para a continuação da róta fluvial. Depois de dez dias de navegação pelo Guaporé, chegaram a um acampamento onde estivera, á caça de indios e de minas, o paulista Antonio de Almeida e Moraes, que, vindo, dois dias depois, ter com o bando de Lima, o alarmou com a noticia de que alli adeante existiam selvicolas, ferozes e numerosos, habéis manejadores de lanças. Foi então que 14 dos compaheiros de Lima (entre os quaes Tristão da Cunha Gago, que se associou a Antonio de Almeida e Moraes para novos descobrimentos) abandonaram a este, regressando ás margens do Sararé. Lima e o resto da sua gente proseguiram pelo Guaporé abaixo, e, entrando por um seu affluente da esquerda, o Baurés, foram, guiados por um indio espanhol já christão, dar na aldêia de São-Miguel, dirigida pelo jesuita allemão, padre Gaspar de Prado. Volvendo ao Guaporé, Lima e o seu bando desceram-n-o de novo, até encontrarem o Ubay (tambem chamado Itonamas e Magdalena), subindo o qual foram ter á redução de Santa-Maria-Magdalena, pastoreada pelo jesuita hungaro padre José Reiter, coadjuvado pelo jesuita italiano padre Athanasio Theodoro. Alguns dos compaheiros de Lima foram, em canôas, até Exaltação-da-Cruz, sobre o Mamoré (180). O aventureiro reinol, com o resto do seu bando, tornou a entrar no Guaporé, descendo-o até á sua junção com o Mamoré, formando ambos o Madeira, assim chamado "da porção de paus que, depois das chuvas, acarreta ao Amazonas". Perdendo a esperança da volta dos compaheiros acima referidos, seguiu Lima pelo Madeira, com a restante porção da sua gente. Até chegar a Belém-do-Pará, soffreu um naufragio, passou pelos horrores da fome e escapou difficilmente de um ataque dos

---

(180) Exactamente a aldêia a que havia chegado a expedição de Palheta.

índios muras (181). Foi, portanto, Manuel Felix de Lima o primeiro que abriu communicação entre Mato-Grosso e o Pará. Tão importante foi julgado esse feito pelo então governador do Estado do Maranhão, João de Abreu Castello-Branco (1737-1747), que este, sem demora, mandou Lima a Lisbôa, afim de dar pessoalmente ao governo metropolitano conta de sua audaciosa expedição.

A este cyclo de bandeiras fluviaes pertencem algumas outras, que se seguiram á de Lima e se estenderam até ao crepusculo do seculo XVIII. Assim é que João de Sousa Azevedo, de 1740 a 1747, desceu o Arinos e o Tapajóz até ao Amazonas (encontrando João Leme do Prado, que marchava em sentido inverso) e, por este, foi ter ao Tocantins, pelo qual chegou a Belém-do-Pará, donde regressou a Mato-Grosso pelo caminho que franqueara a expedição de Manuel Felix de Lima. Um dos companheiros deste, o reinol Joaquim Ferreira Chaves, que assentara praça em Belém-do-Pará, desertou pouco depois e voltou a Cuiabá, pelo caminho fluvial que percorrera em 1742-1743, indo estanciar, depois, ás margens do Guaporé. Já vimos, por linhas atrás, as viagens do cyclo goiano, realizadas por Antonio Luiz Tavares Lisbôa, Thomaz de Sousa Villa-Real e d. João Manuel de Menezes.

As expedições de Palheta e Lima, — coroando a epica façanha de Antonio Raposo Tavares, realizada em meados do seculo XVII, — puzeram em contacto portuguezes e espanhóis em nosso *far-west*. Dahi resultou o travarem elles relações commerciaes. Os companheiros de Lima, que tinham ido á aldêia de Exaltação de Santa-Cruz, dalli regressaram á de Santa-Maria-Magdalena, onde, informados da partida de seu chefe,

---

(181) José Barbosa de Sá, em sua «Relação das povoaçoens de Cuyabá e Mato Grosso» («Annaes da Bibl. Nac.», XXIII, 42), escripta em 1775, trata da expedição de Manuel Felix de Lima, da qual dá um resumo bastante fiel, qual se infere da longa exposição feita por Southey, calcada em documentos. Henrique Americo de Santa-Rosa, em sua monographia «A depressão amazonica e seus exploradores» («Annaes do 1.º Congresso de Historia Nacional», II, 315), menciona como realizada em 1742 a viagem de Leonardo de Oliveira, morador em Mato-Grosso, e que desceu pelo Tapajoz até á missão de São-José.

preferiram retornar a Mato-Grosso. Eram Francisco Leme do Prado, Matheus Corrêa e João dos Santos Varneque (esta forma de cognome, bem como a de *Berneque*, que se nos deparou em documentos do Archivo Nacional, são aporuguezamentos de *Werneck*), cujos depoimentos, a que se refere Southey, foram tomados pelo ouvidor de Cuiabá. Tais informações ministraram elles sobre as vantagens do commercio com as reduções hispano-jesuíticas em que tinham estado, que as autoridades mato-grossenses immediatamente organizaram duas expedições ao aranhol daquela vasta rêde fluvial. A primeira foi commandada por José Barbosa de Sá, que levou em sua companhia a João dos Santos Varneque e partiu de Cuiabá em fevereiro de 1743. Em sua "Relação" (pag. 43), atrás citada, diz elle ter visitado as missões espanholas da margem esquerda do Guaporé e chegado até Santa-Cruz de La-Sierra; e attribue vaidosamente ao relatório de sua expedição o ter a metropole elevado Mato-Grosso, logo depois, á categoria de capitania-geral. A segunda foi capitaneada por Francisco Leme do Prado, que partiu de Cuiabá em março de 1743, em rumo ao Guaporé, em cuja margem oriental achou a aldêia de Santa-Rosa, alli erguida de fresco pelos castelhanos, que prohibiram áquelle paulista a passagem por ella. Como se pôde ver nos "Annaes da provincia de S. Pedro" (pag. 56 da 2.<sup>a</sup> ed.) do visconde de São-Leopoldo, apoderou-se da aldêia de Santa-Rosa o governador de Mato-Grosso, d. Antonio Rolim de Moura (1751-1765), que a substituiu por um presidio militar com o nome de Nossa-Senhora-da-Conceição. E, como aquelle ponto fronteiro tivesse sido julgado da maior importancia para as questões suscitadas entre Portugal e Espanha, foi alli fundado o forte do Príncipe-da-Beira, em 1776, no governo de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres (1772-1780).

E' incontestavel que essas explorações dos rios occidentaes (182) do Brasil influiram consideravelmente nas negociações

(182) Houve tambem expedições aos rios septentrionaes, em defesa da Guyana brasileira, quaes a do sargento-mór Francisco de Mello Palheta (veja-se o nosso trabalho sobre o mesmo, inserto em «O Jornal» de 15 de outubro de 1927), em 1727 (e da qual resultou a intro-

do tratado de Madrid, de 1750, que triplicou a área attribuida ao nosso paiz pelo concerto de Tordesillas. Além da sábia medida da erecção das terras de Goiaz e Mato-Grosso, em 1744 e 1748, á categoria de capitánias-geraes, — argumento robusto para a victoria do principio do *uti-possidetis*, fulcro em que se assentou o tratado de Madrid, — o governo da metropole, preocupado, a instancias dos seus representantes no Estado do Maranhão, com o tráfego commercial entre este e aquellas capitánias do oeste brasileiro, permittiu-lhes as communicações, como se vê da carta-régia de 14 de novembro de 1752 (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras”, 90, pags. 172-173), “somente pelo rio da Madeira e Guaporé, e não por algum outro”.

Foi assim que a expansão geographica do Brasil attingiu ás actuaes fronteiras para o lado dos Andes.

#### d) Novos descobrimentos em Minas-Geraes e no “hinterland” da Bahia e do Espirito-Santo

Dois factores contribuíram, no primeiro quartel do seculo XVIII, para que chegasse ao seu maximo esplendor o grande cyclo do ouro em Minas-Geraes: a tremenda crise de fome de 1700 a 1701 (183) e a criação de gado. Outros dois factores cooperaram para uma nova irradiação, que se operou alli no segundo quartel do seculo XVIII: a revelação das riquezas metallicas de Goiaz e o descobrimento dos diamantes.

A dispersão, motivada pela carestia de generos alimenticios, deu em resultado os seguintes descobrimentos, effectuados pelos bandeirantes (sobretudo taubateanos) já estabelecidos no ribeirão do Carmo e no Tripuhy: Domingos Velho Cabral, Roque

---

duccão do cafeeiro em nosso paiz), e a de Francisco José Rodrigues Barata, em 1798-1799 (veja-se sobre este a «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras», VIII, 2.<sup>a</sup> ed., 1-53 e 157-204).

(183) Vejam-se, a proposito desse factor, os nossos escriptos estampados na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXVII, p. 1.<sup>a</sup>, 92, na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», XVIII, 480-484, e em «Documentos interessantes», LI, 363-367.

Soares Medella, Salvador Rodrigues Negrão, João Antonio Rodrigues, Boaventura Furtado de Moraes, Pedro Vaz de Barros, Manuel Affonso Gaya e João de Sousa Castelhanos occuparam varios sitios por aquellas circumvizinhanças até ao arraial do Forquim, abaixo do qual foi parar Mathias Barbosa da Silva, que fundou o arraial de Barra-Longa; Antonio Fernandes e Feliciano Cardoso (filhos de Salvador Fernandes Furtado de Mendonça) (184) descobriram as minas de Lavras-Novas (ribeirão dos Prazeres), Rocha (Conceição), Pinheiro e Bacalhau; Pedro Ferreira Cibrão e Francisco Lopes Bonito ficaram pouco abaixo de Miguel-Garcia; os irmãos Mainardis (Jorge e Guilherme), Miguel Rodrigues Garcia e Pedro Corrêia de Godoy installaram-se no Gualaxo-do-Sul; João de Siqueira Affonso (que tambem collaborou no descobrimento de ouro na região do rio das Mortes) revelou as minas e fundou o arraial (hoje cidade) de Piranga, em 1704, e dois annos depois achou as jazidas das fraldas da Mantiqueira, onde se ergueu a hoje cidade de Ayuruoca; pela mesma data (1706), um dos descobridores de Ouro-Preto, Antonio Dias de Oliveira, retornando de São-Paulo (para onde o tanger a crise da fome), fundou o arraial de Antonio-Dias-Abaixo, onde morreu em avançada ancianidade.

Em derredor das opulentas minas de ouro, descobertas por Manuel da Borba Gato na região do Sabará, surgiram muitos arraiaes, devidos a diversos bandeirantes paulistas: o Anhangüera Junior e seus futuros genros, João Leite da Silva Ortiz (185)

---

(184) Pelo inventario de Francisco Pedroso (cartorio de orfams de Taubaté e informação que devo ao fallecido dr. Gentil Moura), de quem era cunhado Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, vê-se que este penetrou no sertão dos Caetés por volta de 1687.

(185) Fiando-se de mais em Taques, Abilio Barreto, em sua excellente monographia sobre «Bello Horizonte» (pags. 71-72), dá Ortiz como tendo organizado em São-Paulo uma bandeira de 500 homens, com a qual, em 30 de junho de 1722, partiu para Goiaz, ao encontro do sogro. Mas a noticia dada ao padre Diogo Soares pelo alferes José Peixoto da Silva Braga («Rev. do Inst. e Geogr. Bras.», LXIX, p. 1.<sup>a</sup> 220) deixa patente que o Anhangüera Junior partiu de São-Paulo em 3 de julho de 1722, com 155 homens (152 soldados e 3 frades), tendo Ortiz ficado atrás; na região do rio das Velhas, o Anhangüera Junior, com a maior parte da sua tropa, tocou-se para deante; mas, che-

e Domingos Rodrigues do Prado, estabeleceram-se em São-João-do-Pará, Cercado (depois Curral-del-Rey e hoje Bello-Horizonte) e Pitanguy, nos primeiros annos do seculo XVIII; pela mesma época, José Marques fundou o arraial do Ribeirão-dos-Macacos; Francisco Rodrigues Penteadado e seus irmãos fundaram o da Roça-Grande; os irmãos Rapôso, o que lhes tomou o nome, conservado até agora; Matheus Leme, o de Itatiayuçu; Bento Pires e seus filhos, o que tomou o nome de Bento-Pires; José Rodrigues Betim e Antonio Pereira Taques, o do Betim (hoje Capella-Nova); e Francisco de Arruda e Sá, com outras pessoas de sua familia, estanciou á margem do ribeirão, que ainda hoje lhes perpetua o cognome (ribeirão dos "Arrudas").

A esses e outros sertanistas, aos quaes deveu Minas-Geraes o seu devassamento e povoamento, não hesitou Claudio Manuel da Costa em assim enaltecer no seu poema "Villa-Rica" (pag. 46):

«Vê os Pires, Camargos e Pedrosos,  
Alvarengas, Godóys, Cabraes, Cardosos,  
Lemos, Toledos, Paes, Guerras, Furtados,  
E os outros, que primeiro assignalados  
Se fizeram no arrojado das conquistas.  
O' grandes sempre, ó immortaes paulistas!»

Nos primeiros annos do seculo XVIII, começou tambem a ser revelado o ouro do sul de Minas. Assim é que, conforme se lê na memoria historica "Itajubá — (1703-1832)" de Geraldino Campista ("Annaes do 1.º Congresso de Historia Nacional," II, 433-485), foi o sargento-mór Miguel Garcia Velho quem, em 1703, descobriu pinta de ouro na paragem que denominou Caxambú (note-se que na coll. "Governadores do Rio de Janeiro", XIV A, fls. 693, ha um doc. em que tal toponymio é

gando alli Ortiz, que era esperado por parte da gente do sogro, com esta seguiu a alcançal-o, o que só conseguiu depois de quatro dias de viagem. Deve ser exaggerado o numero que attribue Taques á gente de Ortiz, a qual não devia ser maior do que a reunida pelo sogro. O que, entretanto, está fóra de duvida é que Ortiz foi quem entrou com o maior capital exigido pelos aprestos da expedição, por ser elle, então, o mais rico dos consanguineos e affins do filho do Anhanguera.

escripto "Guaximbú", o que quer dizer "rio de guaxima") e, explorando os terrenos circumvizinhos, achou as minas de Itagybá, hoje Itajubá.

Do descobrimento das ricas lavras do rio das Mortes (186), o sargento-mór José Mattos, que residia então em São-João-del-Rey, deu em 1733 a seguinte informação ao padre Diogo Soares ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 285-287): — "O que posso informar a V. Revm<sup>a</sup> sobre o que me ordena, é que, no anno de 1702, pouco mais ou menos, descobriu Thomé Portes d'El-Rei junto ao sitio, em que hoje está a Villa de S. José, um Ribeiro que elle, como substituto do Guarda-mór Garcia Paes, repartio entre si e alguns Taubateanos, onde formaram todos um arraial, a que deram o nome de Santo-Antonio, levantando nelle uma pequena Capella com a invocação do mesmo Santo, e nesta teve principio a primeira freguezia deste districto. No anno de 1704, com pouca differença, morando sobre o Rio das Mortes desta parte, aonde hoje é, e foi sempre, o porto da passagem, Antonio Garcia da Cunha, Taubateano, que, por morte do dito Thomé Portes, seu sogro, succedeu em Guarda-mór para a repartição das terras mineraes, assistia na sua vizinhança um Lourenço da Costa, natural de S. Paulo, que servia ao dito Antonio Garcia de seu escrivão das datas; este descobriu o Ribeiro que corre por detraz dos morros desta Villa de S. João para a parte de Noroeste, e foi repartido entre varias pessoas com o nome de S. Francisco Xavier, e tem dado, e dá ainda hoje, ouro, e não só no principio do seu descobrimento, mas em alguns annos depois se lhe acharam em algumas paragens pintas ricas. Neste mesmo tempo um filho de Portugal, chamado Manoel João Barcellos, descobriu pelo morro desta Villa, em que hoje se minera, muito e bom ouro, e foi o primeiro que se descobriu pelo campo, fóra dos ribeiros e suas margens. Descoberto e repartido o dito morro, o primeiro que nelle se poz a faiscar foi um Sr. (*fr.?*) Pedro do Rosario, da Ordem de S. Paulo, e a seu exemplo os

(186) A expressão «rio das Mortes» precede de muito á guerra dos emboabas, pois já figura em documento de 1701, existente no Archivo Nacional (coll. «Governadores do Rio de Janeiro», VII, fls. 77).

mais que tinham na dita repartição sua parte, acharam estes pela raiz do capim muitas e boas manchas, a que naquelle tempo chamavam panellas, de 300, 500 e 700 e mais oitavas, com tanta facilidade que, convidados della alguns dos vizinhos, e outros vindos de fóra, uns pedindo alguns restos do dito morro, e outros associando-se, formaram arraial ao pé do mesmo morro, pela paragem que está da Matriz até ao mesmo morro, com uma Capella dedicada a Nossa Senhora do Pilar, que depois foi a segunda freguezia, e assim lhe deram o nome de Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, em razão do Arraial de Santo Antonio ser primeiro, pelo que ficou sendo arraial velho, nome que perdeu, creando-o Villa no anno de 1718 o conde de Assumar, D. Pedro d'Almeida, sendo Governador e General destas Minas, e dando-lhe o nome de S. José, quatro annos depois da erecção desta por D. Braz Balthazar da Silveira, seu antecessor, no anno de 1714, debaixo do titulo de S. João d'El-Rei. Nesta, e na de S. José e seus termos, se lavra até o presente por terra, e pelo mesmo rio das Mortes e suas margens, e se tem topado em diferentes tempos com boas pintas, e grandes manchas; porque da outra parte do rio, aonde chamam o Corrego, que tambem é descoberto desde o principio destas Minas, se tem dado varias catas de grandes conventos (*proventos?*), como tambem por matto dentro da Villa de S. José, e ainda na mesma Villa com boas e ricas Guapiaras. Nesta rossa de S. João se tem achado pelo pé do morro della varias manchas de consideração na primeira formação, e na que chamam segunda muito maiores, profundando-a alguns dos mineiros, que a tem lavrado pela (*parte*) baixa do mesmo morro, que corre da parte do Ribeirão da Villa para o poente, por alguns signaes, que toparam na primeira formação; como tambem pela vargem, que se estende do mesmo Ribeiro da Villa até onde chamam o Tojuco, se tem extrahido muito ouro. Tambem no mesmo rio das Mortes, no sitio a que chamam o Cuyabá (*Cajurú?*), se tirou estes annos proximos uma mancha de pedaços d'ouro; no mesmo anno de 1730 tirou o Capitão João Ferreira dos Santos uma excessiva grandeza, havendo tirado no mesmo Cuyabá (*Cajurú?*), 5 ou 6 (*an-*



nos) antes, em todos eles bastante ouro; no mesmo anno de 1730 teve a mesma fortuna João d'Oliveira e seus socios, tirando igual grandeza á de João Ferreira dos Santos, e só com a differença que este o achou no veio do rio, e aquelle no barranco do mesmo rio, e no sitio, que partia com o veio, que lavrou o dito João Ferreira dos Santos; e assim por todos os barrancos de uma e outra parte se tira actualmente bastante ouro. Como tambem pelo veio do mesmo rio, nas suas itaybas, ou ilhas cobertas d'agoa, tirando-se de mergulho; porque, onde as não ha, de faisca, com canôas armadas de uns ferros á maneira de colhéres" (187).

A região do Caeté attraheu tanto os paulistas, quanto os reinões e os bahianos, alguns dos quaes se tornaram famosos na guerra dos emboabas. Assim é que os descobridores das primeiras jazidas de ouro da depois Villa-Nova-da-Rainha foram, em 1701, os paulistas Leonardo Nardes de Arzão (188) e os dois irmãos Guerras (Antonio Leme e João Leme), ambos moradores em Santos. Logo depois, Jeronymo Pedroso, Bento do Amaral da Silva e Manuel Rodrigues de Góes tambem se estabeleceram por alli. Sobre as minas do Caeté, diz Antonil (ob. cit., 145): "entre ellas ha a do ribeiro, que descobriu o capitão Luiz do Couto, que da Bahia foi para essa paragem com tres irmãos, grandes mineiros" (189). E, quanto a Sebastião

---

(187) Este documento foi evidentemente impresso com erros de cópia. José de Mattos não podia ignorar que São-João-del-Rey foi elevada á categoria de villa em 8 de dezembro de 1713. Acha-se no mesmo, além da expressão inintelligivel «catas de grandes conventos», o toponymio *Cuyabá*, que presumo ser *Cajurú*, arraial do municipio de São-João-del-Rey e no qual ainda hoje se encontra ouro.

(180) Sobre este Leonardo Nardes, veja-se a provisão que encontramos no Archivo Nacional e o que escrevemos sobre os Arzões (a cuja familia elle pertencia), no vol. LI dos «Documentos interessantes», pags. 27-28 e 342-348.

(189) Na guerra dos emboabas, Luiz do Couto reuniu sob o seu commando, conforme Diogo de Vasconcellos («Historia antiga das Minas-Geraes», 218), além das forças anti-paulistas do Caeté, as que o pernambucano Agostinho Monteiro de Azevedo organizou no rio das Velhas e as que o reinol Manuel da Silva Rios armou no Sabará. Segundo o autor anonymo do documento intitulado «Compendio das épocas da capi-

Pereira de Aguilar, eis o que delle conta Diogo de Vasconcellos ("Historia antiga das Minas-Geraes", 189-190): — "Sebastião Pereira de Aguilar, bahiano, famoso pelas suas riquezas no Caeté, senhoreou toda a vasta região que se estende de Bento Pires até as mattas do Anhanhencanha (Sumidouro do Rio das Velhas), incluído o ribeirão das Aboboras, onde fundou o arraial da Contagem. Como importador de gado dos curraes da Bahia e do districto dos Couros, tinha alli as pastagens; e o arraial tomou o nome de Contagem, por ser onde eram as rezes contadas para a taxa das entradas". Sabe-se que Manuel Nunes Vianna morou longos annos na região do Caeté, onde possuiu lavras nas abas da serra da Piedade.

Ainda por aquellas bandas, repontaram, em começos do seculo XVIII, varios arraiaes, fundados pelos sertanistas de São-Paulo: Domingos Rodrigues da Fonseca Leme (cunhado de Garcia Rodrigues Paes) descobriu o Ribeiro-do-Campo (Congonhas-de-Sabará, depois Villa-Nova-de-Lima e hoje Nova-Lima), bem como as minas de Nossa-Senhora-do-Cabo (veja-se Antonil, ob. cit., 145); ao Forquim, que attrahiu tantos bandeirantes, tambem chegou, em 1703, Antonio Rodovalho da Fonseca, acompanhado de Sebastião de Freitas Moreira e Francisco Alvares Corrêia, conforme o relato de Perdigão ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 280): Domingos Borges foi estanciar em Catas-Altas; e Antonio Bueno, finalmente, no arraial de Santa-Barbara (hoje cidade do mesmo

---

tania de Minas Geraes, desde o anno de 1694 até o de 1780» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», VIII, 2.<sup>a</sup> ed., 53-64), os chefes emboabas, além de «Bento do Amaral Coutinho» (hoje se sabe que se chamava «Bento do Amaral Gurgel»), foram: «o mestre de campo Domingos Fernandes Pinto, o mestre de campo Pascoal da Silva Guimarães, o mestre de campo Manoel Rodrigues Soares, o tenente general Sebastião Carlos Leitão, o mestre de campo Aguilar, o brigadeiro Antonio Francisco da Silva, o capitão Manoel Pereira Ramos, o capitão Francisco de Campos, o capitão Domingos Mendes, o capitão de Bigodes, o padre fr. Trino, Antonio de Magalhães e muitos outros que não merecem nome, sendo o governador de todos elles Manoel Nunes Vianna». O tal «capitão de Bigodes» explica-se por haver então uma «companhia de soldados de bigodes»; e, quanto ao «padre fr. Trino», era, sem duvida, o famoso fr. Francisco de Menezes, religioso da ordem da Trindade.

nome) e no Brumado. Conforme peças historicas que colligimos e annotámos (veja-se o vol. LI dos "Documentos interessantes", 357-363), as ricas jazidas auríferas de Itacambira, por onde andou o caçador das esmeraldas, foram descobertas em fins de 1700, pois que Arthur de Sá e Menezes creou alli um districto a 13 de fevereiro de 1701, nomeando-lhe por autoridades os descobridores: Antonio Soares Ferreira (guarda-mór), Balthazar de Lenios de Moraes Navarro (procurador da fazenda real) e Antonio Gomes (escrivão), este substituido no cargo, em 8 de março de 1702, por João Fernandes Mascarenhas. Antonio Soares Ferreira, seu filho João Soares Ferreira e Manuel Corrêia Arzão dalli partiram a descobrir as riquezas do Ivi-turoí, fundando o arraial que, pela versão daquelle nome indigena, se chamou do Serro-do-Frio (hoje cidade do Serro), que se annexou ao districto de Itacambira, por acto de 15 de março de 1702 (190). De Antonio Soares Ferreira tambem era filho Gaspar Soares, que foi quem descobriu, em 1703, o morro que lhe tomou o nome, "Morro de Gaspar-Soares", mais tarde chamado "Morro do Pilar" (191).

No seculo XVIII foi que terminaram a conquista e povoamento das margens do São-Francisco e de alguns outros rios que das Minas-Geraes correm para a ourela atlantica. Prende-se tal devassamento a dois eponymos, um dos quaes companheiro do caçador das esmeraldas: Mathias Cardoso de Almeida e seu cunhado Antonio Gonçalves Figueira.

Do "arraial de Mathias Cardoso" (actual Conceição-de-Morrinhos) passou-se Januario Cardoso, filho e successor de Mathias, para o Arraial-do-Meio, e, depois, para Morrinhos, que se tornou a séde dessa irradiação. Januario bateu ou pa-

(190) Francisco Machado da Silva («Rev. do Arch. Publ. Min.», IV, 298-299) tambem se declarou, no seculo XVIII, o primeiro descobridor da comarca do Serro-Frio, especialmente das paragens chamadas Caitê-Mirim, Rio-Pardo, Morrinhos, Rio-do-Peixe e Rio-Manso.

(191) Nesse morro, proximo de Conceição-do-Serro e a 25 leguas de Diamantina, foi que Manuel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá fabricou, pela primeira vez no Brasil, o ferro-gusa, em 1814 (v. J. F. dos Santos, «Memorias do Districto Diamantino», 1.ª ed., 295-307, e Marcos Carneiro de Mendonça, «O intendente Camara», 192-193).

cificou os indios daquella vasta zona até ao rio Carinhanha, tornando-se, desse modo, o regente de um dos maiores districtos do *hinterland* mineiro. A um portuguez aventureiro, Manuel Pires Maciel, que Januario Cardoso tomou a seu serviço, bem como a um sobrinho deste, Manuel Francisco de Toledo, é que se deve a formação de varios arraiaes do São-Francisco, resultantes da montaria aos selvicolas e da caça ao ouro: Brejo-do-Salgado, Santo-Antonio da Manga (depois "Julgado de São-Francisco", em 1719, e, por fim, villa de "São-Romão"), Itabiraçaba (ou Tapiraçaba), de que resultou o arraial de Nossa-Senhora-do-Amparo (hoje cidade de Januaria, a maior do valle sanfranciscano e assim chamada em homenagem a Januario Cardoso). O autor do "Esboço historico do municipio da Januaria" ("Rev. do Arch. Publ. Mineiro", XI, 373-397) menciona ainda outras povoações do valle do São-Francisco, quaes sejam Japoré, Retiro, São-João das Missões, Pedras-de-Baixo e Capão-do-Cleto, cuja fundação attribue a Januario Cardoso e parentes deste.

Já vimos que Antonio Gonçalves Figueira se estabelecera ás margens do rio Pardo (então chamado rio das Urinas), onde, batendo e escravizando os incolas selvagens, levantou o engenho do Brejo-Grande e fundou as estancias de Jahyba, Olhos-de-Agua e Montes-Claros (hoje cidade do mesmo nome) (192); dalli seguiu para o rio Verde e abriu o caminho do São-Francisco á ribeira do Jequitahy, prolongando-o depois, por mais de 40 leguas, até ao rio das Velhas.

Pelos fins do seculo XVII, segundo corre, começou o descobrimento de jazidas auríferas naquella região: João (ou Antonio) Luiz dos Passos e Miguel Domingues alli penetraram por volta de 1698, aquelle no sertão do rio Pardo e o outro na região de Itacambira, onde fundou o arraial de Santo-Antonio

---

(192) Da fazenda «Montes-Claros», fundada por Antonio Gonçalves Figueira, resultou a villa de Montes-Claros-de-Formigas (hoje cidade de Montes-Claros). A sesmaria obtida alli por Figueira traz a data de 12 de abril de 1707, como affirma Urbino de Sousa Vianna, em sua excellenté «Monographia do municipio de Montes-Claros», (pag. 39),

do Bom-Retiro. Infelizmente, pouco adianta, quanto a taes descobrimentos, a interessante "Chorographia do municipio do Rio Pardo" (Bello-Horizonte, 1908) de Antonino da Silva Neves.

Em 1726, 1727 e 1728 (governo de d. Lourenço de Almeida), o capitão Luiz Borges Pinto, saindo do arraial de Guarapiranga, chefiou ao sertão do rio da Casca tres bandeiras, organizadas á sua propria custa e destinadas ao descobrimento de riquezas metallicas. Explorou as margens dos rios Xipotó, Abatipó (hoje Matipó) e Casca, chegando até á barra do rio dos Coroados. A noticia de taes expedições foi dada por elle proprio ao padre Diogo Soares ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 263-267).

Novas bandeiras, por essa mesma época, rumaram para as bandas da Bahia e do Espirito-Santo: taes as de Braz Esteves Leme e Sebastião Leme do Prado; este, entrando nos recessos do Araçuahy e do Fanado, descobriu as jazidas auríferas dessa zona e fundou, em 1727, o arraial de Bom-Successo, nucleo da futura e prospera villa de Minas-Novas. A essas e outras expedições anonymas é que se deve, por aquellas bandas, o surto dos arraiaes denominados Itapera, Paiol, Agua-Suja, Piedade e São-Pedro do Fanado. A villa de Nossa-Senhora-do-Bom-Successo das Minas-Novas do Araçuahy, erecta em 21 de maio de 1729, esteve sujeita ora ao governo da Bahia, ora ao de Minas-Geraes, até que em 1760 se incorporou definitivamente na ultima capitania.

O descobrimento de Goiaz pela bandeira do Anhangüera Junior tambem provocou, em começos do segundo quartel do seculo XVIII, um novo surto de expansão em Minas-Geraes. Foi, com effeito, nessa época, que os mineiros, levando as suas bandeiras desde as nascentes do rio das Velhas até ás margens do Parnahyba, abriram a chamada "Picada de Goiaz" (193). Foi então que se conquistaram e povoaram, dentro em poucos annos, os rincões de Bambuhy, Piumhy, Campo-Grande, Pa-

(193) Veja-se o dilucidativo capitulo, que, sob o titulo «Picada de Goiás», inseriu Diogo de Vasconcellos em sua «Historia média de Minas-Geraes», 154-157.

trocínio, Paracatú, Araxá e Desemboque. Estes dois ultimos pertenceram a Goiaz até 4 de abril de 1816, data em que foram annexados a Minas-Geraes.

Um dos primeiros sertanistas desse novo cyclo foi o alferes Moreira. Corria por esse tempo a noticia de que havia muito ouro no morro da Esperança; e elle, em 1731-1732 (governo de d. Lourenço de Almeida), fez, á custa propria, duas tentativas para descobri-lo, conforme confessou ao padre Diogo Soares ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXIX, p. 1<sup>a</sup>, 272-273). Saindo de Pitanguy, atravessou os sertões de Bambuhy e Piumhy (onde já encontrou o paulista Baptista Maciel), e, no regresso, deparou-se-lhe, em meio do caminho, o reinol Thomaz de Sousa, que, capitaneando uma bandeira, andava perdido por allí, em demanda dos *placers* recém-descobertos em Goiaz.

Seguiram-se-lhe, no periodo de 1733 a 1734, o coronel Mathias Barbosa da Silva (por alcunha o "Cabeça-de-Ferro"), o coronel Caetano Rodrigues Alvares da Horta, e o guarda-mór Maximiano de Oliveira Pires, o capitão-mór Manuel da Costa Gouvêia, o sargento-mór Manuel Martins de Mello e o capitão Francisco Bueno da Fonseca, que, ou por ordem do governador, ou a instancias do contractador das entradas, José Alves de Mira, que, segundo Alencastre (ob. cit., 73), "desejava abrir caminho de tropas para Goiaz, afim de augmentar as rendas do seu contracto", exploraram tambem aquellas regiões do oeste mineiro. Mathias Barbosa, por exemplo, em 1734, chefiando forte expedição, por ordem do conde das Galvêias, exterminou os indios de uma vasta zona occidental, tendo chegado até Natividade, em Goiaz.

A um dos companheiros do Anhangüera Junior, Urbano do Couto, coube, finalmente, por ordem do governador de Minas-Geraes, chefiar uma expedição contra os quilombos que se haviam formado na mesma zona da estrada para Goiaz. Foi muito feliz no desempenho desse arduo encargo. Tendo atravessado o rio São-Francisco e chegado até ao São-Marcos, deu nomes a diversos logares por onde passou ou onde luctou com os quilombolas: serra da Marcella, Gloria, São-Bento, Baby-

lonia, Aragões, Piçarrão, serra dos Paulistas, serra da Onça, Almas, Andrequicé, Moquem (onde depois se installou o santuario romanceado por Bernardo Guimarães), Mutum, Pilões e Capão-das-Gallinhas (Alencastre, ob. cit., 73).

Outra grande riqueza, no segundo quartel do seculo XVIII, veio ensejar nova expansão de povoamento em Minas-Geraes: a dos diamantes. Ha quem attribua ao acima referido Sebastião Leme do Prado a primazia de tão importante descobrimento (194) e da remessa das primeiras pedras, em 1725, para Portugal (v. Handelman, "Historia do Brasil", ed. do Instituto Historico, pag. 611); não falta a tradição de que foi um frade anonymo (a região das minas andou sempre inçada de cogulados, apesar das ordens da metropole contra a permanencia delles alli) quem conheceu como sendo diamantes os tentos de que se serviam para o jogo os habitantes do Tijuco (v. J. F. dos Santos, ob. cit., 21); mas o que está averiguado é que quem primeiro os remetteu para Lisbôa foi o reinol Bernardo da Fonseca Lobo, em 1728 ou 1729, por intermedio do governador de Minas-Geraes, d. Lourenço de Almeida, que communicou o facto a d. João V pela carta de 22 de julho de 1729 e a quem o rei agradeceu, em sua resposta de 8 de fevereiro de 1730.

As cartas de d. Lourenço de Almeida e d. João V acham-se na "Rev. do Arch. Publ. Mineiro" (VII, 263-264; e VIII, 980), a qual, além de publicar a memoria de Martinho de Mendonça (VII, 251-263), que, em 1734, veio oficialmente do reino a averiguar a revelação da grande riqueza, ainda estampou os documentos insertos sob as epigraphes "Descoberta dos diamantes em Minas" e "Bernardo da Fonseca Lobo, o descobridor dos diamantes da comarca do Serro" (II, 271-285; e VIII, 344-378). Sobre "A primazia dos descobrimentos", traçou Calogeras, em seu magnifico trabalho "As minas do Brasil e a sua legislação" (I, 269-278), um luminoso resumo de todos os escriptores acima citados. Assim, o que se deduz da

(194) Como se vê da memoria de Martinho de Mendonça («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 307), o achamento das primeiras pedras foi tambem attribuido, sem razão alguma, a Francisco Machado da Silva e sua mulher Violante de Sousa, em 1714.

propria confissão de Bernardo da Fonseca Lobo ("Rev. do Arch. Publ. Mineiro", II, 271), é que elle, em fins de 1723 ou começos de 1724 (195), lavrando cascalhos do correg<sup>o</sup> dos Morrinhos, com um camarada por nome Francisco Teixeira, achou este no fundo da batêia "um seixozinho claro e reluzente, para o qual chamou a atenção do patrão", que lhe pediu o cristal e declarou tratar-se de um diamante, multiplicando-se dahi em diante "os achados de pedrinhas semelhantes". Em 1726, dirigiu-se Bernardo da Fonseca Lobo a Villa-Rica, onde pessoalmente entregou seis pedras ao governador d. Lourenço de Almeida, que as remetteu com grande atraso a d. João V, tendo, depois, o dito descobridor enviado outras, em numero de dezoito, ao mesmo soberano, por intermedio do escrivão Manuel d'Affonseca de Azevedo. Entre os demais descobridores das preciosas gemmas, arrola Martinho de Mendonça os nomes de Nicolau Gonçalves Fiusa e Manuel Nogueira Passos. Silvestre Garcia do Amaral tambem promoveu um processo de habilitação ("Rev. do Arch. Publ. Mineiro", II, 275-276), para ser considerado descobridor. Os sitios de Morrinhos e Caeté-Mirim (da comarca do Serro, então creada), onde foram encontrados os primeiros diamantes, pertenciam a Bernardo da Fonseca Lobo, a quem foram comprados pelo ouvidor Antonio Ferreira do Valle e Mello, por 600 oitavas de ouro, em abril de 1729. No fim desse anno, já eram onze os ribeiros em que alli trabalhavam cerca de 1.500 escravos, á cata dos carbonos. Mas o rei, por acto de 2 de dezembro de 1729, declarou monopolio da corôa a extracção dos diamantes, annullando todas as cartas de datas, bem como todas as escripturas de propriedade, que dissessem respeito ás terras mineraes daquella zona; e, em consequencia disso, na comarca do Serro-Frio (depois villa do Principe e hoje cidade do Serro), onde se encontraram então os carbonos preciosos, foi constituido o Districto-Diamantino, com séde no araial do Tijuco, depois villa e cidade de Diamantina.

(195) José de Resende Costa, em sua «Memoria historica sobre os diamantes» (Rio, 1836), attribue a primazia do descobrimento a Bernardo da Fonseca Lobo, mas ao anno de 1727.



Segundo Rodrigo Octavio, em seu esplendido trabalho "Felisberto Caldeira — Chronica dos tempos coloniaes" (Rio, 1900), pags. 109 e 146, o descobrimento de Paracatú foi alguns annos antes de 1744 e devido aos irmãos Felisberto, Conrado, Sebastião e Joaquim Caldeira Brant. Mas o certo é que foi José Rodrigues Fróes (196) quem, em 1744, denunciou a Gomes Freire de Andrada o descobrimento das minas de ouro de Pyracatú (elevada em 1798 á categoria de villa, com o nome de "Paracatú-do-Principe"), onde desde logo correu a nova de tambem se encontrarem diamantes.

E' curioso que da região diamantina tenha partido uma bandeira em busca de salitre: foi a de Miguel Luiz Filgueira, que, em 1757, coadjuvado por Antonio José Fernandes, achou uma rica nitreira na serra da Lapa, limite do Districto-Diamantino com a comarca de Sabará.

Em 1781, foram tambem descobertos e explorados os diamantes da serra de Santo-Antonio de Itacambirucú; e, finalmente, em 1791, já tal exploração se estendera aos rios Indayá e Abaeté, tendo sido encontrado neste ultimo um diamante de 161 1/2 quilates (197).

Por meados do seculo XVIII, agravou-se a questão de limites, suscitada em 1720 entre a capitania de São-Paulo e a

---

(196) Joaquim Caldeira casou com uma irmã de José Rodrigues Fróes, o qual, segundo Lafayette de Toledo («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», VIII, 1039-1048), era paulista. Os referidos Caldeiras, si não nasceram, pelo menos moraram em São-João-del-Rey, onde o pae, Ambrosio Caldeira Brant, o famoso chefe emboaba, foi sesmeiro, conforme verifiquei nos archivos edilícios dalli.

(197) Sobre os diamantes, merece lido o extenso e interessante verbete que, em seu «Compendio dos mineraes do Brasil» (Rio, 1929), lhes consagrou Luiz Caetano Ferraz (pags. 97-133). Ao alto Jequitinhonha, onde fica hoje a cidade de Diamantina, é que elle attribue a primeira exploração de diamantes, em 1727; á zona do Abaeté pertencem, segundo elle, dois dos maiores diamantes encontrados no Brasil (afóra o acima citado, descoberto em 1791), ou sejam o «Reino-de-Portugal», com 120 quilates, e o «Estrella-do-Sul», com 254½ quilates. Refere-se ainda ao descobrimento de diamantes na Bahia (onde os primeiros foram achados em Sincorá, em 1821) e em cuja extensa zona produtora tambem se encontraram as «lavritas» ou diamantes-negros, o maior dos quaes, oriundo da região de Lençóes, chegou a pesar 3,150 quilates.

de Minas-Geraes, quando esta foi desmembrada daquella. Deveu-se tal facto a Francisco Martins Lustosa, que, morador em Mogy-das-Cruzes (onde era tabellião) e casado com uma paulista, transpoz a serra da Mantiqueira e exerceu grande actividade bandeiristica entre os rios Verde e Sapucahy. Em 1743, assignou, com os officiaes da camara de São-João-del-Rey, o auto de ratificação de posse do arraial de Santo-Antonio-do-Sapucahy; e, em fins de 1745, revelava as jazidas metallicas de Ouro-Fino e de Santa-Anna-do-Sapucahy, tendo tomado posse deste ultimo arraial, no anno seguinte, como capitão-regente, por nomeação de d. Luiz de Mascarenhas, governador de São-Paulo, que assim enquadrou aquella região na sua capitania (vejam-se os documentos publicados por Augusto de Lima, em seu trabalho "Limites entre Minas e S. Paulo", Bello-Horizonte, 1920). Sobre essa posse de Santa-Anna-do-Sapucahy, houve tenaz e demorado conflicto entre a comarca do Rio-das-Mortes, que se julgava com direito áquelle arraial, e Francisco Martins Lustosa, que sempre contou com o apoio de d. Luiz de Mascarenhas; mas, conforme vimos atrás, São-Paulo, em 1748, perdeu o predicamento de capitania, e, em consequencia disso, Francisco Martins Lustosa, que não se sentia garantido no sul de Minas, retirou-se no anno seguinte, com toda a familia, para o Paraná, onde não só descobriu em 1755 as minas de Pedra-Branca, como ainda capitaneou em 1770 e 1771 duas expedições ao sertão do Tibagy.

Os "ultimos lampejos do espirito paulista", na feliz expressão de Diogo de Vasconcellos ("Historia média de Minas-Geraes", 220), foram duas bandeiras realizadas no sertão do rio Doce: a primeira effectuou-se em 1746, sob a direcção de Manuel Chassim Monteiro e Sebastião Pinto Cabral, que alli encontraram diversas pintas de ouro; e a segunda teve por chefe, em 1758, o guarda-mór João Peçanha Falcão, de quem foi companheiro o vigario Francisco Martins, os quaes investigaram os rios Vermelho, Saçuhy-Grande, Saçuhy-Pequeno e Doce, tendo chegado até ás fraldas da serra das Correntes, onde se fixou o caudilho da expedição, e cujo arraial lhe tomou o primeiro

cognome, que até agora conserva, pois é hoje a cidade de Pençanha.

A actividade dos filhos da antiga capitania de Francisco Pereira Coutinho, quanto ao devassamento dos sertões, acha-se sufficientemente esclarecida pela exhaustiva monographia de F. Borges de Barros, intitulada "Bandeirantes e sertanistas bahianos" e pelos documentos publicados nos "Annaes do Archivo Publico e do Museu do Estado da Bahia", sob a sua competente direcção.

Já tratámos, embora muito succintamente, das entradas do cyclo bahiano, no seculo XVI, e da expansão que, no seculo XVII, dalli irradiou para o nordeste.

Cogitaremos, agora, tambem muito resumidamente, dos factos mais importantes occorridos no seculo XVIII, que foi quando, conforme o citado historiador, o movimento da Bahia obedeceu a tres objectivos: "o ouro em Jacobina e rio de Contas; o largo commercio de gado, subindo o São-Francisco; e a conquista dos sertões do Piauhy, Maranhão e Ceará, então convulsionados pelos barbaros do Rio-Grande e do Ceará-Mirim".

Como se vê da carta que Pedro Barbosa Leal, o primeiro superintendente-geral das minas de ouro de Jacobina, escreveu, em 22 de novembro de 1725, ao conde de Sabugosa (cod. n. 346 do Inst. Hist. e Geogr. Bras.), Danião Cosme de Faria, Manuel do Rego Pereira e João Pereira Pimentel, por volta de 1701 ou 1702, estiveram na região de Jacobina, descobrindo minas de ouro em Pindobuçú. Tambem a conquista do *hinterland* meridional da Bahia e septentrional do Espirito-Santo, iniciada em 1699 por João Alves da Torre, João da Costa Ferreira e Manuel Lopes Pinheiro, estendeu-se pelos rios Peruhye, Caravellas, São-Matheus e Doce, de 1702 a 1729. Em 1703, por exemplo, Luiz da Costa Sepulveda e Manuel Alves Millam penetraram no valle do Peruhye; e, em 1707, já o sobredito Pedro Barbosa Leal estanciava entre os rios Doce e Itacambira, onde obteve um latifundio. Por essa mesma época, Pedro Nunes de Siqueira havia estabelecido curraes nas vertentes do rio Verde, enquanto Manuel Affonso de Siqueira, o padre Manuel de Araujo Lima, Mathias João da Costa e Ignacio de Sousa

Ferreira attingiam ás margens do Jequitinhonha e do Pardo. Já antes, em 1705, Domingos Netto Pinheiro fôra nomeado por d. Rodrigo da Costa para capitão das entradas de Jacobina e Carinhanha.

Por Antonil e documentos posteriores, sabe-se, conforme deixámos consignado atrás, que, na primeira década do seculo XVIII, Luiz do Couto e seus tres irmãos, assim como Sebastião Pereira de Aguiar e Manuel Nunes Vianna, todos vindos da Bahia, se estabeleceram em Minas-Geraes, com estancias de gado ou na exploração de lavras de ouro.

De Minas, varios paulistas, a seu turno, penetraram nos sertões bahianos do São-Francisco, durante o primeiro quartel do seculo XVIII; assim é que Domingos Rodrigues do Prado (genro do Anhangüera Junior), levando como auxiliares os irmãos Bicudos, avançou até alli, onde antes já havia estado Baptista Maciel (que, em 1731 ou 1732, como já vimos, ainda foi encontrado, nos rincões do Piumby, pela expedição do alferes Moreira); em 1722, Sebastião Pinheiro Raposo, acompanhado de um sobrinho, Antonio Raposo, e do enteado, Antonio de Almeida Lara (este é o mesmo a quem já nos referimos na nota 151, logo depois tão notabilizado na conquista do *far-west* brasileiro), descobria as jazidas de ouro de Mato-Grosso, no valle da serra da Tromba e nascentes do rio de Contas (assim baptizado, porque o ouro foi nelle encontrado "em pintas de contas"); e ao proprio Anhangüera Junior, sinão a sertanistas por elle mandados, attribue-se o descobrimento de ouro no rio Rico, em territorio bahiano, por um movimento de refluxo da occupação definitiva de Goiaz.

Em 1724, Pedro Leolino Mariz andou em missão official, por varios pontos do interior da Bahia (rios Pará-Mirim e das Contas, serras Branca e da Tromba), como se vê da sua carta de novembro de 1726 ao conde de Sabugosa ("Annaes do Arch. Publ. e do Mus. do Est. da Bahia", VI-VII, 335-338), na qual se refere aos descobrimentos effectuados por Antonio Carlos Pinto e Francisco Dias, assim como a novas bandeiras projectadas por Thomaz Gago e Braz Esteves Leme, que exploraram o Pará-Mirim. Parece, portanto, que este ultimo pertence ao cy-

do das entradas bahianas em Minas, e não ao das de Minas para a Bahia. O referido Pedro Leolino Mariz, em 1726, prestou notavel serviço na investigação do rio de Contas, onde, em 1732, André da Rocha Pinto, auxiliado por Manuel de Queiroz Sampaio e João Peixoto Viegas, continuava a exploração de *placers* auríferos, iniciada por Francisco Dias e Bernardo de Mattos, muito depois que paulistas e mineiros os descobriram, pelos fins do seculo XVII. Mariz foi, finalmente, o superintendente-geral das Minas-Novas, quando estas, logo após o seu descobrimento, estiveram subordinadas á jurisdicção da Bahia. Em 1724, foram creadas as casas de fundição de Jacobina e das Minas do Rio-de-Contas.

Ainda em 1724, conforme carta que dirigiu ao rei o conde de Sabugosa ("Annaes" acima citados, 179-180), mandava este prender aos irmãos paulistas, Domingos Dias do Prado e Francisco Dias do Prado, aos quaes tinha elle escolhido para a conquista dos sertões do Jequitinhonha, e que haviam feito por alli varios descobrimentos e estavam então estabelecidos entre as margens do Jequiriçá, no rio de Contas e em Jacobina, dedicando-se á pesquisa de ouro e ao commercio de gado, mas accusados de varios crimes, oriundos do regimen despotico que exerciam em seus vastos e longinquos dominios.

De 1724, finalmente, é a bandeira de Lucas de Freitas, que, partindo de Ilhéos, chegou até ao rio Verde.

Em 1725, Paulo de Viveiros Affonso (ou Paulo Affonso, *tout court*) povoou o logar chamado Tapéra e perpetuou o seu nome na grande e formosa cachoeira do rio São-Francisco.

De 1726 é a bandeira de Antonio Velloso, destinada a bater os indios confederados, na região central da Bahia.

Antes de 1730, provavelmente, partiu de Ilhéos Domingos Homem del-Rei, que, dirigindo-se ás cabeceiras do rio São-Matheus, cruzou por alli com a bandeira de Sebastião Leme do Prado.

Em 1730, Manuel Francisco dos Santos descobria minas á distancia de 14 leguas da villa da Cachoeira; e, na mesma data, Antonio Gonçalves do Prado e Domingos Gonçalves do Pra-

do obtinham autorização legal para explorarem as margens do Jequitinhonha e do Pardo.

Em 1732, João da Silva Guimarães descobriu pedras preciosas (de certo turmalinas) nos sertões do rio São-Matheus e em 1752 nos do rio Una.

Em 1792, Francisco José Teixeira descobriu, á margem do rio das Eguas, minas de ouro, que, em 1794, foram invadidas por bandeirantes de Goiaz, travando-se alli demorados conflictos, os quaes só cessaram, quando a metropole decidiu que aquelle territorio era da Bahia.

Os primeiros diamantes, na Bahia, foram encontrados em 1821, no Sincorá, e, em 1822, alguns escravos acharam as minas do Salobro; o Açuruá e a Chapada só foram explorados em 1841 e 1842-43 pelo alferes Mattos, procedente de Minas-Geraes; Santa-Isabel do Paraguaçu e o Mucugê tiveram os seus diamantes descobertos por José Pereira do Prado em 1844.

Já vimos (nota 130) os nomes de algumas povoações que surgiram na Bahia, pelos fins do seculo XVII, bem como algumas de Sergipe. Das que progrediram na Bahia, em consequencia do devassamento do seu *hinterland* no seculo XVIII, conhecem-se as datas seguintes, em que as principaes foram elevadas a freguezias ou villas: Muritiba, 1705; Ouriçangas (antiga Agua-Fria), Oliveira-de-Campinhos, São-Pedro do Rio-Fundo, Geremoabo, Urubú-de-Cima, Barra do Rio-de-Contas e Poxim, 1713; Capim-Grosso, 1714; Pirajuica e Marahú, 1717; Jequiriçá, 1720; Villa do Rio-de-Contas e Maragogipe, 1724; Viçosa, 1748; Caitité, 1754; Caravellas, 1755; Soure, Pombal, Olivença e Barcellos, 1758; Nossa-Senhora-da-Penha, Porto-Seguro, Trancoso, Prado, Alcobaça e São-José de Porto-Alegre, 1795.

No Espirito-Santo, de duas aldêias fundadas pelos jesuitas no seculo XVI resultaram Almeida e Benevente, elevadas a villas em 1.º e 2 de janeiro de 1759. Itapemirim, fundada em fins do seculo XVI, só obteve o predicamento de villa em 1815.

e) Nova expansão de São-Paulo para o sul e para oeste

No começo do século XVIII, tanto por entradas de cunho official, quanto por bandeiras espontaneas, cogitou-se da conquista e povoamento das terras da região meridional do Brasil, e isso quer no litoral, quer no *hinterland*, tudo fóra da linha de Tordesillas.

Em 1702 e 1703, conforme peças historicas por nós descobertas ("Documentos interessantes", LI, 73, 94, 120 e 129), Domingos de Oliveira Rosa planeou fundar uma povoação na enseada das Garoupas, em Santa-Catharina.

Em 1715, Francisco de Brito Peixoto, que se encontrava em Santos, recebeu ordem do governador do Rio-de-Janeiro, Francisco de Tavora, para abrir um caminho que, pelo interior, ligasse Laguna, em Santa-Catharina, ao Rio-Grande de São-Pedro e á Nova-Colonia-do-Sacramento. Não podendo elle, por enfermo, dar conta da ardua incumbencia, encarregou da mesma a pessoas da sua familia e a alguns dos moradores de Laguna, os quaes chegaram á Nova-Colonia-do-Sacramento, a Maldonado e a Montevidéo. Conforme o visconde de São-Leopoldo (ob. cit., 34-35), foram até duas e successivas as expedições organizadas por Francisco de Brito Peixoto, de ordem do governador Tavora: a primeira compunha-se de cinco homens brancos e alguns escravos; e a segunda era de 40 brancos e 25 escravos. Não parou ahi a actividade do filho do fundador de Laguna, como se vê da carta de 25 de junho de 1727 (provocada pela de 14 de abril de 1726 do ouvidor de Paranaguá, Antonio Alves Lanhas Peixoto), dirigida por d. João V a Francisco de Brito: nella o rei luso agradecia a este o haver mandado ao Rio-Grande de São-Pedro uma expedição de 30 pessoas, commandada por seu genro João de Magalhães (reinol), destinada a formar povoação alli e a estabelecer relações amistosas com o gentio minuano (v. "Annaes da provincia de São-Pedro", 2.<sup>a</sup> ed., 348-349). Desta ultima expedição é que o vis-

conde de São-Leopoldo (texto e nota á pag. 35) faz datar o primeiro estabelecimento de estancias de gado na terra gaúcha: “consta que no sitio, hoje freguezia de Viamão (198), se estabeleceram por esse tempo um certo Cosme da Silveira; e nos campos de Capivary Antonio de Sousa, Fernando de tal e seu genro João Garcia Dutra, além de outros que encontrei em escripturas antigas” (199).

Em 3 de abril de 1719, o conde de Assumar, governador da capitania de São-Paulo e Minas-do-Ouro, communicava a d. João V (v. carta deste, em resposta, nos “Documentos interessantes”, XLIX, 275-278) que bandeirantes paulistas “tinham feito um descobrimento no sertão, que dava esperanças de grandezas de ouro e que este era em um rio mui perto do de Paraguay”.

A Francisco de Sousa e Faria, sargento-mór de cavallaria, tendo por piloto José Ignacio, foi que coube a tarefa de franquear, — por ordem do governador de São-Paulo Antonio da Silva Caldeira Pimentel, — o caminho entre Curitiba e a Colonia-do-Sacramento. A expedição partiu a 20 de setembro de 1727 e chegou á Colonia em 1730; mas, de lá para cá, o trabalho foi continuado, em 1731, pelo coronel Christovam Pereira

---

(198) Diz Varnhagen (II, 311) que Viamão foi o nome primitivo de Porto-Alegre. Mas Domingos de Araujo e Silva, no seu «Dicionario historico e geographico da provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul» (pag. 191), dá Viamão como distante quatro leguas do Portodos-Casas, hoje cidade de Porto-Alegre. E Dreys, em sua «Noticia descriptiva da provincia do Rio-Grande de S. Pedro do Sul», explica que Viamão foi a séde do governo até 1773, quando as autoridades se transportaram para Porto-Alegre, antigo «Porto das Casas» (*sic*).

(199) Foi pena que o illustre visconde de São-Leopoldo, nascido em Santos, não mencionasse os nomes dos taes «outros» e as datas das «escripturas antigas» a que se refere, para que melhor se dilucidasse a tradição corrente de terem sido os paulistas os fundadores de grande numero de estancias de criação de gado, as quaes depois se transformaram em cidades importantes do Rio-Grande-do-Sul. A actividade dos paulistas estendeu-se alli até ao inicio do seculo XIX, e eram descendentes dos bandeirantes piratininganos os heróis da conquista das Missões, em 1801, Manuel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, este nascido em Rio-Pardo, segundo a asserção de Varnhagen (ob. cit., II, 310).



de Abreu (200). As noticias dessas duas expedições foram dadas ao padre Diogo Soares pelos sobreditos militares e piloto e constam da "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 237-243, 247-252 e 255-259.

Em 1729, José Vieira do Rio obtinha do governador de São-Paulo, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, a patente de capitão-povoador do districto de Nhanduhy-Mirim, no Paraná ("Docs. interessantes", XXVII, 10).

A 1733 attribue Machado de Oliveira (ob. cit., 2.<sup>a</sup> ed., 142) nova expedição de paulistas, partida da Colonia-do-Sacramento para as bandas do rio Jacuhy, em cuja margem septentrional fundou a povoação (hoje cidade) de Cachoeira e, doze leguas mais abaixo, a de Rio-Pardo, observando, em nota, o mesmo historiador que a esta última localidade é que Francia, o dictador do Paraguay, dava os seus ancestraes paulistas.

De 1735 data a occupação da Vaccaria gaúcha pelo paulista Manuel Dias da Silva, mestre-de-campo de auxiliares. Eis como a refere o visconde de São-Leopoldo (ob. cit., 38-39), que não só a diz colhida de fonte segura, como até a dá por assentada no livro da camara municipal de Cuiabá: — "Este mesmo mestre-de-campo, ao correr o anno de 1735, acompanhado de uma partida escolhida, atravessou em tres mezes o sertão, afim de fazer diversão ás forças que sitiavam a Colonia, superando os maiores obstaculos.. Chegando aos campos denominados da Vaccaria, levantou um padrão do madeiro mais grosso e que pareceu menos corruptivel, e nelle gravou a inscripção: — *Viva o muito alto e muito poderoso rei de Portugal, d. João V, senhor dos dominios deste sertão da Vaccaria!*" (201).

Em 1744, por ordem de d. Luiz de Mascarenhas, governador de São-Paulo, effectuaram-se duas expedições á Vaccaria e aos rios Ivinheima e Ignatemy: a primeira foi capitaneada por João Bicudo de Brito; e a segunda pelo mestre-de-campo Ma-

(200) O nome deste Christovam Pereira ficou perpetuado numa ponta do penilago dos Patos.

(201) O que corre na tradição é que elle derribou allí um padrão espanhol, substituindo-o por uma cruz de madeira, na qual inscreveu a declaração da posse portugueza (Azevedo Marques, II, 60).

nuel Dias da Silva, acima citado. E, em 1745, seguiu para as mesmas paragens outra leva paulista, commandada por Manuel da Costa Meira. Estas expedições acham-se mencionadas pelo morgado de Matheus, em sua carta de 17 de junho de 1771 (Azevedo Marques, I, 185-191), dirigida a d. Carlos Morphy, governador do Paraguay.

Já depois do tratado de Madrid e por ordem de Gomes Freire de Andrada, realizou Antonio de Almeida Falcão (o mesmo que, em 1744 ou 1745, fez descobrir as minas de Santa-Isabel, em Mato-Grosso), em 1753 (contava elle, então, 75 annos de idade), tendo por ajudante João Raposo da Fonseca Leme e levando 80 homens armados, uma longa expedição, a qual, partindo de Araritaguaba, e chegando ás Sete-Quédas, dalli entrou no rio Samambaia, foi ter ao estreito dos Guaicurús e, após extensa marcha pelo sertão, attingiu ao ponto de destino, perto da villa de Curumatim (*Curuguaty*) do Paraguay (Azevedo Marques, I, 16-17); e, em 1755, descobriu Francisco Martins Lustosa as minas de Pedra-Branca, para os lados do Tibagy (202).

Havendo a terra paulista recobrado em 1765 o predicamento de capitania, o seu novo governador (1765-1775), d. Luiz Antonio de Sousa Botelho e Mourão, morgado de Matheus, achou asada a occasião para impellir os paulistas aos sertões centro-meridionaes. Não eram já bandeiras espontaneas, porém sim expedições de cunho official, oriundas de um plano concertado entre o governador de São-Paulo e o vice-rei do Brasil, em consequencia de ordens confidenciaes, dadas pelo conde de Oeiras (depois marquez de Pombal). o poderoso ministro de d. José e que visavam a ampliar ainda mais, á custa das possessões espanholas, o dominio luso na America do Sul.

Em 1765, o notavel sertanista Antonio Corrêia Pinto fundou Lages (elevada á categoria de villa em 1774 e hoje cidade), em Santa-Catharina. Em meados de 1766, commandou Anto-

---

(202) Sobre Francisco Martins Lustosa, que tambem esteve em Minas-Geraes, na zona do Sapucahy, entre 1743 e 1746, veja-se o excellento capitulo que lhe consagrou o seu illustre descendente, Francisco de Paula Negrão, em sua magnifica «Genealogia paranaense» (Curitiba, 1926-1929), II, 7-54, e reproduzida na «Memoria historica paranaense».

nio de França e Silva a primeira expedição que, no governo do morgado de Matheus, rumou para os sertões do Ivahy, donde trouxe alguns espanhóes ou paraguayos, dos quaes muito se falou, posteriormente, nos documentos sobre o Iguatemy. E, em 1767, para explorar os sertões do Tibagy, offereceu-se o velho paulista Francisco Pinto do Rego, que, em 1737, havia marchado em soccorro da Colonia-do-Sacramento.

Mas o novo capitão-general de São-Paulo resolveu systematizar os esforços officiaes para a occupação da zona do Tibagy, e, para isso, tendo deliberado que o ponto de partida fosse no litoral paulista-paranaense, encarregou da organização das diligencias ao tenente-coronel Affonso Botelho de Sampaio e Sousa. Conforme o relatorio deste ("Documentos interessantes", IV, 37-53), apresentado ao morgado de Matheus, foram as seguintes as expedições ao Tibagy: — 1.<sup>a</sup>) commandada pelo tenente Domingos Lopes Cascaes, com 30 camaradas, e que partiu a 5 de dezembro de 1768, tendo, ao que parece, chegado até ás Sete-Quédas, no rio então chamado "do Registo" e hoje Iguaçu; 2.<sup>a</sup>) commandada pelo capitão-de-auxiliares Estevam Ribeiro Bayão, com 75 homens (de São-José-dos-Pinhaes, Curitiba e Campos-Geraes), a qual, em 25 de junho de 1769, penetrou nos sertões do Tibagy, onde denominou "D. Luiz" ao rio Ivahy e "Mourão" a um affluente do mesmo (tudo em homenagem ao governador d. Luiz Antonio de Sousa Botelho e Mourão), tendo atravessado o rio Paraná e chegado até ao presidio de Iguatemy; 3.<sup>a</sup>) commandada pelo capitão-de-auxiliares Francisco Nunes, com 80 praças de Iguape e Cananéa, a qual partiu a 12 de agosto de 1769, seguindo o mesmo rumo da anterior e indo tambem parar em Iguatemy, onde falleceu Francisco Nunes, a 27 de maio de 1770, depois de haver, comtudo, explorado o rio Piquiry (203); 4.<sup>a</sup>) commandada por Bruno da Costa Filgueiras, a qual, tendo partido pelo Iguaçu, a 28 de agosto de 1769, transpoz a barra do Petinga e chegou a uns campos, que

---

(203) O tenente (logo depois capitão) Francisco Lopes da Silva, auxiliar das duas expedições acima, descobriu, em 10 de março de 1770, os fundamentos da antiga Villa-Rica (da provincia jesuitica de Guayrá) e foi mandado a soccorrer Iguatemy, onde morreu em março de 1772.

se suppõe serem os de Aputerebú; 5.<sup>a</sup>) commandada pelo alferes-de-auxiliares Antonio da Silveira Peixoto, da villa de Paranaguá, com 85 praças da mesma, e que, dalli partindo a 16 de outubro de 1769, depois de deixar uma pequena guarnição na paragem que denominou "Porto de Nossa-Senhora-da-Victoria", na confluencia do Iguazú com o Paraná, penetrou nos sertões do Iguatemy e foi cair prisioneiro, em Curuguaty, de uma força paraguaya, e, renettido em ferros para Buenos-Aires, alli esteve encarcerado sete annos, vindo morrer pouco depois em São-Paulo; á procura de Antonio da Silveira Peixoto (cujo desastre se ignorou por algum tempo) foram mandados: em abril de 1770, Bruno da Costa Filgueiras, que morreu no sertão, em fins de agosto do mesmo anno; em 12 de julho de 1770, o sargento-mór Francisco José Monteiro, de quem era auxiliar o sargento Candido Xavier de Almeida e Sousa; e em março de 1771, o tenente Philippe de São-Thiago; todos elles percorreram longamente aquelles extensos rincões; 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup>) commandadas pelo guarda-mór Francisco Martins Lustosa, aquella a 26 de julho de 1770, tendo chegado até á serra de Capivarucú, e a outra a 7 de março de 1771, durante a qual transpoz a dita serra e attingiu á zona dos campos.

Como se vae ver pelo episodio de Iguatemy, — conjugaram-se dois movimentos para a asseguaração das nossas fronteiras com o Paraguay: o que acabamos de ver acima, e que teve por centro o litoral paulista-paranaense, e o que, pela mesma occasião, extendendo-se até 1776, teve por ponto de partida a villa de Sorocaba, de onde já se fizera antes a expansão para a conquista de Mato-Grosso.

O inolvidavel Antonio de Toledo Piza disse ("Documentos interessantes", V, 3), com todo o acerto, que a fundação da colonia de Iguatemy e o descobrimento dos campos de Guaruva "constituem os dous factos mais importantes da historia de S. Paulo na segunda metade do seculo passado".

Dos "Documentos interessantes", por elle organizados e publicados em grande numero sob a sua competente direcção, encerram precioso material sobre o episodio de Iguatemy os vols, de V a X,

O posto primitivo, que distava apenas 14 leguas da villa paraguaya de Curuguay, chamou-se "Nossa-Senhora-dos-Prazeres e São-Francisco-de-Paula de Iguatemy" e constava de uma fortaleza, levantada á beira do rio que lhe deu o nome, pelo capitão de infantaria da guarnição do Rio-de-Janeiro, João Alves Ferreira, com o fito de assegurar alli a posse portugueza, disputada pelos espanhóes do Paraguay.

Para defender aquelle ponto, julgado da maior importancia, e povoal-o convenientemente, enviou o morgado de Matheus varias levas de soldados, artilharia e colonos. São de 1766-1767 (204) as expedições de João Martins de Barros, André Dias de Almeida e Bento Cardoso de Siqueira, as quaes, reunindo-se na foz do Ivahy, transpuzeram o Paraná e entraram no Iguatemy, em cuja margem esquerda, ao lado da fortaleza, estabeleceram a colonia, pois era de 326 homens só a expedição do ytuano João Martins de Barros, o qual foi nomeado capitão-mór regente de Iguatemy pelo referido governador de São-Paulo, que delle longamente trata, com encomios, na carta a d. Carlos Morphy, já atrás citada. Em 1769, para alli partiu a expedição de Theotonio José Juzarte (205), com 30 soldados e cerca de 800 novos colonos, levando tambem armas, munições e mantimentos. Em 1774-1775, lá foi ter o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, que escreveu um "Diario da viagem", acompanhado de carta geographica (estampados na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XXXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 217-278), e precedido de um relatorio (do qual faltam á dita publicação 6 mappas ou planos), datado de 4 de fevereiro de 1775, e apresentado a Martinho de Mello e Castro. Em 1776, já no governo de Martin

(204) E' a data que dá Manuel Cardoso de Abreu, em seu «Divertimento admiravel» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXVII, p. 2.<sup>a</sup>), pag. 132.

(205) Do «Diario da navegação do rio Tietê, rio Grande, Paraná, e rio Gatemy em que se dá rellação de todas as cousas mais notaveis destes rios, seu curso, sua distancia, e de tudo o acontecido neste diario pelo tempo de dois annos e dois mezes, que principia em 10 de março de 1769 — Escripto pelo sargento-mór Theotonio José Juzarte» tirou Affonso Taunay o bello capitulo de seu livro «Na éra das bandeiras» (São-Paulo, 1922), intitulado «Martyrios de Iguatemy» (pags. 138-192).

Lopes Lobo de Saldanha (1775-1782), enviou este para o Iguatemy um novo comboio de soccorro, commandado por Manuel Cardoso de Abreu (206); e, finalmente, em começos de 1777, communicava o dito Saldanha ao Marquez de Lavradio que, apenas reunisse os elementos necessarios, faria seguir para o Iguatemy um novo comboio de soccorro, confiado ao mando de André Dias de Almeida (207). Tendo morrido, victimado pela malaria, que alli dizimou tantas vidas, o regente João Martins de Barros, substituiu-o interinamente João Alves Ferreira (208), o constructor da fortaleza; em 1775, assumiu o commando daquelle praça de guerra o brigadeiro Sá e Faria (atrás citado), o qual, ao retirar-se dalli, no fim do dito anno, passou o governo a uma junta triumviral, composta do vigario Caetano José Soares, capitão Joaquim Meira de Siqueira e tenente Jeronymo da Costa Tavares; em 1776, assumiu a regencia do presidio, para a qual fôra nomeado, o capitão José Gomes de Gouvêia, mas foi logo deposto pela guarnição, que acclamou para o importante cargo ao novo vigario, padre Antonio Ramos Barbas e Lousada. A este coube, em 27 de outubro de 1777, capitular e entregar aquella praça de guerra a d. Agustín de Pinedo, que

---

(206) Este Manuel Cardoso de Abreu escreveu o «Divertimento admiravel», que, com o «Diario» de Juzarte, diz A. Taunay «representarem talvez os dois unicos documentos de vulto, relativos á viagem dos rios no seculo XVIII». Poderia o douto historiador accrescentar-lhes o «Diario da viagem» de José Custodio de Sá e Faria. Taunay não poupa epithetos, sempre que cita o nome de Manuel Cardoso de Abreu, para estigmatizar o plagio indecoroso que este perpetrou em relação a fr. Gaspar da Madre-de-Deus.

(207) Este André Dias de Almeida, ytuano, tambem se distinguira na exploração dos rios Ivahy e Iguatemy e, segundo Azevedo Marques (I. 13), prestara igualmente serviços na colonia militar do ultimo dos citados rios, no periodo de 1767 a 1772.

(208) E' datada de 23 de março de 1773 a carta que elle dirigiu ao morgado de Matheus, dando-lhe parte «do descobrimento que fez dos fundamentos de uma grande povoação, que se suppõe ser as ruinas da antiga cidade de Real» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XVIII, 289-291). A referida povoação, que elle denominou «São-José da Podra-Furada do Piquiry», deve ter sido, indubitavelmente, a antiga «Ciudad-Real», que ficava junto á foz do Piquiry, na provincia jesuitica de Guayrá.

a investiu com cerca de 2.000 homens e que, além de destruir o forte de Iguatemy, arrasou também o de São-Carlos, sito na margem opposta.

Em 1771, — e como consequencia das explorações do sertão do Tibagy, — descobriu Candido Xavier de Almeida e Sousa, natural da cidade de São-Paulo, os campos de Guarapuava, onde ergueu um forte que, tendo-se depois convertido em aldeamento de indios, deu origem á cidade daquelle nome, no actual Estado do Paraná (209). Coube-lhe ainda, em 1783, explorar o rio Igurey (210), descoberta que, segundo Azevedo Marques (I, 84), poz termo ás duvidas que naquella época subsistiam para as demarcações de limites entre as possessões brasileiras e espanholas.

Tendo concorrido eficazmente para a conquista e povoamento de toda a região meridional do Brasil, a capitania de São-Paulo (a exemplo do que lhe acontecera com Minas-Geraes e occorreu depois com Goiaz e Mato-Grosso) também perdeu alli, politicamente, todo o fructo do seu gigantesco esforço: della foi desmembrado o territorio de Santa-Catharina, que teve governo á parte, pela carta-régia de 11 de agosto de 1738; e o mesmo se deu com o territorio de São-Pedro do Rio-Grande, pela carta-régia de 4 de janeiro de 1742. Em meados do seculo XIX, finalmente, também perdeu o Paraná.

Como dizem respeito, simultaneamente, ás tres sobreditas capitanias diversos documentos que examinámos no Archivo Nacional, damos a seguir uma relação delles, pois muitos ainda se

---

(209) Em fins de 1771 e em 1772, também esteve nos campos de Guarapuava o tenente-coronel Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, como se vê de suas cartas ao morgado de Matheus («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XVIII, 263-267, 267-279 e 279-288). Na primeira, elle faz referencia a Candido Xavier de Almeida e Sousa, a quem encontrou alli, «com 28 camaradas, em um forte, que tinha principiado, com ranxos feitos e bastante cautela para defeza do gentio».

(210) Veja-se sobre isto a «Cópia da parte que deu o capitão de granadeiros Candido Xavier de Almeida e Souza sobre o descobrimento do rio Igurehi» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XVIII, 254-262). A dita participação foi feita ao governador de São-Paulo, Francisco da Cunha e Menezes (1782-1786).

acham inéditos e podem interessar aos estudiosos da nossa historia. Eis-a:

1) 28 de abril de 1737 — Carta de Gomes Freire de Andrada ao brigadeiro José da Silva Paes sobre a jurisdicção dos governos do Rio-de-Janeiro e de São-Paulo no Rio-Grande (“Correspondencia dos governadores do Rio de Janeiro com diversas autoridades”, VII, 281).

2) 11 de agosto de 1738 — Provisão régia separando de São-Paulo a ilha de Santa-Catharina e o Rio-Grande de São-Pedro e subordinando-os ao governo do Rio-de-Janeiro (“Collecção de cartas régias”, V, 173).

3) 11 de agosto de 1738 — Provisão régia pedindo informações sobre a divisão entre o governo da marinha e o de São-Paulo e sobre si convinha a separação de Goiaz (avulso).

4) 6 de maio de 1746 — Provisão régia pedindo informações sobre si convinha crear-se villa no presidio do Rio-Grande de São-Pedro, conforme a conta do ouvidor-geral de Parana-guá (avulso).

5) 16 de agosto de 1747 — Carta de Gomes Freire de Andrada a José da Silva Paes pedindo a este explicasse por onde a capitania de Santa-Catharina se dividia da de São-Paulo (“Correspondencia dos governadores do Rio de Janeiro com diversas autoridades”, X, 193 v.).

6) 11 de outubro de 1748 — Provisão régia subordinando os governadores da Colonia-do-Sacramento, Santos e ilha de Santa-Catharina e o commandante do Rio-Grande de São-Pedro ao governo do Rio-de-Janeiro (avulso).

7) 18 de junho de 1750 — Officio de Gomes Freire de Andrada a Manuel Escudeiro Ferreira de Sousa communicando-lhe ter passado para a jurisdicção de Santa-Catharina a povoação de São-Francisco, desmembrada de São-Paulo (“Correspondencia dos governadores do Rio de Janeiro com diversas autoridades”, XI, 60).

8) 14 de junho de 1776 — Officio do marquez de Lavradio a Martinho de Mello e Castro, no qual se refere a questões de limites entre São-Paulo e Santa-Catharina (“Officios dirigidos á côrte pelos vice-reis”, I, 3).



9) 28 de junho de 1780 — Officio de Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara a Luiz de Vasconcellos e Sousa remettendo a este uma communicacão do commandante do Registo de São-Jorge sobre a posse deste estabelecimento por parte da capitania de São-Paulo, com o respectivo documento ("Correspondencia de Luiz de Vasconcellos e Sousa com os governadores de Santa-Catharina e do Rio-Grande-do-Sul", II, 130).

10) 16 de junho de 1780 — Idem sobre os indios das fronteiras entre o Rio-Grande e São-Paulo (ibidem, II, 125).

11) 11 de agosto de 1780 — Officio de Luiz de Vasconcellos e Sousa ao brigadeiro Francisco de Barros Moraes Araujo Teixeira Homem determinando a este que respeitasse a jurisdicção do ouvidor de Paranaguá sobre a villa de São-Francisco (ibidem, II, 160).

12) 26 de setembro de 1780 — Officio de Luiz de Vasconcellos e Sousa a Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara sobre a desordem contra a qual reclamava o vice-rei das provincias do Rio da Prata e enviando cópia da informacão prestada pelo governador da capitania de São-Paulo de que o districto, em que a mesma occorrera, pertencia ao governo de Viamão, com o referido documento (ibidem, II, 233 vº).

13) 27 de setembro de 1780 — Idem referindo-se á jurisdicção da capitania de São-Paulo sobre o Registo de São-Jorge (ibidem, II, 234).

14) 24 de outubro de 1780 — Officio de Francisco de Barros Moraes Araujo Teixeira Omem (*sic*) a Luiz de Vasconcellos e Sousa sobre o extender-se a jurisdicção do ouvidor de Paranaguá até á villa de São-Francisco (ibidem, II, 124).

15) 11 de novembro de 1780 — Officio de Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara a Luiz de Vasconcellos e Sousa sobre limites entre a capitania do Rio-Grande e a de São-Paulo (ibidem, II, 189).

16) 28 de julho de 1781 — Officio de Francisco de Barros Moraes Araujo Teixeira Omem a Luiz de Vasconcellos e Sousa, no qual se refere á jurisdicção da capitania de São-Paulo sobre a villa de São-Francisco (ibidem, III, 33).

17) 20 de dezembro de 1782 — Officio de Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara a Luiz de Vasconcellos e Sousa participando a este as hostilidades commettidas no districto da Vaccaria pelos indios da capitania de São-Paulo e remettendo cópia da carta do commandante da fronteira e da sua resposta ao mesmo, com esses documentos (ibidem, IV, 63).

18) 14 de setembro de 1787 — Officio de José Pereira Pinto a Luiz de Vasconcellos e Sousa, no qual se refere ás questões de jurisdicção e de limites entre Santa-Catharina e São-Paulo (ibidem, IX, 22).

19) 31 de outubro de 1787 — Officio de Luiz de Vasconcellos e Sousa ao sargento-mór José Pereira Pinto, em resposta ao anterior (ibidem, IX, 108).

20) 23 de julho de 1788 — Officio de José Pereira Pinto a Luiz de Vasconcellos e Sousa participando a este que fizera estabelecer no sertão de Santa-Catharina um registo chamado "Castello-Melhor" e que o capitão-mór da villa das Lages postara outro á distancia de um quarto de legua, por parte da capitania de São-Paulo (ibidem, X, 34).

## f) Influencia da expansão na politica da metropole e no desenvolvimento do Brasil

É fóra de duvida que foi a expansão espontanea dos bandeirantes paulistas para o sul que levou Portugal, no reinado de d. Pedro II, á politica imperialista de tentar estabelecer no rio da Prata os limites do Brasil, pela fundação da Colonia-do-Sacramento em 1680. Por outro lado, a irradiação paulista para o occidente, accrescida das viagens de exploração dos rios daquelle mesmo longinquo sector, possibilitou á metropole o cogitar de um ainda maior augmento da sua colonia americana. E a isto se alliançou a penetração operada pelos criadores de gado no valle do São-Francisco e no nordeste, bem como a dos missionarios (jesuitas, carmelitas e mercenarios) nas duas margens do Amazonas, addicionada da integração, no antigo Esta-

do do Maranhão, da capitania do Cabo-do-Norte (creada em 1637), isto é, da Guyana brasileira (v. Barão do Rio-Branco, ob. cit., 41), cujo limite septentrional era o rio Oyapock ou Vicente-Pinzón.

Graças a tudo isso, poude ser triplicada a área do Brasil de Tordesillas pelo tratado de Madrid de 1750, o qual constituirá, *ad perpetuam rei memoriam*, o maior padrão de gloria do genial Alexandre de Gusmão, que foi não sómente quem o redigiu, com até quem o defendeu, na sua admiravel carta (uma carta de 66 paginas!) ao brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, ex-governador da Colonia-do-Sacramento ("Collecção de varios escritos inéditos", Porto, 1841, 147-213). Annullando o concerto de Tordesillas, que nem os espanhões haviam respeitado no oriente, nem os portuguezes na America do Sul, — o tratado de Madrid, assentado na base logica do *uti possidetis*, foi o primeiro que deu, com pequena differença, a configuração actual do Brasil, ou, melhor dito, foi a homologação da conquista dos bandeirantes e a sancção diplomatica da occupação tambem effectuada ao nordeste e ao norte pelos criadores de gado e pelos missionarios catholicos. Declarado sem valor pela convenção de 1761 e substituido pelo de Santo-Ildefonso de 1777, ficou, todavia, respeitado nas suas linhas geraes.

Eis os seus dispositivos que determinaram os lindes da nossa patria (211): — "Art. 4.º — Los confines del dominio de las dos monarquías principiaron en la barra que forma en la costa del mar el arroyo que sale al pié del monte de los Castillos Grandes, desde cuya falda continuará la frontera, buscando en línea recta lo más alto ó cumbres de los montes, cuyas vertientes bajan por una parte á la costa que corre al norte de dicho arroyo, ó á la laguna Merin ó del Miní, y por la otra á la costa que corre de dicho arroyo al sur ó al rio de la Plata: de suerte que las cumbres de los montes sirvan de raya al dominio de las dos coronas, y así seguirá la frontera hasta en-

---

(211) Carlos Calvo, «Colección completa de los tratados, convenciones, capitulaciones, armisticios y otros actos diplomáticos de todos los Estados de la América Latina» (Paris, 1862), II, 251-253.

contrar el origen principal y cabeceras del rio Negro, y por encima de ellas continuará hasta el origen principal del rio Ibicuí, siguiendo aguas abajo de este rio hasta donde desemboca en el Uruguay por su ribera oriental, quedando de Portugal todas las vertientes que bajan á la dicha laguna ó al rio grande de San Pedro, y de España las que bajan á los rios que van á unirse con el de la Plata. Art. 5.º — Subirá desde la boca del Ibicuí por las aguas del Uruguay hasta encontrar la del rio Pepirí ó Pequirí, que desagua en el Uruguay por su ribera occidental, y continuará aguas arriba del Pepirí hasta su origen principal, desde el cual seguirá por lo más alto del terreno hasta la cabecera principal del rio más vecino, que desemboca en el grande de Curistuba (*Curitiba*), que por otro nombre llaman Iguazú, por las aguas de dicho rio más vecino del origen del Pepirí, y despues por las del Iguazú ó rio grande de Curistuba continuará la raya hasta donde el mismo Iguazú desemboca en el Paraná por su ribera oriental, y desde esta boca seguirá aguas arriba del Paraná hasta donde se le junta el rio Igurey por su ribera occidental. Art. 6.º — Desde la boca del Igurey continuará aguas arriba hasta encontrar su origen principal, y desde él buscará en línea recta por lo más alto del terreno la cabecera principal del rio más vecino que desagua en el Paraguay por su ribera oriental, que tal vez será el que llaman Corrientes, y bajará con las aguas de este rio hasta su entrada en el Paraguay, en tiempo seco, y por sus aguas hasta encontrar los pantanos que forma este rio, llamados la laguna de los Xaráyes, y atravesando esta laguna hasta la boca del rio Jaurú. Art. 7.º — Desde la boca del rio Jaurú por la parte occidental seguirá la frontera en línea recta hasta la ribera austral del rio Guaporé, en frente á la boca del rio Sararé, que entra en dicho Guaporé por su ribera setentrional; con tal que si los comisarios que se han de despachar para el arreglamento de los confines en esta parte, en vista del país, hallaren entre los rios Jaurú y Guaporé otros rios ó términos naturales por donde más comodamente, y con mayor certidumbre, pueda señalarse la raya en aquel paraje, salvando siempre la navegación del Jaurú, que debe ser privativa de los Portugueses, y el camino que suelen

hacer de Cuyabá hácia Matogroso; los dos altos contratantes consienten y aprueban que así se establezca, sin atender á alguna porción más ó menos de terreno que pueda quedar á una ó á otra parte. Desde el lugar que en el márgen austral del Guaporé fuere señalado por término de la raya, como queda explicado, bajará la frontera por toda la corriente del rio Guaporé hasta más abajo de su unión con el rio Mamoré, que nace en la provincia de Santa Cruz de la Sierra y atraviesa la Misión de los Mojos, y forman juntos el rio llamado de la Madera, que entra en el Marañón ó Amazonas por su ribera austral. Art. 8.º

— Bajará por las aguas de estos dos rios ya unidos hasta el paraje situado en igual distancia del citado rio Marañón ó Amazonas, y de la boca del dicho Mamoré, y desde aquel paraje continuará por una línea este-oeste hasta encontrar con la ribera oriental del rio Jabarí que entra en el Marañón por la ribera austral, y bajando por las aguas del Jabarí hasta donde desemboca en el Marañón ó Amazonas, seguirá aguas abajo de este rio hasta la boca más occidental del Japurá, que desagua en él por la márgen setentrional. Art. 9.º — Continuará la frontera por el medio del rio Japurá y por los demás rios que se le junten y se acerquen más al rumbo del norte, hasta encontrar lo alto de la cordillera de montes que median entre el rio Orinoco y el Marañón ó de las Amazonas, y seguirá por la cumbre de estos montes al oriente hasta donde se extienda el dominio de una y otra monarquía”.

Pelo tratado de Santo-Ildefonso, de 1777, perdeu Portugal tanto a Colonia-do-Sacramento quanto os Sete-Povos das Missões do Uruguay, isto é, a maior porção do Rio-Grande-do-Sul, a qual só foi recuperada em 1801, e a fronteira, pelo lado do Atlantico, passou a começar mais ao norte, ou seja a partir do arroio Chuy.

Eis o restante da linha de limites estabelecida pelo tratado de 1777, na versão portugueza que acompanha o texto espanhol (212): — “Art. 8.º — Ficando já signalados os dominios de ambas as corôas até á entrada do rio Pequiri ou Periri-

(212) Carlos Calvo, coll. cit., III, 134-147.

guaçu no Uruguay, convieram os dois altos contratantes em que a linha divisoria seguirá aguas acima do rio Pepiri-guaçu até á sua origem principal; e desde esta pelo mais alto do terreno, debaixo das regras dadas no art. 8.º, continuará a encontrar as correntes do rio Santo Antonio, que desemboca no grande de Curitiba, por outro nome chamado Iguacu, seguindo este aguas abaixo até á sua entrada no Paraná pela sua margem oriental, e continuando então aguas acima do mesmo Paraná até onde se lhe ajunta o rio Igurei pela sua margem occidental. Art. 9.º — Desde a boca ou entrada do Igurei seguirá a raia aguas acima até á sua origem principal; e desde ella se tirará uma linha recta pelo mais alto do terreno, com attenção no ajustado no referido art. 6.º, até chegar á cabeceira e vertente principal do rio mais vizinho á dita linha, e que desague no Paraguay pela sua margem oriental, que talvez será o que chamam Correntes; e então baixará a raia pelas aguas deste rio até á sua entrada no Paraguay, desde cuja boca subirá pelo canal principal, que deixa este rio em tempo secco, e seguirá pelas suas aguas até encontrar os pantanos que fórma o rio, chamados a lagôa dos Xarayes, e atravessará esta lagôa até á boca do rio Jaurú. Art. 10.º — Desde a boca do Jaurú pela parte occidental seguirá a fronteira em linha recta até á margem austral do rio Guaporé ou Itenes, defronte da boca do rio Sararé, que entra no dito Guaporé pela sua margem septentrional; mas si os commissarios encarregados de regular os confins e execução destes artigos, acharem, ao tempo de reconhecer o paiz entre os rios Jaurú e Guaporé, outros rios ou balisas naturaes, por onde mais commodamente e com maior certeza se possa assignalar a raia naquella paragem, salvando sempre a navegação do Jaurú, que deve ser privativa dos Portuguezes, e o caminho que costumam fazer do Cuyabá até Mato-Grosso, os dois altos contratantes consentem e approvam que assim se estabeleça, sem attender a alguma porção mais ou menos de terreno, que possa ficar a uma ou a outra parte. Desde o lugar que na margem austral do Guaporé fôr assignalado para termo da raia, como fica explicado, baixará a fronteira por toda a corrente do rio Guaporé, que nasce na provincia de Santa Cruz da Serra e atravessa a

missão dos Moxos, formando juntos o rio que chamam da Madeira, o qual entra no Maranhão ou Amazonas pela sua margem austral. Art. 11 — Baixará a linha pelas aguas destes dois rios Guaporé e Mamoré, já unidos com o nome de Madeira, até á paragem situada em igual distancia do rio Maranhão ou Amazonas e da boca do dito Mamoré; e desde aquella paragem continuará por uma linha léste-oéste até encontrar com a margem oriental do rio Jabari, que entra no Maranhão pela sua margem austral; e baixando pelo alveo do mesmo Jabari até onde desemboca no Maranhão ou Amazonas, proseguirá aguas abaixo deste rio, a que os Espanhóes costumam chamar Orellana e os Indios Guiena, até á boca mais occidental do Japurá, que desagua nelle pela margem septentrional. Art. 12 — Continuará a fronteira subindo aguas acima da dita boca mais occidental do Japurá, e pelo meio deste rio até áquelle ponto em que possam ficar cobertos os estabelecimentos portuguezes das margens do dito Japurá e do Negro, como tambem a communição ou canal de que se serviam os mesmos Portuguezes entre estes dois rios, ao tempo de celebrar-se o tratado de limites de 13 de janeiro de 1750, conforme ao sentido literal delle, e do seu art. 9.º, que inteiramente se executará, segundo o estado que então tinham as cousas, sem prejudicar tão pouco as possessões espanholas, nem os seus respectivos dominios e communições com elles e com o rio Orinoco: de modo que nem os Espanhóes possam introduzir-se nos referidos estabelecimentos e communição portugueza, nem passar aguas abaixo da dita boca occidental do Japurá, nem do ponto da linha que se formar no rio Negro e nos demais que nelle se introduzirem; nem os Portuguezes subir aguas acima dos mesmos, nem de outros rios que se lhes unam, para passar do referido ponto da linha aos estabelecimentos espanhóes e ás suas communições; nem subir para o rio Orinoco, nem estender-se para as provincias povoadas por Espanha, nem os despovoados que lhe hão de pertencer conforme os presentes artigos: para o qual effeito as pessôas que se nomearem para a execução deste tratado assignalarão aquelles limites, buscando as lagoas e rios que se juntem ao Japurá e Negro e se avizinhem mais ao rumo do norte,

e nellas fixarão o ponto de que não deverá passar a navegação e uso de uma nem de outra nação, quando apartando-se dos rios haja de continuar a fronteira pelos montes que medeiam entre o Orinoco e o Maranhão ou Amazonas, endireitando também a linha da raia, quanto puder ser, para a parte do norte, sem reparar no pouco mais ou menos de terreno que fique a uma ou á outra corôa, comtanto que se logrem os fins já explicados, até concluir a dita linha onde findam os dominios das duas monarchias”.

Como se infere da transcrição acima, o tratado de 1777, excepto do Atlantico até ao rio Uruguay, respeitou em tudo mais as linhas determinadas pelo pacto de 1750.

Até aos fins do periodo colonial, a metropole lusitana alargou ainda mais o seu dominio na America do Sul, porque, além da conquista dos Sete-Povos das Missões do Uruguay e de toda a parte occidental do Rio-Grande-do-Sul ao norte do Quarahim, em 1801, também incorporou no Brasil a Guyana Franceza, tomada em 1808, e a Banda-Oriental, transformada em nossa Provincia Cisplatina em 1821. Não tendo os tratados de Badajoz (6 de junho de 1801) e de Amiens (25 de março de 1802) clausulado restituição alguma de territorios, ficou a Espanha com a praça de Olivença, que na Europa tomara a Portugal, mas este ficou com a extensa e importante área, occupada militarmente na America do Sul; a Guyana Franceza foi reentregue a Luiz XVIII em 1817; e o Uruguay, com o apoio da Argentina, conseguiu separar-se do Brasil e obter, em 1828, mediante a intervenção amistosa da Inglaterra, o reconhecimento de sua independencia.

Sobre a conquista das Missões, isto é, da maior parte do actual Rio-Grande-do-Sul, em 1801, por Manuel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, vejam-se os “Annaes da provincia de São-Pedro”, pags. 214-270, e a “Historia da republica jesuitica do Paraguay”, pags. 275-286. Evaristo Affonso de Castro, em sua “Noticia descriptiva da região missioneira da provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul” (Cruz-Alta, 1887), pags. 38-40, repete, quasi literalmente, o que escreveu o



conego João Pedro Gay. Os Sete-Povos eram São-Nicolau, São-Miguel, São-Luiz-Gonzaga, São-Francisco-de-Borja, São-Lourenço, São-João-Baptista e Santo-Angelo (fundados em 1627, 1632, 1632, 1690, 1691, 1698 e 1707), os quaes, segundo a "Corografia brasilica", contavam então 14.000 indios. Depois de historiar a conquista dessa enorme região, assim conclue o visconde de São-Leopoldo (pag. 227): — "Assim, por um golpe de audacia, um punhado de homens, sem armas, sem petrechos, nem munições, que foi preciso ganhar valorosamente aos proprios inimigos, annexou esta provincia aos dominios portuguezes". E o vigario de São-Borja (o conego Gay) informa ainda melhor (pag. 278): — "Assim se effectuou a união das sete missões jesuiticas, sitas ao oriente do rio Uruguay, ás possessões portuguezas do Brasil, tendo contribuido para isso mais a audacia, bravura e valentia de um punhado de homens do que os tratados dos soberanos reis de Portugal e de Espanha, que cincoenta annos antes não puderam, com seus exercitos combinados, fazer desoccupar estas sete missões, cedidas por Sua Magestade Catholica a Sua Magestade Fidelissima, em troca da Colonia do Sacramento. Na mesma occasião ou pouco tempo depois, os conquistadores portuguezes estenderam para mais longe, do lado do sul, os limites das Missões Orientaes do Uruguay. Posto que os jesuitas tivessem algumas estancias sobre a margem esquerda do rio Ubiçuy (*Ibiciuy*), e que nas planicies entre este rio e o Quarahim mandassem apanhar gado e animaes cavallares, de que os ditos campos estavam cobertos, especie de negocio que faziam simultaneamente os padres da Companhia e seus vizinhos, os charrúas e os minuanos, é certo que o Ubiçuy era o limite sul das Missões Orientaes do Uruguay; mas os conquistadores destas Missões foram pouco a pouco, sem encontrarem resistencia, se apoderando dos campos e terrenos ao sul do Ubiçuy, desde este rio até o Arapey, que serviu de limite ás possessões portuguezas e espanholas, até que, nas ultimas demarcações feitas entre o Imperio do Brasil e a Republica Oriental, foi reconhecido por ambas as partes contractantes o rio Quarahim para limite dos dois Estados. Em uma destas excursões pela costa de Quarahim, aonde os conquistadores por-

tuguezes iam ás vezes, a exemplo dos padres jesuitas, buscar animaes vaccuns e cavallares, pereceu desgraçadamente o capitão José Borges do Canto, principal autor da conquista, ás mãos dos charrúas". Dos dois heróes da prodigiosa façanha, Manuel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, este foi o mais operoso e intrepido. Ambos, porém, merecem, quer da patria, quer do rincão natal que integraram na communhão brasileira, o preito de um monumento que lhes perpetue e lembre os nomes ás bençams e ao reconhecimento da posteridade.

Quanto a outros aspectos por que se manifestou a influencia da expansão geographica do Brasil na politica lusitana e, simultaneamente, no proprio desenvolvimento da nossa patria, — eis como os delineou, em magistral synopse, a fulgida penna de Oliveira Martins ("O Brasil e as colonias portuguezas", 3.<sup>a</sup> ed., pag. 77): — "Foi esse caso fortuito (*o descobrimento das minas*) que determinou uma grande corrente de emigração para o sul central do Brasil; foi elle que deu um alento passageiro á rachitica vida do Portugal brigantino; e, permittindo a d. João V fazer na Europa de rei *brasileiro*, permittiu ao marquez de Pombal declarar a guerra aos jesuitas e salvar o Brasil, sinão da sorte do Paraguay, ao menos da agitada vida que lhe promettia a coexistencia do regimen civil e do regimen theocratico, no governo e na organização do trabalho servo. Esse caso fortuito é o descobrimento das minas, ao qual o Brasil deve a rapida definição de sua independencia. Na riqueza do ouro encontrou a população de São-Paulo uma força predominante, com que impoz a sua supremacia, — como homogeneidade, como cohesão, como originalidade e autonomia nacional, — ás provincias do norte, cuja existencia era artificial, na população toda estrangeira, quer nos brancos portuguezes, quer nos negros africanos; artificial no regimen do trabalho e na natureza da cultura; cuja vida, emfim, era a de uma *fazenda* ultramarina de Portugal, amanhada e cultivada pelo genio dos estadistas, e não a de uma nação nova, existindo independente e autonoma, por virtude de uma população fixada e naturalizada no sólo sobre o qual vivia".

Com effeito, foi o descobrimento das riquezas metallicas

que promoveu o rápido povoamento do *hinterland* centro-meridional do Brasil; que iniciou a diferenciação, pela preponderância dos factores económicos, entre o norte e o sul, tanto que a séde do governo da colónia foi mudada da Bahia para o Rio-de-Janeiro; que permittiu a alforria dos índios e evitou se enraizasse em nossa pátria um imperio jesuitico, semelhante ao do Paraguay; que possibilitou a unificação da colónia luso-americana, pela extincção do Estado do Maranhão (creado em 1621); e que, finalmente, deu particular relevo aos paulistas, que, agentes precipuos da expansão organica e espontanea do Brasil, estavam destinados a representar aqui um papel analogo ao dos *yankees*, isto é, creadores de riqueza.

É, certo, comtudo, que os thesouros desentranhados do coração do Brasil pela insobrepujavel actividade e incomparavel destemidez dos bandeirantes paulistas, foram, em grande parte, durante o longo e prodigo reinado de d. João V, para Portugal, donde se escoaram, em maquiás consideraveis, para a Santa-Sé e para a Inglaterra. Esta, na alvorada do seculo XVIII (o tratado de Methuen é de 1703), fizera a conquista economica do reino luso, como ainda, nos começos do seculo XIX, pelos tratados de 1810, veiu fazer a conquista economica do Brasil.

Como se vê do prohibido e exhaustivo trabalho de João Lucio de Azevedo, "Épocas de Portugal economico" (Lisbôa, 1929), tem-se exaggerado (como o fizeram Oliveira Martins, em sua "Historia de Portugal", e o nosso patricio Joaquim Felicio dos Santos, em suas "Memorias do Districto Diamantino") tanto o que d. João V recebeu do Brasil em ouro e diamantes, quanto o que elle enviou ao papa, afim de obter o titulo de rei "fidelissimo" e a criação de um patriarchado em Lisbôa (213).

---

(213) Oliveira Martins (ob. cit., 5.<sup>a</sup> ed., II, 153) assegura que «mais de duzentos milhões de cruzados foram para Roma; não tem conta o que (d. João V) deu pelo reino ás egrejas, aos conventos de frades e freiras; e, na sua furia de ser o esmolér-mór do catholicismo, lembrava-se de todos, derramando por toda parte o ouro do Brasil». J. Felicio dos Santos (ob. cit., 25), por sua vez, affirma que, sómente pelo titulo de «fidelissimo», pagou d. João V ao papa «quatrocentos e cincoenta milhões de cruzados».

Mas o innegavel é que foram as divicias do Brasil que impulsionaram o rei-sol de Portugal ás loucas prodigalidades que elle praticou, quer para obter da Santa-Sé aquella frivola denominação e outras concessões de tal jaez, que tanto dinheiro lhe custaram, quer para dotar a velha Ulyssipolis de certos monumentos voluptuarios.

No Brasil, ao descobrimento do ouro e dos diamantes é que se deve, não só o surto de innumeradas povoações de Minas-Geraes, Bahia, Goiaz e Mato-Grosso, como ainda a erecção de tantos e tão imponentes templos, que as exornam, de paços construidos para a residencia dos prepostos do soberano e de bellas vivendas particulares. É de crer que a maior parte da riqueza arrancada ás jazidas metallicas, conservada pelos descendentes e successores dos bandeirantes, tenha sido tambem applicada, quando cessou a exploração do sub-sólo, ao desenvolvimento da lavoura (o plantio do café começou na terra paulista em fins do seculo XVIII) e quiçá ao inicio da nossa actividade industrial.

Em resumo: — a triplicação da área do concerto de Torresillas, o povoamento, a submissão dos indios, a revelação das riquezas do sub-sólo, a criação de gado, o assentamento das pedras angulares da nossa grandeza economica e até a propria unidade politica do Brasil, — tudo isso, em sua maxima parte, é fructo do audacioso e fecundo bandeirismo dos seculos XVII e XVIII.

## SYNTHESE DO MOVIMENTO

Para concluir, daremos, em poucas linhas, os traços geraes da colonização e das directrizes, afim de que possamos chegar, mais comprehensivelmente, á synthese do movimento estudado.

Vimos que a occupação do litoral, de São-Vicente até Belém-do-Pará, se estendeu de 1532 até 1616, obedecendo ao impulso metropolitano, directo (da corôa) ou indirecto (das donatárias particulares); e que de São-Vicente para o sul o surto de povoações costeiras resultou da acção espontanea dos paulistas, attrahidos quer pelo ouro de lavagem, que determinou o apparecimento de Iguape, Cananéa e Paranaguá, quer pela prolação natural desse movimento, conjugado com o da caça ao indio, que os levou a estabelecer-se em São-Francisco-do-Sul, Desterro e Laguna, tudo isso nos seculos XVI e XVII. Cumpre notar que a interferencia de alienigenas intrusos precipitou a fundação do Rio-de-Janeiro e de São-Luiz-do-Maranhão (franceses), bem como o incremento de Recife e Parahyba (hollandezes), do mesmo modo que o dominio espanhol deu causa á incorporação do Cabo-do-Norte, isto é, da Guyana brasileira.

O cyclo das entradas com o intuito do descobrimento de riquezas mineraes não deixou vislumbres de occupação permanente no territorio em que se exerceu. Só o de conquista do indigena foi que favoreceu a fixação de povoações, tanto no centro da ourela atlantica (Sergipe e Parahyba), quanto no extremo norte (Maranhão, Ceará, Pará e Amazonas), que, sobretudo na bacia do rio-mar, os chefes das tropas de resgate juntaram de destacamentos e fortalezas, para, simultaneamente, preiarem os incolas e defenderem a região contra os invasores europeus, inimigos de Portugal ou desconhecedores da soberania lusa sobre esta porção da sua colonia americana.

Lá, no *far-north*, a occupação das terras foi favorecida por um duplo elemento: — os missionarios catholicos, que inçaram de aldêias as ribas do Amazonas e de alguns dos seus affluentes, bem como a ilha de Marajó, a Guyana e o Ceará; e a corrente migratoria de Portugal, estabelecida desde a segunda metade do seculo XVIII, e que alli formou *habitats* novos ou desenvolveu nucleos já existentes, dando origem a muitas localidades, repontadas entre 1757 e 1765, no Estado do Maranhão, as quaes, como já vimos, foram baptizadas com toponymos lusitanos: Amarante, Ega, Extremoz, Guimarães, Mazagão, Moura, Olivença, Serpa, Thomar, Tutoya, Vianna, Vinhaes.

A disseminação de centros civilizados á margem direita do São-Francisco, nos sertões de Minas-Geraes e da Bahia, assim como na extrema occidental de Pernambuco, da Parahyba e do Rio-Grande-do-Norte, ao sul do Ceará e do Maranhão e no grande *cul-de-sac* do Piauhy, — estava reservada á irradiação dos criadores de gado, mercê do auxilio dos bandeirantes meridionaes, e tambem dos septentrionaes, na segunda metade do seculo XVII. E a destruição dos quilombos dos Palmares, no fim dessa centuria, propiciou o apparecimento de povoações no interior de Alagôas.

De São-Vicente, Santos e São-Paulo, foram-se esparrando os colonos pelas margens do Parahyba, transformando em villas as aldêias de guayanazes alli estabelecidas (São-José-dos-Campos, Mogy-das-Cruzes, Taubatê, Guaratinguetá, todas do seculo XVII, como tambem Jacarehy, e depois Pindamonhangaba e Caçapava, em começos do seculo XVIII, e pelas ribas do Tietê (Jundiahy, Itú e Sorocaba), preparando os focos da sua formidavel expansão. O caminho dos guayanazes, depois chamado “caminho velho”, que de Paraty buscava a serra da Mantiqueira, fez surgir o povoado do Facão (hoje cidade de Cunha), em 1660. O oéste de São-Paulo ficou então em completo olvido (nelle não havia metaes preciosos, e a região da terra roxa aguardou a rubiacea povoadora e enriquecedora), e os mamelucos marcharam a caçar indios em todas as direcções, até que o grande cyclo do ouro os compelliu a encher de nucleos humanos a via enorme pela qual penetraram o *hinterland*

e a encher de burgos mineiros o coração do Brasil, devendo-se-lhes Minas, Goiaz e Mato-Grosso, onde é rara a cidade, assim como a villa ou o simples arraial, que não sejam de origem paulista.

Si é innegavel que os bandeirantes foram a principio despovoadores do sul, extra-Tordesillas, os selvicolas que alli captivaram vieram augmentar os centros já existentes em São-Paulo e no Rio-de-Janeiro, — e os paulistas, pouco depois, occupavam varios pontos do planalto meridional, fundavam Lages e fundavam Viamão, completando em seguida a conquista e povoamento do interior do Paraná (Guarapuava, descoberta em 1771, e Castro, villa em 1788) e de Santa-Catharina e chegando ainda até ao Rio-Grande-do-Sul.

A materia-prima da colonização, qual se vê, consistiu, nos seculos XVI e XVII, em portuguezes e amerindios, num cruzamento contínuo, pois que a mulher tupy era facil e era seu tanto prolifica.

Portugal, que, na aurora do seculo XVI, mal contava 2.000.000 de habitantes, não podia ao mesmo tempo formar o seu extenso imperio colonial do oriente (que, por isso, tão depressa se esbarrondou e perdeu) e repletar de gente o Brasil immenso, mesmo apenas na dilatada linha da costa.

A principio, só recebêmos da metropole os aventureiros trazidos pelas esquadras exploradoras e pelos donatarios, assim como os degredados (violadores do livro V das "Ordenações do Reino" e judeus) e os negros africanos. A introducção destes em nossa Patria só se incrementou em fins do seculo XVII, para o norte, e no seculo XVIII, para o sul.

Só depois de desfeito o deslumbrante sonho das Indias foi que Portugal, estimulado então pelo ouro do Brasil, cuidou mais seriamente de colonizar a nossa terra. É de 7 de agosto de 1747 o contracto celebrado com Feliciano Velho de Oldemberg, que se obrigou a transportar até 4.000 casaes do reino e das ilhas para as capitancias de Santa-Catharina (214) e do Rio-Grande-

---

(214) M. J. de Almeida Coelho (ob. cit., 15-21) contesta que Santa-Catharina haja recebido immigração portugueza em 1692 e 1723, como

do-Sul ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", XXXIV, p. 2.<sup>a</sup>, 111). E, como a Companhia de Commercio de 1682, a exemplo da de 1649, não tinha produzido resultados satisfactorios, quanto ao povoamento da colonia luso-americana, — Pombal, que sempre revelou manifesta predilecção pelo norte do Brasil, criou em 1755 e 1759 as companhias privilegiadas do "Grão-Pará e Maranhão" e de "Pernambuco e Parahyba", destinadas a fomentar a colonização de taes zonas, e que, segundo o Barão do Rio-Branco (ob. cit., 108-109), prestaram inestimaveis serviços ao povoamento de toda aquella vasta região.

Mas, pelo contracto acima referido, pôde fazer-se idéa de quão pequena foi a contribuição de gente que a metropole officialmente nos mandou.

É certo, comtudo, que a migração espontanea de lá para cá avultou consideravelmente, em consequencia dos descobrimentos de ouro e diamantes em nosso *hinterland*.

Foi enorme o *rush*. Tanto que o Conselho Ultramarino, justamente alarmado, pediu providencias ao soberano, para que este puzesse paradeiro á emigração. Quer as apprehensões resultassem do simples facto material da corrente desmarcada, quer os temores proviessem das consequencias politicas lobrigadas no futuro, — os estadistas lusos, depois de historiarem os chamarizes que attrahiam os seus compatriotas a se escaparem para a colonia americana, assim se exprimiam: — "A fama dessas riquezas convida os vassallos do reino a se passarem para o Brasil a procural-as; e ainda que por uma lei se quiz dar providencia a esta deserção, por mil modos se vê frustrado o effeito della, e passam para aquelle Estado muitas pessoas, assim do reino como das ilhas, fazendo esta passagem, ou occultamente negociando este transporte com os mandantes dos navios ou seus officiaes, assim nos de guerra como nos mercantes, ou com fraudes que se fazem á lei, procurando passaportes com pretextos e carregações falsas. *Por este modo se despo-*

---

têm affirmado alguns historiographos. Segundo diz elle, apoiado em provas seguras, as unicas levas lusitanas, que para alli foram encaminhadas, realizaram-se de 1748 a 1752, e eram compostas de açorianos («açoritas», escreve elle) e madeirenses, num total de 4.024 pessoas.



vóará o reino, e em poucos annos virá a ter o Brasil tantos vassallos brancos como tem o mesmo reino" ("Rev." cit., 110) (215).

Sabe-se tambem que, por deliberação régia, os deportados, que a principio vinham para todo o Brasil, depois foram especialmente encaminhados para o Estado do Maranhão. Em 1769, foram mandados para o Grão-Pará os portuguezes retirados da praça africana de Mazagão e que em grande parte povoaram a Nova-Mazagão (villa em 1771). Em fins do seculo XVIII, isto é, em 1794, recebeu Santa-Catharina alguns deportados, mas apenas durante quatro annos, pois as autoridades daquella capitania meridional, conforme João Ribeiro (ob. cit., 359), "reputando o clima saluberrimo, resolveram de preferencia colonizar com os desterrados o extremo-oéste, Mato-Grosso e Amazonas (1797)".

Além do portuguez, do indio e do africano, foi insignificante o contingente que prestaram outros povos á colonização do Brasil, na vigencia do colonato. Os espanhóes, sob cujo dominio esteve a nossa Patria por 60 annos, sempre nos deram durante esse tempo algumas famílias povoadoras, e no seculo XVI aventureiros ou naufragos castelhanos concorreram para o povoamento dos primeiros burgos litoraneos de S.-Paulo e Santa-Catharina. Das expedições de corsarios inglezes, assim como das invasões francezas e flamengas, alguns homens houve que ficaram em nossa terra, mas em numero exiguo.

Em resumo: — o norte de nossa patria distingue-se pelo maior desenvolvimento *colonial*, de origem metropolitana, ao passo que o sul se caracteriza mais pela desenvolução *espontanea*, isto é, pelo desdobraimento das suas proprias forças.

---

(215) As mais notaveis leis da metropole, prohibitivas da migração espontanea de portuguezes para o Brasil no seculo XVIII, foram as de 25 de novembro de 1709, 17 de fevereiro de 1711 e 20 de março de 1720 (esta ultima acha-se reproduzida por Balthazar da Silva Lisbôa, ob. cit., II, 371-376), — todas, como se vê por suas datas, expedidas no periodo mais intenso dos descobrimentos do ouro no *hinterland* brasileiro.

O seculo passado e o que corre estão a evidenciar que a barreira, de si posta pelo clima e por essa evolução historica entre aquellas duas porções geographicas do Brasil, tende a amplificar-se cada vez mais, em consequencia do affluxo da colonização européa para a zona temperada.

De S.-Paulo, intensamente italianizado, e do Paraná, Santa-Catharina e Rio-Grande, fortemente germanizados, — é que surgirá o neo-brasileiro, cada vez mais differenciado do brasileiro patriarchal do norte.

Defeito das patrias espaçosas, incuria dos que governam os Estados septentrionaes, inannuencia das correntes alienigenas ao convite para tentarem fortuna naquellas regiões, imprevidencia dos homens que dirigiram o imperio e dos que têm timoneado a republica, — isso, seja como fôr, é um facto indiscutivel, uma fatalidade, ante a qual permanecemos de braços cruzados, ou inertes como bonzos, de olhos fitos no ventre e estaticos em face dos idolos vetustos.

E' um bem para o sul, é um mal para o norte, e muito melhor fôra que o desenvolvimento da nossa patria se dêsse homogeneo, para que ella pudesse continuar a sua trajectoria, em demanda do porvir, — sempre unida, sempre grande, sempre forte.

---

Bem que o estudo das directrizes da expansão geographica de que tratámos esteja, em sua porção mais consideravel, a das entradas e bandeiras, confiado a penna mais competente do que a nossa (216), — daremos, todavia, a synopse das linhas traçadas em nosso mappa, até 1750, pelo grandioso phenomeno historico.

Si, em vez das definições superficiaes que o operoso jesuita Rafael Galanti forneceu de “entradas” e “bandeiras”

---

(216) Referencia á these de Gentil de Assis Moura, «As bandeiras paulistas — Estabelecimento das directrizes a que obedeceram e estudo das zonas que alcançaram», publicada em 1914 (São-Paulo).

(217), distinguirmos estas daquellas pelo cunho official das primeiras e pela espontaneidade que caracteriza as segundas, — podemos desde logo accentuar que, no cyclo de pequena penetração, qual o influenciado directamente pela metropole e pelos seus prepostos, os roteiros foram geralmente fluviaes, isto é, subiam das fozes atlanticas no Brasil central ás cabeceiras, e desciam das nascentes no sertão ás boccas dos rios no oceano, quer volvendo pela mesma corrente da partida, quer descrevendo um arco de circulo não extenso. Só aventureiros, ou alguma rara entrada sem influxo maior na exploração das terras interiores, perlustraram trilhas seccas.

Quanto ás bandeiras, Oliveira Lima, que tão idoneamente lhes enaltece o relevo sem egual em nossa marcha evolutiva, não tem razão, quando affirma (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo”, XVII, 8): — “Tanto quanto possivel, aproveitavam-se ellas dos rios, para subil-os ou descil-os, tendo frequentemente que contornar as cachoeiras que lhes obstruiam a navegação nessa região em declive”.

Tal asserto só em parte se concilia com a verdade dos factos. Com effeito, do que deixámos documentadamente exposto,—a tomada das provincias hispano-jesuíticas meridionaes, o devassamento inicial do *far-west* e as riquezas mineraes do *hinterland*, — em tudo isso as vias terrestres foram sempre o sulco dominante. Não queremos dizer que as viagens dos *condottieri* dos sertões fossem, *in globo*, a pé enxuto, pois que algumas se iniciaram até pelo litoral, como a que subiu a Ribeira-de-Iguape para atacar o Guayrá, e quasi todas tiveram por bussola as caudaes do admiravel systema potamographico peculiar do planalto paulista. Até aos fins do seculo XVII, ou, melhor, até 1719, a actividade incomparavel dos pioneiros mamelucos exercita-se essencialmente por vias xerographicas, que

---

(217) «Entradas, porque era um verdadeiro entrar pela espessura das immensas mattas do Brasil; bandeiras, porque os sertanejos, que se reuniam para essas entradas, levavam sempre um estandarte ou bandeira, como signal da reunião, e distinctivo das diversas companhias» (R. Galanti, «Lições de Historia do Brasil», São-Paulo, 1895, pag. 82).

não hydrographicas. Sómente daquella data em deante é que o descobrimento dos *placers* auríferos de Goyaz e Mato-Grosso e a occupação definitiva dessas paragens se effectuam pelas “estradas que andam”, pelo Tietê, pelo Paraná, pelos affluentes deste, e, palmilhando pequenos varadouros, pelo Paraguay e seus tributarios.

Tendo em vista esses principios fundamentaes, póde-se agora comprehender com perfeita clareza o quadro seguinte, que só um profundo sabedor da nossa historia, como Capistrano, era capaz de gizar: — “A’ parte geographica das expedições corresponde mais ou menos o seguinte schema: os bandeirantes, deixando o Tietê, alcançaram o Parahyba-do-Sul pela garganta de S.-Miguel, desceram-no até Guaypacaré, actual Lorena, e dalli passaram a Mantiqueira, approximadamente por onde hoje a transpõe a E. F. Minas e Rio. Viajando em rumo de Jundiahy e Mogy, deixaram á esquerda o salto de Urubupungá, chegaram pelo Parahyba a Goyaz. De Sorocaba partia a linha de penetração que levava ao trecho superior dos affluentes orientaes do Paraná e do Uruguay. Pelos rios que desembocam entre os saltos do Urubupungá e Guayrá, transferiram-se da bacia do Paraná para a do Paraguay, chegaram a Cuyabá e a Mato-Grosso. Com o tempo, a linha do Parahyba ligou o planalto do Paraná ao do S. Francisco e do Parahyba, as de Goyaz e Mato-Grosso ligaram o planalto amazonico ao rio-mar pelo Madeira, pelo Tapajós e pelo Tocantins”.

Observaremos, comtudo, que a descida do Parahyba-do-Sul não foi, em regra, pelo alveo, e, sim, pela margem, pois que tanto as bandeiras de montaria aos selvagens, como as de caça ás esmeraldas, saídas da villa de S. Paulo, quanto as do grande cyclo do ouro, partidas de Taubaté, perlongaram o leito daquelle rio até Guaypacaré, dalli escalando a Mantiqueira. Itú e Sorocaba foram uma especie de sentinellas avançadas, donde os ganfaloneiros paulistas se arrojaram para o sul e para oéste. Não ha muito, deparou-se-nos no Archivo Nacional um documento avulso, cuja importancia nos excusamos de encarecer e que corrobora a nitida visão de Capistrano. ‘E’ a carta-régia de 15 de março de 1689, na qual a palavra do mo-

narcha testemunha que “os moradores da Villa de Sorocaba querião fazer entrada em Villa Rica, e Cidade de Xerez, p<sup>a</sup> commercarem com os Castelhanos daquellas partes, p<sup>a</sup>. se melhorarem da pobreza, em que uiuião, de q. lhes poderião rezultar conuinencias, e a faz<sup>a</sup>. Real”. Bem aventurada tal indigencia, talvez pretextuosa, que impelliu logo depois os sorocabanos, assim como os seus vizinhos de Itú, mais proximos do Tietê, em demanda das riquezas occultas no longinquo Mato-Grosso! As tres linhas de penetração, tomadas no rio Paraná, acham-se amplamente descriptas pelo nosso compatricio M. T. Alves Nogueira, em seu “Compendio de geographia e chorographia do Brasil” (pags. 115-117), para o qual remettemos o leitor, e os pormenores de um desses trajectos, realizado pelo paulista dr. F. J. de La-Cerda e Almeida, que fez parte da commissão demarcadora dos limites oriundos do tratado de 1777, vêm na obra daquelle bandeirante-scientista, mandada imprimir pela assembléa provincial de São-Paulo em 1841.

Dos trilhos indigenas e dos mais que seguiram os sertanistas na primeira centuria da sua irradiação, occupam-se, com o elevado criterio que os distingue. Theodoro Sampaio, em sua memoria sobre “S. Paulo de Piratininga nos fins do seculo XVI” (“Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo”, IV, 257-278), e Washington Luís, em sua monographia sobre “Antonio Raposo” (“Rev.” cit., IX, 485-533).

Registou os itinerarios, a que deram immenso vulto os thesouros do nosso *hinterland*, o admiravel Antonil, em cujo trabalho se encontram o “Roteiro do caminho da villa de S. Paulo para as Minas-Geraes e para o rio das Velhas”, o “Roteiro do caminho velho da cidade do Rio-de-Janeiro para as Minas-Geraes dos Cataguás e do rio das Velhas” e o “Roteiro do caminho novo da cidade do Rio-de-Janeiro para as Minas” (218).

---

(218) Destes assumptos têm cogitado, com profundeza, doutos da estatura de Capistrano e Calogeras, além de outros. Nés tambem, — sombra obscura ao lado desses investigadores de nome feito e respeitado. — estamos tentando pacientemente dilucidar, a poder de documentos, em sua maior parte adormidos na poeira dos archivos, essa questão

Tambem as picadas, abertas até fins do seculo XVII ou começos do XVIII pelos criadores de gado, foram recenseadas pelo jesuita Andreoni, que, em seu mencionado escripto, descreve a principal dellas, isto é, o "Roteiro do caminho da cidade da Bahia para as Minas do Rio das Velhas"; commenta e dilucida a importancia dessa via de penetração o erudito Calogeras (1, 53-55). O egregio Capistrano, cuidando mais das da zona septentrional da pecuaria, refere-se, além de outras de menor interesse historico, á que nos ultimos annos do seculo XVII franqueou João Velho do Valle, a quem se deve a ligação da Bahia, pelo interior, com o Ceará, o Maranhão e o Pará ("Noções de Historia do Brasil até 1800", 122-123). E no códice n. 376, pertencente ao archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, figuram varios roteiros entre a Bahia e Minas-Geraes.

O rio-mar e os seus tributarios da foz e das duas margens foram as veredas naturaes da conquista da Amazonia no seculo XVII, para a sua decisiva integração em nossa patria no seculo XVIII.

Dos "Diversos roteiros que seguiram nossos maiores para penetrar duma bacia na outra", isto é, da do Amazonas na do Prata, enumera e descreve cinco o Livingstone brasileiro da centuria passada, Couto de Magalhães, em seu volume sobre "O selvagem" (ed. de 1876, pags. 149-159). Um delles, o adoptado pelos jesuitas do Paraguay, para se communicarem com os seus collegas do Pará, orça-o Couto de Magalhães em 1.225 leguas, contadas de Montevidéo a Belém, pelo Paraguay e afluentes, Araguaya e Tocantins, isto é, o caminho fluvial

---

intimamente connexa com o phenomeno do bandeirismo. Dispomos já de dados preciosos e seguros sobre a grandiosa empresa de que foi o inaximo autor Garcia Rodrigues Paes, e assignalamos, com justo desvanecimento, que o nosso appello, feito em conferencias realizadas no Instituto Historico desta capital, não deixou de ser ouvido na gloriosa terra mineira, do que é prova o interessante artigo sobre «Garcia Rodrigues Paes», em relação ao «caminho-novo», estampado pelo illustre dr. F. de P. Rocha Lagôa Filho (hoje digno magistrado no Districto Federal) em o «Minas-Geraes» de 18 de julho de 1915.

mais curto. Como se sabe, pois todos os historiographos mencionam esse feito memoravel, antecedeu apenas de oito annos ao tratado de Madrid a arrojada exploração de Manuel Felix de Lima, que, pelo Sararé, Guaporé, Mamoré e Madeira, derivou pelo mediterraneo amazonico (219). A fundação da capital de Mato-Grosso ás margens do Guaporé, conforme a judiciousa ponderação de Capistrano (ob. cit., 120), foi "a consequencia do achamento deste caminho, que com o tempo se tornou o mais frequentado". Acreditamos, a nosso turno, que os effeitos daquella expedição atrevida tambem se fizeram sentir no pacto de 1750, para o balisamento diplomatico de parte das nossas fronteiras occidentaes.

Em regra, as antigas veréas de penetração da zona mais povoada do Brasil serviram aos homens do seculo passado e do actual para a locação dos trilhos das mais importantes arterias ferroviarias nacionaes.

---

Agora, mercê dos elementos que reunimos nas paginas anteriores, podemos tirar a synthese da "expansão geographica do Brasil".

Mas porque fazel-a nós bisonhamente, si ella está feita por quem se exorna com primores de sciencia e de estilo?

Tomemol-a, pois, de emprestimo a João Ribeiro (ob. cit., 161-164), para que fechemos com alheia chave de ouro a entrosagem modesta da nossa these:

*"A penetração pratica e definitiva do interior do Brasil, nos começos do novo seculo (seculo XVII), estava reduzida apenas, no norte, ao curso inferior dos rios, do Parahyba-do-Sul (Parahyba-do-Norte) ao rio Goyana em Pernambuco, nu-*

---

(219) Em nosso immenso *far-west*, até agora mais habitado de selvagens que de homens cultos, andou ha pouco a devassar-lhe as terras, a descobrir-lhe novos rios ignorados e sobretudo a conquistar-lhe apostolarmente as bravias tribus fetichicas, o nosso compatricio general Rondon, — digno modelo dos bandeirantes deste seculo, e cujos inestimaveis serviços ha de por certo abençoar um dia a posteridade reconhecida.

*ma faixa mais ou menos de dez a vinte leguas, que é a zona da agricultura da canna de assucar e do algodão.*

“A *zona da criação*, que se desenvolve no seculo XVII, vem augmentar extraordinariamente essa profundidade, ao norte, abrindo caminhos pelo centro, e em opposição aos rios que correm para léste e servem á zona agricola.

“A *zona das minas*, ao sul, que tambem se desenvolve no mesmo seculo, torna conhecido o interior das terras meridionaes intertropicas.

“No extremo-sul (do Paraná ao Rio-Grande), o conhecimento do interior excepcionalmente precede o do litoral, pela frequencia dos caminhos e do commercio das missões, e porque, estando fóra (de Laguna para o sul) do meridiano de Tordesillas, os portuguezes o não colonizaram, e os espanhóes, ricos de terra em demasia, não passavam quasi aquém do Prata. Os jesuitas e os guaranys foram, desde a descoberta, os instrumentos de ligação dessas terras (Uruguay, Paraguay e Paraná), que a politica separava e dividia.

“A synthese e os principios geraes que se tiram desses factos — é que a colonização peripherica do Brasil dependeu da *necessidade do territorio continuo*: só depois de S. Vicente e Espirito-Santo, coloniza-se o Rio; depois de Bahia e Pernambuco, colonizam-se *Sergipe e Alagôas*; foi preciso a posse da Colonia do Sacramento, no Prata, para colonizar o trecho de *Laguna ao Rio-Grande-do-Sul*. A's vezes, um dos termos desta série é o estrangeiro: o francez, localizado no Maranhão, impelle o portuguez (cujo limite de occupação effectiva era a Parahyba) a occupar o Ceará.

“O outro principio geral, relativo á colonização interna e povoamento, depende exclusivamente da condição industrial: enquanto o Brasil é *agricola*, a penetração pelo interior é a minima; é a maxima com a *criação de gado* e a descoberta das *minas*, industrias ou productos do intimo sertão.

“O terceiro é que, excluido o mar, caminho de todas as civilizações, o *grande caminho da civilização brasileira* é o rio



de S. Francisco: é nas suas cabeceiras que pairam as grandes bandeiras, e dahi se expande e ondula o *impulso das minas*; é no seu curso médio e inferior que se expande e propaga o *impulso da criação*, os dois maximos factores do povoamento. As suas ondulações extremas, desde S. Paulo (ligado a Minas) até o Piauhy (ligado a Pernambuco), abraçam o que hoje se poderia chamar o *Brasil brasileiro*. O extremo-norte, a Amazonia, é em excesso indiatico; o extremo-sul (Rio-Grande), é demasiado platino; ambos esses extremos estão fóra, ainda, do seu influxo original: revolucionam-se, quando tudo está em paz; ou prosperam, no meio da miseria universal.

Silvio Roméro, o estrenuo batalhador das letras nacionaes, ha pouco tombado na eternidade do Além, já mostrara em um dos seus livros o facto indiscutivel da separação, que motivos de ordem mesologica e de interferencias ethnicas estabeleceram entre o norte e o sul da nossa terra. Aceitando-se esse conceito, embora como uma fatalidade irremediavel, e si fosse possivel, como tão brilhantemente quer João Ribeiro, fazer dos rios patrios os indices da trajectoria de nossa civilização, — estamos convencidos de não errar, appensando, ao bem traçado quadro do conspicuo historiador, acima transcripto, este *addendum* necessario:

Outro *grande caminho da civilização brasileira* foi o rio Tietê: das suas margens e das proximidades do seu alveo partiu o movimento conquistador de todo o sul (Paraná, Santa-Catharina e Rio-Grande), do centro (Minas-Geraes) e do oéste (Goyaz e Mato-Grosso), ondulando-se e propagando-se os seus efeitos por todo o sertão do norte e do extremo-norte, em ajuda propicia e indispensavel á irradiação dos criadores de gado. Aquella vasta formação, sobretudo á que occupa a zona temperada, é que se poderia chamar o *Brasil europeizado*, onde ao sangue masculino dos descendentes dos mamelucos se juntou a synergia de latinos e saxões, cujos mestiços serão os novos e victoriosos bandeirantes do futuro!



Não faltou quem, dentre os mais illustres historiadores estrangeiros que se preocuparam com o Brasil, como Southey (220), fizesse justiça ao portentoso esforço dos paulistas.

Mas quantas lendas, verosimeis e inverosimeis, boas e más, enaltecedoras e vilipendiosas, poeticas e horripilantes, não se criaram, aqui e alhures, em torno das façanhas dos bandeirantes!

Montoya, Jarque, Charlevoix, Raynal, Froger, Saint-Hilaire, Quatrefages, Warden, Leroy-Beaulieu, Seignobos, — dentre os escriptores alienigenas, — os ecclesiasticos sobretudo, foram os que mais contribuíram para a formação das ficções abstrusas, tecidas sobre os feitos dos devassadores do Brasil.

Entretanto, já um autor anonymo (referido pelo erudito Capistrano, ob. cit., 109) dizia a respeito dos paulistas, pouco depois de 1690: — “Sua Magestade podia se valer dos homens de S. Paulo, fazendo-lhes honras e mercês, que as honras e os interesses facilitam os homens a todo o perigo, porque são homens capazes para penetrar todos os sertões, por onde andam continuamente sem mais sustento que caças do mato, bichos, cobras, lagartos, fructas bravas e raizes de varios paus, e não lhes é molesto andarem pelos sertões annos e annos, pelo habito que têm feito daquella vida. E suposto que estes paulistas, por alguns casos succedidos de uns para com outros, sejam tidos por insolentes, ninguem lhes pôde negar que o sertão todo que temos povoado neste Brasil elles o conquistaram do gentio bravo que tinha destruido e assolado as villas de Cayrú, Jaguaribe, Maragogipe e Peruaçu no tempo do governador Affonso Furtado de Mendonça, o que não puderam fazer os mais

---

(220) Vale a pena, sobre isto, registrar-se aqui um dos conceitos de Southey (V. 331): — «Foi no coração mesmo da America do Sul que o paulista Paschoal Moreira Cabral descobriu as minas de Cuyabá, minas que desde muito estariam nas mãos dos espanhões do Paraguay ou de Santa Cruz, *si houvessem elles possuido metade do genio empreendedor e da actividade dos brasileiros*».

governadores antecedentes, por mais diligencias que fizeram para isso. Tambem se lhes não pôde negar que foram os conquistadores dos Palmares de Pernambuco, e tambem se podem desenganar que sem os paulistas com o seu gentio nunca se ha de conquistar o gentio bravo que se tem levantado no Ceará, no Rio-Grande e no sertão da Parahyba e Pernambuco, porque o gentio bravo por serras, por penhas, por matos, por catinga só com o gentio manso se ha de conquistar e não com algum outro poder, e dos paulistas se deve valer Sua Magestade para a conquista de suas terras”.

Na conta de inobedientes os tinham, e com razão sobeja, os governadores do Rio-de-Janeiro, até Arthur de Sá e Menezes, que, com elles tratando mais de perto, depois tanto os encomiou.

Mais tarde, dizia delles o seu capitão-general d. Luiz Antonio de Sousa Botelho e Mourão, em carta de 11 de dezembro de 1766 (Azevedo Marques, II, 95): — “São os paulistas, segundo a minha propria experiencia, grandes servidores de Sua Magestade. No seu real nome, fazem tudo que se lhes manda, expõem aos perigos a propria vida, gastam sem difficuldade tudo quanto têm, e vão até o fim do mundo, sendo necessario. O seu coração é alto, grande e animoso, o seu juizo grosseiro e mal limado, mas de um metal mui fino; são robustos, fortes e sadios, e capazes de soffrer os mais intoleraveis trabalhos”.

Em eguaes conceitos abundou o vice-rei Marquez de Lavradio nas instrucções que deu, em 27 de maio de 1775, ao detestavel governador de São-Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha.

Oliveira Martins, o historiador abalisado, affirmou (ob. cit., 84): “O espirito aventureiro dos paulistas foi a primeira alma da nação brasileira; e S. Paulo, esse fóco de lendas e tradições maravilhosas, o coração do paiz. Dahi partiu o movimento de oçupação do interior dos sertões; dahi a colonização se alargou para o sul, até ao Paraguay, até ao Prata”.

E o autor das “Memorias do Districto Diamantino”, o venerando Joaquim Felicio dos Santos, em parte repetindo o escriptor anonymo acima citado, obtemperou (pags. 8 e 9): —

“Eram homens ousados e intrepidos esses aventureiros, que se embrenhavam pelos sertões das Minas em busca do ouro; de vontade firme, pertinaz, inabalavel. Cegos pela ambição, arrostavam os maiores perigos; não temiam o tempo, as estações, a chuva, a secca, o frio, o calor, os animaes ferozes, reptís que davam a morte quasi instantanea, e, mais que tudo, o indomito e vingativo indio anthropophago, que lhes devorava os prisioneiros e lhes disputava o terreno palmo a palmo, em guerra renhida e encarniçada. Muitas vezes viajavam por esses desertos, descuidados e imprevidentes, como si nada devessem recear. Para elles não havia bosques impenetraveis, serras alcantiladas, rio caudalosos, precipicios, abysmos insondaveis. Si não tinham que comer, roiam as raizes das arvores; serviam-lhes de alimento os lagartos, as cobras, os sapos, que encontravam pelo caminho, quando não podiam obter outra alimentação pela caça e pela pesca; si não tinham o que beber, sugavam o sangue dos animaes que matavam, mascavam folhas silvestres e os fructos acres dos campos... Muitas serras, muitos rios, muitos logares que conhecemos com os nomes indigenas, foram baptizados por elles”.

Levando até ás derradeiras consequencias a acção dos bandeirantes de São-Paulo, préga João Mendes de Almeida o velho (ob. cit., 76): — “Emquanto não forem readquiridas as antigas provincias, — Paraná ou Paraguay oriental e Cisplatina ou Uruguay, — conforme as divisas descriptas por Ayres de Casal (“Chorographia brasílica”, I), o Brasil será uma nação incompleta”.

Por maior e mais acendrado que seja o nosso amor patrio, julgamos inopportuno e condemnavel esse *imperialismo*, devendo contentar-nos, accordemente aos dictames da “magna-charta” republicana, com o immenso trato de terras que os nossos antepassados nos conquistaram além da linha de Tordesillas.

— “Prevalecesse essa linha divisoria (exclama Eduardo Prado, no “III centenario do veneravel Joseph de Anchieta”, pag. 52), e toda a Amazonia, todo o Mato-Grosso, todo o Rio-Grande e grande parte de Goyaz, S. Paulo, Paraná e Santa-Catharina pertenceriam á Espanha. Foi o paulista quem na

America do Sul alargou os dominios de Portugal, demarcando e balisando o Brasil do futuro!"

Fois bem: — para coroar a obra titanica dos seus compatrioticos, o genio diplomatico de Alexandre de Gusmão arrancou á Espanha, e principalmente aos jesuitas, o tratado de 13 de janeiro de 1750, por meio do qual o reconhecimento do principio do *uti-possidetis* assegurou a Portugal a triplicação da colonia americana, que o convenio de Tordesillas lhe dera em 1494.

O Brasil, que assim surgiu no meiado do seculo XVIII, o Brasil conquistado e engrandecido pelo esforço dos paulistas, o Brasil que os pactos internacionaes pouquissimo alteraram desde aquella época até aos nossos tempos, o Brasil só espera hoje que as vergontees dos bandeirantes, existentes em todos os pontos desta patria bem fadada pela natureza, o honrem e engrandeçam, agora e sempre e cada vez mais, — economicamente, intellectualmente, moralmente, — sob a égide soberana da ordem e do direito, em certamens de paz, em justas de progressc!



# **APPENDICE**





## N. 1

# O BANDEIRISMO NO BRASIL

(SUBSIDIOS PARA O ESTUDO DESSE IMPORTANTE  
PHENOMENO DA NOSSA EVOLUÇÃO)

### I

- A) *Cyclo das esmeraldas e da prata;*
- B) *O inicio do grande cyclo espontaneo do ouro;*
- C) *O primeiro manifesto official do ouro (221).*

Convencido, como Silvio Roméro, de que — “sabemos mais e melhor da historia do antigo Egypto, depois dos grandes descobrimentos modernos, do que da historia do interior de nossa propria patria”, — não vacillei, filho da terra mineira e lente de um gymnasio paulista, em acceitar o honroso, mas

---

(221) Em 1914, realizei no Instituto Historico e Geographico Brasileiro tres conferencias, aproveitando nellas a lição dos documentos que, commissionado pelo governo paulista, eu então investigava e colligia no Archivo Nacional para o estudo da epopéa bandeiristica. Feitas de viva voz, é apenas o resumo dellas, dado a lume pela «Revista» do benemerito gremio (tomq LXXVII, p. 1.ª, pags. 71-109), o que se reproduz aqui. Como se verá, existem nesta synopse factos novos e de incontestavel importancia para a dilucidacão da expansão geographica do Brasil colonial.

difficil encargo official de vir pesquisar, nos archivos federaes, os elementos dilucidativos do phenomeno culminante de nossa evolução colonial: a conquista e povoamento do sertão brasileiro ou, melhor, a triplicação da área do territorio nacional pelos bandeirantes.

Lamento que a outros, melhor aquinhoados de talento e de capacidade, não fosse incumbida essa ardua missão, que interessa capitalmente á mais fulgida das nossas tradições. Deploro que os livros, onde até agora os estuda a nossa juventude intelligente, andem inçados de tantas erroneias e de tantas lacunas, faceis, entretanto, de expurgar e preencher. Penso que o Instituto Historico, excelso guardião de nossos fastos, deve levar por diante a gloriosa tarefa de reavivar cada vez mais o culto do nosso passado, a exemplo do que se dá em todos os paizes progressivos do orbe. Si elle muito ha feito em tal sentido, muito ainda é o que lhe resta fazer. Não é possivel que as raizes, de que ascende a seiva á floração da nossa nacionalidade, se aprofundem bem na consciencia dos nossos compatricios, lhes ministrem lições proveitosas e lhes mereçam a devida veneração, enquanto sobre ellas pairar o vago das lendas, a infixidez das suas fibras fundamentaes. Ouso suggerir a reedição, convenientemente annotada, e a *separata*, em volumes destinados á vulgarização, de obras inestimaveis, cuja raridade constitue hoje serio obstaculo aos que se abalançam a estas investigações sobre a remota infancia da nossa patria. Em tal caso estão as cartas dos jesuitas e as "Memorias" de frei Gaspar de Madre-de-Deus, de monsenhor Pizarro, de Joaquim Felicio dos Santos, assim como as producções de Pedro Taques, Antonil, Azevedo Marques e conselheiro Silva Lisboa. A essa magna faina deve juntar-se outra não menos importante, qual a da publicação dos preciosos documentos, existentes no Archivo Nacional e na Bibliotheca Nacional, sendo que os ha tambem, ainda inéditos, no proprio Instituto Historico (222).

(222) Depois deste meu appello, já se fez alguma coisa. Assim é que, além de uns vinte volumes de documentos do Archivo e da Bibliotheca, dados á estampa de 1928 para cá, já foram reeditadas algumas das producções de Taques, a obra de Antonil, as «Memorias do Districto

As peças officiaes, que pacientemente colligi, no Archivo Nacional, sobre o bandeirismo no Brasil, deram-me, no periodo de 1664 a 1700, um volume de 518 grandes paginas dactylographadas, das quaes um terço de notas, e tenho já em preparo um segundo tomo de egual tamanho, referente ás duas primeiras decadas do seculo XVIII, não devendo ser menor o que vem desde a separação politica de Minas até 1750, data do tratado que, ratificando as conquistas dos bandeirantes, delimitou as fronteiras actuaes da nossa patria.

Não foi pequeno o trabalho, que me deu a rebusca de taes papeis, assim conio a deletreação e confronto dos mesmos com as asserções dos chronistas, linhagistas e historiographos. Mas, longe ainda de ter alcançado a plena satisfacção do meu proposito, já me atrevo, entanto, a affirmar que não se pôde conhecer a historia do Brasil sem esse meticoloso e perseverante esforço.

E' fructo de taes investigações o que vou expor, não com o intuito de fazer praça de uma erudição que não possuo, mas com o simples e respeitoso desejo de submeter-me ao julgamento dos doutos membros deste illustre gremio e de vir colaborar com elles na interpreza civica de dilucidar e enaltecer as nossas venerandas tradições.

Dos dois factos maximos do nosso passado colonial, — a epopéa pernambucana, oriunda das invasões neerlandezas, e a epopéa paulista das bandeiras, oriunda das impulsões indomitas da raça, das condições do *habitat* e de circumstancias politicas, — a primeira está mais que estudada e esclarecida, ao passo que a segunda, mais longa, mais intensa, prenhe de resultados que não attingiram ás ultimas consequencias, está ainda em grande parte envolta em mantos de phantasia e em sombras de mysterio.

O certo é que os portuguezes, menos de meio seculo após o apossamento da terra que lhes coube na partilha de Tordesil-

---

Diamantino», de Joaquim Felicio dos Santos, e a Academia Brasileira de Letras, por sua vez, fez publicar em excellentes collectaneas as cartas jesuíticas.

las, cogitaram de desvendar-lhe as ambicionadas opulencias mineraes. Mas todas as tentativas, realizadas com esse escopo, a influxo da metropole ou dos seus prepostos aqui, mallograram-se totalmente. Foi preciso que surgisse nos altiplanos de Piratininga o numeroso nucleo dos fortes mamelucos, para que ao seu abraço viril se abrisse o virgem coração maravilhoso do Brasil.

Não é proposito meu apreciar agora as causas, ethnicas, mesologicas e politicas, da intensa e extensa expansão, que teve alli o seu fóco de pujante e insopitavel actividade.

Desde a entrada de Pero Lobo, em 1531, nos campos do Iguacú, até á jornada de Agostinho Barbalho Bezerra, em 1664, no sertão do rio Doce, a acção da metropole se desenvolveu em pura perda, e bem applicavel se tornara aos lusos a phrase de frei Vicente do Salvador de que elles se contentavam com andar arranhando as terras ao longo do mar, como caranguejos... Comtudo, naquelle espaço de tempo os mamelucos paulistas já haviam conquistado as provincias jesuiticas de Guairá e dos Tapes, preiando-lhes os selvicolas, já haviam iniciado o povoamento do Paraná e de Santa-Catharina, já haviam penetrado no Rio-Grande-do-Sul, e aprestavam-se para o total devassamento do *hinterland* e do *far-west* brasileiros.

Ha, pois, um cyclo official, que é o acima demarcado, e um cyclo espontaneo, que coincide chronologicamente com o outro, mas o excede de muito na marcha ascencional, separando-se em cyclo da caça ao indio e cyclo da caça ás riquezas mineraes. Este, por sua vez, comprehende o cyclo das esmeraldas e da prata e o cyclo do ouro, subdividindo-se o ultimo em cyclo do ouro de lavagem e cyclo do ouro de minas (ouro de fundição, ouro de betas e veieiros).

a) *Cyclo das esmeraldas e da prata* — E' bem sabido, pelo "Roteiro de Vasco da Gama", que as pedras coradas foram a primeira peoccupação dos portuguezes. Das Indias orientaes isso veiu para a sua colonia americana. Aqui, o ambito das pesquisas circumscreveu-se em exigua faixa litoranea, abrangendo as zonas contiguas do Espirito-Santo, da Bahia e

de Minas, nos contrafortes da serra do Mar e na bacia do rio Doce, especialmente.

Os documentos que se me depararam e que enfeixei no referido volume, reportam-se ás expedições de Agostinho Barbalho Bezerra, Fernão Dias Paes e Garcia Rodrigues Paes. E, a proposito desses empreendimentos, os escriptos de Pedro Taques, Azevedo Marques, monsenhor Pizarro, conselheiro Silva Lisbôa, Calogeras, Diogo de Vasconcellos e Oliveira Lima, assim como o poemeto de Bilac, encerram claudicações, sinão assertos erroneos ou phantasiolosos.

Em face da carta-régia de 16 de dezembro de 1667, encontrada por mim no Archivo Nacional, não procede a duvida de Calogeras quanto á data da impetração de soccorro feita por Agostinho Barbalho aos paulistas: — é verosimil a asserção de Taques sobre o termo de 9 de agosto de 1666, e foi realmente Fernão Paes de Barros o prestador do referido auxilio, como ainda, depois, ajudou efficazmente a expedição fundadora da Colonia-do-Sacramento. Tem-se exaggerado a duração das pesquisas de Fernão Dias no sertão mineiro, elevada por Oliveira Lima (qual se lê no vol. XVII da "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo") a dez annos, quando hoje é sabido que o intrepido bandeirante partiu da villa natal a 21 de julho de 1674 e succumbiu nas vizinhanças do Sumidouro, em dias de maio de 1681. Tambem á versão do embalsamamento, geralmente adoptada, acho preferivel o relato de Azevedo Marques, segundo o qual só os ossos do velho sertanista é que foram transportados para o seu jazigo perpetuo no mosteiro de S. Bento, onde antes custeara elle a erecção de uma capella, enganando-se redondamente Diogo de Vasconcellos ao attribuir-lhe, a mais, a fundação do cenobio.

Deploro que o grande Bilac não haja dedicado alguns dos seus versos lapidares á conspiração do Sumidouro, posta em registo por Taques, — que aureolou a Fernão Dias em fero Junio Bruto dos sertões mineiros, — embora o inspirado poeta haja externado uma profunda e inconcussa verdade, quando disse do "caçador de esmeraldas":

«Cada passada tua era um caminho aberto!  
Cada pouso mudado, uma nova conquista!  
E, enquanto ias, sonhando o teu sonho egoista,  
Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!»

São peças sobremaneira interessantes o bando de 3 de setembro de 1681, mandado publicar, a tom de caixas, na capitania de São-Paulo, e no qual se comminavam as penas de morte e de confisco a toda pessoa "que fosse ás minas de esmeraldas descobertas por Fernão Dias Paes", e a carta-régia de 23 de dezembro de 1683, graduando a Garcia Rodrigues Paes em capitão-mór da nova entrada para a continuação dos descobrimentos, que eram também, pelo mesmo documento, attribuidos ao digno filho do perseverante e imperterrito ancião paulista.

A grande via de penetração do *hinterland* mineiro, trilhada pelo "caçador de esmeraldas", embora já antes perlustrada pela infructifera bandeira de Glimmer, só se tornou fixa e pres-tadia, depois do povoamento das margens do Parahyba, definitivamente conquistadas ao gentio pelos sertanistas de São-Paulo, e onde, em meados do século XVII, já eram legalmente villas quasi todas as cidades que as juncam: assim como pela feliz lembrança, que Fernão Dias foi o primeiro a pôr em pratica, de plantar roças nos seus forçados e longos pousos, na tragica porfia de sete annos, em que andou á cata dos cobiçados seixos verdes.

A' luz das peças officiaes, encontradas no Archivo Nacional, — revelou-se-me a existencia de mais um companheiro da audaciosa expedição, João Carvalho da Silva, cujo nome é de todo ignorado dos chronistas, vindo, entanto, na patente de 29 de novembro de 1698 como tendo auxiliado, durante cinco annos, as pesquisas de Fernão Dias. Embora fossem julgadas não verdadeiras as esmeraldas que o velho paulista e seu filho apanharam nos sertões do Sabarabuçu e fizeram chegar ás mãos do soberano luso, os esforços de ambos se não baldaram: antes serviram a apontar aos seus contemporaneos a róta, por onde haviam de chegar ao descobrimento dos morificos thesouros que repletaram o Brasil, e, mais ainda, a sua metropole venturosa, desde o esvaecer do século XVII.

Quanto ao cyclo da prata, são diversas as lendas que escandeciam então o espirito dos europeus, quaes a da grande serra resplandecente e a do *El-Dorado*, esta pura criação de sir Walter Raleigh. A proximidade do Perú devia fatalmente induzir os portuguezes a acreditar na existencia do metal branco em sua possessão americana, dando-se assim origem a episodios curiosos, felizmente já hoje destrinçados, qual o de Belchior Dias. Em varios dos documentos que colligi, acha-se a prata commummente associada ás esmeraldas, nos anseios de facil enriquecimento por parte dos dynastas bragantinos. As mais dignas de menção, das muitas peças officiaes que compulsei, são as que concernem á bandeira de Amaro Fernandes (cujo nome consegui laboriosamente precisar), auxiliada por Diogo de Almeida e Lara e José Tavares de Siqueira, á jornada de Godoy Collaço á Vaccaria e á expedição do Manuel de Borba Gato a Sabarabuçu. Todas visavam exclusivamente ao descobrimento de minas de prata, tendo sido ordenadas por Arthur de Sá e Menezes, a primeira a 1 de outubro de 1697, a segunda e a terceira, respectivamente, a 3 de março e 15 de outubro de 1698. Antes disso, já se havia tentado explorar a prata em Biraçoiaba, por 1687, graças a uma expedição chefiada por Luiz Lopes de Carvalho e auxiliada por frei Pedro de Sousa, mineralogista reinol. Mas, na região de Sorocaba, viu-se que rendia o ferro mais que o alvo argento, e aquellas outras bandeiras foram todas de resultados nulos, excepto a de Borba Gato, que em 1700-1701 revelou as magnificas jazidas de ouro de Sabará. Das duas expedições de 1698, de capital importancia para a historia paulista, tratarei mais detidamente na terceira palestra.

b) *O inicio do grande cyclo espontaneo do ouro* — O erudito Oliveira Lima, numa prelecção sobre "A conquista do Brasil", realizada em Bruxellas a 4 de abril de 1910, asseverou que as bandeiras devassadoras do interior do nosso paiz se aproveitavam, tanto quanto possivel, dos rios, para subil-os ou descil-os. Tal asserto só é verdadeiro em pequena parte, porquanto a grande penetração dos sertões não foi feita por via fluvial, a não ser a de Mato-Grosso, e o descobrimento do *hinterland* e do *far-west* brasileiros foi effectuado por bandeiras

que seguiam as antigas trilhas dos indigenas, e não pelos "caminhos que andam", qual definiu Pascal os rios.

Si na primeira metade do seculo XVII, isto é, sob o dominio espanhol que apagou as fronteiras na America do Sul, unificando-a sob o sceptro dos Philippes, os intrepidós sertanistas de São-Paulo extinguiram quasi todas as reducções jesuiticas meridionaes, cujo territorio assim veiu a integrar-se na soberania portugueza, a sua actividade se não arrefeceu depois da subida dos Braganças ao throno lusitano, e o periodo de 1670 a 1694 assignala uma intensa montaria aos selvicolas para o sudoeste e para o norte, com as expedições famosas de Francisco Pedroso Xavier, Estevam Ribeiro Bayão Parente, Domingos Jorge Velho e Sebastião Paes de Barros. Em documentos que se me depararam no Archivo Nacional (bandos de Duarte Teixeira Chaves, de 4 de abril e 25 de outubro de 1684), verifiquei que os caçadores de escravos buscavam então, preferentemente, as regiões do sul da Bahia. A segunda metade do seculo XVII é tambem do descobrimento, pelos paulistas, do ouro de lavagem do Paraná e do povoamento de Santa-Catharina.

Mas a róta de Glimmer, decisivamente retomada e beneficiada por Fernão Dias Paes, attraheu os sertanistas de Taubaté, tanto mais que Garcia Rodrigues e Borba Gato a haviam de seguida trilhado e retrilhado, insinuando aquelle ter encontrado ouro de lavagem nos ribeiros que corriam para Sabará-buçú. Tornou-se, portanto, Taubaté o centro de irradiação do grande cyclo espontaneo do ouro, e a serra lendaria o alvo predilecto dos homens destemerosos, a quem tentava inamolgavelmente o demonio da *auri sacra fames*.

A bandeira de Antonio Rodrigues de Arzão, em 1693, perence de facto ao dominio da historia. Mas só as de Bartholomeu Bueno de Siqueira e Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, partidas de Taubaté no anno seguinte, é que balisam o verdadeiro inicio da nova expansão descobridora. A do coronel taubateano, transformando-se de caçadora de indios em caçadora de ouro, na região de Itaverava, assignala o fim do dilatado cyclo da montaria paulista aos nossos irmãos das selvas.

Pude fixar a data acima, graças ás peças historicas que



manuseei e colligi, data que, assentada de outro modo por chronicistas e historiographos, não se concilia com as provas officiaes.

Acharlo o ouro em Itaverava e mais abundantemente no ribeirão do Carmo e no Tripuhy, ao expirar do seculo XVII, as minas, que até então se chamavam de Taubaté, multiplicaram-se por toda parte no alvorear da centuria seguinte, que foi quando se revelaram as de Sabará, Caeté e rio das Mortes. Fez-se mister ao habil governador que presidiu a essa prodigiosa expansão, Arthur de Sá e Menezes, dividir o *hinterland* aurifero em dois districtos, chamados respectivamente "Minas dos Cataguazes" e "Repartição do rio das Velhas", accrescidos, logo depois, do "Districto de Itacambira", e mais tarde fundidos todos na denominação collectiva de "Minas-Geraes".

c) *O primeiro manifesto official do ouro.* — Embora compatricios nossos, de indiscutivel competencia, hajam versado esta questão com raro brilho e profundeza, como os srs. drs. Calogeras e Diogo de Vasconcellos, quero trazer a minha exigua contribuição ao completo esclarecimento do assumpto.

Arzão, em 1693, achou, com effeito, algumas oitavas de ouro no rio da Casca, mas não o deu a manifesto legal, nos precisos termos dos regimentos de 1619 e 1644, ainda então viggorantes, contentando-se com o fundir duas memorias, das quaes guardou uma, ficando a outra para o capitão-mór da capital do Espirito-Santo, que fidalgamente o acolhera no seu trabalhoso regresso do sertão. Mas o ouro encontrado por una das expedições de 1694, esse veio ter ás mãos de Carlos Pedroso da Silveira, que logo se dirigiu para aqui e o manifestou ao governador Sebastião de Castro Caldas, provavelmente em 16 de junho de 1695, pois são dessa data as cartas, que ao mesmo tempo o taubateano e o preposto da metropole dirigiram a Pedro II.

Do estudo da patente de capitão-mór de Itanhaem, dada a Carlos Pedroso da Silveira por Arthur de Sá e Menezes a 23 de maio de 1699, renovada a 17 de junho de 1700 e a 19 de agosto de 1701, assim como por d. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro a 5 de outubro de 1705, verifica-se que aquelle "finorio auxiliar da expedição descobridora", na phrase

de Calogeras (ou um dos cabos da bandeira immediata á de Arzão, como pensa Azevedo Marques, estribado na representação dos officiaes da camara de Taubaté, dirigida ao rei em 3 de novembro de 1763), deve ter sido nomeado provedor dos quintos de Taubaté em 1695, presumivelmente na segunda metade desse anno, por Sebastião de Castro Caldas; que, até maio de 1699, fizera elle tres viagens a esta capital, "duas com as amostras do ouro das novas minas dos Cataguazes" e a terceira a conduzir a renda da casa da fundição a seu cargo, "tres arrobas e quatorze arrateis de ouro". Tudo induz a crer que a primeira viagem fosse a do manifesto do ouro descoberto na região da Itaverava em 1694 ou começo de 1695, e que a segunda fosse para a exhibição regulamentar das amostras do fulvo metal, que o coronel Salvador Furtado, em 1696, achára copiosamente no ribeirão do Carmo. Além disso, esta nova intermediação do prestamista de capitaes á jornada de Bartholomeu Bueno de Siqueira está corroborada por investigações feitas, não ha muito, nos archivos mineiros.

Os documentos, que se me depararam no Archivo Nacional sobre esta materia, evidenciam que coube a Carlos Pedroso da Silveira aquella primazia e que Sebastião de Castro Caldas teve a honra de presidir, assim, ao surto da grande caça ao ouro.

Rectifico, aqui, muitos equivocos que pejam os compendios didacticos e as obras de vulto dos nossos melhores historiadores, pois Antonio Paes de Sande, por accommettido de um insulto apoplectico em meados de 1694, fôra substituido, no governo do Rio-de-Janeiro, desde 7 de outubro do mesmo anno, por André Cussaco, que, a seu turno e por ordem régia, entregou o poder a Sebastião de Castro Caldas, em 19 de abril de 1695. Sande, segundo o asserto de monsenhor Pizarro, falleceu aqui a 22 de fevereiro de 1695.

Arthur de Sá e Menezes, tomando posse de sua missão especial a 2 de abril de 1697, veio em occasião opportuna para pôr em prova a sua notavel capacidade de administrador.

Em carta de 1 de março de 1697 ao rei, Castro Caldas, que começara a organizar a regencia fiscal das minas, annunciava o descobrimento de 18 a 20 ribeiros de ouro, do melhor e mais

copioso possível, no sítio de Taubaté, o que quer dizer, no sertão dos Cataguazes. O seu successor, munido de amplíssima jurisdição, correu logo a São-Paulo, e tal foi a sua habilidade em agradar aos paulistas e em bem orientar-os, que os resultados mais portentosos não tardaram a coroar a sua acção perseverante e sagaz, ora energica, ora de desmarcada tolerancia, mas sempre a collimar o ouro, — aspiração suprema da metropole exinanida, emmaranhada a esse tempo nos asares da guerra de successão da Espanha...

## II

- A) *Mineiros;*
- B) *O "caminho-novo";*
- C) *Organização do regimen administrativo e fiscal das minas.*

Não é proposito meu fazer, nestas rapidas palestras, nem a tão ardua empresa pudera já abalancar-me, a historia integral do bandeirismo, mas apenas esboçar-o, em seus episodios fundamentaes, á luz das provas authenticas que colligi, reportando-me tão sómente a circumstancias fóra da orbita temporal desses documentos, quando isso se impuzer á dilucidção da these ventilada; e, embora as minhas pesquisas estejam concluidas até á data de 1700, como declarei em minha exposição inicial, todavia as peças officiaes, reunidas para os outros volumes em preparo, possibilitam-me trazel-as em apoio dos factos ora tratados.

Tendo-me referido, na conferencia anterior, a José Rebello Perdigão, cumpro o dever de lembrar que as informações prestadas pelo ex-secretario de Arthur de Sá, em 1733, ao padre Diogo Soares, foram publicadas pelo dr. Orville Derby no vol. V da "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", sendo da lavoura de Capistrano de Abreu, allí não chamado, entretanto, á autoria, o resumo de que se utilizou aquelle operoso scientista yankee, e acham-se reproduzidas no tomo LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, da "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras."

A estes infatigaveis e profundos cultores da historia patria,

que lhes deve serviços de valia inestimavel, rendo o preito da minha inequivoca admiração. E aproveito o ensejo para agradecer ao dr. Vieira Fazenda a preciosa contribuição trazida, pelas columnas do *Jornal da Tarde*, ao meu asserito quanto á data do fallecimento de Antonio Paes de Sande.

E' provavel que eu não rectifique todos os enganos, de datas e de nomes principalmente, que pullulam nas obras antigas e modernas sobre o assumpto de que ora me occupo: — fôra, aliás, tarefa cansativa e fastidiosa, e estou convencido de que taes equivocos se não dariam, si os escriptores houvessem examinado os documentos, em vez de se andarem repetindo uns aos outros. E' meu proposito deliberado pôr á margem tanto as micrologias, como as affirmações de todo em todo desajudadas de qualquer elemento probante. No vasto campo da copiosa seara, em que se projectou a acção da longa e formidavel epopéa bandeiristica, podem respigar á vontade os poetas e os romancistas; mas é mistér que os verdadeiros cultores da historia, refugando para o dominio esthetico as lendas e ficções, se adstrinjam rigorosamente aos factos comprovados, á lição in-contradictavel dos documentos.

Jazem ainda envoltas em escurezas muitas circumstancias de vulto, respeitantes á revelação e aproveitamento das fartas riquezas mineraes do Brasil, assim como á attitude da metropole e dos seus representantes aqui, ao tempo do grande cyclo dos descobrimentos. Das mais importantes dellas vou agora tratar, servindo-me das peças officiaes existentes no Archivo Nacional e dos proveitosos subsidios que colhi nos especialistas.

a) *Mineiros.* — Os nossos antepassados, quando se arrojavam aos sertões bravios, em busca das pedras e metaes preciosos, ignoravam completamente os methodos scientificos que permitem conhecer os minerios, distinguir os verdadeiros dos falsos e exploral-os convenientemente. Nem é isso de admirar, porque, no seculo XVII e primordios do XVIII, ainda a mineralogia, ramo especial da chimica, se resentia do atraso desta disciplina positiva, não de todo despojada então das velleidades chimericas da alchimia.

E' bem verosimil a presumpção do dr. Derby de que os

primeiros devassadores do nosso *hinterland* se hajam feito acompanhar, mesmo nos seus incursos de montaria aos selvícolas, por praticos já experimentados na colheita do ouro do litoral paulista. E a tradição pelo menos conservou o caso do mulato das minas de Curitiba, descobridor do "ouro preto", que se não pôde, entretanto, identificar com o Duarte Lopes, das reminiscencias de Perdigão.

Desde que o governo da metropole teve noticias mais certas das opulencias do sub-solo da sua colonia americana, fez aos seus prepostos aqui a promessa formal de enviar-lhes artifices e mineiros, destinados ás explorações e exames, ainda que fosse preciso contratal-os nos reinos estrangeiros (carta-régia de 14 de janeiro de 1693). A esse compromisso, porém, foi dada mui deficiente, quasi nulla satisfação.

As peças historicas que colligi a este respeito são devéras interessantes, e permittiram-me chegar á conclusão de que até nisto se viram quasi de todos desajudados da corôa lusitana os nossos audaciosos compatricios.

A patente de João Martins Claro, de 7 de fevereiro de 1698, conta que elle andou pelos sertões, durante sete annos, com um religioso mercenario, vindo ao descobrimento de minas, e que, em 1694 e 1695, mandára a Manuel de Aguiar e Mendonça, com dez escravos seus, a ver si encontrava ouro de beta nos morros de Bathé (talvez Taubaté), e, ainda, que foi elle, durante cinco mezes, o hospedeiro de João Alvares Coutinho, o pratico da missão de d. Rodrigo de Castello-Branco, a qual, depois das inuteis tentativas de Itabaiana e da inepta administração das minas de Paranaguá, chegou a São-Paulo por meados de 1680.

Envaidecidos com as cartas de Affonso VI, os potentados paulistas apparelharam-se para prestar o seu braço forte á jornada no encaço de Fernão Dias, e, em 1680, não só deram posante ajuda á expedição fundadora da Colonia-do-Sacramento, como ainda foram exclusivamente elles que formaram a do fidalgo castelhano em demanda do Sabarabuçu. Mas, apercebida a comitiva de todo o necessario, d. Rodrigo, que estava na villa de São-Paulo desde 20 de julho daquelle anno, não se dispunha a partir, e um dos impecilhos era João Alvares Coutinho,

que allegava os seus 67 annos, os seus achaques e até a sua falta de dentes. Não esteve por isso o energico Mathias Cardoso, tenente-general da gente da leva, que logo prometteu fazer conduzir em rêde o "mineiro" recalcitrante e sustentado com os mantimentos, que a sua velhice e doença reclamavam. E só assim rumou para a serra das Esmeraldas, a 19 de março de 1681, a numerosa expedição, que, além de varios sertanistas famosos, se compunha de 240 indios auxiliares. Do completo mallogro della direi na proxima palestra, observando, comtudo, desde já, que os prestimos do "mineiro" Coutinho não deixaram traço algum perduravel na historia da mineração do Brasil.

As cartas-régias de 8 de fevereiro de 1687 e 23 de outubro de 1692 (esta com annexos curiosos) referem-se ao mineralogista reinol frei Pedro de Sousa, que realizou investigações sobre a prata em Biraçoiaaba, e desfazem equívocos de Azevedo Marques sobre a missão improficua daquelle cenobita e as interpretações de Luiz Lopes de Carvalho. E a provisão de Bernardo Mendes da Silva, de 29 de novembro de 1698, revela a existencia de outro religioso entendido em coisas de mineração, o beneditino frei Fructuoso, que fez alguns exames e ensaios na mina de Ibituruna, o "primeiro lar da Patria Mineira", na phrase de Diogo de Vasconcellos.

Arthur de Sá reclamara do soberano, em carta de 13 de junho de 1697, os artifices e mineiros promettidos. A resposta do secretario de Estado, a 13 de janeiro do anno seguinte, fala nuns espanhóes (d. Pedro de Inistroza, Estapleton e Melendes), e num flamengo, que não foram mandados ao Brasil, parece que a bem nosso, pois não passavam de uns incompetentes e mentirosos maiores de marca. Como não viessem taes homens, deputou o governador a Buenos-Aires, provavelmente em começos de 1698 (a sua carta ao rei é de 27 de maio desse anno), a um Francisco Moreira da Cruz, afim de contratar alli um pratico de mineração. Mas o embaixador foi accommettido de apoplexia na Colonia-do-Sacramento, e por lá se ficou estuporado, frustrando-se essa diligencia. Em suas cartas de 22, 24 e 26 de maio de 1698 a Pedro II, insiste o habil governador na deploravel falta de mestres da arte de minerar, pelos

quaes suspiravam os paulistas, que só por tradições conheciam as pedras e metaes, e dá conta do apparecimento, aqui, de um Manuel Pereira, vindo da capital platina e consummado partranheiro. Deste, apesar de nelle ter pouca ou nenhuma confiança, e de outro pratico, que por crime de primeira cabeça fugira do Paraguay e se homiziara em Itú, onde o encontrara em fevereiro de 1698 o preposto régio, que lhe não declina o nome, serviu-se Arthur de Sá para a inutil jornada da Vaccaria, em busca de minas de prata, que Pereira dissera haver abundantes na serra da "Iguassaba", dando o informe como por elle ouvido do governador de Potosí.

Taques fala na carta-régia de 26 (27 em Silva Lisbôa) de janeiro de 1700, dando como certa a vinda, para o Brasil, de 4 mestres da arte de minerar: João Nunes, Antonio Borges, Antonio da Silva e Antonio Martins. E, fiando-se de mais na palavra do genealogista de São-Paulo, o erudito e probo Calogeras attribue a esses quatro portuguezes "a aprendizagem, phenomenalmente rapida, dos mineiros da terra, e a multiplicação dos methodos admiravelmente adaptados ás condições locais e ao estado do conhecimento dos operarios", e acredita deverem-se áquelles profissionaes os trabalhos aperfeiçoados de exploração dos veios dos corregos e dos depositos marginaes, descriptos por Antonil em 1711.

O que, entanto, logrei apurar, mercê dos documentos que se me depararam em recentes pesquisas, não corrobora a illação a que chegou o competente autor das "Minas do Brasil e sua legislação".

Vieram, com effeito, os quatro portuguezes, mas só a um delles, Antonio Borges de Faria, coubera o nome de "mestre", não passando os tres outros de "aprendizes", tanto que áquelle demarcou o governador a mensalidade de 15\$000 e aos outros apenas 6\$000, fallecendo um destes logo após a chegada.

Ao tempo de Arthur de Sá, parece que nada fizeram de prestavel, pois este a elles se não refere em sua longa correspondencia com a metropole. E' certo, porém, que, tendo Borges pedido ao rei, obtendo-a, em 7 de dezembro de 1700, ordem para que em suas jornadas ao *hinterland* mineiro fosse ajuda-

do por Garcia Rodrigues Paes ou Manuel de Borba Gato, este andou com elle em diligencias pelo sertão, em busca de minas de prata, qual se infere da provisão de guarda-mór interino. dada a Garcia Rodrigues Paes o moço por Arthur de Sá, em 3 de janeiro de 1702. Taes explorações foram necessariamente infructiferas.

Em cartas ao soberano, de 15 de setembro de 1702 e 10 de agosto de 1703, d. Alvaro da Silveira patenteia a nenhuma confiança que tinha na habilitação e nos prestimos de Borges, que cuidava mais dos seus interesses particulares do que do serviço real. E, enfim, d. João V, por ordem de 3 de abril de 1709, attendendo, além de outros motivos, "ao pouco fruto que tem surtido do seu trabalho, e delligencia a que o mandei em descobrimento das minas do ouro, e difficuldade que concidera na continuação da que tem principiado no Rio das mortes", demittiu-o das funções de "mineiro", mandando-o regressar para o reino. Mas Borges, abandonando a profissão em que se desmoralizára, aqui se deixou ficar e fez-se agricultor ou negociante, pois obteve, em 1711, uma sesmaria ás margens do rio Inhumirim, de sociedade com José Pinheiro de Macedo, e já antes, em 1710, assignára, com outros "homens de negocio", uma petição a Castro Moraes, para o transitio pelo "caminho-velho" em direcção ás Minas.

Assim, á vista dessas provas robustas e convincentes, eu reclamo os elogios, que o douto Calogeras tributou aos quatro portuguezes vindos como "mineiros" em 1700, para os gloriosos paulistas, que, desenvolvendo simultaneamente a sua pasmosa energia physica e a sua capacidade intellectual, aperfeiçoaram, sem auxilio estranho, os rudes processos primitivos por que extrahiam o ouro dos corregos e das betas, repletando do fulvo metal, quasi de todo baldadamente para o Brasil, os cofres do velho e empobrecido Portugal, que o canalizou para a Inglaterra e para a Santa-Sé...

b) O "caminho-novo". — Os antigos historiographos patricios não ligaram a devida importancia ás grandes vias especialmente abertas para a penetração e intercommunicação do *hinterland* aurifero, que tanto interesse despertaram ao jesuita



Andreoni. Dos modernos, Calogeras e Diogo de Vasconcellos foram os unicos que se preocuparam com o assumpto, dando aquelle maior desenvolvimento aos seus estudos. Como, porém, não houvessem manuscado todas as peças officiaes concernentes a esta materia, e mereçam rectificados alguns dos seus asser-tos, notadamente os do autor da "Historia antiga das Minas-Geraes", vou expor o que a este proposito logrei colhêr da lição dos documentos.

Arthur de Sá, estando na terra paulista de outubro de 1697 a março de 1698, cogitou alli da abertura de uma estrada, que puzesse as minas recém-descobertas em facil communição com a séde do seu governo. O primeiro que se lhe apresentou disposto ao magno emprehendimento foi Amador Bueno da Veiga; mas taes foram as exigencias deste, que o delegado régio lhe rejeitou *in limine* a proposta. Apareceu-lhe, então, Garcia Rodrigues Paes, que se offereceu para abrir o caminho á propria custa, comtanto que o governador o auxiliasse. Ora, como, pelo plano do filho do "caçador de esmeraldas", em vez de tres mezes se gastariam apenas quinze dias entre a capital do sul e as minas, facilitando-se tambem o descobrimento do Sabarabucú, Arthur de Sá, em sua carta ao rei, de 24 de maio de 1698, acceitou e recommendou esse projecto, que foi approvedo pela carta-régia de 22 de de outubro do mesmo anno.

. Lança luz decisiva sobre a notavel interpreza a provisão de 2 de outubro de 1699 (não referida pelos preditos escriptores), da qual se infere que Garcia poz logo mãos á obra, trabalhando indefessamente durante 18 mezes, com alguns homens brancos, mais de 40 negros (dos quaes lhe morreram 5), e fazendo despesas consideraveis, em lugar de, como os seus conterraneos, andar a enriquecer-se na lavra do ouro. Pedira elle o auxilio de 10.000 cruzados aos mesmos moradores do Rio-de-Janeiro que, pouco antes, tinham offerecido quasi egual quantia a quem abrisse caminho para os campos geraes.

Comprometteram-se elles, negociantes e sesmeiros, a entregar-lhe aquella importancia, logo que se rematasse a estrada livre. Mas, vindo Garcia a reclamar o dinheiro, foi-lhe este recusado. Dahi a provisão pela qual o governador, pensando

assim resarcir os prejuizos do honesto e activo paulista, lhe concedeu o monopolio do "caminho-novo", durante dois annos, para o trafego de generos de commercio, devendo, contudo, o filho de Fernão Dias leval-o a cabo á sua custa.

Esse acto de Arthur de Sá foi approvedo pela carta-régia de 26 de outubro de 1700.

Que essa picada, alvo constante dos moradores do Rio-de-Janeiro desde mais de 20 annos atrás, já estava feita por Garcia até "a resaca de donde começam os campos geraes confinantes com os corraes da Bahia", isto é, até á hoje cidade de Barbacena, antiga "Borda-do-Campo", testemunha-o a carta de Pedro Taques de Almeida, dirigida ao governador-geral do Estado do Brasil em 20 de março de 1700 e dada a lume pelo dr. Derby na "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo", vol. V.

Como, a 15 de novembro de 1701, extranhasse o soberano que Arthur de Sá não se utilisasse do "caminho-novo" para a jornada que fizera ás minas, explicou-lhe d. Alvaro da Silveira, que foi quem respondeu a essa missiva a 7 de setembro de 1702, que a estrada não se prestava a cavalgadas, mas Garcia estava pondo todo o cuidado no acabamento della e já havia plantado roças na Parahyba.

Já antes o comprovado zêlo do filho de Fernão Dias merecera do rei a provisão de 19 de abril de 1702, pela qual fôra nomeado guarda-mór das minas de São-Paulo por tres annos.

A 14 de julho de 1703, enviava d. Alvaro a Pedro II um "memorial" de 8 do mesmo mez e anno, em que Garcia allegava lhe haverem fugido quasi todos os escravos, o que lhe empecia a conclusão do caminho para os campos geraes e minas do Sabarabuçú, appellando o governador para a ajuda por parte da metropole ao utilissimo empreendimento. A 3 de março de 1704, o monarcha resolveu que se dessem a Garcia alguns indios, pagos por este, mas recusou-se a fornecer-lhe auxilio pecuniario, levantando a suspeita de que se aproveitasse delle em pura perda o paulista, a quem já havia recompensado com as anteriores mercês, e outras mais ainda lhe promettia, si a obra fosse levada a cabo.

A 24 de maio de 1704, d. Alvaro participava ao rei o des-

cobrimto de um atalho entre os campos geraes e Santo-Antonio-de-Sá, trilhado por um indio e explorado por Felix Madeira e seu filho Felix de Gusnião, offerecendo-se este ultimo a abrir a estrada á sua custa.

Parece que esta tentativa morreu em o nascedouro. No mesmo anno, como se vê da carta-régia de 23 de setembro de 1704, Amador Bueno da Veiga renovou ao soberano luso a proposta que em 1698 fizera a Arthur de Sá, offerecendo-se, em troca de sesmarias e mercês honorificas, a abrir á sua custa, no prazo de um anno, um caminho dobradamente mais curto “do que aquelle que abriu o capitão Garcia Rodrigues Paes” e pelo qual pudessem passar cavalgadas. Esta petição deve ter tido o mesmo destino da proposta primitiva, porque sobre ella silenciam os registos officiaes.

Era colossal o trabalho a que metterá hombros o filho do “caçador de esmeraldas”, porquanto, qual se infere das peças historicas analysadas, o caminho que elle se compromettera a franquear não findava na mais proxima região do ouro, mas devia attingir ao remoto Sabarabuçu.

Dando largas á phantasia sobre um informe que lhe proporcionou a obra de Azevedo Marques, Diogo de Vasconcellos attribue a Domingos Rodrigues da Fonseca Leme o remate do “caminho-novo”. Deixando de lado varias claudicações do historiador mineiro sobre o parentesco entre Leme e Paes e a sua deploravel confusão entre este e Garcia Rodrigues Velho, — limito-me a restabelecer a verdade dos factos precipuos. Fonseca Leme nada mais fez do que soccorrer a Garcia Rodrigues Paes, de quem era cunhado, com 18 escravos, durante cinco mezes e meio, para o acabamento da primeira parte do “caminho-novo”, em que este andava havia seis annos, — dil-o a patente de 22 de outubro de 1724, — o que faz acreditar que essa ajuda de Fonseca Leme tenha sido posta em pratica em fins de 1703 ou começo de 1704, effectivamente a época de mais apuros para o filho de Fernão Dias, que atacára a grandiosa tarefa em 1698.

Quem poz a ultima demão no “caminho-novo” foi Bernardo Soares de Proença, como o evidencia a provisão-régia de 6

de julho de 1725. Por ella, d. João V mandou agradecer áquelle sargento-mór o ter concluido a estrada a cargo de Garcia Rodrigues Paes e indeferiu o requerimento do velho paulista quanto ás terras que reclamava, como recompensa do seu trabalho.

Pensava o filho do "caçador de esmeraldas" que o seu compromisso com o governo da metropole estava plenamente solvido, tanto que já antes, em face da ordem régia de 16 de abril de 1722, determinando-lhe a continuação da diligencia, da mesma se excusára, dizendo-se ancião e viuvo com o encargo de tres filhas solteiras. A estrada realmente estava feita: faltavam-lhe sómente retoques e melhorias, e nisso consistiu principalmente o serviço de Proença, que a abreviou de quatro dias. Ao expirar, nonagenario, em 1738, devia ter sentido fundamentalmente o aculeo da ingratidão do soberano o generoso paulista, cujo ousado projecto serviu de base á locação dos trilhos da E. F. Central do Brasil.

c) *Organização do regimen administrativo e fiscal das minas* — E' fóra de duvida que as primeiras autoridades estabelecidas no sertão aurífero foram Carlos Pedroso da Silveira, como provedor da casa dos quintos mandada fundar em Taubaté (em 1704 mudada para Paraty, e não inversamente, como pensa o dr. Derby, repetido pelo dr. Diogo de Vasconcellos), e José de Camargo Pimentel, como guarda-mór das minas descobertas no sertão dos Cataguazes, tendo sido ambos nomeados por Sebastião de Castro Caldas. Attesta-o a palavra do successor deste, Arthur de Sá e Menezes, que galardoou com honras novas a Pedroso da Silveira, mas demittiu a Pimentel, accusando-o de peculato, embora pouco depois rehabilitasse o celebre bandeirante, a quem fez, em 9 de dezembro de 1699, alcaide-mór da capitania de São-Vicente e São-Paulo, e que mereceu a curiosissima carta de Pedro II de 25 de janeiro de 1701, na qual o soberano lhe recommendava continuasse e augmentasse o bom procedimento, afim de que tambem ficassem cobertos e esquecidos os erros dos primos defuntos de Pimentel...

Pela provisão de 13 de janeiro de 1698, confiou o governador a Garcia Rodrigues Velho (tio materno de Garcia Rodrigues Paes) o posto de guarda-mór das minas dos Cataguazes.

Reveladas as riquezas do Sabará, dividiu Menezes toda a região aurífera em duas zonas distintas, tendo por limite o Sumidouro, ponto de occupação permanente, graças á bandeira de Fernão Dias, e, por isso, geralmente conhecido; e assim, por provisão de 23 de fevereiro de 1700, nomeou a Manuel Lopes de Medeiros guarda-mór das minas dos Cataguazes, e, pela de 6 de março do mesmo anno, entregou equal cargo, na repartição do Rio-das-Velhas, a Manuel de Borba Gato. A 17 de novembro de 1700, foi Medeiros, que abandonara o posto, substituído por Domingos da Silva Bueno, tendo sido a provisão firmada pelo governador no Ribeirão-do-Carmo, sempre com a clausula daquella separação de districtos. No anno seguinte, a 13 de fevereiro, creou Arthur de Sá mais um districto, o da Itacambira (Tocambira, segundo as respectivas provisões), nomeando-lhe guarda-mór a Antonio Soares Ferreira. Só a 19 de abril de 1702 instituiu a metropole o cargo de superintendente das minas, provendo-o no desembargador José Vaz Pinto, que a 12 de julho prestou fiança e tomou posse em mãos de Francisco de Castro Moraes. Foi pessimo e deshonesto funcionario esse togado, como o palpabilizam varios documentos, examinados por mim.

Como fosseni de difficil applicação os regimentos reaes de 30 de janeiro de 1619 e 7 de junho de 1644, Arthur de Sá elaborou e promulgou em São-Paulo o de 3 de março de 1700, peça valiosa e interessantissima, pois, além do mais, revela a existencia de guardas-móres intrusos nas minas recém-descobertas, assim como a attitude de violenta rebeldia dos bandeirantes contra Garcia Rodrigues Velho, quando este foi lá exercer a sua jurisdicção. Traz a data de 17 de abril de 1702 o regimento real, mandado pôr em pratica nas minas dos sertões do Estado do Brasil.

Arthur de Sá e Menezes, como consegui ha poucos dias verificar, só se retirou definitivamente das minas depois de 18 de julho de 1702. A esse tempo, já estavam por elle nomeadas todas as demais autoridades exigidas pelo systema fiscal então vigorante (procuradores, provedores e thesoureiros da fazenda), assim como os escrivães dos guardas-móres e os no-

tarios das execuções, tendo recaído de preferencia a sua escolha nos mais benemeritos dentre os bandeirantes paulistas. Deixou, em summa, plenamente organizado o regimen administrativo e fiscal das minas, só não tendo instituido o apparelho judicial, porque para tanto não dispunha de alçada.

Tem-se dito e repetido que a expansão dos descobrimentos no *hinterland* mineiro foi devida á rivalidade entre os paulistas e os taubateanos, e esta versão achou guarida especial em José Joaquim da Rocha e em Southey.

Para mim, isto se originou do mal comprehendido atrito entre as primeiras expedições defrontadas em Itaverava e da opposição que os descobridores iniciaes fizeram a José de Camargo Pimentel e a Garcia Rodrigues Velho. Esta minha opinião mais se robusteceu com a leitura da phrase contida no depoimento de Perdígão: — “recusando os Paulistas *dar partilha* aos Taubateanos”, porquanto quem dava partilha era o guarda-mór e não o descobridor, e “Paulistas” foram os primeiros guardas-móres das minas.

A meu ver, o coeffericiente maximo da irradiação paulista, no começo do grande cyclo, foi a *fome*, pelas duas medonhas crises de 1697-1698 e 1700-1701, comprovadas por varios documentos.

Patenteiam as peças officiaes que desde logo se operou o *rush* de aventureiros de todos os matizes, desta capital, do Espirito-Santo e sobretudo da Bahia, para a região maravilhosa, onde o ouro surdia em alluviões á flor da terra, como aos acenos de uma fada bemfazeja.

O delirio do rapido e portentoso enriquecimento apoderou-se de todos os cerebros, aquecendo-os e obcecando-os numa febre continua e insopitavel.

Paulistas e forasteiros não tinham tempo de pensar no planio de mantimentos junto ás lavras. O tempo era pouco para a colheita das pepitas luzentes no fundo das batéias. Entretanto, a população, em torno das catas, crescia desmedidamente. Era fatal que, num dado momento, que se repetiu, se lhes impuzesse a dispersão pelos matos, como unica medida salvadora contra a morte por inanição junto aos thesouros metallicos, A

essas duas debandadas, que um *status necessitatis* determinou, é que se deve, com o descobrimento de novas jazidas e correios auríferos, a fundação de muitos dos centros populosos de Minas-Geraes.

Embora os governadores, desde Arthur de Sá, vedassem a ida de escravos de lavoura do Rio-de-Janeiro para as minas, também se fez sentir na capital do sul o doloroso flagello da fome. Os primeiros annos do seculo XVIII accusam uma tal carestia de viveres nesta cidade, que os prepostos regios andavam a mendigar farinha ás outras povoações do litoral brasileiro.

Outra consequencia do descobrimento das grandes riquezas mineraes de nossa patria foi o amortecimento do espirito militar. Não obstante a organização de milicias territoriaes, feita por Arthur de Sá, e os cuidados e previsões do seu digno successor, esta encantadora Guanabara, por seu estado de indefensão e pelo arrefecimento que a miragem da opulencia e do gôso trouxera ás virtudes dos lusos marciaes, tornou-se facil presa de Duguay-Trouin.

Ao lado de beneficios incontaveis, não foram pequenos os males, que nos acarretou a *auri sacra fames*...

### III

- A) *A administração de Arthur de Sá e Menezes;*
- B) *O regimen tributario das minas;*
- C) *A expedição á Vaccaria (Gaspar de Godoy Col-laço) e a expedição a Sabarabuçu (Manuel de Borba Gato).*

Confesso-me profundamente sensibilizado pelas gentilezas que me têm sido prodigalizadas neste Instituto Historico, em boa hora confiado á proficiente direcção do sr. Conde de Affonso Celso, em quem não sei o que mais admirar, si o invejavel talento e a apurada cultura do espirito, si a inexcedivel fidalguia

do trato pessoal; e dou-me parabens a mim mesmo pela honra, que tanto me desvaneceu, de ver a minha desengalanada palavra de obscuro professor sertanejo attrahir a este recinto os mais abalisados mestres da Historia Patria e tantos dos mais conspícuos representantes da literatura nacional. Permitta-se-me assignalar a grata surpresa que hoje me traz a presença do sr. dr. Lucas Ayarragaray, digno ministro argentino, e de Sebastião Sette, meu velho mestre, legionario da abolição e da republica, e a quem devo a formação de meu espirito.

Sinto-me sobremodo feliz, por haver attingido o alvo a que visava. Não consistia em exhibir nenhuma producção de fino labor esthetico, destinada a arrancar applausos ao frivolo snobismo contemporaneo. Era, ao contrario, a arida exposição, fria, austera e desnuda, como a propria verdade, de alguns factos da nossa evolução colonial, sobre os quaes pairavam duvidas e incertezas e se travavam controversias aparentemente indirimi-veis. Tendo colhido documentos que os esclareciam, julguei do meu dever patenteal-os aos meus compatricios, que merecidamente pontificam neste augusto templo de nossas veneraveis tradições. Não realizei, disse-o já preliminarmente, nenhum trabalho de conjunto, nenhuma apreciação integral do phenomeno culminante da phase heroica do nosso passado: — demonstrei apenas, tomando-lhe ao acaso alguns episodios de maior relevo, que é possivel, mediante a cuidadosa pesquisa e o paciente estudo das peças officiaes, olvidadas na poeira dos archivos publicos, elucidar e reconstruir uma grande parte, ainda mal conhecida, dos nossos fastos.

O que fiz é pouco, muito pouco ainda, bem o sei e reconheço. Mas, agora, ao findar a minha pequena série de conferencias, estou certo de que conseguí alguma coisa a mais: — despertar para o assumpto a attenção dos doutos, dos investigadores eminentes. Nutro fundadas esperanças de que estas minhas achegas sirvam de incentivo a que os mais idoneos me tomem das mãos a empreza, tão mal posta nellas, e a levem a termo com o prospero exito que ella merece, a prol dos nossos fóros de civilização e de cultura. Si isso acontecer, como espero, maior será ainda a minha satisfação.



a) *A administração de Arthur de Sá e Menezes.* — É uma individualidade a cujo tino politico até agora não se preiteou a devida justiça, e que, emtanto, merece alcandorada a pleno destaque, para que bem se aquilate a valia inestimavel do seu poderoso influxo nos destinos da maior porção da nossa patria, quando esta, mercê da intrepidez dos bandeirantes paulistas, cimentava no sul, após a imperecível epopéa dos pernambucanos contra as invasões neerlandezas ao norte, os fundamentos da nacionalidade futura, triplicando-lhe não só as fronteiras, como também cooperando no surto dos nossos ideaes de autonomia.

Arthur de Sá e Menezes governára o Estado do Maranhão de 1687 a 1690, e, depois de haver prestado serviços na metropole, escolheu-o Pedro II para successor effectivo de Antonio Paes de Sande, interinamente substituído por Sebastião de Castro Caldas, que a esse tempo era governador da Parahyba. Sá e Menezes veio, pois, para o Brasil, com os mesmos poderes, com a mesma “amplissima jurisdição” (cartas-régias de 14 e 16 de janeiro de 1693 e 25 de dezembro de 1700) do seu antecessor.

Empossou-se do seu alto cargo a 2 de abril de 1697 e enctou logo o desempenho de sua missão especial, que consistia, como elle proprio o declarou em carta ao soberano (de 25 de maio de 1698), em “se fazerem descobrimentos que pudessem fazer patente o que ha tantos annos se difficulta”.

Tanto os escriptores antigos como os modernos baralharam de tal modo os successos da administração de Arthur de Sá, que vem a ponto rectificar aqui os equívocos principaes, para que se restabeleça a ordem no cháos em que laboraram o conselheiro Lisbôa, monsenhor Pizarro, Calogeras e Diogo de Vasconcellos, notadamente quanto ás jornadas do dito governador a São-Paulo e ao *hinterland* mineiro.

Aquelle delegado da soberania portugueza, nos seis mezes decorridos de sua posse até 15 de outubro de 1697, preparou, além de outros actos de sua elevada função, a bandeira de Amaro Fernandes, auxiliada por Diogo de Almeida e Lara e José Tavares de Siqueira, em busca de minas de prata na Re-

partição do Sul. Naquelle dia, passou o governo da praça do Rio-de-Janeiro a Martim Corrêia Vasques e partiu para São-Paulo. Andando por lá até março de 1698, visitou quasi todas as villas importantes, interveiu na lucta dos Pires e Camargos, interessou-se efficazmente pela sorte dos indios, cuidou do aparelho judicial, começou a organizar o fisco e a defeza militar das capitánias, incrementou os descobrimentos de ouro e montou a expedição á Vaccaria.

A 3 de abril de 1698, já despachava nesta capital, tendo, além do mais, determinado as jornadas a Castilhos e a Sabarabuçu, no mesmo anno, e ficou aqui até 8 de outubro de 1699, seguindo, então, pela segunda vez, para a terra dos bandeirantes, deixando novamente encarregado do commando da praça do Rio-de-Janeiro a Martim Corrêia Vasques. Nesta outra visita a São-Paulo, organizou definitivamente os terços de auxiliares e da ordenança, formando companhias em todas as localidades sufficientemente populosas, proveu cargos de justiça (exorbitando, nisso, dos poderes de sua alçada), e, sobretudo, traçou melhor a defeza dos interesses do erario lusitano, vinculados á producção das minas recém-descobertas.

A 19 de março de 1700, já estava de retôrno a esta séde do seu governo, onde apenas se demorou o tempo indispensavel ao preparo da sua primeira viagem ao sertão dos Cataguazes e do rio das Velhas, para onde rumou a 23 de agosto de 1700, tendo passado a direcção suprema da praça a Francisco de Castro Moraes. Nas Minas, tomou varias providencias conducentes á boa execução do seu programma administrativo, tentando egualmente conjurar a crise da fome, animando a expansão dos descobrimentos e premiando os esforços dos valorosos e incansaveis paulistas, mas vendo, infelizmente, uma das suas resoluções de mais palpavel equidade, o edital de 17 de dezembro de 1700, desapprovado pela inepecia do soberano.

A 1 de julho de 1701, reassumiu o seu posto aqui, mas pouco depois, em meados de setembro, partiu outra vez para os districtos auriferos, onde ainda mandou a Borba Gato e a Borges de Faria em busca de minas de prata, e por lá se deixou ficar, praticando actos de administração, até 18 de julho de

1702, de certo por não saber que o seu successor, d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, já havia tomado posse do cargo desde 12 do mesmo mez e anno.

A falta de estudo dos documentos de vias de successão levou os historiographos a confusões deploraveis, trasladadas até nos livros didacticos. Sáindo o capitão-general da sua residencia official para o interior, o governo da praça do Rio-de-Janeiro era, em regra, commettido ao mestre-de-campo mais antigo, que o assumia mediante preito e homenagem e o exercia, assim, no goso do *jus imperii*, em que ficava subrogado, e que lhe possibilitava tratar até com os representantes de potencias estrangeiras. Nem então era licito deixar acephala de magistrado supremo a cidade fundada por Estacio de Sá, quando na guerra de successão da Espanha se envolvera Portugal, como satellite da politica ingleza, e daqui é que partiam soccorros para a Colonia-do-Sacramento. Mas o titular effectivo projectava a sua acção sobre todo o territorio que lhe fôra confiado, em qualquer parte delle em que estivesse, ao passo que o seu substituto não transcendia a orbita da séde do governo, sinão para as decisões que lhe facultava, *stricti juris*, a função successoria. Do contrario, dar-se-ia o absurdo de reconhecer-se a colisão de duas autoridades eguaes, munidas dos mesmos poderes, dentro de uma só esphera jurisdiccional. A proposito disto, um dos mais interessantes é o caso de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, mal referido pelos compendios, por occasião do victorioso assalto de Duguay-Trouin ao Rio-de-Janeiro, em 1711, quando assumiu o governo da Repartição do Sul, então confiado a Francisco de Castro Moraes.

Graças ás peças officiaes consultadas, organizei o seguinte quadro synoptico dos periodos de administração de Arthur de Sá e Menezes e sua substituição no governo da praça do Rio-de-Janeiro, advertindo que duas das datas são ainda susceptiveis de melhor averiguação, pois não tenho a estolida ousadia de affirmar que já haja visto *todos* os documentos existentes no Archivo Nacional:

Arthur de Sá e Menezes: — 2 de abril de 1697 a 15 de outubro de 1697;

Martim Corrêia Vasques (1.<sup>a</sup> viagem de Arthur de Sá e Menezes a São-Paulo): — 15 de outubro de 1697 a 3 de abril de 1698;

Arthur de Sá e Menezes: — 3 de abril de 1698 a 8 de outubro de 1699;

Martim Corrêia Vasques (2.<sup>a</sup> viagem de Arthur de Sá e Menezes a São-Paulo): — 8 de outubro de 1699 a 19 de março de 1700;

Francisco de Castro Moraes (1.<sup>a</sup> viagem de Arthur de Sá e Menezes ás Minas): — 23 de agosto de 1700 a 1 de julho de 1701;

Arthur de Sá e Menezes: — 1 de julho de 1701 a 20 de setembro de 1701;

Francisco de Castro Moraes (2.<sup>a</sup> viagem de Arthur de Sá e Menezes ás Minas): — 20 de setembro de 1701 a 12 de julho de 1702.

Tendo lido toda a estirada correspondencia de Arthur de Sá com a metropole e assim acompanhado quasi todos os passos da admiravel gestão do mesmo no Brasil, posso affirmar que elle foi um habil estadista, a quem já é tempo de render a nossa patria, pelos orgams legitimos dos seus antistites literarios, o preito a que fizeram jus os indeslembraveis serviços por elle prestados durante o quinquennio de 1697 a 1702, o qual, si não fôra a sua actividade, a sua politica de largo descortino e larga tolerancia, como ao deante se evidenciará, talvez não tivesse produzido os resultados portentosos em que se desentranhou copiosamente. A longa e acertada administração de Arthur de Sá e Menezes foi, em summa, um coefferente de valor incalculavel para a conquista e civilização de immenso trato da nossa terra bemfadada, o qual lhe deve os lineamentos da grandeza e da cultura de que tão justamente se ufana agora.

b) *O regimen tributario das minas.* — Não é proposito meu historiar *in globo* a fórma, por que a metropole instituiu aqui a cobrança dos impostos do ouro. A quem quizer aprofundar esta questão, recommendo a leitura da interessante monographia, de lavra alheia, que monsenhor Pizarro inseriu no fim da parte 2.<sup>a</sup> do vol. VIII de suas "Memorias"; o exhaus-

tivo trabalho intitulado “Minas e quintos do ouro”, do dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, dado á estampa no vol. VI da “Rev. do Arch. Publ. Mineiro”; e os documentos, ainda inéditos, existentes na bibliotheca deste Instituto Historico, relativos á missão especial de Martinho de Mendonça, em 1733. A obra de Calogeras traz, no vol. I, um substancioso resumo de tudo quanto concerne á antiga legislação tributaria das minas do Brasil.

Rememorando, todavia, que a taxa dos quintos, inscripta já nos foraes das capitánias hereditarias, fôra mais especializadamente sancionada pelo alvará de 18 de janeiro de 1618 e respectivo regimento (de 30 de janeiro de 1619), não revogados nessa parte pelas leis posteriores de 1644, 1700 e 1702, — notarei apenas que o pagamento de 30 arrobas annuaes resultou de um accordo entre os extractores do fulvo metal e d. Braz Balthazar da Silveira em 1713, installando-se logo o negregado systema da capitação, que se prolongou até findar o reinado de d. João V. Em 1750, ao subir d. José, estabeleceu-se a finta determinada de 100 arrobas annuaes, a qual se estendeu até d. João VI, prendendo-se ás derramas de sua cobrança a para sempre memoravel tragedia da Inconfidencia Mineira.

O que desejo assignalar é que os papeis velhos, que encontrei no Archivo Nacional, me desvendaram muitos factos curiosos, ligados a esta materia.

Entre as medidas principaes, tomadas aqui pelos prepos- tos regios ou emanadas directamente da metropole, figuram a subordinação da praça de Santos á do Rio-de-Janeiro e a prohibição do transito e do trafego pelo “caminho-velho”, tudo para que se não extraviasse o ouro das minas. São abundantes os documentos concernentes ás providencias officiaes, destinadas a impedir os descaminhos do precioso metal, e merecem lidos os bandos de Arthur de Sá, para que o *bel thesouro* não fosse contrabandeado e para que não deixassem de ser pagos os quintos devidos á corôa. Como um de taes actos comminasse, além de outras, as penas da fogueira aos delinquentes, Pedro II lhe mandou moderar aquella fórma inquisitorial de castigo, pela carta-régia de 29 de outubro de 1698. Por ahi se vê que os

proconsules lusitanos chegavam a ser “mais realistas do que o rei”, na defeza dos interesses do fisco.

Em 1698, deu-se uma occorrença sôbre a qual silenciam os chronistas e de que colligi todo o elemento probatorio: — o attentado dos cunhos falsos. Foi cabeça deste crime o beneditino frei Roberto, reinol ao que parece, o qual, consoante o informe de Arthur de Sá ao rei (carta de 22 de maio de 1698), “não só fazia os cunhos para pôr no ouro, como tambem os vendia ás pessoas que lh’os queriam comprar”. Aberta a devassa sob a direcção de Carlos Pedroso da Silveira, pois o facto se déra em Taubaté, apurou-se não só a responsabilidade de frei Roberto, como ainda a de Domingos Dias de Torres e a do proprio vigario daquella villa, o padre José Rodrigues Preto, e de outras pessôas mais, cujos nomes não foram declinados, mas compunham, com os tres preditos individuos, a numerosa *societas sceleris*. De certo por não trazer batina ou burel, Torres chegou a ser preso; mas esse mesmo, minando a cadêia e limando-lhe os gradís, fugiu, a exemplo dos tonsurados com quem se acumpliciara, pois o padre Preto se escondera nas minas e frei Roberto levara tal sumiço, que, em fins de 1699, ainda se não sabia bem si vagueava pelas incultas brenhas do Brasil ou si havia passado ao seu torrão natal de além-Atlantico.

Entretanto, apesar do delicto dos cunhos falsos ser “execrando”, ser de nunca vista “enormidade”, na linguagem suggestiva de Arthur de Sá, Pedro II não tardou a desfraldar sobre os seculares culpados a bandeira misericordiosa do perdão, tornando-a depois (pela carta-régia de 20 de dezembro de 1700) extensiva aos ecclesiasticos.

A carta-régia de 27 de janeiro de 1700 revelou-me outro tributo, de que não falam os estudiosos de nossa historia, — o da vintena dos quintos do ouro, collectado annualmente para a casa da rainha. O que esse documento proporciona de mais singular é que, tendo fallecido a “sôbre todas muito amada e prezada mulher que Deus tem na gloria” do sr. d. Pedro II, — que, aliás, a havia tomado, com o throno, do proprio irmão, o sôbre todos infeliz Affonso VI, — ainda o monarcha, sem que houvesse convolado a novas nupcias, mandava que se conti-

tuasse o pagamento da vintena na mesma fórmula anterior, isto é, para a casa de uma rainha que não existia...

Convém, por fim, accentuar que os premios aos descobridores das riquezas mineraes do Brasil consistiam geralmente em mercês honorificas ou postos militares sem sôlido dos cofres reaes, e, quando os governadores eram autorizados a prometter-lhes "tenças", logo se clausulava, como se vê da cartarégia de 26 de novembro de 1698, que fossem assentadas "no rendimento das mesmas minas".

O systema da metropole resumia-se, portanto, nesta passmosa simplicidade: — repletar o seu erario, sem dispendio de um ceutil, com os preciosos dons que a natureza liberalizára á nossa terra, e que não os invasores e senhores della, porém sim os mamelucos audazes lhe arrancavam ás entranhas virgens, opulentas e fecundas.

c) *A expedição á Vaccaria (Gaspar de Godoy Collaço) e a Sabarabuçu (Manuel de Borba Gato)*. — Azevedo Marques, sem duvida por não conhecer os documentos, ora descobertos por mim, no que respeita a Gaspar de Godoy Collaço, assevera que este célebre paulista, em consequencia dos serviços que prestára nas explorações e conquista dos sertões da Vaccaria até ás serras vizinhas do Paraguay, fôra galgando os postos militares até alcançar o de tenente-general.

O certo, entretanto, é que elle não teve este titulo nem para os terços de auxiliares nem para a ordenança, pois a patente de 3 de março de 1698, firmada por Arthur de Sá e Menezes, o elegeu tão sómente para "tenente-general da jornada que se vai fazer á Vaccaria", em busca de minas de prata.

É facil explicar o motivo determinante da escolha de Collaço para essa expedição e o porque se relaciona ella, politicamente, com a de Sabarabuçu.

Oriunda de ambições de mando, estalára em São-Paulo, desde meiodos do seculo XVII, a pertinaz e sanhosa contenda dos Pires e Camargos, na qual se enquadra o doloroso episodio de Alberto Pires e Leonor de Camargo, envolto ainda em celagens romanescas, que a penna de Taques sobredourou e que a lyra de Benedicto Octavio sonorizou nas rimas do seu poema

*Anankê.* A metropole e os seus mais graduados prepostos intervieram na deploravel rusga de familias, que parecia acalmada no fim daquella centuria. Mas o governo portuguez entendeu de quebrar o padrão da moeda na sua colonia americana, contrariando nisso os sabios e previdentes conselhos de Arthur de Sá, e o povo de São-Paulo rebellou-se contra a odiosa medida, que tanto o ia prejudicar. Note-se que o exemplo da côrte lusitana fructificara aquém-mar, a tal ponto, que as camaras paulistas, segundo o informe daquelle governador, “quando haviam mistér dinheiro por emprestimo, baixaram as sobre-ditas moedas, e, quando lhes pareceu fazer os seus pagamentos, as levantaram, dando ás patacas de quatro oitavas e meia o preço de dous cruzados” (carta de 1 de junho de 1698 ao rei).

Quando Arthur de Sá estava prestes a partir para São-Paulo, em outubro de 1697, de lá mandaram dizer-lhe que era excusado querer elle ir a São-Paulo, porque elles, os paulistas, se sabiam muito bem governar, e proferiram palavras taes, que o governador as achou indignas de fazer presentes ás vistas do soberano, chegando os sublevados ao ponto de deitarem um pasquim ameaçador na casa do juiz Isidoro Tinoco, com o intuito de obstarem ao proconsul da metropole, pela intimidação, a subida áquellas capitánias, *ad instar* do que, em 1660, tinham feito a Salvador Corrêia de Sá e Benevides.

O potentado, que acaudilhava todo esse movimento, generalizado pelas mais importantes localidades, era Pedro Ortiz de Camargo. E, como Gaspar de Godoy Collaço se manifestasse disposto a obedecer ás ordens régias, relativas á baixa da moeda, entre os dois se levantou azeda porfia, caíndo sem vida aquelle regulo temeroso, prostrado pelo bacamarte do seu conterraneo e adversario.

Arthur de Sá chegou a São-Paulo a tempo de assistir a este lobrego desfecho da sanguinosa contenda e a tempo de impedir que as duas familias rivaes, de animo agora mais exacerbado, se dessem a batalha, a que estavam dispostas.

É de imaginar com que difficuldade não luctou o habil representante da soberania portugueza para conter sobretudo os Camargos, ainda mais violentos e rancorosos que os Pires. No-



te-se que o governador era hospede de Lourenço Castanho Taques o moço, da estirpe dos Pires, e que isto, afóra o mais que consta das peças historicas, concorre a explicar porque Arthur de Sá, dando ao rei parte da scena luctuosa, traça contra Pedro Ortiz um verdadeiro libello accusatorio, buscando exculpar a Collaço. É preciso ler todas as provas deste levante, para que bem se comprehenda a tactica desenvolvida então por Arthur de Sá, quer junto aos paulistas, quer perante o soberano. Commettido o assassinio, empecida a peleja apparelhada pelas duas familias, o governador, que devia estar sobejamente inteirado da indole vingativa dos Camargos, immediatamente afastou da villa de São-Paulo o homicida, e, de certo com a mira de o pôr fóra do alcance de uma vindicta de outro modo inevitavel, pouco depois, a 3 de março, o nomeava para a expedição á Vaccaria, que partiu desta capital no começo de junho do mesmo anno.

Preparada esta leva, communicou-a Arthur de Sá a Pedro II, por carta de 26 de maio de 1698, elogiando o cabo que para ella escolhera e declinando-lhe o nome; e só depois, a 1.º de junho, foi que participou ao rei a morte perpetrada em São-Paulo, fornecendo o nome da victima, pintada com as mais negras côres, mas occultando o do réu, a quem chamava "um dos melhores homens que ha naquellas capitancias". O soberano, que approvara a bandeira e mandara agradecer os novos serviços esperados de Collaço, por carta de 20 de outubro de 1698, dois dias depois, respondendo á segunda carta de Arthur de Sá, e seguramente não sabendo que se tratava da mesma pessoa, insinuava a abertura de uma devassa sobre a sangrenta acção occorrida em São-Paulo, "porque ainda que o seu procedimento (de Pedro Ortiz) fosse tão indigno, e o matador respeitado por bom homem, isso o não livra do crime que commetteu neste delicto, e de ser ~~castigado~~ castigado conforme merecer por elle".

Pois bem: — a punição de Collaço, que falleceu em São-Paulo a 10 de dezembro de 1713, foi apenas a jornada da Vaccaria.

Ora, si se confrontarem as duas patentes expedidas por Arthur de Sá e Menezes em 1698, — a de 3 de março, dada a

Collaço, e a de 15 de outubro, dada a Borba Gato, — ver-se-á facilmente que ambas obedeceram á mesma inspiração e aos mesmos intuitos, diversificando apenas nos nomes dos patenteados e nas datas, assim como na hypothese, razoavelmente prevista pela ultima, de Garcia Rodrigues Paes, que conservava o seu titulo de capitão-mór do descobrimento das esmeraldas, galardoado pela carta-régia de 23 de dezembro de 1683, querer, não obstante occupado na abertura do “caminho-novo”, ir exercer a sua jurisdição no mesmo ponto a que era mandado aquelle seu cunhado, caso esse em que se deveriam ajudar reciprocamente, para a consecução do escopo, que levava Borba Gato.

Não conheceram a patente de 15 de outubro de 1698 os escriptores antigos, que vaga ou erradamente lhe fazem referencias, como Taques, Azevedo Marques, Xavier da Veiga e José Joaquim da Rocha, tendo este chegado ao ponto de affirmar que Arthur de Sá premiara a Borba Gato com o posto de “tenente-general de uma das praças do Rio de Janeiro”! E, dos ainda vivos, nem Diogo de Vasconcellos nem Calogeras a examinaram como fôra mistér, pois que o dr. Derby já a inserira (bem que sem respeito á graphia original, notadamente quanto ao toponymico essencial) no vol. V da “Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo”.

Perscrutando o curioso documento e as demais provas authenticas que existem sobre este assumpto, cheguei ao resultado que passo a expor, excusando-me de varias rectificações de menos valia, exigidas pelos equivocos de que se resentem os tradadistas.

Quando a leva de d. Rodrigo de Castello-Branco se encaminhou para a tão cobiçada serra do Sabarabuçú, no encaço de Fernão Dias, deparou-se-lhe no arraial de Paraopeba a toska urna funeraria, em que Garcia Rodrigues transportava para o torrão natal os ossos do pae. Do digno filho do “caçador de esmeraldas” recebeu o administrador-geral das minas do Brasil o saquinho das pedras verdes, destinadas ao manifesto perante o soberano. O attestado dessa entrega, redigido em espanhol e firmado por d. Rodrigo, traz a data de 8 de outubro de 1681, e foi lavrado no Sumidouro, cujas roças, assim como as de Ita-

cambira e dos matos das pedrarias, passaram, no mesmo acto, ao poder do representante do soberano. O cabo José de Castilhos ficára de guarda á jazida, onde Fernão Dias colhera os seixinhos corados, e Borba Gato postara-se, como sentinella avançada, com um pequeno contingente do seu mando, á bocca da extensa região da imaginaria Golconda, nas cercanias do Sumidouro, celebrizado por tantos eventos tragicos nos primordios da conquista do nosso *hinterland*.

Ou porque o fidalgo castelhano lhe exigisse os petrechos bellicos e obediencia igual á que lhe rendera Garcia Rodrigues, ou por qualquer outro motivo até hoje ignorado, — o certo é que entre os dois se abriu conflicto, e d. Rodrigo alli tombou exanime, em fins de outubro de 1681, ou no fundo abrupto de uma cata, a um empurrão de Borba Gato (como narra Taques), ou varado por uma carga de trabuco, que o paulista destemeroso, ou um dos seus pagens (esta, talvez, uma attribuição posterior dos interessados em innocentar o Borba), lhe apontára ao peito.

Não vingaram a morte do seu chefe os commandados de d. Rodrigo, que formavam, no emtanto, um batalhão respeitavel: — conterraneos e amigos do homicida, retrocederam uns presantemente para São-Paulo, enquanto outros, mais timoratos, se afundaram nos latibulos do sertão bravo.

Calham agora aqui as lendas quanto ao homizío e ao chamado indulto do Borba.

Tem-se affirmado, sem o adminiculo de qualquer vislumbre de prova, sinão o aereo e variegado dos relatos postos em registo, que o réu de lesa-magestade, foragido no intricado recesso das terras interiores, ou estanciou no meio de cabildas, de que se fez "morubixaba" acatado, ou andou a descobrir ouro, ou ainda que veio montar fazenda agricola no alto Parahyba.

Apenas de um roteiro existente na Bibliotheca Nacional, e cujas duas cópias não mantêm entre si a precisa congruencia, consta o nome de um *Capitão Manoel de Borba* como auxiliar de uma bandeira do padre João de Faria, a qual, em época anterior a 1694, descobriu uns ribeiros auriferos nos taboleiros dos rios Grande, das Mortes e Sapucahy.

E é geral a crença, tanto dos escriptores nacionaes, como dos estrangeiros (Henderson, Handermann, Southey e outros), que o perdão de Borba Gato lhe foi offerecido, em nome do rei, por Arthur de Sá, a troco de revelar o responsavel pelo homicidio de d. Rodrigo as jazidas de ouro que achara no Sabará, imaginando alguns dos nossos compatriotas, que versaram a questão, entrevistas prévias e jornadas do governador com o paulista, inconciliaveis com os dados das provas officiaes:

Todas estas supposições promanaram evidentemente de haver Borba Gato achado, em 1700-1701, as abundantes riquezas auríferas daquella região, a que fôra mandado pelo proconsul lusitano em busca de minas de prata; e, como fêcho desse acervo de "entes de razão", não faltou quem affirmasse ter elle pago a Arthur de Sá (não ao rei, como fôra logico) o favor do indulto, mediante o nababesco presente de trinta arrobas de ouro, que o bemaventurado governador conduziu consigo para Portugal...

Ora, a denuncia do grave crime de outubro de 1681 fôra levada ao conhecimento do rei pela carta dos officiaes da camara da villa de São-Paulo, de 2 de novembro de 1862. E Arthur de Sá, ao vir para o Brasil em 1697, não podia ignorar aquelle acontecimento, que teve necessariamente larga repercussão na metropole, pela alta posição e linhagem da victima.

Nada mais natural do que, indo elle a São-Paulo, lá intercedessem pelo Borba os parentes e amigos deste, principalmente aquelles em cujo seio teve o governador a mais captivante hospitalidade, e é até provavel que Garcia Rodrigues Paes, ao offerecer-se para o franqueamento do "caminho-novo", falasse tambem em prol do cunhado, foragido havia mais de tres lustros e sob a ameaça tremenda das penas draconianas das Ordenações do Reino.

Taes presumpções, comtuço, por mais justificaveis que sejam, não permitem que nellas sós se fundamente um acto de clemencia de obtenção rara e difficil, uma graça que era regalia especial do poder majestatico.

Mas Arthur de Sá, logo na sua primeira visita á terra dos bandeirantes, teve necessidade de usar de uma politica de larga

tolerancia, qual a que poz em pratica no tocante a Gaspar de Godoy Collaço.

Para que, pois, as ficções multiformes que se têm bordado em relação ao caso de Borba Gato, si a attitude do governador para com este pôde ser explicada pelos mesmos motivos capitaes que o impelliram a não proceder contra o assassino de Pedro Ortiz?

O perdão em troca de revelações de jazidas auríferas, ou até de "esmeraldas", conforme a versão inaceitavel admittida por Xavier da Veiga, é pura phantasia, sem sustentaculo algum nas peças officiaes. A patente de 15 de outubro de 1698, lavrada aqui no Rio-de-Janeiro (e não em São-Paulo, como foi a de Collaço), nomeando a Borba Gato "tenente-general na jornada do descobrimento da prata de Sabarábuassú" (sic), é expressiva e concludente, pelos seus proprios termos. Nella não se cogita de ouro, nem se fala do crime do paulista. Ora, como ella é identica á de 3 de março, não ha outra illação a tirar, si não que aquella foi um consecario logico desta, — como eu queria demonstrar.

Demais, d. Rodrigo de Castello-Branco era castelhano, e não tinha parentes em Portugal, nem no Brasil.

E que os tivesse. . . Mina de prata ou de ouro, que se descobrisse na Vaccaria ou no Sabarabuçu, valia então pela melhor defesa, e importava em sentença absolutoria dos maiores crimes, sentença tacita, mas effectiva.

Receberam os sertões mineiros o baptismo de sangue, quer das veias do filho bastardo de Fernão Dias, quer das veias do fidalgo castelhano, quer, emfim, das veias dos paulistas e forasteiros, na tremenda refrega dos "emboabas". Mas, — honra seja aos nossos antepassados! — os seus assomos de autonomia e a sua envergadura insobrepujavel não são lendas espurias, são verdades inconcussas e luminosas!

Para que revivam melhor essas figuras inolvidaveis, apello para os mestres das boas letras nacionaes e para os cultores insignes da Historia Patria. Não offereço o meu exemplo pessoal, pois reconheço a apoucada valia deste. Não falando na obrigação egual que incumbe a tantos outros, infelizmente ador-

mecidos sobre os louros que conquistaram, revelo, talvez commettendo uma indiscreção, que estou certo de me ser perdoada, que o festejado autor de "Felisberto Caldeira" e dos "Sonhos de ouro" vae em breve, com as rutilancias do seu estildo primoroso, reevocar a individualidade historica do assassino de d. Rodrigo de Castello-Branco, do famoso Manuel de Borba Gatto, que morreu em avançada ancianidade, depois de haver perpetuado o nome na titanica epopéa dos nossos sertões.

Urge que refaçamos, aos clarões vigorosos da verdade, as nossas tradições e a nossa vida. Ás gerações de agora e ás gerações porvindouras não podemos dar melhor ensinamento que o que resalta do pugillo de bandeirantes intrepidos, indomaveis nos seus éstos de independencia e galharda altivez, heroicos e generosos, herculeos na sua pujante força de vontade, de energia inquebrantavel e fecunda, mesmo quando violenta e sanguinosa, aos quaes devemos a extensão dos nossos lindes, a conquista e povoamento do coração do paiz, a revelação das nossas riquezas deslumbradoras e os pródromos do nosso *self-government*.

No espelho sem jaça desse passado remoto é que devem mirar-se os homens do presente, para que preparem á nossa posteridade um futuro próspero e risonho, e para que, cumprindo os desejos e tornando realidades as aspirações dos que formaram immensa e esplendorosa esta terra amada, aqui floresça, enfim, o povo grande, o povo forte, o povo viril, digno da Patria Brasileira!

## DOMINGOS JORGE VELHO E A CONQUISTA DO NORDÉSTE NO SECULO XVII (223)

No trabalho "Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII", que, além de aprovado pelo Primeiro Congresso de Historia Nacional, mereceu do Instituto a generosidade de expressivo premio, chamámos a attenção dos estudiosos das nossas tradições para o papel importante desempenhado na conquista do nordeste por Domingos Jorge Velho e Francisco Dias d'Avila.

Particularmente em relação a este ultimo, a palavra autorizada de alguns chronistas, na carencia de peças historicas de authenticidade indiscutivel, levou-nos a affirmar o seguinte: — "A leitura attenta que fizemos de todos esses escriptores, conferida com a das obras de frei Vicente do Salvador e de Antonil, suggeriu-nos a supposição de que este Dias d'Avila tenha

---

(223) Este pequeno estudo, escripto para o 5.º Congresso Brasileiro de Geographia, saiu na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», tomo 85, pags 289-310. Corrigi-o muito ligeiramente para a presente reprodução. Mereceu elle referencias do dr. Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, em seu bem redigido «Ensaio sobre o devassamento do Piahy» (Rio. 1929). Como, porém, o illustre jornalista pernambucano mais contendesse, sobre o caso, com Affonso Taunay, que lhe respondeu, a meu ver cabalmente, pelo vol. VI (pags. 229-240) da «Historia geral das bandeiras paulistas», ahí encontrará o leitor curioso elementos seguros para ajuizar da controversia. Em face do documento de 1705, — isto é, quando mal se concluiu a occupação do Piahy e viviam ainda os dois principaes heróes da mesma, — publicado por F. A. Pereira da Costa, em sua «Chronologia historica do Estado do Piahy» (pags. 21-23)

sido o capitaneador do largo desenvolvimento e occupação do sector septentrional da zona da pecuaria. Sobre elle, porém, são pouco abundantes os documentos, também por demais precarios quanto a Domingos Jorge Velho, a tal aspecto. Mas, sendo certo que o pae teve a participação de Glimmer na frustranea expedição de 1628 a Itabaiana, quiçá lhe aconselhou este se soccorresse dos paulistas para o expurgo dos indios dos seus latifundios. E nada se contrapõe á hypothese de que o filho fizesse appello aos bandeirantes do sul, e, com elles e com a gente do seu rendeiro Domingos Affonso, marchasse para a longa e proveitosa conquista, lembrada ainda agora por tantas povoações que juncam os recessos da Parahyba, do Rio-Grande-do-Norte, do Ceará e sobretudo do Piahy. Si esta nossa supposição se esteiasse em documentos mais firmes e valiosos, não vacillaríamos em affirmar que o nome de Francisco Dias d'Avila bem merecera logar de maior destaque entre os heróes da expansão geographica do Brasil no seculo XVII".

No tocante á conquista do nordéste, a nossa monographia teve a honra de incentivar novas pesquisas por parte de alguns illustres compatriotas. Assim é que o preclaro Barão de Stuardt, um dos mais criteriosos e esforçados cultores da Historia do Brasil, logo depois publicava e commentava grande numero de documentos sobre Manuel Alvares de Moraes Navarro, confirmando uma das hypotheses aventadas em nossa "memoria"; e, em 1917, o padre Heliodoro Pires cogitava largamente daquelle magno assumpto em seu substancioso opusculo intitulado "Padre-mestre Ignacio Rolini", tendo ainda recente-

---

e que adiante vae transcripto integralmente, não é mais possivel pôr em duvida que Domingos Jorge Velho haja cooperado com Domingos Affonso Mafrense para expurgar de indios bravos e encher de estancias agro-pecuarias aquella região do nordeste brasileiro. Releva notar que a actividade do famoso bandeirante paulista, em relação ao Piahy, como collaborador do «Sertão», corria ainda, cerca de meio seculo depois, na tradição do Brasil septentrional, do que são provas o que diz claramente Rocha Pitta, em sua «Historia da America Portugueza» (ed. cit., pags. 194-195), publicada em 1730, e o que em 1757 traçou d. Domingos do Loreto Couto, em seu longo e precioso relatório sobre «Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco» (pag. 168).



mente dado á estampa na *Revista do Brasil* (n. 43, anno IV, julho de 1919) um interessante escripto sobre "Domingos Jorge Velho". Releva notar que no mesmo mensario paulista (n. 15, anno II, março de 1917) e com egual epigrapha, inserimos tambem um artigo com o intuito de esclarecer documentadamente o importante problema historico-geographico.

As poucas linhas, que ora rapidamente traçamos em meio de arduas occupações, visam a offerecer mais alguns argumentos e talvez novos elementos de prova aos que se dedicam a estas curiosas questões.

Em primeiro logar, trataremos da personalidade de Francisco Dias d'Avila, sobre a qual ainda paira a mais deploravel confusão (224).

Em nossa citada "Expansão geographica" já haviamos assegurado o seguinte: — "De um passo da carta de Pedro Barbosa Leal, em que se refere a Francisco Dias, o velho, é licito concluir que a actividade deste se estendeu até meados do seculo XVII, devendo attribuir-se a um seu filho homonymo as façanhas do descobrimento e povoamento do sertão piauihyense".

---

(224) Um dos que mais se equivocaram a proposito do coronel Francisco Dias d'Avila foi Varnhagen, que assim diz á pag. 759 do vol. II de sua «Historia Geral do Brasil» (2.<sup>a</sup> ed): «Para tomar posse desses campos e metter nelles gado, associou-se o dito Domingos Affonso a varios outros companheiros, e foi especialmente coadjuvado pelo opulento proprietario, antigo sertanejo (40 annos antes), o ora coronel Francisco Dias d'Avila, com o qual veiu depois a ter demandas...» E, em nota a «sertanejos», manda ver o que escreveu á pag. 460 do vol. I, onde se refere a Francisco Dias d'Avila, que com outros realizou a expedição ás minas do Caramurú. Ora, pelo que deixámos sufficientemente explicado, mercê do «Catalogo genealogico» de Jaboatão, o coronel Francisco Dias d'Avila, grande empresario da conquista do Piauihy, era neto do Francisco Dias d'Avila, o sertanejo de 1628. Além disso, a differença entre a expedição de 1628 e a conquista do Piauihy em 1674 é de 46 annos, isto é, quasi a idade a que attingiu o coronel Francisco Dias d'Avila, que, segundo o testemunho do padre Martin de Nantes, — que o conheceu pessoalmente e com elle tratou desde 1671 até 1687, — falleceu com cerca de 50 annos, «agé d'environ cinquante ans» (*vide* «Relation succinte et sincère de la mission du p. Martin de Nantes, prédicateur capucin, missionnaire apostolique dans le Brésil, parmi les indiens appelés Cariri», pag. 167 da reimpressão).

Com effeito, o Francisco Dias d'Avila, a quem, segundo Mirales ("Historia militar do Brasil", pag. 130), o capitão-mór Balthazar de Aragão, governador interino da Bahia, constituiu, por patente de 7 de setembro de 1613, commandante da gente do districto do rio Jacuhy até ao rio Real, o Francisco Dias d'Avila que realizou a entrada de 1628, ordenada pelo governador Diogo Luiz de Oliveira, não é o mesmo Francisco Dias d'Avila que teve acção tão preponderante na conquista do nordéste.

José Martins Pereira d'Alencastre, em sua "Memoria chronologica, historica e chorographica da província do Piahy" (*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, t. XX, pag. 5), embora erradamente negue a Domingos Jorge Velho qualquer participação no descobrimento e povoamento do Piahy, attribue acertadamente a origem do nome da serra de Dois-Irmãos ao facto de ter sido ella achada pelos dois irmãos Domingos Affonso Mafrense e Julião Affonso Serra, que, segundo aquelle autor, foram ajudados no devassamento da extensa região piahyense por outros dois irmãos, Francisco Dias d'Avila e Bernardo Pereira Gago, em 1674.

Em verdade, estes dois ultimos irmãos, — "inteiros", apesar da grande differença de cognomes, — eram netos do Francisco Dias d'Avila, a quem cabe a apposição de "velho", isto é, de tronco do nome. É o que se infere, com clareza meridiana, do "Catalogo genealogico" de fr. Antonio de Santa-Maria Jaboatão (*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, t. LII, p. 1.<sup>a</sup>, pags. 87-88), como passamos a explanar:

Genebra Alvares, — filha segunda de Catharina Paraguaçu (ou Catharina Alvares) e de Diogo Alvares, o Caramuru, casou com Vicente Dias de Beja, de quem, entre outros, teve Diogo Dias. Viviam por esse tempo em terras bahianas Garcia d'Avila, o fundador da Casa da Torre (225), que não houvera

---

(225) Maximiano Lopes Machado, em sua «Historia da provincia da Parahyba» (pag. 334) e o meu preclaro amigo Barão de Studart, em seu interessante opusculo «O padre Martin de Nantes e o coronel Dias d'Avila» (pag. 4 da *separata da Revista da Academia Cearense*) dão q

descendente algum do seu consorcio com Mecia Rodrigues, mas tivera uma filha natural, por nome Isabel d'Avila. Com esta, então viuva de um fidalgo genovez, foi que se matrimoniou Diogo Dias. Garcia d'Avila, o velho, falleceu a 23 de maio de 1609, e Isabel d'Avila expirou a 18 de outubro de 1593. Desta e de Diogo Dias foi que se gerou Francisco Dias d'Avila, o velho, que era, portanto, neto do fundador da Casa da Torre. Dahi em deante, como se póde ver no "Catalogo genealogico" de Jaboatão e qual se sabe ainda agora por informações dos actuaes descendentes desse antigo tronco, ficou adoptado o costume de se revezarem nos primogenitos varões os nomes de Garcia e de Francisco. Francisco Dias d'Avila, o velho, teve o fôro de fidalgo e casou, a 20 de janeiro de 1621, com Anna Pereira (*Gago*), filha de Manuel Pereira Gago e fallecida a 18 de julho de 1645, nascendo-lhe Garcia d'Avila. Este,

---

coronel Francisco Dias d'Avila como o fundador ou instituidor da Casa da Torre. Ha nisso evidente engano. O fundador da Casa da Torre foi Garcia d'Avila, o velho, que veiu á Bahia com Thomé de Sousa e a quem se refere Jaboatão em seu «Catalogo genealogico» (log. cit., pag. 87). Ouça-se o que a esse respeito diz o doutissimo Capistrano, «Capitulos de historia colonial (1500-1800)», pag. 126:

«Na margem pernambucana do rio S. Francisco possuia duzentas e cincoenta leguas de testada a Casa da Torre, fundada por Garcia d'Avila, protegido de Thomé de Sousa, a qual entre o S. Francisco e o Parnahyba senhoreava mais setenta leguas. Para adquirir estas propriedades immensas, gastou apenas papel e tinta em requerimentos de sesmarias. Como seus gados não davam para encher tamanhas extensões, arrendava sitios, geralmente de uma legua, á razão de 10\$ por anno, no principio do seculo XVIII». Pouco diverge do que vem em Antonil («Cultura e opulencia do Brasil», pags. 199-200 da ed. de 1837): «Sendo o sertão da Bahia tão dilatado, como temos referido, quasi todo pertence a duas das principaes familias da mesma cidade, que são a da Torre, e a do defunto Mestre de Campo Antonio Guedes de Brito. Porque a casa da Torre tem duzentas e sessenta legoas pelo Rio de S. Francisco acima, á mão direita, indo para o sul; e indo do dito rio para o norte, chega a oitenta legoas. E os herdeiros do Mestre de Campo Antonio Guedes possuem, desde o morro dos Chapéos até á nascença do Rio das Velhas, cento e sessenta legoas. E nestas terras, parte os donos delas tem curraes proprios; e parte são que arrendarão sitios dellas, pagando por cada sitio, que ordinariamente he de uma legoa, cada anno dez mil réis de fôro».

que também teve o fôro de fidalgo e foi capitão de ordenanças, desposou sua tia Leonor Pereira (*Gago*). Deste casal (além de uma filha, Catharina Fogaça, que casou com Vasco Marinho Falcão) foi que provieram Francisco Dias d'Avila e Bernardo Pereira Gago (o primogenito com o cognome avoengo paterno e o secundogenito com o cognome avoengo materno), heróis da conquista do nordeste.

De Bernardo Pereira Gago assevera o autor do "Catalogo genealogico" que se baptizou a 2 de agosto de 1654 (si a data do baptismo foi pouco posterior a do nascimento, contava apenas 20 annos, presumivelmente, quando se ultimou a conquista do Piahy) e que falleceu sem successão.

Quanto a Francisco Dias d'Avila, o protagonista dos acontecimentos mais notaveis do *hinterland* septentrional brasileiro na segunda metade do seculo XVII, casou com sua sobrinha Leonor Pereira Marinho (filha de sua irmã Catharina Fogaça e baptizada a 10 de setembro de 1661, — "1691" é evidentemente erro typographico no "Catalogo genealogico", — sendo padrinho o capitão Valentim da Rocha Pitta). Eis o que diz delle Jaboatão: — "Foi coronel de ordenança desta cidade da Bahia, provimento que nelle fez o governador Mathias da Cunha, no anno de 1686, por fallecimento de Pedro Camelo de Aragão, que exercia o dito posto. Esse Francisco Dias d'Avila foi ao rio de S. Francisco com os seus escravos e indios de Macacandupio, que hoje estão aldeados no mesmo lugar, e pacificaram o gentio no levante geral, que tinha feito, e morto muita gente; elle os aquietou, e aquelles que não quizeram sujeitar-se á paz, os mandou degollar, na fazenda do Pontal. Succedeu isso no anno de 1680; e elle falleceu no de 1695" (226).

---

(226) Jaboatão affirma que o coronel Francisco Dias d'Avila falleceu em 1695. Ora, como o padre Martin de Nantes, a seu turno, o dá como fallecido «na idade de cerca de 50 annos». — segue-se que elle deve ter nascido nas proximidades de 1645. O autor da «Relation succinte et sincère» (log. cit.) junta algumas informações curiosas a respeito do famoso potentado bahiano: «Caíu em demencia um anno antes de morrer: ficou abandonado e desprezado dos seus e dos proprios filhos. Morreu sem soccorro algum, e, o que é ainda mais deploravel,

Francisco Dias d'Avila houve do seu legitimo consorcio apenas um filho, Garcia d'Avila Pereira, mas deixou tres filhas naturaes, chamadas Francisca Dias, Clemencia Dias e Albina d'Avila. A estes informes é que se limita o autor do "Catalogo genealogico", a cujo conhecimento não chegaram os feitos do morgado da Casa da Torre nos altos e bravios sertões do nordéste.

Quanto a Domingos Jorge Velho, — sabe-se, pelas pesquisas de L. G. da Silva Leme ("Genealogia Paulistana", vol. VIII, pag. 362), que não era filho de Simão Jorge e Francisca Alvares Martins, como pensavam Pedro Taques e Azevedo Marques, porquanto aquelle seu homonymo falleceu com testamento em 1670. O heróe dos Palmares era o Domingos Jorge Velho, primogenito de Francisco Jorge Velho, que casara em São-Paulo com Francisca Gonçalves e fallecera em 1684 (227).

Sem maior exame de documentos, de que não pudemos lançar mão quando escrevêmos a "Expansão geographica", já nesta haviamos affirmado a presumibilidade de ter o opulento proprietario da Casa da Torre convidado a Domingos Jorge Velho, quando este, á frente do seu bando de mamelucos paulistas, andava em montaria aos selvicolas do sertão bahiano, para expurgar de indios bravios as uberes pastagens de além-São-Francisco e alli montarem, juntos, varias estancias de criação.

É hoje fóra de duvida que Domingos Jorge Velho, talvez entrado na região septentrional do Brasil a instancias de Francisco Dias d'Avila, foi o primeiro paulista que alli exerceu o cargo de mestre-de-campo de um terço de soldados mediante provimento official, para pôr termo ás incursões dos selvicolas, tendo tido como successores em tal posto a Mathias Cardoso de Almeida e Manuel Alvares de Moraes Navarro.

---

sem sacramentos. Deixo a Deus o julgamento de morte tão desastrosa. Mais tarde, a Casa da Torre soffreu perdas consideraveis; não creio que ella possa manter-se ainda por muito tempo, desde que se levantou e enriqueceu á custa dos pobres indios e principalmente tendo-se opposto tantas vezes, por interesse pessoal, á conversão delles».

(227) Affonso Taunay deixou isto fóra de duvida no vol. IV (pag. 348-351) da «Historia geral das bandeiras paulistas».

Póde-se agora precisar com alguma exactidão a data em que o intrepido paulista iniciou, “em companhia da Casa da Torre”, a exploração e conquista do Piauí, assim como de toda a região da extrema occidental da Parahyba. Essa data póde ser fixada entre 1662 e 1663, como acertadamente concluiu F. A. Pereira da Costa (“Chronologia historica do Estado do Piauí”, pag. 6) do seguinte documento, por elle descoberto (pags. 21-23), que se refere a uma concessão de sesmaria, firmada por Francisco de Castro Moraes, então governador de Pernambuco:

—“Francisco de Castro Moraes do conselho de S. M. — Faço saber aos que esta carta de doação de sesmaria virem que D. Jeronyma Cardim Froes, o sargento-mór Christovão de Mendonça Arraes, governador do terço dos Paulistas da guarnição dos Palmares (por fallecimento do mestre de campo Domingos Jorge Velho), capitães e mais officiaes do dito regimento me representaram a petição cujo theor é o seguinte: Sr. Dizem d. Jeronyma Cardim Froes viuva que ficou do mestre de campo Domingos Jorge Velho, o sargento-mór Christovão de Mendonça Arraes, os capitães Alexandre Jorge da Cruz, Paschoal Leite de Mendonça, Domingos Rodrigues da Silva, Luiz da Silveira Pimentel, Simão Jorge Velho, João de Mattos, Domingos Luiz do Prado, o ajudante Antonio de Souza, o alferes de mestre de campo Domingos de Mendonça, o sargento Braz Gonçalves, o cabo de esquadra Bonifacio Cubas e João Paes de Mendonça, todos officiaes que eram então e são do terço de infantaria que de gente servente formou o dito Domingos Jorge Velho com o. . . . . Senhor e Administrador seu, com o qual elle e os ditos supplicantes nomeados franquearam as habitações e povoações, que os brancos tem nelle contra insultos que os Tapuyas bravos quotidianamente intentam, e não poucas vezes executou com graves dannos e irremediaveis provas, para o que obrarem melhor, o mestre de campo e subalternos officiaes tinham erigido para sua morada e habitação o rio Potinghy (*Potingy*) que quer dizer rio ou agua de camarões e o rio Parahyba e. . . . . nelles tinham feito suas povoações com suas habitações, com suas creações tanto vaccum como cavallares ou

ovelhum e cabrum etc., e faziam suas lavouras e assim tinham seus domicilios *vinte e quatro ou vinte e cinco annos*, topando bandeiras ao gentio bravo para onde as occasiões o pediam, defendendo assim..... que o dito gentio intentavam contra as outras povoações dos brancos, dando por este meio regular (*ocasião*) a que entrassem a povoar, como com effeito *entrou e povoou todo Piauihy e Canindé em companhia da Casa da Torre de Garcia d'Avila* e defendendo as fronteiras do Maranhão e ficara até que por parte de S. M. foi o dito Domingos Jorge Velho *chamado e requerido* do Sr. Governador João da Cunha Souto Maior antecessor de V. S. de descer com a dita sua gente e officiaes em estado de guerra os negros fugidos e rebellados dos Palmares, que insultavam, invadiam, roubavam, violavam e assassinavam os brancos em todas estas capitancias de Pernambuco, como com effeito Domingos Jorge desceu com ao redor de 1.300 arcas do seu gentio e cerca de oitenta brancos, que, além dos que nesta petição vão nomeados e nesta occasião que se lhe aggregaram outros que elle habilitou para..... aos ditos soldados gentios *a qual descida foi no anno de 1687, largando terras, povoações, criações e lavouras*, sem reparo algum para vir servir S. M. e com elle e os ditos cabos prestou o Sr. Governador João da Cunha Souto Maior os artigos que S. S. em nome de S. M. ajustou com os procuradores em Março do dito anno que S. M. que Deus guarde confirmou por alvará seo, como tudo se vê registrado na Secretaria deste Governo..... nos quaes artigos estão especificadas estas palavras, que as sesmarias que pretendem nos rios dos Camarões e Parnahyba, as prometeu dar o Sr. Governador, assim e da maneira que as quizerem, como com effeito logo lh'as concedeu o dito Sr. Governador em nome de S. M., em fé e segurança do que lhe mandou S. S. passar e assignou uma clareza, dizendo nella que lh'a não mandou passar naquella occasião por estar o Provedor da Fazenda Real fóra desta praça doente para lhe passar sua carta de sesmaria, e para que constasse sempre do tempo em que se lhe concedia, que foi o mesmo anno em que se celebrou e concluiu-se o dito pacto, que foi a 3 de Março de 1687, o qual papel de segurança deixou o dito sargento-mór na mão do Secre-

tario do Conselho Director, para prova e fundamento do requerimento que das ditas terras elle fez a S. M., este Senhor foi servido conceder-lhes assim e de ordenar a V. S. lhes mande passar sua carta de sesmaria com as mesmas clausulas e declarações que se especifica na dita ordem pelo que pedem a V. S. lhes faça mercê mandar-lhes passar a dita carta de sesmaria desde as nascentes do dito rio Potingh, ou Camarões, até onde se mette naquelle da Parnahyba, com tres leguas de largura de uma a outra banda d'elle, e da sua barra, que aquelle da Parnahyba abaixo na mesma largura da barra de cá declarando-se tambem na dita carta de lhes não poder prejudicar o ter ella sido passada agora e não no dito tempo pelas razões que aqui se allegam e por elles terem andado occupados no serviço de S. M. como este Senhor o manda especificar na dita ordem, da qual a copia vai junta até que pelo Parnahyba abaixo topem em terras desprovidas. E. R. Mcê. — O Procurador da Corôa me informe sobre o conteudo nesta petição para lhe deferir. Recife, 20 de Dezembro de 1704. — *Rubrica.* — Sr. A vista das cartas que os supplicantes juntam, parece-me tem lugar seu requerimento. V. S. lhes deferirá com justiça. Recife, 22 de Dezembro de 1704. — *Antonio Rodrigues Pereira.* — E havendo outrossim respeito a que S. M. me encommenda no cap. 15 do Regimento deste Governo e ao que respeita no cap. 2.º das condições que meus antecessores João da Cunha Souto-Maior concedeu aos supplicantes em nome de S. M. que Deus guarde, no mez de Março de 1687, e confirmou em nome do dito Senhor, o Sr. Marquez de Montebello, em 3 de Dezembro de 1691, e ao Alvará de S. M. de 12 de Março de 1695, e porque declaram as duas ultimas cartas do dito Senhor do anno passado de 1703 não ser justo ficarem prejudicados na mercê que lhes concedeu, o deixarem as ditas terras e domicilios para acudir a seu real serviço, e haver por bem que as gozem desde o dito tempo em que lhes foram concedidas pelo meu antecessor o Sr. João da Cunha Souto-Maior no mez de Março de 1687, pelas haverem conquistado, franqueado a habitação e cultura dos brancos para afugentarem os Tapuyas seus habitadores accrescentando quantias consideraveis a premios reaes, assim pela repartição desta



Procuradoria, como do dito Estado do Maranhão, e que não sejam preferidos de nenhum sesmeiro que se introduzisse nellas desde o mez de Março de 1687, em que lh'as concedeu o Sr. João da Cunha Souto-Maior, Governador que então era destas capitánias. Hei por bem de lhes fazer mercê de dar aos supplicantes acima nomeados como pela presente carta de sesmaria com a mesma antedata do dito mez de Março do anno de 1687 em nome de S. M. que Deus guarde todas as terras que se acharem desde a nascença do dito rio dos Camarões até onde elle se mette no da Parnahyba com tres leguas de largura de uma e outra banda d'elle da sua barra para aquelle da Parnahyba abaixo na mesma largura da banda de cá seis leguas, com obrigação de pagarem fôo algum mais o dizimo a Deus pelo privilegio especial que os supplicantes tem para isso de S. M.; e as possuirão, e gozarão elles e seus herdeiros com todas as suas mattas, aguas, campos, testadas, logradouros e mais uteis que nellas se acharem, e serão obrigados a dar pelas ditas terras caminhos livres ao Conselho para fontes, pontes ou pedreiras; pelo que ordeno a todos os ministros da fazenda e justiça destas capitánias a quem o conhecimento desta carta pertencer lhes façam dar a posse real effectiva e actual na forma costumada e de baixo das clausulas referidas, e das mais da Ordenação titulo das sesmarias, que por firmeza de tudo lhes mandei passar a presente por mim assignada e sellada com o sinete de minhas armas, a qual se registrará nos livros da Secretaria deste Governo e nos da Fazenda Real e nos mais a que tocar. Dada neste Recife de Pernambuco em os tres dias do mez de Janeiro. José Brito de Menezes a fez. Anno de mil setecentos e cinco. O secretario Antonio Barbosa de Lima a fiz escrever. — *Francisco de Castro Moraes*". A confirmação desta sesmaria foi feita pela carta-régia de 25 de dezembro de 1710, dirigida ao governador de Pernambuco, Sebastião de Castro Caldas, a qual encerrava a seguinte importante disposição: — "E porque nella não se observou a ordem passada sobre estas sesmarias, pois não se declara quantas leguas de terra se contam desde a fonte do rio dos Camarões até a entrada que faz no Parnahyba, nem desta para baixo. Me pareceu não deferir a esta confirmação; porém,

visto como os supplicantes foram benemeritos pela guerra que fizeram. Hei por bem de lhes permittir que cada um per si peça sesmaria separada dentro da quantidade que permittem as minhas leis; e assim vos ordeno lh'as concedaes, sem embargo de ser passado o tempo, segundo as minhas novas ordens para se poder deferir a confirmação de cada um”.

Quasi todos os nomes dos cabos de guerra, mencionados no documento acima transcripto, são de paulistas, e o de nome Simão Jorge Velho designa um irmão do audaz bandeirante (228).

Note-se que Christovam de Mendonça Arraes apenas succedera a Domingos Jorge Velho, por morte deste, no commando do terço que ficara de guarnição aos Palmares, e não na empreza de exterminio dos indios. Foram aquelle sargento-mór e o carmelita frei André da Annuniação, que, como representantes de Domingos Jorge Velho, assignaram com o governador João da Cunha Souto-Maior, em 3 de março de 1687, o ajuste para a destruição dos Palmares, ajuste que foi ratificado por d. Antonio Felix Machado da Silva e Castro, Marquez de Montebello, a 3 de dezembro de 1691, e depois sancionado, com insignificantes modificações, pelo alvará-régio de 7 de abril de 1693 (*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, t. XLVII, p. 1.<sup>a</sup>, pags. 19-24). Conforme Varnhagen (“Historia Geral do Brasil”, vol. II, pag. 786), foi Domingos Jorge Velho quem se apresentou em 1687 ao governador de Pernambuco, ao passo que o documento devido a Pereira da Costa assevera que o chefe paulista foi *chamado e requerido* pelo governador Souto-Maior.

Pelo convenio de 3 de março de 1687, as munições e mantimentos, concedidos pelo governo para a extincção da TROYA-Negra, deviam ser entregues a Domingos Jorge Velho na villa das Alagôas ou no rio de São-Francisco, provavelmente em Penedo, ponto mais vizinho dos Palmares, correndo por conta do caudilho paulista os transportes dalli em deante até ao término da expedição.

---

(228) Conforme A. Taunay (ob. e log. cit.), os irmãos de Domingos Jorge Velho foram os cinco seguintes: Antonio Cubas, Francisco Jorge Velho, Sebastião Rodrigues, Simão Jorge Velho e Agostinha Rodrigues.

Não nos permittimos phantasiar, — que isso não condiz com o alto escopo da historia, — quanto á róta seguida por Domingos Jorge para a invasão e conquista do Piauí. É de supôr, porque em toda parte assim aconteceu, que houvesse elle aproveitado os caminhos já traçados pelos indios para as suas intercommunicações e até para as suas marchas de guerra.

O que, entretanto, é fóra de duvida, é que a occupação do Piauí foi feita do interior para o mar, como o evidencia a sua fórma geographica, de extenso fundo e exigua orla oceânica, semelhando um sacco cheio e de bocca armada.

Ha um logarejo, cujo nome parece recordar o ponto em que o ousado bandeirante primeiro estacionou ao penetrar em terras do Piauí: — é a antiga freguezia do Paulista, sita perto da serra dos Dois-Irmãos e das nascentes do Canindé, na estrada que vai ter ao São-Francisco.

A data do descobrimento é attribuida por quasi todos os historiadores e chronistas ao anno de 1674. Recua-a para tres annos atrás d. fr. Domingos do Loreto Couto, que assim se exprimiu, em sua obra “Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco” (pag. 168), quasi repetindo o que escrevera Rocha Pitta (“Historia da America Portugueza”, pags. 193-194 da 2.<sup>a</sup> ed.): — “No anno de 1671 se descobrio (a) grandissima Provincia do Piauí, que está em altura de dez grãos ao Norte além do Rio de São Francisco, no Continente de Pernambuco, e não muy distante do Maranhão. Tomou o nome de hum Rio assim chamado. He regada dos Rios Canindé e Itaim, São Victor, Puti, Longazes e Piracuruca, que todos por diversas partes concorrem a enriquecer o Rio Parnahiba, que com elles opulento sae ao mar na costa do Maranhão. Hum dos primeiros que entrarão por aquellas dilatadas terras foy Domingos Afonço Certão, neste decobrimento se encontrou com Domingos Jorge, natural da cidade de S. Paulo, que desejando novas conquistas sahira da sua Patria com numeroso troço de Indios domesticos a descobrir terras ainda não penetradas, e atravessando varias Regioens entrou nesta, e com Domingos Afonço proseguio a empreza, cada hum por sua parte conquistarão todo aquelle Paiz, cuja circunferencia comprehende grande numero de leguas”.

Agora, vamos entrar no mais curioso e controverso de quanto concerne á conquista do nordéste.

Coriolano de Medeiros (um dos nossos compatricios que mais se dedicam a estudos de historia), não só no prefacio do livro "Através do sertão", de Celso Mariz, como tambem no seu trabalho intitulado "Entradas" e inserto na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Parahybano* (vol. II, pags. 9-32), negou a estada de Domingos Jorge Velho "no Piancó ou em outra qualquer parte do sertão parahybano".

Irineu Ferreira Pinto (outro notavel investigador dos nossos fastos, infelizmente já arrebatado pela morte á heuristica nacional), em suas "Datas e notas para a historia da Parahyba" (t. I, pag. 84), tratando da data de 1690, affirma: "Neste anno já havia fazenda de gado no Piancó". E, pouco adiante, referindo-se a julho de 1691, assim se exprime: — "De ordem do governador-geral, o capitão-mór auxilia ao capitão Domingos Jorge Velho com munições, para debellar os negros dos Palmares".

O mais antigo tratadista que se refere a este facto é Rocha Pitta, o qual, em sua "Historia da America Portugueza" (pag. 238 da 2.<sup>a</sup> ed.), logo após haver citado o nome de Domingos Jorge, assim affirma: — "Do Pinhancó, onde tinha a sua estancia, caminhou com toda a sua gente de guerra que seriam mil homens..."

Commentando esse trecho, eis os importantes adminiculos que lhe junta Irineu Joffily, em suas preciosas "Notas para a historia da Parahyba" (pags. 35-36): "O anno não vem indicado; mas, segundo Varnhagen, os mais *sanguinolentos* combates dessa guerra tiveram logar em 1695; portanto, deve-se dar como provado que Domingos Jorge já estivesse occupando o Piancó desde antes de 1690; porque estava estabelecido com estancia ou fazenda de criação, podendo reunir um corpo de mil homens, o que é admiravel. Além disto, em 1674, Domingos Jorge e Domingos Affonso Mafrense já tinham descoberto e invadido o Piauhy, transpondo a serra dos Dois-Irmãos. Mafrense lá ficou fundando fazendas, que possuiu até fallecer; Domingos Jorge, porém, não se demorou. Não teria elle, de

volta ás margens do S. Francisco, tomado depois a direcção da Parahyba, descobrindo a ribeira do Piancó? Que o dominio dos paulistas foi duradouro, não sómente em Piancó, como tambem em grande parte da ribeira de Piranhas, prova-o uma carta-régia datada de 15 de dezembro de 1700, ordenando ao ouvidor da Parahyba que mandasse pôr em liberdade na sua aldeia os tapuyas payacús, que foram capturados pelo mestre de campo dos paulistas, Manuel Alvares de Moraes Navarro, residente a esse tempo no Assú, providencia que foi extendida aos payacús e icós, do Ceará. São provas indirectas: as datas de sesmarias de terras que obtiveram a Casa da Torre, da Bahia, e Christovam da Rocha Pitta, da familia do historiador. E essas fazendas, que a opulenta Casa da Torre fundava na Parahyba, não eram mais do que a continuação do seu extenso dominio, como se vê do seguinte trecho de uma carta do governador de Pernambuco, escripta em 1700 ao rei de Portugal: *A Casa da Torre, os herdeiros de Antonio Guedes de Brito e Domingos Affonso Sertão, moradores na jurisdicção da Bahia, eram senhores de quasi todo o sertão de Pernambuco*".

João Brigido, em seu "Resumo chronologico para a historia do Ceará" (pag. 31), tambem assevera: — "A tradição colloca entre 1673 e 1678 o começo do povoamento das regiões do Araripe pela familia Mendes Lobato Lyra, já tendo sido o paiz anteriormente explorado por bandeirantes da casa chamada da Torre, da Bahia, que possuia muitas terras no rio S. Francisco, onde criava gados". E logo adeante (á pag. 33) con-signa que em 1688 foi concedida "ao coronel Francisco Dias Avila (*sic*, por "d'Avila") e mais quatro socios uma sesmaria de 10 leguas de comprimento no rio Jaguaribe".

Maximiano Lopes Machado, em sua excellente "Historia da Provincia da Parahyba" (pags. 334-335), que infelizmente ficou inconcluída, depois de affirmar mais adeante que "a Casa da Torre fundara tambem algumas fazendas de criar no Piancó, nas terras apossadas pelo vaqueiro João Medrado", e tendo pouco antes feito referencia ao coronel Francisco Dias d'Avila, assim opinou: — "Partira em 1671 Domingos Affonso Sertão ou Mafrense, joven portuguez de grande energia,

coadjuvado pelo coronel, do logar denominado Sobrado, á margem daquelle rio (o *São-Francisco*), a explorar novas terras. Tomando o rumo do norte, transpoz a serra Dois-Irmãos e foi ter ás planícies do Piauí, luctando com os indios e sendo ferido em um dos mais assignalados combates. Apossou-se alli de muitas terras, onde viveu e fundou as trinta e nove fazendas de gado, legadas aos jesuitas, as quaes, pela suppressão destes, passaram ao dominio do Estado. Na sua passagem por aquella serra, encontrou-se com o bandeirante paulista Domingos Jorge, e, de accôrdo, tomaram rumos differentes, seguindo aquella ao alto Piauí, retrocedendo este pelo Salgado ao Icó e dahi pela Formiga ao Piancó, onde o encontramos em 1696 com fazenda de gados, já elevado a mestre de campo, no govêrno de d. João de Lencastre, e em marcha com mil homens á conquista dos Palmares”.

Não ousamos, como fez o padre Heliodoro Pires a pags. 20-21 do seu “Padre-mestre Ignacio Rolim”, dar o bandeirante paulista como amigo da familia Oliveira Léo, nem precisar a data da fundação do Piancó.

Limitamo-nos a julgar incontestaveis certos factos, que ou se apoiam em documentos authenticos ou se escudam nas asserções de chronistas prohibidosos.

Assim, parece-nos fóra de qualquer duvida que o capitalista da grandiosa empreza de conquista do nordêste foi o coronel Francisco Dias d’Avila, senhor do maior latifundio que já existiu em terras do Brasil; que Domingos Affonso, agnominado o “Sertão” ou o “Mafrense”, rendeiro da Casa da Torre (229), foi um dos principaes conquistadores do Piauí, onde

(229) Podemos affirmar que Domingos Affonso Mafrense era «rendeiro da Casa da Torre», porque a isso nos autorizam Capistrano de Abreu e J. M. Pereira d’Alencastre. Este (log. cit., pag. 14) assim se exprime: — «Domingos Affonso Mafrense, homem de coragem e de largas empresas, e seu irmão Julião Affonso Serra, fazendeiros do Rio de S. Francisco e *rendeiros de Francisco Dias d’Avila*, dispondo-se a não soffrer por mais tempo os barbaros vizinhos, armaram uma grande bandeira, ajudados por Francisco Dias e seu irmão Bernardo Pereira Gago, e com ella entraram por terras de Pernambuco em perseguição e con-

contou com o valioso auxilio de Domingos Jorge Velho; que Bernardo Pereira Gago, irmão do coronel Francisco Dias d'Avila, e Julião Affonso Serra, irmão de Domingos Affonso, tomaram parte nessas expedições; e, finalmente, que Domingos Jorge Velho, depois de ter desempenhado papel conspicuo na occupação do Piauhy, ainda exerceu a sua portentosa actividade em outros pontos do nordéste, acabando a existencia logo após a destruição dos quilombos dos Palmares.

Creemos que um documento, por nós descoberto no Archivo Nacional, traz bastante luz á demonstração de que Domingos Jorge Velho tambem concorreu para a conquista e povoamento da ourela occidental da Parahyba.

Não pretendemos tirar delle conclusões audaciosas, esperando que outras pesquisas de mais fructo ainda permittam dilucidar opportunamente esta importante questão.

A mencionada peça historica havia escapado a outros investigadores, certamente porque estes, em geral, não ligam a

quista dos indios, que, batidos em varios encontros, se foram internando pelos altos sertões, deixando muitas presas feitas e esperanças para novas conquistas». E o erudito autor dos «Capitulos de historia colonial» (pag. 126), depois de haver-se referido á Casa da Torre e ao systema desta de aforar sitios do seu latifundio, assevera o seguinte: — «Um de taes *rendeiros*, Domingos Affonso, por alcunha o Sertão, partindo de um dos muitos Sobrados existentes no São Francisco, aos quaes se dá este nome por causa de vagamente semellarem um edificio, fundou numerosas e importantes fazendas nos rios Piauhy e Canindé, legadas por sua morte á Companhia de Jesus, a quem a corôa as confiscou em proveito proprio, por occasião de supprimir a Ordem». Permitta-nos o eminente mestre e prezado amigo juntemos um pequeno esclarecimento á sua interpretação da palavra «Sobrado». Rocha Pitta («Historia da America Portugueza», pag. 194 da 2.<sup>a</sup> ed.). tratando de Domingos Affonso Sertão, affirma isto: — «Possuia já uma fazenda de gados chamada o Sobrado, da outra parte do rio de S. Francisco, districto de Pernambuco, na entrada da travessia que vai para o Piauhy...» Ora esse facto foi confirmado pelo proprio Domingos Affonso, em seu testamento («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», t. XX, pag. 147). onde diz: — «Declaro que tenho duas fazendas de gado, sitas aonde chamam os Alagadiços, e outras duas aonde chamam o *Sobrado*, na beira do rio de S. Francisco, nas terras de Garcia d'Avila Pereira, todas fabricadas com escravos e cavallos, o que tudo constará dos escriptos de entrega, passados pelos curraleiros».

devida consideração ás patentes e provisões relativas a postos militares e a cargos administrativos ou serventias judiciaes, buscando de preferencia as cartas-régias, as leis, os decretos.

O original donde o extrahimos (tomo XV da collecção "Governadores do Rio de Janeiro", fls. 173) apresentava lacunas deploraveis. Mas, graças a Capistrano de Abreu, que, attribuindo grande valor á referida peça historica, obteve do sr. J. Lucio de Azevedo uma cópia do original existente no registo da Torre do Tombo, acha-se o precioso documento agora completo e capaz de proporcionar aos cultores do passado a mais proveitosa lição.

Esse documento que tivemos a felicidade de encontrar (e que já foi por nós estampado na *Revista do Brasil*, n. 15) é uma patente pela qual d. Catharina, viuva de Carlos II da Inglaterra e regente de Portugal no impedimento de seu irmão d. Pedro II, concedeu a Manuel Gonçalves Ferreira, em 28 de março de 1705, o posto de capitão da capitania de Nossa-Senhora-da-Conceição de Itanhaem.

Eil-o:

— "D. Catherina por graça de D<sup>a</sup> Raynha de Inglaterra Escocia França e Irlanda Infanta de Portugal como Regente destes Reynos no impedim<sup>to</sup>. de meu Irmão Sr. Rey D. P<sup>o</sup>. por graça de D<sup>a</sup>. Rey de Portugal e dos Al<sup>es</sup>. daquem e dalem mar em Africa Sr. de Guiné, e da conq<sup>ta</sup>. navegação e comercio de Ethiopia Arabia Percia e da India &<sup>a</sup>. Faço saber aos que esta minha carta patente virem que por o Conde da Ilha do Principe como Donatario da Capitania de N. S<sup>a</sup>. da Conceição de Tinhaem me haver proposto para Cap<sup>m</sup>. dela tres sogeitos tendo eu consideração aos serviços de M<sup>el</sup> Gonçalves Ferreira obrados *por tres annos e meyo acompanhando ao M<sup>o</sup>. de campo D<sup>os</sup> Jorge Velho quando veyo das Piranhas a fazer guerra ao gentio barbaro* pelas grandes hostilidades que fazião aos moradores em q' se derrotarão as nações dos hycos (*icós*) e sacurus (*sucurús*) e outras mais occupando o posto de ajudante do Cap<sup>m</sup>. M<sup>el</sup>. Alv<sup>s</sup>. Carneiro sem dispendio algum de minha fazenda penetrando aquelles sertões nas ocaziões que se lhe ordenarão, paçando ao Maranhão em comp<sup>a</sup>. de huma escolta



de soldados e indios que vierão ao descobrim<sup>to</sup>. do caminho do Brazil, ser provido pelo Govern<sup>r</sup> do d<sup>o</sup>. Estado do Maranhão no posto de Cap<sup>m</sup>. da tropa que tornou a mandar ao mesmo descobrim<sup>to</sup>. no anno de 684, em que se gastarão quatro mezes padecendo as inclemencias do tempo com grande risco de vida fazendo grande falta as (ás) suas fazendas, em 695 tornar por ordem do Govern<sup>r</sup>. G<sup>al</sup>. D. João de Lancastro ao mesmo effeito para explorar outro caminho mais breve, o que fez abrindo outro caminho e rompendo matos fazendo asento de toda a jornada, e o roteiro necessario, gastando nella quinze mezes por ser mais de 300 legoas com g<sup>de</sup>. risco em rezão dos Rios que se paçavão e gentio barbaro que habitava aquelles certões, e por esperar delle que da mesma maneira se hauerá daqui em diante em tudo o de que for encarregado de meu seruiço conforme a confiança que faço da sua peçoa. Hey por bem e me praz de o nomear e prover (como pela prez<sup>te</sup> o provo e nomeyo) por Cap<sup>m</sup>. da dita Capitania de N. S<sup>a</sup>. da Conceição de Tinhaem para que sirva o dito cargo por tempo de tres annos, assim e da mesma maneira que o fizerão seus antecessores, com o que hauerá o ordenado que lhe tocar e gozará de todas as honras privilegios liberdades izenções e franquezas que em rezão do dito posto lhe pertencerem. Pelo que mando ao meu Govern<sup>r</sup>. e Cap<sup>m</sup>. G<sup>al</sup>. do Estado do Brazil lhe faça dar poçe do dito posto, e lho deiche servir e exercitar pelo dito tempo de tres annos na forma das doações do dito Donatario, e o dito M<sup>el</sup>. Glz Ferreira jurará na minha Chancelaria na forma costumada de que se fará asento nas costas desta carta patente, q' por firmeza de tudo lhe mandei paçar por mim assignada e selada com o selo gr<sup>de</sup>. de minhas Armas, e pagou de novo direito vinte mil reis que se carregarão ao Thez<sup>o</sup>. Fran<sup>co</sup>. Sarm<sup>to</sup>. Pita a f. 28. cujo conheçim<sup>to</sup>. em forma se registou no registo g<sup>al</sup>. a f. 225, e antes que o dito M<sup>el</sup> Gonçalves Ferreira entre na dita Capitania me fará por ella preito e ome-nagem nas mãos do dito meu Govern<sup>r</sup>. G<sup>al</sup>. do Estado do Brazil segundo uzo e costume destes Reynos de que apresentará certidão do Secretario daquelle Estado. Dada na Cid<sup>e</sup>. de Lix<sup>a</sup>. aos 28 dias do mez de Março. Manuel Gomes da Silva a fez.

Anno do nascimento de Nosso Sr. Jezus Christo de 1705. O Secretro. Andre Lopes de Laure a fez escreuer. — *Raynha.* — Cumpraçe como SMag<sup>de</sup>. q' D<sup>a</sup>. Guarde manda, e registeçe nos 1<sup>oa</sup> (*livros*) a que tocar. Rio 7 de Janeiro de 1706. — *D. Fer<sup>do</sup>. Miz' M<sup>as</sup>. de Lancastro*".

Desta importante peça historica deduz-se que o mestre-de-campo Domingos Jorge Velho, — de quem o sobredito Manuel Gonçalves Ferreira foi auxiliar em tal expedição, — tendo estado primeiramente no rio das Piranhas, andou pelo menos durante tres annos e meio, e isto presumivelmente antes de 1684, fazendo guerra ao gentio barbaro que hostilizava os moradores do sertão occidental da Parahyba e do Rio-Grande-do-Norte. Com effeito, o rio das Piranhas, que nasce a sudoeste da serra do Bongá, na curva occidental da Parahyba, percorre 200 kms. de territorio parahybano, antes de entrar no Rio-Grande-do-Norte, onde logo recebe o Seridó e perde o nome primitivo, tomando o de Açú. Assim, a expressão "quando veyo das Piranhas" demonstra que Domingos Jorge Velho já antes de 1684 estanciava na região do extremo oeste da Parahyba. E, como o Piancó é um affluente do rio das Piranhas, parece ficar bem patente a possibilidade de haver o bandeirante paulista occupado aquelle ponto, do qual mais tarde pode elle partir com 1.300 arcos para a empresa dos Palmares.

Outro argumento, que vem corroborar tal presumpção, é o que nos fornecem as denominações dos selvicolas, a que Domingos Jorge Velho fez então montaria, conforme o documento acima reproduzido. Segundo o "Diccionario chorographico do Estado da Parahyba" (pags. 39 e 104), de Coriolano de Medeiros, tanto os *icós* quanto os *sucurús* habitavam territorio parahybano e precisamente na ourela occidental deste, porquanto aquelles "selvagens da nação cariri occupavam o rio do Peixe e adjacencias dos limites das capitancias de Parahyba e Ceará", e os *sucurús* eram "uma grande familia indigena que habitava o planalto da Borborema, na zona occupada hoje pelos municipios de Alagoa do Monteiro, parte dos de São João do Cariry e Teixeira e parte do sertão de Pernambuco". Em suas "Notas para a historia da Parahyba", Irineu Joffily assim se

refere áquelles selvicolas (pags. 26 e 31): — “Os icós, do Ceará, extendiam o seu dominio a uma parte da capitania da Parahyba, o rio do Peixe; e talvez Piancó fosse o nome da sub-tribu, habitante da ribeira assim denominada, que em alguns documentos é chamada tambem: Curema”. E quanto aos *sucurús*: “Os sucurús occupavam o sul da capitania, concentravam-se nesse triangulo formado pelas serras Jacarará e Jabitacá até ao rio de seu nome, territorio hoje da comarca de Alagoa do Monteiro e vizinhas, e dahi fez o governo remover a tribu, ou grande parte della, para o norte da capitania, na fronteira do Rio Grande, afim de oppol-a aos indomaveis janduids, que estavam devastando os estabelecimentos de agricultura e criação, que deviam existir ao norte da Cupaóba até á actual serra do Cuieté. O acampamento ou aldeia dos sucurús foi entre o rio Curimataú e o Aracagy”. Note-se que *Sucurú* é a denominação de um dos primeiros afluentes do Parahyba-do-Norte, nas adjacencias de Alagôa-do-Monteiro, o que talvez provenha de ter sido esse o primitivo *habitat* da tribu.

Tudo, pois, parece confirmar a seguinte hypothese:

— Domingos Jorge Velho, á frente do seu bando de mane-lucos paulistas, tomou parte, entre 1671 e 1674, na conquista do Piauhy, onde foi o mais poderoso auxiliar de Domingos Affonso Sertão (230); nas proximidades do anno de 1680, o intrepido e incansavel sertanista estava na região do rio das Pi-

---

(230) Aproveitamos a oportunidade para consignar aqui algumas informações constantes do testamento de Domingos Affonso, cuja publicação se deve a J. M. Pereira d'Alencastre (log. cit., pags. 140-150). Tem elle a data de 12 de maio de 1711, e cerca de tres mezes depois já era fallecido o celebre sertanista, porquanto traz a data de 20 de agosto daquelle anno o acto do reitor da Companhia de Jesús da cidade da Bahia, que era então o padre João Antonio Andreoni (isto é. o mesmo que com o pseudonymo de *André João Antonil* escreveu o magnifico trabalho «Cultura e opulencia do Brasil», publicado pela primeira vez em Lisboa no anno de 1711), nomeando administrador dos bens deixados pelo conquistador do Piauhy ao padre Manuel da Costa. Eis o trecho capital do referido testamento: — «Declaro que sou natural de S. Domingos da Tanga da Fé, termo de Torres-Vedras, do arcebispado

ranhas, donde partiu a exterminar os indios bravios da zona occidental e meridional da Parahyba; e, como o centro desse sector fosse o Piancó, tudo leva a crer que houvesse elle formado estancia ahi, de modo que, tendo ajustado com o governo, em 1687, a destruição dos quilombos dos Palmares, pôde dalli partir poucos annos depois com um exercito passante de 1.000 homens, afim de debellar a famosa Troya-Negra. Finalmente, pelo documento devido ás pesquisas de Pereira da Costa, fica-se sabendo que Domingos Jorge Velho casou com d. Jeronyma Cardim Fróes e que já era fallecido em 1704 (231).

---

de Lisboa, filho legitimo de Julião Affonso e de sua mulher Jeronyma Francisca, já defuntos; e nunca fui casado, nem tenho quein hajam (*sic*) de ser meus herdeiros; e, portanto, instituo a minha alma unica herdeira no remanescente dos meus bens, satisfeitos os meus legados e mais disposições conteúdas e declaradas neste meu testamento, e assim antes desta verba, como depois della. Declaro que sou senhor e possuidor da metade das terras, que pedi no Piahy com o coronel Francisco Dias d'Avila e seus irmãos as quaes terras descobri e povoei com grande risco de minha pessoa e consideravel despesa com adjutorio de socios, e sem elles defendi tambem muitos pleitos, que se me moveram sobre as ditas terras ou parte dellas; e, havendo duvidas entre mim e Leonor Pereira Marinho, viuva do dito coronel, sobre a divisão das ditas terras, fizemos uma escriptura de transacção no cartorio de Henrique Vellensuella (*sic*, mas parece que deve ser *Valenzuela*) da Silva, na qual declarámos os sitios com que cada um haviamos de ficar, assim dos que tinhamos occupados com gados, como arrendados a varias pessoas, accordando e asentando juntamente a fórmula com que haviamos de ir occupando as mais terras por nós ou pelos rendeiros, que mettessemos, como mais largamente se verá da dita escriptura. Das declarações de ultima vontade de Domingos Affonso Sertão, consta que d. Leonor Pereira Marinho, viuva do coronel Francisco Dias d'Avila, lhe estava a dever 5:000\$000; e, pela enumeração dos seus bens, verifica-se que a fortuna obtida pelo intrepido aventureiro chegou a ser uma das maiores do Brasil, naquelle tempo. Assim, o simples rendeiro da Casa da Torre emulou talvez com o dono desta, quanto á opulencia material.

(231) Ainda a J. M. Pereira d'Alencastre (*log. cit.*, pag. 156) devemos tudo quanto até hoje se sabe quanto á legalização de posse das terras do Piahy, logo depois que foram ellas conquistadas aos indios. Dos livros de Provisões e Patentes (IV, fls. 338, V, fls. 171 e segs., e VI, fls. 118-155) extrahiu elle os seguintes resumos, que têm consideravel importancia para a dilucidção que ora nos preoccupa: — «As pri-

Eis as conclusões que nos é licito tirar dos tratadistas e dos documentos:

I — A conquista do nordeste, em sua maior parte, foi um episodio não devido á caça do ouro ou de pedras preciosas ou á caça do escravo indigena, e, sim, á formação de estancias de gado, isto é, á “zona de criação”.

II — A conquista do nordeste, por isso mesmo que não foi uma consequencia de entradas ou bandeiras de intuitos mineiras ou escravistas, realizou-se em sua maior parte não do mar para o interior, e, sim, do *hinterland* para a ourela atlantica.

meiras sesmarias do Piahy foram concedidas. em 12 de Outubro de 1676, por d. Pedro de Almeida, governador de Pernambuco, ao capitão-mór Francisco Dias d'Avila, seu irmão Bernardo Pereira Gago, o capitão Domingos Affonso Sertão e seu irmão Julião Affonso Serra, que requereram 10 leguas em quadro para cada um na margem do Hergueia (Gurugueia). Em 30 de Janeiro de 1681, o governador Ayres de Sousa de Castro concedeu mais, a cada um dos quatro socios e ao alferes Francisco de Sousa Fagundes, 10 leguas de terras na margem do Parnahyba. Com data de 7 de Outubro de 1681, foram concedidas terras de sesmarias a José Simões, Francisco de Oliveira Pereira, Catharina Fogça, Pedro Vieira de Lima, Manuel Ferreira e João Ferreira de Lima, todos moradores da Bahia, que pediram todo o territorio entre o rio Itapicurú e Gurugueia, ou entre as aldéias dos Aitatús e Aboipiras, cujo territorio não póde ser hoje sinão o de Pastos-Bons e parte do Parnaguá. Na mesma data, as terras do Parnaguá, entre as cabeceiras do Parahim até á barra deste rio no Gurugueia, foram partidas em porções eguaes entre Manuel de Oliveira Porto, Francisco de Oliveira, coronel Francisco Dias d'Avila, arcediogo Domingos Vieira de Lima, João de Sousa Frago e Christovam da Costa Ferreira, todos fazendeiros do rio de S. Francisco. Era tão desmesurada a ambição de possuir vastos dominios territoriaes, que até chegaram a pedir despropositos. Lê-se no livro 6.º, a fls. 156 do registo de Provisões e Patentes, que d. João de Sousa concedeu, em data de 13 de Outubro de 1684, mais 10 leguas de terras nas margens do Gurugueia e Parahim, com reserva de terras, catingas, e terras inuteis, a Domingos Affonso, Garcia de Avella (*sic*), de certo por *d'Avila*), Francisco de Avella (*idem*), Bernardo Pereira e Julião Affonso, e outras tantas leguas em quadro aos mesmos socios nas margens do rio Tranqueira: e, em 29 de Dezembro de 1686, mais 12 leguas em quadro aos mesmos socios na margem do Parnahyba, começando da aldéia dos Aranhuns até á ultima aldéia ou tapéra do gentio Muipurá, e,

III — Os heróes da conquista do nordeste foram o coronel Francisco Dias d'Avila, Domingos Affonso Sertão e Domingos Jorge Velho, distinguindo-se o primeiro pelo alargamento que deu aos seus dominios da Casa da Torre, distinguindo-se o segundo pelo estabelecimento de grande numero de fazendas de gado no Piauhy, e distinguindo-se o terceiro pela extensão que teve a sua actividade, no tempo e no espaço, sobrelevando aos seus companheiros pelo duplo auxilio que deu á metropole no expurgo de selvicolas e na destruição dos Palmares.

---

pela parte do Sul, até á serra do Araripe». Este Garcia de Avella, isto é, Garcia d'Avila, a que se refere a provisão de 13 de outubro de 1684, era Garcia d'Avila Pereira, filho do coronel Francisco Dias d'Avila; e, quanto a figurarem alguns individuos da familia Vieira de Lima na provisão de 7 de outubro de 1681, não deve causar admiração, porque a dita familia teve ingresso, pelo casamento, na Casa da Torre, desde que João Vieira de Lima desposou Clemencia Dias, filha do coronel Francisco Dias d'Avila. No testamento de Domingos Affonso, fala este nas terras que pediu no Piauhy «com o coronel Francisco Dias d'Avila e seus irmãos». Este plural justifica-se em face das provisões de 12 de outubro de 1676 e 7 de outubro de 1681, acima citadas, porque da primeira consta o nome de Bernardo Pereira Gago e da segunda o nome de Catharina Fogaça, aquelle irmão e esta irmã e sogra do coronel Francisco Dias d'Avila.

GARCIA RODRIGUES PAES E O "CAMINHO NOVO" (232)

Do avultado numero de peças historicas, respeitantes á expansão bandeiristica, por mim colligidas nesta capital, extensamente annotadas em sua maior parte e já entregues officialmente ao governo paulista, a quem devo a honra de similhante encargo, — pouco é o que se tem dado á estampa.

Apenas saíram integralmente a lume, no tomo XVIII da *Revista do Instituto Historico e Geographico de São-Paulo* (1913-1914), de pags. 271 a 544, os documentos concernentes ao periodo de 1664 a 1700, acompanhados de longas observações de minha lavra.

Não sei quando, nem como, virão a publico os papeis vetustos que se me depararam sobre o mesmo assumpto, referentes ao periodo de 1701 a 1705, e que tambem me exigiram amplos commentos (233).

Ora, como nessa collectanea tomei na merecida consideração tudo quanto o meu illustre coestaduario, sr. dr. Diogo de Vasconcellos, traçara pelo *Minas-Geraes*, em 1914, a pro-

(232) Este escripto appareceu primeiro, em parte, no «Diario de Minas» de Bello-Horizonte, em resposta a um artigo do dr. Diogo de Vasconcellos, dado a lume pelo «Minas-Geraes» de 1914; e, integralmente, saiu na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», tomo 84, pags. 9-40.

(233) Foram publicados de 1929 a 1932 e constituem os vols. XLVII a LIV dos «Documentos interessantes para a historia e costumes de São-Paulo».

posito de conferencias por mim realizadas no Instituto Historico desta Capital, naquelle mesmo anno, sobre o devassamento do interior pelos paulistas, e nas quaes acceitei algumas e impugnei muitas das asserções do operoso historiographo patrio, — julguei do meu dever pedir á imprensa de Bello-Horizonte acolhida para o meu revide, que tanto se destinava ao esforçado autor da *Historia antiga das Minas-Geraes*, como aos demais cultores das nossas venerandas tradições.

Assim, estas linhas, — simples capitulo de um extenso conjunto de notas, — appareceram nas columnas do *Diario de Minas*, numeros de 27 e 29 de fevereiro, 1, 2, 3 e 4 de março de 1916.

Depois disso, novos elementos probantes vieram corroborar as minhas affirmativas.

Como sei que o deslindamento destas questões interessa a quantos mourejam no arduo campo da heuristica nacional, — resolvi offerecer estes ligeiros subsidios para a historia do “bandeirismo” paulista ás paginas da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, fazendo-os agora acompanhar, não só do texto das peças documentaes que o apoiam, como ainda de um curto appenso, que põe termo á parte do debate relativa ás personalidades distinctas de Garcia Rodrigues Paes e Garcia Rodrigues Velho.

Corre-me a obrigação de confessar, como aliás sempre o fiz, que as divergencias no terreno da historia em nada alteraram o grande e sincero acatamento, que continúa a merecer-me o sr. dr. Diogo de Vasconcellos, cujas colendas cãs e assignalados serviços á nossa extremecida e gloriosa Minas se impõem ao meu muito respeito e á minha inequivoca sympathia.



Pondo á margem os documentos concernentes ao periodo de 1664 a 1700, limitar-me-ei a apreciar os comprehendidos entre 1701 e 1705 e que são os seguintes, os quaes, fielmente



copiados no Archivo Nacional, podem ser examinados na integra, ao fim deste trabalho:

I — Carta-régia de 15 de novembro de 1701, dirigida por d. Pedro II a Arthur de Sá e Menezes, ordenando-lhe dêsse conta do estado em que se achava o caminho novo, acompanhada da resposta de d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, datada de 7 de setembro de 1702 (*Governadores do Rio de Janeiro*, 1.º XII, fls. 51).

II — Provisão-régia de 19 de abril de 1702, fazendo a Garcia Rodrigues Paes mercê do cargo de guarda-mór das Minas de São-Paulo, pelo tempo de tres annos e o mais, emquanto se lhe não dêsse successor (id., 1.º XV, fls. 50 v.º).

III — Carta-régia de 1.º de maio de 1702, dirigida por d. Pedro II ao governador da capitania do Rio-de-Janeiro, autorizando-o a nomear o substituto do guarda-mór das Minas de São-Paulo, Garcia Rodrigues Paes, no caso do fallecimento ou impedimento deste (*avulso*).

IV — Resposta de d. Alvaro da Silveira de Albuquerque dada em 23 de julho de 1702, á carta supra (*Governadores do Rio de Janeiro*, 1.º XII, fls. 9 v.º).

V — Carta-régia de 2 de maio de 1703, dirigida por d. Pedro II a Garcia Rodrigues Paes, dando-lhe permissão para nomear guardas substitutos nas Minas (id., 1.º XV, fls. 165 v.º).

VI — Informação que Garcia Rodrigues Paes, a 8 de julho de 1703, prestou, sobre o estado do caminho novo, a Alvaro da Silveira de Albuquerque; e carta com que este, a 14 do mesmo mez e anno, a encaminhou ao rei (id., 1.º XIII, fls. 124).

VII — Carta-régia de 13 de março de 1704, dirigida a d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, negando ajuda pecuniaria a Garcia Rodrigues Paes, para rematar o caminho novo, mas permittindo que se lhe dessem para aquelle fim alguns indios, pagos por elle (*avulso*).

VIII — Carta de d. Alvaro da Silveira de Albuquerque ao rei, a 24 de maio de 1704, dando-lhe conta do descobrimento de um caminho para as Minas (*Governadores do Rio de Janeiro*, 1.º XIII-A, fls. 333).

IX — Carta-régia de 23 de setembro de 1704, mandando que o governador da capitania do Rio-de-Janeiro desse informações sobre o requerimento em que Amador Bueno da Veiga se propunha a abrir novo caminho entre o Rio-de-Janeiro e as Minas, melhor do que o já feito por Garcia Rodrigues Paes, — acompanhada de cópia do referido requerimento (*avulso*).

X — Carta dirigida ao rei, em 15 de março de 1705, por d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, na qual, além de outros assumptos, trata do estado do caminho novo aberto por Garcia Rodrigues Paes (*Governadores do Rio de Janeiro*, 1.º XIII-A, fls. 450).

XI — Provisão do cargo de escrivão geral das Minas, dada por Garcia Rodrigues Paes, em 18 de agosto de 1705, ao capitão Philippe de Barros Pereira (*id.*, 1.º XIV-A, fls. 464 v.º).

XII — Provisão-régia sobre agradecimento ao sargento-mór Bernardo Soares de Proença, por haver este acabado o caminho novo, — de 6 de julho de 1725 (*avulso*).

\*

\*   \*

Os docs. sob n. I mostram que Arthur de Sá e Menezes, — tendo-se dirigido ás Minas, da primeira vez, pelo caminho velho, porquanto o novo não era trafegavel por animaes, e o governador, de certo, não iria *calcante pede*, — a 15 de junho de 1701, escreveu ao rei, dando conta do estado em que se achava a estrada que Garcia Rodrigues Paes se propuzera a abrir entre o Rio-de-Janeiro e o *hinterland* aurifero. Mandou-lhe o monarcha, por carta de 15 de novembro do mesmo anno, participasse para a metropole tudo quanto dissesse respeito ao dito caminho, reputado *mui utilissimo*. E. d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, que foi quem attendeu a essa ordem, informava, a 7 de setembro de 1702, que a referida via de communicações só admittia gente a pé, que já estava abastecida de roças a passagem do Parahyba (onde é hoje a cidade fluminense de tal nome), e, finalmente, que Garcia Rodrigues Paes estava de mudança para a cidade do Rio-de-Janeiro, afim

de continuar mais facilmente a sua diligencia, pois que “o atalho não estaua ainda feito, mas que acabado que fosse sem duvida alguã he o mais perto caminho que pode hauer...”.

O doc. II é a provisão-régia pela qual foi o filho do “caçador das esmeraldas” nomeado guarda-mór das minas de São-Paulo por tempo de tres annos e o mais, enquanto se lhe não dêsse successor, com 2.000 cruzados annuaes. Dizia o rei, no mencionado titulo, que Garcia Rodrigues Paes estava “pondo todo o cuidado em se abrir o caminho para as ditas minas, tendo perdido por este respeito grandes conveniencias...”

Os docs. III e IV são de menor importancia, estabelecendo apenas a fórmula de substituição de Garcia Rodrigues Paes como guarda-mór das minas, na hypothese de fallecimento ou impedimento.

O V é uma carta-régia de 2 de maio de 1703, dirigida a Garcia Rodrigues Paes, na qual é este autorizado a nomear guardas-móres seus substitutos. Pelo doc. XI, vê-se que o filho de Fernão Dias usou da faculdade que lhe fôra outorgada pelo monarcha. Nem podia deixar de ser assim, desde que andava elle todo entregue á feitura do “caminho novo”, e, portanto, quasi sempre longe dos corregos e *placers* auríferos.

A 14 de julho de 1703, enviava d. Alvaro da Silveira de Albuquerque ao soberano as informações que lhe prestara por escripto, a 8 do mesmo mez e anno (doc. VI), Garcia Rodrigues Paes. Dizia este que, por lhe haverem fugido quasi todos os seus escravos e por sua limitação (de fortuna, subentendese), ainda não tinha acabado o caminho “q’ tem principiado p.<sup>a</sup> os campos geraes, e minas de ouro de Sabara bussú”; que em Parahyba, “que he o meyo da jornada”, puzera gente sua effectiva, com muitos mantimentos e criação; e, finalmente, que estava sustentando a dinheiro mais de cem pessoas, para poder levar por deante a diligencia de que se encarregara. Confirmando taes informações, accrescentava o governador: — “*Eu par m<sup>te</sup> (particularmente) acho he que Garcia Roiz se acha com m<sup>to</sup> poucos cabedaes e Escravos para poder acabar o caminho, e se entende q’ se não entrar ajuda de V. Mag.<sup>o</sup> que se não poderá conseguir couza tão util, e necess<sup>a</sup>.*”

Parece que, em outra carta ao monarcha, ainda o governador abundou em eguaes considerações, precisando melhor o auxilio de dinheiro e de gente que devera ser prestado pela Fazenda Real ao abridor do "caminho novo", — porque a carta-régia de 13 de março de 1704 (doc. VII), dirigida a d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, a este ordenava dêsse a Garcia Rodrigues Paes *alguns Indios, pagos por elle*. Mas, quanto á contribuição pecuniaria, recusava-lh'a o rei, não só allegando que já havia concedido ao paulista um habito, fôro de fidalgo e a donataria de uma villa que fizesse, como tambem ponderando que, si lhe fosse dada ajuda de custo em moéda, nunca teria fim o empreendimento, "*porq' se aproueitaria della, sem por (pôr) em execução o ultimo complemento desta obra*".

Pela carta do sobredito representante da metropole, endereçada ao rei em 24 de maio de 1704 (doc VIII), vê-se que houve tentativa de franquear-se para as Minas outra via de communicacão, com ponto de partida na cidade do Rio-de-Janeiro e diversa da então entregue ao zêlo de Garcia Rodrigues Paes. Soubera o governador que um certo indio viera, em poucos dias, da Ressaca-de-Amador-Bueno á villa de Santo-Antonio-de-Sá. Encarregando a Felix Madeira e seu filho Felix de Gusmão, assim como a Antonio Machado (que descera os indios *maripaquêres*, já então aldeados, e alguns dos quaes tinham sido aprezados por pessoas da familia Borba Gato), de averiguarem o que havia de certo naquella noticia, fizeram elles a entrada, declarando que, pela nova trilha descoberta, tinham vindo em onze dias dos campos geraes e Ressaca-de-Amador-Bueno ao povoado. Ia d. Alvaro da Silveira proceder a outras averiguações, participando desde logo ao soberano que Felix de Gusmão se offerencia para abrir á propria custa a nova estrada.

Nisto, qual se vê dos docs. IX (carta-régia de 23 de setembro de 1704, acompanhada da petição de Amador Bueno da Veiga), — intervem este bisneto do aclamado de 1641, e, allegando ser incapaz de cavalgaduras carregadas e de gados, longo de tres mezes de viagem por matos e esteril de mantimentos, o caminho entre o Rio-de-Janeiro e os campos geraes,

franqueado pelo filho de Fernão Dias, renovava a sua proposta, apresentada em 1698 a Arthur de Sá e Menezes e por este recusada, de abrir á propria custa o dito caminho, "*capaz de por elle andarem cavalgadas e gente carregada, muito maes breve em dobro do que aquele que abriu o capitão Garcia Rodrigues Paes, e de por elle entrarem lotes de gados para se cultivarem e criarem nos d<sup>os</sup> (ditos) campos...*", pedindo, em troca de tal serviço, uma extensa sesmaria nas terras das Minas, assim como para si e seus descendentes o fôro de fidalgo da Casa Real e o habito de Christo, com uma tença efectiva.

A proposta do capitão Amador Bueno da Veiga não mereceu o beneplacito do monarcha, pois que sobre ella guardam silencio os códices do Archivo Nacional, sabendo-se, todavia, que aquelle notavel paulista mais tarde obteve boas datas no *hinterland* aurifero e que tomou parte saliente no epilogo da guerra dos *emboabas*. E, quanto á proposta de Felix de Gusmão, sabe-se tambem que o proprio governador aqui lhe cortara as vasas, qual se infere da carta de d. Alvaro da Silveira dirigida ao rei em 15 de março de 1705 (doc. X). Com effeito, ahi diz elle ao soberano: — "*Garcia Roiz anda acabando de por (pôr) o seu caminho capaz de começarsse a fazer as jornadas para as Minas por elle e me segura que em muito breue tempo o terã findo, porq' atê a Parahiba está ja com estrada larga, e duas roças feitas, e q' sô estaua acabando outra q' he sô a de q' se necessitaua, e como chegou este auizo ao tempo em q' se haueria de dar principio ao q' intentava fazer Felix Guimarães (aliás, de Gusmão) como ja fiz prez.<sup>o</sup> a VMag.<sup>e</sup> o mandei suspender, por se asentar naõ conuir ao seru.<sup>o</sup> de VMag.<sup>e</sup> hauer dous caminhos mayorm<sup>te</sup> tendosse por infaliuel q' o mais util era o de Garcia Roiz q<sup>do</sup> o outro se houuesse de conseguir, o que estaua ainda em duuida*".

Eis ahi o que relatam os papeis velhos de 1701 a 1705, por mim examinados no Archivo Nacional, quanto a Garcia Rodrigues Paes.

No que respeita ao "caminho novo", ha alli muitas outras peças probantes, que se estendem até ao fim do primeiro quar-

tel do século XVIII, porque só então foi que se rematou, com a ultima demão dada por Bernardo Soares de Proença, a estrada livre entre a cidade do Rio-de-Janeiro e as Minas-Geraes.

Sou, porém, forçado a desenvolver um pouco mais a presente nota, para que fiquem de todo esclarecidas algumas dúvidas, suscitadas a proposito deste assumpto.



Em sua *Historia antiga das Minas-Geraes*, diz o dr. Diogo de Vasconcellos, á pag. 35 (nota): — “*A Central tambem passa pela Garganta de João Ayres, Mathias Barbosa, Parahiba, Barra do Pirahi e Belem, pontos por onde Garcia Rodrigues traçou a primeira picada de Minas para o Rio, em 1701*”.

A pags. 112-113, quando trata da demissão imposta a José de Camargo Pimentel, do cargo de guarda-mór, por Arthur de Sá e Menezes, affirma: — “*Em seu logar nomeou á Garcia Rodrigues Paes, que andava a fazer o caminho novo para o Rio das Mortes*”. Note-se que tal nomeação (não a de Garcia Rodrigues Paes, mas a de Garcia Rodrigues Velho, como consta do respectivo doc.) foi a 13 de janeiro de 1698.

A pags. 113-114, assevera que Garcia Rodrigues Paes, como guarda-mór, e o coronel Salvador Fernandes, como escrivão interino, procederam nas Minas á repartição das datas, desde o outomno de 1699 até á chegada de Arthur de Sá e Menezes á região do ouro, isto é, até novembro de 1707.

A’ pag. 139, em nota, assegura: — “Garcia Rodrigues tinha sido nomeado guarda-mór em 13 de janeiro de 1698, e veio para as primeiras diligencias. Mas, tendo de ir fazer o Caminho Novo, o governador nomeou em fevereiro de 1700 o capitão Manuel Lopes”.

Tratando da primeira viagem de Arthur de Sá ao *hinterland* mineiro, escreve á pag. 141: — “Encontrou porém Arthur de Sá os caminhos melhorados, e em certos logares cor-

rigidos os atalhos por Garcia Rodrigues Paes, que, em 98-99, tinha subido nesse proposito”.

A' pag. 142, fala de *Garcia Rodrigues Moço*, — “não se devendo confundir, como se tem feito (234), este com o seu pae Garcia Rodrigues Paes, tambem dito *Garcia Rodrigues Velho*, o qual só em 1705 foi provido por sua magestade no officio de guarda-mór geral por 3 annos. Em 1702, o Garcia Velho estava a braços com o Caminho Novo, tendo-se retirado elle e João Lopes de Lima do seu ribeiro, no qual apuraram 5 arrobas de ouro (Antonil)”.

A' pag. 148, volvendo a tratar do substituto dado a José de Camargo Pimentel, como guarda-mór das Minas, por Arthur de Sá, traça isto: — “O benemerito nomeado foi *Garcia Rodrigues Paes*, por provisão de 13 de janeiro de 1699”.

A' pag. 150, transcreve um trecho de Claudio Manuel da Costa, onde vem esta phrase: — “fez a repartição o guarda mór *Garcia Rodrigues Velho*...”

A' pag. 152, reportando-se á noticia, dada por Antonil, de que “para o Caminho Novo Garcia Rodrigues Paes e João Lopes de Lima tirarão do seu ribeirão cinco arrobas” (235), accrescenta: — “Diz Antonil que essas cinco arrobas as houveram antes de partirem, Garcia para o Caminho Novo, e Lima para S. Paulo, o que indica uma partilha de sociedade”. Consigne-se que Antonil diz sómente o que deixámos fielmente reproduzido acima e não o que assevera o dr. Diogo de Vasconcellos.

---

(234) Nunca vi, em nenhum dos autores que compulsei, e não foram poucos, confusão alguma entre Garcia Rodrigues o moço e Garcia Rodrigues Paes, assim como nunca vi documento algum em que este fosse chamado Garcia Rodrigues Velho. Seria bom que o dr. Diogo de Vasconcellos precisasse quem foi que fez a apreçada confusão.

(235) E' assim que se acha na *Rev. do Arch. Publ. Min.*, IV, 521. — pois o dr. Diogo de Vasconcellos não traslada com o necessario rigor o trecho de Antonil.

A' pag. 153, affirma que "João Lopes de Lima era parente (236) e amigo intimo de Garcia Rodrigues".

A pag. 154-156, abre capitulo com a epigrapha "Garcia Rodrigues Paes Leme". Entre as várias asserções ahi contidas, distinguem-se estas: — que Garcia Rodrigues, além dos filhos mencionados por Pedro Taques, teve "Garcia Rodrigues Moço"; e que Garcia Rodrigues Paes era chamado, nos documentos de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, "Garcia Rodrigues Velho" (237).

A' pag. 155, insere este periodo: — "Em seguida aos descobrimentos das Minas Geraes, saindo do seu Ribeirão em 1702, foi Garcia Rodrigues á Borda do Campo, e *dahi começou*, como já vimos, a *picada do Caminho Novo* para o Rio de Janeiro, *obra que foi concluida por Domingos Rodrigues da Fonseca*".

A' pag. 158, encontra-se o que segue: — "Em 1701 o guarda-mór Garcia Rodrigues Paes tomou a si abrir o caminho novo das Minas para o Rio de Janeiro, mas, no fim de quatro annos de trabalho, sentiu-se exaustado de meios para conclui-lo; e teria assim ficado, si o coronel Domingos Rodrigues não lhe emendasse a mão, concorrendo com os seus escravos, e *acabando a obra á custa de grandes cabedaes*. Este caminho que, partindo da Borda do Campo, atravessou a Mantiqueira na Garganta de João Ayres, passava em João Gomes, Chapéo d'Uvas, Juiz de Fóra, Mathias Barbosa, Simão Pereira, Serraria, Entre Rios, Barra do Pirahy; e descia a Serra do Mar sôbre Macacos, Inhauma, Pavuna, Penha e Rio de Janeiro...".

A' pag. 176, deparou-se-me este pedaço: — "...o guarda-mór Garcia Rodrigues e João Lopes de Lima retiraram-se

(236) Não sei que especie de parentesco podia haver entre Garcia Rodrigues Paes e João Lopes de Lima. Este, como se vê em Silva Leme (*Genealogia paulistana*, III, 329), se gerou do pernambucano Domingos Lopes de Lima e de Barbara Cardoso, esta filha do ilhéu reinol Mathias Cardoso de Almeida e Isabel Furtado.

(237) São simples presumpções, totalmente desajudadas de provas, como veremos mais adiante.



de seu ribeirão, este para S. Paulo, aquelle para fazer o Caminho Novo, *começado em 1702 na Borda do Campo (Registro Velho) e terminado em 1707*". E mais este: — "Pelos annos de 1715 achava-se o mesmo Garcia Rodrigues no Ribeirão do Carmo, quando contractou o casamento de sua irmã (238) d. Francisca Paes com o coronel Caetano Rodrigues Alvares...".

A' pag. 156, no capitulo, atrás citado, de "Garcia Rodrigues Paes Leme", atribue a este a patente, alli transcripta, dada por Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho a *Garcia Rodrigues Velho*, em 3 de fevereiro de 1711, para continuar descobrimentos de ouro, prata e esmeraldas, assim como a de 6 do mesmo mez e anno, investindo-o das funcções de "Regente do districto do Serro", e conclue deste modo: — "E' de crer que demorado no Serro desistisse de proseguir contra o sertão das Esmeraldas; pois, em 1715, o vimos na Villa do Carmo".

A' pag. 304, figura esta asserção: — "Como, porém, Garcia Rodrigues Paes não pôde, obstado pela idade, continuar a diligencia, que Albuquerque em 1711 lhe havia confiado...".

Finalmente, de pags. 375 a 378, abre capitulo com a epigraphie "O Caminho Novo", no qual, depois de dar como certo que "Garcia Rodrigues Paes, sertanista abalisado, *saindo do seu ribeiro* (239), onde lavrou com João Lopes de Lima (Praia de Santa-Tereza), *tendo estudado com outros paulistas a posição meridional do Rio de Janeiro*, tomou a si a empresa, que Arthur de Sá lhe incumbiu, de abrir uma picada, que

---

(238) Como se pôde ler em Silva Leme (IV, 331 e 369), Francisca Paes de Oliveira, que, em 1716, na villa de Parnahyba, desposou o coronel Caetano Alves Rodrigues (este é que é o verdadeiro nome delle, conforme as pesquisas do prohiboso autor da *Genealogia paulistana*), era filha de Francisco Paes de Oliveira Horta e de Mariana Paes Leme, esta filha de Fernão Dias, o caçador das esmeraldas. Logo, Francisca Paes de Oliveira era sobrinha e não irmã de Garcia Rodrigues Paes.

(239) Note-se que o dr. Diogo de Vasconcellos já affirmou que esta saída occorrera em «1702».

*saisse da Borda do Campo e acabasse na raiz da Serra do Mar*", e, depois de transcrever o memorial de 8 de julho de 1703, dirigido por Garcia Rodrigues Paes a d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, assim como a carta com que o encaminhou este ao rei seis dias mais tarde, escreve ainda o seguinte: — "Para se concluir o Caminho Novo, fez-se mistér que o coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, *parente proximo* (240) e amigo de Garcia Rodrigues, concorresse com os seus cabedaes e escravos".

A proposito de conferencias minhas, realizadas em maio e junho de 1914 no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e cujos resumos (expuz o assumpto em todas ellas oralmente, havendo-me limitado a fornecer uma summula ao digno secretario perpetuo daquelle benemerito gremio) foram dados á estampa no *Jornal do Commercio* (e agora já se acham insertos na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, LXXVII, p. 1.<sup>a</sup>, 66-109), — saiu a campo o dr. Diogo de Vasconcellos, que, pelo *Minas-Geraes*, de Bello-Horizonte, tratou longamente da questão do "caminho novo".

Em o numero de 24 de julho de 1914 do referido diario, disse elle: — "Antonil por seu lado nos informa que Garcia Rodrigues, tendo liquidado a sua sociedade com João Lopes de Lima, separou-se levando o quinhão de cinco arrobas de ouro e *foi pegar na obra do caminho novo*, naquelle dicto anno de 1700".

Em o numero de 12 de julho do mesmo anno, tambem no tocante ao "caminho novo", vem isto: — "Eu disse que *havia sido iniciado em 1700...*" E mais adiante: — "Como se sabe, o caminho privativo dos bandeirantes vinha do alto do Embaú, por Baependi, Rio das Mortes; uma grande volta; e *Garcia Rodrigues havia feito o caminho novo atalhando a directriz pelo sertão de Carrancas, entre Baependi e Rio das Mortes*".

Em o numero de 31 da éra acima: — "Ao... Basilio já

---

(240) Era *cunhado*, como, depois que o asseverei, averiguou e proclamou o dr. Diogo de Vasconcellos.

fiz ver quão de leve andava a sua critica, pois confundiu o caminho novo do Rio com o *caminho novo de S. Paulo, sendo este o que de facto Garcia Rodrigues estava fazendo em 1698, para atalhar a volta de Ibituruna, e ligar Baependi com o Rio das Mortes, pelo sertão de Carrancas*" (241).

\*  
\*   \*  
\*

Pondo á margem questões secundarias ou outras que, importantes embora, só serão ventiladas em occasião mais asada, e todas relativas ao caso do "caminho novo", vamos agora tratar apenas das seguintes: — a) *inicio, extensão e acabamento do "caminho novo", de que se encarregara Garcia Rodrigues Paes*; b) *a guarda-moria de Garcia Rodrigues Paes.*

a) *Inicio, extensão e acabamento do "caminho novo", de que se encarregara Garcia Rodrigues Paes.* — Como se vê dos trechos atrás transcriptos (e bem o assignalou, pelo *Minas-Geraes* de 19 de agosto de 1914, o esforçado e talentoso joven dr. F. de P. Rocha Lagôa Filho), o dr. Diogo de Vasconcellos tanto affirma que o "caminho novo" entre o Rio-de-Janeiro e o *hinterland* aurifero foi começado em 1700, 1701 e 1702, como assegura que elle foi rematado em 1706 e 1707.

Ora, não é possivel admittir-se que se escreva assim a historia da nossa terra, muito mais quando o autor, além da justa reputação de que goza, se encontra já em adeantada madureza de idade e de espirito.

No volume em que enquadrei e anotei os documentos de 1664 a 1700, demonstrei que a estrada entre o Rio-de-Janeiro e as Minas fôra iniciada pelo filho do "caçador das esmeraldas" em 1698. Visando a contradictar-me, mas desauxiliado de qualquer vislumbre de prova, asseverou o dr. Diogo de Vas-

---

(241) Foram escrupulosamente respeitadas todas as citações, das quaes apenas supprimi elogios generosos, com que me distinguui o meu illustre confrade. São meus, porém, os gryphos.

concellos que a via franqueada por Garcia Rodrigues Paes, naquella data (que, romanceando, elle faz vagamente oscillar entre 1698, 1699 e 1700) fôra entre São-Paulo e as Minas, phantasiando para isso a abertura de um atalho, pelo filho de Fernão Dias, entre a garganta do Embaú e o Rio-das-Mortes.

Similhante asserção, duplamente estampada na *Historia antiga* e no *Minas-Geraes*, cae pela base ante a provisão de 2 de outubro de 1699 (doc. constante da collectanea de 1664-1700, acima referida). Por ella se evidencia que o caminho, do qual Arthur de Sá e Menezes concedia privilegio temporario a Garcia Rodrigues Paes, fôra por este aberto, durante anno e meio, entre o Rio-de-Janeiro e os campos geraes, ou, como lá vem, "Caminho dos Cataguazes a esta Cidade", tendo sido a sobredita provisão firmada no Rio-de-Janeiro.

Da carta de 24 de maio de 1698 (doc. da collectanea de 1664-1700), dirigida ao rei por Arthur de Sá e Menezes, infer-se que Garcia Rodrigues Paes se compromettera a franquear entre o Rio-de-Janeiro e as minas, então recentemente descobertas, uma estrada que poria taes pontos em comunicação por meio de pouco mais de quinze dias de viagem (de facto, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, em 1711, quando veiu das Minas em soccorro da cidade do Rio-de-Janeiro, conquistada pelos francezes, gastou apenas *dezesete dias*), e não tres mezes, que era o tempo que se despendia pelo caminho antigo.

Que o ponto central de tal via de comunicação era a Borda-do-Campo (hoje Barbacena), — patenteia-o o memorial de 8 de julho de 1703, do punho de Garcia Rodrigues Paes, o qual ahi diz que a Parahyba era "o meyo da jornada". Logo, a actual cidade de Parahyba-do-Sul, cujos alicerces se devem ao filho do "caçador das esmeraldas", dividia o "caminho novo" em duas metades, uma dahi até ao Rio-de-Janeiro, outra dahi até á Borda-do-Campo.

Que a picada (note-se bem, a *picada*, não o caminho definitivo, isto é, bemfeitorizado) estava aberta entre aquelles pontos extremos em fins de 1699, prova-o tambem, além da provisão de 2 de outubro de 1699, a carta do capitão-mór Pe-

dro Taques de Almeida, dirigida ao governador-geral do Estado do Brasil em 20 de março de 1700 e dada a lume pelo dr. Orville Derby na *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São-Paulo* (V, 282-283), onde se lê que — “o capitão-mór Garcia Rodrigues Paes tem aberto uma picada por ordem do general Arthur de Sá e Menezes, do Rio de Janeiro até a resaca de donde começam os campos geraes...”

Mas, tendo consumido na simples abertura da picada todos os seus recursos pecuniarios (quer os herdados dos paes, quer os hauridos da lavra de ouro que teve de sociedade com João Lopes de Lima e da qual tirou cinco arrobas, conforme o relato de Antonil) e havendo-lhe até morrido alguns escravos e fugido muitos outros durante aquella tarefa, viu-se Garcia Rodrigues Paes, por 1703 e 1704, sem meios sufficientes para levar por deante a empreza colossal a que se abalançara, isto é, alargar a longa estrada, conserval-a limpa de matos e plantar roças de mantimentos ás suas margens, em varios pontos, para abastecimento dos passageiros.

Tudo isto, entretanto, lograra elle fazer entre o Rio-de-Janeiro e o rio Parahyba. Para o que de essencial ainda restava a realizar na outra metade, foi mistér que o soccorresse o cunhado, Domingos Rodrigues da Fonseca, o qual, como se vê da patente que a 22 de outubro de 1724 (Azevedo Marques, *Apontamentos*, I, 127) lhe concedeu Rodrigo Cesar de Menezes, “...havendo-se encarregado o capitão-mór Garcia Rodrigues Paes da abertura do caminho novo, não o podendo conseguir em seis annos e achando-se com poucos meios para o acabar, se oppoz o supplicante com 18 escravos a abrir o dicto caminho o que conseguiu em cinco mezes e meio...”. Ora, como o ataque á obra se dera em 1698, a cooperação de Domingos Rodrigues da Fonseca deve ter-se dado em 1704.

Mas nem assim ficou de todo prompto, isto é, com os requisitos imprescindiveis, o tão gigantesco empreendimento, que, pela traça primitiva, devera terminar no Sabarabuçu.

Como se collige da data da carta-régia de 23 de setembro de 1704 e sabendo-se do longo tempo que se gastava então entre o Brasil e a sua metropole, nas intercommunicações, — deve ter

sido feito na época em que Garcia Rodrigues Paes luctava com as maiores difficuldades em sua empreitada titanica o requerimento de Amador Bueno da Veiga, propondo-se a tomar a seu cargo, mediante grandes mercês, a formidavel tarefa. Mas essa proposta foi recusada, e o filho de Fernão Dias continuou a sua faina asperrima, na qual teve apenas a citada cooperação do cunhado, até que as gélhas de avançadissima ancianidade o impediram de leval-a a cabo.

Quem poz a ultima demão no "caminho novo", foi Bernardo Soares de Proença, como o evidencia a provisão-régia de 6 de julho de 1725, por mim descoberta no Archivo Nacional (242).

b) *A guardamoria de Garcia Rodrigues Paes.* — E' innegavel a existencia de Garcia Rodrigues Velho (que chegou ao posto de coronel), filho de outro de igual nome, e cujo pae, prestigioso cidadão de São-Paulo, onde falleceu em 1671, fôra casado com d. Maria Betim. Filha desta e, pois, irmã do coronel Garcia Rodrigues Velho, era d. Maria Garcia Betim, fallecida em 1691 em Parnahyba, isto é, dez annos depois que o marido, Fernão Dias Paes, expirara no sertão, á caça das esmeraldas. Assim, o *Garcia Rodrigues Velho*, que vivia no ultimo quartel do seculo XVII (e que se sabe positivamente ter tambem vivido no primeiro quartel do seculo XVIII), ou seja coetaneamente com *Garcia Rodrigues Paes*, era tio deste.

De ambos dão conta os linhagistas, podendo ler-se, quanto ao primeiro, as informações de Taques (*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, XXXV, p. 1.<sup>a</sup>, 202) e de Silva Leme (VII, 456-457). O pae fôra potentado em arcos, o que lhe permittira auxiliar grandemente os Pires contra os Camargos, na longa, sangrenta e pertinaz desavença entre essas duas celebres familias, para a primeira das quaes se inclinaram as sympathias de Arthur de Sá e Menezes. Como ainda se não houvessem descoberto os *placers* copiosos do *hinterland* aurifero, Garcia Rodrigues Velho, o filho, seguira para Curitiba, onde residiu

por algum tempo, tendo alli casado com certa mulher, cujo nome não consta das nobiliarchias. Viuvando, convolou a segundas nupcias com Maria Leite da Silva, viuva de Antonio Pedroso de Barros, fallecida com testamento em 1728, na freguezia de Santo-Amaro. Parece que, apenas se fizera a revelação das opulencias do interior, para lá immediatamente partira Garcia Rodrigues Velho, o qual, segundo affirma Silva Leme (*log. cit.*), falleceu "nas Minas, antes de sua mulher".

Não era possivel que, havendo um *Garcia Rodrigues Velho*, em carne e osso, paulista de boa estirpe e de alta consideração e tio de *Garcia Rodrigues Paes*, a este, que não áquelle, — como pretende o dr. Diogo de Vasconcellos, — applicasse Arthur de Sá e Menezes, então em São-Paulo e, pois, bem informado, o nome de *Garcia Rodrigues Velho*, na provisão de 13 de janeiro de 1698.

O filho do "caçador das esmeraldas" é sempre chamado *Garcia Rodrigues Paes*, quer nos actos emanados do soberano, quer nos actos dos representantes da metropole aqui. Disso dão testemunho irrefragavel os docs. da collectanea de 1664-1700, de 23 de dezembro de 1683, 19 de novembro de 1697, 24 de maio de 1698, 15 de outubro de 1698, 22 de outubro de 1698, 2 de outubro de 1699, 26 de outubro de 1700 e 7 de dezembro de 1700; e, da collectanea de 1701-1705, os de 15 de novembro de 1701, 19 de abril de 1702, 1 de maio de 1702, 23 de junho de 1702, 2 de maio de 1703, 8 e 14 de julho de 1703, 13 de março de 1704, 23 de setembro de 1704, 15 de março de 1705 e 18 de agosto de 1705. Outras peças historicas, que tenho em mãos e que serão enfeixadas em trabalhos subseqüentes, corroboram as que acabo de citar, pois tambem em nenhuma dellas se me deparou a expressão substantiva *Garcia Rodrigues Velho*, quando evidentemente se tratava de *Garcia Rodrigues Paes*.

Em taes condições, como é que, só em se cogitando da nomeação de um guarda-mór que substituísse a José de Camargo Pimentel, a 13 de janeiro de 1698, figuraria o filho de Fernão Dias Paes com o nome de *Garcia Rodrigues Velho*?

E a confusão deploravel que dahi forçosamente adviria, caso tal nome lhe pudesse ser dado, com seu tio materno, chamado *Garcia Rodrigues Velho*?

De mais, porque chamar-se Garcia Rodrigues Paes de *Garcia Rodrigues Velho*, si elle, em 1698 pelo menos, não tinha filho algum homonymo?

Por outro lado, como é que Arthur de Sá e Menezes havia de acceitar, em começos de 1698, a proposta de Garcia Rodrigues Paes para a abertura do "caminho novo", e vel-o occupado, desde esse mesmo anno, no difficil empreendimento, — si, tambem em começos de 1698, já o tivesse nomeado para o cargo de guarda-mór, a quem incumbia, além do dever imprescindivel de estar presente á repartição das terras mineraes, exercer uma continua vigilancia sobre as lavras auríferas, sitas geralmente em pontos distanciados do "caminho novo"?

Assim, por todas as razões que acabo de expender, julgo sufficientemente demonstrado não se referir a Garcia Rodrigues Paes o acto de 13 de janeiro de 1698, firmado por Arthur de Sá e Menezes.

A pessoa por este nomeada, naquella data, para o posto de guarda-mór das minas recém-descobertas, foi a de *Garcia Rodrigues Velho*, por ser "de respeito, christandade e zello do serviço de S. Magestade que Ds. guarde".

Em nenhum dos muitos papeis officiaes que atrás citei e onde vem sempre com todas as letras o nome de Garcia Rodrigues Paes, ha qualquer referencia ao facto de ter sido este nomeado guarda-mór por Arthur de Sá e Menezes. O tratamento que geralmente se lhe dá, antes de 29 de abril de 1702, é o de *capitão-mór*, porquanto, desde 23 de dezembro de 1683, fôra elle encarregado, por ordem régia, do descobrimento e administração das minas de esmeraldas, regendo, consequentemente, todo o districto em que as mesmas se achassem.

No regimento de 3 de março de 1700, feito e publicado em São-Paulo por Arthur de Sá e Menezes, e no qual se estatuiam todos os deveres a desempenhar por parte do guarda-mór das minas dos Cataguazes, não é o nome de *Garcia Rodrigues Paes*



que figura, mas o de *Garcia Rodrigues Velho*, quer no art. 14, quer no art. 27.

Si o dr. Diogo de Vasconcellos lesse com a devida attenção as peças historicas em que se funda, não commetteria, por certo, os equivocos em que tem caído. Assim, os docs. dados a lume pela *Rev. do Arch. Publ. Min.*, II, 780-783, não podem, por maneira alguma, dizer respeito a Garcia Rodrigues Paes. Pelo de 3 de fevereiro de 1711, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho provê ao *capitão Garcia Rodrigues Velho* "no posto de capitão-mór do novo descobrimento das esmeraldas". Ora, si se tratasse de *Garcia Rodrigues Paes*, tal patente seria um pleonasma, uma superfetação irracional, e estaria palpaavelmente errada, porque o filho de Fernão Dias era *capitão-mór* desde 1683, por acto régio, achando-se tambem, desde ahi, encarregado do descobrimento de esmeraldas, — e esse acto não tinha sido revogado. Tanto naquelle documento como no de 6 de fevereiro do mesmo anno de 1711, em que trata do districto do Serro-Frio, fala o precitado governador em conceder a Garcia Rodrigues Velho a *autoridade conveniente* e a *jurisdição necessaria*, quer para os descobrimentos, quer para sossegar os moradores daquella região. Ora, si se tratasse de Garcia Rodrigues Paes, taes concessões seriam um pleonasma, uma superfetação irracional, porque, desde 19 de abril de 1702, o filho de Fernão Dias, por acto emanado do poder magestático, era guarda-mór geral das Minas, o que lhe dava *autoridade e jurisdição* para tudo aquillo de que cogitavam a patente e a ordem expedidas em 1711 pelo capitão-general de São Paulo e Minas-do-Ouro.

Em conclusão: — *Garcia Rodrigues Velho*, tio materno de Garcia Rodrigues Paes, é que foi nomeado guarda-mór das minas dos Cataguazes em 13 de janeiro de 1698, e a elle, que não ao sobrinho, é que se referem os docs. de 3 e 6 de fevereiro de 1711, mencionados acima. Garcia Rodrigues Paes só foi nomeado guarda-mór geral das Minas, pelo rei, a 19 de abril de 1702, e tal cargo, — premio dos seus muitos serviços já prestados á corôa, — não o obrigava a afastar-se da gigantesca empreza de abrir o "caminho novo", porque o monarcha lhe

outorgara a faculdade de escolher guardas-móres districtaes, que o representassem e substituíssem. Aquelle posto, elle o conservou até morrer, transmittindo-o ainda a seu filho mais velho, por expressa autorização do soberano.

Esta é que é a lição que resulta insophismavelmente dos documentos por nós consultados e colligidos. Mercê delles, pôde ser escripta com verdade a historia da nossa terra, em vez de simples romances ou phantasias audaciosas.

#### POST-SCRIPTUM

Pelo que acima se vê, não foram poucas as pesquisas a que me vi forçado, nem foram poucos os argumentos que empreguei, afim de levar ao brilhante espirito do meu digno coestaduario e preclaro confrade, sr. dr. Diogo de Vasconcellos, a plena convicção de que Garcia Rodrigues Velho e Garcia Rodrigues Paes eram pessoas diversas e inconfundiveis.

Entretanto, ser-me-ia poupado o enorme esforço que naquelle sentido desenvolvi, si mais cedo tivesse eu tido em mãos o vol. VII das *Actas da Camara da Villa de São-Paulo*, publicado em 1915, porém que só me foi dado ler mais tarde, graças, ainda assim, á gentileza do meu eminente amigo sr. dr. Washington Luis Pereira de Sousa.

No citado tomo, que comprehende as sessões da edilidade paulistana, realizadas entre 1679 e 1700, vem o seguinte documento, que põe fóra de toda e qualquer dúvida, de uma vez para sempre, estar do meu lado a razão e não com o erudito autor da *Historia antiga das Minas-Geraes*:

#### *Termo de juramento ao almotacel Garcia Rodrigues Paes*

“Aos dezoito dias do mes de Janeiro de mil e seissentos e noventa e quatro annos nas Cazas do conselho della (*Villa de São-Paulo*) foi dado Juram<sup>to</sup> dos santos Evangelhos a garsia Roiz pais p.<sup>a</sup> servir de Almotasel estes dous mezes e por seu parsero o Cap<sup>am</sup> Joze de Camargo ortis o q' prometeu

no Juram<sup>to</sup> q' lhe foi dado pello Juis ordinario Garcia Roiz velho q' prometeu fazer o q' deus lhe dese a entender de q' fis este termo em q' se asinou com o dito Juis eu Hirm.<sup>o</sup> pedrozo escrivão da Camera o escrevy — *velho — Garcia Roiz Pais*".

Rio-de-Janeiro, 31 de maio de 1919.

*Basilio de Magalhães.*

## DOCUMENTOS

### I

*Carta-régia dirigida por d. Pedro II a Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão-general do Rio-de-Janeiro, ordenando-lhe dêsse conta do estado em que se achava o caminho novo para as minas de ouro (acompanhada da resposta dada por d. Alvaro da Silveira de Albuquerque em 7 de setembro de 1702) — de 15 de novembro de 1701.*

(Da collecção Governadores do Rio de Janeiro, 1.º XII, fls. 51)

Arthur de Sá e Menezes Am.º eu el Rey vos envio m<sup>to</sup> saudar. Viosse a conta que destes por carta de 15 de junho deste anno como se uos hauia ordenado do estado em que se acha o caminho nouo que Gracia Roiz se offereceo abrir para as minas do ouro e a cauza que tiuestes para não fazer ainda por elle a vossa jornada porem que com a continua deligencia em que ficaua o dito Gracia Roiz para abrir um atalho e fazer estalagens entendeis se poderiaõ por elle seruir os mineiros com maior facilidade e segurança sem que fosse necessario vir algum pella costa e pareceome dizeruos se reconhece que este caminho sera mui utilissimo aos meos vassallos e assim deveis dar conta do estado em que se acha e se tem ja facilitado as deficultades que fazião mais custoza esta passagem para as minas. Escrita em Lisboa a 15 de Nouembro de 1701.

## RESPOSTA

Vejo o que VMag.<sup>e</sup> me manda pela ordem incluza e tomando informação sobre o que ella contem o Gracia Roiz Pais me diz que o caminho nouo não he capaz scenaõ p.<sup>a</sup> a gente q' vae a pe e carregada com suas cargas mas não a jurará na forma costumada, de q' se fará asento nas costas desta Provisão, que valerá como carta sem embg.<sup>o</sup> da ordenação do L.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup>, tt.<sup>o</sup> 40 em contr.<sup>o</sup>, e porque o d.<sup>o</sup> Garcia Roiz, Paes se acha no Rio de Janr.<sup>o</sup> e não tem nesta corte Procurador que haja de lhe expedir este desp.<sup>o</sup> nem brevidade q' for a cauallo porq' não he p.<sup>a</sup> isso; e na Parahiba estaõ ja feitas algumas roças e sementieras para effeito de ser mais suave a passagem; e como garcia Roiz Pais se acha cõ todo o cuidado neste negocio só a este fim muda a sua caza p.<sup>a</sup> esta praça onde vem viver e fica continuando nesta deligencia dizendome mais que o atalho não estaua ainda feito mas q' acabado que fosse sem duvida alguma he o mais perto caminho que pode hauer. D.<sup>s</sup> g.<sup>e</sup> a Real pessoa de VMg.<sup>e</sup> como seus vassallos hauemos mister. Rio de Janr.<sup>o</sup> 7 de Set<sup>bro</sup> de 1702. (*Sem assignatura, mas do livro de registo consta o nome de d. Alvaro da Silveira de Albuquerque*).

## II

*Provisão-régia, pela qual d. Pedro II fez a Garcia Rodrigues Paes mercê do cargo de guarda-mór das minas de São-Paulo, pelo tempo de tres annos, e o mais, enquanto se lhe não dêsse successor, — de 19 de abril de 1702.*

(Da collecção Governadores do Rio de Janeiro, 1.<sup>o</sup> XV, fls. 50 v.<sup>o</sup>)

Eu El Rey faço saber aos q' esta minha provisão virem que tendo resp.<sup>to</sup> a haver rezoluto que haja hum guarda mor das minas de S. Paulo e na pessoa de Garcia Roiz' Paes concorrerem os requizitos de ser das principaes pessoas daquella capitania e muy zeloso em o meu serviço pondo todo o cuidado em se abrir o caminho para as ditas minas, tendo perdido

por este respeito g<sup>den</sup> conveniências por não faltar ao que se lhe encomendou, e se achar com grande noticia para fazer sua obrigação como convem. Hey por bem de fazer m<sup>co</sup> ao d.<sup>o</sup> Garcia Roiz Paes do d.<sup>o</sup> cargo de Guarda mor das minas de S. Paulo p.<sup>a</sup> que o sirva por tempo de tres annos, e o mais emq<sup>to</sup> lhe não mandar o successor, e que com elle haja dois mil cruzados de ordenado cada anno pagos na forma do Regim<sup>to</sup>. Pelo q' mando ao meu Gov<sup>or</sup> da capitania do Rio de Janr.<sup>o</sup> dê posse ao d.<sup>o</sup> Garcia Roiz' Paes do d.<sup>o</sup> cargo, e lho deixe servir pelo d.<sup>o</sup> tempo, e haver o d.<sup>o</sup> ordenado, e lhe dê tempo e lugar a pagar os direitos novos e velhos; Hey por derogado qualquer Regim<sup>to</sup> ou ordem em contr<sup>o</sup> com declaração q' não entrará de posse do d.<sup>o</sup> cargo, sem pr.<sup>o</sup> dar fiança no Rio de Janr.<sup>o</sup> amostrar dentro do tempo que parecer conveniente, como mandou satisfazer a este R<sup>no</sup> os d<sup>os</sup> direitos velhos, e novos e esta não passará pela chr.<sup>a</sup> porq' p.<sup>a</sup> tudo hey por dispensadas quaesquer solemnidades q' se requieraõ p.<sup>a</sup> validade deste provim<sup>to</sup>, que em tudo se cumprirá inteiramente como nelle se contem. M<sup>el</sup> Pinhr.<sup>o</sup> da Fonseca o fez em Lx.<sup>a</sup> a dezenove de Abril de 1702. O Secretr.<sup>o</sup> Andre Lopes de Laure o fez escrever. — *Rey* — O Conde de Alvor — Provisão por q' VMg<sup>de</sup> faz m<sup>co</sup> a Garcia Rodrigues Paes do cargo de guarda mor das minas de S. Paulo p.<sup>a</sup> que o sirva por tempo de tres annos, e o mais emq.<sup>o</sup> lhe não mandar successor como nella se declara q' não passa pela chancellaria. — P.<sup>a</sup> VMg.<sup>o</sup> ver. — por rezolução de SMg.<sup>o</sup> de 15 de Abril de 1702 em consulta do Cons.<sup>o</sup> Ultr.<sup>o</sup> de 4 de Fevereiro do d.<sup>o</sup> anno. Registada a fl. 159 em o 1.<sup>o</sup> 4.<sup>o</sup> de Provizoens que serve na Secret.<sup>a</sup> do Cons.<sup>o</sup> Ultr.<sup>o</sup> Lix.<sup>a</sup> 21 de Abril de 1702. Andre Lopes de Laure.—Tem dado fiança na faz.<sup>a</sup> real no 1.<sup>o</sup> dellas a que toca a fl. 103 v. Rio de Janr.<sup>o</sup> 2 de Dezr.<sup>o</sup> de 1702. Leonardo Barboza. — Cumprasse, Registesse, e se faça auto de posse como SMg.<sup>o</sup> q' D.<sup>s</sup> G<sup>de</sup> manda. Rio de Janr.<sup>o</sup> 3 de Dez.<sup>o</sup> 1702. — O Sor Gov.<sup>or</sup> D. Alvaro da Silveira de Albuquerque em cumprim<sup>to</sup> da Provisão assima deu posse ao d.<sup>o</sup> Garcia Roiz' Paes do cargo de Guarda mor em quatro de Dezr.<sup>o</sup> de 1702. Faustino Ayres de Carvalho,

## III

*Carta-régia ao governador da capitania do Rio-de-Janeiro, autorizando-o a nomear o substituto do guarda-mór das minas de São-Paulo, Garcia Rodrigues Paes, no caso do fallecimento ou impedimento deste, — de 1.º de maio de 1702.*

(Avulso)

Governador da Capitania do Rio de Janeiro. EV ElRey vos envio m<sup>to</sup> saudar. Tende entendido, que sucedendo falecer Garcia Rodrigues Paez, que tenho nomeado por Guarda Mor das minas de Sam Paullo, ou impedirse de sorte que não possa seruir este cargo, heis de nomear pessoa que haja de seruir em seu lugar, emquanto eu o não prover, e me dareis conta pella primeira ocazião, da falta do ditto Garcia Roiz Paez: de que vos avizo para que assim executeis o que por esta ordeno. Escrita em Lisboa ao 1.º de Mayo de 1702. — Rey — P.<sup>a</sup> o Governador da Capitania do Rio de Janr.º — Conde de Alvor.

## IV

*Resposta de d. Alvaro da Silveira de Albuquerque á carta-régia sobre a substituição de Garcia Rodrigues Paes, como guarda-mór das minas, no caso do fallecimento ou impedimento deste, — de 23 de julho de 1702.*

(Da collecção Governadores do Rio de Janeiro, 1.º XII, fls. 9 v.º)

Vejo o que VMag.<sup>e</sup> ordena pela ordem junta sobre a falta que pode faser Garcia Roiz' Paes, e como este fica de prez.<sup>e</sup> para seruir a occupação de Guarda - Mor das Minas em que VMag.<sup>e</sup> foi seruido prouelo, fico com a lembrança para que no cazo que se lhe offereça algu impedimento ou faleça desta vida dar cumprim.<sup>to</sup> ao que VMag.<sup>e</sup> ordena nomeando pessoa para q' supra a sua falta dando conta a VMag.<sup>e</sup> da de Garcia Roiz'. Deos g.<sup>e</sup> a Real pessoa de VMag.<sup>e</sup> como seus vassallos hauemos mister. Rio de Janr.º 23 de Julho de 1702. (*Sem assignatura, mas é de d. Alvaro da Silveira de Albuquerque*).

## V

*Carta-régia, dirigida por d. Pedro II a Garcia Rodrigues Paes, dando-lhe permissão para nomear guardas substitutos nas minas, — de 2 de maio de 1703.*

(Da collecção *Governadores do Rio de Janeiro*, 1.º XV, fls. 165 v.º)

Garcia Roiz' Paes. EV ElRey vos envio m<sup>to</sup> saudar. Por se reconhecer a impossibilidade de poderce assistir, e acodir as partes tão distantes como as em que ao mesmo tempo se trabalha nas Minas em que pode ser necessaria a uossa assistencia. Fuy servido rezolver possaes nomear guardas substitutos vossos que asistaõ nas partes mais distantes e que estes guardas e seus escriptaens possaõ ter a mesma conveniencia de minarar e as mais que vos tenho concedido em lugar do ordenado que vos tinha taxado no Regimento de que me pareceu avizarvos p.<sup>a</sup> teres (*sic*) entendido a permissão q' por esta vos concedo, e podereis uzar della na forma que tenho rezolvido. escrita em Lix.<sup>a</sup> a 2 de Mayo de 1703. — *Rey.* — Cumprase e registese. Rio 31 de Agosto de 1703. — *Dom Fernando Miz' M.<sup>as</sup> de Lancaastro.*

## VI

*Carta dirigida ao rei pelo governador do Rio-de-Janeiro sobre Garcia Rodrigues Paes e enviando a informação por este escrita a respeito do estado do caminho novo (acompanhada deste documento, que é datado de 8 de julho de 1703), — de 14 de julho de 1703.*

(Da collecção *Governadores do Rio de Janeiro*, 1.º XIII, fls. 124).

Procurei a Garcia Roiz Paes repetidas vezes fazer a sua jornada p.<sup>a</sup> as minas e assistir na sua occupação de q' VMag.<sup>o</sup> lhe fez m<sup>ce</sup> e como se determinasse a ir buscar sua mulher e familia p.<sup>a</sup> esta terra esperei que se recolhesse a ela, o que feito lhe tornei a advertir a mesma dilig.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> onde vay logo cõ toda



a breuidade e lhe ordenei me fizesse hua informação do estado em que estaua o seu caminho, a qual he a incluza q' faço prez.<sup>o</sup> a VMag.<sup>e</sup>; e a noticia que eu p<sup>arm</sup><sup>te</sup> (*particularmente*) acho he que Garcia Roiz se acha com m<sup>to</sup> poucos cabedais e Escrauos p.<sup>a</sup> poder acabar o caminho, e se entende q' se não entrar ajuda de VMag.<sup>e</sup> q' se não poderá conseguir couza tão util, e necess.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> melhor segurança, e arrecadação da faz.<sup>a</sup> de VMag.<sup>e</sup> Deos g.<sup>o</sup> a Real pessoa de VMag.<sup>e</sup> como seus vassallos hauemos mister. Rio de Janr.<sup>o</sup> 14 de Julho de 1703. (*Sem assignatura, mas é de d. Alvaro da Silveira de Albuquerque*).

#### PAPEL DE GARCIA RODRIGUES PAES

Sñr. — Poderá VS.<sup>a</sup> informar e certificar a SMg.<sup>e</sup> q' Deos g.<sup>o</sup> q' seo m<sup>to</sup> leal e humilde vassalo Garcia Roiz Paes tem mudado sua casa e familia de Saõ Paulo sua patria p.<sup>a</sup> esta cid.<sup>e</sup> do Rio de Janeiro só afim de facilitar o caminho q' tem principiado p.<sup>a</sup> os campos geraes, e minas de ouro de Sabara bassú e q' por acomodar a dita sua familia, e preparar sua jornada p.<sup>a</sup> as d.<sup>as</sup> Minas se deteve até o mez de Julho e q' por cauza de lhe fogire' quasi todos os seus escranos e por sua limitação não tem acabado o d.<sup>o</sup> Caminho e assim pertende continuoallo indo e vindo por elle, ate que vendose a breuidad.<sup>e</sup> e facilid.<sup>e</sup> com q' elle vay, e vem p.<sup>o</sup> d.<sup>o</sup> caminho sem risco algu' se animem os mais a prosseguillo e q' em o conseguir ha de gastar todo o seu cabedal, porq' só elle sabe a utilidade q' tem p.<sup>a</sup> o augmento desta terra e principalm<sup>te</sup> p.<sup>a</sup> a real faz.<sup>a</sup> descobrindose todos os averes q' estaõ occultos, pois se o d.<sup>o</sup> Garcia Roiz Pais e seo Pay não abrião o caminho de Saõ Paulo p.<sup>a</sup> as minas, e pouoaraõ quasi todo aquelle certaõ tão agro no seu principio de mantimentos por tempo de vinte e cinco annos ate que a noticia do ouro, e a ambição os facilitasse q' todos como hoje vão, e vê, e q' se SMag.<sup>e</sup> q' Deos g.<sup>o</sup> concorresse com ajuda p.<sup>a</sup> a d.<sup>a</sup> abertura em m<sup>to</sup> pouco tempo o hauiaõ de continuar, e ficaria perpetuo communicandosse p.<sup>lo</sup> sertoão com a B.<sup>a</sup> e Saõ Paulo sem risco de inimigo nem de mar e se estenderiaõ por povoações, e q' em Paraiba q' he o meyo da jornada tem ja elle Garcia Roiz

Paes gente effectiva com m<sup>tos</sup> mantimentos e principio de creacão, e por não deixar sua casa taõ distante de q.<sup>m</sup> lhe celebre os S<sup>tos</sup> (*Sacramentos*) a não deixou logo na dita Paraiba, e q' tambem poderá segurar sem encarecim<sup>to</sup> q' está sustentando a dr.<sup>o</sup> mais de cem pessoas o q' suposto em toda a parte sempre ha de seguir sua real vont.<sup>o</sup> como sempre. Rio de Janr.<sup>o</sup> 8 de Julho de 1703. — *Gracia Roiz Paes.*

## VII

*Carta-régia a d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, governador do Rio-de-Janeiro, negando a ajuda pecuniaria pedida por Garcia Rodrigues Paes para rematar o caminho novo, mas permitindo que se lhe dessem com aquelle fim alguns indios, pagos por elle, — de 13 de março de 1704.*

(Avulso)

Dom Alvaro da Sylveira e Albuquerque'. EV ElRey vos envio m<sup>to</sup> saudar. Hauendo visto a conta que me destes do estado em que Graçia Roiz' Paes tem posto o Caminho novo para os campos geraes, e minas do ouro de Sabarabussú, e o quanto necessitava de que da fazenda Real se concorresse com alguma consignaçaõ anual para della se ajudar as grandes despezas que hade fazer por se achar hoje falto de cabedais pellos muitos que tem gasto em a ditta delligencia, escrauos que lhe morreraõ nella, e outros que lhe fogiraõ, sem os quais não podia comçequir o intento de por (*pôr*) corrente o ditto Caminho. Fui seruido rezolver se dem ao ditto Graçia Roiz' Paes alguns Indios pagos por elle, para que melhor se possa comçequir o abrirse este Caminho taõ conveniente para a conduçaõ do ouro, visto se achar Graçia Roiz' Paes taõ falto de escrauos; porem em quanto a se lhe dar ajuda de custo annual, de nenhuma maneira se lhe deve deferir, porque seria este o meyo de não ter nunca fim esta delligencia taõ pertendida, e que se reconheçe por vtilissima, porq' se aproueitaria della, sem por (*pôr*) em execuçaõ o vltimo complemento desta obra quanto mais tendoo por este seru.<sup>o</sup> despachado e honrado com as merçez do Habito, foro de fidalgo, e que possa fazer hua Villa intitulosse donatario

della. Com o que nestes termos não ha lugar para se atender por ora ao que Graçia Roiz' Paes pede; mas sô vos ordeno que lhe declareis de minha parte que findando elle o caminho poderá esperar da minha attenção o acomode, e dê aquillo que possa ser recompensa equivalente a despeza q' fizer no trabalho desse Caminho. Escritta em Lisboa a 13 de Março de 1704. — Rey. — Para o Gou.<sup>or</sup> do Rio de Janeiro — 1.<sup>a</sup> via—

## VIII

*Carta dirigida por d. Alvaro da Silveira de Albuquerque ao rei, dando-lhe conta do descobrimento de um novo caminho, por terra, para as minas, — de 24 de maio de 1704.*

(Da collecção *Governadores do Rio de Janeiro*, 1.<sup>o</sup> XIII-A, fls. 333)

S.<sup>or</sup>— Desde que estou nesta terra ando na diligencia de descobrir por terra caminho p.<sup>a</sup> as Minas, e não dei conta a VMag.<sup>e</sup> deste p.<sup>ar</sup> nos ultimos navios q' daqui partiraõ por não ter ainda ajustado com effeito este neg.<sup>o</sup>, nem aquellas not.<sup>as</sup> necessarias p.<sup>a</sup> entrar nesta dilig.<sup>a</sup>.

Felix Madr.<sup>a</sup> e seu f.<sup>o</sup> Felix de Gusmaõ dandolhes eu a noticia q' adqueri de q' havia vindo hum Indio em breues dias da Resaca de Amador Bueno â V.<sup>a</sup> de S.<sup>to</sup> Ant.<sup>o</sup> de Saã fizeraõ dilig.<sup>a</sup> por fallar com ele, e acharaõ contestar com as not.<sup>as</sup> q' lhe dei porq' o Indio não foi possiuel conduzillo a esta terra com o medo de q' o queriaõ prender, e só no mato fallaua se resolueraõ a fazer este descobrim.<sup>to</sup> prometendolhes eu em nome de VMag.<sup>e</sup> e a hu Antonio Machado q' foi o q' desceo os Indios chamados Maripaqueres de q' já dei conta a VMag.<sup>e</sup> fazerlhes VMag.<sup>e</sup> as merces q' condicessem ao seru.<sup>o</sup> q' fizessem neste p.<sup>ar</sup> Fizeraõ a entrada, e me trouxeraõ avizo de que estaua a trilha descuberta, e q' vieraõ dos Campos gerais, e resaca de Amador Bueno em onse dias a pouoado. Não dou este neg.<sup>o</sup> ainda por infaliuel, e tenho ajustado mandar examinar agora se este caminho he certo estar descuberto, escrevendo ás

Minas, e ordenando ao homem a q.<sup>m</sup> escrever me avize o dia em q' parte o d.<sup>o</sup> Felix de Gusmaõ para cõ a sua resposta ver o dia em q' chega e os q' gastou na viagem p.<sup>a</sup> fazer avizo a VMag.<sup>e</sup> na frota com certesa... o d.<sup>o</sup> Felix de Gusmaõ se offereceo tambem para abrir a estrada â sua custa sem que VMag.<sup>e</sup> tenha desp.<sup>a</sup> em hua, nem outra dilig.<sup>a</sup> o q' me pareceo fazer prez.<sup>a</sup> a VMg.<sup>e</sup> p.<sup>a</sup> mandar o q' for seruido. D.<sup>s</sup> g.<sup>e</sup> a Real pessoa de VMag.<sup>e</sup> m.<sup>s</sup> annos como seus vass.<sup>os</sup> hauemos mister. Rio de Janr.<sup>o</sup> 24 de Mayo de 1704. (*Sem assignatura, mas é de d. Alvaro da Silveira de Albuquerque*).

## IX

*Carta-régia ordenando que o governador da capitania do Rio-de-Janeiro dêsse informações sobre o requerimento em que Amador Bueno da Veiga se propunha a abrir um novo caminho entre o Rio-de-Janeiro e as minas, melhor do que o já feito pelo capitão Garcia Rodrigues Paes (acompanhado do referido documento), — de 23 de setembro de 1704.*

(Avulso)

Governador da Capitania do Rio de Janr.<sup>o</sup> EV a Raynha da Grã Bretanha Infanta de Portugal vos envio m.<sup>to</sup> Saudar. Por parte de Amador Bueno da Veiga, Morador na villa de Sam Paullo, se me fez aqui a petição (cuja Copea se vos envia) em que se offerece a abrir nouo Caminho dessa Cidade p.<sup>a</sup> as Minas fazendolhe a promessa das Mercez que pede. E pareceume ordenaruos Me informeis com vosso parecer neste Requerimento. Escritta em Lisboa a 23 de Sett.<sup>o</sup> de 1704. — Rainha. — P.<sup>a</sup> o Gov.<sup>or</sup> do Rio de Janr.<sup>o</sup> — 2.<sup>a</sup> via—.

(COPIA DO REQUERIMENTO DE AMADOR BUENO DA VEIGA)

Senhor. — Diz o Capitaõ Amador Bueno da Veiga, morador na villa de S. Paulo, della natural, hum dos vassallos mais obedientes a VMagestade q' elle intentou abrir o caminho dos campos geraes p.<sup>a</sup> o Rio de Jan.<sup>o</sup> dentro de hum anno capaz

de por elle andarem cavalgadas carregadas, gente e conducções de gados p.<sup>a</sup> a povoação e criações dos dictos campos. E nessa forma o expoz ao Governador Artur de Sá e Menezes: pello m.<sup>to</sup> augmento que promettem no extendido delles, e Lucros a fazenda Real; como tambem p.<sup>a</sup> melhoram.<sup>to</sup> da administração das Minas dos Cataguazes, e as q' ao diante se descobrirem; e principalm.<sup>te</sup> da segurança dos quintos Reaes, sendo conduzido o ouro por terra ao Rio de Janeiro, sem risco de piratas. Porém, o d.<sup>o</sup> Governador entendendo o abriria maes breve o Capitaõ Garcia Rodrigues Paes: lhe encarregou o d.<sup>o</sup> caminho. O qual he incapaz de cavalgadas carregadas nem gados: por ser m.<sup>to</sup> prolongado de tres mezes de viagem por matos, e esteril de mantim.<sup>tos</sup>, ainda dos q' o mato cria. E porq' não só pella dilação de hum anno q' era necessario p.<sup>a</sup> abrir o d.<sup>o</sup> caminho, como por lhe pedir o Supplicante os campos beira mato da Serra da boa vista te a Garça pello comprim.<sup>to</sup> e rumo direito do caminho das minas e a mata da borda do campo te o cume das Serras e cordoaria do mar, por huma e outra parte: as quaes terras sendo V. Mag.<sup>e</sup> servido assim confrontadas da Serra da boa vista ate a Garça cortando pellos travessões p.<sup>a</sup> a parte do mar ate o cume das Serras, e tudo o q' dos d.<sup>os</sup> rumos ficar p.<sup>a</sup> dentro darilhas de Sesmaria e m.<sup>ce</sup> p.<sup>a</sup> elle Supplicante e seos descendentes com a do habito de Christo e foro de Fidalgo da Caza: abrirá á sua custa o d.<sup>o</sup> caminho capaz de por elle andarem cavalgadas, e gente carregada, m.<sup>to</sup> maes breve em dobro do q' aquelle q' abrio o Capitaõ Garcia Rodriguez Paes, e de por elle entrarem lotes de gados p.<sup>a</sup> se cultivarem e criarem nos d.<sup>os</sup> campos, p.<sup>a</sup> que VMagestade tenha m.<sup>tos</sup> Lucros na Real fazenda, e o povo do Rio de Jan.<sup>o</sup> viva sem a falta p.<sup>a</sup> o sustento, e inda p.<sup>a</sup> as minas, e p.<sup>a</sup> as q' ao diante se descobrirem, pois vendo os d.<sup>os</sup> moradores q' tem caminho capaz e breve, de conducções dos d.<sup>os</sup> gados e p.<sup>a</sup> as criações, e estas p.<sup>a</sup> a d.<sup>a</sup> Cidade para o Lucro, se exporaõ todos a criallas, e principalmente se seguraraõ sempre os Reaes quintos assim das minas presentes, como das q' se esperaõ com o favor Divino.

Pello que — Pede a VMagestade seja servido fazer-lhe m<sup>es</sup> da data da terra acima confrontada e do habito de Christo com huma tença effectiva e foro de Fidalgo da Caza: p.<sup>a</sup> que todas estas m<sup>ces</sup> tenhaõ effeito; no caso q' o Supplicante abra. E logo com a promessa dellas se exporá a abrillo á sua custa. — E. R. M. — *Andre Lopes de Laure.*

## X

*Carta dirigida ao rei por d. Alvaro da Silveira de Albuquerque, na qual, além de outros assumptos, trata do caminho novo, aberto por Garcia Rodrigues Paes, — de 15 de março de 1705,*

(Da collecção *Governadores do Rio de Janeiro*, 1.<sup>o</sup> XIII-A, fls. 450)

.. .. .

Garcia Roiz anda acabando de por (*pôr*) o seu caminho capaz de começarsse a fazer as jornadas p.<sup>a</sup> as Minas por elle e me segura q' em m<sup>to</sup> breue tempo o terá findo, porq' até a Paraiba está ja com estrada larga, e duas roças feitas, e q' só estaua acabando outra q' he sô a de q' se necessitaua, e como chegou este auiso ao tempo em q' se hauia de dar principio ao q' intentaua fazer Felix de Guimaraes (*Gusmão*) como ja fiz prez.<sup>o</sup> a VMag.<sup>e</sup> o mandei suspender por se asentar não conuir ao Seru.<sup>o</sup> de VMag.<sup>e</sup> hauer dous caminhos, mayorm<sup>te</sup> tendosse por infaliuel q' o mais util era o de Garcia Roiz q<sup>do</sup> o outro se houesse de conseguir, o que estaua ainda em duuida. De todos estes particulares me pareceu precizo fazelos prez.<sup>o</sup> a VMag.<sup>e</sup> por este nauio q' diz vay a B.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> dahi partir logo em direytura a essa Corte em virtude da licença q' trouxe de VMg.<sup>e</sup> p.<sup>a</sup> ir fora do corpo da frota, no q' VMag.<sup>e</sup> mandarâ o q' for melhor ao seru.<sup>o</sup> de VMag.<sup>e</sup> Deos g.<sup>e</sup> a Real pessoa de VMag.<sup>e</sup> m.<sup>a</sup> an.<sup>a</sup> como seus vassallos hauemos mister. Rio de Jan.<sup>o</sup> 15 de Março 1705. (*Sem assignatura, mas é de d. Alvaro da Silveira de Albuquerque*).

## XI

*Provisão do cargo de escrivão-geral das minas, dada ao capitão Philippe de Barros Pereira por Garcia Rodrigues Paes, — de 18 de agosto de 1705.*

(Da collecção *Governadores do Rio de Janeiro*, 1.º XIV-A, fls. 464 v.).

Garcia Roiz Paes Fidalgo da Caza de S. Mag.<sup>e</sup> que Deus g.<sup>o</sup> guarda mór das minas do ouro de sabará bossú, e Cata-guaes, e de todas as mais e seus destritos pelo d.<sup>o</sup> S.<sup>r</sup> &.<sup>a</sup> Faço saber a todas as pessoas as que assistem nas ditas minas do ouro e aos senhores guardas mores dos destritos dellas por mim nomeados q' o Cap.<sup>m</sup> P'helippe de Barros Per.<sup>a</sup> vay p.<sup>a</sup> as ditas minas por eu entender da sua suficiencia, zelo, verd.<sup>e</sup> e bom procedimento com q' se tem avido no seru.<sup>o</sup> de S. Mag.<sup>e</sup> nas ocazioes q' lhe oferecraõ e lhe foraõ ordenadas e por esperar delle que daqui em diante sirua ao d.<sup>o</sup> S.<sup>r</sup> com o mesmo zello e uerd.<sup>e</sup>. Hey por bem, e em serviço de S. Mag.<sup>e</sup> q' o d.<sup>o</sup> Cap.<sup>m</sup> sirua de escriuaõ geral da repartição das datas das ditas minas asy e da manr.<sup>a</sup> que os demais escriuaes seruem leuando seus ordenados, proes e precalços como he estilo, cuja occupaõ exercitarã naquella parte, ou partes das ditas minas onde elle queyra assistir, e requeyro da parte de S. Mag.<sup>e</sup> e da minha pessoalm<sup>te</sup> por mercê lhe dem posse do d.<sup>o</sup> officio, e o deixem servir como S. Mag.<sup>e</sup> manda pelas ordens que tenho p.<sup>a</sup> estas nomeações e naõ consintaõ q' pessoa alguma lhe ponha duuida, ou embargo, o qual officio servirã na paragem, ou paragens em que lhe parecer assistir com o guarda mor ou guardas mores della, suspendendo do d.<sup>o</sup> exercicio de escriuaõ outra qualquer pessoa ou pessoas que estiuerem seruindo de escriuaõ da repartição das ditas minas por nomeação minha ou de outra qualquer pessoa porq' sô esta quero q' valha, e tenha forsa, e vigor. Dada nesta Cidade do Rio de Jan.<sup>o</sup> sob meu signal, e sello, aos 18 dias do mez de Agosto de 1705. — *Garcia Roiz Paes.* — Cumprace e resistece. Rio de Jan.<sup>o</sup> 29 de Agosto de 1705 (*rubrica*).

## XII

*Provisão-régia ordenando ao governador do Rio-de-Janeiro que agradecesse ao sargento-mór Bernardo Soares de Proença o ter aberto o caminho novo das minas á propria custa, abreviando de quatro dias o da Serra do Mar, e approvando o acto pelo qual Ayres de Saldanha de Albuquerque negara deferimento á petição de datas na referida estrada, a que se julgava com direito Garcia Rodrigues Paes. — de 6 de julho de 1725.*

•(Avulso)

Dom João por graça de Deus Rey de Portugal, e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor de Guine &c.<sup>a</sup> Faço saber a uos Ayres de Saldanha de Albuquerque Governador e Capitão General da Capitania do Rio de Janeiro, que se uio o que me representaste em carta de honze de Outr.<sup>o</sup> do anno passado, em como Garcia Roiz' Paes se isentara de abrir o caminho nouo para as minas, donde pertendia inteyrarse das datas de terras que diz lhe estauão prometidas, com o pretexto de que os seus muitos annos ja lhe não permitiaõ aturar as emclemencias do Certaõ, e vendoo uos com este desengano, e que se não abria o dito caminho, e instantes os requerimentos de partes de que hera preciso a dita abertura, se uos viera offerecer para ella voluntariamente o Sargento Mor Bernardo Soares de Proença dizendouos, me queria fazer este seruiço a sua custa, sem mais interesse, que o zello de seruirme e ao bem comum, e que com effeito lho encarregareis, e o conseguira a custa de muito trabalho e grande despesa de sua fazenda, ficando o dito caminho mais breue que o da serra do mar quatro dias, e livre do rigor da dita Serra, e do detrimento, e penção das canoas, não que me fizera hum grande seruiço, e depois de dadas a varias pessoas as terras do fim do caminho, que as pediram na forma das minhas ordens para as cultiuarem e fazerem rossas, vendoo o dito Garcia Roiz', que o d.<sup>o</sup> caminho ja estaua aberto, uos requerera o inteirasseis das legoas, que lhe faltauão em cumprimento da minha real ordem, a cujo requerimento respondeis, que como elle não tinha aberto o caminho a sua custa, não



tinha lugar o seu requerimento, e que certam<sup>te</sup> o dito Garcia Roiz Paes estaua ja inteirado com as dattas que possuhyra com outras muitas que vendeu. Me pareceo dizeruos, que se uos louua m<sup>to</sup> o zello com que puzestes em execuçaõ a abertura deste caminho, e que da minha p<sup>te</sup> agradeçaes ao Sargento Mor Bernardo Soares de Proença o seruiço que me fez neste p<sup>ar</sup> (*particular*), o qual fica na minha real Lembrança para que a seu tempo atenda a elle; e se uos declara, que como segundo informais de estar Garcia Roiz Paes inteirado das suas dattas, que de nenhuma manr.<sup>a</sup> podia ter lugar o daremselhe nouas dattas, no caminho nouo, que nam descobrio. El Rey nosso Senhor o mandou por Antonio Roiz da Costa e o Doutor Jozeph Gomes de Azeuedo Conselheiro do seu Conselho Vl<sup>tr.</sup>º e se passou por duas uias. Dionizio Cardozo Pereyra a fez em Lisboa occ<sup>al</sup> a seis de Julho de mil sete centos e vinte e sinco. O Sec<sup>tr.</sup>º Andre Lopes de Laure a fez escrever. — *An<sup>to</sup> Roiz da Costa — Jozeph Gomes de Az<sup>do</sup> — 2.<sup>a</sup> via.*

---

N. 4

AJURICABA (243)

I

*Desde quando Maciel Parente acaudilhara  
Possante expedição, que, por mezes e mezes,  
A indiada amazonense extinguiu ou preiara,  
Odiava Ajuricaba os cruéis portugueses.*

*E odiava-os com razão sobeja. Ah! quantas vezes  
Uma colligação geral não planejara,  
Entre tupys e gês e aruaks montanhezes,  
Contra o invasor da sua immensa terra cara!*

*Certo dia, no Hiá, remontando a corrente  
Do Negro, a conquistar a selvicola gente,  
Entrara uma legião de lusitanos mãos.*

*Mas, reunindo a cabilda indomita e altaneira,  
Coagira á retirada a barbara "bandeira"  
Ajuricaba, o chefe amado dos manãos.*

---

(243) Estes sonetos saíram na «Revista do Brasil» (n. 51, março de 1920), de São-Paulo, e referem-se ao episodio de pag. 38.

## II

*Ajuricaba amava a formosa Corema,  
Tanto quanto esta amava ao forte Ajuricaba,  
Que a ia ver além da malóca, na extrema  
Do Hiá, onde o poder dos seus manãos se acaba.*

*E o branco, que de leal sempre se orgulha e gaba,  
Porque do indio revel muito e muito se tema,  
— Para render, emfim, o audaz morubixaba,  
Recorre ao mais traiçoeiro e infando estratagem.*

*Perto do tejuçar de Corema, um vil bando  
De lusos se occultou, por alta noite, e, quando  
Da amante estremecida, após campos e vãos,*

*O beijo resorvia em prolongado espasmo,  
Viu-se, subito, preso, entre colera e pismo,  
Ajuricaba, o chefe amado dos manãos.*

## III

*Peiado aos rijos nós de solida corrente,  
Algemado aos quadrís de célere canôa,  
Ajuricaba desce o rio tristemente,  
Emquanto o portuguez a victoria apregôa.*

*A bellicosa tribu e á linda amante vóa  
O pensamento do indio, e impreca, de repente,  
Que o soltem, promettendo, em jura, que alto echôa,  
Não fugir, nem mais ver a sua terra e gente...*

*E, livre dos grilhões que lhe tiram os lusos  
(Logo após, de erro tal repesos e confusos),  
Alli, na conjuncção, que é liquefeito cháos,*

*Do Negro e Solimões, cae e desaparece,  
— Mas seu célebre nome, esse ninguém o esquece, —  
Ajuricaba, o chefe amado dos manãos.*

BASILIO DE MAGALHÃES.

## BIBLIOGRAPHIA

- Abreu, Capistrano de* — «A bandeira de Francisco de Mello Palheta ao Madeira em 1722-23, segundo um dos seus companheiros» («Gazeta Litteraria», Rio, 1884, vol. I, 372-376 e 387-391).
- Abreu, Capistrano de* — «Notas para a nossa historia» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», VI, 365-377), sob o titulo, dado pela revista, de «Os primeiros descobridores de Minas»; e «Documentos historicos» (ib., id., 1159-1173).
- Abreu, J. Capistrano de* — «Capitulos de historia colonial — (1500-1800)» (Rio, 1907); 2.<sup>a</sup> ed., Rio, 1928.
- Abreu, J. Capistrano de* — «Memorias de um frade» («Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pernambuco», XII, 47-83).
- Abreu, J. Capistrano de* — «Roberio Dias e as minas de prata, segundo novos documentos» («Rev. da Secção da Soc. de Geogr. de Lisboa no Brasil», Rio, ns. de setembro e outubro de 1885).
- Abreu, Manuel Cardoso de* — «Divertimento admiravel para os historia-dores curiosos observarem as machinas do mundo reconhecidas nos certoens da navegação das minas do Cuyabá e Mato Grosso... — 1783» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXVII, p. 2.<sup>a</sup>, 125-156). — Saiu sem o nome do autor, que se declarou apenas «hum certanista paulistense».
- Alencastre, José Martins Pereira de* — «Annaes da provincia de Goyaz» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXVII, p. 2.<sup>a</sup>, 5-349 e 5-167).
- Alencastre, José Martins Pereira de* — «Memoria chronologica, historica e corographia da provincia do Piauhy» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XX, 5-164).
- Alincourt, Luis d'* — Resultado dos trabalhos e indagações estatisticas da provincia de Matto Grosso» («Annaes da Bibl. Nac.», III, 68-161 e 225-278; e VIII, 39-142).

- Almeida, Candido Mendes de* — «Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão» (Rio, 1860-1874), 2 vols.
- Almeida, Candido Mendes de* — «Pinsonia, ou elevação do territorio septentrional da provincia do Grão-Pará á categoria de provincia, com essa denominação» (Rio, 1873).
- Almeida, Francisco José de La-Cerda e* — «Diario da viagem pelas capitánias do Pará, Rio-Negro, Matto Grosso e São Paulo, nos annos de 1780 a 1790» (São-Paulo, 1844).
- Almeida, João Mendes de* — «Algumas notas genealogicas» (São-Paulo, 1886).
- Amazonas, Lourenço da Silva Araujo e* — «Diccionario topographico, historico e descriptivo da comarca do Alto-Amazonas» (Recife, 1852).
- Anchieta, José de* — «Cartas ineditas» («Annaes da Bibl. Nac.», I, 44-75 e 266-308; II, 79-123; XIX, 51-74), publicadas por J. A. Teixeira de Mello; acham-se reproduzidas na edição completa da Ac. Bras. de Letras, Rio, 1933.
- Andreoni, João Antonio* — «Carta... em que dá conta ao Padre Geral da morte do P. Antonio Vieyra & refere as principaes acções de sua vida», de 29 de julho de 1697 («Annaes da Bibl. Nac.», XIX, 145-163).
- «Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará».
- «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro».
- «Annaes do Archivo Publico e do Museu do Estado da Bahia».
- «Annaes do Museu Paulista» (São-Paulo, 1922-1933).
- Antonil, André João* — «Cultura e opulencia do Brazil, por suas drogas e minas» (Rio, 1837). — A 1.<sup>a</sup> cd. desta obra do padre João Antonio Andreoni é de 1711 (Lisbôa).
- Araujo, José de Souza Azevedo Pizarro e* — «Memorias historicas da provincia do Rio de Janeiro» (Rio, 1820-1822), 9 vols.
- Araujo, José de Souza Azevedo Pizarro e* — «Relação das sesmarias da capitania do Rio de Janeiro, extrahida do Livro das Sesmarias e Registros do cartorio do tabellião Antonio Teixeira de Carvalho, de 1565 a 1796» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 93-153).
- Archivo do Estado de São Paulo* — «Publicação official de documentos interessantes para a historia e costumes de São Paulo» (São-Paulo, 1895-1932), 54 vols.
- Archivo Municipal de São-Paulo* — «Actas da Camara de Sto. André da Borda do Campo»; «Actas da Camara da Villa de S. Paulo»; «Actas da Camara da Cidade de S. Paulo»; e «Actas da Camara Municipal de S. Paulo» (São-Paulo, 1914-1919).

- Arquivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* — Diversos documentos.
- Arquivo Nacional* — Diversos documentos, quer avulsos, quer codificados.
- Azevedo, J. Lucio de* — «Epoas de Portugal economico» (Lisboa, 1929).
- Azevedo, J. Lucio de* — «Os jesuitas no Grão-Pará — Suas missões e a colonização» (Lisbôa, 1901).
- Baena, Antonio Ladislau Monteiro* — «Ensaio corographico sobre a provincia do Pará» (Belém-do-Pará, 1839).
- Barata, Francisco José Rodrigues* — «Diario da viagem que fez á colonia hollandeza de Surinam o porta-bandeira da 7.<sup>a</sup> companhia do Regimento da cidade do Pará, pelos sertões e rios deste Estado, em diligencia do real serviço (1799)» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», VIII, 2.<sup>a</sup> ed., 1-53 e 157-204).
- Barreto, Abilio* — «Bello Horizonte — Memoria historica e descriptiva» (Bello-Horizonte, 1928), vol. I (unico publicado).
- Barreto, Abilio* — «Documentos preciosos para a historia de Minas Ge-raes» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», XXIII, 341-344).
- Barros, F. Borges de* — «Bandeirantes e sertanistas bahianos» (Bahia, 1920).
- Barros, João de* — e *Couto, Diogo do* — «Decadas da Asia» (Lisboa, 1778).
- Beaurepaire-Rohan, Visconde de* — «Diccionario de vocabulos brasileiros» (Rio, 1889).
- Berredo, Bernardo Pereira de* — «Annaes historicos do Estado do Maranhão» (Lisbôa, 1749).
- Betendorf, João Philippe* — «Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXII, p. 1.<sup>a</sup>).
- Bibliotheca Nacional* — «Documentos historicos».
- Bibliotheca Nacional* — «Documentos para a historia da conquista e colonização da costa léste-oéste do Brasil» (Rio, 1905).
- Bossi, Bartolomé* — «Viage pintoresco por los rios Paraná, Paraguay. San Lorenzo, Cuyabá y el Arino...» (Paris, 1863).
- Braga, José Peixoto da Silva* — «Noticia que dá ao padre-mestre Diogo Soares o alferes —, do que passou na primeira bandeira, que entrou no descobrimento das minas dos Guayases até sahir na cidade de Belém do Grão-Pará» («Rev. do Inst. e Geogr. Bras.», LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 219-233).
- Brito, Paulo José Miguel de* — «Memorias politicas sobre a capitania de Santa Catharina» (Lisbôa, 1829).

- Burton, Richard F.* — «The highlands of the Brazil» (London, 1869), 2 vols.
- Cabeza de Vaca, Alvar Núñez* — «Comentarios» (Madrid, 1852), vol. I da coll. «Historiadores primitivos de Indias». A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1555 (Valladolid).
- Cabral, Valle* — e *Abreu, Capistrano de* — «Cartas avulsas dos jesuitas» (Rio, 1887).
- Calogeras, João Pandiá* — «As minas do Brasil e sua legislação» (Rio, 1904-1905), 3 vols.
- Calogeras, João Pandiá* — «O ferro» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», IX, 20-100).
- Catvo, Carlos* — «Colección completa de los tratados... de todos los Estados de América Latina» (Paris, 1862), 6 vols.
- Camara Municipal de São-Paulo* — Publicações de seu archivo, em crescido numero de volumes
- Camello, João Antonio Cabral* — «Noticias praticas das minas de Cuyabá e Goyazes... — 1727» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», IV, 487-500).
- Campista, Geraldino* — «Itajubá — 1703-1832 — (Memoria historica)» («Annaes do 1.<sup>o</sup> Congresso de Historia Nacional», II, 433-485).
- Cundido, Antonio Zeferino* — «Brasil» (Rio, 1900), ed. do 4.<sup>o</sup> centenario, por parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.
- Cardoso, Vicente Licinio* — «A' margem da historia do Brasil — «Livro postumo)» (São Paulo, 1933).
- Carvalho, Alfredo de* — «Diario da expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649» («Tricentenario do Ceará», 1903).
- Castro, Evaristo Affonso de* — «Noticia descriptiva da região missioneira da provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul» (Cruz-Alta, 1887).
- Casal, Manuel Ayres de* — «Chorographia brasilica ou relação historico-geographica do Brasil» (Rio, 1833) — A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1817 (Rio).
- Charlevoix, Pierre François-Xavier de* — «Histoire du Paraguay» (Paris, 1761), 3 vols.
- Cleto, Marcellino Pereira* — «Catalogo dos governadores da capitania de Itanhaen» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», V, 171-195).
- Coelho, J. M. Latino* — «Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva» (Lisbôa, 1877).
- Coelho, Manuel Joaquim d'Almeida* — «Memoria historica da provincia de Santa Catharina» (Santa-Catharina, 1856).
- Coelho, Philippe José Nogueira* — «Memorias chronologicas da capitania de Mato-Grosso, principalmente da Provedoria da Fazenda



- Real e Intendencia do Ouro» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XIII, 137-199).
- «Compendio das épocas da capitania de Minas Geraes, desde o anno de 1694 até o de 1780» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», VIII, 2.<sup>a</sup> ed., 53-64).
- Corrêia Filho, Virgilio* — «A' cata de ouro e diamantes» (Rio, 1926).
- Corrêia Filho, Virgilio* — «As raias de Mato-Grosso» (São-Paulo, 1925), 4 vols.
- Costa, Claudio Manuel da* — «Villa Rica — Poema» (Ouro-Preto), 1897). — A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1839.
- Costa, F. A. Pereira da* — «Chronologia historica do Estado do Piauhy» (Pernambuco, 1909).
- Costa F. A. Pereira da* — «Noticia sobre as comarcas da provincia do Piauhy» (Teresina, 1885).
- Costa, José de Rezende* — «Memoria historica sobre os diamantes» (Rio, 1836).
- Couto, Domingos do Loreto* (d. frei) — «Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco» (Rio, 1904) — Sep. dos «Annaes da Bibl. Nac.», XXIV e XXV.
- Cunha, Euclides da* — «Os sertões» (Rio, 1902).
- Derby, Orville* — «Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», IV, 329-350); «Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Geraes» (ib., V, 240-278); «Os primeiros descobrimentos de ouro nos districtos de Sabará e Caethé» (ib., V, 279-295); «As bandeiras paulistas de 1601 a 1604» (ib., VIII, 399-423); «O itinerario da expedição Espinhosa em 1553» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXII, p. 2.<sup>a</sup>, 21-36).
- «Descoberta de diamantes em Minas» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», II, 271-285). — Petições, com docs., de Bernardo da Fonseca Lobo, Silvestre Garcia do Amaral e Manuel Rodrigues Nunes.
- «Documentos diversos» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», IV, 287-316). — Sobre descobrimentos de diamantes e salitre.
- Dreys, Nicolau* — «Noticia descriptiva da provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul» (Rio, 1839).
- «Enformação do Brasil, e de suas Capitanias — 1584» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», VI, 2.<sup>a</sup> ed., 412-449).
- Faria, Francisco de Sousa e* — «Noticia dada ao R. P. M. Diogo Soares pelo Sargento Mór de Cavallaria →» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 237-143).
- Faria, José Custodio de Sá e* — «Diario da viagem que fez o Brigadeiro — da cidade de S. Paulo á praça de Nossa Senhora dos Prazeres

- do rio Iguatemy — 1774-1775» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 217-278).
- Fazenda, Vieira* — «Roteiro de Maldonado» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXI, p. 1.<sup>a</sup>, 7-21).
- Ferraz, Luiz Caetano* (dr.) — «Compendio dos mineraes do Brasil» (Rio, 1929).
- Ferreira, João Alves* — «Copia da carta do commandante da praça de Iguatemi, em que dá parte ao governador e capitão-general d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão do descobrimento que fez dos fundamentos de uma grande povoação, que se suppõe ser as ruínas da antiga cidade de Real» («Rev. do Inst. Hist. Geogr. Bras.», XVIII, 289-291).
- Fonseca, João Severiano da* (dr.) — «Viagem ao redor do Brasil — 1875-1878» (Rio, 1880-1881), 2 vols.
- Fonseca, José Gonçalves da* — «Noticia da situação de Mato-Grosso e Cuyabá: estado de umas e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 352-390).
- Fonseca, José Pinto da* — «Carta que escreveu, em 2 de agosto de 1775, ao general de Goyazes, dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de indios» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», VIII, 376-390).
- Franco, Francisco de Assis Carvalho* — «Os companheiros de d. Francisco de Sousa» (Rio, 1929).
- Freire, Felisbello Firmo de Oliveira* — «Historia de Sergipe» (Rio, 1891).
- Froger* — «Relation d'un voyage fait en 1695, 1696 & 1697, aux côtes d'Afrique, détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & isles Antilles, par une escadre de vaisseaux du roy, commandée par Monsieur de Gennez» (Paris, 1699).
- Galanti, Raphael* (padre) — «Lições de historia do Brasil» (São-Paulo, 1895).
- Galvão, Sebastião de Vasconcellos* — «Diccionario chorographico, historico e estatistico de Pernambuco» (Rio, 1908-1910), 2 vols.
- Gandavo, Pero de Magalhães* — «Historia da Provincia Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil» (Lisbôa, 1858). — A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1576.
- Gandavo, Pero de Magalhães* — «Tratado da terra do Brasil, no qual se contém a informação das cousas que ha nestas partes» («Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas», IV, n. 1) — E' escripto provavelmente de 1570.
- Garcia, Rodolfo* — «O Diario do padre Samuel Fritz — (com intro-

- dução e notas) — («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», 81, pags. 353-397).
- Gay, J. Pedro* (conego) — «Historia da Republica Jesuitica do Paraguay» (Rio, 1863).
- Gonçalves, Lopes* — «O Amazonas» (New-York, 1904).
- Guimarães, José da Silva* (conego) — «Memoria sobre os usos, costumes e linguagem dos Appiacás, e descobrimento de novas minas na provincia de Mato Grosso» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», VI, 320-325).
- Gusmão, Alexandre de* — «Collecção de inéditos» (Porto, 1841).
- Guzmán, Rui Diaz de* — «Argentina — Historia del descubrimiento, conquista y población del Rio de La Plata, escrita el año 1612» (Buenos-Aires, 1882).
- Handelmann, H.* — «Geschichte von Brasilien» (Berlim, 1860) — Tradução brasileira, ed. do Instituto Historico, Rio, 1931.
- Herrera, Antonio de* — «Historia general de las Indias Occidentales ó de los hechos de los Castellanos en las Indias y Tierra firme del mar Océano» (Antuerpia, 1728). 4 vols.
- Homem, J. S. Torres* — «Annaes das guerras do Brasil com os Estados do Prata e Paraguay» (Rio, 1911).
- Ignacio, José* — «Noticia dada ao P. M. Diogo Soares sobre a abertura do novo caminho pelo Piloto —, que foi e acompanhou em todo elle ao mesmo sargento-mór Francisco de Souza e Faria» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIX, p. 1.<sup>a</sup> 247-252).
- «Inventarios e testamentos» — Publicação official do Archivo do Estado de São-Paulo.
- Jaboatam, Antonio de Santa Maria* (frei) — «Novo orbe serafico brasílico ou chronica dos frades menores da provincia do Brasil» (Rio, 1858-1862). 3 vols.
- Jarque, Francisco* (dr. d.) — «Ruiz Montoya en Indias — (1608-1652)» (Madrid, 1900). 4 vols. — A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1662 (Saragoça).
- Kniivet, Antonio* — «Notavel viagem que, no anno de 1591 e seguintes, fez Antonio Kniivet, da Inglaterra ao Mar do Sul, em companhia de Thomás Candish» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XLI, p. 1.<sup>a</sup> 183-272). — Traducção do dr. José Hygino Duarte Pereira.
- Lamego, Alberto* — «A terra goytacá á luz de documentos inéditos» (Rio, 1913-1925), 3 vols.
- Leão, Ermelino A. de* — «Um ponto de historia — Heleodoro Eobanos» (Curitiba, 1908).
- Leme, Luiz Gonzaga da Silva* — «Genealogia paulistana» (São-Paulo, 1903-1905), 9 vols.
- Leme, Pedro Taques de Almeida Paes* — «Historia da capitania de S.

- Vicente» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», IX, 2.<sup>a</sup> ed., 137-178, 293-328 e 445-476). — Saiu, em 1930 (São-Paulo), uma ed. devida a Affonso Taunay.
- Leme, Pedro Taques de Almeida Paes* — «Informação sobre as minas de S. Paulo e dos sertões da sua capitania desde o anno de 1579 até o presente de 1772» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIV, p. 1.<sup>a</sup>, 3-84) — Saiu, em 1930 (São-Paulo), uma ed. devida a Affonso Taunay.
- Leme, Pedro Taques de Almeida Paes* — «Nobiliarchia paulistana» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXXII, p. 1.<sup>a</sup>, 175-200 e 209-261; XXXIII, p. 1.<sup>a</sup>, 5-112 e 157-242, e p. 2.<sup>a</sup>, 27-185 e 249-335; XXXIV, p. 1.<sup>a</sup>, 5-253, e p. 2.<sup>a</sup>, 5-46 e 129-194; XXXV, p. 1.<sup>a</sup>, 5-132 e 243-384, e p. 2.<sup>a</sup>, 5-79). — Em «tomo especial», o Instituto Historico já publicou o vol. I (Rio, 1926).
- Lemos, Vicente de* — «Capitães-mores e governadores do Rio Grande do Norte» (Rio, 1912).
- Lima, Alcides* — «Historia popular do Rio Grande» (Rio, 1882).
- Lima, Augusto de* — «Documentos relativos ao descobrimento dos diamantes na comarca de Serro Frio» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», VII, 263-355); «Um municipio de ouro» (ib., VI, 321-364).
- Lima, Augusto de* — «Limites entre Minas e S. Paulo» (Bello-Horizonte, 1920).
- Lima, Oliveira* — «A conquista do Brazil» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», XVII, 5-22); «O Brazil e os estrangeiros» (ib., XVII, 25-42).
- Lima Sobrinho, Alexandre José Barbosa* — «Ensaio sobre o devassamento do Piauhuy» (Rio, 1929).
- Lisboa, Balthazar da Silva* — «Annaes do Rio de Janeiro» (Rio, 1834-1835), 7 vols.
- Luis, Washington* — «Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes» (São-Paulo, 1918).
- Lyra, Augusto Tavares de* — «A colonização da capitania do Rio Grande do Norte até á occupação hollandeza» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXVII, p. 1.<sup>a</sup>, 7-40).
- Madre de Deus, Gaspar da* (frei) — «Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do Estado do Brasil» (Lisbôa, 1797).
- Madre de Deus, Gaspar da* (frei) — «Relação dos capitães loco-tenentes que governaram a capitania de S. Vicente, uns nomeados pelos verdadeiros donatarios e outros pelos intrusos» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», V, 159-176).
- Magalhães, Basilio de* — «Historia do Commercio, Industria e Agricultura» (São-Paulo, 1934).

- Magalhães, Basilio de* — «Quem era Francisco de Mello Palheta» («O Jornal», Rio, n. de 17 de outubro de 1927).
- Magalhães, Couto de* — «O selvagem» (Rio, 1876).
- Magalhães, Couto de* — «Primeira viagem ao Araguaya» (São-Paulo, 1889).
- Maia, Aristides de Araujo* — «Historia da provincia de Minas Geraes» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», VII, 25-55).
- Marques, Manuel Eufrazio de Azevedo* — «Apontamentos historicos geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da provincia de S. Paulo» (Rio, 1879), 2 vols.
- Martins, J. P. de Oliveira* — «Historia de Portugal» (Lisbôa, 1889), 2 vols.
- Martins, J. P. de Oliveira* — «O Brasil e as colonias portuguezas» (Lisbôa, 3.<sup>a</sup> ed., s. d.).
- Mattos, José* — «Noticia que dá ao R. P. Diogo Soares sobre os descobrimentos do famoso Rio das Mortes» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 285-287).
- Medina, José Toribio* — «Descubrimiento del rio de las Amazonas — Según la relación hasta ahora inédita de fr. Gaspar de Carvajal, con otros documentos referentes á Francisco de Orellana y sus compañeros» (Sevilha, 1894), ed. limitada a 200 exs.
- Mello, F. I. Marcondes Homem de* (depois *Barão Homem de Mello*) — «O que se deve pensar do systema de colonização, adoptado pelos portuguezes, para povoar o Brasil?» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXXIV, p. 2.<sup>a</sup>, 102-112).
- Mendonça, Bento Fernandes Furtado de* — e *Pontes, M. P. da Silva* — «Primeiros descobridores das minas de ouro da capitania de Minas Geraes» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», IV, 83-96) — O segundo apenas resumiu a compilação do primeiro, que falleceu em 1765 e foi quem forneceu a Claudio Manuel da Costa o «Fundamento historico» do poema «Villa Rica».
- Mendonça, Marcos Carneiro de* — «O intendente Camara» (Rio, 1933).
- Menezes, João Manuel de* (d.) — «Diario» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», tomo 84, pags. 171-194).
- Meza, Luis García* — «Mapa general de la República de Bolivia» (1908), 7.<sup>a</sup> ed.
- Mirales, José de* (d.) — «Historia militar do Brasil» (Rio, 1900) — Sep. dos «Annaes da Bibl. Nac.», XXII.
- Montoya, Antonio Ruiz de* (padre) — «Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape» («Annaes de Bibl. Nac.», VI).

— Versão guarany, anonyma, da ed. de 1639 (Madrid), trasladada a vernaculo por B. C. de Almeida Nogueira.

- Moraes, A. J. de Mello* (dr.) — «Corographia historica, chronologica, nobiliaria e politica do imperio do Brasil» (Rio, 1859), 5 vols.
- Moreira, Alferes* — «Noticia dada ao P. M. Diogo Soares das suas bandeiras no descobrimento do celebrado Morro da Esperança, emprehendido nos annos de 1731 a 1732» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIX, p. 1.<sup>a</sup>, 271-283).
- Moreira, Rangel* — «Esboço historico das nossas questões de fronteira» (São-Paulo, 1913).
- Moura, Gentil de Assis* — «As bandeiras paulistas — Estabelecimento das directrizes geraes a que obedeceram e estudo das zonas que alcançaram» (São-Paulo, 1914).
- Moura, Gentil de Assis* — «O primeiro caminho para as minas de Cuyabá» (São-Paulo, 1910).
- Moutinho, Joaquim Ferreira* — «Noticia sobre a provincia de Matto Grosso» (São-Paulo, 1869).
- Nabuco, Joaquim* — «José de Anchieta — A significação nacional do centenario anchietano» («III centenario do veneravel Joseph de Anchieta», París-Lisbôa, 1900, 323-340).
- Negrão, Francisco* — «Genealogia paranaense» (Curitiba, 1926-1929), 4 vols.
- Negrão, Francisco de Paula* — «Memoria historica paranaense» (Curitiba, 1934).
- Nery, F. J. de Sant'Anna* — «Le pays des Amazones» (París, 1885).
- Neves, Antonino da Silva* — «Chorographia do municipio de Rio Pardo — Estado de Minas Geraes» (Bello-Horizonte, 1908).
- Nogueira, M. T. Alves* — «Compendio de geographia e chorographia do Brasil» (Leipzig, 1889).
- Octavio, Benedicto* — «Ananké — (Episodio dos tempos coloniaes)» (Campinas, 1906).
- Octavio, Rodrigo* — «Felisberto Caldeira — Chronica dos tempos coloniaes» (Rio, 1900).
- Oliveira, J. J. Machado de* — «Quadro historico da provincia de S. Paulo» (São-Paulo, 1864) — 2.<sup>a</sup> ed. em 1897 (São-Paulo).
- Oliveira, J. J. Machado de* — «Noticia raciocinada sobre as aldeias de indios da provincia de S. Paulo» (Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.), VIII, 2.<sup>a</sup> ed., 204-254).
- Orlando, Arthur* — «S. Paulo — Bandeirantes» (Rio, 1910).
- Pastells, Pablo* (padre) — «Historia de la Compañia de Jesús en la provincia del Paraguay» (Madrid, 1912-1915), 3 vols.

- Pelucio, J. A.* — «Baependy» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», IV, 215-237).
- Perdigão, José Rebello* — «Noticia que dá ao R. P. Diogo Soares o mestre de campo —, sobre os primeiros descobrimentos das Minas Geraes do Ouro» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIX, p. 1.ª, 227-281).
- Pereira, Francisco Lobo Leite* — «Em busca das esmeraldas» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», II, 519-536); «Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes» (ib., VII, 549-594).
- Pereira, Francisco Lobo Leite* — «O itinerario da expedição Espinosa em 1554 — Contestação ao dr. Orville Derby» (Rio, 1911).
- Pinheiro, José Feliciano Fernandes* (depois *Visconde de São Leopoldo*) — «Annaes da capitania de S. Pedro» (Rio, 1819), 2 vols. — 2.ª ed., «Annaes da provincia de S. Pedro» (Paris, 1839).
- Pinto, Luiz Antonio* — «Bernardo da Fonseca Lobo, o descobridor dos diamantes na comarca do Serro» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», VIII, 344-378).
- Pinto, Luiz Borges* — «Noticia que dá ao R. P. Diogo Soares o capitão-mór —, sobre os seus descobrimentos da celebre Casa da Casca, comprehendidos nos annos de 1726-27 e 28» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXIX, p. 1.ª, 263-267).
- Pires, Antonio Olyntho dos Santos* — «A mineração — Riquezas mineiras» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», VIII, 881-1037).
- Pires, Heliodoro S.* (padre) — «Padre-mestre Ignacio Rolim» (Fortaleza, 1917). — Saiu apenas com as iniciaes do nome do autor, «P. H. S. P.».
- Piso e Marcgraf* — «Historia naturalis Brasiliae» (Amsterdam, 1648).
- Pitta, Sebastião da Rocha* — «Historia da America Portuguesa» (Lisbôa, 1730). — 2.ª ed. em 1878 (Bahia) e 3.ª em 1880 (Lisbôa).
- Piza, Antonio de Toledo* — «Documentos interessantes para a historia e costumes de São Paulo» (notas a diversos volumes, especialmente aos de ns. VI e IX, São-Paulo, 1894 e 1895); Notas ás «Chronicas de Cuyabá» de José Barbosa de Sá e Joaquim da Costa Siqueira («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», IV, 1-242).
- Prado, Eduardo* — «O catholicismo — A Companhia de Jesús e a colonização do Brasil» («III centenario do veneravel Joseph de Anchieta», Paris-Lisbôa, 1960, 19-57).
- Prado, Eduardo* — «Os espanhóes no Salto de Avanhandava no seculo XVII» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», IV, 243-256).
- Proença, Martinho de Mendonça de Pina e de* — «Diamantes — Historico de sua descoberta» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.»).

LXIII, p. 1.ª, 307-319; e «Rev. do Arch. Publ. Mineiro», VII, 251-263).

«Publicações do Archivo Nacional».

*Raleigh, Walter* (sir) — «The discoverie of the large, rich, and beautiful Empire of Guiana, with a relation of the great and golden citie of Manoa (wich the Spaniards call El Dorado), and the provinces of Emeria, Aromaia, Amapaia, and other countries, with their rivers adioyning — Performed in the yeere 1595» (Londres, 1599). — Saiu no vol. IV da coll. Hakluyt, pags. 115-160 da ed. de 1811.

*Ribeiro, João* — «Historia do Brasil» (curso superior) (Rio, 1909, 3.ª ed.).

*Ribeiro, José Jacintho* — «Chronologia paulista» (São-Paulo, 1899-1904), 2 vols.

*Rio-Branco, Barão do* — «Historia do Brasil — Traduzida de «Le Brésil» (publicada em 1889) por João Vieira de Almeida» (São-Paulo, 1894). — Nova ed. por J. B. Paranhos da Silva e Max Fleiuss em 1930 (Rio).

*Rocha, José Joaquim da* — «Geographia historica da capitania de Minas Geraes» («Publicações do Arch. Nac.», IX, 5-100).

*Rocha, José Joaquim da* — «Memoria historica da capitania de Minas Geraes» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», II, 425-517).

*Rodrigues, João Barbosa* — «Pacificação dos crichanás» (Rio, 1885).

*Rodrigues, Nina* (dr.) — «A Troia Negra — (Erros e lacunas da historia de Palmares)» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXV, p. 1.ª, 231-258).

*Roméro, Silvio* — «Novos estudos de literatura contemporanea» (Rio, 1898).

*Rubim, Braz da Costa* — «Memorias historicas e documentadas da provincia do Espirito Santo» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXIV, p. 1.ª, 171-351).

*Sá, José Barbosa de* — «Relação das povoaçoens de Cuyabá e Mato grosso de seos principios thé os presentes tempos» («Annaes da Bibl. Nac.», XXIII, 5-58). — V. *Siqueira, Joaquim da Costa*.

*Saint-Adolphe, J. C. R. Milliet de* — «Diccionario geographico, historico e descriptivo do imperio do Brasil» (Paris, 1845), 2 vols.

*Saint-Hilaire, Auguste de* — «Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes» (Paris, 1830), 2 vols.

*Salvador, Vicente do* (frei) — «Historia do Brasil» («Annaes da Bibl. Nac.», XIII, fasc. 1.ª). — Nova ed., revista por J. Capistrano de Abreu, em 1918 (São-Paulo).



- Sampaio, Affonso Botelho de* — «Descoberta dos campos de Guaraçuava» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XVIII, 263-288). — São tres cartas de *Affonso Botelho de Sampaio e Sousa*.
- Sampaio, Theodoro* — «O tupy na geographia nacional» (São-Paulo, 1901). — Já está na 3.<sup>a</sup> ed.
- Sampaio, Theodoro* — «S. Paulo de Piratininga no fim do seculo XVI» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», IV, 257-278); «O sertão antes da conquista (seculo XVI)» (ib., V, 79-94).
- Santa-Rosa, Henrique Americo de* — «A depressão amazonica e seus exploradores» («Annaes do 1.<sup>o</sup> Congresso de Historia Nacional», II, 271-322).
- Santos, Joaquim da Silveira* — «A igreja catholica e a escravidão» (Rio, 1913). — Publicação do Apostolado Positivista do Brasil.
- Schmidel, Ulrich* — «Histoire véritable d'un voyage curieux fait par — de Straubing, dans l'Amérique ou le Nouveau-Monde par le Brésil et le Rio de La Plata depuis l'année 1534 jusqu'à en 1554» (Paris, 1837). — Saiu no vol. V da coll. Ternaux-Compans; a 2.<sup>a</sup> ed. é de 1567 (Frankfurt-am-Mein) e a 1.<sup>a</sup> de 1559 (Nürnberg), mas aquella é a original.
- Schuller, Rodolfo* — «The Geographical Review» (II, n. 1).
- Setubal, Paulo* — «El-Dorado» (São-Paulo, 1934).
- Silva, Domingos de Araujo* — «Diccionario historico e geographico da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul» (Rio, 1865).
- Silva, Ignacio Accioli de Cerqueira e* — «Geographia paraense ou descripção physica, historica e politica da provincia do Gram-Pará» (Bahia, 1833).
- Siqueira, Joaquim da Costa* — «Chronicas do Cuyabá» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo», IV, 1-242, annotadas por A. de Toledo Piza). — Siqueira aproveitou toda a «Relação» de José Barbosa de Sá até 1765, continuando-a de 1766 até 1781.
- Sousa, Candido Xavier de Almeida (e)* — «Cópia da parte que deo o capitão de granadeiros — sobre o descobrimento do rio Igurehi» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XVIII, 254-262).
- Sousa, Gabriel Soares de* — «Tratado descriptivo do Brasil em 1587» (Rio, 1879), ed. do Instituto Historico, devida a Varnhagen.
- Sousa, Luiz Antonio da Silva e* (padre) — «Memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da capitania de Goiaz» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XII, 429-510).
- Sousa, Pero Lopes de* — «Diario da navegação da esquadra que foi á terra do Brasil em 1530, sob a capitania-mór de Martim Affonso

- de Sousa» (Lisbôa, 1839), ed. devida a Varnhagen. — Nova ed. em 1927 (Rio), 2 vols., commentada por Eugenio de Castro.
- Sousa, Washington Luis Pereira de* — «Contribuição para a historia da capitania de S. Paulo — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», VIII, 22-137); «Antonio Raposo» (ib., IX, 485-533).
- Southey, Roberto* — «Historia do Brasil — Trad. do dr. Luiz J. de O. Castro e annotações do conego J. C. F. Pinheiro» (Rio, 1862), 6 vols.
- Staden, Hans* — «Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil — Descrição verdadeira de um paiz de selvagens nús, ferozes e cannibae, situados no novo-mundo America — Traducção de A. Löfgren» (São-Paulo, 1900) — A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1556 (Frankfurt-am-Mein). — Ha duas outras eds. brasileiras: uma de 1926 (São-Paulo), texto ordenado dor Monteiro Lobato; e a outra de 1930 (Rio), da Academia Brasileira de Letras.
- Stuart, Barão de* — «A exploração das minas de S. José dos Cariry» (Fortaleza, 1892).
- Stuart, Barão de* — «Documentos para a historia do Brasil e especialmente a do Ceará» (Fortaleza, 1908-1910), 3 vols.
- Stuart, Barão de* — «Documentos relativos ao mestre de campo Moraes Navarro — Noticias para um capitulo novo da historia cearense» («Rev. Trim. do Inst. Hist. do Ceará», XXX, 350-364; e XXXI, 161-223).
- «Subsidios para a historia da capitania de Goyaz» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras», tomo 84, pags. 41-294).
- Taunay, Affonso de E.* — «Historia geral das bandciras paulistas» (São-Paulo, 1924-1930), 6 vols.
- Taunay, Affonso de E.* — «Na era das bandeiras» (São-Paulo, 1922).
- Tavares, João de Lyra* — «Pontos de historia patria» (Parahyba, 1912).
- Techo, Nicolau del* (padre) — «Historia Provinciae Paraquariae Societatis Jesu» (Leyde, 1673).
- Toledo, Lafayette de* — «Padre Faria» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», VI, 981-983); «José Rodrigues Fróes» (ib., VIII, 1039-1048).
- Varnhagen, Francisco Adolfo de* — (depois *Visconde de Porto-Seguro*) — «Historia geral do Brasil» (Madrid, 1854), 2 vols. — A 2.<sup>a</sup> ed. é de 1877 (Vienna); a 3.<sup>a</sup> (annotada por J. Capistrano de Abreu), de 1906 (Rio), ficou limitada ao vol. I; e a 4.<sup>a</sup> (com as notas de Rodolfo Garcia) começou em 1927 (São-Paulo) e já conta 4 vols.
- Vasconcellos, Diogo de* — «Historia antiga das Minas Geraes» (Bello-Horizonte, 1904); «Historia média de Minas Geraes» (ib., 1918).

- Vasconcellos, Diogo Pereira Ribeiro de* — «Memorias sobre a capitania de Minas Geraes» («Rev. do Arch. Publ. Mineiro», VI, 757-965).
- Vasconcellos, Simão de* (padre) — «Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, e do que obraram seus filhos nesta parte do Novo Mundo» (Rio, 1864), 2.<sup>a</sup> ed., annotada pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. — A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1663 (Lisbôa). — Ha ainda 3.<sup>a</sup> ed. de 1865 (Lisbôa), 2 vols.
- Vázquez, Francisco* — «Relación de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado, hecha por el gobernador Pedro de Orsúa» (Madrid, 1881), ed. limitada a 300 exs.
- Vianna, Urbino de Sousa* — «Monographia do municipio de Montes Claros (Bello-Horizonte, 1916).
- Vieira, Antonio* (padre) — «Anua ou Annaes da provincia do Brasil dos dous annos de 1624 e 1625» («Annaes da Bibl. Nac.», XIX, 175-217).
- Vieira, Antonio* (padre) — «Cartas» (Lisbôa, 1854), 2 vols.
- Villa-Real, Thomaz de Sousa* — «Viagem de — pelos rios Tocantins, Araguaya e Vermelho» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XI, 2.<sup>a</sup> ed., 401-444).
- Young, Ernesto Guilherme* — «Subsidios para a historia de Iguape» («O Estado de S. Paulo», n. de 22 de julho de 1902); «Historia de Iguape» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São-Paulo», VII, 286-298; VIII, 222-375; e IX, 108-326).



## ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

I) Pag. 36 — *Sobre Bento Maciel Parente* — Sabe-se também que, a convite do governador da Bahia, fez allí uma entrada de oitenta leguas, tendo então descoberto minas de salitre.

II) Pag. 62 — *Sobre o «cyclo espirito-santense»* — Presume-se que, por terem sido quasi simultaneas, hajam obedecido ao influxo de d. Francisco de Sousa, para o descobrimento da encantada *Sabará-buçú*, as entradas de João Pereira de Sousa Botafogo, Martim de Sá e Diogo Martins Cão, nos ultimos annos do seculo XVI. Quanto a Francisco de Proença, antes de regressar da Bahia para São-Paulo, ainda realizou nova entrada no Espirito-Santo, em procura da serra de Mestre-Alvaro.

III) Pag. 63 — *Ainda sobre o «cyclo espirito-santense»* — o nome todo de Marcos de Azeredo era: Marcos Antonio de Azeredo Coutinho. Traz informações sobremodo curiosas com relação a este e outros dos entradistas coetaneos o excellente trabalho de Francisco de Assis Carvalho Franco, intitulado «Os companheiros de d. Francisco de Sousa» (Rio, 1929). Veja-se no mesmo, á pag. 38, a interessante carta-régia de 22 de fevereiro de 1613. O mineiro Jacques Oalte (*Walter?*) e os engenheiros Geraldo Beting (*Betinck?*) e Bacio di Filicaia, trazidos por d. Francisco de Sousa para São-Paulo, já se acham mencionados nesta nossa «Expansão Geographica», á pag. 85.

IV) Pag. 219 — *Sobre o descobrimento do rio Araguaya* — Si verdadeiro o relato do jesuíta Antonio de Araujo, — vêde «Uma grande bandeira paulista ignorada (1613)», pelo illustre padre Seraphim Leite, no «Jornal do Commercio» de 5 de maio de 1935, — o primeiro sertanista que descobriu o baixo Tocantins, penetrando por elle no Araguaya, o qual subiu, de retorno a São-Paulo, em 1613-1614, foi Pero Domingos, que, em 1615-1618, ainda tomou parte na bandeira de Antonio Pedro de Alvarenga. Ha muito que investigar, na «Informação» do auctor do «Catecismo brasilico», quer quanto aos nomes, situação e distancias dos rios na mesma citados (Iabebery, Pirapetinguy, Bogy, Apara-y). quer quanto ás denominações e *habitat* das tribus que menciona (Caraiunas e Caatingas). Segundo a referida «Informação», Pero Domingues levou de São-Paulo, para tal penetração, 30 moradores e outros tantos indios. Quer pelo numero de individuos, quer pelos effeitos na expansão geographica do Brasil, não nos parece que semelhante entrada mereça o qualificativo de «grande bandeira».

V) Pag. 234 — *Sobre descobrimentos devidos a Domingos Rodrigues da Fonseca Leme* — Conforme Antonil (ob. cit., 145), chamou-se «Nossa-Senhora-do-Cabo» uma das minas descobertas em 1701, região do Caeté por Domingos Rodrigues da Fonseca Leme; mas um documento publicado por Abílio Barreto, na «Rev. do Arch. Publ. Mineiro» (XXIII, 341-343), faz certo que o nome do lugar era «Nossa-Senhora do Bom-Cabo».

VI) Pag. 238 — Araxá e Desemboque foram elevadas á categoria de villa em 1832. O descobrimento do Araxá, primitivamente «Barreiro» (toponymo ainda conservado para o sitio das suas aguas e lamas famosas), é attribuido ao mestre-de-campo Ignacio Pamplona e ao anno de 1766.

# INDICE

	PAG.
Prefacio . . . . .	I-VI
Causas geraes da expansão geographica do Brasil e razão-de-ordem do presente estudo . . . . .	15
Cyclo das entradas ou cyclo official da expansão geographica do Brasil — 1504 a 1696 . . . . .	21
Cyclo das bandeiras ou cyclo espontaneo da expansão geographica do Brasil — 1526 a 1700 . . . . .	70
a) Cyclo do ouro de lavagem . . . . .	76
b) Cyclo da caça ao indio . . . . .	107
c) O grande cyclo do ouro . . . . .	154
Os criadores de gado . . . . .	172
Os missionarios catholicos . . . . .	184
A expansão geographica do Brasil no seculo XVIII:	
a) Conquista e povoamento de Mato-Grosso . . . . .	196
b) Conquista e povoamento de Goiaz . . . . .	212
c) Viagens de Francisco de Mello Palheta (1722-1723) e de Manuel Felix de Lima (1742-1743) pelo rio Madeira . . . . .	221
d) Novos descobrimentos em Minas-Geraes e no <i>hinterland</i> da Bahia e do Espirito-Santo . . . . .	228
e) Nova expansão paulista para o sul e para oeste . . . . .	247
f) Influencia da expansão na politica da metropole e no desenvolvimento do Brasil . . . . .	258
Synthese do movimento . . . . .	269
Appendice:	
N. 1) O bandeirismo no Brasil . . . . .	289
N. 2) Domingos Jorge Velho e a conquista do nordeste no seculo XVII . . . . .	327
N. 3) Garcia Rodrigues Paes e o «caminho-novo» . . . . .	351
N. 4) Ajuricaba . . . . .	386
N. 5) Bibliographia . . . . .	389
Anotações complementares . . . . .	405

*Este livro foi composto e impresso na  
Empresa Grafica da «Revista dos Tri-  
bunais», á Rua Xavier de Toledo, 72,  
São Paulo, para a Companhia Editora  
Nacional, Rua dos Gusmões, 24-A/30,  
em Junho de 1935.*